

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA**

ANDRÉS FERRARI HAINES

**O PERONISMO: UM FENÔMENO ARGENTINO. UMA
INTERPRETAÇÃO DA POLÍTICA ECONÔMICA ARGENTINA**

1946 – 1955

**Porto Alegre
2008**

ANDRÉS FERRARI HAINES

**O PERONISMO: UM FENÔMENO ARGENTINO. UMA
INTERPRETAÇÃO DA POLÍTICA ECONÔMICA ARGENTINA**

1946 – 1955

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do grau de Doutor em Economia do Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Cesar Fonseca.

**Porto Alegre
2008**

ANDRÉS FERRARI HAINES

**O PERONISMO: UM FENÔMENO ARGENTINO. UMA
INTERPRETAÇÃO DA POLÍTICA ECONÔMICA ARGENTINA
1946 – 1955**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do grau de Doutor em Economia do Desenvolvimento.

Aprovada em:

Professor Dr. Pedro Cesar Dutra Fonseca – Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor Dr. José Luis Fiori
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Dr^a. Maria Heloísa Lenz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor Dr^a. Claudia Wasserman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico essa tese a meus pais por terem me ensinado o valor do estudo, da vida acadêmica e do conhecimento.

A meu grande amigo, André Moreira Cunha pelo apoio, incentivo e lealdade para a realização desse doutorado.

A Mirelli, minha companheira, que sempre acreditou em mim, por seu amor e apoio.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é fruto de anos de muito esforço, dedicação e estudo, que sem o auxílio e apoio de muitas pessoas seria impensável, ou até impossível. Todos de alguma maneira tornaram essa caminhada menos árdua e muito mais agradável e divertida.

Agradeço a todos do Programa de Pós-graduação da UFRGS, que me receberam de forma excelente e amistosa. Carinho especial expresso ao pessoal competente, simpático e sempre prestativo da eficiente Secretaria liderada por Iara Machado com o apoio de Cláudia, Raquel, Lourdes e Aline. Aos professores que me deram grande acolhida: Fernando Ferrari, Gentil Corazza, Ricardo Dathein, Luiz Faria, Eduardo Maldonado, Otavio Conceição, Sérgio Monteiro (apesar de ser colorado) e Júlio Oliveira. A minha turma, que não demonstrou nenhum incômodo por minha condição de argentino, com a qual, de imediato, tive grande empatia; gostaria de mencionar Rosa Chieza e Cesar Van de Laan que se tornaram grandes e eternos amigos.

Um agradecimento especial a meu orientador Pedro César Dutra Fonseca, que foi mais que essencial para a elaboração desta tese; desde o início demonstrou claramente sua confiança em mim. A elaboração dessa tese seria impossível sem a sua atenção, entendimento, colaboração, apoio, direção e dedicação. Por tudo isto, e ainda por sua paciência, desejo expressar toda minha gratidão. Tenho certeza que fui privilegiado em tê-lo como orientador.

Antes de sair de Porto Alegre não posso deixar de agradecer a Marcilene e Neneu, Ronaldo e Vera, e, Leila e meu querido afilhado gremista (e se minha influência der certo boquense) João Pedro.

Meu muito obrigado a Malaguti, que me ajudou com sua força no dia-a-dia.

Tendo passado a maior parte do tempo da produção dessa tese no Rio de Janeiro, não posso deixar de agradecer às pessoas que conheci no Instituto de Economia da UFRJ, que valoro profundamente, como José Luis Fiori, Carlos Aguiar de Medeiros, Franklin Serrano, Cláudia Vater, Ronaldo Fiani, e a turma da pós-graduação, a qual passei a fazer parte também.

A Luiz Fernando de Paula e a Ruy Santa Cruz agradeço a ajuda que me deram para começar a vida acadêmica no Brasil.

Especial reconhecimento devo fazer a ajuda que recebi de Anna Lucia e Denise Gentil que em diversas questões tornaram a vida em Copacabana mais agradável.

Não posso esquecer-me do apoio que deram as pessoas em São Paulo, começando por minha grande amiga Daniela Magalhães Prates, da lealdade de sempre de Francisco Pessoa, da valorável consideração de Marcos Antonio Macedo Cintra e do apoio de meu antigo companheiro de turma Manuelito Magalhães Júnior. Também recebi ajuda em momentos difíceis de João Furtado, Renato Garcia e Pedro Paulo Zahluth Bastos. Finalmente, agradeço a Marco Aurélio Garcia que foi muito gentil comigo.

Uma menção especial de carinho gostaria expressar a Celia Almeida que está me dando a possibilidade de continuar minhas preocupações em sua equipe.

Vivendo entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, quero expressar o prazer da nova amizade com Eduardo Crespo, Graciela Menéndez e Facundito que ajudaram na leitura desta tese, a discutir pontos de vistas e opiniões e, em geral, em grandes papos sobre nosso querido maldito país...

De lá, não posso deixar de agradecer a Horacio Val e a Universidad General de San Martin e a ajuda de muitos anos de amigos de longa data em inumeráveis maneiras: Hernán, Sandra e Leandrito Neyra; Rosario e Aixa Brinsek; Carolina Barbosa, Adolfo Sandler e Gustavo Luppo.

Por fim, agradeço a meus irmãos Florencia, Fernando e Débora que colaboraram de muitas formas.

A todos meu muito obrigado.

“yo no he de olvidar
jamás una lección que recibí cuando aún era niño.
Discutía con una persona mayor
sobre la veracidad de cierta afirmación
por haberla leído en un diario.

Esa persona tenía un perro al que llamaba león
“mire amigo”-me dijo-, y dirigiéndose al perro,
le llamó “león, león, león”
y el perro vino
“¿ha visto?”-me dijo-“le digo león y viene, pero no es león
es perro”

(J. D. PERÓN)

RESUMO

É comum conceber o peronismo como a experiência argentina de um fenômeno amplo de processos de industrialização, em geral em países com economias baseadas no setor primário, habitualmente denominado populismo. Sem entrar diretamente nesses debates, afirma-se neste trabalho que para compreender o peronismo é necessário explicitar questões muito concretas que compõem a história argentina, que podem ou não se repetir em outras sociedades. Especificamente, se afirma que não é possível entender o peronismo a partir de um impulso industrializador – sem por isto negar-lhe aspectos nesse sentido – dado que este processo já estava em curso, e devido ao fato de não se observar que esse setor tenha experimentado um desenvolvimento fora da tendência longo prazo da manufatura. Em contrapartida, o peronismo apresenta outras características peculiares da sociedade argentina, como o conflito que já tinha surgido em pleno auge do modelo agroexportador pela disputa social de participação política e por cargos dirigentes contra a elite tradicional. Na realidade, as variantes possíveis da Pampa Úmida na história é o eixo central que viabiliza deduzir as chaves da Argentina, inclusive do peronismo.

Palavras-chave: Peronismo, Argentina, Industrialização.

ABSTRACT

Peronism is usually conceived as the Argentine experience of a much wider phenomenon of events linked to the industrialization of countries with economies based on the primary sector, usually termed populism. Without directly getting into those debates, this work states that in order to understand peronism, specification of some very concrete issues is required - which are entrenched into Argentine history that might not apply to other cases. In particular, it sustains that peronism cannot be understood merely from a drive for industrialization – without eliminating needs in that direction – as it was already in course and due to the fact that manufacture did not experience any development out of its long term tendency. On the other hand, peronism brought forth other issues which had already presented themselves in Argentine society, even though it might have exteriorized them in a much higher intensity, such as social conflict caused by the dispute for participation in political and social management against the traditional elite that had already emerged during the peak of the primary-export model. In fact, the changing possibilities of the Pampas over the years are the main axis that enables the understanding of Argentina's main characteristics, including peronism.

Key Words: Peronism, Argentina, Industrialization.

LISTA DE SIGLAS

BCIA: Banco de Crédito Industrial Argentino
BCRA: Banco Central de la República Argentina
BHN: Banco Hipotecario Nacional
CAN: Consejo Agrario Nacional
CAP: Corporación Argentina de Productores de Carne
CAPIC: Confederación Argentina de la Producción, la Industria y el Comercio
CAPIC: Confederación Argentina de la Producción, la Industria y el Comercio
CARBAP: Confederación de Asociaciones Rurales de Buenos Aires y La Pampa
CEA: Confederación Económica Argentina
CGE: Confederación General Económica
CGT: Confederación General del Trabajo
CNP: Consejo Nacional de Posguerra
DGFM: Dirección General de Fabricaciones Militares
DINIE: Dirección Nacional de Industrias del Estado
DNT: Departamento Nacional del Trabajo
EE.UU: Estados Unidos
FAA: Federación Agraria Argentina
FFAA: Fuerzas Armadas
FFCC: Ferrocarriles
FORJA: Fuerza de Orientación Radical de la Juventud Argentina
G.O.U: Grupo de Oficiales Unidos (Grupo Obra de Unificación).
IAME: Industrias Aeronáuticas y Mecánicas del Estado
IAPI: Instituto Argentina para la Promoción del Intercambio
PAN: Partido Autonomista Nacional
PPQ: Primer Plan Quinquenal
SAE: Secretaría de Asuntos Económicos
SOMISA: Sociedad Mixta Siderúrgica Argentina
SPQ: Segundo Plan Quinquenal
SRA: Sociedad Rural Argentina
STP: Secretaría de Trabajo y Previsión
UD: Unión Democrática
UIA: Unión Industrial Argentina
YPF: Yacimientos Petrolíferos Fiscales

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. PIB per capitã e valor das exportações. Vários países.....	21
Tabela 2. Comércio exterior argentino (1910-1929)	54
Tabela 3. Evolução da produção industrial, importações e exportações.....	56
Tabela 4. Consumo e exportação de carne argentina	57
Tabela 5. Exportações de carne esfriada	58
Tabela 6. Resumo dos Censos Industriais	59
Tabela 7. Estrutura da produção industrial segundo valor agregado (%)	60
Tabela 8. Produção e importação de manufaturas (1900-1945) (%).....	62
Tabela 9. Indústria. Comparação de Censos (1914 = 100).....	63
Tabela 10. Desenvolvimento da Indústria Argentina (1935-1941)	64
Tabela 11. Estabelecimentos industriais segundo quantidade de trabalhadores...	65
Tabela 12. Novos estabelecimentos industriais. Total do país.	66
Tabela 13. Acumulação de capital na Argentina 1900-45.....	66
Tabela 14. Principais empresas industriais estrangeiras instaladas.....	67
Tabela 15. Emprego e produtividade na indústria	68
Tabela 16. Indústrias de interesse nacional.....	95
Tabela 17. Segundo Plano Quinquenal. Resumo	102
Tabela 18. Oferta e demanda global (milhões de pesos de 1950).....	105
Tabela 19. Atividade econômica na Argentina 1940-1955	106
Tabela 20. Mercado de Trabalho.....	107
Tabela 21. Comércio exterior argentino 1940-1958	107
Tabela 22. Moeda e inflação (Valor médio).....	108
Tabela 23. Setor Público 1940-54 (Valores médios).....	109
Tabela 24. Distribuição do produto entre as atividades produtivas.....	110
Tabela 25. Produto Interno Bruto. Por grandes setores econômicos	112
Tabela 26. Índice de ocupação em atividades não produtivas de bens.....	113
Tabela 27. Consumo e Investimento nacionais.....	117
Tabela 28. Índice de salários industriais e custo de vida (Base 1945=100).....	119
Tabela 29. Participação dos assalariados na renda nacional (% PIB)	120
Tabela 30. Setor público 1945-55.....	121
Tabela 31. Gasto público 1900-1955	122
Tabela 32. Receitas, despesas e arrecadação impositiva do Estado Nacional	123
Tabela 33. Gastos públicos fora do orçamento ordinário do Tesouro	125
Tabela 34. Evolução dos preços (%).....	126
Tabela 35. Taxas de juros reais.....	127
Tabela 36. Reservas internacionais e capitais compensatórios.....	128
Tabela 37. Comércio exterior argentino e termos de troca	129
Tabela 38. Saldos comerciais por área de comércio (milhões de dólares).....	130
Tabela 39. Estrutura das importações (em porcentagens).....	131
Tabela 40. Preços ao consumidor e cotação do dólar.....	133
Tabela 41. Termos de Troca externos e internos	134
Tabela 42. Proporções de importação e exportação.....	135
Tabela 43. Exportações agrárias (em milhares de toneladas).....	135
Tabela 44. Evolução da pecuária e do consumo de carnes	136
Tabela 45. Produção industrial.....	137
Tabela 46. Investimento industrial (Em milhões de pesos de 1950).	138
Tabela 47. Comparação dos censos industriais 1947-1954	139
Tabela 48. Estrutura da atividade manufatureira	140

Tabela 49. Índices do volume físico da produção industrial.....	141
Tabela 50. Taxas de variação da produção industrial por categoria (%).....	142
Tabela 51. Estrutura porcentual das importações.....	144
Tabela 52. Volume físico da produção de petróleo.....	146
Tabela 53. Consumo de ferro e aço (médias anuais).....	147
Tabela 54. Composição das importações de matérias primas e bens intermédios	148
Tabela 55. Participação do BCIA no financiamento da indústria.....	151
Tabela 56: Distribuição dos empréstimos do BCIA por ramo industrial (%).....	151
Tabela 57: Destino dos empréstimos (BICA), 1946-1955 (%).....	152
Tabela 58. Percentagens de créditos destinados a investimentos.....	153
Tabela 59. BCIA Empréstimos por prazos.....	153
Tabela 60. Produção agrária na região pampiana.....	157
Tabela 61. Evolução da superfície semeada na região pampiana.....	158
Tabela 62. Produção de cereais (em milhares de toneladas).....	159
Tabela 63. Composição da produção rural e uso da terra -Região Pampiana.....	160
Tabela 64. Produtividade por hectare - Região pampiana.....	161
Tabela 65. Produção agropecuária.....	161
Tabela 66. Produção e exportação agropecuária.....	162
Tabela 67. Exportações argentinas e termos de troca.....	162
Tabela 68. Participação argentina nas exportações mundiais.....	163
Tabela 69. Produção e aquisições do IAPI.....	165

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	11
SUMÁRIO	13
1. Introdução	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
2. Argentina antes do peronismo	19
2.1. Fundamentos e limites do projeto primário exportador.	20
2.2 A Argentina depois da crise do '30.	34
2.3. A indústria antes do peronismo.	50
2.4. Interpretações do desenvolvimento industrial argentino.	68
2.5. Indústria e conflito social.	80
3. A política econômica peronista	86
3.1. Instrumentos da política econômica peronista.	87
3.2. Evolução econômica	104
3.3. Política industrial e o setor primário	136
3.4. A economia durante o peronismo.	168
4. Peronismo e industrialização.	173
4.1 Peronismo.	176
4.2 Industrialização	221
5. Comentários finais	332
Bibliografia	335

1 Introdução

Trás analisar a doutrina peronista, Alberto Ciria (1971, p. 181) conclui que o peronismo constituiu um movimento que tendeu à conciliação de classes de uma forma muito peculiar no contexto argentino procurando exibi-lo “a través de lo que fue en verdad, y no de lo que hubiésemos querido que fuera” exclamando que “repensar el peronismo sobre bases objetivas, en cambio, es empresa urgente de la hora”¹. Ciria escrevia a princípios da década dos setenta quando a situação política argentina era muito turbulenta e Perón, exilado desde 1955, estava em processo de retornar ao país num marco de forte agitação social e popular². Na atualidade, mais de três décadas depois, muitas circunstancias da Argentina se tem modificado profundamente. Contudo, a demanda de repensar ao peronismo sobre bases objetivas continua sendo uma necessidade, embora, quiçá, sem a urgência que Ciria proferia. Este trabalho procura se abocar a dita tarefa deslindando os aspectos econômicos do período peronista 1946-1955 – e, dentro deste campo, particularmente a questão da industrialização. O objetivo consiste em especificar em que medida pode se entender ao peronismo como impulsionador de um projeto de industrialização da Argentina; ou, se se quer, em forma mais simples, qual era o lugar da indústria, e da economia em geral, no peronismo original.

Wasserman (2001, p.360) sinala a frustração da historiografia ao intentar identificar ideologicamente ao peronismo “já que é muito difícil situar comodamente o peronismo nas categorias familiares da política”. As definições sobre o peronismo são numerosas. Sobre essas interpretações, Ciria (1971, p.11) lista distintos rótulos que se lhe tem aplicado: ‘socialismo cristiano’, ‘nacionalismo social’, ‘ditadura demagógica’, ‘fascismo para um país subdesenvolvido’, ‘presidencialismo plebiscitario’, ‘democracia operária’, ‘socialismo de Estado’, ‘capitalismo nacional’, ‘coletivismo não marxista’, ‘Ditadura de massas’, ‘nacionalismo popular’ ou populista’, ‘nazi-fascista’, ‘totalitarismo’, ‘bonapartismo’. Em alguns casos, se o identifica com fenômenos de outros países, em especial de América Latina, que teriam sido similares, em geral, movimentos ‘populistas’ ou ‘nacional-popular’. Nisto último, corresponderia a aqueles casos latino americanos de movimentos multiclasista

¹ “Muchos años después de 1955, sobre todo entre las nuevas generaciones de argentinos disconformes con las recurrentes crisis políticas que atraviesa la nación, se pretende idealizar al peronismo, o dotarlo de contenidos que no pueden probarse empíricamente, como paso previo para una eventual acción revolucionaria” (CIRIA, 1971, p.181).

² “Mucho tememos que una praxis basada en supuestos teóricos incorrectos no alcance a proporcionar los resultados esperados” (CIRIA, 1971, p.181).

massivos, basicamente urbanos, de integração social num contexto de avance industrializador liderado pelo Estado sob um discurso nacionalista e um forte líder. Estes conceitos resultam incapazes de definir o autêntico do peronismo quando se confrontam com outros casos. Ademais, muitos apresentam conflitos. Por exemplo, os peronistas rejeitam as identificações com o fascismo, como faz Ceballos (1985, p.14) dada a sua base operária e democrática. Mas Perón é acusado, por seus opositores, de autoritário e totalitário. Assim, sempre surge um conflito ao intentar ‘compreender’ ao peronismo e “tratar honestamente de hacer justicia a aquello que persevera de lo heredado y a aquello que emerge como innovación” afirma Di Ipola (p.34-35), porque o recorte do objeto «peronismo» “será transformado por el imaginario peronista, especialmente durante el primer peronismo, en el producto necesario de la lucha y del triunfo de los «descamisados» sobre la «oligarquía» o bien al del contrario -según el imaginario antiperonista -, en la opresión del «totalitarismo nazi fascista» sobre la «libertad» y la «democracia»”. Aqui, de propósito, se tem deixado fora quando possível leituras que estejam nas pontas mais extremas dos pólos que menciona Di Ipola.

Não é objeto de este trabalho apresentar ou analisar esses conceitos assim como também não o são as diversas definições do peronismo. Já a longa lista mencionada reflete que “hasta el momento los politólogos no han logrado ponerse de acuerdo respecto del lugar que corresponde al sistema de gobierno peronista en la tipología de las formas de poder” (WALDMANN, 1981, p.12-13). Como observa Buchrucker (1987, p.301), os autores que têm analisado a doutrina justicialista têm coincidido em que ela possui um caráter eclético e que está constituída com elementos constitutivos provenientes do nacionalismo, catolicismo social, modelos militares e influências sindicalistas, e, para alguns, o fascismo. Para esse autor, se bem desde 1949 a doutrina passa a se chamar ‘justicialista’, ano em que ademais foi incorporada na reforma constitucional, em seus rasgos fundamentais já existia ao assumir Perón a presidência. Um ponto fundamental desta doutrina, que aparece em forma implícita, é o significado social da forma de se expressar de Perón. “El estilo expresivo de Perón contiene numerosos giros del lenguaje cotidiano y aun campesino, que por lo común eran ajenos al repertorio de los políticos argentinos. Aquel estilo directo, a menudo sarcástico, fue recibido con entusiasmo por los peronistas como ‘lenguaje del pueblo’, mientras que la oposición lo calificó de ‘vulgar’” (BUCHRUCKER, 1987, p.302). Essas características assim como o impacto social que produz a chegada do peronismo têm afetado sua análise chegando a impregnar muitas análises com adoção de posições políticas tendo sua aceitação ou rejeição como eixo. A valorização de sua economia também não resistiu essa permeabilidade;

Sidicaro, por exemplo, menciona o caso do surgimento da intervenção do Estado na Argentina que se associa com o peronismo quando sua origem é bem anterior³.

Assim como com a questão da intervenção estatal, similar é o caso da industrialização. Os estudos ‘transversais’ de fenômenos considerados semelhantes em distintos países fortalecem essas imagens. A designação do peronismo como ‘populismo’ se associa à questão do crescimento industrial; por exemplo, para Germani populismo “es un fenómeno aberrante producido por el asincronismo de los procesos de transición de una sociedad tradicional a otras industrial” (Slodky, 1988, p.138)⁴. Mas uma olhada à história argentina mostra que o período peronista não é o de maior desenvolvimento manufatureiro; e se o fora, também não pode se compreender ao peronismo primordialmente a partir de essa problemática. Num recente comentário Saretta (2002), trás fazer uma breve avaliação das políticas de pós-guerra em Argentina e Brasil chega à sutil distinção que o “caso argentino dos primeiros anos do pós Segunda Guerra obedeceu a lógicas que escapam de questões puramente econômicas. Havia que se lidar com uma situação de rápida urbanização: Buenos Aires recebeu cerca de 1 milhão de migrantes entre 1935-45 e desde o final da guerra acreditava-se e, não apenas na Argentina como também ao seu norte, no perigo do avanço comunista. De outra forma há que se considerar também que o peronismo deve ser entendido como um canal importante para mobilidade social, certamente um aspecto essencial para se entender a própria política econômica daqueles anos”.

Neste trabalho não se procurou avaliar, julgar ou definir nem ao peronismo nem a sua política econômica. Simplesmente analisar a evolução da política econômica durante o período 1946-1955 para comprovar como influi na compreensão do peronismo. Na realidade, não se ensaia um exame minucioso de ela, já que muito se tem escrito e não é questão de procurar um ‘achado’. Além disto, os próprios dados econômicos são também objeto de polêmicas. Mas o marco econômico no qual sucedeu o peronismo, se afirma, é a realidade sucinta que permite compreender muitas cosas sobre ele e sobre a própria Argentina.

Depois desta breve introdução, o trabalho consta de três partes adicionais. Na primeira se examinam rapidamente os aspectos da gestação da Nação Argentina a partir de sua

³ “Pocos temas han conocido tanta distorsión ideológica como el que se refiere a los orígenes y el desarrollo del intervencionismo estatal en la economía argentina. Es frecuente ver asociado ese proceso a la primera experiencia peronista de gobierno. La confusión es interesante, pues tanto los partidarios de Perón como sus adversarios tendieron muchas veces a designar la situación anterior a 1943-1946 caracterizando el funcionamiento económico de liberal. Esa visión, por cierto, no resiste la menor constatación empírica. Cuando los peronistas llegaron por primera vez al manejo de los aparatos estatales, las regulaciones intervencionistas ya eran una realidad” (SIDICARO, 1995, p.304-05).

⁴ Como observam Cardos e Faletto (2004, p.28) esta visão sobre os efeitos em países latino-americanos da passagem de uma sociedade ‘tradicional’ para outra ‘moderna’ é compartilhada por vários autores.

incorporação ao comércio internacional desde sua provisão de alimentos no marco do clássico esquema primário exportador. Considera-se não só a importância de sua espetacular transformação econômica se não ademais os avanços sociopolíticos que foram de igual importância. Resulta essencial sentar os parâmetros que essa época determinou porque são os fenômenos que, em última instância, estão detrás do surgimento do peronismo. Quer dizer, quando se considera ademais as circunstâncias que estiveram detrás da reação no país aos efeitos da crise dos 30 que obrigou a definir os parâmetros que tinham possibilitado a gestação da Argentina moderna. Este processo culmina em 1943 quando um golpe militar da uma virada de timão que termina viabilizando a presidência em 1946 de Perón, quem tinha participado da toma do poder.

A segunda parte começa com a análise da economia durante a época 1946-1955. Prioriza-se a apresentação dos dados econômicos tanto os globais como os setoriais, procurando determinar em que se modificam com relação à evolução da economia anterior ao peronismo. É uma seção mais bem ‘crua’ já que não se fazem comentários, e muito menos avaliações ou críticas. O objetivo é separar a realidade econômica como um ‘fato próprio’. Ao final se observa com mais detalhe algumas questões do desempenho industrial sob a gestão peronista com a intenção de que seja uma ponte para a terceira parte na qual se avaliam os marcos nos quais surge o peronismo.

Nesta se enfatiza a reconstrução histórica e as análises destes eventos históricos efetuado por outros autores que dão conta da complexidade do fenômeno peronista. Se procura mostrar, assim, como estes fatos condicionam não solo a política econômica peronista se não também o próprio projeto de Perón. Adicionalmente, se faz uma análise da visão da economia argentina do Perón. Enfatizando-se os aspectos sociopolíticos, se efetua uma crítica a alguns autores que entendem ao peronismo como uma ruptura histórica de evolução econômica a partir de alguma forma de «aliança de classes». A partir do fato que o desenvolvimento industrial argentino continuou após a queda de Perón, mas em contextos sócio-históricos diferentes, se vincula essa disputa «peronismo - antiperonismo» com a questão industrial.

Como conclusão se apresenta uma série de comentários em forma ‘estilizada’, assumindo seu risco, a fim de explicitar aspectos que se consideram essenciais para entender ‘o caso argentino’ ou ao próprio peronismo. Não se nega que fenômenos de distintos países podam apresentar rasgos similares. O que se objeta é que se os priorize sobre outros que são próprios a cada um. A idéia que se procura transmitir neste trabalho é que o peronismo se

compreende pelo que possui ao pertencer à história argentina; e que é a partir desses elementos que pode se efetuar– ou não – uma comparação com outros ‘casos’. Desta maneira, é que se afirma que se entende ao peronismo a partir do passado do país; e o peronismo possibilita compreender ao presente argentino. Embora esta asseveração possa resultar uma obviedade, ao trato não pouco comum de agrupar ‘experiências latino americanas’ se soma que no caso específico de Argentina e Brasil o processo de criação do Mercosur se baseou no pressuposto - consciente ou não– de que “*argentinos y brasileños somos parecidos*”, como manifestavam em 1997 no Seminário “*Brasil – Argentina y la Formación de la Identidad Nacional*” dois ex–ViceChanceleres: “*en el fondo, en Sudamérica, no somos sino una misma patria organizada en distintos estados*” (A. Cisneros); “*llegamos a la sabia conclusión de que somos esencialmente parecidos*” (M. Castrioto de Azambuja)⁵. Os fatos demonstraram que não era assim. Agora num momento de nova aproximação, dentro de um contexto ‘heterodoxo’, seria um pecado descobri-lo novamente. Contribuir a evitar isso o objetivo que se procura nas próximas páginas.

⁵ “Brasil – Argentina: A visão do outro” (Fundação Alexandre de Gusmão, 2000)

2. Argentina antes do peronismo

O período primário exportador da Argentina constitui muito mais que sua época com a qual se identifica seu maior apogeu. Por um lado, por causa de que esses anos coincidem com o surgimento próprio da Argentina como Nação em se mesma; por outro lado, essa fase, de uma forma u outra, sempre se manteve presente nos momentos posteriores a sua conclusão. Baste para isso, destacar que não só durante toda a década dos trinta esperava se retornar ao velho modelo econômico, se não que depois houve intentos de recrear-lo em 1955, em 1976 e, mais atualmente, em 1989. Existem variadas razões para entender essa vigência. Contudo, não deve se sobreestimar o argumento de que isto se deveu a que depois dele o país não voltou a desfrutar os elevados níveis de crescimento. Díaz Alejandro (1983, p.83) afirma que “pocos países en todo el mundo pueden mostrar tan escaso desenvolvimiento de las exportaciones en el mismo lapso; varios tuvieron tal vez una disminución en las exportaciones per cápita, pero pocos se unirán a la Argentina en la triste categoría de países cuyas exportaciones disminuyeron en cifras absolutas”. Portanto, se a insuficiência do fluxo de exportações simplesmente fosse a questão, resulta difícil compreender a incapacidade de aproveitar oportunidades que ainda existiam. Adicionalmente, vários analistas destacam o pobre desempenho do setor rural, base das exportações argentinas.

Por outro lado, a indústria entre a Depressão e a Segunda Guerra apresenta um forte progresso, o que contrasta com aqueles que afirmam que a elite rural não se interessou em seu desenvolvimento. Argentina cresceu mediante uma estreita relação com Grã Bretanha, e o desmoronamento desse mundo econômico, social e político promovido pelo liberalismo foi um duro golpe. Os grandes pecuaristas procuram preservar esse laço mediante o polêmico Tratado Roca-Runcimam que levantará azedas discussões⁶. Para essa época, a oligarquia tinha recobrado o controle político, que lhe tinha arrebatado o Partido Radical desde 1916, por meio do primeiro golpe de Estado em 1930. Com essa ação, a outrora esclarecida elite da chamada ‘Geração de 1880’ que moldou a Nação, acabou de uma só penada com os princípios democráticos e liberais com os quais dizia se identificar e proclamava, iniciando uma degeneração que levou a que os trinta passaram à história como a ‘década infame’. Assim, ela

⁶ O Tratado Roca-Runcimann foi um acordo comercial entre a Argentina e a Grã Bretanha em 1933. Os argentinos deram vantagens econômicas e comerciais aos ingleses em troca de manter ao mesmo nível as vendas de carnes. Teve grande repercussão e gerou intensa polêmica na Argentina porque se entendeu a elite procurou se beneficiar à custa do resto do país. Mais adiante será analisado com maior profundidade.

passou de ser respeitada e adulada pelo resto da sociedade a ser depreciada e confrontada. Porque se aquela etapa exportadora era valorada pela elite, também o era pela maior parte da sociedade. Qualquer que seja o conteúdo da disputa política, não era o projeto que a elite tinha impulsionado desde finais do século XIX o que estava em jogo.

Esse rechaço e esse Tratado significaram para muitos a vigência de uma retrógrada sociedade pastoril e a negação da elite em aceitar o desenvolvimento industrial. Mas nos 30 se registrou um importante crescimento manufatureiro e se criaram numerosas instituições, órgãos e medidas que foram bases de posteriores gestões consideradas industrialistas, como no próprio caso de Perón. Ademais, ainda se fosse certo que a elite se opunha totalmente a aceitar o desenvolvimento fabril, em junho de 1943 os militares tomam o poder com a meta de impulsionar a industrialização. Em consequência, não resulta entendível identificar a chegada de Perón dois anos e médio depois em base a um projeto de desenvolvimento industrial. Também não procede afirmar que a culminação desta etapa implicava que o projeto econômico das elites estava esgotado e que ela simplesmente se aferrou a ele. Di Tella, por exemplo, manifestando-se adepto à versão dinâmica da teoria das vantagens comparativas, destaca que depois da nova ordem econômica mundial nos trinta, a Argentina devia se encaminhar a uma estrutura produtiva aonde devia ser promover a certas indústrias. É isso que procurou fazer parte da elite que tinha aceitado que a Grã Bretanha já não poderia ser o fator dinâmico e buscou uma relação similar com os Estados Unidos; o que implicava estimular a industrialização, e à inversa (RAPOPORT 1988). Em soma, a chegada ao governo de Perón em 1946 não pode se identificar, simples ou principalmente, com um projeto de industrializar. É preciso definir aspectos da etapa ‘dourada’ que logo se revelaram críticos.

2.1. Fundamentos e limites do projeto primário exportador.

A Argentina, logo de se declarar nação independente de Espanha em 1816, demorou praticamente meio século para se organizar como país, e demorou um prazo similar para se colocar entre as nações mais ricas do mundo. A essência desta transformação espetacular foi a incorporação da zona da Pampa Úmida ao mercado internacional, prontamente deixando de ser uma das regiões mais subdesenvolvidas de Hispano-América e adquirindo rapidamente valor suas terras (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.49). Esse era o projeto de uma minoria ilustrada inspirada nas idéias iluministas e racionalistas do século XVIII (GERMANI, 1979, p.240). Mas o mesmo partia de um ‘deserto’, da repentina valorização de um território que até então estava despovoado e nada desenvolvido. Houve que unificar e determinar a extensão geográfica do país e construir um Estado nacional; Estado nacional que Sabato (1991, p.163-

164) afirma que se construiu de “acima para abaixo”, já que precedeu e foi condição para a economia e a sociedade que depois surgiram. Isto é, era um projeto que se baseou mais num projeto de sociedade futura que existente⁷. O primeiro censo nacional de 1869 apurou uma população de só um milhão e meio de pessoas, pelo que nas zonas rurais a densidade era de menos de um habitante por cada 100 hectares, a grande maioria vivendo uma rústica atividade rural encabeçada por uma pequena elite fazendeira. A partir de aí, o atual espaço geográfico argentino deixou de ser, logo de três séculos, um ‘território inútil’ (FERRER, 1990, p.104-105) pela pujança de suas exportações agropecuárias. Em vésperas da crise de 1930, trás uma vertiginosa metamorfose Argentina era reconhecida como país avançado econômica e socialmente com um sistema político adiantado em base ao sufrágio universal⁸.

Hacia 1879 éste era un país despoblado, atrasado, que difícilmente podía calificarse como rico y que estaba gobernado por un grupo restringido de personas de manera bastante autoritaria. Por más confianza que se tuviera en el futuro de la nación en ese entonces, pocos podían imaginar que medio siglo más tarde, en 1929, se hallaría en una posición tan diferente. Su población se había multiplicado casi cinco veces y su riqueza había crecido aún más vertiginosamente, colocándola dentro del puñado de países que encabeza la lista mundial en ingreso per cápita; poseía un sistema educativo, y presentaba una movilidad social que aún menos naciones podían mostrar y que, sin embargo, se consideraba solo el comienzo de un porvenir más prometedor; su gobierno, por último, era elegido democráticamente mediante el sufragio universal y secreto, en un clima de libertades cívicas admirado por doquier (SÁBATO, 1991, p.115).

Tabela 1. PIB per capitã e valor das exportações. Vários países

	PIB per cápita (*)		Valor das exportações (**)		
	1870	1913	1870	1913	1929
Bélgica	2697	4220	1237	7318	7845
França	1876	3485	3512	11292	16600
Alemanha	1821	3648	6761	38200	35068
Holanda	2753	4049	1727	4329	7411
Suíça	2202	4266	1107	5735	5776
Reino Unido	3191	4921	12237	39348	31990
Australia	3645	5715	455	3392	3636
Canada	2704	5152	724	4044	7812
EUA	2445	5301	2495	19196	30368
Argentina	1311	3797	222	1963	3096
Brasil	713	811	854	1888	2592
Chile		2653	166	702	1252
Mexico	674	1732	242	2363	3714

(*) Dólares internacionais de 1990. (**) A preços constantes. Milhões de dólares de 1990.

Fonte: PIB per cápita. Maddison (2001, p.185 e 195). Exportações Maddison (2001, p.361).

⁷ “El progreso argentino es la encarnación en el cuerpo de la nación de lo que comenzó por ser un proyecto formulado en los escritos de algunos argentinos cuya única arma política era su superior clarividencia. No es sorprendente no hallar paralelo fuera de la Argentina al debate en que Sarmiento y Alberdi, esgrimiendo sus pasadas publicaciones, se disputan la partida de la etapa de historia que se abre en 1852” (HALPERÍN DONGHI, 1995a, p.8).

⁸ Para essa época, “Las rentas per cápita podían compararse con las de Alemania y los Países Bajos y superaban las de España, Italia, Suecia y Suiza. Buenos Aires, la capital federal, con su millón y medio de habitantes, fue proclamada el ‘París de América del Sur’ ” (ROCK, 2001, p.116).

Segundo Díaz Alejandro (1983, p.18), nos cinquenta anos anteriores a 1914 se produz na Argentina um dos crescimentos mais acelerados no mundo num lapso tão prolongado, em base às exportações rurais que cresceram ao 3,8% anual acumulativo entre 1875-1900 e logo cerca de 5% até 1929 (FERRER, 1990, p.114). A partir das últimas décadas do século XIX, guiada por uma sorte de aristocracia rural ilustrada conhecida como ‘Geração de 1880’, a Argentina entrou de cheio nos leitos da teoria ricardiana do comercio livre das vantagens comparativas, ou de ‘a teoria do comercio e o crescimento baseada nos excedentes’ (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.24). A vinculação aos fluxos de toda índole do resto do mundo foi extrema, mostrando uma integração internacional quiçá só superada pelo Reino Unido. O período primário - exportador constitui a ‘idade de oro’ do país quando os resultados correspondiam com as teorias do mundo ocidental. As exportações inicialmente provinham do setor pecuário e depois do agrícola. Surgiram outras atividades como a valorização imobiliária porque a Argentina colonizada era de fato tremendamente pequena⁹. A campanha de conquista de vastos territórios sobre os índios em 1870 encabeçados por Roca, futuro Presidente da República por duas vezes e emblema do período de esplendor do país e da elite fazendeira, ampliou consideravelmente as fronteiras das terras que se incorporavam à exploração rural exportadora: a expansão da superfície sob cultivo passou de 0,6 milhões de hectares em 1872 para 27,2 milhões em 1930. Como já vinha sucedendo, essas terras se concentraram em poucas mãos e será a base material da riqueza, do poder e do status social de grandes latifundiários¹⁰. Este grupo se aferrará ao domínio territorial como origem do qual emanam seus benefícios, bem depois da conclusão deste período histórico¹¹. Mas o efeito da ampliação das fronteiras geográficas foi dar impulso à economia. A facilidade da zona da Pampa de se adequar à produção de um amplo espectro de bens primários destaca uma essencial particularidade deste processo argentino; Como afirma Díaz Alejandro (1983, p.30-32), a afirmação que as exportações estavam principalmente constituídas por bens

⁹ “Sempre que se faz referência à incorporação de novos territórios do pampa argentino, é bom lembrar a diferença histórica que existe em incorporar terras em países europeus e nos de colonização recente. De acordo com Di Tella e Platt (1985), países como a Argentina e o Canadá caracterizam-se por terem sido descobertos em tempos recentes e parecem ter tido uma grande oferta de terras e, por isso, atraíram massivas ondas de pessoas e de capital para seus territórios. Essa descrição, segundo eles, pode parecer estranha para os economistas estudiosos de comércio internacional, para os quais a terra é assumida como um fator constante, pois a idéia de uma fronteira em expansão é estranha tanto hoje como o foi em tempos anteriores” (LENZ, 2004, p.564).

¹⁰ “La concentración de la propiedad territorial en pocas manos aglutinó la fuerza representativa del sector rural en un grupo social que ejerció, consecuentemente, una poderosa influencia en la vida nacional. Este grupo se orientó, en respuesta a sus intereses inmediatos y a los de los círculos extranjeros (particularmente los británicos) a los cuales se hallan vinculados, hacia una política de libre comercio opuesta a la integración de la estructura económica del país mediante el desarrollo de los sectores industriales básicos, y, naturalmente, opuesta también a cualquier reforma del régimen de tenencia de la tierra” (FERRER, 1990. p.133-134)..

¹¹ “En efecto, de la declaración formal de la independencia política de la Argentina, en 1816, hasta fechas muy recientes, el régimen de propiedad de la tierra se ha conservado invariable; (...) la Argentina que recibió la dictadura en 1976 era, estructuralmente, la misma de 1810” (VÁZQUEZ-RIAL, 1999, p.19).

precedentes do setor rural pode induzir a erro. “Parece indicar que la Argentina podía considerarse dentro de la categoría de los países que depende de la exportación de algunas pocas mercancías de valor inestable. Las exportaciones argentinas anteriores a 1930 estaban bastante diversificadas”¹². A grande entrada de capitais –particularmente britânicos – foi essencial para o estabelecimento de uma densa rede ferroviária que teve um crescimento espetacular de 2.300 para 25.000 quilômetros entre 1880-1910.

O complemento do crescimento econômico foi um sistema político moderno e uma intensa dinâmica social, efeitos da Constituição liberal proclamada em 1853. Até a Guerra Mundial, o sistema político esteve em poder da elite por meio do Partido Autonomista Nacional (PAN), que centralizava o governo e acordava entre os integrantes do setor os sucessivos câmbios presidenciais, ao tempo que se assegurava a vitória eleitoral mediante fraude nos comícios. Mas deixavam amplo espaço de liberdade econômica e política, embora uma demonstração mais cabal de seu compromisso com o iluminismo liberal foi a rápida expansão do ensino pública e gratuita (LEWIS, 1992, p.18-20). Era uma elite confiada no progresso e que assim se sentia¹³. A esperança que dentro de um marco de liberalismo político, econômico e social a Argentina se encontrava num caminho ilimitado para o desenvolvimento e o progresso era uma firme convicção da elite terratenente compartilhado pelo resto da sociedade¹⁴. Buchrucker (1987, p.27) afirma que “un hecho sumamente importante para la historia de las ideas políticas argentinas es que el primer cuarto del siglo XX estuvo caracterizado por la aparente solidez que el sistema institucional había alcanzado, gracias al claro predominio de una especie de consenso ideológico básico”¹⁵. Isto se manifestou na Constituição Nacional que lhe concedeu aos residentes estrangeiros as mesmas liberdades sociais que aos nativos, e amplas liberdades políticas (LEWIS, 1992, p.19). Para Vázquez-Rial (1999, p.18) a questão populacional, no caso argentino, deve constituir o centro de qualquer análise, sendo essencial entender “cómo se pobló mientras se gobernaba y, a la

¹² Lideraram a expansão os produtos pecuários (couros, charque e sebo, e depois lã desde meados do século XIX) que demandava pouca mão-de-obra e pouco capital o que era viável com as condições precárias existentes nesse momento. Logo, toma impulso a produção agrícola (em particular o trigo e a farinha), e a Argentina passa a ser identificada como o ‘graneiro do mundo’. Não obstante, “uno de los rasgos de este proceso es que no produjo la sustitución de la cría de ganado por los cultivos; en vez de ello, las dos se complementaron (CORTÉS CONDE, 2001, p.66). Logo as vendas de carne esfriada e congelada aumentaram com rapidez.

¹³ Los empresarios rurales más dinámicos comenzaron a ser considerados verdaderos ejemplos de modernidad económica y distinción social (HORA, 2003, p.XX-XXI).

¹⁴ Elite socioeconómica modernizante y progresista, capaz no sólo de enriquecerse, sino también de impulsar a la República hacia una fase superior de desarrollo (HORA, 2003, p.98).

¹⁵ “En lo político formal: las instituciones de una república democrática; En lo cultural; la admiración e imitación de pautas inglesas y francesas; En lo social: el predominio de una elite segura de sí misma, cuya influencia tenía su fundamento en la gran propiedad y la educación; En lo económico: la adopción de la función de país exportador de productos agropecuarios, lo que crea un tejido de dependencias comerciales y financieras con respecto a Gran Bretaña”. (BUCHRUCKER, 1987, p.27).

vez, cómo se gobernó mientras se poblaba”. O transfundo é a muito escassa densidade populacional inicial que inspirou a máxima alberdiana ‘governar é povoar’ num país caracterizado por seu extenso ‘deserto’¹⁶. A imigração teve um impacto singular dada a baixa densidade populacional. “Entre 1857 y 1930 tuvo lugar una inmigración neta de unos 3,5 millones en un país cuya población total era de 1,7 millones en 1869” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.36)¹⁷. Em 1914 havia mais estrangeiros na população entre 20 e 40 anos¹⁸. Em Buenos Aires por mais de sessenta anos os estrangeiros representaram ao redor de 70% (GERMANI, 1979, p.239).

Mas a base produtiva de exploração pecuária latifundiária não demandava trabalhadores e limitava o acesso à propriedade da terra¹⁹. Por isso Vázquez-Rial (1999, p.57) afirma que desde o ponto de vista do modo de produção vigente, pese à baixa quantidade de habitantes, o país teve em todo momento a população suficiente, e desde o ponto de vista dos excedentes demográficos chegou, em mais de uma ocasião, a estar sobre povoado. Quando a exportação agrícola adquiriu ímpeto - que coincidiu com a época das grandes imigrações (1880-1914) – houve intentos governamentais de instaurar pautas de exploração de colonização sem muita disposição, pelo que os imigrantes devieram arrendar parcelas de terra. Mas o arrendatário tinha o estigma da transitoriedade pela estratégia dos terratenentes de preservar suas terras para o gado rodando sua utilização e intercalando a produção agrícola para logo voltar à pecuária²⁰. A demanda de mão-de-obra do agro era em parte satisfeita por imigrantes convertidos em peões assalariados rurais e pelos ‘trabalhadores andorinhas’ que cruzavam o atlântico só para a safra. Se tem estimado que entre 1900 e 1910 entraram e saíram cada ano da Argentina uma média anual de 100.000 trabalhadores transitórios; na década anterior a média tinha sido a metade disso, pondo de manifesto uma integração tão forte entre o fluxo local e externo que Díaz Alejandro declara que basicamente eram dois segmentos de uma mesma curva de oferta de mão-de-obra²¹. Estes fatos mais a cedo e rápida introdução de maquinaria

¹⁶ “¿Qué nombre daréis, qué nombre merece un país compuesto de doscientas mil leguas de territorio y de una población de ochocientos mil habitantes? Un desierto. ¿Qué nombre daréis a la Constitución de ese país? La Constitución de un desierto” (ALBERDI 1981, p.237).

¹⁷ “Estas cifras solo comprenden la inmigración neta que arribó por transporte marítimo; excluye, por lo tanto, la migración terrestre entre la Argentina y los países vecinos. Según el censo de 1914, había en el país 207.000 personas nacidas en Bolivia, Chile, Paraguay y Uruguay” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.36n22).

¹⁸ “El papel de los inmigrantes dentro de la estructura ocupacional fue crucial y, posiblemente, sin parangón en el mundo” (ROCK, 2001, p.94).

¹⁹ Observa Ferrer (1990, p.113) que “en 1914, mientras los extranjeros de nacimiento representaban el 42,7% de la población total, los inmigrantes sólo constituían el 10% de los propietarios de los bienes raíces”.

²⁰ “Las cuantiosas inversiones pastizales que esto exigía fueron obviadas por los ganaderos apelando al arrendamiento temporario de la tierra a agricultores, quienes después de explotar pequeñas parcelas (200 o menos has.) las dejaban sembradas con alfalfa” (CARBALLO, 1986, p.131).

²¹ “Podría decirse que antes de 1930 la Argentina enfrentaba una curva de oferta de mano de obra integrada por dos segmentos: consistente el primero en la mayor parte de la fuerza de trabajo que existía en el país, debía de

agrícola²², levaram a que as cidades concentraram 75 por cento dos imigrantes que se ocuparam nos setores secundários e terciários (FERRER, 1990, p.113)²³.

Pese a tudo, a riqueza rural possibilitou bastante bem-estar à população urbana e imigrante e se foi configurando, rapidamente, uma forte expansão dos estratos médios da sociedade, tanto no campo, como nas cidades. A economia se caracterizou porque “el desempleo permanente fue insólitamente bajo hasta que empezó la depresión comercial y financiera de 1913” (ROCK, 2001, p.131). Essa dinâmica do nível de emprego se vincula com o rasgo ‘andorinha’ de grande parte dos trabalhadores já que “el desempleo temporal, cuando no coincidía con una crisis mundial, tenía fácil remedio: el regreso a la patria o el traslado a otros países escasos de mano de obra, como Estados Unidos” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.39). Como se exportava alimentos, estes resultavam ser relativamente baratos no mercado interno, pelo que se acedia a uma dieta nutritiva e permitiam salários reais superiores aos de algumas cidades europeus (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.51-52). Os imigrantes puderam gozar de bastante mobilidade social e as condições laborais refletiram rápidas melhoras que levaram a que o dia de trabalho fosse diminuindo a atingir, pelo geral, a quantidade de oito horas em torno à Primeira Guerra (ROCK, 2001, p.95-97)²⁴. Dessa forma foram relativamente baixos os conflitos; se poderia afirmar que a expansão da economia beneficiou em maior ou menor medida a todos os grupos importantes vinculados à economia argentina: trabalhadores nativos e imigrantes, capitalistas urbanos, terratenente, investidores estrangeiros (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.61).

Sob este modelo, os produtos industriais, primordialmente, deviam ser satisfeitos por importações que cobriam em termos gerais, ao redor de 25% da demanda (FERRER, 1990,

ser bastante inelástico en cuanto a la tasa de salarios reales; el segundo, aplicable a necesidades un tanto inferiores o superiores a las atendibles por la fuerza de trabajo ya existentes en el país, era más elástico, y para simplificar cabría decir que era perfectamente elástico en cuanto a la tasa de salario real corriente (más algún diferencial) en los centros industriales de Italia y España, que eran las principales fuentes de inmigración a la Argentina. En casi todos los años, la economía operó en el tramo elástico a medida que la caudalosa corriente de emigrantes llegaba al país” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.34).

²² “En el período siguiente (1895-1914) la mecanización de la agricultura y el aumento del tamaño de la empresa cerealista produjeron una caída relativa en los niveles de empleo del sector primario” (ROCK, 2001, p.94).

²³ “Cabe señalar otra diferencia entre el mercado de trabajo argentino y los de los típicos países subdesarrollados. Al par que en estos se supone que la mano de obra fluye constantemente desde las zonas rurales hacia las ciudades, en la Argentina, antes de 1930, ocurría lo contrario. Los inmigrantes desembarcaban por lo común en la ciudad de Buenos Aires, de donde no pocos se trasladaban por ferrocarril a las zonas rurales. El flujo bidireccional de la mano de obra entre la zona urbana y la rural vino a fortalecer más aún la flexibilidad del mercado de trabajo” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.39).

²⁴ “En otro orden, los niveles de vida de los trabajadores bonaerenses se distinguían por la animada dinámica social y las posibilidades de desarrollo individual. El crecimiento de una cultura de las clases trabajadora en estos años –los bares donde se bailaba el tango, los clubes de boxeo y de fútbol, los sindicatos y otras muchas asociaciones – sugiere que buena parte de la población tenía dinero y tiempo libre para llevar una existencia bastante rica y variada” (ROCK, 2001, p.136).

p.121). Igualmente, alguns setores industriais relacionados aos produtos de exportação tiveram considerável expansão. A diferencia das ‘artificiais’, essas indústrias ‘naturais’ estavam incluídas no projeto econômico oficial (JORGE, 1971, p.17)²⁵. Os casos mais importantes dessas indústrias que se desenvolveram neste período são os frigoríficos, os moinhos de farinha, extrato de quebracho, as bodegas e os engenhos açucareiros²⁶. As indústrias que destinavam sua produção ao mercado interno se desenvolveram com capitais nacionais em pequenas unidades (fabricação de materiais para a construção, fabricação de implementos para a agricultura, e reparação de material ferroviário). A indústria local recebeu um impulso imprevisto pela Guerra Mundial, embora ao concluir o conflito se restabelecessem as importações normais e o interesse governamental de incrementar as rendas aduaneiras. No entanto, a União Industrial Argentina (UIA), criada em 1886, dominada por industriais vinculados à atividade exportadora, reconhecia que a indústria como máximo podia desempenhar um papel secundário (HORA, 2003, p.108). Surgiram debates sobre a necessidade do Estado ajude a certas indústrias, mas não se modificou a aceitação do mercado livre dado que a liderança do campo facilitou o desenvolvimento geral. Mas este projeto encontrou seus limites em vésperas da Guerra. Duas transformações internas – uma econômica, outra política – colocaram em xeque sua continuidade. O excepcional crescimento se tinha baseado no anexo continuo de novas terras para serem exploradas²⁷. Ao principio, essa expansão parecia ilimitada; mas em momentos que se inicia a guerra ficava pouco espaço não utilizado disponível²⁸.

El problema económico básico de nuestro país apareció muy temprano en el siglo. Ya hacia 1914 se empezaba a entrever la finalización de la expansión –que podríamos llamara horizontal o geográfica – de la economía, ya que para esa época se había llegado casi al fin de la expansión de la frontera económica. Este fenómeno, tan peculiar y único, sólo participado por las áreas of recent settlement, al decir de Nurske, esto es Estados Unidos, Australia, Nueva Zelanda, Canadá y Sudáfrica,

²⁵ “Este conjunto de empresas pequeñas, medianas, y algunas incluso de envergadura, dedicadas a los metales y sus manufacturas, máquinas, textiles, artefactos eléctricos, etcétera, constituyeron lo que se dio en llamar las ‘industrias artificiales’ y su existencia fue combatida a todos los niveles por los voceros del sector agropecuario” (JORGE, 1971, p.20).

²⁶ Essas duas últimas gozaram de proteção, fato resultante “del siglo anterior, cuando por razones políticas la oligarquía porteña hizo concesiones a Tucumán y Mendoza, para asegurar su apoyo a la organización nacional gestada bajo su hegemonía” (JORGE, 1971, p.47).

²⁷ “A formidável e peculiar expansão territorial ocorrida na década de 70 do Século XIX, que implicou a incorporação de grandes contingentes de terras férteis às diversas atividades agrícolas, constituiu-se em uma das principais alavancas que possibilitaram o crescimento das exportações e a inserção positiva e crescente da Argentina no cenário internacional, nesse período. A utilização dessas terras tornou-se economicamente viável em razão de a diminuição dos custos de transportes ter aproximado o mercado dos países europeus à Argentina, criando uma demanda para os seus produtos, como a carne e o trigo” (LENZ, 2006b, p.556).

²⁸ “Esto implicó un fuerte golpe de que la producción y las exportaciones agropecuarias podían seguir creciendo indefinidamente dado que “ya había llegado a terminó prácticamente la ocupación agrícola-ganadera de la zona pampeana, y el incremento de la producción a largo plazo quedaba sujeto fundamentalmente al aumento de los rendimientos unitarios, lo que necesariamente debía incidir en una reducción del ritmo extraordinariamente acelerado que se había registrado hasta entonces” (JORGE, 1971, p.51-52).

estuvo basado en la apropiación de rentas ricardianas disponibles en potencia, por así decirlo, y que sólo requerían movimientos de capitales y de personas para convertirlos en realidad. Tanto en la Argentina como en los otros países mencionados, una combinación de hechos políticos y tecnológicos –pacificación y drástico descenso en los costos de transportes marítimos y terrestres –, hicieron súbitamente posible lo que sólo antes se entreveía. (DI TELLA, 1985, p.117²⁹).

A isto somou se o forte laço com Grã Bretanha – que em vésperas da Grande Depressão absorveu mais de 99% do total de exportações de carne vacum esfriada, 91% de carne ovina congelada, 85% de manteiga e 54% de carne vacum congelada (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.33) – que supunha que devia prover as importações; mas durante os anos 20 elas foram de origem norte americano, o que estabeleceu um complexo sistema triangular. Os ingleses, em consequência, passariam a pressionar à Argentina para reverter essa situação, atuando diretamente sobre os pecuaristas. Isto é, as tendências da economia internacional manifestavam que a Grã Bretanha estava perdendo seu rol hegemônico para USA cujos capitais, ademais, não se dirigiam como os ingleses a setores de serviços (bancários, seguros, etc.) ou como empréstimos para o setor público, se não para a indústria. Mas sua economia era competitiva e exportava bens agropecuários³⁰. Sentindo essa aliança vital, a Sociedade Rural se definiu afirmando em 1929 ‘comprar a quem nos compra’: “y ese país era evidentemente Gran Bretaña” (JORGE, 1971, p.88) – e procurou reduzir a participação de USA nas importações.

Ao mesmo tempo surgia uma mudança político-social. Logo de que estabeleceu o Governo Nacional em 1862, a classe terratenente dirigiu o país sem séria oposição e, pese a igual recorrer à fraude eleitoral, aceitava que o sufrágio universal terminaria sendo uma realidade iniludível, e até desejável. Eleições livres eram parte do perene processo para o progresso que se estava desenvolvendo, e que ademais geraria o ‘crescimento automático’ que resolveria a ‘questão social’ (BUCHRUCKER, 1987, p.27)³¹. A elite governamental foi muito

²⁹ “En el plano interno, la ocupación total de las tierras dentro de la frontera pampeana, consumada hacia la década de 1920, ponía término al proceso tradicional de crecimiento de la producción rural destinada a la exportación: la ocupación de nuevas tierras. Ciertamente es que, hasta entonces, el progreso técnico acompañó la expansión de la superficie explotada; pero el rápido crecimiento de la producción agropecuaria y de las exportaciones es inconcebible sin la progresiva ocupación y explotación de nuevas tierras dentro de la frontera pampeana. De allí en más, la producción exportable pasó a depender de los rendimientos por hectárea, esto es, del cambio tecnológico y la mecanización de las explotaciones rurales. En este contexto, los factores institucionales, incluyendo el régimen de tenencia de la tierra, adquirirían una significación distinta a la de la etapa anterior” (FERRER, 1990, p.153).

³⁰ “Encima, los norteamericanos habían adoptados medidas proteccionistas a las importaciones, y en 1926 establecieron un embargo sobre las carnes enfriadas argentinas, con el argumento de que provenían de una región afectada por la aftosa” (RAPOPORT, 1988, p.260).

³¹ El ex Presidente Pellegrini declararía en 1905: “En nuestra República el pueblo no vota; he ahí el mal, todo el mal...Donde el pueblo vota, la autoridad es indiscutida, y las rebeliones y conmociones son desconocidas” (PEÑA, 1986a, p.7).

aberta com os imigrantes estrangeiros no outorgamento da carta de cidadania³². Ao principio os estrangeiros não se interessaram muito em aceder a ela, em especial porque não era indispensável para fazer demandas e pressionar às autoridades, o qual podia se fazer desde as organizações empresariais e sindicais (ROCK, 2001, p.105). O controle político da oligarquia portenha coincidia com o baixo interesse do imigrante em sua participação eleitoral³³. Mas nas ocasiões em que efetivamente realizaram movimentos que significavam uma participação política ativa, não pareceu que a elite o aprovara. “Deseaban integrar a los inmigrantes, pero no compartir el poder con ellos” (GERMANI, 1979, p.283).

Mas este monopólio político começou a ser questionado pela União Cívica Radical (UCR), partido político que se formou em ocasião da forte crise econômica e política de 1890, cujas manifestações colaboraram em forçar a renúncia do então presidente Juárez Celmán, acusado de corrupção. Desde sua formação, a UCR sistematicamente lutou por eleições livres e limpas. Quer dizer, seu postulado primordial era que a Constituição Nacional se cumpra integralmente, sem apresentar nenhuma outra diferença essencial com a elite. Sobre o axioma da luta contra ‘o regime’, mantendo a pureza dessa ‘causa’, este partido efetuou consideráveis protestas e incluso dois levantamentos armados (BUCHRUCKER, 1987, p.28). Ante a crescente pressão, o Presidente Sáenz Peña em 1912 promulga a sanção da Lei de Sufrágio Universal, embora não todos os setores do grupo dominante coincidiam com essa abertura eleitoral. Mas em parte este progressismo baseava se na esperança de que a mesma elite fosse a vitoriosa dos comícios³⁴. Porém as eleições em 1916 deram um categórico triunfo a Hipólito Yrigoyen, histórico líder do Partido Radical³⁵. O impacto social disto foi profundo³⁶.

A elite foi deslocada para seu grave desgosto: As forças conservadoras, desalojadas em 1916 do poder (o ‘regime falaz e descrido’ a que fazia alusão o líder radical em oposição a

³² Convencida de su propia fuerza y confiada en el lugar social que le correspondía, la elite porteña había elaborado una legislación civil y establecido prácticas cotidianas que fueron tan extremadamente liberales con los recién llegados, que no faltaron voces que denunciaron la discriminación que sufrían los nativos (ROCK, 2001, p.100).

³³ “Ese nivel era bajo cuando era comparado con épocas posteriores; no lo era tanto en relación a lo que sucedía en otras partes del mundo por aquellos años” (ROCK, 2001, p.104).

³⁴ “el hecho de que los terratenientes lanzaran su partido precisamente en la primera elección que iba a desarrollarse bajo el imperio de la nueva ley sugiere que confiaban en que la reforma podía ayudar a reforzar su posición política” (HORA, 2003, p.223)

³⁵ “El triunfo radical de 1916 marca un momento trascendental en la historia argentina, que indica la irrupción en la vida política de las masas populares, marginadas hasta entonces por el régimen oligárquico. Esa fue, y en eso terminó, la progresividad histórica de la Unión Cívica Radical” (PEÑA, 1986a, p.11).

³⁶ “El curso de los acontecimientos parecía poner al descubierto un ‘arcanum regum’ del antiguo PAN, según el cual el pueblo argentino habría ‘recibido’ —a ojos de los conservadores— la Constitución democrática con una condición tácita pero severa, en el sentido de que los electores sólo podrían decidirse por una constelación sociopolítica determinada. Sería exagerado e injusto suponer que tal hipocresía fue propia de todos los políticos del siglo XIX; de todos modos en aquella época no podían imaginarse un reemplazo por otros grupos o estratos” (BUCHRUCKER, 1987, p.38).

sua ‘causa’), não souberam aceitar a derrota com o cavalheirismo que despejavam em outros terrenos: a vida social, a esgrima (CIRIA, 1985, p.16)³⁷. Os postos de governo se abriram para as restantes classes sociais. “Hasta 1915 más del 60% de los diputados pertenecía a la clase alta; después de 1916 este sector se redujo al 35%. Los políticos conservadores estaban indignados. De allí en adelante se desarrolló una disgustante campaña difamatoria contra el presidente y su partido, en la cual se manifestaron una sorprendente arrogancia clasista e incluso prejuicios racistas (BUCHRUCKER, 1987, p.32)³⁸. A elite conservadora abertamente exteriorizou um ressentimento exacerbado, que para finais dos anos 20 se transformou num questionamento direto sobre a idoneidade da própria democracia como sistema de governo. Mas se a UCR representava primordialmente à classe media urbana, não só contava com importante quantidade de seguidores das classes inferiores e da população rural, se não da alta classe. Como Marcelo T. de Alvear, quem sucederia a Yrigoyen na presidência na segunda vitória eleitoral do partido em 1922³⁹. Nos 20 se gerará uma divisão entre os yrigoyenistas – ‘personalistas’, de caráter mais popular –, e alvearistas – ‘antipersonalistas’, mais próximos à própria oligarquia⁴⁰.

Os radicais demandavam o cumprimento da Constituição, sem propor programas muito distintos aos do governo⁴¹. Quer dizer, exigiam a plena consecução do projeto da elite. Mas a virulência da retórica opositora contrastava nitidamente com a moderação de seus postulados pragmáticos. “Su único programa era el ‘sufragio universal’ y la reivindicación democrática, mientras que otras reivindicaciones pero realmente *radicales*, como ser la modificación del régimen de tenencia de la tierra, no se planteaban” (PEÑA, 1986a, p.9)⁴². Em definitiva, o Partido Radical representava aos marginados socialmente ao sistema político e interessados

³⁷ “Lo que sorprendió (y luego amargó) a las clases altas y a los políticos del viejo orden fue la emergencia, no de una política más ‘respetable’ y civilizada, sino de prácticas políticas nuevas, mucho más plebeyas y populistas de lo que esos grupos estaban preparados para aceptar” (HORA, 2003, p.226).

³⁸ “Por ejemplo, se lo acusaba ser hijo ilegítimo de un ‘vasco desconocido’ y sus partidarios ‘ralea a la caza de beneficios y de enriquecimiento propio’ y responsable del otro gran fallo de la democracia, su ‘avasallamiento de las jerarquías siguiendo los caprichos de la chusma” (ROCK, 2001, p.169).

³⁹ Como afirma Rock (2001, p.177-178) Alvear era um “vástago de una gran familia patricia que parecía encarnar precisamente a la ‘oligarquía’ que el radicalismo se había comprometido a destruir”.

⁴⁰ Essa divisão marca toda a história da UCR, e suas manifestações mais atuais se encontram nos seguidores de dois ex Presidentes recentes, Raúl Alfonsín e Fernando de la Rúa.

⁴¹ “Por lo demás, cualquier planteo concreto de cualquier política determinada fatalmente hubiera disgregado los elementos contradictorios de que se componía ese partido que según uno de sus prohombres reunía ‘muchedumbres de las más diversas condiciones económicas y culturales’, ‘a los nietos de los próceres fundadores y a los hijos de los inmigrantes, al obrero manual y al estudiante, al chacarero de la pampa y al peón de la puna” (PEÑA, 1986a, p.9).

⁴² “Con la excepción de los socialistas en materia laboral, las reformas propuestas durante el período provinieron de las filas oficialistas. En ciertas áreas (política arancelaria y cambiaria), también fue el oficialismo el que adelantó las propuestas más heterodoxas. La oposición procuró siempre colocar el centro del debate en la esfera político-constitucional, y se desinteresó de alguna manera por cualquier otra temática” (ROCK, 2001, p.110).

em aceder a cargos burocráticos, mas que emulavam à própria elite⁴³. Pese a isto, os conservadores achavam que à UCR era uma ameaça. Para muitos a UCR era o mesmo que o comunismo, percepção que se agravou tanto pela Revolução Russa, como pelo incremento dos conflitos laborais na Argentina depois da Guerra Mundial⁴⁴, quando se quebrou bruscamente ‘a anterior quietude do mundo do trabalho’, e o número de greves cresceu fortemente. “En 1916 hubo 80 huelgas; dos años después fueron 200, y en 1919, 370; 300.000 obreros participaron en ellas” (BUCHRUCKER, 1987, p.34)⁴⁵. A aparição de conflitos laborais golpeou a visão idílica da integração do imigrante que tinham as autoridades políticas. A relação direta que a elite efetuava entre imigrantes e distúrbio social se deveu a que os trabalhadores estrangeiros vinham com experiências na Europa em movimentos socialistas ou anarquistas (LEWIS, 1992, p.99). Antes de Yrigoyen, a elite enfrentou as greves através da repressão direta, e depois por meio de leis restritivas, como a Lei de Residência⁴⁶. A pesar que em duas ocasiões o governo radical enfrentasse graves conflitos laborais em forma inapelavelmente dura – na ‘Semana Trágica’ em janeiro de 1919 se apelou por primeira ao exército deixando numerosos mortos e na Patagonia em 1922 que também concluiu com centos de mortos e de feridos –, a elite não modificou sua visão sobre a UCR⁴⁷.

Na maior parte, o número e intensidade dos conflitos foram baixos. Em grande medida, porque sob as presidências radicais (1916-30), pese ao período de pós-guerra, continuou a considerável prosperidade; a Argentina seguia sendo o maior exportador mundial de carne bovina refrigerada e cresciam as agrícolas (milho, linhaça, aveia, trigo e farinha). Antes da Crise do '30, “la renta per cápita argentina todavía podía compararse favorablemente con la de la mayor parte de la Europa occidental. Los niveles de vida eran ahora más elevados y las tasas de alfabetismo habían vuelto a bajar. Una parte considerable de la población gozaba de

⁴³ “Su modo de vida está asociado a la Argentina del progreso, al granero del mundo, “sus virtudes” son seguidas por vastos sectores de la clase media que leen las historias de estos personajes a imitar, sus viajes, su teatro, “opaco y de sabor amago en espiritualidad pero brillante en su exterioridad” a través de revistas como “Caras y Caretas” o “El hogar”. Es el sueño de la Argentina de la abundancia y del progreso indefinido” (IRIGOYEN, 1986, p.76).

⁴⁴ “Pero para un creciente número de intelectuales, militares y empresarios ya se había solidificado en dogma el esquema –surgido en aquellos años – que establecía una correlación entre desórdenes laborales, comunismo e yrigoyenismo. El presidente sería nuevamente un ‘esclavo de los sindicatos’” (BUCHRUCKER, 1987, p.38).

⁴⁵ “Entre 1917 y 1921 los sindicatos argentinos florecieron en una escala como nunca antes se había visto y que no se repetiría hasta el decenio de 1940; crecieron el número, la intensidad y, finalmente, la violencia de las huelgas, que antes tanto brillaban por su ausencia” (ROCK, 2001, p.141).

⁴⁶ “Sin embargo, hubo quienes comprendiendo el problema, trataron de canalizarlo por medio de una legislación adecuada; el frustrado Código Nacional del Trabajo, no carente por cierto de imperfecciones, fue un serio intento en tal sentido” (PANETTIERI, 1967, p.137).

⁴⁷ “Es sintomático que los parlamentos radicales mantuvieron la legislación represiva creada por la ‘oligarquía’ a comienzos de siglo, frente a la primera expansión de los movimientos obreros, y que en 1918 el gobierno radical no vaciló en resolver con una sangrienta represión los problemas sociales y la conmoción creada por la situación de postguerra” (GERMANI, 1979, p.319-320).

prosperidad y bienestar. En 1930 ya había 435.000 automóviles en todo el país, muchos más que en numerosas naciones de la Europa occidental y siete veces más que ocho años antes” (ROCK, 2001, p.137)⁴⁸. Mas este crescimento ocultava que se tinha encontrado um limite. Di Tella, (1985, p.171) afirma que a ocupação territorial constitui a línea divisória da formação econômica argentina, e não a crise do '30 ou o Golpe militar de 1943. Ademais, em momentos da Guerra caiu o ingresso de imigrantes e de capital⁴⁹. Díaz Alejandro (1983, p.55) assegura que este segmento ‘europeu’ da curva de oferta de trabalho na Argentina, que se incrementava em momentos de bonança e se reduzia em situações recessivas, foi fundamental para a falta de distúrbios laborais. Do outro lado, os que não voltaram a seus países passaram a se preocupar pela sua situação no país, reduzindo a certa apatia nas questões políticas que tinham mostrado até então.

Todavía, isto não era claro então⁵⁰. As expectativas que o passado continuaria a se repetir tiveram uma base enganosa porque, prontamente ao concluir a Guerra, a economia teve um formidável crescimento: “era difícil que esa historia fuera en el futuro tan buena como en el pasado. Por un tiempo pareció serlo, al punto que los años de la década del 20 encubrieron la realidad más profunda pareciendo desmentir estas voces agoreras que cuestionaban la posibilidad de continuar con éxito el mismo camino y que proponían nuevos e inciertos rumbos” (DI TELLA, 1985, p.174)⁵¹. Como exemplo desse engano alcança com destacar que a Argentina com vinte seis habitantes por veículo automotor, superava ao Reino Unido no número per capita destes veículos em 1930, a pesar da falta relativa de carreiras no país (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.66). O bem-estar econômico possibilitou que o conflito sócio - político também se atenuara. Por um lado, porque o crescimento permitiu que a gestão radical pudesse evitar um conflito com as elites terratenentes, enquanto contava com uma base material para satisfazer os interesses de sua base política (ROCK, 1986, p.215). Por

⁴⁸ “Los salarios reales, si se considera la menor jornada de trabajo, en los años de 1925 a 1939 fueron superiores a los de antes de la guerra.” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.52-54).

⁴⁹ “Era la señal de que las condiciones estaban cambiando en el mundo exterior. En parte también sugerían que Argentina iba acercándose al punto de saturación de su capacidad de absorber recursos procedentes de afuera” (ROCK, 2001, p.116-117).

⁵⁰ “ni aun ahora, ya que todavía este período es la inevitable base que todo argentino usa, y muchos extranjeros también, para firmar las virtudes de las políticas liberales del fin del siglo XIX y las extravagantes expectativas que aun nuestros grandes hombres se formaron sobre lo que podría llegar a ser nuestro futuro” (DI TELLA, 1985, p.172).

⁵¹ “Durante esta década, los términos del intercambio –precios de nuestras exportaciones con respecto a los de las importaciones– subieron de manera casi ininterrumpida desde 1922, llegando a sus niveles máximos hacia 1929. A eso se sumo –hecho no indiferente– un brillante ciclo climático, llegándose así a volúmenes y valores sin precedentes en nuestras exportaciones. Pero la expansión ferroviaria se había detenido; los máximos per cápita, a pesar de todo, comenzaron a descender. Sin embargo, esto no bastó para hacer ver que la base de la expansión de los años 20 era cualitativamente distinta, y aún más transitoria que la de preguerra” (DI TELLA, 1985, p.174).

outro lado, em 1922, ao concluir seu mandato, Yrigoyen foi sucedido por Alvear. Se no substancial a política continuou sendo similar, ele se distinguia daquele em que “carecía de su tinte populachero y obrerista, respaldándose en los sectores burgueses del radicalismo” (PEÑA, 1986a, p.27)⁵². Alvear era uma figura que a elite podia reconhecer como própria.

Em soma, diversos fatores fizeram que o período entre 1880 e 1930 fosse um acontecimento notável. A dinâmica do sistema capitalista internacional permitiu que um extenso território outrora esquecido e insignificante, na passagem de uma noite, se convertesse numa sociedade moderna, cosmopolita, avançada, culta e opulenta, como poucas em sua época. Entretanto, embora a conclusão desta época esteja habitualmente relacionada a mudanças nos mercados internacionais, diversos fatores *internos* já estavam manifestando que as condições que tinham possibilitado esse esplendor se tinham debilitado. A Argentina moderna foi moldada por uma elite terratenente com intenções progressistas, e, se aceitava a ascensão social, se situava a se mesma na cima desta sociedade. Numa comunidade de base rural, seu lugar na cúspide se sustentava por meio da posse territorial. Portanto, o latifúndio agrário era a chave de sua riqueza e de seu status social. Porém, em outros aspectos era relativamente fiel à doutrina liberal que professava. Em grande medida devido a que a excepcional abundância material possibilitou que este processo se desenvolvesse sem grandes conflitos. Em particular, a elite, ao desenvolver seu projeto, o fazia sobre um país que não existia; o fazia para uma sociedade que só se formou com a chegada do imigrante europeu. Este processo não foi traumático porque a abundante riqueza permitiu que eles compensassem a falta de acesso à terra com ocupações urbanas e gozaram uma extensa mobilidade social –e, quando não, ao menos tinham a esperança – nas profissões liberais, no comércio e, na pequena e média indústria. Alguns (Ortiz, Perón, Frondizi e Illia), inclusive, chegaram à Presidência da Nação (VÁZQUEZ-RIAL, 1999, p.144-145).

Os novos setores não desafiaram a constituição da propriedade territorial, nem a ordem econômica. Os industriais, como a restante atividade interna, eram conscientes de que dependiam de um mercado doméstico que se assentava de modo decisivo na venda dos produtos dos terratenentes ao exterior (PEÑA, 1973a, p.8). Também não o fizeram os chacareiros que se limitaram a reclamar uma baixa dos arrendamentos, assim como melhores condições para a comercialização da produção agrícola (HORA, 2003, p.208-09). Incluso, as agrupações operárias, longe de questionar o modelo econômico, faziam suas reivindicações

⁵² “Alvear y fracción estaban mucho más cerca del Jockey Club que Yrigoyen y su chusma. A eso se reducía todo el cambio. Respecto a los grandes problemas nacionales –dominio del capital extranjero, latifundio, atraso general de la economía- Alvear como Yrigoyen gobernó sin cambiar nada” (PEÑA, 1986a, p., p.27).

por meio dos mesmos argumentos econômicos que postulava a elite pampiana⁵³. Mas por outro lado, se exigiram terminar com o veda aos principais cargos políticos. A pretensão de igualdade democrática era uma questão que deixava à elite dubitativa. Tinha-se certo temor a ela, embora seus expoentes mais progressistas a reconheçam como inevitável ou até conveniente. Os grandes terratenentes não dependiam de formas políticas se não de formas capitalistas de apropriação do excedente, pelo que a instalação de um regime democrático não representava em se mesma uma ameaça a seus privilégios (HORA, 2003, p.225). A elite até aventurava que, com a abertura política, sua posição social seria ratificada pelo eleitorado.

Mas com a administração da UCR nomes novos apareceram no Governo. A elite, estupefata, começou a questionar as conveniências da democracia liberal. Embora em nada desafiasse a ordem estabelecida, por sua base popular acusar-se-á de ‘comunista’⁵⁴. A elite se tranqüilizou com a ascensão de Alvear em 1922, mas ela se exacerbou quando em 1928 Yrigoyen foi reeleito novamente. Isto derivou em que perdesse ainda mais ascendência sobre o resto da sociedade⁵⁵. Mas a diminuição do prestígio dos terratenentes tinha uma base econômica que passou despercebida. Seu projeto já não coincidia, como antes, com os interesses do resto da sociedade, porque já não era possível neutralizar as tensões sociais pela expansão territorial (HORA, 2003, p.208). Em 1912 se desatou o primeiro conflito rural importante ‘O grito de Alcorta’ quando os chacareiros efetuaram um forte reclamo contra o valor dos arrendamentos, e se tornaram independentes da órbita da Sociedade Rural (SRA), criando sua própria organização representativa, a Federação Agrária Argentina (FAA). Ademais, embora para esses momentos a agricultura tivesse deslocado à produção pecuária como a fonte principal das exportações, a forte identificação entre classes altas e produção pecuária se manteve cristalizada em seus rasgos básicos (HORA, 2003, p.110). Também não contribuiu para melhorar a percepção que a sociedade tinha da elite que se ofuscara em preservar o tradicional laço britânico. Ao postular o lema ‘comprar a quem nos compra’, “la Sociedad Rural Argentina asumió de defensa de la alianza en el ámbito de la discusión interna de la política económica, que los ingleses sólo podían defender de gobierno a gobierno”

⁵³ “Los obreros se manifiestan antiproteccionistas; ellos no comprenden que una industria incipiente deba ser protegida para poder desarrollarse. Además la industria es creadora de trabajo. Pero el obrero de fines del siglo pasado y comienzos del presente, en Argentina, ve en el industrial a un ser ávido de ganancias que, favorecido por el apoyo del Estado, obtiene gran provecho produciendo mercaderías de dudosa calidad, y explotando al trabajador pagándole el salario con una moneda cada vez más depreciada” (PANETTIERI, 1967, p.63).

⁵⁴ “El presidente y su partido eran anticomunistas, pero de ninguna manera compartían la opinión de muchos conservadores, según la cual todas las exigencias obreras eran injustas o «bolcheviques»” (BUCHRUCKER, 1987, p.34).

⁵⁵ “Los grandes estancieros se volvieron objeto de la animosidad de las mayorías, a punto tal que, para fines de la década de 1920, prácticamente todos los grupos de la sociedad veían en ellos un ejemplo acabado de una clase parasitaria y retardataria” (HORA, 2003, p.203).

(JORGE, 1971, p.87). Essa forma de atuar foi levando ao convencimento social de que uma aliança venal entre estrangeiros e ‘oligarcas’ nacionais administrava o país em seu exclusivo benefício (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.70-71).

Se a elite já se tinha decepcionado pelos acontecimentos posteriores à abertura democrática de 1916, a crise mundial de 1929 sepultou suas esperanças que o crescimento econômico trairia um alívio automático às tensões sociais. Sem um mecanismo político que lhes assegurasse a sua posição social, a elite, com a crise, temeu ficar sem um mecanismo econômico. Este quebre afetou a todos os argentinos. “Nuestro tradicional orgullo ingenuo – ‘Dios es argentino’– y la fe en el progreso ilimitado se resquebrajaron” (BUCHRUCKER, 1987, p.111). Quiçá tais maus augúrios eram exagerados; a comoção pela Depressão se vincula com as elevadas expectativas que se tinham⁵⁶: mas “estas expectativas estaban basadas en un diagnóstico errado sobre la naturaleza de nuestra expansión inicial que llevaba a proyectar nuestro futuro como una simple extrapolación del pasado, sin tomar en cuenta su transitorio e *irrepetible* carácter” (DI TELLA 1985, p.172). De fato, afirma Di Tella (1985, p.174) “la crisis de 1930 golpeó fuertemente, pero menos –hoy lo vemos – que en los centros industriales”; por isso a rechaça como linha divisória da evolução econômica do país, já que dez anos depois estava superada. Pelo contrário, sinala como tal o fechamento da fronteira territorial porque foi irreversível. Isto implicava certa redefinição a partir de então do modelo econômico agroexportador.

2.2 A Argentina depois da crise do '30.

Com a depressão em 1930 surgiu o recurso ao Golpe de Estado quando em 6 de setembro o general Uriburu toma o poder despojando a Yrigoyen. A elite, secundada pelo descontento social produzido pela crise, decidiu-se retomar o mando político. A recessão econômica serviu como um pretexto e uma ocasião para exteriorizar o despeito que a elite abrigava sobre o Partido Radical⁵⁷. O surgimento da recessão só intensificou essa tendência ao fazer mais aguda a disputa pelos recursos por meio do controle do gasto fiscal entre a elite terratenente e a classe média urbana que colaborou para que estas últimas abandonassem ao Governo, e Uriburu, com uma simples marcha de poucos cadetes desde a guarnição militar de

⁵⁶ Di Tella (1985, p.172) destaca que evidentemente diante essas expectativas, qualquer desenvolvimento posterior, só podia ser fonte de uma frustrante desilusão.

⁵⁷ Como manifestara um dos mais conhecidos participante do Golpe de 6 de setembro, José María Sarobe, “*El objetivo de la revolución era, por consiguiente, los hombres y no las instituciones, ni los partidos*” em Ciria (1985, p.21). “Los conservadores odiaban a Yrigoyen desde hacía mucho tiempo. Habían hecho todo lo posible por acabar con su reputación antes de las elecciones de 1928, y poco después de éstas empezaron a conspirar para derrocarlo. La oportunidad que esperaban llegó con la depresión” (ROCK, 2001. p.170).

Campo de Maio, chegou ao governo⁵⁸. “En la Revolución de 1930 triunfó una heterogénea coalición antiyrigoyenista, cuyo programa común en realidad se agotaba en el mencionado adjetivo: el presidente y la UCR debían ser despojados del gobierno” (BUCHRUCKER, 1987, p.84)⁵⁹. A primeira ação foi purgar as filas do governo de radicais, aos que se perseguiu inclusive com violência⁶⁰. Uriburu representava um setor da elite que procurava avançar para um marco de orientação fascista–corporativista e nacionalista – com “crítica despiadada de las instituciones democráticas y de la concepción liberal del mundo” (BUCHRUCKER, 1987, p.53)⁶¹–, que fracassou após ser derrotado em eleições livres em abril de 1931 na província de Buenos Aires pela UCR, o que debilitou totalmente este projeto⁶². Os conservadores compreenderam que o apoio popular a esse partido era muito maior do que imaginavam⁶³.

Após anular essas eleições e reprimir uma revolta radical em julho, Uriburu convocou a outras em setembro para definir seu sucessor, ficando a UCR proibida. Triunfou o general Justo que formaria uma ‘Concordância’ com conservadores, radicais antipersonalistas que abandonaram a UCR e o Partido Socialista Independente. Este comício deu reinício às práticas de fazer fraude nas eleições, a ‘fraude patriótica’, que somada a numerosos atos de corrupção oficial, perseguições e intimidações fizeram com que os anos 30 fossem denominados a ‘década infame’ na qual a Concordância governou respaldada pelo exército⁶⁴. Nesta “restauração conservadora” a questão se reduzia em purgar o sistema político dos

⁵⁸ “Yrigoyen fue víctima de una pugna por los recursos, que disminuían rápidamente, entre los intereses exportadores y poseedores de propiedades, la mayoría de ellos conservadores, y la clase media urbana, que era principalmente radical. Al sobrevenir la depresión, los primeros exigieron que se hiciesen recortes drásticos en los gastos públicos para reducir la presión que soportaban el crédito y los tipos de interés y permitir a los bancos responder con mayor eficacia a los terratenientes y comerciantes en apuros. La clase media reaccionó exigiendo que se aumentara más el gasto público con el fin de proteger el empleo y detener la caída de los ingresos urbanos. Finalmente empezó a reducir el gasto, pero no con la rapidez suficiente según los conservadores y demasiado rápido en opinión de los radicales. Así, al tiempo que se intensificaba la oposición de los intereses terratenientes y comerciales también se desintegraba el apoyo popular a Yrigoyen. (ROCK, 2001, p.170).

⁵⁹ “De manera adicional se la interpretó también como contrarrevolución preventiva frente a una supuesta amenaza anarco-bolchevique” (BUCHRUCKER, 1987, p.84).

⁶⁰ “El nuevo régimen consistía casi enteramente en civiles, la mayoría de ellos conservadores de cierta edad que habían ocupado cargos gubernamentales por última vez antes de 1916 bajo Roque Sáenz Peña o su sucesor Victorino de la Plaza. El gobierno provisional empezó inmediatamente a expulsar a los radicales de la administración, los gobiernos provinciales y las universidades” (ROCK, 2001, p.171).

⁶¹ “Más bien representaba una heterogénea alianza de personalidades y pequeñas organizaciones vinculadas con Uriburu, en quien se depositaban muchas esperanzas” (BUCHRUCKER, 1987, p.45).

⁶² “En abril de 1931 el triunfo radical en las elecciones de la provincia de Buenos Aires sepultó las ilusiones ‘revolucionarias’ de Uriburu. ...quedó claro para todos que las elecciones prometidas por Uriburu habrían sido favorables a los partidarios de Yrigoyen, cosa que los revolucionarios de septiembre no estaban dispuestos a tolerar. (ZANATTA, 1996, p.56).

⁶³ A pesar do escasso apoio da sociedade que teve Yrigoyen ao ser destituído em 1930, quando faleceu em 3 de julho de 1933 seu enterro congregou uma nutrida quantidade de seguidores. “Habrá que esperar al sepelio de Carlos Gardel para conseguir ver reunida una multitud semejante” (CIRIA, 1985, p.67).

⁶⁴ “el sector liberal-conservador se decidió por la siguiente estrategia: a) vuelta al sistema tradicional del roquismo, es decir, al fraude, haciendo imposible un retorno del radicalismo al poder por vías normales; b) uso de las Fuerzas Armadas –políticamente ‘purgadas’– como reaseguro militar de la nueva legalidad ficticia” (BUCHRUCKER, 1987, p.85).

radicais e em evitar que pudessem no futuro regressar (CIRIA, 1985, p.369), dado que se entendia a crise simplesmente como uma conseqüência da demagogia e corrupção do radicalismo. Até ser destituída por um golpe militar em 1943, a elite conservadora praticou um simulacro de legalidade no Congresso Nacional e na sucessão presidencial, procurando respeitar os períodos habituais de seis anos. O radicalismo – que manteve sua estratégia de abstenção até janeiro de 1935 – gradualmente passou a se integrar ao ‘sistema vigente’ e representou a ‘oposição’ com o partido socialista que “a medida que ‘envejecía’, se fue tornando cada vez más integrado por grupos de la clase media (debido a la intensa movilidad ascendente de los inmigrados) y acabó por representar, para el electorado independiente, tan sólo una alternativa del radicalismo” (GERMANI, 1979, p.321).

Nessa etapa a elite gera um profundo desencanto no resto da sociedade; “aunque conservado la arquitectura formal del régimen liberal constitucional, no fue de hecho más que su degradación en un régimen que traicionaba la letra y el espíritu de la trama institucional en la que afirmaba inspirarse” (ZANATTA, 1996, p.371). Seu comportamento lhe valeu o mote de ‘vende – pátria’ acusada de entregar riqueza do país para preservar seus interesses econômicos. “No hay en el transcurso de la presidencia del general Justo una sola medida que haya nacido animada por un sentimiento de bienestar público, una sola medida que tienda a defender la economía nacional de la rapacidad extranjera” exclamaria Scalabrini Ortiz (*apud* CIRIA, 1985, p.71), ícone do nascente sentimento nacionalista que surgiria com força nesses anos. Por outro lado, o Gabinete que armaria Castillo ao suceder a Ortíz chegou a ser denominado o ‘gabinete britânico’ (CIRIA, 1985, p.95). O estigma deste sentimento o constitui o que desde FORJA⁶⁵ Arturo Jauretche definira como o ‘estatuto legal da colônia’: o Tratado Roca-Runciman⁶⁶. Neste acordo, “la Argentina atemorizada por el colapso de sus mercados tradicionales trató, diría que sensatamente, de evitar su desaparición total de los mismos y transó tanto cuanto tuvo, o cuanto creyó que tenía que hacerlo, para poder mantener la puerta británica abierta (DI TELLA, 1985, p.175). Para muitos, as concessões econômicas concedidas ao Reino Unido foram excessivas por tão só manter as importações de carne⁶⁷. A Concordância governou em meio do aumento da desilusão e a

⁶⁵ FORJA (Força de Orientação Radical da Juventude Argentina) foi uma agrupação que nasce dentro da UCR nesses anos e que desde sua visão ‘nacionalista popular’ se aproximará a posições logo adotadas por Perón, assim como vários de seus membros se unirão ao peronismo.

⁶⁶ “El jefe de la delegación, doctor Julio Roca, pronunció estas palabras en Londres: La geografía política no siempre logra en nuestros tiempos imponer sus límites territoriales a la actividad de la economía de las naciones. Así ha podido decir un publicista de celosa personalidad que la Argentina, por su interdependencia recíproca, es desde el punto de vista económico una parte integrante del Imperio Británico” (CUNEO, 1965, p.25).

⁶⁷ “Es un hecho revelador de la mentalidad dominante en la época, el que los negociadores argentinos no tomaran en cuenta la dependencia de Gran Bretaña de las carnes vacunas argentinas. A principios de la década

indiferença popular, sem poder se livrar do estigma de suas origens, a fraude eleitoral (ROCK, 2001, p.176). Não possuía a convicção e confiança no futuro como o PAN. Carregados de certo cinismo, admitiam, por exemplo, as práticas fraudulentas que efetuavam nos comícios. “En las palabras de un autor, ‘era una corrupción que hacía escuela’. El malestar político y moral acarreado por esta situación engendró una notoria crisis de la confianza que inspiraban las instituciones políticas establecidas y de la creencia en su legitimidad” (JAMES, 1988, p.28-29) e “el Congreso adquiere en años de la presidencia de Ortíz – Castillo el inconfundible tono de los cuerpos colegiados en decadencia” (CIRIA, 1985, p.88-89)⁶⁸.

No aspecto econômico o país pode se imunizar bastante dos efeitos mais profundos da Depressão. Recuperou a atividade econômica, sendo fundamental a pujança industrial. Apesar de suas pretensões, o governo conservador terminou apelando a políticas de intervenção pública. Da mão de Federico Pinedo como Ministro de Fazenda, houve um espaço cada vez maior para a indústria na ordem econômica, crescendo os níveis de vida e de emprego⁶⁹. Em definitiva, como afirma Lewis (1992, p.85), a Concordância era politicamente retrógrada, mas a pesar de tudo, pode compatibilizar-lo com o progresso industrial. Contudo, a produção agropecuária teve um comportamento pobre sem poder manter o ritmo de crescimento das três primeiras décadas do século de 3,5% anual, e depois de 1930 o fez a uma taxa levemente superior de 1% (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.78)⁷⁰. Por outro lado, também diminuiu, entre ambos os quinquênios, a entrada neta de capitais, e como as remissões ao exterior dos juros e utilidades sobre o capital estrangeiro superaram os níveis prévios à crise, a relação entre essas remissões e a capacidade de pagos externos cresceu de 22% para 37% entre 1925-29 e 1930-34 (FERRER, 1990, p.192-193). O governo enfrentou o golpe externo por meio dos métodos tradicionais, mas ante sua magnitude teve que recorrer a disposições mais inovadoras na espera de recompor os lineamentos clássicos do país⁷¹. Ao assumir Federico Pinedo –

de 1930 Argentina proporcionaba el 60% de las importaciones y el 30% del consumo total del Reino Unido. No había fuente posible de sustitución de las carnes argentinas, con o sin política preferencial para los dominios y de protección de la propia producción interna del Reino Unido” (FERRER, 1990, p.232n°5).

⁶⁸ “A lo largo de la década fueron aumentando las dificultades para mantener la imagen seudodemocrática del régimen, que en su estructura efectiva podría quizá ser caracterizado como un autoritarismo oligárquico con parlamentarismo residual” (BUCHRUCKER, 1987, p.109).

⁶⁹ “Poco antes de la segunda guerra mundial Argentina se encontraba más o menos en la misma posición próspera y prometedor de la que gozara en vísperas de la primera” (ROCK, 2001, p.193).

⁷⁰ “Las tres características claves del desarrollo argentino desde 1930 en adelante fueron: 1) una baja e irregular tasa de crecimiento del ingreso per cápita; 2) una acusada disparidad en las tasas de crecimiento sectoriales, y 3) una disminución en el volumen de las exportaciones, en términos absolutos” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.75).

⁷¹ “Durante varios años se mantuvo la resistencia al cambio en la esperanza de un retorno a la división internacional del trabajo sobre la base de las ventajas comparativas de cada país, pero la evidencia de la generalización de los controles de cambio y las importaciones en todo el mundo golpeó suficientemente fuerte como para que la elite tradicional decidiera dejar de lado los principios teóricos y adoptara medidas pragmáticas para salir de la crisis” (JORGE, 1971, p.115).

apoiado por Raúl Presbich – as normas heterodoxas se incrementaram e o setor industrial adquiriu ímpeto. Em 1940 ante a depressão comercial vinculada à Guerra, Pinedo apresentou o Plano de Reativação Econômica que outorgava uma maior relevância à indústria. , se bem o setor primário continuava sendo o principal. Este plano foi rechaçado pelo Congresso, por razões políticas que logo se analisarão; porém, refletia uma mudança na postura dos conservadores frente à indústria.

Inicialmente ante a recessão mundial se baixou o gasto fiscal com forte corte no emprego público – na sua maior parte radicais – e se aumentaram os tributos, inclusive se introduziu em 1931 o imposto sobre a renda. Ante a suspensão da Caixa de Conversão a final de 1929 se permitiu que o peso se desvalorizasse até em 25% para finais de 1931. Dado que persistia um forte déficit no balance de pagamentos que afetou o nível de reservas de oro se subiram as tarifas de importação e em outubro de 1931 se impus o controle cambial. Em 1933 a crise se aprofundou; os preços de exportação representavam a metade que em 1929. O governo desvalorizou novamente a moeda que chegou a 60% por debaixo de seu valor ao inicio da crise. Com o Tratado Roca-Runcimam procurava-se garantir o nível de exportações de carne para Grã Bretanha e mediante a modificação no controle cambial e de remessas de divisas pode “regular no sólo el volumen de las importaciones, sino también su contenido y su origen” (ROCK, 2001, p.181). Para apoiar certos produtos se criaram Juntas Reguladoras (cereais, carnes, algodão, leite, vinho, etc.). A política fiscal se voltou mais expansionista, ‘más por presión de las circunstancias que por intención’ (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.102). A economia se recupera de 1933-39, ajudada por uma melhora nos termos de troca⁷²; se bem sofre por uma safra negativa em 1937-1938.

O impacto sociopolítico do polêmico Tratado Roca-Runcimam se confunde com seus efeitos econômicos; “su importancia y repercusiones, ha impedido analizar adecuadamente la política de los gobiernos conservadores” (RAPOPORT, 1988, p.264). A política de preferência imperial implementada pelo Reino Unido na conferência de Ottawa em 1932 que excluía outros provedores ameaçava suas compras argentinas⁷³. Para garantir as vendas de carnes ao mercado britânico se firmou este acordo. O conteúdo sustinha que, salvo mudanças imprevistas, a Grã Bretanha continuaria importando a mesma quantidade de carne argentina que tinha importado de julho de 1931 a junho de 1932 e que também não colocaria direitos

⁷² “En 1937 Argentina seguía ocupando el séptimo lugar entre los productores mundiales de trigo y el segundo entre los exportadores; también produjo la mitad de la linaza del mundo” (ROCK, 2001, p.184).

⁷³“Circularon rumores de que Gran Bretaña se proponía aplicar un 5 por ciento de recortes mensuales a las importaciones de carne argentina, reduciendo las compras hasta en un 65 por ciento durante el primero año” (ROCK, 2001, p.182).

tarifários às importações de cereais argentinos. Contudo, o Reino Unido não era um importante comprador de cereais argentinos, pelo que, em definitiva, os únicos verdadeiros beneficiários eram os grandes pecuaristas pampianos, embora, o tratado, de fato, equivalia a manter as importações de carne nos níveis relativamente baixos de 1931-1932. Por sua parte, a Argentina devia reduzir os direitos de importação sobre quase 350 produtos ao nível de 1930 e outorgar ‘trato benévolo’ às companhias britânicas para adquirir importações e tratar as remessas britânicas ‘bloqueadas’ no país como empréstimos a juros; também eximia às companhias ferroviárias britânicas de contribuir aos recém criados planos de pensões e preservava ao transporte marítimo inglês a maior parte do comércio anglo-argentino (ROCK, 2001, p.182-183). A sociedade sentiu que a oligarquia cedeu em forma totalmente desproporcionada com o único objetivo de salvaguardar seus interesses comerciais sem sequer fazer valer todo o peso de sua posição negociadora⁷⁴. Sentimentos reforçados pela política de regulação do transporte que, se afirmava, estava desenhada para favorecer à maior companhia britânica de bondes em Buenos Aires, a Anglo-Argentine – que se via prejudicada pela expansão dos ônibus⁷⁵. A pesar das acaloradas impressões, os efeitos concretos do Tratado foram mais modestos por causa da decadência britânica⁷⁶ e a impossibilidade argentina para incrementar suas importações, o que só produz uma reorientação do seu comércio externo⁷⁷. O governo também não se entregou tão mansamente, como se supus, a respeitar as cláusulas mais gerais do Tratado enquanto que capitais de outros países se radicavam já que não tinha impedimento legal (RAPOPORT, 1988, p.264), que ao mesmo tempo expandiam a indústria.

⁷⁴ “Cabe revisar también aquí una petición de principio que invalida el razonamiento, como es la aparente inevitable supeditación del comercio exterior argentino al mercado británico. (...) Tradicionalmente, como en la actualidad, el número de países demandantes de carnes en el mercado internacional es muy superior al de oferentes, lo que nos daba una ventaja innegable para negociar inteligentemente” (JORGE, 1971, p.55). “En estas condiciones no podría decirse que la Argentina se haya convertido en un Dominio británico, porque Inglaterra no se toma la libertad de imponer a los Dominios británicos semejantes humillaciones. Los Dominios británicos tienen cada uno su cuota, y la administran ellos (...) La Argentina es la que no podrá administrar su cuota; lo podrá hacer Nueva Zelanda, lo podrá hacer Australia, lo podrá hacer el Canadá, lo podrá hacer hasta el África del Sur” Senador Lisandro de la Torre (CIRIA, 1985, p.42).

⁷⁵ “En 1935 la Anglo-Argentine Tramway Company pidió que se garantizase a la Corporación de Transportes un beneficio mínimo del 7 por ciento, el tipo de subvención que se había utilizado mucho antes de 1890 para atraer inversiones británicas a Argentina. Como temía las represalias contra las exportaciones de carne al acercarse el momento en que había que renovar el Tratado Roca-Runciman, el gobierno de Justo se sintió obligado a mostrarse de acuerdo con que se crease la Corporación, a pesar de la fuerte oposición tanto de los ‘colectiveros’ como de los consumidores capitaneados por el Partido Socialista. Pero después de mostrarse de acuerdo, el gobierno no hizo nada para poner el plan en práctica. Evitó todo intento de obligar a los colectivos a entrar en la Corporación y denegó repetidamente la subida de las tarifas que pedían los tranvías” (ROCK, 2001, p.184).

⁷⁶ “Las exportaciones británicas a la Argentina se mantuvieron constantes en todo el período porque los industriales ingleses, debido a sus propias insuficiencias no estaban en condiciones de aprovechar al máximo el mercado argentino” (RAPOPORT, 1988, p.264).

⁷⁷ Pero las ganancias británicas se obtuvieron a expensas de los exportadores estadounidenses, japoneses e italianos, y no a expensas de los industriales argentinos, como se infiere por la acelerada tasa de crecimiento de las industrias de sustitución de importaciones, en especial la de tejidos de algodón, en esos años. (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.104 n.º27).

Ao mesmo tempo, a Argentina logo firmou tratados similares com Bélgica, Holanda, Suíça e Alemanha. Desde outra perspectiva, o Tratado garantiu um piso de vendas num momento crítico, essenciais para a própria expansão industrial que requeria de importações. Assim, o Tratado acabou sendo questionado mais por suas intenções que por seus efeitos⁷⁸.

Em 1933 Federico Pinedo assume como Ministro de Fazenda, secundado por Raúl Presbich, inicia uma política diretamente intervencionista e criando muitos organismos, inclusive o Banco Central em 1935, que sobre passarão esta etapa e muitas só serão dissolvidas em 1989 com as políticas pro - mercado de Carlos Menem. Ante a persistência da crise externa surgiu um interesse na expansão do mercado interno⁷⁹. Mas “no se trataba de un nuevo proyecto, distinto, sino del viejo proyecto adaptado a las nuevas condiciones, (...) ‘y por ende la industrialización no debía superar los límites requeridos para ese objetivo’ (JORGE, 1971, p.118-119). Dai a relevância da sutil indicação de Jorge do próprio nome ‘substituição de importações’: “es totalmente correcto. Sería inadecuado denominarla de otro modo, ya que ni el objetivo ni las características que adquirió el proceso fueron de implantación de una estructura agro-industrial integrada. La definición no se basaba en términos afirmativos de industrialización, sino negativa de las importaciones” (JORGE, 1971, p.119). Essa estratégia pode despregar se com considerável rapidez porque a Argentina possuía condições favoráveis. “Las instalaciones adecuadas del capital social fijo en las ciudades, la experiencia industrial adquirida, la existencia de una fuerza de trabajo urbana alfabetizada y los grandes mercados urbanos contribuyeron al crecimiento acelerado de la industria” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.106)⁸⁰. A indústria – têxtil e alimentos em conserva, seguidos por produtos químicos, metais e cimento – se converteu no setor de maior crescimento dobrando ao setor primário.

Com a Segunda Guerra as exportações caíram 20% enquanto os preços agrícolas um terço. Europa continental reduz suas compras de cereais de 40% para 6%. O setor pecuário passou a exportar carne congelada para as tropas aliadas e não sofreu em forma similar. A

⁷⁸ “Lo que nos interesa aclarar aquí son los alcances objetivos que tuvieron el pacto Roca-Runciman y los tratados bilaterales con los países europeos sobre nuestras importaciones en particular, independientemente de las intenciones y objetivos detrás de sus cláusulas verdaderamente leoninas, que perseguían más de lo que realmente obtuvieron. Las consecuencias del pacto en nuestras exportaciones, en el afianzamiento del monopolio frigorífico, en la discriminación de los productos ganaderos, etcétera, no están en discusión, y la abundancia de trabajos sobre el tema nos exime de comentarios” (JORGE, 1971, p.123).

⁷⁹ “En realidad, desde 1930 la creación de un mercado interno reviste el máximo interés para la burguesía terrateniente argentina. En base a ese interés se soldó un estrecho frente con la burguesía industrial, el cual tuvo infinidad de manifestaciones” (PEÑA, 1973a, p.30).

⁸⁰ “Durante todo el decenio de 1930 los fabricantes argentinos pudieron adquirir maquinaria de segunda mano a precios rebajados de empresas industriales extranjeras que habían quebrado. La mano de obra barata cada vez más abundante como consecuencia de la migración del campo a la ciudad” (ROCK, 2001, p.185).

atividade industrial pese à escassez de eletricidade e de subministros externos, cresceu mediante uso intensivo da mão-de-obra que provinha do interior à Capital. Pinedo em 1940 apresentou seu projeto de Reativação Econômica por meio de políticas anticíclicas temendo novas quedas nas exportações e aumento de conflitos sociais como sucedera durante a Primeira Guerra. Para alguns, o Plano Pinedo significava que incluso a oligarquia tinha aceitado a industrialização (LEWIS, 1992, p.96). O plano procurava fomentar ao setor com um sistema de crédito público, maior substituição de importações e começar a exportar-los⁸¹. Também propunha a expansão da construção, a través de um programa de lares populares que se esperava que criasse ao redor de 200.000 empregos.

Para Pinedo a base econômica do país continuava sendo a atividade primária. Todavia, entendia que o espaço que correspondia à indústria a partir das transformações econômicas ocorridas no mundo, era bastante maior. Em sua defesa do Plano ante o Congresso manifestou que as exportações agrícolas eram a ‘roda principal’ da economia, e a manufatura e a construção se converteram em ‘rodas menores’. Essa definição ficava evidenciada pelo fato que o Plano destinava seus aspectos principais para a ajuda da atividade agrícola, assim como o monto dos créditos para a indústria era somente uma sexta parte do que receberia o setor primário (ROCK, 1986, p.240). Segundo Di Tella (1985, p.174-176), o equipo de Pinedo tinha compreendido que a Argentina havia mudado a sua vantagem comparativa, particularmente a partir da constatação de que o país tinha preenchido a possibilidade de desenvolvimento baseando-se na expansão da fronteira territorial. “De tener una ventaja comparativa en la especialización completa en actividades agropecuarias, estaba pasando a una situación en la que el óptimo era la especialización en actividades agropecuarias y un conjunto cierto –pero no ilimitado – de actividades industriales”. Além de qualquer outra discussão, o fato significativo do Plano Pinedo é que a elite conservadora não se mostrou, *per se*, contrária a aceitar o desenvolvimento industrial.

Por uma disputa política, o projeto de Pinedo não foi aprovado pelo Congresso pelos deputados radicais. Dado que Pinedo procurava intensificar o comércio com USA também foi rechaçado pelos ingleses e resistido dentro da própria coalizão conservadora (RAPOPORT, 1988, p.265-266). Pinedo renuncia e a elite agropecuária mais reacionária se fortalece em torno da chegada à presidência de Castillo, e intenta manter os laços tradicionais com os britânicos. Este conflito cresceu a partir da Primeira Guerra quando a balança comercial

⁸¹ El llamado Plan Pinedo de 1940, es en efecto un coherente plan industrial no sólo que enfatiza al sector, sino que lo trata como potencialmente capaz de exportar, llegando a afirmar “que no hay una razón lógica para que la industria no pueda estar en situación de aprovechar ese mercado (norteamericano) y no sólo los de la proyectada Unión Aduanera del Sud”. Pinedo, como siempre, estaba adelantado a su tiempo. (DI TELLA, 1985, p.176).

argentina começa a arrojar um crescente déficit com USA que se salda com o superávit obtido com os ingleses. Se somou a intensificação da entrada de capital estadunidense – em 1913-31 cresceram de U\$S 39 para 654 milhões – que, adicionalmente, se dirigiam aos setores industriais não tradicionais, que “amenazaban también con alteraciones importantes al proyecto de los sectores ganaderos dominantes de un desarrollo agropecuario con la industrialización limitada a las materias primas de ese origen” (JORGE, 1971, p.97-98)⁸². Mas Argentina não tinha complementaridade comercial com USA⁸³. O setor mais conservador da elite tentará se aferrar ao vínculo inglês. O acordo Roca-Runcimam agravará as tensões dado que se é duvidoso até onde os britânicos se beneficiaram, é claro que os norteamericanos se prejudicaram⁸⁴. A Segunda Guerra agravou a situação porque a neutralidade argentina que não satisfazia as expectativas de USA, embora fosse aprovada por Grã Bretanha dado que permitia adquirir carne para suas tropas e preservava seus interesses na Argentina diante do avanço dos Estados Unidos. A guerra, assim, contribui a dividir as filas da coalizão governante, com o agravante que parte simpatizava com o eixo. Essa situação continuou indefinida pelo governo conservador⁸⁵. Mas este contexto incerto conduziu, finalmente, ao golpe de junho de 1943 pelas forças armadas.

O impacto da crise internacional sobre a Argentina supera o campo econômico, e as seqüelas que dele se derivam. “En esa década se definieron los atributos de la transición dramática y prolongada de un pasado tranquilizador a un futuro incierto y llegó a su maduración una convulsa crisis política, social, económico pero más aún de identidad nacional” (ZANATTA, 1996, p.17)⁸⁶. A deslegitimação e a decadência das instituições do regime liberal são acompanhadas pela aparição de novos atores, perspectivas e projetos

⁸² “Se trata de establecimientos dedicados, en su mayoría, a artículos industriales, maquinaria, vehículos, artefactos eléctricos, textiles, refinación del petróleo, alimentos y bebidas y productos farmacéuticos (...) También en estos años se radicaron compañías de seguros, bancos, como el First National Bank, el Banco de Boston, etc., y numerosas firmas importadoras y comercializadoras, mucha de las cuales comenzaron luego a realizar tareas de armado y manufactura, y, además, capitales norteamericanos compraron firmas ya existentes de origen europeo, como la Compañía de Teléfonos” (RAPOPORT, 1988, p.258).

⁸³ “Por otro lado, la condición de gran productor mundial de materias primas y alimentos EE.UU., y su política proteccionista, configuraban una relación comercial francamente competitiva y donde las importaciones argentinas de productos norteamericanos no tenían contrapartida compensatoria” (JORGE, 1971, p.19).

⁸⁴ De esta forma, mientras que las importaciones británicas subieron entre 1929 y 1935 del 17 al 25%, las norteamericanas cayeron del 27 al 13%, y las de Europa Continental del 31 al 25% (JORGE, 1971, p.124).

⁸⁵ Para Rock (1986, p.246-247) Castillo não tinha nenhuma política, e simplesmente esperava o desenvolvimento bélico para que os norte-americanos terminem com suas pressões e retomar o comércio com Europa ocidental.

⁸⁶ En efecto, ésta es la época de la crisis del proyecto y de los valores liberales de la Argentina de los años treinta. Una crisis radical que en el plano político llevó a la letal involución del sistema de partidos e institucional, amén de la inauguración de un endémico militarismo en la vida política; que en el plano económico y social se manifestó con la crisis del modelo de desarrollo primario explotador y la progresiva industrialización del país, cuyo correlato fue un rápido proceso de urbanización y recrudescimiento de la cuestión social; que en el ideológico y cultural se reflejó en la declinación de la confianza en el progreso y en la razón, que estaba en la base del proyecto nacional de la generación del ochenta y en la progresiva afirmación de corrientes de pensamiento radicalmente antipositivistas y antirracionalistas (ZANATTA, 1996, p.9).

políticos e sociais que começam a tomar força à medida que a velha aristocracia liberal-conservadora simplesmente procura, às vezes sem tomar se quer consciência destes acontecimentos, se aferrar como seja aos mecanismos que a tinham colocado na cima de social. As mudanças econômicas fizeram que a Capital Federal passasse a receber grande quantidade de migrantes internos ante a decadência do agro⁸⁷ e a expansão da indústria. Durante 1936-1947 a proporção de argentinos nascidos nas províncias que se radicaram na zona metropolitana de Buenos Aires, foi equivalente a quase um 40% de todo o crescimento vegetativo dessas mesmas províncias (GERMANI, 1979, p.323). Como resultado cresceu a quantidade de trabalhadores industriais de 383.000 para 544.000 entre a guerra e meados dos anos 30; em 1941 eram 830.000 e mais de um milhão em 1946 (ROCK, 2001, p.185). Esta mudança laboral modificou os fundamentos da força social da oligarquia terratenentes⁸⁸.

Outra mudança é a crescente presença de movimentos nacionalistas, que começaram, já no século XIX pelos próprios terratenentes em benefício de seus interesses – como contra o capital norte-americano nos anos 20. Depois da crise mundial adquirem relevância duas correntes distintas, um ‘nacionalismo popular’ e outro de ‘extrema direita’, e acabam ambos, sem propor-se-lo e em forma separada, apoiando o golpe de junho de 1943. O ‘nacionalismo popular’ surgiu durante as campanhas a favor da nacionalização do petróleo a finais dos anos vinte, sob o lema de deixar em mãos do estado ao petróleo e aos demais recursos naturais. A corrente de extrema direita terá uma influência mais decisiva. Germinou como resposta à subida da UCR, e depois passou a ter adeptos importantes na Igreja e no exército⁸⁹. A base deste tipo de nacionalismo era ‘uma declaração de guerra à democracia liberal’ (BUCHRUCKER, 1987, p.39). Se bem o grupo uriburista não se afiançou trás derrocar a Yrigoyen em 1930, se fortaleceu com sua aproximação à Igreja por suas características

⁸⁷ “Otro hecho significativo en la evolución del sector rural en la etapa abierta en 1930 fue el desplazamiento de la producción de cereales y oleaginosos por la ganadería vacuna en la zona pampeana, particularmente hasta principios de la década de 1950. En esto influyó la mejora de los precios relativos de la ganadería y la congelación de arrendamientos, que estimuló la retención de tierras por los propietarios y su dedicación a la actividad pecuaria. Además, la migración de la población rural afectó fundamentalmente a la agricultura, que demanda mayor mano de obra que la ganadería. Por otra parte, los precios relativos agricultura/ ganadería se movieron en contra de la agricultura hasta mediados de la década de 1950 y magnificaron el efecto de los aumentos de salarios sobre los costos de producción, estimulando el desplazamiento de tierras hacia la explotación ganadera” (FERRER, 1990, p.204).

⁸⁸ Dessa maneira, “contribuyeron a debilitar la base política del conservadurismo porque redujeron la dominación de los productores agrarios al tiempo que intensificaban el peso de los sectores que dependían de las manufacturas urbanas o veían éstas con simpatía” (ROCK, 2001, p.168).

⁸⁹ “El Ejército no había sido, especialmente entre fines del siglo XIX y principios del XX, para nada impermeable a la influencia del liberalismo y del anticlericalismo. Sin embargo, las señales de crisis del liberalismo se manifestaron precozmente en su interior. Por un lado, éste efectivamente fue invocado con más frecuencia para asumir deberes extra institucionales, como la represión de la agitación popular y la restauración del orden social. Por el otro, su disciplina interna fue cada vez más acechada por el activismo, entre las mismas filas militares, de militares socialistas o comunistas” (ZANATTA, 1996, p.381-382).

antiliberais, anticomunistas e anti-semitas ante o caos social observado no mundo⁹⁰. Em obras como a sumamente influente dos irmãos Irazusta “A Argentina e o império britânico” questionavam o vínculo dos grandes fazendeiros com o capitalismo estrangeiro e seu comportamento ético⁹¹. A Igreja foi importante neste processo; tinha apoiado o derrocamento radical. Sua influencia sobre o governo de Justo estava vinculada ao renascimento católico que apareceu durante a década dos trinta, e que teve seu apogeu durante o Congresso Eucarístico Internacional celebrado em Buenos Aires em 1934⁹². Mas logo se desencantou com as instituições liberais, sua corrupção e sua decadência. Essa percepção se intensificava em tanto observava como o crescimento industrial foi modificando a estrutura social. Assim, Zanatta (1996, p.12) afirma que este nacional catolicismo “se impuso como vehículo, no de mera conservación de las estructuras tradicionales, sino también de incorporación de las masas al estado”. A Igreja se afastou da Concordância e procurou ao Exército como agente do estabelecimento de uma nova ordem.

Com a Segunda Guerra, o exército começa a se preocupar pela seguridade nacional e desconfia dos norte-americanos, logo de seu apoio em material bélico ao Brasil⁹³. Em consequência, as influencias nacionalistas se fortalecem no exército, e este impulso se materializa no desejo de que a Argentina instale uma indústria armamentista nacional, idéia que ‘ejercía una fascinación creciente’ (ROCK, 2001, p.204). Ao final, o governo conservador caiu em desprestígio ante o exército que lhe põe ponto final em junho de 1943 e inicia a transição que derivaria na chegada de Perón. As impressões da Concordância, que ainda persistem na atualidade, lhe outorgaram um tom negativo as suas ações; por exemplo, a criação do Banco Central foi percebida como um ato de dependência espiritual da oligarquia

⁹⁰ “¿Dónde quedaban en 1930 el libre comercio y la armonía ‘natural’ del mercado? Los jóvenes intelectuales de derecha veían preocupados cómo las potencias liberales –Inglaterra y Francia– mostraban inesperados y desagradables rasgos: masas de desocupados y gobiernos ‘de izquierda’, como los de Ramsay Mac Donald (1929-1931) y Edouard Herriot (1932-1934)” (BUHRUCKER, 1987, p.41).

⁹¹ “La corrupción política dio un tinte de degeneración social a la elite tradicional, protagonista de una serie de escándalos, aparentemente interminable en los que intervenían figuras públicas y grupos económicos extranjeros, episodios que los nacientes grupos nacionalistas condenaron en muchas oportunidades” (JAMES, 1988, p.28).

⁹² “Las imágenes fotográficas han congelado momentos de movilización colectiva nunca vistos anteriormente en el país... Constituyó, sin duda, una ocasión de identificación de muchos argentinos y de los poderes públicos en un elemento común, la religión católica. ... Fue un momento de catarsis colectiva, en el que la afirmación de la cristiandad se impuso como respuesta a la crisis de identidad que atenazaba al país” (ZANATTA, 1996, p.155).

⁹³ “Es significativo que en un memorando del Departamento de Guerra de los Estados Unidos, de 1940, acerca de la provisión de armas a los países latinoamericanos, se estableciera una escala comparativa decidiéndose que, en primer lugar, las armas iban a estar disponibles para Brasil con tres fines 1º) defenderse de cualquier ataque alemán, 2º) controlar la situación interna y 3º) protegerse de ataques de los países vecinos (referencia obviamente dirigida a la Argentina). En la lista seguía México, para defenderse de cualquiera ataque de ultramar y controlar la situación interna; otros países centro y sudamericanos, para controlar su situación interna; y, en último lugar, la Argentina, a la que se le daban armas en la medida que estuviera disponibles, después de haber realizado las entregas a los demás países” (RAPOPORT, 1988, p.267).

com os britânicos⁹⁴ e a instauração das Juntas de Regulação como um mecanismo para consolidar os monopólios produtivos e comerciais existentes (CIRIA, 1985, p.46)⁹⁵. Contribuiu nesta imagem que membros do governo tivessem vinculações diretas com empresas estrangeiras⁹⁶. As denúncias a este tipo de intimidade oficial com os interesses de empresas estrangeiras eram correntes, e, evidentemente debilitou em grande medida a possibilidade de que os demais setores sociais se sentissem representados pelo governo da Concordância⁹⁷. Os grupos opositores também perderam credibilidade⁹⁸. O Partido Socialista acabou envelhecendo com a simples denuncia moral de poucos efeitos concretos e preocupado em defender aos consumidores de classe media baixa urbana. A UCR em 1935 terminou com sua abstenção e ingressou no sistema; o Presidente Ortíz provinha do partido, o que fazia difícil distinguir à UCR da Concordância. Apesar do cenário descrito a população manteve um crescente interesse pelos direitos políticos, que vai adquirindo fortaleza à vez que se percebe sem representante próprio (JAMES, 1988, p.28). Certo ressentimento das classes afastadas do poder se explica em que na ‘década infame’ a exclusão destes direitos políticos já não se deve, como na época da geração do ’80, a uma ‘ausência’ ou ‘passividade’ dos setores menos desenvolvidos da população, se não da ‘exclusão’ por meios compulsivos de estratos já

⁹⁴ “La actitud mental de la mayoría parlamentaria que aprueba el proyecto respectivo, está resumida por Pinedo con trazo maestro: “Más bien hubo parcialidad excesiva a favor del proyecto británico, del cual adoptamos no sólo muchas ideas sino también la fraseología, cuando nos pareció que no había en ello inconveniente serio, aunque creyéramos que podían adoptarse a veces mejores textos (...) *en ese momento se facilitaba la adopción de las iniciativas del gobierno si podíamos presentarlas como coincidiendo en mucho con lo aconsejado por el perito extranjero*” (CIRIA, 1985, p.45-46).

⁹⁵ “La empresa petrolera estatal YPF firmó convenios en 1937 cuestionados con la Royal Dutch Shell, y la Standard Oil, entre otras menores, en donde se acusó al gobierno de abandonar el control estatal del mercado petrolero” (CIRIA, 1985, p.48).

⁹⁶ O Presidente Roberto M. Ortiz foi um proeminente advogado das empresas ferroviárias inglesas como sucedera, durante a época do PAN, com Manuel Quintana e Victorino de la Plaza. “Los ministerios de Obras Públicas y Hacienda, por lo común, contaron siempre con titulares vinculados en una u otra forma al capital extranjero. Los bancos oficiales, los organismos autónomos del Estado, los cuerpos deliberativos, encontraban en sus filas políticos defensores de los intereses antinacionales” (CIRIA, 1985, p.300-301).

⁹⁷ Um episódio culminante foi o intenso debate no Senado pela investigação sobre o comércio da carne que beneficiaria aos grandes frigoríficos estrangeiros e aos poderosos pecuaristas nacionais. O propulsor deste famoso ‘debate das carnes’ era Lisandro de la Torre que suspeitava que os preços que pagavam os frigoríficos na Argentina não tinham relação com os que obtinham no exterior. As sessões tiveram tremendas repercussões na sociedade que as seguia atentamente. A isto se somou um episódio dramático quando em meio das sessões foi assassinado o senador Enzo Bordabehere em 1935, e as investigações sobre o acontecimento, embora nunca esclarecessem, apontaram diretamente a importantes membros do governo. Maior tensão se produziu quando o próprio de la Torre se suicidou a 5 de janeiro de 1939 gerando-se uma grande comoção em toda a sociedade. Ver Ciria (1985, p.44)

⁹⁸ “Es que la función opositora en el Congreso implicaba, quiérase o no, un aspecto de colaboración con el gobierno del fraude y de la abstención de una importante fuerza política” (CIRIA, 1985, p.60).

plenamente mobilizados (GERMANI, 1979, p.322)⁹⁹. Essa exclusão política se sobrepunha ao corte deliberado do acesso da classe média ao poder e a suas prebendas¹⁰⁰.

Contudo, a Concordância no âmbito econômico foi mais ‘progressista’ que no sociopolítico, em parte porque o novo estilo tecnocrático de governo confiou essas questões em especialistas (ROCK, 2001, p.175)¹⁰¹. Ao começar os anos 40 os trabalhadores se encontravam vivendo um relativo bem-estar, com salários reais crescentes num marco de pleno emprego (LEWIS, 1992, p.126). Adicionalmente, o regime de Justo patrocinou uma importante série de leis laborais que incluíam indenizações por despedido e restrições ao trabalho os sábados à tarde, medida que recebeu o nome de ‘sábado inglês’. Desta maneira, a defesa dos interesses mais imediatos da coalizão que sustentava ao governo não impediu que, simultaneamente, se inovara noutros âmbitos¹⁰². Ortíz, a pouco de assumir no lugar de Justo em 1938, tentou restabelecer uma democracia plena como fizera Sáenz Peña em 1912. Como resultado, nas eleições para o Congresso em maio de 1940, os radicais obtiveram sua maior vitória desde mais de um decênio; como afirma Rock, a abertura nesta ocasião gerou o mesmo resultado que a Lei Sáenz Peña: ‘abriu-lhe as portas aos radicais’. O setor mais reacionário da coalizão conservadora não estava disposto, novamente, a correr o risco de perder o controle político. A partir do afastamento de Ortíz por enfermidade, seu sucessor Castillo detém a abertura, e incluso começa a governar sob o estado de sitio desde 1941. Ao se aproximar a sucessão, esse setor da Concordância postula a Patrón Costas considerado pela sociedade como um oligarca reacionário, o que precipitou o golpe.

A chegada da cúpula militar implicava que a industrialização se transformava num objetivo primordial (ROCK, 1986, p.238). Isto se deveu ao interesse essencial do exército em estabelecer uma indústria pesada que pudesse resolver as ansiedades armamentistas. O governo militar mostra maior compromisso em seu desenvolvimento, como o reflete a criação do Banco de Crédito Industrial, se bem alguns autores observam que esse crescimento era tecnologicamente pobre. Ao concluir a guerra mundial, a Argentina se tinha convertido no

⁹⁹ “Esto sugiere claramente que la década infame fue experimentada por muchos trabajadores como un tiempo de frustración y humillación profundas, sentidas colectiva e individualmente” (JAMES, 1988, p.40-41).

¹⁰⁰ “Aunque las escuelas, academias y universidades administradas por la clase media mantenían la ciudad como centro de alta cultura, con frecuencia eran caldo de cultivo de aspiraciones sociales que luego se veían bloqueadas y de frustraciones acumulativas” (ROCK, 2001, p.194).

¹⁰¹ “Cuando se leen los anuncios oficiales de aquellos años, se adquiere la convicción de que las autoridades poseían un conocimiento cabal de las consecuencias de sus políticas de industrialización” (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.108-109).

¹⁰² “Así, las figuras más progresistas eran muy superiores en número a los reaccionarios en el gobierno, y aunque durante algún tiempo su preponderancia no contribuyó en nada a disminuir el fraude electoral, dio al régimen de Justo un carácter relativamente benévolo y tolerante que contrastaba mucho con el ambiente político represivo que existiera bajo Urriburu” (ROCK, 2001, p.175).

principal país industrial em América Latina (LEWIS, 1992, p.45). A pesar que a industrialização esteja identificada com o governo militar e depois com Perón, a indústria teve uma importante expansão durante a ‘década infame’.

A percepção que as administrações conservadoras tinham uma posição negativa respeito ao desenvolvimento industrial se sustenta essencialmente em algumas ações que se faziam entender que representavam somente aos interesses da aristocracia pecuária, como o mencionado Tratado Roca-Runciman. Mas os fatos foram diferentes das intenções. A política econômica dos governos conservadores, e sobre tudo, a da equipe econômico de Pinedo “tuvo dos aspectos aparentemente contradictorios: uno coyuntural, que estaba relacionado con la solución del problema de la carne para el sector ganadero, cuya influencia era, sin duda, considerable; y otro de largo plazo, que consistía en el estímulo y atracción del capital extranjero, en particular a través de efectos aparentemente ‘no queridos’ de la política cambiaria” (RAPOPORT, 1988, p.265)¹⁰³. Por outro lado, James questiona que a chegada de Perón possa ser interpretada primordialmente por meio do projetar um desenvolvimento industrial devido a que “con diversos énfasis y no sin irregularidad en el compromiso adoptado, sólo muy pocos de los principales partidos argentinos negaban, en la década 1940-50, la necesidad de alguna suerte de industrialización patrocinada por el Estado”¹⁰⁴. Quer dizer, longes de exclusiva de Perón a proposta de industrialização era mais um destino aceitado. James encontra a diferença que levará ao governo a Perón nos “distintos significados potenciales de la industrialización, es decir de los parámetros sociales y políticos con arreglo a los cuales ese proceso debía operarse. Perón tuvo la habilidad de definir esos parámetros en una forma nueva que atrajo a la clase obrera, así como la habilidad de abordar este problema en una forma que, particularmente creíble para los trabajadores, le permitió apropiarse del tema y el símbolo del desarrollo industrial y convertido en un arma política mediante la cual pudo diferenciarse de sus adversarios” (JAMES, 1988, p.34).

¹⁰³ “Hay autores que comienzan a preguntarse hoy si ese flujo no era el producto de una política deliberada de los gobiernos conservadores, que en el aspecto comercial respetaron los acuerdos bilaterales concertados con Inglaterra pero no impidieron la entrada de nuevos capitales procurando atraer inversiones de cualquier origen, y en particular norteamericanas. Porque no resulta casual que a fines de la década de 1930 –como lo muestran ciertos documentos británicos–, algunos dirigentes o gerentes de compañías británicas en la Argentina se quejasen del tratamiento incorrecto que les dispensaba el régimen conservador, o que, durante el gobierno del general Justo, la expansión de la red vial, impulsada por ese gobierno, haya asestado un duro golpe a los intereses ferroviarios ingleses, favoreciendo el desarrollo de los automotores en el que se hallaban interesados empresas norteamericanas” (RAPOPORT, 1988, p.265).

¹⁰⁴ “Mediante el Plan Pinedo, de 1940, el sector más articulado de la elite conservadora había afirmado su reconocimiento de la irreversibilidad de la industrialización. También el Partido Radical había adoptado una actitud cada vez más favorable a la industrialización, y su ala yrigoyenista aprobó en abril de 1945, en la Declaración de Avellaneda, un proyecto económico tan industrialista, en cualquiera de sus expresiones, como el de Perón. También la izquierda, encarnada por los comunistas y socialistas, había recurrido persistentemente a una retórica antiimperialista durante la década 1930-40” (JAMES, 1988, p.34)

Para analisar como a Argentina encarou o processo de industrialização é preciso distinguir dois momentos em que o desenvolvimento industrial foi contemplado. O primeiro é o impulsionado a partir da chegada de Pinedo como condutor econômico em 1933, e o segundo o que levará adiante Perón a partir de 1946 até a sua queda em 1955 – sendo que o governo militar de 1943 a 1946 constitui uma transição de um para o outro. O que os distingue é a base social e política que o sustenta. O legado da ‘década infame’ foi o descrédito da elite governante. Durante os anos trinta, a elite aristocrática pretendeu governar como se a experiência democrática dos governos radicais, e o interesse da população em participar nas discussões e decisões políticas não tivessem existido. Por isso, é que James vê na ascensão de Perón uma reação contra aquela elite que se apresentava iluminada, mas que tinha recorrido a práticas que bastardeava seu próprio discurso¹⁰⁵. James (1988, p.32) destaca o discurso de Perón reconhecendo os direitos cidadãos à classe trabalhadora que o governo conservador lhe negava. “No hay duda alguna de que esta clase de retórica tocó una fibra sensible de los trabajadores que acaban de salir de la década infame”

A Argentina tem suscitado inumeráveis vezes o interrogante de entender como um país que gerou tantas expectativas de grandeza, tinha realizado o recorrido decadente que mostram suas últimas décadas. Como afirma Rapoport (1988, p.267), a nação que se tinha constituído, em 1930, no quarto país em importância dentro dos investimentos dos Estados Unidos no mundo, em momentos da Segunda Guerra Mundial, para a óptica desse país, decaiu ao último lugar em América Latina. Algumas explicações apontam na direção de que a elite governante não soube se adequar às novas condições econômicas que surgiram mundialmente logo da Grande Depressão. Assim, Ferrer (1990, p.133-134) afirma que “después de 1930, cuando las nuevas condiciones del desarrollo del país exigían una transformación radical de su estructura económica, la permanente gravitación del pensamiento económico y la acción política de este grupo constituyó uno de los obstáculos básicos al desarrollo nacional”. Contudo, essa classe de explicação não resulta satisfatória por duas razões. Por um lado, porque, como se viu, a elite terratenente se mostrou disposta nos trinta a aceitar modificações na estrutura produtiva. Procurou e conseguiu desenvolver ao setor industrial, e em 1940 apresentou o primeiro plano de industrialização do país. Tanto, na realidade, que muitas de suas ações serão mantidas por Perón. Por outro lado, esta explicação é que supõe à elite, ou ao governo, como se situando por cima da sociedade. Quer dizer, lhe extirpa sua individualidade como grupo, seus interesses específicos e os conflitos destes com os de outros setores da sociedade. Na

¹⁰⁵ “En este sentido, la atracción política del peronismo era esencialmente plebeya; ignoraba la necesidad de una elite política particularmente iluminada y reflejaba e inculcaba un profundo antiintelectualismo” (JAMES, 1988, p.37).

realidade, os anos pós-crise de '30 mostram, não uma ausência de desenvolvimento industrial, mas a vigência de um conflito social intenso que tinha começado a surgir pouco tempo atrás.

“La clase dominante ha estado enfrentada casi permanentemente con el resto de la sociedad argentina, sobre todo desde que finalizó, hacia la segunda década de este siglo, la etapa inicial de gran expansión económica. Pero este enfrentamiento rara vez fue total y casi siempre se planteó de manera directa. No fue total porque habitualmente se dio en forma sucesiva con distintos grupos económicos y sociales. No fue directo porque los conflictos parciales no pudieron aunarse en el terreno socioeconómico sino en el ámbito de la intermediación política y del manejo del Estado” (SÁBATO 1991, p.155).

O problema que se lhe coloca à elite argentina não é o desenvolvimento industrial em se; é a aparição de grupos sociais opositores que punham em risco sua posição na cima da sociedade. Essa situação resulta, para ela, dramaticamente nova pelo fato que quando impulsionou a formação do país, o fez em grande medida ante a ausência de qualquer outro grupo social. Além disto, confiada em se mesma, nas condições do progresso, e em que sua situação social era indiscutível –e de fato o era, como o mostrava o caráter de celebração social das exposições da Sociedade rural – outorgou amplas liberdades políticas, econômicas, sociais e civis aos imigrantes europeus que se transformariam nos grupos que ameaçariam seu lugar. A concessão dos direitos políticos plenos em 1916 possibilitou, para seu estupor, que lhe arrebatam o controle do governo; a crise do '30 – a culminação do predomínio da atividade primária – pus em risco seu controle econômico. Portanto, a explicação dos eventos logo do fim do período agroexportador na Argentina, parece não residir tanto numa explicação econômica. Por outro a elite terratenente após cada avance popular na Argentina procurou purgar a sociedade desse evento. Assim, o fez durante a ‘década infame’ tentando ‘desradicalizar’ a sociedade, e assim o faria desde 1955 procurando ‘desperonizar’. Sobre essa última tentativa, Lewis (1992, p.8) declara que falharam basicamente por causa de uma incapacidade fundamental de reconciliar curas de economia ortodoxa para a inflação e produtividade estancada com popularidade política. É certo esse argumento, sempre e quando se tenha em conta que seu contrário não o é. Popularidade política e medidas recessivas têm sucedido na história argentina, como durante as segundas presidências de Perón e de Menem. Adicionalmente, foi em condições de relativo bem-estar que tanto a Concordância como o regime militar de 1943 caíram, como também sucederia com o governo militar de finais dos sessenta. Da mesma forma, James (1988, p.27) conclui que o atrativo político fundamental de Perón reside em sua capacidade para redefinir a noção de cidadania dentro de um contexto mais amplo, essencialmente social, que, por uma parte se baseava na exigência de restabelecimento de direitos já anteriormente reconhecidos, que a ‘década infame’ tinha pretendido extirpar. Sinala esse autor que Perón destacava à classe trabalhadora, como força

social autônoma, e que por isso devia ter acesso direto e privilegiado ao Estado por meio de seus sindicatos. É desde essa perspectiva que o projeto industrial de Perón diferia tanto do que tinha impulsionado a elite conservadora, já que neste a classe operária via “un papel vital para sí misma como agente en la esfera pública, considerablemente ampliada, que el peronismo le ofrecía como campo de actividad” (JAMES, 1988, p.31-35).

Díaz Alejandro (1983, p.11; 12), que declara sua ‘predileção pelo principio da vantagem comparativa’, destaca que “la influencia de los factores políticos, sociales y psicológicos sobre la evolución de la economía argentina llama la atención aun del economista que no ha profundizado en el estudio de otras ciencias sociales”. E conclui que “si hemos tomado en cuenta, aunque sea de paso, los factores extraeconómicos, no es porque creamos que de alguna manera diferencian el comportamiento de los agentes económicos argentinos de los del resto del mundo, sino porque han influido sobre las decisiones acerca de la política económica oficial”. Mas essas questões sociais parecem ter deixado de lado que a partir da ocupação das terras e da crise dos 30 em qualquer projeto já “no se contaría con una nueva fuente de acumulación, dada por Dios, por así decirlo, como había sido la renta de la tierra” (DI TELLA, 1985, p.177). E é sob esse marco que deve se analisar a industrialização argentina.

2.3. A indústria antes do peronismo.

O golpe militar de 1930 deixou em claro que se terminava a *belle époque* e a Argentina aberta ao mundo (CORTÉS CONDE, 2000, p.68); e a depressão mundial pareceu terminar com o modelo agroexportador. Mas como delineia Di Tella (1985, p.171), desde o ponto de vista econômico, nem esse ano nem 1943 implicam como habitualmente se considera uma linha divisória. Os efeitos da crise de 1930, indiscutivelmente, foram muito fortes. Mas os signos de esgotamento do modelo tradicional provinham desde a guerra. Vários fatores explicam isto, mas o fundamental radicou na conclusão da ‘expansão horizontal’¹⁰⁶. Para prosseguir num ritmo de expansão próximo ao verificado no médio século anterior, a exploração rural precisaria realizar mudanças importantes, basicamente procurando um maior rendimento por hectare. Mas essa meta chocava com o antigo conflito da concentração da propriedade territorial.

Os grandes terratenentes se dedicavam à atividade pecuária ou arrendavam a terra em parcelas relativamente pequenas para agricultores. Assim, a culminação do crescimento

¹⁰⁶ “Pero el año 1914 aparece como un claro punto de inflexión. El proceso de expansión horizontal de las tierras cultivables es cada vez menos significativo y comienzan a hacerse evidentes ciertos rasgos de desequilibrios estructurales que prenuncian crisis posteriores. A pesar de que a partir de 1917 se abandona la etapa depresiva, la economía agropecuaria pampeana ha entrado en una disminución relativa en el ritmo de crecimiento que llegará hasta la crisis económica mundial” (BARSKY, GELMAN, 2001, p.222-223).

horizontal da produção primária se traduz num conflito entre as atividades pecuária e agrícola, já que dito fenômeno se manifestou numa suba dos alugueis que derivou em 1912 em ‘O Grito de Alcorta’, que sinalizou o surgimento de relações tensas entre ambos os setores rurais. Ademais, dentro da atividade pecuária aparecerá uma divisão. O comércio de carnes passou a concentrar-se nas vendas externas promovidas pelos frigoríficos, praticamente todos de capital britânico ou estadunidense, que gerou uma divisão funcional dos pecuaristas argentinos entre ‘criadores’ e ‘invernadores’ que culminará numa feroz ‘guerra das carnes’ que abarcará à sociedade inteira. Os conflitos rurais estarão adicionalmente relacionados com as transformações do comércio externo. Enquanto serão as exportações agrícolas as que mais crescerão a partir do pós-guerra com destino para Europa continental, as de carne se concentrarão fortemente no mercado britânico. Mas a perda geral de dinamismo da economia inglesa e a crescente presença de países competidores, fundamentalmente USA, puseram em questionamento a forma de vínculo com o exterior, já que a economia argentina não era complementar com a americana como o tinha sido com a britânica. À sua vez, os capitais de estes novos países que arribam ao país se dirigiam ao setor industrial. Portanto, a década dos 20 mostrará um forte crescimento fabril e uma conseqüente importante expansão urbana. Enquanto isto por um lado implicou pressões para reorientar a pauta de comércio exterior – i.e., demanda de maquinarias importadas e proteção alfandegária –, por outro lado deu impulso ao crescimento de atividades conexas, já seja em pequenos estabelecimentos industriais ou firmas do setor serviços. Finalmente, a expansão da atividade interna repercutiu sobre o setor rural pelo crescimento da demanda interna de seus produtos, fundamentalmente carne, o que afetou fortemente aos ‘saldos exportáveis’. Essas tendências se agravariam com o crescimento industrial logo da crise mundial. Em soma, a Argentina saiu do modelo primário exportador acumulando uma série de conflitos, de distinta intensidade, que refletiam as menores possibilidades de manter a trajetória de crescimento econômico.

O desenvolvimento argentino se sustentou sobre a fenomenal capacidade de seu setor agrário que se expandiu em forma extraordinária entre 1875/1914 a uma taxa anual superior a 4%, permitindo a expansão “simultânea de toda classe de actividades rurales, con tierras abundantes, creciente red ferroviaria y mano de obra barata, ávida de empleo (...) Esta dinámica dependió, a su vez, grandemente en la continua incorporación de nuevas tierras para su explotación” (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p.229-230). Mas em momentos em que se inicia a guerra mundial esse modelo de crescimento tinha encontrado seus limites já que se tinha completado o processo de incorporação de todas as terras da pampa úmida. As atividades produtivas rurais se voltaram competitivas; questão relevante porque a partir de

1914 mais da metade do crescimento do produto setorial se compõe de cereais e linho, o dobro do de gado vacum¹⁰⁷. Logo da Guerra “las exportaciones continuaron siendo primarias, con las ganaderas siendo reemplazadas por las agrícolas, particularmente trigo, maíz y lino, en los cuales la Argentina llegó a ser vendedor mundial importante (20% en trigo y harina de trigo, 66% maíz, 72% lino y 32% avena)” (FERRER, 1990, p.159)¹⁰⁸. Mas o setor cerealífero teve rendimentos decrescentes, “sobre todo entre 1914 y 1929, cuando fueron comparativamente inferiores a los de los Estados Unidos, Francia, Canadá, Alemania e Italia par el trigo, y a los de Canadá y Australia para el maíz” (RAPOPORT, 2006, p.160).

Por causa do predomínio agrícola das exportações, a economia ficou mais vulnerável às flutuações externas, tanto por razões desde o lado da demanda, afetada pelas condições anormais da guerra e pós-guerra, como da oferta (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p.232). A produção agrícola, dependente do resultado aleatório das safras, ficou “sujeta a fluctuaciones más violentas y más frecuentes que las registradas en el de la ganadería, como consecuencia del régimen de lluvias en la zona cerealera, plagas, dificultades de almacenamiento y una cierta resistencia de los inmigrantes –agricultores para cooperar y eliminar así diversos riesgos sobre sus cosechas. Los ganaderos, operando en mayor escala, contando con mayores medios, podían regular mejor su actividad, esperando el mejor tiempo para vender sus productos con ventaja” (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, 236). Embora durante a década do 20 as exportações argentinas terão, em média, um notável desempenho as tendências do comércio mundial não eram favoráveis. O estalido do conflito bélico sinalou o fim de uma longa etapa de expansão do mercado mundial para produtos primários (HORA, 2002, p.248), pelo que o setor rural exportador se enfrentava “a la pérdida de dinamismo en la demanda de productos agropecuarios de clima templado y, en general de productos primarios” (FERRER, 1990, p.153). A competência internacional se fazia cada vez mais severa dado que os países europeus intensificaram a proteção agrícola à vez que diminuiriam seu consumo ante uma menor taxa de crescimento de sua população, além de outra serie de fatores que refletiam mudanças desfavoráveis para a Argentina como ser “el aumento en los costos de producción, especialmente transportes, maquinarias, implementos agrícolas y almacenaje; la insuficiencia del crédito agrícola; el encarecimiento de los arrendamientos” (RAPOPORT, 2006, p.160). Em 1910 a Argentina celebrou o centenário da revolução contra Espanha com uma faustosa comemoração. Mas a partir de esse momento surgiram importantes conflitos internos, embora

¹⁰⁷ “La distinción importante es que la actividad ganadera se caracterizaba por realizarse en grandes explotaciones mientras que la agrícola en unidades relativamente medianas-pequeñas” (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p.231).

¹⁰⁸ “En los quince años anteriores a la Primera Guerra Mundial las exportaciones argentinas se habían casi quintuplicado, con participación creciente de cereales y lino” (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p.232).

não estava em disputa o modelo econômico do país como produtor e exportador agropecuário: “la visión predominante negaba la validez de que la Argentina tendría destino como país industrial; esta concepción estaba también sólidamente enraizada en los partidos políticos, desde el conservador y el radical hasta el socialista (JORGE, 1971, p.18)¹⁰⁹”.

A plena ocupação das terras exigia transformações no aspecto produtivo para fazer viável manter o ritmo de crescimento. Mas a implementação de tais modificações se combinava com o maior tamanho e complexidade da economia, em termos de população, ingresso por habitante e diversificação estrutural, que impunha a integração crescente da atividade produtiva a través do desenvolvimento industrial (FERRER, 1990, p.153). Embora desde o ponto estritamente econômico a derivação imediata da ocupação total das terras significava a necessidade de melhorar a rentabilidade por hectare, as derivações de todas essas questões derivaram em inumeráveis discussões mais de tipo social e político sobre a propriedade da terra que em análises do tipo econômico sobre custos, níveis de produção, de explorações mistas, de rotação agrícola – pecuária, de progresso tecnológico” (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p. 231). A partir do ‘Grito de Alcorta’ ficou “de manifiesto las debilidades del sistema de producción agraria pampeana, y la idea de una sociedad en permanente progreso, de un ámbito pleno de posibilidades de ascenso social” (BARSKY, GELMAN, 2001, p.234). Para Hora (2002, p.208-209) essas tensões se fizeram manifestas por primeira vez porque no passado tinham sido neutralizadas pela expansão da fronteira, mas desde o ‘Grito de Alcorta’ a capacidade dos grandes terratenentes para falar em nome de todo o setor rural, até então nunca discutido por outros produtores, foi posta em questão pelo nascimento e desenvolvimento da Federação Agrária. A notável recuperação até 1928 fez que a sociedade dissipara as dúvidas que alguns tinham colocado sobre a viabilidade de manter a pauta tradicional de atividade econômica. Os produtores voltaram a ser otimistas e implementaram um rápido progresso técnico (avance da mecanização agrícola, mobilização de safras por transporte automotor, importantes mudanças genéticas nos cultivos, maior emprego de fertilizantes, desenvolvimento de fungicidas e herbicidas e melhores práticas culturais na produção) que levou a alguns autores a qualificar este processo de revolução das matérias primas (BARSKY, GELMAN, 2001, p.261). Em consequência, o país acreditou fatível o retorno à normalidade de pré-guerra, enquanto que “los dirigentes locales seguían creyendo en

¹⁰⁹ Em consequência, os parâmetros básicos compartilhados pela grande parte da sociedade argentina são explicitados por Vázquez Presedo (1978, p.132): “Comercio libre, moneda estable, exportación masiva de productos con mercados tradicionales, importaciones baratas. Esto era lo que convenía por entonces a la mayoría, incluyendo por supuesto a los consumidores necesariamente impacientes de la clase trabajadora. Esto era también lo más sencillo, lo que requería el menor esfuerzo, lo que planteaba el menor esfuerzo, lo que planteaba el menor número de problemas...en el corto plazo”.

las virtudes de la pampa con una fe que no puede menos que sorprender” (SCHVARZER, 1998, p.5). Contudo:

“Era difícil que esa historia fuera en el futuro tan buena como en el pasado. Por un tiempo pareció serlo, al punto que los años de la década del 20 encubrieron la realidad más profunda pareciendo desmentir estas voces agoreras que cuestionaban la posibilidad de continuar con éxito el mismo camino y que proponían nuevos e inciertos rumbos. Durante esta década, los términos del intercambio –precios de nuestras exportaciones con respecto a los de las importaciones – subieron de manera casi ininterrumpida desde 1922, llegando a sus niveles máximos hacia 1929. A eso se sumó –hecho no indiferente – un brillante ciclo climático, llegándose así a volúmenes y valores sin precedentes en nuestras exportaciones. Pero la expansión ferroviaria se había detenido; los máximos per cápita, a pesar de todo, comenzaron a descender. Sin embargo, esto no bastó para hacer ver que la base de la expansión de los años 20 era cualitativamente distinta, y aún más transitoria que la de preguerra” (DI TELLA, 1985, p.174).

O comércio exterior argentino passará a ter uma estrutura triangular com USA e com Grã Bretanha. Entre 1914-20, o saldo comercial com Grã Bretanha foi positivo em U\$S 848 milhões, enquanto que com USA foi negativo em U\$S 144 milhões; na década seguinte 1921-30 o balance favorável com os britânicos se incrementou a U\$S 1391 milhões à vez que o resultado negativo com os norte-americanos foi de U\$S 1057 milhões (RAPOPORT, 2006, p.150). É a partir da acumulação desses saldos favoráveis que a Argentina financia suas importações desde os Estados Unidos. Se bem os saldos serão relativamente equilibrados, a Argentina passará a comerciar mais com os países da Europa continental, o que se explica pelo maior dinamismo da demanda de produtos agrícolas por parte desses países logo da Guerra. Também se observa a crescente presença de Alemanha em vésperas da crise de 1930; em particular, no forte incremento das importações dessa origem¹¹⁰.

Tabela 2. Comércio exterior argentino (1910-1929)

(em milhões de m\$)

	1910			1920			1929		
	Importações	Exportações	Saldo	Importações	Exportações	Saldo	Importações	Exportações	Saldo
Grã Bretanha	268	391	123	496,8	635,6	138,8	345,4	697,3	351,9
Estados Unidos	118	60,1	-57,9	705,4	350,3	-355,1	516,3	216,6	-299,7
Europa Continental	358,1	293,7	-64,4	357,5	412,7	55,2	611,5	727,6	116,1
– Alemanha	149,8	106,9	-42,9	101,4	54	-47,4	225,2	216,9	-8,3
– Francia	82,4	89,6	7,2	125,1	161	35,9	119,9	154,3	34,4
– Itália	77,9	24,8	-53,1	94	77,9	-16,1	172,3	124,5	-47,8
– Bélgica	48	72,3	24,3	37	119,8	82,8	94,1	231,9	137,8
Total geral	862,2	884,3	22,1	2124,9	2372,9	248	1959,1	2176,6	217,5

Fonte: Jorge (1971, p.83).

¹¹⁰ “Si la participación de las compras argentinas desde Alemania disminuyó entre 1912 y 1929, pasando de representar de 17 a 12 por ciento, ello se debió al espectacular aumento de 17 a 27% que tuvieron las importaciones argentinas de origen norteamericanos, ya que las provenientes del Reino Unido registraron una caída no menos terminante, disminuyendo de 34 a 19 por ciento” (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p. 275).

Estas mudanças afetavam em especial à produção pecuária que concentrava a maior parte de suas vendas para Inglaterra¹¹¹. A má performance da economia inglesa logo da guerra tinha diminuído as exportações e o Presidente da Sociedade Rural, Luís Duhau, viajaria especialmente a Estados Unidos porque os ruralistas argentinos estavam interessados “en ingresar al mercado norteamericano, y aunque las exportaciones hacia ese país eran insignificantes había grandes esperanzas en su potencial expansión” (BARKSKY, GELMAN, 2001, p.240)¹¹². Contudo, o estado de ânimo dos pecuaristas argentinos mudou radicalmente logo de que USA proibira o ingresso de carne argentina sob alegação de um brote de aftosa (HORA, 2002, p.276-277)¹¹³. Ante essa situação, ao final da década dos 20 a Sociedade Rural lança a proclama ‘comprar a quem nos compra’, que Hora (2002, p.276-277) entende como destinada a forçar a abertura do mercado americano para a produção argentina, enquanto outros autores a tomam como expressando a afirmação do vínculo com os britânicos frente à pressão de outros setores internos por um maior comércio com USA. Isto gerou um duro conflito entre os pecuaristas contra esse país, à vez que afiançou o vínculo com o mercado britânico (JORGE, 1971, p.86). A partir desse ano, a Inglaterra começa a pressionar aos pecuaristas para reverter essa situação, e chega uma missão britânica especialmente por essa causa¹¹⁴. O conflito entre a SRA e USA foi intenso¹¹⁵, mas suas repercussões se estenderão a toda a sociedade argentina, já que os demais setores entenderão que a elite rural intensificará os vínculos com os ingleses em benefício próprio e em prejuízo do país.

A dinâmica da atividade fabril estruturou dois tipos de indústrias. Por um lado, uma grande quantidade de pequenos e rudimentares estabelecimentos que elaboravam bens de

¹¹¹“Mientras la creencia corriente es que nuestro comercio de importación y exportación estuvo dominado fundamentalmente por Gran Bretaña hasta fines de los años 30...ha sucedido que el comercio exterior argentino ha sido identificado siempre con el comercio de carnes, donde Gran Bretaña tuvo siempre un predominio indiscutible” (JORGE, 1971, p.82).

¹¹² “De acuerdo a estimaciones de la Sociedad Rural, la conquista de un cinco por ciento de ese gran mercado, que la propia producción doméstica estadounidense no alcanzaba a satisfacer, permitiría incrementar las exportaciones argentinas de carne en un treinta por ciento” (Hora, 2002, p.276-277).

¹¹³ “Su Departamento de Agricultura prohibió la importación desde el 1° de enero de 1927 de carnes frescas o refrigeradas vacunas, ovinas y porcinas de cualquier región donde existiera la fiebre aftosa (...) si bien se apoyaba en sólidos fundamentos científicos, la medida proteccionista fue fuertemente impulsada por los intereses rurales estadounidenses” (BARKSKY, GELMAN, 2001, p.240). “Los ruralistas creían, equivocadamente, que el embargo sanitario decretado en 1926 no tenía base científica alguna, y que no era más que una excusa para proteger a los agricultores norteamericanos. Por este motivo, afirmaban que era necesario presionar a los industriales norteamericanos para que éstos se movilizasen en favor de un intercambio más equilibrado” (HORA, 2002, p.278).

¹¹⁴ “La misión D’Averno había fijado el comienzo de las presiones británicas para conseguir privilegios comerciales en el país y no podía ser considerada ajena al pobre desarrollo relativo que mostraba el intercambio anglo-argentino, especialmente en el marco de los avances logrados en la materia por los Estados Unidos. Estas presiones no podrían ser resistidas mucho tiempo en un país como el nuestro, con exportaciones en competencia, y frente a un solo comprador como era el caso extremo de la carne enfriada” (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p. 164).

¹¹⁵ “En 1931, por ejemplo, el vocero de la Sociedad Rural instaba a sus lectores a no comprar maquinaria agrícola americana, argumentando que los tractores importados podían ser ventajosamente reemplazados por caballos. Para entonces, el lazo con Gran Bretaña estaba siendo defendido, aun a costa de la eficiencia del sector de exportación” (HORA, 2002, p.279).

consumo não duráveis; pelo outro, algumas poucas empresas de considerável tamanho, como os frigoríficos que surgiram no final do século XIX. Em geral, se bem existiriam algumas empresas nacionais de envergadura, a intervenção do capital estrangeiro na indústria até a primeira guerra se concentra quase exclusivamente na grande indústria com mercado no exterior (JORGE, 1971, p.47). Por sua demanda externa de matérias primas e insumos importados, a indústria foi fortemente golpeada pela Primeira Guerra; as conseqüências da queda das importações durante a guerra foram “especialmente severas en bienes intermedios no metálicos y en equipos y maquinarias industriales (CORTÉS CONDE, 2000, p.56)¹¹⁶. A década de vinte mostrou um novo vigor industrial. Barbero sinaliza que “en los años veinte la industria retomó su crecimiento, con tasas de expansión entre el 4,5 y el 5,1% anual, elevándose en dos puntos su participación sectorial en el PBI, que pasó del 16.5 % en la década de 1910 al 18.6% en la del veinte”. Em relação ao período anterior, os anos 20 apresentam duas novidades importantes para o setor. Por um lado, adquirem maior protagonismo ramos mais dinâmicos; por outro se produz a entrada de uma grande quantidade empresas estrangeiras. Em relação ao primeiro ponto, Barbero (2003) afirma que “se produjo una creciente diversificación de la actividad manufacturera, que puede medirse, en una primera aproximación, en el paulatino retroceso de la industria de alimentos y bebidas y el avance de otros sectores, en particular textiles”. O ingresso de investimento estrangeiro nos anos 20 registra uma forte expansão. Entre 1921 e 1930 se instalaram no país 43 grandes empresas estrangeiras no setor industrial, enquanto que entre 1900 e 1920 havia apenas 13 (VILLANUEVA, 1972). Até a Guerra a maior parte dos capitais externos tinha se radicado em serviços públicos (eletricidade, transporte urbano, telefones, companhias imobiliárias, bancos), e só em menor escala em algumas indústrias tradicionais (JORGE, 1971, p.94).

Tabela 3. Evolução da produção industrial, importações e exportações (1910-1930)

	Quantum da produção industrial nacional	Quantum das importações	Quantum das exportações
1910	100	100	100
1915	88,2	64,5	128,5
1920	115,3	85,6	133,2
1925	180,5	121	151,9
1929	220,4	159,9	205,4
1930	218	136,9	148,2

Fonte: Jorge (1971, p.73). (1910 = 100).

¹¹⁶ La energía que utilizaba la producción local se obtenía del carbón y el *coke*, que provenían de Gran Bretaña y cuando empezaron a faltar fueron reemplazados, parcial e ineficientemente, por la leña del monte chaqueño (CORTÉS CONDE, 2000, p.56)”.

A década dos 20 mostrará uma importante evolução do setor industrial. Embora essa atividade já viesse fazendo-se presente na etapa anterior, logo da guerra adquiriu um importante dinamismo. A indústria surge com várias características próprias, principalmente, porque a Argentina era um país consideravelmente rico para a época. Assim, os primeiros impulsos industriais estão fortemente ligados, em todos os sentidos, à própria expansão da economia primária. Para Jorge (1971, p.17) a considerável expansão dessas atividades manufatureiras não constitui uma anomalia, pois integravam o projeto original de país que as elites impulsionaram já que este se estendia ao campo mais amplo da produção de alimentos para o mercado mundial. Isto implicava que os ramos industriais envolvidos nesta definição estavam determinados, da mesma forma que a da produção primária, na demanda externa. É por isso que o autor afirma que a industrialização que se desenvolveu neste período o faz “en forma relativamente espontânea y se encamina por los cauces fáciles y poco conflictivos de la elaboración de la producción agropecuaria nacional en constante auge” (JORGE, 1971, p.43). Em 1913, a Argentina contava com 48.779 estabelecimentos industriais, o que quase duplicava o correspondente a 1895; estes empregavam 410.200 pessoas, o que constitui um 250% mais que em 1895. Os ramos de alimentos, bebidas e tabaco constituíam 40% das firmas industriais, respondiam por um terço do pessoal ocupado e geravam a metade do valor bruto da produção, enquanto que o setor de materiais para a construção respondia pelos 20% dos estabelecimentos e pelos 15% do valor bruto da produção e os ramos têxteis possuíam 20% das firmas, ocupava 18% da mão-de-obra industrial e gerava 11% do valor bruto da produção.

Tabela 4. Consumo e exportação de carne argentina

	Carneadas para exportar		Carneadas para consumo interno	
	(milhões de cabeças)	% total	(milhões de cabeças)	% total
1915	1,4	38,7	2,2	61,3
1920	1,4	41,7	2,0	58,3
1925	3,1	38,7	5,0	61,3
1930	2,1	32,8	4,4	67,2
1935	1,9	27,6	5,1	72,4

Fonte: Smith (1986, p.46).

Finalmente, só 5% das empresas provinha do setor metal mecânico, que contratava o 6% da ocupação e produzia 4% valor bruto da produção. (NEFFA, 2002, p.112-113). Os setores de maior importância foram os vinculados ao setor primário: frigoríficos, têxtil, ferroviários, artes gráficas e materiais para construção. A atividade industrial se caracterizou por produzir quase exclusivamente para o mercado interno, salvo pelos frigoríficos (NEFFA, 2002, p.110). Por outro lado, se o setor não foi diretamente promovido, resultou beneficiado

por certa proteção alfandegária seletiva já estabelecida, seja por razões de desequilíbrio externo ou por razões políticas. Jorge sinala que os fatores de proteção eram a tarifa de avalúos, os impostos de importação e a taxa de câmbio, sendo a primeira a essencial que não tinha sido alterada desde 1906¹¹⁷. A indústria se achava frente a uma grave falta de proteção. Após um pequeno ajuste, em 1923 o governo eleva a tarifa de avalúos em 60%, por razões impositivas pelo que “adquirió plena vigencia la protección arancelaria nominal establecida en 1906” (JORGE, 1971, p.62).

Tabela 5. Exportações de carne esfriada

	% total de Exportações de carne		% total de Exportações de carne
1920	11,8	1926	60,0
1921	36,6	1927	61,0
1922	60,9	1928	66,6
1923	52,5	1929	65,2
1924	44,7	1930	68,2
1925	50,6		

Fonte: Smith (1986, p.86).

Neste fluxo de entrada de empresas estrangeiras, as de origem norte-americana terão um papel destacado. O capital desse país até 1913 só tinha uma presença significativa na atividade frigorífica e apenas representava o 1% do capital externo total na Argentina somando menos de 40 milhões de dólares. Contudo, na década de 20 cresceu fortemente e para 1927 era de U\$S 487 milhões, em 1931 já constituía 18% do total com U\$S 650 milhões. Simultaneamente o capital estadunidense outorgou maior dinamismo à indústria devido à incorporação de novas tecnologias de produção e de gestão e de inovações nas formas de comercialização e demais características do *american system*, com a aplicação dos princípios do *management* científico, da organização fordista e de novos métodos de comercialização (BARBERO, 2003). Adicionalmente, o setor militar também estimulará à indústria. Apesar de que não se pode dizer que se deveu a seu exclusivo interesse, a criação de uma empresa estatal petrolífera YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscais), que instalou sua primeira destilaria em 1925, era parte do crescente interesse dos militares em desenvolver armamentos. A dinâmica da extração e o refinamento de petróleo se observam em sua produção que passou de 262.000 m³ em 1920 a 1.500.000 m³ em 1929, enquanto que em 1927 se criou a Fábrica Militar de Aviões (em 1937 se instalará a fábrica de pólvora e explosivos), confirmando a intencionalidade das Forças Armadas em promover a indústria nacional. O ramo têxtil, seguido pela metalurgia, se converterão nos mais expansivos entre 1920-1948. Para Barbero

¹¹⁷ Para Jorge (1971, p.69-70) a taxa de câmbio teve um comportamento ‘exatamente inverso ao que cumpriram os tributos alfandegários’, mas considera que sua influência foi ‘menos direta e decisiva’, enquanto que avaliava que o problema dos direitos de importação não era seu nível se não a falta de atualização dos tributos alfandegários.

(2003), essa expansão e modernização da indústria será a base para o desenvolvimento nos '30 do processo de 'industrialização por substituição de importações'.

O crescimento da indústria na década de 20 tanto mostrava os limites em que se encontrava o modelo primário - exportador como contribuía a enfraquecê-lo. A evolução da indústria nacional resultou ser, terminada a Guerra, muito mais dinâmica que a evolução do comércio exterior argentino. Assim, partindo do número 100 para representar o quantum numérico correspondente a 1910, essa cifra duas décadas depois se elevou a quase 137 para as importações, um pouco mais de 148 para as exportações e a 218 para a indústria nacional. Dado que as vendas argentinas estavam constituídas quase totalmente por produtos vinculados à atividade primária, e que parte importante das importações eram produtos para a produção manufatureira doméstica, se percebe uma dinâmica conflituosa para a continuidade do modelo primário - exportador. Em primeiro lugar, o setor primário não teve a mesma dinâmica que antes da guerra¹¹⁸, enquanto que a indústria se desenvolveu com maior intensidade. Essa expansão manufatureira estava relacionada com o destino dos capitais externos que ingressavam e o crescente peso dos Estados Unidos contra a diminuição da importância da Grã Bretanha. Um caso importante neste conflito será o dos frigoríficos. Os norte-americanos terão um peso cada vez mais forte no país neste setor apesar de que as exportações se dirigissem primordialmente para Grã Bretanha. Seus interesses farão a atividade frigorífica fortemente ligada aos grandes fazendeiros locais. Mas ao mesmo tempo impulsionará neles uma divisão econômica entre os pecuaristas 'criadores' e 'invernadores', já que estes últimos por ser mais ligados aos frigoríficos e portanto ao comércio internacional serão mais poderosos (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.73).

Tabela 6. Resumo dos Censos Industriais

	1914	1935	1937	1939
Número de estabelecimentos	48779	40606	49375	53927
Pessoas ocupadas (milhareis)	410	576	718	768
Força motriz (milhareis de HP)	678	2754	3048	3370
Produtos elaborados (milhões de pesos)	1862	3357	4709	5127

Fonte: Vázquez-Preedo (1978, p.281).

Simultaneamente, a pressão por melhores carnes também afetará ao setor agrícola já que deslocará a produção de grãos das melhores terras para que essas sejam utilizadas para a cria

¹¹⁸ “En algunos sectores como el ganadero empezó a detenerse en 1924; los cereales, por otra parte, no tuvieron el efecto dinámico de la preguerra. (...) Si se toma la tendencia entre los dos picos – el de preguerra, 1913, y el anterior a la crisis, 1929 – el crecimiento es apenas” (CORTÉS CONDE, 2000, p.79).

de gado¹¹⁹. O crescimento industrial - urbano derivou num aumento da demanda interna pela produção rural, gerando-se uma competência com o destino exportador. Especialmente, sucedeu com a produção pecuária. Isto se reforçou com o forte e sostenido aumento da participação da carne esfriada no total de exportações de carnes. Se durante a guerra a carne esfriada teve uma participação muito baixa no total de vendas de carnes –pelo conflito bélico Grã Bretanha priorizou a compra de carne congelada para suas tropas – sua participação a partir de 1920 cresceu fortemente e terminou a década abarcando quase o 70% do total. Em definitiva, seguia vigente a questão da total ocupação das terras que significava a necessidade de melhorar os rendimentos por hectare, isto é, da mudança tecnológica e a mecanização das explorações rurais, como sinaliza Ferrer (1990, p.153) quem aponta que essa problemática derivava no assunto mais conflituoso dos fatores institucionais, incluindo o regime de posse da terra, com uma significação distinta à etapa anterior. Ao mesmo tempo, a pesar da expansão agrícola, para O’Connell já estava em marcha uma tendência de queda dos preços agrícolas e de outros relacionados diretamente com eles na Argentina – quer dizer, ainda antes da crise de 1929, que normalmente se toma como ponto de partida da Depressão, e ademais observa a declinação paulatina no mercado internacional para alimentos de zonas templadas¹²⁰.

Tabela 7. Estructura da produção industrial segundo valor agregado (%)

	1930	1939		1930	1939
Alimentos e bebidas	26,2	28,9	Produtos químicos	8,3	7,3
Tabaco	4,5	3,7	Caucho	0,1	1,3
Têxteis	7,6	13,2	Metais	5,5	7,9
Confecções	8,7	6,9	Pedras, vidro e cerâmica	7,4	4,1
Madeira	8,6	4,9	Veículos e maquinarias	5,1	6,3
Gráfica e publicidade	9	5,5	Aparatos elétricos	0,1	1,5
Couros	4,6	3,9	Derivados do petróleo	1,9	3
Papel e cartão	2,4	1,6			

Fonte: Rapoport (2006, p.272).

¹¹⁹ “El desarrollo de la tecnología que permitió desde fines del siglo XIX el enfriado y la conservación de las carnes, dio un impulso importante a la industria frigorífica y a las exportaciones de sus productos. En efecto, dentro de este sector se desplazaron capitales desde la actividad agrícola hacia la ganadera: en el interior de las actividades ganaderas, en lugar de priorizar la cría de ganado lanar consumidor de ‘pastos duros’ que crecían en tierras marginales de la pampa húmeda, se incrementó la cría y engorde de ganado bovino, que requería tierras de mejor calidad, compitiendo con la agricultura; en lugar de dar prioridad a las exportaciones de lanas se asignó mayor importancia a las carnes y cueros, especialmente las vacunas. La alta calidad de las carnes lograda gracias a las características del alimento, mediante el mejoramiento genético y el progreso tecnológico en materia de enfriado y transporte marítimo de ese producto, permitieron competir favorablemente en el mercado inglés” (NEFFA, 2002, p.111).

¹²⁰ “La caída de los precios agrícolas y de otros relacionados directamente con ellos en la Argentina, solidaria con tendencias mundiales, es, pues, previa al año 1929, que normalmente se toma como punto de partida de la Depresión. Además, la Argentina se enfrentaba, crecientemente, no sólo con una inestabilidad acentuada de precios para sus productos de exportación, sino con una declinación paulatina en el mercado internacional para alimentos de zonas templadas” (O’CONNELL, 1984, p.16).

Neste marco se sufririam os efeitos imediatos da crise do '30. Em termos globais, os preços médios das exportações argentinas passaram de um índice de 129,5 em 1928 para 74,1 em 1933, o que significou uma queda do valor das exportações argentinas de 2.168 milhões de pesos a 1.121 milhões entre os mesmos anos. Por outro lado, as importações caíram de 1.959 milhões de pesos em 1929 para 897 milhões em 1933, o que significou, em termos físicos, uma queda no volume de 13 milhões de toneladas para 6,9 milhões de toneladas (JORGE, 1971, p.109). Para preservar aos pecuaristas se firmou o acordo Roca-Runciman¹²¹. Para evitar que os frigoríficos manipulem os preços contra eles se criou em 1933 a Junta Nacional de Carnes, que cuidaria os temas comerciais e industriais que os afetaram ademais de estabeleceu uma classificação do gado vacum (GIRBAL-BLACHA, 2004, p.43), o que era relevante em relação com os novillos – rubro principal da exportação de carne esfriada e congelada¹²². A Corporación Argentina de Productores de Carne (CAP) se ocuparia da quota de 11% do mercado britânico estabelecida pelo tratado. Também se criou a Junta Reguladora de Grãos para “evitar las ventas precipitadas por parte de los productores ante la desvalorización de la moneda corriente; mantener el nivel interno de los precios en beneficio de los productores; fijar oficialmente los precios de modo que éstos compensen al agricultor alguna ganancia y vender al precio vigente en el mercado” (GIRBAL-BLACHA, 2004, p.42). Tanto a Junta de Grãos como as de outros produtos chegaram a comprar e destruir quantidades significativas de produção ou subsidiar a supressão de safras. Em 1932 a lei 11.627 fixou normas para os arrendatários agrícolas¹²³. A intervenção se estendeu ao campo monetário com a criação em 1935 do Banco Central¹²⁴ e do Instituto Movilizador de Inversiones Bancárias¹²⁵.

¹²¹ “Al vencer el acuerdo Roca-Runciman en 1936, fue renovado por el tratado conocido como Malbran-Eden. En él las carnes argentinas resultaron gravadas en un 20% para su ingreso en el Reino Unido, y el monto recaudado por este arancel estaba destinado al subsidio de los ganaderos ingleses. Para compensar esta situación, el gobierno implementó un tipo de cambio diferencial para las divisas liquidadas por los frigoríficos, de manera de no afectar a las exportaciones” (BARKSKY, GELMAN, 2001, p.267-268).

¹²² “En ausencia de esta tipificación oficial, los frigoríficos estaban en condiciones de fijar los precios de compra siguiendo sus propios criterios, lo que daba lugar a reiterados abusos en el proceso de comercialización. Pero no sería hasta 1941 que se lograría implementar el sistema de clasificación oficial” (BARKSKY, GELMAN, 2001, p.267-268).

¹²³ “Las modificaciones más relevantes fueron: a) la supresión del límite en cuanto a la extensión de la tierra comprendida en las previsiones legales y que en la ley anterior se fijaba en un máximo de 300 hectáreas; y b) el aumento del plazo de arrendamiento mínimo de 4 a 5 años. El primer punto extendía al conjunto de las explotaciones los beneficios de la ley, lo que indicaba la importancia de los arrendamientos de tamaño medio y alto, y el segundo intentaba dar mayor estabilidad a los productores” (BARKSKY, GELMAN, 2001, p.269).

¹²⁴ “La nueva institución tendría por objeto a) concentrar reservas suficientes para moderar las consecuencias de la fluctuación de las exportaciones y de las inversiones de capitales extranjeros sobre la moneda, el crédito y las actividades comerciales; b) regular la cantidad de crédito y de medios de pago, adaptándolos al volumen real de los negocios; c) promover la liquidez y el buen funcionamiento del crédito bancario y aplicar las disposiciones de inspección, verificación y régimen establecidas en la Ley de Bancos; d) actuar como agente financiero y

Tabela 8. Produção e importação de manufaturas (1900-1945) (%)

	Produção Nacional	Importação		Produção Nacional	Importação
1900-04	41,4	58,6	1925-29	48,9	51,1
1905-09	40,2	59,8	1930-34	62,7	37,3
1910-14	42	58	1935-39	63,3	36,7
1915-19	53,7	46,3	1940-44	80,5	19,5
1920-24	50,8	49,2			

Fonte: Jorge (1971, p.77)

Um ano depois da chegada de Pinedo o PIB voltou a superar o de 1929 iniciando uma trajetória ascendente. Em 1945 tinha crescido um pouco menos de 50% em relação a 1931, o pior ano da crise pós- depressão. Em termos per capita, contudo, os resultados não foram tão bons já que só no final da década de trinta se recuperou o nível de 1929, embora se superou rápida e amplamente os registros mais baixos gerados pela crise. O setor primário em 1934 se recupera da crise, mas logo se estancou até receber um estímulo com a Segunda Guerra. Será o setor manufatureiro que se mostrará mais dinâmico. Se antes da crise o produto industrial era mais ou menos um quarto menor que o do setor primário, para finais dos 30 ambos se praticamente tinham equiparado. Durante a década de trinta a taxa de investimento interna, em relação ao PIB, apesar de certas flutuações, se manteve elevada até o início do conflito bélico. A indústria começou a crescer favorecida pelo controle do câmbio, a maior proteção alfandegária e demais medidas anticíclicas da época. Em termos gerais, cresceu perto de 7% anual na década, embora com flutuações. Assim, após a queda devido à crise, se recuperou em 1933-35, crescendo 16,07% e depois até 1939 a um ritmo menor, 5,52%. Em 1935 se efetuou um censo que atualizara os dados de 1914. A quantidade de estabelecimentos tinha se reduzido em torno de menos de 20%, a força de trabalho empregada na indústria se expandiu consideravelmente cerca de 40%, o valor da produção esteve perto de ter se duplicado e a força motriz empregada na indústria mais que se quadruplicou. Os seguintes censos de 1937 e 1939 confirmaram essa evolução, como pode ser visto na Tabela 8.

Este crescimento da indústria será diferente qualitativamente. Os ramos tradicionais, como alimentos e produtos pecuários mostrarão um crescimento muito inferior ao anterior e acabarão perdendo participação relativa no conjunto da indústria (RAPOPORT, 2006, p.272). Novos setores mostrarão maior dinamismo, será o setor têxtil que liderará a expansão

consejero del Gobierno en las operaciones de crédito externo e interno y en las operaciones de emisión y administración de los empréstitos públicos” (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p.178).

¹²⁵ O governo à vez criou outros organismos que regulavam a atividade econômica interna: Comissão Nacional de Fomento Industrial (decreto N° 58 de 15 de janeiro de 1931). Junta Nacional para Combater a Desocupação (lei N° 11.896 do 21 de agosto de 1934). Comissão Nacional de Coordenação de Transporte (lei N° 12.346 do 5 de janeiro de 1937). Comissão de Controle de Abastecimento (decreto N° 40.890 do 8 de setembro de 1939; essa Comissão foi criada para fazer cumprir a lei 12.591 de preços máximos).

crescendo entre 1930-35 a uma taxa de 10,5 % anual – contra 4,3 % da alimentícia. Outros ramos dinâmicos foram derivados do petróleo, veículos e maquinaria, metalurgia e cimento. Por outro lado, setores praticamente inexistentes até o momento, como produtos da borracha, as maquinarias e artefatos elétricos, tiveram a expansão mais notória. Ante a forte expansão destes setores, se produz uma forte contração das importações. Em comparação com os anos anteriores a crise, quando a produção nacional era responsável por menos da metade da demanda interna por manufaturas. A partir dos anos 30 a produção nacional passa a responder de 60 a 80% no final guerra.

Tabela 9. Indústria. Comparação de Censos (1914 = 100)

		CENSO	Força Motriz	Tamanho médio de Empresas por n° de operários	Números de Operários e empregados	Valor da produção a preços correntes
1	Sustâncias alimentícias, bebidas e tabacos	1935	215	130	81	128
		1939	367	131	95	176
2	Têxteis e suas manufaturas	1935	464	169	105	267
		1939	715	141	131	361
3	Produtos florestais e seus manufaturas	1935	157	91	65	61
		1939	213	97	87	96
4	Papel, cartão e seus artefatos	1935	219	75	214	309
		1939	565	83	299	552
5	Gráficas e publicações	1935	737	100	158	354
		1939	974	105	190	482
6	Substâncias e produtos químicos e farmacêuticos	1935	984	78	131	256
		1939	1799	85	185	379
7	Petróleo e carvão	1935	10864	32	1833	5324
		1939	18179	25	1971	7852
8	Borracha e suas manufaturas	1935	6169	664	2042	4576
		1939	8807	1054	4160	8744
9	Pedras, terra, vidro e cerâmica	1935	559	75	82	106
		1939	2380	85	122	223
10	Metais e suas manufaturas (sem maquinarias)	1935	874	208	154	294
		1939	1299	240	206	498
11	Maquinarias e veículos	1935	441	91	188	288
		1939	679	74	262	524
12	Fábricas de eletricidade	1935	403	34	98	
		1939	424	39	121	
13	Empresas de Construção	1935	363	46	329	
		1939	6010	38	499	
14	Mineração	1935	7071	165	204	712
		1939	12523	143	280	747
15	Couros e suas Manufaturas	1935	347	220	201	168
		1939	415	197	231	261
16	Outras	1935	965	252	151	239
		1939	1348	279	227	387

Fonte: Vázquez-Preledo (1978, p. 282).

A quantidade de estabelecimentos aumentou quase 20% entre 1935 e 1941, enquanto que a quantidade de pessoas empregadas na manufatura aumentou em quase 50% e o valor de sua produção se aproximou ao dobro. Também cresceu a energia empregada. Na tabela encontra-se uma análise da indústria, tendo como base o ano de 1914 = 100. Nos censos de 1935 e 1939 se comprova que todos os valores de produção de todos os setores aumentaram e utilizaram maior quantidade de força motriz. Também se vê que os ramos tradicionais foram menos dinâmicos que setores que até então eram pouco desenvolvidos, como os relacionados à borracha e ao petróleo, que registraram forte incremento. Outros ramos tiveram importante expansão no grau de força motriz utilizado (química e farmacêutica, pedras, terra, vidros, cerâmica e metais). As atividades de construção, mineração e exploração de petróleo também intensificaram seus ritmos. Os ramos de alimentos, tabaco, têxtil e confecções, que em conjunto representam cerca de 55% do produto manufatureiro tiveram um incremento no tamanho médio de suas empresas entre 1935/39 que logo se manteve estável. Este aumento foi superior inclusive ao número de trabalhadores envolvidos em suas atividades. Ou seja, os setores que mais explicavam a produção industrial no final da década eram intensivos em trabalho que não foi contrabalanceado pelo crescimento dos ramos intensivos em capital.

Portanto, o crescimento industrial argentino na década de 30 estará caracterizado pelo aumento da quantidade de pequenos estabelecimentos de baixo capital por unidade e de alta intensidade em trabalho. Essa tendência pode ser observada na tabela. Dos 13.244 novos estabelecimentos que surgiram entre os Censos de 1935 e 1939, 5.289 eram empresas que não empregavam trabalhadores e 4.649 contratavam entre um e cinco empregados. Isto é, 75% desses estabelecimentos tinham 5 ou menos operários. Só oito empresas criadas tinham mais de 1.000 operários e 65 contratavam entre 251 e 1.000 empregados.

Tabela 10. Desenvolvimento da Indústria Argentina (1935-1941)

	1935	1937	1939	1941
Estabelecimentos	40606	49375	53927	57940
Pessoal	597369	719052	769954	899960
Motores primários	2035812	2176284	2327578	2405511
Motores elétricos (energia comprada)	516889	630993	729668	842384
Motores Elétricos (energia gerada)	197043	241017	313410	354546
Jornada e salários pagos	781839	1001485	1123074	1284789
Matérias primas utilizadas	1964225	2880831	3002061	3851366
Combustíveis e lubrificantes utilizados	84145	105819	128042	207876
Energia Elétrica comprada	32080	36909	41840	58136
Valor da produção	3457832	4709090	5127307	6337304
Valor agregado	1377382	1685531	1955364	2219926

Fonte: Rapoport (2006, p.277).

Em relação a este tema, Neffa cita um estudo de Carlos Wolf que ao analisar ao Censo Industrial Nacional de 1935 confirma essa tendência, já que se o Censo indica a existência de 40.613 estabelecimentos com 526.495 trabalhadores, entre essas firmas se estariam incluindo parte de serviços. Por isso, Wolf resume em 37.965 os estabelecimentos e em 463.424 a quantidade de pessoal. “Esto significa que entre 1914 y 1935 el número de establecimientos había disminuido en un 20% aproximadamente, mientras que el personal ocupado se había incrementado en 16%. Esto significa un incremento del promedio de trabajadores ocupados por establecimiento, es decir, una mayor concentración de la producción”. (NEFFA, 2002, p.126). A partir daí, Neffa considera que os ramos de alimentos, bebidas e tabaco representavam 30% dos estabelecimentos, contratavam 25% do pessoal e geravam o 43% valor bruto da produção; têxteis e confecção constituíam 16% estabelecimentos, 23% pessoal e 20% valor bruto produção; as de metalmecânicas, maquinarias e equipes eram 20% estabelecimentos, possuíam 17% do pessoal e gerava 10% valor bruto produção; e, finalmente, a indústria química - petroquímica representava 3% dos estabelecimentos, 5% do pessoal, 9% do valor bruto produção (NEFFA, 2002, p.126). Este fator do desenvolvimento industrial será de fundamental importância e se intensificará no período entre 1940 e 1945, em que mais de 25 mil novos estabelecimentos serão criados, isto é um pouco menos que os que surgiram na década 1931-1940. Fundamentalmente, serão pequenas firmas industriais intensivas em mão-de-obra.

Tabela 11. Estabelecimentos industriais segundo quantidade de trabalhadores

	Quantidade de estabelecimentos		
	1935	1937	1.939
0	6931	11358	12.220
1 a 5	22638	24865	27.287
6 a 10	4833	5591	6.142
11 a 100	5480	6629	7.251
101 a 250	486	636	639
251 a 1000	200	233	265
Mais de 1000	36	47	44
Total	40.604	49.359	53.848

Fonte: Rapoport (2006, p.274)

Essa evolução no tipo dominante de estabelecimento industrial tem seu correlato na modificação na origem do capital aplicado. Enquanto até a década dos trinta predominava o capital estrangeiro, o processo que se inicia logo da primeira guerra mundial e que se intensifica depois da depressão mundial se caracterizará pelo nacional. Se em 1913, momento

de auge do modelo agroexportador, o capital externo representava quase 48% do total, a partir desse período começa uma clara tendência de perda de sua participação que chega a menos de 30% em 1931. Nos anos 30, está evolução se reforça e ao concluir a segunda guerra mundial o capital externo apenas superava 15% do total, apesar de ter continuado o estabelecimento de empresas estrangeiras, em especial norte-americana, em boa parte impulsionadas pelo controle da taxa de câmbio e o aumento das tarifas alfandegárias.

Tabela 12. Novos estabelecimentos industriais. Total do país.

	Estoque	Novos estabelecimentos criados no período
Antes 1920	16166	
1921-30		17047
1931-40		28097
1940-45		25130

Fonte: Neffa (2002, p.126)

Na tabela 14 se observa a população de estabelecimentos industriais existentes em 1946. Observa-se que 37% desse total foram fundado antes da década de 30, e que ditas firmas empregavam 56,6% dos trabalhadores no setor industrial, que geravam 61,4% do valor de produção. Por outro lado, 61,6% das empresas industriais foram criadas entre 1931 e 1946. Essas firmas empregavam 40,8% dos trabalhadores e geravam 36,6% do valor de produção. Percebe-se desta maneira o caráter dual da estrutura industrial dado que as empresas mais antigas eram de maiores e mais produtivas em relação à geração de produção. Por outro lado, as mais recentes, constituíam uma ampla maioria, eram de menores, empregavam menos mão-de-obra e geravam menor valor de produção.

Tabela 13. Acumulação de capital na Argentina 1900-45
(em milhares de dólares constantes de 1950)

Ano	Capital Total	Crescimento Anual (%)	Capital Estrangeiro	Crescimento Anual (%)	Capital Local	Crescimento Anual (%)	Capital Externo em relação ao capital total
1900	6.347		2.020		4.327		31,8
1909	12.966	11,6	5.250	17,8	7.716	8,7	40,5
1913	17.237	8,2	8.230	14,2	9.007	4,2	47,7
1917	17.517	0,4	7.980	-0,8	9.537	1,5	45,6
1920	17.464	-0,1	7.300	-2,8	10.164	2,2	41,8
1923	19.061	3,0	7.100	-0,9	11.961	5,9	37,2
1927	22.030	3,9	7.580	1,7	14.450	5,2	34,4
1929	24.474	5,5	7.835	1,7	16.639	7,6	32,0
1931	25.582	2,3	7.640	-1,2	17.942	3,9	29,9
1934	25.479	-0,1	6.920	-3,1	18.559	1,1	27,2
1940	27.365	1,2	5.570	-3,3	21.795	2,9	20,4
1945	27.654	0,2	4.260	-4,7	23.394	1,5	15,4

Fonte: Lewis (1992, p.49).

**Tabela 14. Principais empresas industriais estrangeiras instaladas
1900-43**

	Instalação de firmas por período			Total
	1900/20	1921/30	1931/43	
Alimentos e bebidas	6	5	2	13
Químicos e farmacêuticos				
a) perfumaria e tocador		6	5	11
b) Prod.químicos e farmacêuticos		7	7	14
Artigos de borracha e pneus		2	3	5
Pinturas e verniz			3	3
Metais	3	7	7	17
Têxteis		1	7	8
Artigos elétricos	1	10	6	17
Vários	3	5	5	13
Total	13	43	45	101

Fonte: Villanueva (1972. p.14).

Em relação às transformações na indústria durante os anos 30, Villanueva (1972) afirma que apesar de as taxas de crescimento não superarem as dos anos 20, se deram duas rupturas com respeito ao passado: a indústria passou a ser um dos impulsionadores do crescimento econômico e se produziu uma importante transformação na estrutura da produção, que acelerou o processo de substituição de importações (RAPOPORT, 2006, p.71). Mas este processo se efetuou com as características que marcarão o setor, já que, em geral, os ramos de maior crescimento eram aqueles que produziam bens de consumo finais, mais intensivos em trabalho que em capital, e que importavam, em grande medida, as maquinarias e os insumos intermediários que utilizava (RAPOPORT, 2006, p.272).

Lewis (1992, p.39-40) divide este período, que vai desde a grande depressão a ascensão de Perón em 1946, em quatro partes: entre 1929-1932 o considera de 'desorientação' ante os efeitos da crise e os acontecimentos políticos e as quebras internas; depois até 1937 se gera um renascimento da indústria caracterizada por um grande salto em relação à quantidade de estabelecimentos e de trabalhadores, embora uma forte queda na adição de força motriz; desse ano até 1941 teria se produzido outra recessão, marcada por muitas quebras. Finalmente, de 1941 a 1946 se produziu outra recuperação industrial estimulada pela guerra, mas que manteve sua característica intensiva em trabalho e não em capital, já que a empresa média era menor ao final que ao início deste sub-período. Lewis sinala que essas empresas só conseguiram sobreviver pela falta de concorrência durante a depressão.

Tabela 15. Emprego e produtividade na indústria

Período de Fundação		Estabelecimentos (%)	Trabalhadores (%)	Valor de Produção (%)
Era Liberal	Antes de 1870	0,3	1,7	2,0
	1871-90	1,4	6,4	6,8
	1891-1900	2,1	6,8	7,8
	1901-1910	4,6	10,5	10,1
	1911-1920	8,9	12,5	14,2
	1921-30	19,7	18,7	20,5
	Subtotal	37,0	56,6	61,4
Era Substitutiva de importações	1931-41	32,5	25,6	25,2
	1941-1946	29,1	15,2	11,4
	Subtotal	61,6	40,8	36,6
Não se sabe		1,4	2,6	2,0
Total		100,0	100,0	100,0

Fonte: Lewis (1992, p.40).

Em suma, a industrialização na década de 30 gera um subsetor de grande quantidade de pequenos estabelecimentos que proliferaram basicamente pela proteção real que gerou a crise internacional, o impulso político das medidas econômicas da equipe Pinedo-Prebisch, e a eclosão da segunda guerra mundial. Essas firmas se diferenciaram das empresas tradicionais do setor manufatureiro que se caracterizavam por uma maior envergadura e por uma maior eficiência. As novas empresas destinavam sua produção ao mercado interno e receberam depois o apoio do Exército quando tomar o poder em junho de 1943 por razões sociais – i.e., evitar conflitos trabalhistas similares aos que tinham ocorrido após a primeira guerra mundial – e militares – impulsionar a industrialização por causa de defesa nacional, período que inicia a era peronista.

2.4. Interpretações do desenvolvimento industrial argentino.

A década de trinta estará marcada pela recuperação do poder político por parte da tradicional elite rural, mais especificamente pecuarista. Contudo, a indústria crescerá fortemente neste período, e se alguma dúvida pode se levantar sobre se era intenção dos governantes impulsionar este setor, essa etapa concluirá com o falido projeto de industrialização de Pinedo, amplamente reconhecido como o primeiro projeto consciente nesse sentido na história argentina, ao mesmo tempo considerada por muitos como uma antecipação de muitas das medidas que logo implementará Perón para desenvolver a indústria. Portanto, se requer uma explicação que permita conjugar os fatores de governo da elite pecuarista com a decisão de impulsionar a industrialização, assim como do alcance e das limitações envolvidas para observar como se relacionam com o caminho logo empreendido

pelo peronismo. O primeiro passo consiste em ver como se resolveram os conflitos e as tensões que provinham das limitações do modelo primário-exportador.

Uma interpretação clássica sobre este período é a de Murmis e Portantiero que consideram que na década de trinta surgirá um projeto de industrialização sob a liderança da elite proprietária de terra. O caso argentino dentro da tônica aparentemente comum para América Latina apresenta a ‘originalidade’ de que este projeto se produz em momentos em que o aparato do Estado está controlado, indiscutivelmente, pelas forças conservadoras ‘oligárquicas’ que “no variaron, por ello, su contenido de clase: siguieron siendo representativas de los hacendados más poderosos, tradicionales beneficiarios de la economía agroexportadora” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.60-61). Opondo-se a outras interpretações que ressaltam ‘una oposición más o menos expresa entre grandes terratenientes y burguesía industrial’ ou a que meramente aceitam ‘una coincidencia coyuntural entre ambos os grupos’, entendem que surge uma aliança entre frações de ambas as classes que apresentam uma proposta de industrialização, mas de alcance limitado por ‘los rasgos del dominio de dicha situación social. Para Murmis e Portantiero (2006, p.60) a demonstração de que existiu um projeto industrial está nas cifras dos censos que mostram que o crescimento da manufatura entre 1935-37 iguala aproximadamente as cifras de 1914-35, fato que entendem não poderia ter se produzido de ter mediado a oposição de políticas governamentais. A elite rural aceita certa industrialização logo de perceber que o contexto internacional tinha cambiado, em especial dado que o resultado da aplicação inicial de medidas recessivas ortodoxas não evitou uma medida de emergência que os afetara a través do ‘empréstimo patriótico’ (VÁZQUEZ PRESEDO, 1978, p.156)¹²⁶. Após o Pacto Roca-Runcimam que resolveu as necessidades mais imediatas dos grandes pecuaristas, foi viável um novo bloco de poder, relacionado às protestas por parte da UIA por dito acordo¹²⁷, que incluía a industriais, possibilitado porque estes não efetuaram grandes demandas se não simplesmente que a política alfandegária não prejudicara ao setor.

A final de 1933, Pinedo lança o Plano de Reestruturação Econômica que contou com o apoio da Sociedade Rural (SRA) e da União Industrial Argentina (UIA), já que “los grupos

¹²⁶ Assim, Murmis, Portantiero (2006, p.76) consideram que se bem até 1933 as medidas protecionistas tiveram como fim ‘continuar escrupulosamente o serviço da dívida pública externa’, afirman que “a medida que la perspectiva de retrotraer la situación al esquema vigente con anterioridad a la crisis se alejaba, la promoción de la industrialización sustitutiva dejaba de ser una consecuencia secundaria de medidas tendientes a satisfacer otros fines, para transformarse en algo autónomo, pero integrante de un pan coherente”.

¹²⁷ Um acto em junho de 1933 convocou a operários e empregados: “Es la última vez –y creemos que la única– en que la UIA postula una alianza con los sectores subordinados del área industrial para oponerla a los sectores agropecuarios en conjunto, y que efectúa sus reclamos no en nombre exclusivo de los intereses empresarios, sino del sector industrial de la sociedad, considerado como un todo” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.70).

agrarios más privilegiados, una vez resuelta su integración en el mercado mundial – y esto es lo que conseguirán a través del Pacto Roca-Runciman – se ven favorecidos por el proceso de sustitución de importaciones”, mencionando dos líneas: “1) en tanto hubiesen comenzado a invertir directamente en industrias o estuviesen vinculados a ellas a través de grupos financieros; 2) en tanto, aunque no tuviesen intereses directos en ese sector de la economía, advierten que la existencia de cierta industrialización, permite un mejor funcionamiento del conjunto de la actividad económica, que permanece bajo su hegemonía”. Por outro lado, consideran que o Plano de Reestruturação Nacional de 1933 “punto por punto...recoge todos los reclamos, demorados desde hacía décadas de la UIA”. Mas essa fusão de interesses só se da entre estratos de cada setor, já que os pecuaristas se dividem entre ‘criadores’ e ‘invernadores’. Estes últimos logram o controle da SRA, enquanto que os pecuaristas deslocados tenderão voz especialmente crítica dos grandes proprietários e da Sociedade Rural na Confederação de Associações Rurais de Buenos Aires e La Pampa (CARBAP) e serão os mais violentos opositores à política econômica do governo continuando a manter um discurso livre-cambista, opondo-se ao pacto Roca-Runciman¹²⁸.

A nova estratégia econômica deu lugar a um “Estado intervencionista cuyas actividades se desenvolvían con gran autonomía respecto a los intereses de los actores socioeconómicos predominantes” (SIDICARO, 2002, p.55)¹²⁹. Este novo tipo de Estado surge a partir do golpe militar de 1930 que, por seu caráter antipopular e sua necessidade de se legitimar por meio de eleições fraudulentas, significou uma aproximação entre os dirigentes políticos e empresariais do país, que levaram a uma modificação das relações Estado - sociedade (SIDICARO, 2002, p.25). Para Girbal-Blacha (2004, p.37-38) isto se deveu ao fato da reforma constitucional ter significado uma derivação de um *regime político corporativista* que leva a restrição do voto e a representação funcional de setores, motivo pelo qual a administração estatal se converte agora mais que nunca num instrumento político¹³⁰. Assim, a forma de ação do Estado muda radicalmente, sob o auspicio do grupo econômico mais importante, mas procurando ao

¹²⁸ “El convenio Roca-Runciman traía aparejado el predominio del grupo ganadero más privilegiado en la orientación de la economía argentina. Se trataba de la consolidación de la supremacía del grupo social que había sido desplazado del poder político en 1916” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.69-70).

¹²⁹ Sidicaro encontra uma primeira tentativa de projetar um Estado intervencionista na década de 1910, quando tanto “los políticos conservadores y las corporaciones rurales, por razones no totalmente coincidentes, se habían planteado el tema”, citando o caso de Carlos Ibarguren quem afirma que muitos de seus projetos foram logo implementados precisamente pelo peronismo. SIDICARO (2002, p.24-25).

¹³⁰ “La mayoría de los políticos del conservadurismo que había vetado la reforma de las instituciones de inspiración fascista impulsada por el nacionalismo uriburista optó luego por la participación corporativa en la gestión de la economía, pero preservó bajo su exclusiva esfera de control los cargos políticos. Para la dirigencia conservadora, la democracia liberal, en tanto régimen político, se identificaba con el monopolio de sus partidos del usufructo de los puestos estatales, situación que debían ver amenazada por la predica ‘antipartidocrática’ de los nacionalistas con sus ideas favorables a la refundación corporativo-institucional de la representación social” (SIDICARO, 2002, p.32-33).

mesmo tempo uma convergência dos interesses dos principais atores econômicos. A fusão dos principais setores econômicos se verificará na participação conjunta de seus representantes nas juntas diretivas dos entes de intervenção criados. Para Sidicaro (2002, p.29), “esta manera de organizar el intervencionismo en la economía implicaba, desde el punto de partida, una escasa o casi nula autonomía del Estado con respecto a los sectores socioeconómicos predominantes”¹³¹, que o leva supor que as designações ‘deveriam recrutar-se’ em acordo e que, por isso mesmo, os empresários deram ‘boa acolhida’ ao intervencionismo quando começou a operar. Todavia isto não significou ‘a expressão de uma fácil circulação’ entre ambas as esferas, e que o setor político preservou para si os cargos nas províncias e legislaturas: “Es interesante destacar este problema que revela una característica importante del proceso de instauración del Estado intervencionista” (SIDICARO, 2002, p.32). Assim, “el Estado se realiza así como equilibrador dentro de un bloque de poder más complejo; como moderador de una *alianza* objetivamente estructurada alrededor de los intereses comunes de distintas clases” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.97)¹³².

Essa intervenção estatal impulsiona o crescimento da indústria argentina entre a depressão e a Segunda Guerra. Num conhecido artigo, Villanueva (1972) desautoriza a crença generalizada de que a indústria argentina passou a desenvolver-se depois dessa Guerra. Inclusive, questiona a visão de que se expandiu fundamentalmente na década de trinta já que ali se teria gerado uma ruptura em relação à tendência vigente anteriormente. A essa interpretação da industrialização ele denomina versão ‘olímpica’¹³³. Para ele, a informação “sugiere que en la década del treinta el sector industrial continuó creciendo globalmente según las tendencias de períodos anteriores (...) la tasa de crecimiento de la capacidad industrial (en el sentido señalado) es por lo menos igual o aún mayor para el período comprendido entre

¹³¹ Sidicaro (2002, p.31) encontra essa coincidência entre políticos e empresários da forma de intervencionismo uma característica própria da Argentina em relação a USA, França e versões fascistas e nacional-socialista, que preservaram “un mayor nivel de autonomía del Estado frente a los intereses sectoriales”.

¹³² “La posibilidad de percibir esos cambios no como disruptivos sino como integradores del sistema de dominio, queda radicada en la elite política, que se transforma en factor constitutivo, a nivel institucional, de una nueva hegemonía, cuya función es compatibilizar el desarrollo de las fuerzas productivas con las relaciones entre las clases propietarias” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.99).

¹³³ “La versión que comentamos señala que, como resultado de las dificultades para exportar (e importar bienes o capitales) emergentes de la Gran Depresión, mejoraron los precios relativos de los bienes manufacturados producidos localmente en nuestros países. Con el apoyo de una política económica destinada a mantener el nivel de la demanda interna, la rentabilidad de la industria local resultó acrecentada con relación al tradicional sector agroexportador. La consecuencia de este cambio en las posiciones relativas entre ambos sectores dio origen a una transferencia interna de recursos a favor de los bienes importables. Esta transferencia de recursos fue, precisamente, la que permitió el crecimiento de la industria local a niveles desconocidos hasta entonces” (VILLANUEVA, 1972, p.1).

1911-1929 que para el período 1929-1939”¹³⁴. A visão de Villanueva (1972) se sustenta na idéia de que entre a década dos vinte e a dos trinta a expansão produtiva baseou-se em boa medida no maior uso das instalações existentes (ademais de algumas plantas que instalou o capital estrangeiro). Desta maneira, a evolução da indústria na Argentina até princípios da Segunda Guerra Mundial apresenta importantes sinais de continuidade. Essa prolongação do processo industrializador também é aceita por Schvarzer (1998, p.11), embora visse precisamente nela a marca de “una continuidad que resultó ser perversa para la evolución futura de la producción local en la medida en que seguía apoyada en los mismos rasgos previos”. Seguindo o clássico estudo de Adolfo Dorfman sobre a evolução industrial argentina, resume assim suas características negativas:

“Su avance se ajustaba a los espacios que dejaba libre el control del mercado por los grandes intereses creados y, por otra parte, no reflejaba un proceso real de tecnificación semejante al observado en los países industriales avanzados, fenómeno que se extendería en el tiempo contribuyendo al retraso relativo del país. La producción industrial estaba dominada por la gran empresa, la concentración de la propiedad (repartida entre argentinos y extranjeros), y el monopolio de los mercados que abastecía. Ese monopolio, que ya se sentía a comienzos del siglo, sería una de las causas de su menor desarrollo relativo. Algunos de sus mercados estaban controlados por intereses externos (sobre todo, por los manufactureros británicos) y otros estaban repartidos entre los patrones locales.” (SCHVARZER, 1998, p.11).

As considerações de Schvarzer e de Villanueva são parte de uma polêmica sobre o caráter do processo de industrialização da Argentina. Quer dizer, participam do debate sobre se a industrialização entrou ou não em conflito com os interesses imediatos do tradicional setor primário - exportador. O próprio Schvarzer (1998) divide essas interpretações em duas perspectivas opostas. Num pólo situa a aqueles autores que ressaltam que o modelo primário - exportador possibilitou também o crescimento industrial, e que por tanto explicam “el posterior fracaso relativo del país en el apartamiento, luego de 1930, de las tendencias y políticas llevadas cabo a comienzos de siglo”; desde o pólo oposto, coloca a aqueles “tendieron a negar la misma existencia, o importancia de la industria, en la etapa agroexportadora porque no encontraban cómo explicar el fracaso sin destacar ese énfasis en las actividades primarias”. Schvarzer coloca dentro do primeiro grupo a aqueles que adaptaram visões ‘etapistas’, em grande medida seguindo o conhecido trabalho de Rostow que destacava momentos de evolução de uma economia desde seu caráter agrário ao industrial, mas efetuando no processo algum tipo de take off, que para a Argentina o situa próximo de 1935 (LEWIS, 1992). A interpretação mais fiel desse esquema é de Di Tella e Zylmemam que afirmam que pelas restrições que gera a Primeira Guerra o caso argentino

¹³⁴ “No es nuestro propósito sugerir que no hubo crecimiento del sector en la década del treinta; lo que se intenta subrayar es que en lo que se refiere a las tasas de crecimiento del sector, los datos existentes no apoyan la idea de que en al década referida se produjera una clara discontinuidad con el pasado”. (VILLANUEVA, 1972, P.4).

possui uma anomalia respeito às etapas de Rostow já que deve adicionar se uma etapa, constituída pela "grande demora" que suspendeu o passo da sociedade tradicional à moderna até 1933 quando o país teria retornado as trilhas do desenvolvimento "auto-sustenido". Di Tella e Zymelman assim explicam sua visão:

Por otra parte, la mejora en los términos del intercambio, particularmente durante los años del período que llamamos de Demora, permitieron creer en la conveniencia de persistir en la política seguida ante de la Guerra Mundial, y de intentar, por consiguiente, de ‘vuelta a la normalidad’ así definida. La gran depresión puso un brusco fin a este estado de ánimo, al poner al país frente a un marcado deterioro en los términos de intercambio y al agudo problema de la balanza de pagos. Paradójicamente, la nueva situación producida por el deterioro de los términos de intercambio fue de fundamental importancia para el poderoso impulso hacia el crecimiento autogenerado, característica del período 1933-1952. (DI TELLA, ZYMELMAN, 1973, p.67)¹³⁵.

Tempo depois, e alheio à polêmica que trata Schvarzer, Lewis (1992) também efetua uma análise sobre o esquema de Rostow. Em sua opinião, em momentos da Primeira Guerra Mundial a Argentina tinha cumprido com pelo menos dois dos critérios para a decolagem industrial. Seguindo parcialmente à visão de Di Tella e Zymelman, Lewis (1990, p.36-37) se baseia mais nas estimativas de Alejandro Bunge que dizem que a partir do conflito bélico se produz a emergência do capital industrial local num papel de liderança, já que entre 1913-1923 houve um crescimento industrial sem precedentes, mas que a pós-guerra foi um período de ‘doloroso reajuste’ no qual empresas que surgiram durante a guerra não puderam sobreviver. Lewis sustenta que, se são corretas as apreciações de Bunge, dado que as empresas que sobreviveram a este ‘doloroso ajuste’ apresentavam maior tamanho e melhor capitalização, o *take off* se teria produzido entre 1919 e 1929. Contudo, Lewis considera que só seria factível falar da existência de um *take off* em termos da magnitude do investimento. Mas se esse conceito se refere a um grande salto que conduziu a um crescimento auto-sustentável, então se produziu ‘um começo em falso’ já que logo a indústria se expandiu em termos de empresários, fábricas e trabalhadores, mas não em intensidade de capital. Assim

¹³⁵ Para Di Tella e Zymelman na Argentina se tinham criado as condições para uma decolagem do crescimento auto-sustenido da economia em momentos da primeira guerra mundial, mas o mesmo recém se produz a partir de 1933. Por isso seria a etapa da ‘grande demora’ porque consideram que a ‘etapa de pré-acondicionamento’ teria concluído em 1914, com os índices mais elevados de exportações per capita e a maior parte da área cultivável em produção, sem que se produzisse imediatamente a ‘etapa da decolagem. “La baja movilidad de los recursos, las estructuras político-sociales derivadas de la mala distribución de la tierra y el carácter antiindustrialista de la clase terrateniente obstaculizaron el paso de una etapa a la siguiente hasta 1933. a ese período lo denominan ‘la gran demora’, para llamar la atención sobre un fenómeno de ajuste sectorial dentro del proceso de crecimiento y sobre ciertos factores no económicos que pueden obstaculizar o acelerar el desarrollo” (RAPOPORT, 2006, p.156).

conclui que as etapas de Rostow não se aplicam ao caso argentino, e sugere o modelo de W. A. Lewis onde o crescimento ocorre por impulsos¹³⁶.

A outra corrente interpretativa que Schvarzer (1998) levanta parte do outro lado do espectro ideológico já que vem no poder dos terratenentes a causa central dos males que o país sofrera desde 1930 devido à idéia de que, por seu caráter parasitário, essa elite teria impedido o progresso industrial¹³⁷. Para Schvarzer, de fato, essa tendência constitui um critério "à Rostow" invertido - dado que supõe que, de outro modo, a indústria teria avançado por um impulso espontâneo -, apontando para um processo "natural" que se vê "freado" por interesses espúrios¹³⁸ que, adicionalmente, apresenta o inconveniente de impedir compreender o enorme crescimento prévio, levado a cabo por esses mesmos terratenentes, e explica sua popularidade a "sua simplicidade formal e sua caráter de crítica social a uma classe reduzida de homens no poder". Schvarzer faz referência a Jorge (1971) que considera que o projeto original de desenvolvimento econômico da classe terratenente incluía as indústrias que elaborassem alimentos e que logo este projeto foi modificado para incluir alguns ramos industriais pelo que os setores dominantes "pactaban una política de compromiso con varios grupos industriales (aunque) dejaban fuera de él al grupo más peligroso para su proyecto, constituido por los metalúrgicos". Schvarzer critica a Jorge que "la idea de que una rama era 'peligrosa' para el proyecto del poder, reduce la lógica dinámica de la industria a un sector específico, como si este pudiera 'corporizar' el avance tecnológico". Essas apreciações de Schvarzer são importantes para avaliar o grau no qual a indústria passou a constituir o setor principal na economia, ou seja, a possuir uma dinâmica autônoma do setor primário.

Mas neste momento, o que se procura estabelecer é o grau e o caráter do desenvolvimento industrial alcançado antes da aparição do peronismo para depois poder comparar ambos os períodos. Desde essa perspectiva, as primeiras conclusões se referem a que a Argentina antes da Segunda Guerra Mundial tinha alcançado um nível de

¹³⁶ Outro autor que também nega a tese da "grande demora" é Díaz Alejandro mas, sinala Schvarzer (1998), o faz para defender o processo de decolagem que haveria seguido a atividade econômica local até 1930, pelo que considera que "el conjunto de sus resultados se deriva de una perspectiva ideológica que revaloriza el papel del 'mercado' como autor espontáneo del desarrollo y ubica a la industria como una rama natural en esa evolución 'a la Rostow'"

¹³⁷ "Otros prefirieron centrarse en la dependencia nacional respecto de Gran Bretaña. Ambas formas de ver los problemas exigían la negación de toda posible existencia de la industria antes de 1930; en consecuencia, las presentaciones desde ese enfoque se basaban en reducir su importancia real o en asimilarla a una industria limitada a procesar las materias primas locales" (SCHVARZER, 1998).

¹³⁸ "Esa visión desembocaba en una polémica en torno a la cuestión arancelaria, que generaba recorridos falsos, tanto por la escasez de informaciones confiables sobre ese tema (y las estrategias al respecto, que no contribuyó a superar) como por la suposición más o menos implícita de que las tarifas aduaneras eran algo así como la herramienta exclusiva y esencial de dicho desarrollo. Pocos se extendieron sobre los restantes requisitos faltantes para que existiera la industria, que no son pocos" (SCHVARZER, 1998).

desenvolvimento industrial considerável, e que grande parte dele se produziu já durante os anos 20; inclusive para alguns autores mais nessa década que na seguinte. Nos 30, a indústria continuará crescendo, só que impulsionada conscientemente desde o governo. Visto assim, a análise de Jorge permite integrar as esferas políticas tratadas por Murmis e Portantiero com o estudo do crescimento industrial. Para este autor, a Argentina cresceu ao princípio em base ao ‘sistema oligárquico de dominação’ que, depois de embates dos capitais de Europa continental e de Estados Unidos e da classe média rural e urbana representada pelo radicalismo, finalmente, se quebra ao concluir a segunda guerra. Entende que certa industrialização ‘natural’ era aceita neste esquema, enquanto que os ramos ‘artificiais’ (metais e suas manufaturas, máquinas, têxteis, artefatos elétricos) era combatida pelos porta-vozes do setor agropecuário e desalentada pelas políticas econômicas, embora entenda que as empresas industriais nesses ramos lograram subsistir e ainda aumentar a sua produção durante os anos 20 (JORGE, 1971, p.20-22). Como se viu anteriormente, houve uma elevação dos aforos do ano 1923 que incrementou a proteção efetiva que o autor entende que esteve motivada pela necessidade de receitas fiscais, mas considera que os governantes não podiam ignorar a repercussão dessa medida sobre a indústria e a importação. Essa elevação dos aforos foi um antecipo de uma política de compromisso a nível do Estado, que arbitraria fórmulas que permitiram a incorporação ao sistema dos novos setores emergentes da dinâmica histórica, com as alterações mínimas indispensáveis, pelo que serão fundamentalmente as indústrias metalúrgicas as que conservarão o qualificativo discriminatório de ‘indústrias artificiais’ (JORGE, 1971, p.24). Em sua análise, a oposição do setor pecuarista entre invernadores e criadores teve seu correlato na atividade manufatureira entre as ‘indústrias naturais e as indústrias artificiais’.

A crise dos 30 gera uma mudança profunda ao tornar insustentável esse ‘método indireto’ de provisão de bens manufaturados no mercado interno já que implicava diminuir o consumo nacional de produtos industriais à metade do nível de pré-crise, o que segundo a análise de Murmis e Portantiero, incentiva às “actividades industriales locales que alteraran en la menor medida posible la estructura económica existente y las relaciones comerciales con los países con los que la Argentina comerciaba tradicionalmente (...) una alianza entre sectores agrarios e industriales, bajo la hegemonía política de los primeros” (JORGE, 1971, p.25). Contudo entende este projeto não como de industrialização independente do país, mas de mera substituição de importações sob a orientação da classe dirigente vinculada ao agro e às finanças. Por ‘substituição’, o autor se refere ao alcance limitado desta intenção governamental de que a produção nacional industrial não faça mais que substituir as

mercadorias que já não podiam adquirir se por médio das importações. Para Jorge, esse projeto de industrialização restringida à estrita ‘substituição de importações’ resultará superado por seu próprio impulso interno extrapolando os limitados objetivos que tinha a elite rural-industrial dominante. Essa superação teria surgido a partir do crescimento dos pequenos estabelecimentos de capital nacional que destinavam sua produção ao mercado interno¹³⁹. A característica desse grupo de industriais é objeto de outra interpretação da forma em que se deu a industrialização na Argentina. Essa visão se baseia em atribuir o atraso a que os proprietários de indústrias eram pequenos e não tinham poder político devido a sua condição de estrangeiros, pelo que não puderam impor seus pontos de vista no seno do governo e é sustentada por Cornblit (1967) quem analisa a escassa relação desses pequenos empresários de origem estrangeiro com os partidos políticos existentes¹⁴⁰.

Schvarzer (1998) critica essa interpretação do atraso da indústria porque “no se podría culpar a la élite de ignorar a los muy pequeños, cuya presencia era despreciable en términos sociales y económicos”, mas Jorge (1971, p.18-19) comparte a visão que esse grupo de empresários industriais de ramos distintos aos de elaboração de produtos do agro, que se desenvolveu dificultosamente antes, durante e depois da primeira guerra européia, carente de expressão a nível político partidário, foi fundamental para socavar o projeto de elite econômica do país. “El comportamiento del empresariado industrial como tal no se puede analizar en forma desvinculada de su rol de extranjero, que en gran medida es previo y condiciona su rol como empresario”, e por isso aclara que por capitais nacionais deve entender se também aos de estrangeiros que não tinham sujeição a grupos financeiros ou industriais do exterior. Terão dificuldade para assumir a questão nacional e sentir o país como próprio e por isso se manterão afastados de toda atuação política e do voto popular, e não livrarão uma luta por um projeto global para o país – refugiando-se numa postura quase

¹³⁹ Ello no obsta para que durante los años 20 el proyecto de industrialización limitada a las materias primas agrarias fuera rebasado parcialmente con el desarrollo marginal de una serie de empresas pequeñas y medianas surgidas durante la guerra, y aun antes, en otras ramas de la industria. (JORGE, 1971, p.23).

¹⁴⁰ “a) Para fines de 1918 existía un empresariado industrial en algunas regiones del país (principalmente en la Capital Federal y partidos suburbanos del Gran Buenos Aires) suficientemente maduro como para pretender imponer algunos de sus intereses en la política económica del gobierno; b) La poca influencia efectivamente ejercida por dichos empresarios se debió a una dificultosa comunicación entre éstos y los líderes políticos de distinto nivel. La falta de comunicación es especialmente importante en el caso del partido Radical, partido que detentó el poder entre 1916 y 1930; c) Los defectos de comunicación se debieron, por un lado, a las peculiares líneas de selección política de las élites del radicalismo en todos sus niveles (...) y, por el otro, a que la enorme mayoría de los empresarios industriales provenían de la inmigración ultramarina” (CORNBILIT, 1967, p.1-2).

exclusivamente corporativa –, razão pela qual não surgiu nenhum ‘partido industrialista’ (JORGE, 1971, p.32-36)¹⁴¹.

Nessa visão, a aceleração do processo de surgimento de indústrias, que passou de uma progressão de 1.700 novas indústrias por ano na década dos anos 20, para 2.800 nos anos 30 e para 5.000 anuais durante a segunda guerra, gerou uma nova classe de empresários industriais, de distinto origem à desenvolvida até 1920 nas indústrias tradicionais recrutada entre as famílias da velha oligarquia agrária ou entre setores de classe média alta que rapidamente se incorporaram a ela. “Resulta obvio que una aplastante mayoría numérica de estos nuevos establecimientos industriales correspondía a empresas de capital nacional, entendiendo por tales las que se financiaban del ahorro interno y trabajaban para el mercado interno, sin control de grupos financieros o industriales externos” (JORGE, 1971, p.151)¹⁴². Este processo levou a que a industrialização escapara do curso instrumentado pela elite do país porque conduziu a uma expansão da produção nacional que superou a mera substituição do produto importado. Isto gerou incrementos netos da demanda interna em função dos altos níveis de emprego, da incorporação de amplos setores da população ao estilo de vida e consumos urbanos e à política de incremento das rendas dos setores assalariados que tinha já começado em 1943 (JORGE, 1971, p.155).

Mas as tensões em torno ao processo de industrialização em marcha já se tinham manifestando antes da tomada do poder por parte dos militares em 1943. O momento chave foi a derrota do “Plano Pinedo” em 1940. Como se viu, a chegada de Federico Pinedo ao Ministério de Economia deu impulso ao processo de industrialização a partir de 1933. Embora fosse uma figura sem dúvidas integrante da elite do país, não ficam dúvidas de sua intencionalidade em promover ao setor manufatureiro nesse período. “...entre 1933 y 1943; ningún grupo social o político poderoso agitó un programa de crecimiento industrial más radical que el de la elite oficialista” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.61). O Plano Pinedo constitui para Llach (1984, p.3) “el primer documento del Estado en el que se

¹⁴¹ “...la inhibición básica en la conducta del empresario industrial – extranjero en tan alta proporción y a su vez con elevada densidad de origen judío – para disputar la hegemonía política a la burguesía agraria, que parte de su dificultad para hacer extensivo el sentimiento de propiedad sobre sus intereses industriales particulares a los del país en su conjunto, inhibición que nunca tuvo esta última. Su sentido de la propiedad de la tierra y la vinculación histórica de sus apellidos con la formación de la nación, determinó una disposición natural a confundir sus intereses con los del país, mientras que el empresariado industrial ha tendido generalmente a diferenciar la actuación gremial de la política, exaltando la independencia entre ambas, lo que en definitiva no esconde sino su complejo en ese terreno” (JORGE, 1971, p.34).

¹⁴² “Los nuevos sectores industriales indicados tuvieron orígenes heterogéneos. Básicamente surgieron de dos fuentes: las clases bajas y medias de origen inmigratorio radicados en el país desde fines del siglo pasado y principios del presente, y nuevos inmigrantes de clase media que huyeron de Europa en vísperas de la segunda guerra”. (JORGE, 1971, p.151).

considera la posibilidad de modificar parcialmente la estrategia de desarrollo económico vigente” e que “trataba de compatibilizar la industrialización sustitutiva con los requerimientos de una economía abierta - impulsando por lo tanto las exportaciones industriales”. O Plano Pinedo foi aprovado na Câmara de Senadores aonde o governo tinha maioria, mas foi rechaçado na de Deputados por uma coalizão parlamentar de conservadores, radicais alvearistas e socialistas, sob argumentos que reafirmavam a vigência e a validez da ideologia liberal¹⁴³. Para Murmis e Portantiero (2006, p.90) este Plano Pinedo é “el mejor testimonio de ese proceso de movilización de la manufactura bajo control de la elite tradicional que se produce entre 1933 y 1943” e a importância de seu rechaço consiste:

“...en que permite ver, de un solo golpe, la complicada armazón de las alianzas de clase en ese momento: la limitada vocación hegemónica de la clase industrial y el contenido de las orientaciones del principal partido opositor, la UCR, que se ubican como respuestas aún más ‘tradicional’ frente a la perspectiva de la crisis, que la sostenida por los grupos conservadores del Poder Ejecutivo y del Parlamento” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.91).

Assim, as interpretações sobre as razões que levaram à não implementação do Plano são políticas: “Pese a tratarse de la propuesta más elaborada y más integradora que el excluyente régimen político instaurado en 1930 pudo ofrecer al país, el Plan fue derrotado políticamente. Este fracaso no fue el producto de las virtudes o defectos del Plan, ni de sus evidentes vacilaciones, ni de nada que le fuera intrínseco” (LLACH, 1984, p.3). A complexidade da situação se relaciona por um lado no crescente conflito dentro do bloco de poder instaurado em 1930. Os grandes grupos econômicos tinham disputas pelo avance da ala política que implicava em aumentos de orçamento público e tributações¹⁴⁴. Sidicaro (2002, p.35-38) encontra nas disputas geradas a partir do Plano Pinedo um “hito importante en la relación entre el conservadurismo en el gobierno y los principales sectores empresarios”. Para o autor, a posição da SRA, que contrastava à aberta adesão ao Plano de Ação Econômica de 1933-35 que criara todos os organismos de intervenção, mostra que nesse primeiro caso a diferencia do segundo ‘a corporação participou de maneira ativa’¹⁴⁵. Sidicaro parece entender que a ruptura

¹⁴³ “La posición radical es tajante, tal como la sostiene uno de sus diputados: “Podrán caerse todas las chimeneas, pero mientras el campo produzca y exporte, el país seguirá comprando lo que necesite, seguramente a un precio menor que lo determinado por, la aduana para favorecer intereses creados” (LLACH, 1984, p. 21). “Así, el eje central de las críticas de la UCR al ‘Plan Pinedo’ está centrado en lo que tiene de proteccionista” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.95).

¹⁴⁴ “El sistema del ‘fraude patriótico’ de los años treinta (y las políticas necesarias para sustentarlo) habían llevado a choques al interior de las clases dominantes, y con las maquinarias partidarias, en la puja por los crecientes recursos necesarios para sustentar el clientelismo inherente al sistema de fraude” (CAMPIONE, 2003, p.20-21).

¹⁴⁵ “En un petitorio, en que las corporaciones empresariales solicitan que Diputados trate el Plan, Sidicaro encuentra una implícita queja de éstas por no haber participado como a principio de los 30 en su diseño, siendo reemplazados por funcionarios burocráticos. “Las entidades empresarias ya no tenían el fluido contacto con la toma de decisiones de esos momentos, si bien esto no significaba la ausencia total de participación en las innovaciones producidas por el gobierno” (SIDICARO, 2002, p.40).

entre setores políticos conservadores e grupos empresariais já estava dada, e só se postergou pelo veto ao Plano por parte dos deputados radicais¹⁴⁶. Este acionar da UCR gerou a reunificação dos setores econômicos ante o temor que se paralise a ação governamental no momento crítico pela guerra. Os conflitos se agravariam pelas reformas impositivas que impulsionaria o governo (nova Lei de Reditos e outra denominada ‘de imposto aos benefícios excessivos’). Os setores empresariais para se defender criaram o Comitê de Defesa Econômica¹⁴⁷. “Nadie lo dijo, pero en los debates públicos de 1941, muchos debieron intuir, proféticos, que se agotaba una época” (SIDICARO, 2002, p.41)¹⁴⁸. Quiçá por isto, essa disputa, onde ambos os grupos estavam desprestigiados para o resto da sociedade, acabando exaltando a outros setores, principalmente a Igreja e o Exército que temiam as conseqüências sociais que pudessem surgir uma vez concluídas a guerra mundial.

Por isso, Llach (1984, p.4) afirma que a elite governante por sua incapacidade para forjar em seu momento uma aliança social e política mais ampla e capaz de dar respostas às dificuldades de tipo estrutural que afrontava o desenvolvimento da economia argentina e aos “catálogos de petições” que se vinham acumulando desde a Primeira Guerra pago um alto preço ante os desenvolvimentos posteriores trás a chegada do peronismo. Se o programa de Pinedo procurava conciliar a industrialização com a economia aberta, fomentar as relações comerciais da Argentina com os Estados Unidos e com os países limítrofes e criar um mercado de capitais, o peronismo “consagró el triunfo de una política industrial basada con exclusividad en el mercado interno y de una economía política con cierta aversión al comercio exterior. Los argumentos tuvieron mucho menos que ver con la “polémica industrial” que con los condicionamientos externos, con los objetivos de la política exterior argentina durante la Segunda Guerra Mundial y la inmediata posguerra y con aquellos otros objetivos que el peronismo se fijó en materia de política social y de redistribución de los ingresos” (LLACH, 1984, p.4). Isto é, que a coalizão da elite política com os grandes fazendeiros mais o agregado do setor industrial que tinham controlado o processo econômico desde 1930 “se alterará, por la diferenciación que comenzará a operarse dentro de los propietarios industriales, por la

¹⁴⁶ “El fraude ampliaba las posibilidades de los dirigentes conservadores de tomar distancia con respecto a los puntos de vista e intereses de los actores socioeconómicos predominantes. No necesitaban recurrir a ello para financiar campañas electorales, ni tampoco para fortalecerse socialmente con el prestigio, o el reconocimiento honorífico, que podía granjearles la relación con los grandes propietarios, todavía vistos como aristócratas por la parte más tradicional de las llamadas clases medias” (SIDICARO, 2002, p.52-53).

¹⁴⁷ “La elite estatal y los sectores económicamente dominantes, llegaron a romper ruidosamente en el mes de septiembre de 1942. Se asistió a una activa campaña de prensa en que los grandes diarios, las entidades empresarias, y las publicaciones especializadas en economía, criticaron diversos aspectos de la política económica del gobierno” (CAMPIONE, 2003, p.22).

¹⁴⁸ “Los empresarios creían detectar en esa ‘voracidad fiscal’ la voluntad de mantener y agrandar el clientelismo político y los gobernantes les achacaban a aquéllos su individualismo egoísta y estar de espaldas a los problemas del país” (SIDICARO, 2002, p.41).

movilización de las clases populares y por el fortalecimiento adquirido por el Estado, a través, especialmente, de su área más proclive a cierta autonomización: el Ejército. Sólo entonces la hegemonía de los hacendados se replegará y se abrirá la posibilidad para un movimiento como fue el peronista” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.99-100). Desta maneira, o ponto central para entender logo ao peronismo em sua relação com a indústria requer ante tudo avaliar como era a estrutura do setor manufatureiro em momentos de sua chegada ao poder e como os distintos setores sociais traçavam – se o faziam – a opção de um desenvolvimento industrial.

2.5. Indústria e conflito social.

A Argentina apresentava já um importante desenvolvimento industrial antes da crise do '30, e, em geral se considera que é na década do 30 que começa o processo de substituição de importações, iniciando-se a fase que abarca aos setores tradicionais. Para alguns, essa fase culminaria para finais da década do 40, como Ferrer (1999), enquanto que outros autores sustentam que terminaria a princípios dos anos 50 (NEFFA, 2002, p.107). De qualquer maneira, se percebe que o peronismo, começando entre 1944 e 1946, abarcaria a parte final desta evolução. Villanueva (1972) chega mais longe a afirmar que “a partir de 1933, con la entrada del equipo de Federico Pinedo a la conducción económica del país – que dura prácticamente desde 1933 a 1943 –; se diseña (o se acepta el diseño) lo que, en aproximaciones sucesivas, llega a una formulación económica nueva. Esta formulación, aunque con interrupciones parciales, persiste prácticamente hasta el presente”.

Por outro lado, o peronismo também herdaria outros aspectos do período 1930-43 que lhe foram essenciais: medidas econômicas de maior novidade como o controle do câmbio e a seleção de importações, a criação do Banco Central e a lógica de regular o crédito para impulsionar a atividade interna e uma série de organismos entre os quais essa instituição se destaca a Junta Reguladora de Grãos. Este último ente, embora surgisse com o objetivo de proteger aos agricultores, sua operatória de comprar as safras para logo vender-las no mercado externo inicialmente lhe “provocó pérdidas al organismo por el nivel muy bajo de los precios del trigo, pero el aumento de los precios mundiales que se inició en 1934, provocó el efecto inverso; la Junta obtuvo así ganancias apreciables. Estas ganancias provenían del sector rural, y fueron en la práctica un impuesto encubierto; de manera que claramente se inició aquí el proceso de discriminación contra la producción agraria que se fortalecería en las siguientes décadas” (BARKSKY, GELMAN, 2001, p.266). O’Connell (1984, p.35),

compartiendo esta análise¹⁴⁹, afirma que, “por lo tanto, la discriminación contra los precios de la producción rural comenzó en la década del ‘30 y no durante el gobierno de Perón”. Finalmente, Castillo promoveu o imposto móvil à exportação, que Sidicaro (2002, p.43) considera um “antecedente de los sistemas dirigidos a restar ingresos a los precios de las exportaciones que, desde el IAPI hasta fines de las reciente décadas del 80, se emplearon, con denominaciones diversas, para transferir al Estado una parte de la renta agraria”.

Mais importante, surgiu a presença de um estado interventor. Como se viu anteriormente, este estado irá acumulando grande autonomia em relação aos interesses dos atores socioeconômicos predominantes pelo que sua existência foi o *locus* institucional que facilitou a criação do peronismo (SIDICARO, 2002, p.55). Essa autonomia se relaciona com a complexidade dos conflitos internos na sociedade que se foram acumulando que levou a reforçar “las tendencias del Estado hacia la autonomía, en tanto su rol principal no es ya traducir al nivel de las decisiones políticas los intereses de una clase dominante de origen agropecuario (o los intereses de una facción de esa clase dominante), sino la relación de esos intereses con los de las otras capas propietarias estructuradas alrededor de la acumulación de capital industrial” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.97).

Em consequência, a queda de aliança limitada do conservadorismo implicou que os instrumentos e organismos que tinha criado e posto em marcha de intervencionismo de alcance limitado criaram as bases que fizeram possível uma tentativa de intervencionismo mais ambiciosa que escapou ao desenho original (DIRIÉ, 1981). Desta maneira, surge “una diferencia cualitativa entre el Estado en la década del 30 y el que se inaugura a partir del gobierno militar, en el 43. En el primero encontraríamos características de un intervencionismo defensivo que, con medidas pragmáticas, pretende adecuarse a los cambios ocurridos en el ámbito mundial; en el segundo, un Estado con, al menos, intenciones planificadoras. Mientras el Estado intervencionista defensivo toma bajo su responsabilidad la implementación de medidas parciales, puntuales y aisladas para tratar de dirigir el curso de los acontecimientos económico- políticos del momento, el tipo de Estado que le sucede y al cual

¹⁴⁹ “Ahora bien, es cierto que en el momento en que se introdujo este esquema, había una posibilidad de que, debido al estado deprimido del mercado mundial de granos, nuevas caídas en los precios externos redundaran en severas pérdidas para la Junta a pesar del modo en que habían sido reajustados los precios iniciales. Al principio, es verdad, la Junta debió comprar el 86 por ciento de la cosecha de trigo (los precios del maíz y del lino se ubicaron casi inmediatamente por encima de su propio mínimo, de modo que prácticamente no hubo compras de maíz y ninguna de lino) y vender parte de ella con pérdidas en los primeros meses de su funcionamiento y hasta mayo de 1934. Pero, posteriormente, con el aumento de los precios mundiales al que hemos hecho referencia, la Junta comenzó a dar ganancias con sus ventas, por lo que hacia fines del año las pérdidas de la Junta no alcanzaban a un 10 por ciento de las utilidades provenientes del margen de cambios” (O’CONNELL, 1984, p.34).

llamamos planificador, implementa medidas globales, profundas y coordinadas, procurando dirigir el desarrollo. (DIRIÉ, 1981). Esse novo Estado interventor se vincula com a superação do projeto econômico de industrialização limitada que foi transgredido pelos capitais nacionais marginais originados em setores urbanos da classe média e pelos monopólios industriais internacionais (JORGE, 1971, p.20). Isto explica para Murmis e Portantiero, (2006, p.77-79) que os planes mais integrais como o de Sánchez Sorondo em 1933 e o de Pinedo em 1940 não chegassem a serem aprovados no parlamento. Mas a nova realidade que surgiu produz fragmentações significativas nos industriais. Mencionou-se anteriormente que Jorge afirma que a fragmentação que aconteceu no setor pecuarista entre invernadores e criadores tinha tendo seu correlato no industrial entre as ramas ‘naturais’ e ‘artificiais’. Para Lindenbom (1976, p.5), essa fratura do setor manufatureiro será ainda mais complexa por que, em primeiro lugar, iria “la diferenciación va más allá de esa contraposición. En segundo lugar, que la diferenciación debe ser vista dentro del conjunto de propietarios, no sólo en la industria, pues, como veremos, no es posible aislar, en la práctica, a los propietarios industriales del resto. Finalmente creemos que la heterogeneidad en diversos grados y niveles dentro de la burguesía obligan a no visualizarla globalmente, advirtiéndose incluso contradicciones en su seno cuya explicitación contribuye a una adecuada interpretación de posteriores fenómenos sociales, económicos y políticos”.

Essas divisões no setor manufatureiro surgem pelo fato que a União Industrial, em sua aproximação e emparelhamento com os grandes fazendeiros, resultou controlada desde a década de 1920 por grandes empresários industriais (HORA, 2002, p.280). “La homogeneidad social de los propietarios ofrecía la correa de transmisión de actitudes parasitarias (en términos de cambio productivo), que se observa desde el comienzo de siglo en las grandes empresas locales, fueran estas ferroviarias, agrarias o fabriles.” (SCHVARZER, 1998, p.12). Desta maneira, será fundamentalmente desde o pólo oposto dos pequenos industriais e empresários que se gerará a força social a favor de manter e aprofundar o caminho a favor da industrialização. Mas esse impulso industrial terá as características – ou limitações – dos rasgos do desenvolvimento industrial observado na década dos 30, e em particular desde finais da mesma e a primeira metade dos quarenta. Por isso resulta essencial a crítica neste sentido de Villanueva (1972) – opondo-se à interpretação ‘olímpica’ da industrialização –, quem destaca que o avance do setor nos trinta se fez sobre a base de certa capacidade ociosa, motivo pelo qual conclui que o desenvolvimento deveu ter se produzido no período pré-crise. Sendo assim, a mudança fundamental no setor durante os 30 se referiu à composição do produto manufatureiro, concluindo que a modificação substancial foi a forte expansão da

produção de têxteis. O importante desta constatação é que este setor se caracterizará por ser intensivo em trabalho.

Essas tendências da industrialização levam a um impasse dado que os setores dominantes não têm interesse em continuar seu curso, enquanto que os demais não têm força política suficiente para reafirmar-lo. El desenlace será el surgimiento, imprevistamente para los sectores dominantes, de un programa de crecimiento por iniciativa autónoma de sectores medios emergentes de origen industrial en el cual desempeñarán un rol privilegiado la burocracia estatal y el Ejército, dentro de un proceso al que se incorporarán las clases no propietarias” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.96-97)¹⁵⁰. O Exército, preocupado pelas tensões sociais que puderam surgir se a estrutura econômica vigente se desmonta uma vez concluída a guerra e interessado em fortalecer a ‘defesa nacional’, se transformaria no os mais partidário da indústria dentro da elite dominante. O Exército vinha acumulando força política desde que em 1919 o governo radical o convocara a reprimir as protestas de trabalhadores na “Semana Trágica”, a elite para o golpe de Estado de 1930, e que o presidente Justo nos 30 impulsionara um exército apolítico, profissional, ao serviço do governo da Concordância, ante a falta de apoio social, procurando sua satisfação com um orçamento adequado (GIRBAL-BLACHA, 2004, p.38). Todavía, “durante el gobierno Castillo, el liderazgo de Justo en el campo militar se había ido opacando, sobre todo entre los mandos medios, y se transitaba lentamente hacia un estado deliberativo, de lucha entre tendencias. Los militares habían ido tomando posiciones nuevas en el aparato del Estado, a través primero de YPF, luego de la fábricas militares en sostenido desarrollo, y aparecían dispuestos a mantener y acrecentar esos nuevos espacios” (CAMPIONE, 2003, p.23)¹⁵¹. Este crescente envolvimento das Forças Armadas nas questões econômicas e sociais resultou intensificado pela Segunda Guerra Mundial já que significou um novo e rude golpe para aqueles ainda confiavam na “volta à normalidade” interrompida desde a crise mundial.

¹⁵⁰ “Hacia principios de la década del 40, el dilema en que se movían las clases propietarias acerca de los problemas económicos era éste: o estabilizar un camino producido casi ‘espontáneamente’ a fin de mantenerlo bajo el control hegemónico de los sectores más poderosos de la ‘oligarquía’, o rechazar todo cambio y promover el mantenimiento de la situación previa a la crisis. Si la primera alternativa era la que intentaba estructurar la elite conservadora, con dificultades internas y sin homogeneidad total, la segunda se transforma en el programa de los radicales. Una tercera alternativa, la del programa de crecimiento por iniciativa autónoma de sectores medios emergentes de origen industrial –es decir, el modelo clásico de condicionantes sociales del desarrollo – no alcanzó formas institucionales permanentes. Es esta falencia, según nuestra hipótesis, una de las causas que determinará que los cambios hegemónicos en la estructura de poder en la Argentina asuman, poco años después, formas en las que desempeñarán un rol privilegiado la burocracia estatal y el Ejército, dentro de un proceso al que se incorporarán las clases no propietarias” (MURMIS, PORTANTIERO, 2006, p.96-97).

¹⁵¹ O general Savio (*apud* Scarone, 1977, p.78) afirma em 1942 “el plan de producción de los elementos esenciales para la industria no puede quedar librado a la iniciativa privada; él deber ser programado con toda precisión por el Estado, definiendo qué materias primas se elaborarán, en qué magnitud y en qué plazos”.

Para Llach (1984) as especiais circunstâncias econômicas criadas pela Guerra permitiram que a estratégia pinedista de exportações industriais e diversificação de mercados alcançaram êxitos tão rápidos como espontâneos e inesperados. As exportações de produtos manufaturados não tradicionais representavam 2,9% do total, em 1943 tinham chegado a aportar 19,4% e, como o autor destaca, essa participação das exportações industriais foi escassamente superada na história econômica argentina posterior, enquanto que a contribuição das vendas externas nas vendas totais de algumas indústrias não foi igualada desde então. Mas este aspecto “exportacionista” da estratégia de Pinedo não foi continuado pelas Forças Armadas e por Perón afirmando, pelo contrário, “una orientación industrial típicamente mercadointernista que acaba con los impulsos exportadores y genera una industrialización horizontal y poco integrada, favoreciendo la proliferación de pequeñas empresas; aprovechando de un mercado protegido y en expansión se añaden a este proceso pequeños empresarios de proveniencia de clase medio-baja, cuyas orientaciones políticas, valores e intereses se diferencian de los grandes” (LLACH, 1984). Essa corrente de interesse por parte dos pequenos e medianos industriais se junto com outra proveniente desde o campo trabalhista. Os trabalhadores vinham sofrendo tanto em termos de gratificações monetárias quanto em relação aos efeitos morais pela burla de seus direitos políticos. Essas experiências se deram depois dos anos de governos radicais entre 1916 e 1930 nos quais, em termos relativos, a situação tinha sido muito superior. “Un alza tan importante de los salarios reales en la Argentina en los años veinte puede que haya tenido que ver – tras la reforma de 1912 que llevó a Irigoyen al gobierno en 1916 – con la ampliación del proceso de participación política y con la caída de la inmigración en los años de guerra que hizo que la oferta de trabajo no fuera tan flexible como antes de la guerra. (...) La suba de los salarios en la Argentina en los años veinte fue bastante mayor que la que ocurrió en países europeos” (CORTÉS CONDE, 2000, p.64). A expansão industrial nos 30 incrementou a quantidade de trabalhadores, fato que será fundamental para a mudança de rumo político da Argentina¹⁵².

Mas desde o ponto do desenvolvimento industrial argentino, convém retomar a análise de Schvarzer (1998) quem critica à maior parte dos autores que medem o crescimento fabril em termos quantitativos, de modo semelhante à expansão da atividade agrária, sem tomar em

¹⁵² Nesse sentido é interessante observar que as relações com os trabalhadores impulsionada por Vargas em Brasil analisada por Fonseca (1989, p.291-321) tem similitudes com o que fará Perón na Argentina, mas quando Fonseca (1987) observa as medidas econômicas e a criação de órgãos por Vargas e a redefinição dos setores produtivos a partir de 1930, que enunciam um claro caminho industrial, sem dúvida possui semelhanças com o acontecido na Argentina com o governo conservador.

consideração os efeitos dinâmicos do progresso técnico¹⁵³. Assim, depois de revisar as principais interpretações da industrialização argentina, conclui que a partir delas se criaram imagens que se projetaram à evolução da indústria posterior a 1930, como se ela poderia crescer sem mudanças básicas no regime produtivo, assim como no educativo e social, esperando um fenômeno que nunca ocorreu. Evitar este tipo de erro é essencial ao analisar o período peronista devido a seu alto conteúdo ‘emotivo’ que faz que ‘declarações’ ou ‘valorizações’ se confundam com as realidades do desenvolvimento industrial. Pelo visto, até a chegada de Perón a indústria já tinha crescido consideravelmente, mas não tinha surgido um impulso a favor da industrialização no sentido mencionado por Schvarzer, exceto nos círculos militares, embora este se devesse a outra motivação, a defesa nacional. É sobre este telão que a etapa peronista de industrialização deve ser considerada.

¹⁵³ “Todos esos autores parecen suponer, implícita o explícitamente, que el simple incremento cuantitativo de los talleres fabriles, en número y cantidad, crearía el proceso de desarrollo de manera directa y paulatina. Es el modelo de Rostow en una versión específica. Su visión (como lo fue en buena medida la de la Cepal), dejaba de lado el hecho de que ese desarrollo fue bautizado como "revolución industrial" porque implicó siempre un cambio drástico en las formas de conducir la economía y organizar la estructura social” SCHVARZER (1998).

3. A política econômica peronista

Em muitas ocasiões, relaciona-se ao peronismo – e habitualmente se apresenta a si mesmo – com o propósito de implementar um projeto de industrialização; mas a aceitação desta afirmação requer adotar algumas considerações. Aqui se pretende analisar várias delas para poder definir até que ponto peronismo e industrialização se determinam mutuamente. Fundamentalmente, se apresentam as seguintes questões.

1) a indústria argentina já tinha tido uma importante expansão durante o modelo agroexportador, e durante a década dos trinta os governos conservadores tinham aceitado a necessidade de outorgar-lhe um maior protagonismo.

2) o peronismo herdou dos conservadores uma série de instituições e de instrumentos de política que refletiam o maior grau de intervenção na economia, o que exige precisar até onde houve ruptura ou continuidade a partir de sua gestão.

3) a industrialização ‘pesada’ vinha sendo uma exigência dos setores militares que se revelavam como uma instituição de maior relevância.

4) a identificação do peronismo com o impulso industrial se baseia, essencialmente, no que aconteceu em seus primeiros anos, mas que não se puderam continuar e se precisaram retificar ainda antes que concluísse o primeiro governo peronista; a segunda gestão apresenta elementos importantes que colocam sua política econômica bastante mais próxima às linhas tradicionais embora ainda possuindo elementos de continuidade.

5) se bem o discurso peronista possui elementos industrialistas, não resulta evidente até que ponto o foi sua política econômica.

Assim, surge a questão de se é viável definir desde uma perspectiva *econômica* ao peronismo. A gestão que se inicia em 1946 apresenta resultados surpreendentes no que faz à expansão do consumo e da atividade. Mas serão de curta duração; sua dinâmica se atenuará a partir de 1949 e se modificará radicalmente ao iniciar-se o segundo governo de Perón em 1952. Esses anos iniciais deixarão sua marca profunda tanto em acólitos e opositores. Mas não correspondem à totalidade do período. Ferrer (1977, p.14) considera que os supostos da gestão peronista são “un ingreso por habitante relativamente alto (digamos, en una posición intermedia entre el ingreso promedio de los países industrializados y los subdesarrollados) el predominio del empleo en la industria y los servicios dentro de la ocupación total y un desequilibrio estructural del balance de pagos”. Exposta assim, se percebe uma lógica de

política econômica primordialmente com acento na distribuição e expansão do mercado interno, e não tanto uma identificação num rumo produtivo particular. Ferrer argumenta também que a lógica de sua política econômica apresenta inconsistências entre os objetivos perseguidos e as estratégias e instrumentos utilizados. Por causas excepcionais, as circunstâncias iniciais permitiram viabilizar um projeto como esse: a presença de um importante avanço industrial, o saldo de reservas acumulado durante os anos da guerra, particularmente o Reino Unido¹⁵⁴, e a necessidade imediata por alimentos após a guerra. Desta forma, se propulsou um projeto econômico planejado, com forte viés para a autarquia econômica, no qual se procurava aprofundar a substituição de importações em curso baseada na multiplicação das indústrias leves e a expansão do mercado interno. A economia peronista se caracterizou pela necessidade que o setor público exercera um controle sobre ela, colocando sob a sua órbita setores essenciais, embora “Dichas medidas no siempre respondían a una concepción global y coherente, sino que con frecuencia se adoptaban bajo el impulso de las circunstancias y para hacer frente a situaciones coyunturales (NEFFA, 1998, p.144)¹⁵⁵. A partir daí a evolução econômica sofrerá profundas mudanças.

3.1. Instrumentos da política econômica peronista.

O controle sobre o sistema financeiro interno.

O controle estatal do sistema de financiamento resultou essencial na economia peronista, se bem sua orientação concreta variou de acordo às conjunturas. O decreto 8.503 em março de 1946 nacionalizou o Banco Central da República Argentina (BCRA) e os depósitos do sistema financeiro, para fazer da entidade um instrumento mais adequado para interferir sobre a atividade interna¹⁵⁶. “La garantía de la Nación a los depósitos bancarios fue el segundo paso de la reforma y motivó el registro de todos los depósitos por cuenta del

¹⁵⁴ Durante a guerra a Argentina teve um saldo comercial favorável com esse país sob a forma de ‘libras bloqueadas’. “Hacia 1946 el total acumulado de libras bloqueadas a favor de la Argentina ascendía a cerca de 112 millones, dentro de los 3.500 millones de libras acumuladas en Londres de esa forma, siendo el saldo más alto de América Latina y superando al de muchas colonias británicas” (RAPOPORT, 2006, p.337). El BCRA (MEMORIA 1947, p.10) explicava: “Al 31 de diciembre de 1945, año de terminación de la guerra, la Argentina disponía de un saldo de oro y divisas de m\$N. 5.700 millones, de los cuales más de m\$N. 4.000 millones se acumularon desde 1941. ese considerable incremento de nuestras existencias se produjo por la imposibilidad de realizar importaciones en el volumen acostumbrado, especialmente para reponer los equipos en uso y reestablecer otros nuevos que permitieran intensificar la producción”.

¹⁵⁵ “Lo que diferencia al peronismo no fue la introducción de nuevas instituciones, sino que, a las que a existían, les dio una amplitud y profundidad mayores, un carácter definitivo y las concibió explícitamente como instrumentos que el Estado debía utilizar para lograr los objetivos de mantener pleno empleo, extender la industrialización del país y mejorar las remuneraciones reales de los trabajadores” (CORTES CONDE, 2005, p.148).

¹⁵⁶ A entidade afirma que em repetidas ocasiões anteriores suas “Memorias se refirieron a la necesidad de conferir nuevas facultades al Banco Central, con el fin de permitirle la realización de una política adecuada a las condiciones cambiantes del panorama económico” (BCRA, MEMORIA 1946 p.13).

Banco Central, a la vez que convirtió al redescuento en el recurso normal de los bancos para la continuidad de sus operaciones de crédito. Por lo primero se aseguró por completo al depositante; lo segundo dio las bases para trazar y dirigir sin las dificultades que el régimen anterior presentaba, una política de crédito acorde con las necesidades de desarrollo económico del país” (GÓMEZ MORALES, 1985, p.208)¹⁵⁷.

“De acuerdo a la óptica oficial estas medidas permitirían la movilización de los depósitos bancarios no utilizados con el fin de destinarlos al crecimiento económico, en particular del sector industrial. A la vez, como la liquidez bancaria perdía relación con el plazo al que se colocaba el total de los depósitos, desaparecerían las razones para que el crédito bancario se orientara al corto plazo” (ROUGIER, 2001, p.51)¹⁵⁸.

A partir desta redefinição do BCRA se estabeleceu uma estrutura bancária onde distintas entidades públicas atendiam setores específicos. O Banco da Nação Argentina, atenderia às atividades agrárias e comerciais, e o Banco Hipotecário Nacional tinha como objetivo dar impulso à construção de viviendas, responsável quase único dos créditos para este fim, a ponto tal que “esta actividad quedó definida como una actividad gubernamental” (ARNAUDO, 1987, p.59). O Banco de Crédito Industrial Argentino (BCIA), criado em 1944, se ocuparia desse setor e da mineração outorgando prestamos de médio e longo prazo e facilitando a importação de maquinaria e dando impulso ao desenvolvimento do interior do país, incluso mediante investimentos diretos em certas áreas. A Caixa Nacional de Poupança Postal, a sua vez, captava ao pequeno poupador, outorgando sobre tudo empréstimos de consumo (RAPOPORT, 2006, p.345)¹⁵⁹. Os bancos comerciais recebiam do BCRA fundos mediante redescontos em magnitude não ligada ao volumem dos depósitos de cada um. “El Central podía disponer de ellos discrecionalmente y lo hizo siguiendo sus objetivos hacia determinados bancos, principalmente los oficiales, y destinos, preferentemente la industria”

¹⁵⁷ “Esas operaciones de redescuento difieren fundamentalmente de las establecidas en la anterior Carta Orgánica del Banco Central, según la cual el redescuento era el instrumento básico para crear billetes, pero sólo mediante operaciones de carácter transitorio” (GÓMEZ MORALES, 1985, p.209-10).

¹⁵⁸ Estos era así porque en el anterior sistema bancario la liquidez de los bancos dependía, por un lado, del ‘encaje’ y, por otro, de la posibilidad de convertir en efectivo sus activos. La principal razón por la que el crédito bancario se orientaba al corto plazo era que éste posibilitaba al banco hacerse del efectivo al vencimiento del plazo propuesto. Con el régimen de 1946 estos principios fueron desechados y el crédito podía en teoría orientarse al mediano y largo plazo, puesto que los bancos no tenían en su pasivo depósitos a la vista, sino una deuda prácticamente sin término con el Banco Central. (ROUGIER, 2001, p.51).

¹⁵⁹ Em sua Memoria de 1947 (p.2-3), o BCRA expressava assim essa diviçao das actividades bancarias. “La política bancaria trazada por el Banco Central ha puesto al servicio de toda actividad productiva útil los recursos indispensables del crédito y los restringió en cambio cuando estaban destinados a fines especulativos o a satisfacer necesidades no primordiales. El Banco de la Nación Argentina, además de tender los aspectos vinculados con el comercio y la producción agraria, dio comienzo a la vasta obra de colonización planeada para facilitar al chacarero arrendatario el acceso a la propiedad de la tierra. El Banco de Crédito Industrial Argentino continuó prestando su más amplio apoyo a los diversos sectores de la industria, como lo demuestra el volumen alcanzado por sus préstamos. El Banco Hipotecario Nacional contribuyó, en la medida que las circunstancias imperantes lo permitieron, a solucionar el problema de la vivienda propia mediante planes generales que la pusieran al alcance de los sectores más modestos de la población. La Caja Nacional de Ahorro Postal, por último, amplió sus servicios e intensificó su campaña de fomento del ahorro”.

(CORTÉS CONDE, 2005, p.150). Adicionalmente, se criou o Instituto Mixto de Inversiones Mobiliarias com o fim de formar “un gran mercado financiero a cubierto de falsas fluctuaciones, en el cual el inversor se encuentre suficientemente protegido. De ese modo se concurre a facilitar la inversión de capitales en apoyo de actividades, especialmente industriales y comerciales, cuyo fomento y desarrollo constituye un objetivo básico del plan que el Superior Gobierno está llevando a cabo” (BCRA, MEMORIA 1947, p.3)¹⁶⁰.

“Razones de distinto carácter influyeron sobre la decisión de nacionalizar los depósitos y el crédito: por un lado, factores de tipo ideológico vinculados con una nueva (o distinta) concepción de la actividad del Estado y una determinada interpretación de las crisis financieras; por otro, las condiciones de liquidez que tenía el sistema financiero argentino en aquel momento; y finalmente, las propuestas formuladas para enfrentar los problemas de la época, entre las cuales se incluye fundamental el Plan Pinedo” (ARNAUDO, 1987, p.49)¹⁶¹.

O Banco Central foi criado em 1935 como uma entidade mista, o que significava que em seu diretório participavam alguns bancos comerciais privados, argentinos e estrangeiros. Sua nacionalização significou um diretório, presidido por Miguel Miranda, formado só por membros definidos pelo governo¹⁶². Com a nacionalização dos depósitos, que o BCRA recebeu em transferência e garantia, os bancos comerciais perdiam a possibilidade de prestar ditos fundos por sua conta. Nos primeiros anos, o BCRA gozou de autonomia em sua acionar, mas em 1949, com a aparição de complicações na economia, sua Carta Orgânica foi modificada e se converteu em dependência do ministro de Finanças. O BCRA procurou implantar políticas monetárias ativas, reduzindo-se as exigências de reserva em divisas para a emissão, tanto por cobrir a expansão do gasto público como para encaminhar créditos baratos para setores que se pretendia estimular. Desta maneira, se anulou a restrição imposta ao criar-se a entidade que limitava o adiantamento de fundos ao governo a menos de 10% da

¹⁶⁰ Outras disposições importantes foram sobre sociedades mistas, a Comissão de Valores e o Instituto Argentino Misto de Resseguros.

¹⁶¹ “Mucho cambios, condiciones y propuestas económicas ya se habían dado, en particular desde 1940, por lo cual no es posible interpretar que el sistema de nacionalización era implantado por la mera voluntad gubernamental. (...) Tres aspectos discutidos al tratar el segundo quinquenio del Banco Central de la República Argentina (1941-45) resumen las principales características de ese momento. En primer lugar, la aparición de un fenómeno inflacionario hizo posible una tasa real de interés negativa para los créditos bancarios – y en mayor medida para los depósitos de dichas instituciones – y la institucionalización de un sistema permanente de subsidio a los prestatarios pagado por los ahorristas. La consiguiente transferencia de riqueza permitiría durante cierto tiempo la financiación de un elevado nivel de inversiones. A pesar que la inflación deterioró con el paso del tiempo el stock de activos financieros en poder de los ahorristas, no afectó sino parcialmente los hábitos de ahorro del ingreso corriente ni la disminución de su valor real tuvo mayores consecuencias sobre el sistema económico. En segundo lugar, la necesidad de un sistema de financiación de largo plazo fue muy evidente ante la desaparición de las oportunidades brindadas por la entrada de capitales y el mercado bursátil. Tercero se presentó una gran liquidez en el sistema bancario derivada de los saldos externos positivos producidos durante la Segunda Guerra Mundial” (ARNAUDO, 1987, p.50).

¹⁶² “Se argumentó que las facultades constitucionales sobre la moneda no se limitaban al circulante sino que se extendían al dinero bancario, por lo que le correspondía al gobierno nacional disponer sobre todos los instrumentos monetarios (agregándole los depósitos a la base monetaria) los que en adelante fueron garantizados por la Nación” (CORTÉS CONDE, 2005, p.149).

arrecadação média do triênio anterior, com a intenção de que os médios de pagos se ajustassem ao volume real dos negócios e, assim, tal como expressara em sua Memória, “promover, orientar y realizar, en la medida de sus facultades legales, la política económica adecuada para mantener un alto grado de actividad que procure el máximo empleo de los recursos humanos y materiales disponibles”. Para isto, o plano econômico utilizou instrumentos como a fixação da taxa de juros nominal e a seletividade do crédito a través dos descontos. A taxa de juro nominal esteve quase sempre por baixo da inflação, pelo que a taxa real foi negativa durante quase tudo o período. Os créditos dirigidos aos setores considerados prioritários continham assim um subsídio indireto. Mas este produz um racionamento do crédito. Em 1949, no marco de um contexto mais difícil para políticas expansionistas, com o esgotamento das reservas acumuladas, a Carta Orgânica do Banco (Lei Nº. 13.571) foi modificada para se ajustar à nova situação¹⁶³.

O controle do comercio externo e o IAPI.

Pilar fundamental da política econômica peronista foi a intervenção sobre o setor externo. Definiu-se um esquema de taxas de câmbio múltiplas para facilitar as importações necessárias para a atividade econômica. “Se establecieron tipos vendedores, básico preferencial A y preferencial B y finalmente uno especial (libre) que iba de los \$5 por dólar en el oficial, valor al que se liquidaban las exportaciones de cereales y carnes, y uno especial a casi \$ 14 para aquellos rubros que se quería proteger” (CORTÉS CONDE, 2005, p.153). O controle cambial favorecia ao setor industrial desde três pontos de vista. Primeiro, a depressão dos preços agrícolas continha em parte a demanda de aumentos salariais. Em segundo lugar, abaratava os insumos de origem agropecuários, matéria prima de um segmento importante do aparato industrial. Finalmente, diminuía também o custo das importações de insumos e bens de capital. Desta maneira se bem um aspecto da política econômica impactava de modo negativo sobre a estrutura de custos, o outro o fazia em sentido inverso. Ao mesmo tempo, a maior demanda (tanto pelos incrementos salariais como pelo maior volume de emprego) permitia uma melhor utilização da escala de produção (RAPOPORT, 2006, p.351). Isto foi complementado com a implementação de controles quantitativos e qualitativos sobre as importações, que incluíam a exigência de requisito de permissão prévia. Este sistema foi

¹⁶³ “La nueva Carta Orgánica del Banco Central suprime el artículo 28° de la anterior, que limitaba la tenencia de divisas al 20% del total de reservas que respaldaban la emisión de moneda y su inclusión para el cómputo de la relación de las reservas con los billetes y obligaciones a la vista, por no más del 10%, como también suspende la vigencia del artículo 27°, que determinaba que el Banco mantendrá en todo momento una reserva suficiente para asegurar el valor del peso, en oro y divisas equivalente al 25%, como mínimo, de sus billetes en circulación y obligaciones a la vista” (BCRA, MEMORIA 1949, p.5).

virando cada vez mais complexo na medida em que a disponibilidade de divisas foi diminuindo. Por outro lado, o governo interveio no setor externo com a criação do Instituto Argentina para a Promoção do Intercambio (IAPI) que se ocupou de monopolizar as vendas ao exterior, embora também tivesse outras funções econômicas. Criado pelo Decreto-Lei Nº. 15.350 o 28 de maio de 1946, sua atividade consistia em adquirir grande parte da produção interna de produtos primários (carnes, sebo, couros, cereais, oleaginosas) ao preço que determinava e vender-la tanto ao mercado local como ao externo¹⁶⁴. O Instituto (Memória de 1949, p.9-10) explica sua fundação na necessidade de “encarar en forma racional y amplia la solución de una serie de problemas fundamentales” que, entre outras questões, se referiam na “centralización de las compras de productos de necesidad común en determinados organismos nacionales e internacionales” que tendo-se criado durante a guerra continuaram em vigor logo dela. O governo argumentará como vantagens do IAPI que: a) evitava os riscos de comercialização aos produtores, b) os benefícios que antes ficavam nas firmas cerealeras internacionais agora ficavam no país, e c) obtinha melhores preços para os produtos no mercado internacional, dada uma posição única e de força (LATTUADA, 1986, p.85).

“Ante la situación de virtual monopolio de adquisiciones erigido por la creación de organismos combinados en los principales países compradores que al eliminar toda competencia y enfrentar a vendedores débiles podían hacer prevalecer en las negociaciones precios artificiales, se imponía, indudablemente, la necesidad de disponer de una institución capaz de defender las cotizaciones de la producción nacional, fijándolas en niveles de paridad real con las de los principales artículos que se importaban de los países consumidores. Evidentemente, sólo el Estado podía asumir la defensa de los intereses generales por contar con los medios efectivos, jurídicos y económicos indispensables para encarar y resolver este problema” (IAPI, MEMORIA 1949, p.10)¹⁶⁵.

O IAPI também seria um organismo que em anos de bonança absorveria ‘as ganâncias excessivas’ para utilizar-las em benefício da coletividade e quando caíram as cotizações e demandas mundiais, asseguraria aos produtores preços ‘retributivos para suas safras’. Adicionalmente, teria funções de importador de materiais considerados críticos para a

¹⁶⁴ “Por otro lado, si bien era cierto que los productores agrícolas se contaban por miles, las firmas comercializadoras de granos y los frigoríficos eran pocos. El Estado sustituyó a un oligopolio privado por un monopolio estatal para enfrentar mejor – se dijo – a un monopsonio (de demanda). (...) El gobierno alegó que únicamente concentrando toda la oferta podía obtener mejores precios y también que algunas de esas operaciones se realizaron a crédito, lo que sólo podía hacer el gobierno” (CORTÉS CONDE, 2005, p.159).

¹⁶⁵ O Decreto-Lei Nº 15.350 menciona como suas funções fundamentais: “1. Asesorar, orientar, dirigir y aplicar la política estatal de fondo en materia de producción, fomento y comercialización agropecuaria, teniendo presente las posibilidades de colocación tanto en el mercado interno como externo, y coordinarla con la política económica general del país. 2. Centralizar la comercialización exterior de los principales renglones de la producción nacional y fijarles precios internos de compra, remuneradores y estables, sin tener en cuenta los altibajos del mercado mundial. 3. Defender las cotizaciones de los productos argentinos frente a los organismos combinados extranjeros constituidos para la coordinación y centralización de su adquisición. 4. Estudiar nuevos mercados y la diversificación de los existentes. 5. Colaborar en la regulación de los abastecimientos internos y adquirir en el exterior las materias primas y otros productos de fundamental importancia para el desenvolvimiento de la economía nacional. 6. Actuar como agente oficial del Estado para las adquisiciones que realicen en el exterior las Reparticiones nacionales y provinciales”. (IAPI, MEMORIA 1949, pp.11-12).

economia assim como financiará de políticas estimadas de interesse nacional, como as nacionalizações e repatriação de dívida externa. O IAPI foi uma das políticas mais controvertidas da era peronista já que se considera que constituiu o mecanismo principal com que o governo obtinha recursos do setor primário que traspassava à atividade manufatureira e urbana em geral¹⁶⁶; embora logo, com as complicações no equilíbrio externo a atuação do IAPI se modificou profundamente. Possuía uma importante diferencia com respeito os esquemas elaborados pela Concordância, já que em estes os agricultores tinham a opção de vender seus grãos ao governo o fazer-lo livremente no mercado, enquanto que sob o peronismo deviam tomar o preço estabelecido pelo governo (LEWIS, 1992, p.160)¹⁶⁷. Assim, “hasta 1949, el IAPI, que se presentaba oficialmente como la superación de las prácticas explotadoras llevadas a cabo por el tradicional oligopolio comercializador de granos, pagó a los productores rurales una cotización algo así como un 50% menor que la que percibía por sus ventas al mercado mundial” (GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p.145). Para um crítico esta “diferencia en menos alcanzó en 1952 a ser del 360% de lo que hubiera correspondido al tipo de cambio libre” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.48)¹⁶⁸.

O IAPI, que operou no âmbito do BCRA, tinha atribuídas outras funções¹⁶⁹, como a intensa atividade financeira para Repartições Públicas para a compra de bens de capital e interveio na compra de ferrovias, telefones, navios para a Marina Mercante, entre outras empresas de serviços públicos. Por sua intermediação o governo regulava também ao mercado interno chegando a adquirir, por exemplo, produção excedente, a estabelecer margens de benefício, preço de produtos, entre outras ações, assim como ocupar se do abastecimento interno de certos produtos de difícil obtenção no mercado. Foi importante na promoção e

¹⁶⁶ Cafiero (1974, p.177), quem foi entre 1952-55 Ministro de Comércio Exterior, sustenta que pelo IAPI o Estado obtinha benefícios que “hubieran ingresado a los grandes monopolios internacionales y a todos sus satélites internos”; Martínez de Hoz (1967, p.71), um opositor ao peronismo, qualificará ao IAPI de ter tido uma ‘funesta actuación’. Novick (1986, cap. V) apresenta as posições divergentes sobre o IAPI.

¹⁶⁷ “...pero con una diferencia muy importante: mientras la Junta, salvo épocas excepcionales, sólo actuó en respaldo de los precios mínimos establecidos cuando el productor no encontraba mejor precio en el mercado libre, con el IAPI no existía esta opción y el régimen de comercialización exterior de los granos y sus derivados era, pues, único y no mínimo. Esta desventaja no alcanzó a ser compensada por la mejora que significó para el productor que la fijación de los precios oficiales se realizara con anticipación a la época de siembra y no antes de las cosechas, como se hacía hasta entonces” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.46).

¹⁶⁸ “Sin embargo, aunque todas las ventas para exportación debían efectuarse a través del IAPI, este sólo se constituyó en un intermediario más, pues los exportadores siguieron desempeñando su función habitual. Debían, sin embargo, comprar el grano para embarcar mediante órdenes de entrega que el IAPI libraba a su favor. De esta manera, se quitaba a las firmas exportadoras el peso de la financiación de la comercialización de las cosechas, que pasó en su mayor parte a ser responsabilidad exclusiva del Estado. El sistema de las órdenes de entrega fue, además, una fuente de corrupción administrativa y dio lugar al surgimiento de improvisadas empresas exportadoras que prosperaron a la sombra del favoritismo oficial” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.47).

¹⁶⁹ O IAPI também tinha a função de estabelecer convênios comerciais com outros países, e firmou acordos com Suíça, Hungria, Itália, Países Baixos, Noruega, Finlândia, Dinamarca, Brasil e Suécia entre 1947 e 1949. As importações de produtos básicos como borracha, madeira, cimento, etc., também constituíam parte importante de suas atividades comerciais no exterior.

fomento de atividades consideradas prioritárias, com na entrega de créditos sem obrigação de devolução. Finalmente, subsidiou certos produtos de consumo massivo para manter o nível do salário real. Assim, o IAPI foi uma instituição chave na gestão peronista¹⁷⁰. Caído o regime, em novembro de 1955 foi declarado em estado de liquidação até ser fechado em 1958.

A expansão de atividades estatais.

A intervenção estatal será intensificada com a aquisição de empresas de serviços públicos ao capital estrangeiro. Mas se bem essa política de nacionalização teve um papel muito importante sobre a evolução do setor público e da economia sua justificação foi mais bem política e resultou fonte de inumeráveis controvérsias (NEFFA, 1998, p.144). Adicionalmente, o Estado criou outras empresas, embora “nacieron sujetas a regulaciones ambiguas y objetivos poco precisos que se reflejaron en su rol frente a los proveedores industriales locales” (SCHVARZER, 1996, p.201). Essa política de estender a ingerência do setor público gerou um impacto de longo prazo dado que a ampliação e melhora dos serviços públicos passava a depender por completo das decisões de governo, de acordo à observação de Rapoport (2006, p.336) quem também aponta para outras conseqüências fazendo referencia à influência direta que cobrava o Estado na evolução dos agregados macroeconômicos, na distribuição do ingresso (tanto pelo pago de salários como pelo peso das tarifas na cesta básica) e na geração de emprego, e na orientação setorial e regional da produção.

As principais nacionalizações foram a distribuição do gás, os ferrovias franceses em 1946 e britânicos, caso fortemente polêmico, em 1948, serviços urbanos de passageiros, portos, empresas telefônica, navios italianos para reforçar a Frota Mercante, criada em 1941. Também foram nacionalizadas empresas alemãs e japonesas que tinham sido expropriadas por Farrell (Siemens, Bayer, Thyssen, Anilinas Alemãs, Mannesmann, etc.) e passaram a formar a Direção Nacional de Indústrias do Estado (DINIE). Essas empresas se somaram a outras já existentes como as empresas Atanor (produtos químicos) em 1944, e SOMISA (siderurgia) em 1946, e a Direção Nacional de Fabricações Militares que já tinha sido criada em 1941¹⁷¹.

¹⁷⁰ “De los múltiples objetivos a los que podía aspirar un gobierno popular como el de Perón, más de uno se alcanzaba, entonces, a través de la administración de precios relativos, en cuyo centro estaba el IAPI. Al recortarse los precios nacionales de los alimentos, los incrementos de los salarios nominales, que se tornaron muy frecuentes con el nuevo gobierno, derivaron en mayores salarios reales y en una expansión del consumo que adicionó demanda efectiva e incentivó la producción y las inversiones” (GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p.145).

¹⁷¹ “La Dirección Nacional de Industrias del Estado (DINIE) -que toma a su cargo las filiales alemanas confiscadas con la declaración de guerra al Eje (empresas constructoras, laboratorios farmacéuticos, plantas mecánicas y eléctricas)- promueve al mismo tiempo la habilitación de numerosas fábricas de utilidad nacional (cemento en San Luis, hilanderías en Formosa, fabricación de alcohol anhidro en San Nicolás, talleres de materiales eléctricos, productos químicos en la Patagonia)” (GIRBAL-BLACHA, 2003, p.44-45).

As nacionalizações e a repatriação da dívida externa serão a base para que Perón anuncie a ‘Independência econômica’ a 9 de julho de 1947, mesma data que em 1816 fora declarada a ‘Independência política’. Para o peronismo serão essenciais para manter a riqueza no país; para os críticos, serviu aos interesses externos desfazer se de ativos desvalorizados pelo que além se pagou demasiado caro.

Políticas de promoção e proteção da indústria nacional.

Em 1944 o Decreto Nº. 14.630 instaurou o regime de “Projeção e Promoção às indústrias de Interesse Nacional” em favor de cerca de 40 atividades que recebiam um trato preferencial por parte do BCIA. “Los beneficios otorgados consistían en: incremento en los aranceles de importación de ciertos productos en un 50%; cuotas de importación que garantizaban a los productores locales el acceso al mercado doméstico y la prohibición de importación en el caso de existir ‘dumping’; prioridad para acceder al crédito ofrecido por el Banco de Crédito Industrial; otorgamiento de subsidios directos; liberalización en los encargos de importación de insumos y bienes de capital y otorgamiento de facilidades para la compra de divisas” (NEFFA, p. 1998, p.146)¹⁷². Este sistema que se inaugurou predominaria por varias décadas e estabeleceria que a produção nacional tivesse como destino quase exclusivo ao mercado interno.

¹⁷² “Los criterios de selección eran: i) Aquellas que emplearon 100 por ciento materia prima nacional y cuya producción estuviera destinada a abastecer el mercado interno; luego por Decreto 18.848/45 se agregaron las industrias que emplearon insumos secundarios importados, o insumos esenciales importados en procesos productivos complementarios, siempre que el insumo esencial del proceso productivo principal fuera de origen nacional. El mismo decreto reglamentario extiende el concepto de ‘mercado interno’ a la exportación de productos en virtud de uniones aduaneras o convenios que les otorgue trato aduanero preferencial; ii) Las que produjeran artículos de primera necesidad; iii) Las industria que interesaran a la defensa nacional” (ALTIMIR ET AL, 1966-67, p.115).

Tabela 16. Indústrias de interesse nacional

Ano	Decreto	Indústrias	Quota de importação	Liberação de tarifas de importação		Facilidades em permissões cambiais		Anos de Benefício
				Maquinarias	Matéria Prima	Maquinarias	Matéria Prima	
1945	29.246	Enxofre	x	—	—	—	—	5
1946	6.670	Arrabio	x	—	—	—	—	2
1946	7.219	Madeiras terçadas (1)	—	—	—	—	—	—
1946	12.006	Pilas elétricas úmidas (2)	x	—	—	—	—	2
1946	5.474	Acido cítrico	x	—	—	—	—	2
1946	19.339	Cloreto de bário (3)	x	—	—	—	—	2
1946	21.743	Carretéis de madeira (4)	x	—	—	—	—	1
1947	40.948	Carburo de tungstênio (5)	—	—	—	—	—	—
1947	5.687	Ferro laminado	x	—	—	—	-6	2
1947	7.295	Água oxigenada	x	—	—	—	—	1 (7)
1947	10.933	Penicilina	x	x	—	—	—	5
1947	37.452	Fibras vegetais longas	x	x	x	x	x	5
1947	7.406	Filtros e asfaltinas (1)	—	—	—	—	—	2
1948	574	Materiais fotográficos sensíveis	x	—	—	—	—	5
1948	36.114	Sulfanilamida	x	x	x	—	—	5
1948	36.108	Sulfato de bário (baritina)	x	—	—	—	—	3
1948	39.507	D.D.T. e suas distintas composições inseticidas	x	—	x	—	—	5
1949	25.788	Produtos plásticos sintéticos	x	x	x	x	—	3
1949	27.281	Tintas gráficas (8)	x	—	—	—	—	3
1949	31.436	Ferramentas em geral	x	—	—	—	—	3
1949	2.680	Película radiográfica	x	x	x	x	x	5
1950	13.848	Pólvora, explosivos e afines	x	—	—	—	—	3
1950	19.265	Dolomita calcinada	x	—	—	—	—	2
1951	9.062	Cojinetes a rodamiento	x	—	—	—	—	3
1951	23.176	Produtos opoterápicos	x	x	x	x	x	5
1951	25.056	Carros, máquinas e implementos agrícolas	x	x	x	x	x	5
1952	1.945	Metais em polvo	x	—	—	—	—	3
1952	1.946	Terras decolorantes e filtrantes	x	—	—	—	—	3
1952	7.222	Cloramfenicol	x	x	x	x	x	5
1952	7.223	Acido para-amino-salicílico	x	x	x	x	x	5
1953	21.773	Canos de aço sem costura	x	—	—	—	—	5
1953	612	Cristais ópticos	x	x	x	—	—	3
1954	290	Talheres, facas e armas brancas	x	—	—	—	—	5
1954	5.878	Refrigeração	x	—	—	x	x	3
1954	12.039	Bicicletas, seus repostos e acessórios	x	x	—	x	x	3
1954	12.177	Motores elétricos em geral	x	x	—	x	x	3
1954	6.486	Papel para diários (10)	—	—	—	—	—	5

Diversas indústrias, em especial as chamadas ‘pesadas’ receberam um esquema particular de promoção, sendo que pelo geral se estabeleceu o pontapé inicial que logo continuaria por varias décadas¹⁷³. Em 1947 a Lei N°. 12.987 apresenta o Plano Siderúrgico Argentino, ‘lei Savio’ em homenagem ao geral que a impulsionou, que com o objetivo de promover a produção de aço no país previa a exploração de jazigo de ferro e o estabelecimento da Sociedade Mista Siderúrgica Argentina (SOMISA)¹⁷⁴, sob o comando a Direção geral de Fabricações Militares e com financiamento do IAPI. “Una de las disposiciones más importantes de la ley establece que las maquinarias, accesorios y repuestos, materias primas, combustibles y otros insumos que importen las plantas siderúrgicas instaladas o que se instalen bajo las condiciones del plan, quedan eximidas del pago de derechos aduaneros y se les otorga tratamiento cambiario preferencial” (ALTIMIR ET AL, 1966-67, p.97). Também a indústria de automotores e de maquinaria e implementos agrícolas, seus repostos e acessórios foi declarada de ‘interesse nacional’ (Decreto 25.056/51) recebendo medidas protetoras, quotas de importação de sua atividade, facilidades cambiais e liberalização de direitos alfandegários e adicionais de importação a toda matéria prima, equipo o instrumentos que precisasse não produzido no país. “Desde 1953, el desarrollo de la industria automotriz también fue comparado por los distintos regimenes que se sucedieron en materia de inversiones extranjeras” (ALTIMIR ET AL, 1966-67, p.102-03)¹⁷⁵.

¹⁷³ Durante o governo peronista a indústria celulosa gozou dos benefícios do regime de controle cambial que lhe outorgava preferência para importar fazendo que seu preço no mercado interno fora a metade, aproximadamente, do que no mercado, fato que Altimir et al (1966-67, p.112) entendem desalentou por mais de uma década a instalação de plantar para produzir celulosa. É dizer, recém em 1957, caído Perón, essa atividade foi declarada de interesse nacional e em 1961 se lhe estabeleceu um regime de promoção.

¹⁷⁴ Diz a Lei 12.987: “producir acero en establecimientos privados, estatales o mixtos utilizando minerales y combustibles argentinos y extranjeros en la proporción que resulte más ventajosa; suministrar a la industria nacional de transformación y terminado acero de alta calidad, a precios aproximados a los que rigen en los centros mundiales de producción; fomentar la instalación de plantas de terminado y transformación que respondan a las exigencias del más alto grado de perfección técnica; asegurar la evolución y el ulterior afianzamiento de la industria siderúrgica argentina” (Scarone, 1977, p.82).

¹⁷⁵ Notas do Tabela 15. (0) Se deram em alguns casos outros tipos de benefícios que não foram considerados; (1) Permite à Secretaria de Indústria e Comercio propor as medidas que considere convenientes; (2) Ratificada pelo Decreto N° 18.675 do ano 1950; (3) Desde a data deste Decreto a importação de cloruro de bário pagará ademais dos direitos vigentes um direito adicional de fomento de 50%; (4) Se limitaram as importações de fios encarrilhados em 50% da média das quantidades introduzidas no país no período 1934/44; (5) Não foi publicado no Boletim Oficial.; (6) Por Decreto N° 17.692/49 se concedeu prioridade no outorgamento de divisas, de acordo à Lei Savio, prorrogando até a 3 de março de 1952 os benefícios outorgados pelo Decreto N° 5.687/47. Por Decreto N° 33.562/49 (de emenda ao Decreto N° 21.362/48) se concedeu câmbio preferencial para o plano siderúrgico; (7) Por Decreto N° 15.996/49 se prorrogaram os benefícios em 5 anos; (8) Desde a data deste Decreto as importações de tintas negras para jornais e de cor para rotativas pagarão um direito adicional de 35% e 25% respectivamente; (10) no ano 1949 se determinou o Decreto N° 8.594, que se bem não declarou o papel para jornais como indústria de 'interesse nacional', outorgou permissões de câmbio e liberação de direitos alfandegários para as maquinarias e equipes, prioridade na atribuição de combustível e energia, subministro vantajoso de matéria prima e resolveu se efetuara um estudo para incluir-la entre as de interesse nacional. O

Nessa mesma linha, em 1952 o Decreto 4.075 autoriza ao IAME criar uma fábrica de tratores, que logo seria adquirida pela firma FIAT que tinha participado em sua construção, ante a elevada necessidade para a produção agrícola. A indústria petroquímica se impulsionou em torno a uma empresa petrolífera alemã que o Estado argentino incorporou mediante o DINIE em 1951, com a intenção de desenvolver um centro petroquímico integrado em Comodoro Rivadavia, embora, “[e]l despegue de esta industria se retrasó un decenio” (ALTIMIR ET AL, 1966-67, p.110)¹⁷⁶. Este tema será desenvolvido com maior profundidade mais adiante, mas em primeira instancia se pode afirmar que o governo peronista elaborou uma legislação para a promoção industrial mas essa não resultou tão efetiva em seus resultados.

Políticas de emprego, de ingressos e redistribuição da riqueza.

A política de regular preços internos com objetivos sociais já se tinha aplicado antes do peronismo. Com o início da Segunda Guerra o governo conservador tomou providencias por médio de uma legislação de 1939 que estabelecia preços máximos e um complexo mecanismo destinado a reprimir a especulação e o ágio. Mas esse tipo de disposição se justificava em circunstancias excepcionais que dificultava o normal abastecimento. O peronismo faria uso desta política como mecanismo para impulsionar a industrialização e fomentar o consumo interno. Assim se estabelecia uma política de ingressos que apontava a uma redistribuição do ingresso desde o capital fazia o trabalho, cujo beneficiário direto era a classe operária, e desde o setor agropecuário fazia as atividades urbanas, que sustentava tanto o salário real como as taxas de rentabilidade dos industriais. Em ambos os casos, as transferências se instrumentavam tanto de maneira direta como por médio de uma modificação dos preços relativos (RAPOPORT, 2006, p.348)¹⁷⁷. Também por médio do IAPI se limitavam os preços

Decreto 6.486/54 já a incluiu como indústria de 'interese nacional' facultando ao Ministério de Indústria e Comercio a adotar as medidas que estimara convenientes. Fonte da Tabela 15: Altimir et al, 1966-67, p.116-117.

¹⁷⁶ “Esto se debió, fundamentalmente, al alto costo y al largo período de maduración de las inversiones, la necesidad de utilizar ‘know-how’ inexistente en el país, y la falta de un plan de desarrollo estatal directo de esa industria, como en el caso de la siderúrgica” (ALTIMIR ET AL, 1966-67, p.110).

¹⁷⁷ “Probablemente el aspecto que caracterizó con mayor claridad la política económica del peronismo, sobre todo en sus primeros años, fue la particular política de ingresos fomentada por un vasto conjunto de leyes y medidas implementadas desde el inicio de la revolución que derrocó a Castillo. Para comprenderla, hay que tomar en cuenta los objetivos iniciales del gobierno y la concepción que Perón tenía de los procesos económicos y sociales. Ante todo, hay que señalar que se apuntaba a un agresivo programa de industrialización, pero se consideraba, al mismo tiempo, que el funcionamiento del capitalismo de libre mercado conducía a una creciente desigualdad en la distribución de los ingresos que debilitaba la demanda, lo que llevaba a una disminución del ritmo de crecimiento y, eventualmente, a su estancamiento. Como consecuencia de ello, se reavivaba el problema del desempleo. A su vez, la desocupación y un bajo nivel de vida podían generar graves tensiones sociales, en el marco de un mundo en el que el comunismo constituía un peligro latente en expansión. Por eso, la política de ingresos del peronismo no representaba una concepción meramente ‘obrerista’, sino que era vista

agropecuários reduzindo-se o custo dos alimentos para os setores populares. Em soma, o controle de preços em produtos de primeira necessidade, em tarifas de transporte público, o congelamento de alugueis, as restrições para transferir incrementos salariais fazia os preços e as severas campanhas contra ‘o ágio e a especulação’, retrasaram o processo inflacionário e mantiveram até começos dos anos 50, o alto nível de salário real obtendo durante o período 1945-49.

Muitas medidas nesta área as adotou Perón durante o governo militar desde seu cargo na Secretaria de Trabalho e Previsão Social, como a criação do fórum trabalhista e a celebração de convênios laborais, entre outras. Em 1945 mediante o Decreto 33.302 se estabeleceu o salário mínimo vital e o décimo terceiro salário. Além, sistematicamente se fazia um controle sobre os produtos básicos, as tarifas dos serviços públicos, e os alugueis. O governo efetuou uma ampla política de gasto social (educação, saúde, vivenda, turismo, recreação). Outras medidas transcendentales nesta área foram a sanção do Estatuto do Peão Rural, que regulou as relações laborais no mundo rural, e a elevada sindicalização, com o mecanismo de outorgar só a um em cada rama de atividade personeria gremial¹⁷⁸. O salário indireto também se incrementou devido à criação de varias instituições como o Instituto Nacional de Previsão Social (que estabeleceu a obrigatoriedade do regime previsional e permitiu a ampla generalização de aposentadorias e de pensões), a uma política social ativa e redistributiva, em matéria de educação, saúde, vivenda, turismo e recreação, que gerou um melhoramento considerável no nível de vida dos setores de trabalhadores assalariados, urbanos e rurais, ao mesmo tempo em que uma maior demanda em matéria de construção de alojamentos de interesse social e de obras e serviços públicos de infra-estrutura e a criação de numerosos empregos públicos nacionais e provinciais nos setores terciários e de serviços. O incremento da pressão tributaria com relação ao PBI e a mudança na estrutura impositiva permitiu ao

como un medio para el crecimiento sostenido de la producción dentro del sistema capitalista. El Estado debía jugar aquí un papel de especial importancia, estableciendo un conjunto de normas de regulación que apuntaban a morigerar la lucha entre capitalistas y asalariados por la distribución del excedente, evitando, por un lado, que una distribución muy asimétrica del ingreso generara una crisis de subconsumo y, por el otro, que un aumento excesivo de salarios disminuyen la tasa de ganancia de tal manera que redujera ostensiblemente la inversión y frenara el ritmo de acumulación de capital” (RAPOPORT, 2006, p.347-348).

¹⁷⁸ “El derecho individual de trabajo privilegió la estabilidad en el empleo, el trabajo a tiempo completo, dificultó e incrementó los costos de los despidos y suspensiones, incorporó a la legislación numerosas instituciones protectora y beneficios cuya implementación en el tiempo llegó incluso a preceder a disposiciones similares adoptadas en la materia por los países más industrializados de Europa.” (NEFFA, 1998, p.148).

Estado obter recursos adicionais para redistribuí-los em benefício dos assalariados (NEFFA, 1998, p.147-48)¹⁷⁹. Assim, se procurou um dos principais objetivos, o pleno emprego¹⁸⁰.

A planificação e os planes qüinqüenais.

A noção de planificar só começou a manifestar se a partir das limitações que a crise dos 30 tinha imposto. Ao apresentar em 1933 o Plano de Ação Econômica, o então Ministro de fazenda Federico Pinedo afirma: “El país requiere un plan. Terminada la tarea preliminar de saneamiento financiero, ha llegado el momento de presentarlo. Lo hace el gobierno con la conciencia de su grave responsabilidad y persuadido de que una crisis larga e intensa como esta, que puede llegar a conmover la estructura entera de la nación, no ha de vencerse con las normas tradicionales de la acción administrativa”¹⁸¹. Esse enfoque seria ampliado para abarcar algo mais que a simples intervenção momentânea por razões conjunturais por Pinedo em seu malogrado Plano de 1940. Ainda assim, a idéia de planificar não tinha o peso ideológico e político que adquiria sob o peronismo¹⁸². A nova visão irá surgindo a partir das preocupações pelas possíveis conseqüências negativas logo do fim da guerra em setores militares e industriais¹⁸³. O governo militar cria, em agosto de 1944 mediante o Decreto Nº. 23.847, o Conselho Nacional de Pós-guerra (CNP) como organismo de caráter consultivo com a tarefa de ‘coordenar a ação do estado em quanto se relaciona com as cuestiones de índole social e econômica’, primeiro organismo de planificação que, sob diversas denominações, perdurará até 1956¹⁸⁴. Como o CNP era uma dependência da Vice-presidência da Nação,

¹⁷⁹ “La mayor retribución de la mano de obra que la industria puede proporcionar es, sin duda, la más importante de las causas de estos cambios en la composición y ubicación de las fuerzas del trabajo nacional. Este hecho permite además atribuir a la industria un alto papel social, en cuenta ella es la que contribuye en primer término a elevar el Standard de vida de la población. Mejores salarios implican mayores consumos y éstos, a su vez fortalecen la estructura de nuestro mercado interno. Cuya ampliación constituye uno de los objetivos más serios de los esfuerzos de promoción económica que el Gobierno realiza” (BCRA, MEMORIA 1946, p.30).

¹⁸⁰ “O objetivo de geração de empregos constituiu um dos criterios básicos para otorgar os beneficios da promoção industrial. A isto se agregou a criação do Servicio de Empleo para regular o funcionamento do mercado de trabalho e da Dirección Nacional de Aprendizaje e Orientación Profesional, destinada à formação profissional dos jóvenes. As relações de trabalho se transformaron profunda, sistemática e rápidamente promoviendo além a ampliação e reestruturação de um sistema judicial laboral cujas decisiones pasaron a ser, pelo general, favoraveis aos asalariados” (NEFFA, 1998, p.148).

¹⁸¹ Plano de Ação Econômica Nacional, Ministério de fazenda e Agricultura da Nação, Talheres gráficos da Penitenciaria Nacional, Bs. As., 1934, pp. 79-80, citado por E. DOMENECH, 1968, pp. 22-23.

¹⁸² As experiencias de intervenção do estado anteriores “no constituyeron verdaderos planes económicos tal como hoy se los definiría. No contenían el múltiple instrumental técnico que posteriormente fueron caracterizando a estos documentos. Se trataba, más bien, de medidas coordinadas dirigidas a resguarda el desarrollo de determinados sectores y sostener el nivel de actividad económica” (CORDONE, 2004).

¹⁸³ “¿Cuál será nuestra situación en el futuro cercano cuando después de la tremenda conflagración armada los países del viejo mundo y de la gran nación norteamericana se dispongan a restaurar su economía, y traten, en consecuencia, de colocar en los mercados del mundo y particularmente en el nuestro sus excedentes de producción industrial y manufacturera”. (UIA *apud* LUCCHINI, 1990, p. 45).

¹⁸⁴ Outras nomeações serão Secretaría Técnica da Presidencia (1946) e Ministerio de Asuntos Técnicos (1954).

esteve a cargo de Perón quem nesses momentos ocupava dita função. Entre suas funções se encontravam a coordenação, planificação e execução de questões sociais e econômicas para o período logo da guerra. O organismo centralizaria a função estatal em quanto se estabeleceu, por médio do decreto 2.505 de fevereiro de 1945, que o Conselho determinaria a procedência o não dos projetos que as Secretarias de Estado deviam ser apresentados ao Poder executivo. Também recopilaria informação estatística. Ao estabelecer o ordenamento econômico-social, determinou quatro preocupações principais, a obtenção do pleno emprego, criar, promover e estabilizar um sistema completo de seguro social, manter a liberdade econômica e delimitar o campo de ação do Estado (CNP, 1980, p.115). Para isto, se declara necessário intensificar a diversificação industrial, criando novas indústrias e intensificando a educação técnica para dispor de pessoal adequado às novas qualificações demandadas¹⁸⁵. Assim, não se procurava anular a liberdade econômica se não conciliá-la 'com um sistema mais humano que o jogo férreo da oferta e a demanda' sendo o Estado 'balança' da relação capital-trabalho. Ao assumir o governo peronista, a tarefa da planificação passa à nova Secretaria Técnica da Presidência da Nação que confecciona o plano de Governo 1947-1951, que logo será denominado Primeiro Plano Quinquenal (PPQ).

Em realidade, este Plano não era um único projeto integral e orgânico, se não na soma de 27 rubros de ação que em grande parte seriam convertidos logo em leis, ou sancionados a través do Poder executivo¹⁸⁶. No econômico, abarcava o fomento à construção de vivendas, questiones energéticas, políticas para a atividade pesqueira, minera e florestal, a criação do Centro Nacional de Investigações Agropecuárias, a organização aduaneira e, finalmente, o fomento à indústria nacional. O Projeto constava em três seções, sendo que a última compreendia os temas de Economia (População, Obra Social, Energia, Trabalhos Públicos e

¹⁸⁵ Uma secção denominada "Fomento das investigações tecnológicas e estudos especiais" propunha a constituição de um Instituto Nacional de Tecnologia.

¹⁸⁶ 1- Lei de criação do corpo de Advogados do Estado.; 2- Lei de Organização dos Ministérios (autorização ao Poder executivo).; 3- Lei de bases modificando o Regime Municipal para a Capital Federal.; 4- Lei concedendo Direitos Eleitorais à Mulher.; 5- Lei concedendo Direitos Eleitorais aos Suboficiais das Forças Armadas.; 6- Lei de Organização da Sanidade Pública.; 7- Lei de Construções, Habilitação e Funcionamento dos Serviços de Saúde Pública.; 8- Lei de Bases sobre Educação Primária, Secundária e Técnica.; 9- Lei de Reforma Universitária.; 10- Lei de Bases reorganizando a Justiça Federal.; 11- Lei de extensão do Foro de Trabalho.; 12- Lei regulando as Funções Notariais.; 13- Lei de Bases criando a Jurisdição Contenciosa administrativa.; 14- Lei de organização do Serviço Exterior da Nação.; 15- Lei de Bases sobre Imigração, Colonização e População.; 16- Lei de Arrendamentos Rurais e de Aparcería.; 17- Lei de Ações Operário.; 18- Lei de Bases instituindo o Seguro Social.; 19- Lei de Bases para o Fomento da Vivenda.; 20- Lei de Reorganização da Direção Nacional da Energia.; 21- Lei Nacional de Energia.; 22- Lei de Pesca e Caça Marítima.; 23- Lei de Defesa da Riqueza Florestal.; 24- Lei criando o Centro Nacional de Investigações Agropecuárias.; 25- Lei de Fomento da Indústria Nacional.; 26- Lei Modificando a Lei de Aduanas.; 27- Lei de Bases de criação do corpo de Aduanas.

Transporte, Produção, Comércio Exterior e Finanças)¹⁸⁷. As prioridades do Primeiro Plano Quinquenal são resumidas por Rapoport em: 1) desenvolver a indústria e a agricultura em base à utilização racional de matérias primas, combustíveis e demais recursos, sustentando um plano público de inversões; 2) diversificar a produção nacional tendo em consideração o potencial de cada região do país, orientando a obra pública fazia a construção de infraestrutura produtiva (caminhos, comunicações, energia elétrica); 3) multiplicar e distribuir riqueza nacional, gerando um forte mercado interno; 4) reduzir a dependência fazia os países centrais, resgatando a dívida externa e nacionalizando os serviços públicos; 5) utilizar reservas mais ingressos por exportação de produtos primários para financiar. O PPQ estabeleceu objetivos essenciais e simultaneamente vagos, que cumpriu em forma parcial¹⁸⁸. Se lhe objeta que carecia de indicações concretas, metas de corto, mediano e longo prazo, e para alguns constituía mais bem uma ampliação do Plano Pinedo ao privilegiar as indústrias já instaladas e a instalação de novas atividades que agreguem valor a matérias primas locais. Embora autorizasse a importação de matérias primas para as indústrias estratégicas ligadas à defina nacional, a transgressão ao conceito de ‘indústrias naturais’ como foco concentrado do esforço de industrialização era só excepcional. Por outra parte, ficava claro que o dinamismo esperado recaia sobre o setor da indústria leve e sobre o mercado interno. (RAPOPORT, 2006, p.336). Este Plano devia concluir em 1950, mas dada as complicações que surgiram a partir de 1949, se preparou um de Emergência em 1952 com o objetivo de incrementar e estimular as exportações da promoção agropecuária, reduzir as importações e a austeridade do consumo.

¹⁸⁷ O projeto de lei apodado "ônibus" por conter os referidos vinte e sete projetos de outras tantas leis, não foi considerado pelo Congresso Nacional em essa forma, se não estudando separadamente cada uma das iniciativas. O despacho parlamentar se estendeu durante os anos 1947 e 1948. As primeiras leyes aprobadas foram a N° 12.951 de organização do Servicio Exterior e a N° 12.954 de criação do querpo de Abogados do Estado e, em março de 1947, se sancionou a N° 12.966 em base ao artículo 2 do proyecto "ómnibus" de recursos para financiar o Plano. A actividade legislativa foi lentificándose até o ponto de que, dois anos depois de sua apresentação, mediante as leyes Nos. 12.963, 12.964, 12.990, 13.010, 13.012, 13.019, 13.031, 13.246, 13.250, 13.254 e 13.273, só merecieron aprobación a mitad das proyectadas, quedando as restantes nos anaqueles das comisiones.

¹⁸⁸ “La transformación de la estructura económica-social por la expansión industrial. La reducción de los factores de vulnerabilidad externa a través del rescate de la deuda externa pública y privada y la nacionalización de los servicios públicos. La elevación del nivel de vida de la población mediante una redistribución de la riqueza y un plan general de obras y servicios públicos referidos a la sanidad, educación y vivienda. El empleo de parte de las ganancias generadas por los términos de intercambio muy favorables de que gozaba el país, junto con las reservas de oro y divisas acumuladas durante la guerra, para la financiación del programa. El mantenimiento de una política nacionalista frente a los organismos internacionales de la posguerra, aprovechando la coyuntura favorable. Una amplia movilización de los recursos nacionales, la aceleración de la capitalización industrial, el fomento de la creación de un importante mercado de consumo interno y máxima utilización de la fluidez brindada al sistema bancario, para independizarse de las fluctuaciones de la balanza de pagos” (RAPOPORT, 2006, p.335).

Reeleito Perón apresenta o Segundo Plano Quinquenal (SPQ) que foi promulgado como Lei N°. 14.184 em dezembro, de 1952 e teria sua aplicação entre 1953 e 1957. Compreendia quatro títulos, subdivididos em planes particulares¹⁸⁹. Como principais pontos, o Estado se reservava o controle do comercio exterior guiado pelo propósito de defender a produção nacional e obter termos de troca justos e equitativos. Sua gestão estaria também orientada à consolidação e diversificação dos mercados de importação e exportação, para o qual poderia firmar convênios bilaterais que incentivaram a troca até a economia internacional permitira voltar a esquemas multilaterais de comercio. Ficavam assim, a cargo do Estado, as tarefas de venda dos saldos exportáveis da produção nacional e de compra dos combustíveis, matérias primas e bens de capital que precisava o desenvolvimento agropecuário, industrial e a mineração do país. Para esses investimentos se fixava uma ordem de prioridades que é demonstrativo das pautas econômicas que iriam a prevalecer no quinquênio¹⁹⁰. Surge claramente a intenção do governo de impulsionar setores produtivos chaves para o equilíbrio econômico nacional e que nos anos anteriores não haviam tido um desempenho satisfatório.

Tabela 17. Segundo Plano Quinquenal. Resumo

TÍTULO 1: Ação Social I: Organização do povo II: Trabalho III: Previsão IV: Educação V: Cultura VI: Investigações Científicas e Técnicas VII: Saúde Pública VIII: Vivenda IX: Turismo	TÍTULO 2: Ação Econômica X: Ação Agrária XI: Ação Florestal XII: Mineria XIII: Combustíveis XIV: Hidráulica XV: Energia Elétrica XVI: Regime de Empresas XVII: Indústria XVIII: Comercio Exterior XIX: Comercio Interno XX: Política Crediticia XXI: Política Monetária XXII: Política Impositiva
TÍTULO 3: Obras e Serviços Públicos XXIII: Transportes XXIV: Viação XXV: portos XXVI: Comunicações XXVII: Obras e Serviços Sanitários	TÍTULO 4: Planos Complementais XXVIII: Racionalização XXIX: Legislação geral XXX: Investimentos do Estado XXXI: Planos Militares

¹⁸⁹ O próprio Perón (apud CORDONE, 2004) na apresentação do Plano no parlamento se referiu às circunstancias que diferenciaram a confecção dos dois planos. "El 1er. Plan Quinquenal, por circunstancias sobradamente conocidas, no pudo tener ni la racionalización absoluta de su contenido, ni tampoco los estudios de base permitieron afirmarlo en realidades absolutas, desde que la falta de estadísticas, la falta de censos y el desconocimiento en que el país vivía de su propia realidad no me permitieron afirmarlo realizar una planificación perfecta" (...) "La elaboración del 2º Plan Quinquenal ha sido más propicia y ajustada: hemos tenido cinco años para preparar los organismos necesarios que nos permitieron, no solamente realizar todos los estudios de base necesarios para planificar sino también establecer los organismos permanentes de planificación y de racionalización".

¹⁹⁰ As cifras destinadas aos distintos rubros expressam essa vontade: 1) Ação Social, 1.380 milhões de pesos; 2) Ação Econômica, 10.881 milhões; 3) Obras e Serviços Públicos 14.239 milhões; 4) Planos militares, 4.000 milhões; 5) Aporte nacional a planos de província, 3.000 milhões.

Insiste-se -como em 1952- em impulsionar o desenvolvimento agrário (provedor de divisas); se pretende sentar as bases da indústria pesada; e se propõe superar os bloqueios que se registravam na provisão energética. Se afirmava que se o Primeiro Plano Quinquenal tinha consolidado o desenvolvimento da indústria de bens não duráveis, este Segundo Plano devia implantar a indústria pesada. A preocupação por impulsionar o crescimento produtivo também se pode apreciar no Capítulo II dedicado ao rubro *Trabalho*. Nesse apartado se sinalava, logo de auspiciar se a plena ocupação e a aplicação dos Direitos *do trabalhador*, a vontade de propiciar ‘um incremento da produtividade do trabalho e do capital’. Para isto se propunha o aperfeiçoamento dos métodos técnicos de produção com a colaboração dos trabalhadores, estimulando as iniciativas que aumentassem a eficiência do trabalho e compensado essa colaboração com uma adequada distribuição dos benefícios. Essa inquietude por elevar o nível de produtividade, culminará com a convocatória a um Congresso Nacional da Produtividade e Bem-estar Social que, com a assistência de delegados operários e patronais, se concretizará em março de 1955. Também se faz referencia à colaboração do capital privado e *estrangeiro* para impulsionar o desenvolvimento econômico. Com esse fim, em agosto de 1953, se aprovará a lei 14.222 que regulamentará a incorporação de investimentos estrangeiros.

Política internacional.

Não é o objetivo analisar a política internacional de Perón, se não fazer referencia de que maneira afetou as condições econômicas da Argentina. Perón procurou instaurar uma postura similar à que estabeleceu internamente de se situar em forma equidistante de pólos extremos –“nem ianques nem marxistas ¡Peronistas!”–, denominada de Terceira Posição que difundiu em mensagem radial a 6 de junho de 1949. Com os soviéticos renovou relações interrompidas desde 1917. Com USA, se bem Argentina firmou o ata de Chapultepec em 1945 os vínculos permaneceriam conflituosos, embora para o final houvesse uma aproximação com a visita do irmão do Presidente Eisenhower em 1953¹⁹¹. USA manteve o boicote contra a Argentina e sua ‘cuidadosa exclusão’ do Plano Marshall (BARKSKY,

¹⁹¹ A Argentina não se comportou de acordo ao que esperava os norte-americanos na Conferencia Interamericana para a Manutenção da Paz e a Seguridade do Continente de Rio de Janeiro em 1947, nem na IX Conferencia Interamericana em abril de 1948 em Bogotá, neste último caso, se opondo a que a OEA se constituíra num super-estado que limitara a soberania das partes.

GELMAN, 2001, p.298) com o que não conseguiu exportar para a reconstrução europeia¹⁹². Este boicote impediu o subministro de insumos chaves, e comercialmente impediria o vínculo da Argentina com Grã Bretanha, França e Bélgica (BARKSKY, GELMAN, 2001, p.300)¹⁹³. Com a crise nos 50, Argentina deveu acudir a um empréstimo de USA por 125 milhões de dólares. Se o Decreto N°. 3.347 de 1948 tinha criado a Comissão Nacional de Radicação de Indústrias para fiscalizar ao capital estrangeiro numa postura restritiva e agressiva, a Lei N°. 14.222 de 1953 lhe outorgou um trato mais amistoso e se bem teve pouco impacto no curto prazo, foi o antecedente de normas similares posteriormente (NEFFA, 1998, p.146)¹⁹⁴.

3.2. Evolução econômica

Visão global

A economia argentina durante os dois governos de Perón cresceu em média 3,6% ao ano. Este nível não resulta muito diferente do registrado em igual período tanto antes como depois da gestão peronista. Desta maneira, se bem supera ao crescimento observado durante os governos conservadores (1930-1943), “claro está que un 13,8% en 12 años no resulta demasiado impresionante” (BUCHRUCKER, 1987, p.360)¹⁹⁵. Por outro lado, é só um pouco superior ao período seguinte quando entre 1955 e 1967 o crescimento anual foi do 3,4%. Em 1946 e 1947 é quando claramente se registra o maior aumento: o PBI se incrementa em 20%. Em 1948 o ritmo de atividade se incrementa de novo em 5,5%, que não deixa de ser uma cifra significativa. Todavia, a queda estava sinalando inconvenientes para manter o ritmo de expansão. Isto se confirmaria em 1949 ao cair o PBI em 1,3%. Seu rumo inicial deveu alterar

¹⁹² “En suma, la Argentina fue cuidadosamente excluida de las reuniones internacionales que se realizaron durante la guerra y en la posguerra para organizar el comercio mundial de alimentos y su traslado, aspecto este último muy decisivo, ya que la carencia de transporte naval hacia imposible el acceso a los mercados demandantes de productos agropecuarios” (BARKSKY y GELMAN, 2001, p.300-301)

¹⁹³ BARKSKY e GELMAN (2001, p.299-300) dão a entender que além das questões geopolíticas que explicam o boicote estadunidense, existiam diretamente interesses econômicos - comerciais, em base à concorrência entre ambos os países para colocar seus excedentes agropecuários. Inclusive sinalam o interesse concreto de Cornell Hull, secretario de Estado estadunidense, impulsor do boicote, ao estar ligado à coalizão dos agricultores maiores de USA, o Farm Block, e de Henry Wallace, Ministro de Agricultura e logo vice-presidente, que pertencia ao populismo agrário mais radicalizado desse país.

¹⁹⁴ Já em 1951 Gómez Morales (1951, p.56-57) afirmaba: “El aporte del capital extranjero sigue siendo indispensable para el desarrollo del país, caracterizado por tener una economía en plena evolución expansiva (...) Las perspectivas que ofrece en la actualidad la República Argentina son inmejorables: buenos rendimientos, determinados por una mayor movilización de la riqueza nacional que ha creado un notable mercado interno al elevar extraordinariamente el consumo como consecuencia del mejor nivel de vida de la población; un régimen impositivo moderno, con tasas muy moderadas que no admiten comparación alguna con la de los países de origen de esos capitales. Además, se ha tomando últimamente una serie de medidas para favorecer el ingreso de capitales extranjeros y se tomarán tantas como fuera menester compatibles con los irrenunciabiles principios de independencia económica y soberanía política”.

¹⁹⁵ “Esto superaba levemente los índices de los años que van de 1935 a 1944, pero estaba muy lejos de satisfacer las difundidas expectativas optimistas de la posguerra, que se orientaban según los índices del 6% anual característicos de la época que transcurrió entre 1900 y 1929” (BUCHRUCKER, 1987, p.360).

se, em grande medida, por causa das fortes secas de princípios dos anos 50, que levam à brusca queda do produto em 6,6% em 1952. Após recuperar-se, os últimos três anos da gestão de Perón mostram um aceitável ritmo de atividade – ao menos para níveis argentinos - que, se bem estão longe dos eufóricos registros dos anos iniciais, é suficiente como para evitar atribuir a queda do governo peronista a uma conjuntura de crise econômica. Em definitiva, a economia durante o peronismo apresenta duas etapas. A primeira de 1946 a 1948 se caracteriza pela forte expansão que possibilita fortes aumentos nos níveis de consumo, de inversão e de gasto público. São os anos que se identificam com o período ‘dourado’ do peronismo e que vai a ficar gravado na memória de seus seguidores. O nível de consumo se incrementa em 18% no primeiro biênio e a inversão em quase 60%. Em 1949 aparece um importante desequilíbrio externo, e o marco econômico se agrava com a perda de produção primária pelas caras, o que forçou modificar radicalmente a política econômica em momentos que Perón era reeleito em 1952.

Tabela 18. Oferta e demanda global (milhões de pesos de 1950)

Ano	PBI	PBI % crescimento	Consumo	Inversão
1946	50035	8,9	37698	11007
1947	55600	11,1	42451	17470
1948	58679	5,5	44505	17464
1949	57888	-1,3	44660	14667
1950	58599	1,2	45466	14735
1951	60423	3,1	46000	15530
1952	56411	-6,6	43811	13448
1953	59499	5,4	44649	13143
1954	62072	4,4	46525	14325
1955	64661	4,2	49794	15427

Fonte: Rapoport (2006, p.332).

As Tabelas 17 e 18 mostram o forte incremento inicial do PBI e a forte desaceleração logo de 1949, assim como o duro impacto da cara em 1952 e os registros mais moderados do último triênio. Além de se ver o forte aumento no consumo interno entre 1946 e 1948. Ao longo do triênio seguinte sua expansão foi muito menor e em 1952 se registrou uma forte diminuição com respeito ao ano anterior embora se mantendo num nível só um pouco menor ao verificado em 1948. A partir de aí reinicia uma trajetória de aumento. O nível de inversão também se expande fortemente ao início, mas decai antes que o consumo e já em 1949 registra uma importante diminuição. A partir de esse ano se coloca num nível que se manteria relativamente estável até o final do período, a pesar do intento de outorgar-lhe maior prioridade. As três variáveis macroeconômicas analisadas apresentam uma tendência similar.

A forte expansão inicial se vincula com o projeto apresentado no PPQ, até encontrar dificuldades a partir de 1949 com a crise externa. Trás um plano de estabilização, o SPQ ante um contexto mais duro apresenta modificações qualitativas.

A primeira etapa se caracterizará pela forte expansão no bem-estar dos setores trabalhadores (Tabela 19). Chama a atenção o forte aumento no salário real entre 1946 e 1948 (quase 12% anual), que beneficiou não só aos trabalhadores industriais, se não os urbanos em geral. Logo, se percebe a abrupta ruptura desta tendência dado que se passou a taxas negativas de variação dos salários reais. A posterior recuperação nos níveis de incrementos de salários foi muito moderada quando contrastados com os registros desse período inicial peronista. Por outro lado, a economia operava em níveis próximos ao pleno emprego, pelo que, com as melhoras salariais, se registrou uma forte expansão na participação do setor assalariado no ingresso nacional. Se as cifras apresentadas por Gerchunoff e Antunes ressaltam que dito porcentagem se incremento para 46%, outras fontes, que se apresentarão posteriormente, indicam uma participação incluso superior. Se bem as distintas fontes registram que logo dessa expansão inicial essa participação se estancou ou diminuiu parcialmente, não obstante, o menor valor continuava sendo muito superior aos registros anteriores. Desta maneira, se pode afirmar a melhora na distribuição do ingresso em favor dos setores assalariados constitui o acontecimento essencial dos anos peronistas.

Tabela 19. Atividade econômica na Argentina 1940-1955

	PBI	Importações	Consumo	Investimento	Exportações
1940-1945					
Taxa de crescimento anual	2,45%	-13,07%	1,87%	-1,13%	-3,36%
% PBI		9,86%	83,11%	9,60%	17,16%
1946-1948					
Taxa de crescimento anual	8,48%	54,59%	13,64%	25,44%	-1,48%
% PBI		19,32%	88,57%	14,88%	14,88%
1949-1952					
Taxa de crescimento anual	-0,55%	-16,32%	-1,23%	0,70%	-13,13%
% PBI		12,60%	87,57%	15,65%	9,37%
1953-1955					
Taxa de crescimento anual	5,49%	8,90%	5,36%	4,51%	13,85%
% PBI		9,93%	83,59%	16,40%	9,95%
1956-1958					
Taxa de crescimento anual	4,67%	1,35%	3,83%	5,12%	7,68%
% PBI		10,33%	84,54%	15,90%	9,89%

Fonte: Gerchunoff, Antúnez (2002, p.198)

Tabela 20. Mercado de Trabalho

	Salário real		Emprego Total	Participação dos trabalhadores no ingresso
	General	Não Agropecuários*		
1940-1945				
Taxa de crescimento anual	-0,53%	-0,79%	1,99%	
Valor médio				37,30%
1946-1948				
Taxa de crescimento anual	11,95%	13,11%	0,26%	
Valor médio				39,42%
1949-1952				
Taxa de crescimento anual	-2,47%	-2,51%	2,63%	
Valor médio				46,52%
1953-1955				
Taxa de crescimento anual	3,63%	2,14%	1,78%	
Valor médio				46,72%
1956-1958				
Taxa de crescimento anual	2,19%	1,93%	2,11%	
Valor médio				

Fonte: Gerchunoff, Antúnez (2002, p.199)

Contudo, as causas econômicas que fizeram factível as políticas salariais e de emprego não necessariamente se vincularam com suas políticas econômicas. A situação da Argentina ao concluir o conflito bélico era muito peculiar. Tinha acumulado uma grande quantidade de reservas internacionais, embora uma parte importante estivesse bloqueada por Grã Bretanha. Adicionalmente, a demanda alimentícia incrementada pela reconstrução das economias que tinham participado na contenda teve o efeito de melhorar notoriamente os termos de troca do país. Assim, o saldo externo entre 1940 e 1948 foi positivo.

Tabela 21. Comércio exterior argentino 1940-1958

Valor médio - Milhões u\$s Correntes				
	Balança Comercial	Conta Corrente	Varição de Reservas	Termos de Troca Índice 1960=100
1940-1945	264,83	185,33	194,63	109,87
1946-1948	268,00	229,33	-234,63	148,00
1949-1952	-205,00	-2,70	-125,00	121,73
1953-1955	44,67	46,67	20,60	101,77
1956-1958	-253,00	-231,00	-25,67	85,33

Fonte: Gerchunoff, Antúnez (2002, p.199)

Estes recursos possibilitaram que se dera impulso ao setor industrial ao se renovar as fontes de importações no pós-guerra, à expansão do mercado interno e à concessão de

benefícios para os estratos assalariados. Assim mesmo, viabilizaram que se adquiriram numerosas empresas de serviços públicos e se cancelara o endividamento externo, o que levou a que Perón declara se ‘a independência econômica’ da Argentina na província de Tucumã a 9 de julho de 1947, no mesmo lugar que se tinha declarado a independência política do país 151 anos antes. Mas essa dinâmica entrou em dificuldades tanto pela rápida perda de reservas como pela reversão na tendência favorável dos termos de troca a partir de 1949. Os déficits comerciais externos obrigaram a implementar um ajuste no setor.

Tabela 22. Moeda e inflação (Valor médio)

	M1/PBI	M2/PBI	Inflação ao consumidor
1940-1945	23,92%	41,83%	5,20%
1946-1948	31,33%	46,67%	14,77%
1949-1952	27,25%	36,88%	33,03%
1953-1955	24,00%	32,83%	6,70%
1956-1958	19,83%	28,00%	20,20%

Fonte: Gerchunoff e Antúnez (2002, p.200)

Essa recomposição externa se tornou tremendamente dramática quando a adversidade climática destruiu a produção primária exigindo medidas muito mais severas. Além da implementação de um Plano de emergência em 1952, o aspecto de fundo era que a economia, sem a folgada situação externa como a apresentada no pós-guerra, não podia funcionar com a dinâmica desenhada pelo primeiro governo peronista¹⁹⁶. Se Perón tinha impulsionado ao começo políticas expansivas em sua maior intensidade possíveis, ao apresentar-se a crise optou por um equipo econômico de tendências mais ortodoxas procurando reverter o intenso processo de des-monetização e de aumento de preços (Tabela 20). O Segundo Plano não só tenderá um enfoque diferente ao primeiro – dado que o acento será o incremento nos níveis de produtividade e não de distribuição – se não que também reverterá outros postulados que o mesmo peronismo tinha anunciado como pilares de sua orientação¹⁹⁷. Uma mudança primordial neste marco foi a lei de 1953 que possibilitou o ingresso de capitais externos. A mudança também se comprovou no setor público que deixou suas políticas expansivas e procurou reduzir o déficit fiscal com medidas ortodoxas (Tabela 21).

¹⁹⁶ Neffa (1998, p.151) sostiene que “la crisis de los años 1951-52 no fue causada solamente por variables exógenas (restricciones del sector externo y déficit de la balanza de pagos), sino también endógenas, (resultantes de los ciclos económicos de mediano plazo y de varios años de sequía que redujeran los saldos exportables)”.

¹⁹⁷ Já o BCRA em sua Memória de 1946 (p.44) sinalava o problema que a produção do setor estava afetada pela falta de certas matérias primas e elementos indispensáveis e por “una disminución en el número total de horas trabajadas por obrero, ya sea por conflictos de carácter gremial, sea por el acortamiento de la jornada en algunas industrias y por una reducción en el rendimiento que en una hora de labor se obtenía en el pasado”.

Tabela 23. Setor Público 1940-54 (Valores médios)

	Ingresos consolidados/PBI	Gastos consolidados/PBI	Déficit fiscal consolidado/PBI
1940-1944	15,70%	19,50%	3,80%
1945-1949	21,20%	29,40%	8,20%
1950-1954	25,60%	28,50%	2,90%

Fonte: Gerchunoff, Antúnez (2002, p.200)

A crise externa impediu que se produzisse um salto no nível de gasto público a partir de 1949 como logo da assunção de Perón. Além, deixaram de levar se a cabo políticas fiscais expansivas num intento do governo de equilibrar suas contas por médio do incremento de ingresos. Este marco de tendência mais ortodoxa implicou também que dentro da composição do gasto público surgira a busca por estimular ao setor primário, com o propósito de melhorar as contas externas¹⁹⁸. Por isto, se no momento inicial o governo peronista se propus a expansão máxima do setor industrial captando recursos do setor rural, com a mudança de perspectivas “la transferencia de ingresos opera en sentido inverso y ahora son los sectores urbanos los que deberán soportar los costos de un cambio de rumbo que retorna sobre algunos de los viejos rasgos del modelo agroexportador y favorece los precios agropecuarios en detrimento de los industriales” (VILLARRUEL, 1988, p.391). Em conseqüência, o desafio do governo peronista passou a ser continuar o desenvolvimento industrial num crítico marco externo que combinava um escasso nível de divisas, queda nos termos de troca e baixos saldos de exportação da produção primária. A este contexto se agregava a necessidade de incrementar a importação de bens de capital e insumos industriais (RAPOPORT, 2006, p.395). As decisões de desvalorizar a moeda, com o propósito de melhorar o saldo externo incrementando os preços internos dos produtos agropecuários e de reajustar as tarifas nos serviços públicos tiveram efeitos adversos sobre as rendas dos setores populares¹⁹⁹.

¹⁹⁸ “En el año 1952 la política de crédito, practicada mediante la observación sistemática del grado de desarrollo de los distintos sectores que integran la economía, siguió fundándose en las normas anti-inflacionistas que venían rigiendo desde años anteriores. En este sentido el programa de préstamos tendió a apoyar decididamente a la producción agropecuaria que junto con la industria, representan los puntales de nuestra economía. La introducción del Crédito Agrario Planificado y la ampliación de los márgenes de redescuento han facilitado, sin duda alguna, el proceso de recuperación en ese sector productivo, según lo atestigua plenamente el resultado de la campaña 1952-53” (BCRA, MEMORIA 1952, p.24).

¹⁹⁹ “El precio del cambio de la estructura de precios relativos se descargó sobre el costo de los insumos importados (entre los que debe mencionarse, en especial, el combustible utilizado por el sector industrial) y sobre los salarios que, a pesar de incrementarse nominalmente, se redujeron al 69,9% del nivel alcanzado en 1948” (RAPOPORT, 2006, p.395).

Por cima das questões conjunturais da crise de princípios dos anos 50, cujas medidas de emergência permitiriam recompor o saldo externo com um aumento das exportações de 80% entre 1952-1953, se estava transformando o modelo de desenvolvimento. Esse foi o objetivo enunciado no SPQ que procurou avançar tanto na implementação de investimentos em setores básicos como combinar industrialização com um aumento da produção primária de exportação. Em contrapartida, as questões de distribuição da renda ficavam sujeitas à obtenção de melhoras de produtividade. Os resultados econômicos nesta reta final do peronismo podem descrever-se, para fazer-lo de alguma maneira, como ‘aceitáveis’, mas estão muito longe daqueles do primeiro triênio. Essa forte transformação refletia as limitações que provinham do pobre desempenho da atividade primária. Se bem este setor já mostrava uma tendência de estancamento, a partir do pós-guerra empiorou. Entre 1944 e 1955 sua participação no produto total cai fortemente (Tabela 22). A produção agrícola caiu porque os terratenentes optaram pela pecuária que apresentava maiores preços e requeria menos inversão de capital.

Tabela 24. Distribuição do produto entre as atividades produtivas

Produto, % sobre total	Agropecuária	Manufatura	Mineração e Construção	Transporte	Eletricidade e Comunicação	Vivenda	Estado	Outros
1900-04	33,3	13,8	6,8	3,7	0,5	6,8	5,5	29,6
1925-29	25,7	17,7	6,9	7,2	1,4	4,8	5,5	30,8
1940-44	24,7	21	6,5	7,4	2	4,9	6,8	26,7
1955	17,3	23,4	7,1	8,6	2,5	4,7	9,4	27
Distribuição do incremento (%)								
1900-04/1925-29	22	19,6	7	8,8	1,8	3,8	5,5	31,5
1925-29/1940-44	22,2	29,6	5,5	7,8	3,5	5,2	10,2	15,9
1940-44/1955	2,3	28,3	8,2	11	3,5	4,3	14,8	27,6

Fonte: Cornblit (1967, p.20).

O pobre desempenho do setor agrícola se refletiu na diminuição da área semeada, que sendo em 1953/54 de 25.798.000 hectares resultou menor que em 1935/40 que tinha sido 27.136.000 hectares, e na queda no volume da produção agrícola que caiu 10% entre 1946/49. Isto significou que o volume obtendo pelo agro fosse menor em 1954 ao de 1937, enquanto que a pecuária cresceu em menos de 25%. Este resultado se explica em parte por questões de falta de avance na produção, como pelos efeitos das fortes secas entre 1949 e 1952²⁰⁰. Assim, a atividade agropecuária registrou uma queda substancial em sua participação dentro do PBI passando de pouco menos de uma quarta parte nos anos da Segunda Guerra ao 17,3% no último ano do governo peronista. Sua decadência se percebe claramente dado que

²⁰⁰ “La mecanización hizo progresos, pero fueron insuficientes. En 1940 la Argentina tenía menos de un tractor por cada 1000 ha de tierra; en 1955 eran dos. Las cifras norteamericanas para esos años fueron 11 y 30 respectivamente” (BUCHRUCKER, 1987, p.361).

só é responsável por 2,3% do crescimento do PBI entre 1940-44 e 1955, enquanto desde o começo do século vinte e o ano 1940 o tinha sido de 22%.

O setor industrial incrementa sua participação; mas não compensou a queda do setor primário. A manufatura só aumenta em 2,4% sua participação no PBI, longes de cobrir totalmente a queda de 7,4% do setor primário. Igualmente, em primeira instancia, a indústria tenderá uma importante expansão durante o período. Buchrucker (1987, p.360-61) apresenta quatro índices que estimam sua evolução no período, sendo que, sobre uma base 1943=100, reflitam um valor para 1955, respectivamente, de 165,1 (CEPAL), 180,0 (Elias), 178,7 (CONADE), e 232,9 (Schwarz). Mas se além da opção de índice, todos mostram uma apreciável expansão da produção industrial, não explica uma porção maior do incremento do produto do que o fazia no período anterior, em especial se peronismo aceita-se que começa em 1946 e não em 1943. Essa diferencia é importante já que Portnoy encontra que nesses anos se produz um desenvolvimento industrial de maior intensidade. “La conclusión primaria que se puede obtener de la observación de dichas relaciones es la del relativo estancamiento del crecimiento de la industria manufacturera después de 1945 y de la caída vertical de los sectores agrícolas. Ésta se compensa con aumentos habidos en los servicios del gobierno, construcciones y comunicaciones” (PORTNOY, 1961, p.93-4)²⁰¹.

²⁰¹ Para Portnoy (1961, p.92) a análise das intensas mudanças do PIB em 1939-55 “comprueba que dichos cambios se han producido casi en su totalidad entre 1939 y 1944, en el sector que ha crecido porcentualmente con más intensidad, o sea en las industrias manufactureras”. “Al estudiar la evolución del volumen físico de la producción industrial se ve muy claramente que el índice que, con base 1950:100, era de 60,7 en 1939, llegó a 76,5 en 1945; se elevó muy rápidamente hasta 100,7 en 1948, para mantenerse estancado, con pequeñas variaciones, hasta 1954, en que llega a 100,1. Es decir, que el crecimiento es del orden del 26% entre 1939 y 1945, con una media anual de 4,33%, y del 31,6% entre 1945 y 1948 con una media anual de 10,53%; después de esta última fecha se produce un estancamiento que debe considerarse netamente regresivo, si lo vinculamos con el crecimiento de la población” (PORTNOY, 1961, p.94).

Tabela 25. Produto Interno Bruto. Por grandes setores econômicos

(Em % sobre o total, segundo o valor bruto agregado pelos fatores)

	Agricultura	Pecuária	Pesca	Mineração	Indústria	Construções	Comercio	Transporte	Serviços Públicos	Vivenda	personais	Governo	Total
1935	15,3	10,5	0,1	1,2	14,8	2	13,4	10,3	2,2	13	9	8,2	100
1936	14,8	10,9	0,1	1,2	15,7	2,2	13,2	10,3	2,1	12,2	8,9	8,4	100
1937	17,3	11,2	0,1	1,3	14,9	2,6	14,1	9,2	1,9	11,5	8,1	7,8	100
1938	14,1	10	0,1	1,3	16,1	3,1	14,1	9,2	2	13	8,3	8,7	100
1939	12,8	10,5	0,1	1,5	17	2,9	14,1	8,9	2	13,3	8,1	8,8	100
1940	11,2	11,9	0,1	1,6	16,7	2,7	14,9	8,6	2	13,3	8,1	8,9	100
1941	11,6	12,3	0,1	1,6	17,9	2,8	14,7	8,3	1,8	12,7	7,9	8,3	100
1942	10,4	12,9	0,1	1,6	19,6	2,9	15,6	8,6	1,6	11,6	7,4	7,7	100
1943	9,6	12,1	0,1	1,5	21,4	3	15,4	9,1	1,5	11	7,6	7,7	100
1944	10,9	11,4	0,1	1,4	23,1	3,3	16,2	8,9	1,4	8,5	7,4	7,4	100
1945	9,2	10,9	0,1	1,4	22,5	3,5	15,3	8,7	1,4	11,4	8,1	7,5	100
1946	14,3	8,8	0,1	1	23,1	3,8	16,3	7,8	1,3	9	7,3	7,2	100
1947	10,7	8,3	0,1	0,9	23,4	4,3	21,5	8,1	1,2	7,4	6,6	7,5	100
1948	10,2	7,2	0,1	0,9	22,7	5,9	20,9	9	1,1	6,7	6,8	8,5	100
1949	8,6	7,2	0,1	1	23,9	7,1	17	10	1,1	6,7	7,8	9,5	100
1950	7,5	8	0,2	1	23,4	7,3	17,1	10	1,1	7,1	8,2	9,1	100
1951	8,3	9	0,2	0,9	22,7	6,3	18,2	10,3	0,9	6,4	8	8,8	100
1952	7,2	9,2	0,2	1,1	22,3	5,8	17	10,8	1	6,7	8,8	9,9	100
1953	11,8	9,9	0,1	1	19,8	5	14,9	10,9	1	6,9	8,4	10,3	100
1954	9,8	8,9	0,1	1,1	21,6	5,5	14,4	10,8	1,1	7,2	8,8	10,7	100
1955	9,6	8,3	0,1	1	23,6	5	14,9	10,4	1,1	7,5	8,2	10,3	100

Fonte: Portnoy (1961, p.8)

Em conseqüência, o incremento do produto durante essa etapa se deve também à expansão de outras atividades²⁰². Na Tabela 23 se observa a fundamental participação do setor público e das atividades agrupadas sob ‘outros’, fundamentalmente comercio e outras ocupações urbanas. Se bem já durante o governo militar se tinha intensificado a participação do Estado, tendência inclusive que tinha surgido durante a Concordância, essa evolução se intensifica sob o peronismo. Assim, a atividade estatal passa a representar 9,4% do PBI logo de incrementar se 3,4% com respeito a 1940-44, e entre 1940-44 e 1955 é responsável por 14,8% do aumento da atividade interna, quando entre 1925-29/1940-44 só tinha sido do 10,2%, o que já duplicava os niveles correspondentes à etapa previa à depressão. O rubro ‘outros’ se bem não incrementa sua participação no PBI – de fato resulta menor que seus registros anteriores a 1930 – resulta importante na expansão do mesmo, sendo apenas inferior ao aporte do setor manufatureiro com 27,6%. Entre as atividades primárias, a agricultura apresenta a pior evolução. O setor já tinha ficado relegado frente à pecuária durante a guerra. Mas essa tendência se agravou trás a chegada de Perón e logo com a seca dos 50. A recuperação do último período peronista esteve vinculada a modificações na política econômica. O setor pecuário mostra uma evolução similar, mas com vaivens menos pronunciados, revelando um estancamento. Em geral mostra uma participação entre 3-4% inferior aos anos bélicos.

Tabela 26. Índice de ocupação em atividades não produtivas de bens

Por unidade do produto derivado da produção de bens (1925-29 = 100)

	Comercio e finanzas	Estado	Serviços Domésticos	Outros serviços pessoais
1900/1904	43,1	32,6	63,7	26,8
1925/1929	100,0	100,0	100,0	100,0
1940/1944	125,8	167,4	105,1	164,7
1945/1949	142,9	250,7	104,3	198,9
1955	183,7	343,9	118,8	259,5

Fonte: Portnoy (1961, p.29)

Os setores que mostraram uma tendência crescente foram o de construção, que de possuir uma participação inferior aos 4% em 1946 supera o 7% em 1950, embora depois se estabiliza em torno ao 5-6% até 1955; o comercio, que sobe do 15,3% em 1945 ao 20,9% em 1948, embora gradualmente depois cai para terminar com um valor levemente menor a seu valor inicial; o transporte, que se incrementa levemente em 2-3%; e o governo que cresce em 3%. Em ambas as Tabelas se percebe a relevância de um rubro que é denominado,

²⁰² No auge de 1946-48 “La construcción fue un factor de gran importancia que subió un 30,4%, siendo más relevante la pública que creció un 55,7%, mientras que la privada un 15,6%” (CORTÉS CONDE, 2005, 192).

respectivamente, ‘outros’ o ‘serviços pessoais’. Em geral sob tais conceitos se refere à expansão de atividades urbanas. Este impulso se vincula ao fato que um dos preceitos da política econômica peronista era funcionar com pleno emprego. Pode perceber se no Tabela 24 a importante expansão na contratação de assalariados por parte de atividades urbanas, onde se destaca principalmente a toma de trabalhadores por parte do setor público²⁰³. Contudo, as atividades financeiras e comerciais como também as de serviços pessoais privados igualmente tiveram um importante incremento.

Em soma, uma primeira observação da economia sob o peronismo revela que ela teve uma dinâmica inicial intensa que se caracterizou em parte pela expansão industrial, mas também, em parte não menos importante, pelo crescimento de diversos setores da atividade urbana, incluindo uma contribuição importante do setor público. A contrapartida foi setor primário cuja evolução, que já dava sinais de estancamento antes do peronismo, resultou particularmente pobre. A expansão industrial viabilizada pela importação de maquinarias e insumos, políticas fiscais expansivas que se manifestaram no aumento do gasto e do emprego no setor público e uma política monetária expansiva mediante redescontos pelo BCRA, juntamente com as disposições em matéria trabalhista que se tinha sancionando, derivou nas subas salariais e no incremento da demanda interna ao assumir Perón. Neste momento, o que ajudava a fazer viável o efeito buscado pelo governo era o tipo de indústria que vinha se desenvolvendo.

“Hacia 1946 la industria argentina no había alcanzado la frontera del autoabastecimiento de manufacturas provenientes de ramas industriales como textiles, alimentos y bebidas, metalurgia y química livianas. Casi el 75% del equipamiento industrial en el período 1946-1950 se concentró en las industrias metalmeccánicas y textil. Estas actividades se desarrollaron en el período en empresas de dimensión mediana y pequeña, con densidades de capital por hombre ocupado relativamente bajas y tecnologías poco complejas. En tales condiciones, las empresas de capital nacional pudieron jugar un papel importante en esa fase del desarrollo industrial. Por las mismas razones, el instrumental de la política de fomento industrial pudo ser relativamente sencillo y operar primordialmente a través de la protección arancelaria, el régimen de cambios y la expansión del crédito industrial. (...) las empresas manufactureras expandieron rápidamente su equipamiento y estuvieron en condiciones de sustituir importaciones y abastecer áreas hasta entonces no cubiertas de la demanda interna, en particular en bienes de consumo durable” (FERRER, 1977, p.25-26).

A reversão da tendência de expansão, que se manifesta a partir de 1949, portanto, se entende como a composição de uma situação que se explica tanto por modificações no marco conjuntural quanto por limitações provenientes do estado estrutural da economia. Os fatores

²⁰³ Entre 1945 y 1955 la cantidad de personas empleadas por la administración central del gobierno nacional subió de 203,300 a 394,900, mientras que el personal de las empresas públicas, incluyendo al IAPI y a FM, se incrementó de 109,000 a 148,300, habiendo llegado a un pico de 186,500 en 1950 (LEWIS, 1992, p.161).

conjunturais se referem à empiora dos termos de troca e a diminuição da demanda externa por produtos argentinos, embora ambas possam se considerar, no entanto, se não estruturais, ao menos ‘tendências’, dado que um e outra podiam se pensar como esperadas. De todas as maneiras, ante essa situação, o governo procurou continuar com suas políticas expansivas; mas, evidentemente, seus impactos sobre a economia interna foram de menor envergadura e não puderam evitar que o produto caísse em 1949 em 1,3%. Mas o verdadeiro impacto conjuntural negativo foram as secas que destruíram grande parte das safras das campanhas entre 1948 e 1952²⁰⁴. A expansão industrial era dependente da evolução das exportações agropecuárias. A subordinação da dinâmica industrial às divisas que o setor primário obtivera era de tal nível que a expansão registrada durante o período 1946-1948 se limitou às que o mesmo pudesse obter de aí em mais. Em outras palavras, o sustento da industrialização foi o saldo exportável agropecuário empregado a favor da manufatura e atividades urbanas. Está limitação vinha se manifestando antes da forte crise agrícola que o governo procurou pilotar sem grandes modificações até se ver forçado a isto logo da queda das exportações em 1952 de quase 50%. Como sinala Ferrer (1977, p.23), a orientação da política econômica seguida em 1952-1955 diferia substancialmente do modelo delineado ao começo. As alterações não se explicam unicamente pela necessidade de resolver uma crise conjuntural se não que significam o reconhecimento de um conflito de caráter estrutural. Isto ficou em evidencia nos parâmetros contêduos no SPQ: o governo peronista começa a outorgar-lhe prioridade ao setor primário e a apoiar-lo com políticas de estímulo para aumentar sua produção e suas exportações. Adicionalmente, a nova visão leva a modificar a política industrial implementada. Os setores ‘leveis’ foram postergados em preferência dos ramos mais pesados.

“A partir de principios de la década de 1950 el liderazgo del desarrollo manufacturero se desplazó desde la industria liviana hacia la producción industrial de base. Las nuevas actividades metalmeccánicas y químicas que asumían el liderazgo del desarrollo industrial requerían mayores inversiones por hombre ocupado y una tecnología más compleja que la predominante en las ramas tradicionales. La expansión de la producción de energía y la necesidad de eliminar el déficit de abastecimiento de petróleo reclamaban, también, cuantiosas inversiones. El instrumental de fomento de la nueva etapa de desarrollo no podía limitarse, entonces, al manipuleo de los tipos de cambio, los aranceles y las restricciones a la importación o al crédito industrial de fomento a corto plazo. Se requería una verdadera política de inversiones que concentrara ahorro en los proyectos estratégicos y movilizara recursos del exterior para la importación de maquinarias y

²⁰⁴ “la expansión siguió alentada por un incremento del 28% en los egresos corrientes nominales del gobierno y la expansión del 29,7% de los redescuentos y adelantos del BCRA, pero ya con índices inflacionarios importantes. Esto produjo que hacia fines de 1949 se empezara a desmonetizar la economía, pasando el M3 de 55,8% del producto en 1945 y 54% en 1949 a 45,7% en 1950 y 37,3% en 1951. Esto comenzó a tener un efecto negativo. La situación sufrió un cambio total con el fracaso de las cosechas de la campaña 1948/1949 seguido por la de 1949/1950, lo que incidió en las demás actividades, construcción, comercio, etc.” (Cortés Conde, 2005, p.194).

equipos y otros usos. Frente a esta nueva exigencia se tropezaba con varias dificultades serias. Por un lado, la inmadurez del sector público para hacer frente a las nuevas responsabilidades. Por otro, el estrangulamiento externo que quitaba libertad de maniobra internacional” (FERRER, 1977, p.30)²⁰⁵.

O peronismo deveu se não reverter sua estratégia com os setores assalariados, atenuar seu lugar privilegiado. “La transferencia de ingresos desde la actividad agropecuaria hacia la industria, los asalariados y las actividades urbanas no era ya posible. El ingreso rural estaba muy deprimido, y nuevas transferencias en su contra hubieran provocado una caída de la producción rural, con sus restricciones inevitables sobre el consumo interno y los saldos exportables” (FERRER, 1977, p.29). Esta postergação dos setores populares se entende como uma imposição da circunstâncias mais que por uma eleição; a base política que sustentava ao projeto peronista colocava limitações a essas possibilidades; assim ao melhorar parcialmente a situação externa “cuando con el ajuste se pasó el momento más crítico y mejoraron las cosechas con la recuperación de 1954, se volvió aunque más moderadamente a la política expansiva del gasto y del crédito” (CORTÉS CONDE, 2005, p.195). A partir de 1949, se o consumo cresceu fortemente, reduz sua participação sobre a renda nacional. A variável mais dinâmica foi o investimento em equipes duráveis de produção. Mas com a desaceleração o consumo, pese às políticas de ajuste, se mostrou menos elástico, enquanto que o investimento cai. O gasto do governo se mantém estável, assim o consumo total na etapa crítica se incrementa. Na parte final o governo parece optar por manter a fidelidade de sua base política reduzindo o peso dos investimentos e da construção na renda.

²⁰⁵ “En tales condiciones, el riesgo era, y así ocurrió en efecto, que el desarrollo de las nuevas industrias se dejara predominantemente a cargo de subsidiarias de corporaciones extranjeras, es decir, de firmas integradas en la estrategia de las casas matrices. De este modo, el país aportaba el mercado interno (principal atractivo de las nuevas inversiones) y parte fundamental del financiamiento de las nuevas empresas extranjeras (que realizaron alrededor del 80% de sus inversiones con ahorro y crédito local), pero el control de las firmas quedaba en manos foráneas” (FERRER, 1977, p.30).

Tabela 27. Consumo e Investimento nacionais

(Em % sobre a renda bruta nacional, segundo valores a preços de 1950)

Ano	CONSUMO			INVESTIMENTO BRUTO INTERNO					Investimento líquido no exterior	Renda Bruta Nacional
				Construções		Equipes duráveis de produção	Variação de existências	Total		
	Pessoal	Governo	Total	Privadas	Públicas					
1935	67,9	9,1	77,0	5,7	4,6	9,7	2,4	22,4	0,6	100,0
1936	67,6	9,3	76,9	4,7	5,6	10,1	0,5	20,9	2,2	100,0
1937	62,8	9,5	72,3	5,7	6,1	12,6	-1,8	22,6	5,1	100,0
1938	65,7	10,3	76,0	6,5	7,3	10,5	2,6	26,9	-2,9	100,0
1939	68,2	9,9	78,1	6,7	5,9	13,9	0,3	26,8	-4,9	100,0
1940	71,9	9,8	81,7	5,9	5,0	9,2	0,2	20,3	-2,0	100,0
1941	68,6	9,5	78,1	6,7	4,4	7,2	3,2	21,5	0,4	100,0
1942	70,3	9,8	80,1	7,2	3,7	5,8	1,5	18,2	1,7	100,0
1943	65,9	10,6	76,5	7,6	3,7	5,1	0,5	16,9	6,6	100,0
1944	66,3	11,9	78,2	7,7	4,6	4,6	-0,7	16,2	5,6	100,0
1945	65,1	13,9	79,0	7,9	4,5	5,2	-2,5	15,1	5,9	100,0
1946	59,9	12,1	72,0	8,1	3,7	8,3	1,3	21,4	6,6	100,0
1947	56,5	11,1	67,6	7,4	3,0	15,9	3,6	29,9	2,5	100,0
1948	57,8	12,5	70,3	7,7	4,7	13,5	3,2	29,1	0,6	100,0
1949	67,1	12,1	79,2	7,9	6,4	8,9	-1,1	22,1	-1,3	100,0
1950	65,2	12,4	77,6	9,1	6,1	7,7	-1,1	21,8	0,6	100,0
1951	65,4	12,3	77,7	9,0	5,5	8,5	1,9	24,9	-2,6	100,0
1952	65,1	13,5	78,6	9,2	4,3	8,7	2,0	24,2	-2,8	100,0
1953	66,8	13,1	79,9	7,9	4,2	8,1	-1,8	18,4	1,7	100,0
1954	65,4	12,6	78,0	8,0	4,8	7,3	1,1	21,2	0,8	100,0
1955	65,3	12,6	77,9	8,4	4,5	8,1	1,0	22,0	0,1	100,0

Fonte: Portnoy (1961, p.106)

A evolução do mercado de trabalho.

Em princípio, resulta evidente o lugar preponderante que os setores assalariados tinham no projeto peronista. Os postulados iniciais apontavam a que a economia devia funcionar perto ao pleno emprego – que para Ferrer (1977, p.26) se alcançou para finais da década de 1940 – e com elevados salários. Ditas rendas tinham a função de adquirir a produção industrial, dado que se rechaçou a possibilidade de que ela tivera como destino mercados externos. Durante o peronismo continuou o processo da migração da força de trabalho desde o campo para as cidades. Segundo dados apresentados por Di Tella e Zymelmam (1973, p.100) a atividade agrícola perdeu forte incidência na demanda de mão-de-obra.

De superar ao setor industrial ao finalizar a guerra (34,7% contra 21,3%), ambas se equiparam um pouco mais de um lustro depois. Entre 1945 e 1947 se registra uma queda pronunciada na quantidade da mão-de-obra total empregada na atividade agrícola, tendência que continua lentamente posteriormente. A indústria apresenta um movimento inverso incrementando fortemente sua demanda de mão-de-obra – chegando ao 28,5% em 1947 e 1948 –, se estancando posteriormente num novo nível. A partir de 1949 começa a reduzir se a ocupação no setor; entre 1948 e 1952 cai em mais de três por cento. Nesse período adquire relevância o setor serviços na demanda de mão-de-obra que cresce de 44 a 49,9% entre 1945-1952. A evolução de demanda de mão-de-obra por setores resulta coerente com a situação da estrutura da economia. A estratégia inicial de favorecer a indústria se combinou com a receptividade do setor em aumentar sua demanda de trabalho devido a que “las industrias que se desarrollaron en el período eran intensivas en el uso de mano de obra. La expansión de la producción aumentó, simultáneamente, el empleo en la industria. Entre 1945 y 1949 cerca del 40% de los nuevos empleos generados en la economía nacional fueron creados por el sector manufacturero” (FERRER, 1977, p.26)²⁰⁶.

O segundo fator que impulsionou o emprego foi o setor público que entre 1945 e 1949 criou cerca de 25% dos novos empregos²⁰⁷. Após a crise em 1949, o setor manufatureiro já

²⁰⁶ “La mano de obra calificada, que se fue trasladando de las actividades agrícolas a la industria liviana, no necesitó mayores conocimientos técnicos, porque precisamente los procesos industriales en los que debía intervenir tenían carácter primario” (PORTNOY, 1961, p.111-12).

²⁰⁷ “El mayor empleo en este sector correspondió a la ampliación de la esfera de influencia del Estado, pero, también, a una mayor receptividad para absorber la mano de obra no ocupada por el sector privado. En la medida en que esta expansión del empleo en el sector público no produjo un aumento en la oferta de bienes y servicios útiles al proceso económico y generaba déficit fiscal, el aumento del gasto corriente del gobierno tuvo un impacto inflacionario. Este proceso fue asimilable sin tensiones exageradas sobre el nivel de precios hasta 1949, dado el aumento de los bienes y servicios disponibles por el crecimiento de la producción interna y el aumento de las importaciones” (FERRER, 1977, p.26)

não continuou absorvendo emprego como o vinha fazendo²⁰⁸. Mais ainda, os novos setores industriais que deviam ser estimulados, de acordo aos postulados apresentados no SPQ, já não eram intensivos em mão-de-obra, se não em capital. Assim, a continuação de um processo de desenvolvimento industrial já não se combinava tão naturalmente com uma meta de pleno emprego. O salário real se incrementou em mais de 50% entre 1945 e 1955; é dizer os aumentos salariais superaram o crescente nível do custo de vida (Tabela 26). Mas essa evolução não foi lineal. O aumento dos ingressos reais dos assalariados cresce no primeiro período em forma explosiva acumulando mais de 70% de aumento em 1949. A crise que começa esse ano conduz a uma queda que leva a um nível mais sob em 1952. Nesse ano os trabalhadores perdem a metade do que tinham obtendo até 1949. A recuperação posterior viabiliza que recobrem parte de dita perda. Assim, a tendência é à do produto. É dizer, forte impulso inicial, pronunciada queda durante a mudança de década, e moderada recuperação no último triênio. O salário real se incrementa em 45% entre 1947 e 1948, logo de se estancar entre 1949 e 1950 cai 16% em 1951-52 e cresce 16% nos anos finais.

Tabela 28. Índice de salários industriais e custo de vida (Base 1945=100)

	Índice de salários Industriais nominais	Índice móvil anual de Industriais nominais	Custo de vida	Índice de salários reais
1945	100	114,5	100	100
1946	124,5	124,5	117,1	106,3
1947	176,9	142	131,4	134,6
1948	247,6	139,9	148,5	166,7
1949	340,4	137,4	197,1	172,7
1950	408,7	120	245,7	166,3
1951	519	126,9	337,1	153,9
1952	638,8	123	465,7	137,2
1953	715,8	112	485,7	147,4
1954	794,4	110,9	502,9	157,9
1955	882,5	111	565,7	156

Fonte: Rapoport (2006, p.349).

Pleno emprego e incrementos em suas remunerações reais permitiram que se registrasse um aumento importante na participação do setor assalariado no ingresso nacional. De igual forma, essa participação mostra uma evolução em sua tendência similar à mencionada para as demais variáveis macroeconômicas vinculadas à expansão da atividade interna durante os anos peronistas. O Tabela 207 mostra quatro avaliações de dita participação, embora somente

²⁰⁸ O BCRA expressou a intenção de continuar o desenvolvimento industrial depois da crise em sua Memória de 1951 (p.20): “este período será un mero intervalo entre la etapa vigorosa de recuperación nacional y de industrialización intensa que caracterizó el lapso 1946-51 y la etapa posterior de consolidación económica y de reanudación del impulso ascendente”.

a elaborada pela CEPAL sobre o período peronista completo. Os dados elaborados por dita instituição mostram o forte aumento da parte correspondente ao setor assalariado no ingresso nacional entre 1946 e 1949. As cifras apresentadas por SAE, se bem diferentes em magnitude, reafirmam as tendências desta evolução. Ambas as séries diferem em que SAE outorga mais de 11% do PBI aos assalariados que a CEPAL em 1950. Nesse ano começam as avaliações do BCRA e de Dieguez e Petrecola, estando a cifra da CEPAL no intermédio de ambas. Observa-se tanto que a crise de esse momento leva à queda na participação dos assalariados no ingresso nacional, como uma leve recuperação posterior que se acentua em 1954, o último ano completo do governo peronista. Assim mesmo se percebe uma importante queda nesta participação em 1955, vinculada com as políticas implementadas no último trimestre de esse ano pelas forças que derrocaram ao regime peronista. Mas a evolução nos salários industriais não deve fazer perder de vista o significado profundo que teve a política trabalhista durante a etapa peronista. Neste período as rendas dos setores assalariados obtiveram não só marcas de picos históricos, se não que no geral se colocaram em níveis muito superiores a todos os valores que tinham tendo até então²⁰⁹.

Tabela 29. Participação dos assalariados na renda nacional (% PIB)

	SAE	BCRA	CEPAL	Dieguez e Petrecola
1945	46,7			
1946	46,8		40,1	
1947	47,9		39,5	
1948	52,4		43,5	
1949	59,4		49,0	
1950	60,9	51,9	49,6	47,5
1951		49,2	45,2	45,2
1952		51,8	50,5	47,8
1953		51,9	48,9	47,6
1954		53,2	49,9	49,0
1955		49,8	47,0	46,4

Fonte: Rapoport (2006, p.348).

O rol do setor público na evolução econômica.

O setor público foi ativo em impulsionar a atividade interna e procurou estimular os setores urbanos e implementar políticas distributivas e sociais. Assim, se registrou um forte

²⁰⁹ “Los años 1947 y 1948 fueron de gran suba de los salarios reales y son vistos, con razón, como la expresión de la política peronista favorable a los sectores populares. Aunque el ritmo de crecimiento no continuó, las mejoras – a pesar de las caídas en 1950 y 1952 – durante el gobierno de Perón fueron de un 51% en 1946-1950 y de -2% en 1950-1955, mientras que el producto creció un 17,1% y un 10,6% en los mismos períodos” (CORTÉS CONDE, 2005, p.167).

aumento do gasto público. Contudo, o desequilíbrio nas contas públicas em magnitude considerável só se observa no primeiro triênio. Mais ainda, se entre 1946 e 1947 o nível de gasto fiscal se incrementa robustamente, o déficit se mantém em menos de 7% do PBI. Mas em 1948 se produz um tremendo desequilíbrio gerado por um aumento das despesas de 45% que não teve um equivalente incremento nos recursos. Ao ano, os gastos voltam ao nível de 1947 e o déficit se reduz à quarta parte. A partir de aí, se observa uma política de controle do saldo fiscal e em 1952, por exemplo, o déficit do setor público apenas supera 2% do PBI. Desprende-se que as políticas fiscais expansivas se deveram concluir abruptamente com a crise que se inicia em 1949. A partir de aí, o governo procura manter equilibradas suas contas, mais pela redução do gasto que por incrementos de receitas. Como porcentagem do PBI se bem o nível de gasto público total vinha gradualmente crescendo com anterioridade ao governo de Perón, no primeiro lustro do pós-guerra se produz um incremento significativo de 10% (Tabela 28). Mas logo deste salto inicial, o nível do gasto se estabiliza ao redor desse novo valor. A tendência na composição do gasto fiscal, entre 1945 e 1949, foi de participação maior do de capital, mas no período seguinte se favoreceu em maior medida o corrente. Durante a primeira etapa o gasto de capital foi quase 44% do total, mas logo de 1949 cai para menos de 32%. O gasto corrente, assim, se fez mais rígido à redução –em realidade se incrementou em valores correntes – em momentos que a economia perdia sua dinâmica expansiva, se incrementando de 56 a quase 69% do gasto total. Não obstante, em termos participativos, essa cifra é inferior a tudo o período que se inicia em 1916 e termina com a própria assunção de Perón.

Tabela 30. Setor público 1945-55
(em milhões de peso de 1950)

	Despesas	Receitas	Déficit	Déficit (%PBI)
1945	12494	9171	3323	7,23
1946	12567	9383	3184	6,36
1947	17047	13376	3671	6,6
1948	24687	14227	10460	17,87
1949	17002	14244	2758	4,76
1950	17236	15152	2084	3,56
1951	17424	16028	1396	2,31
1952	16896	15726	1170	2,07
1953	18363	16848	1515	2,55
1954	10053	17110	-7057	4,74
1955	18234	15648	2586	4

Fonte: Rapoport (2006, p.342).

O distintivo do gasto fiscal durante o peronismo é a transcendência do de capital que se elevou do 4,6% do PBI entre 1940 e 1944 até o 13% no período 1945-1949. “Este comportamiento era acorde con los preceptos emanados del PPQ, que le otorgaba prioridad a las inversiones en los sectores de producción, transportes, obras sanitarias, sanidad y defensa” (RAPOPORT, 2006, p.342). No gasto corrente um componente importante foi a contratação de mão-de-obra. Rapoport (2006, p.343), seguindo a Treber, sinala que “el total de empleados públicos en el período 1935-1939 era de 324.400, pasando en 1945-1949 a 683.000 y en 1950-1954 a 883.000. Este sector de ocupación estaba fundamentalmente radicado en los servicios generales, pues hubo un crecimiento muy grande de la administración central sin que aumentasen las funciones directas del Estado”. O emprego público teria crescido em média 10,1% entre 1943 e 1947, o que significaria uma taxa 2% por encima da correspondente à média de 1935 e 1943. Todavia, para a CEPAL o fez em forma muito mais pronunciada, passando do 4,7% entre 1935-39 e 1940-1944 ao 9,9% durante 1940-1944 e 1947. Além, entre 1945 e 1955, as remunerações representaram entre 40-50% do gasto corrente (RAPOPORT, 2006, p.342).

Tabela 31. Gasto público 1900-1955

	Milhões de pesos de 1950			%PBI		
	Total	Corrente	Capital	Total	Corrente	Capital
1900/04	1.755	1.328	427	16,3	12,4	3,9
1905/09	2.741	1.459	1.282	17,2	9,2	8,0
1910/14	3.520	2.085	1.435	17,7	10,5	7,2
1915/19	2.157	1.776	381	11,3	9,3	2,0
1920/24	2.906	2.246	660	11,4	8,8	2,6
1925/29	5.184	3.611	1.573	15,6	10,9	4,7
1930/34	6.716	5.152	1.564	19,8	15,2	4,6
1935/39	8.459	5.862	2.597	21,3	14,8	6,5
1940/44	8.957	6.849	2.108	19,5	14,9	4,6
1945/49	16.759	9.427	7.332	29,4	16,5	12,9
1950/54	17.994	12.338	5.656	28,5	19,5	9,0
1955	19.372	14.807	4.565	28,2	21,6	6,6

Fonte: Portnoy (2005, p.26)

Tabela 32. Receitas, despesas e arrecadação impositiva do Estado Nacional

(milhões de pesos de 1945)

	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956
1. Receitas	2386	2587	4083	4904	4997	4884	5204	4440	4865	5290	5298	6629
Receitas Correntes	2386	2587	4083	4904	4997	4884	5204	4440	4865	5290	5227	6583
Previsão Social	474	528	915	1305	1342	1333	1284	1089	1312	1554	1538	1683
Receitas de Capital	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	71	46
2. Despesas	2990	3041	4531	8333	6050	5402	5493	4677	5330	6279	6180	6327
Despesas Correntes	2283	2350	3203	4380	4276	3920	4081	3635	4142	5140	5251	5362
Previsão Social	292	267	303	356	545	474	445	449	586	821	1008	1193
Despesas de Capital	707	691	1328	3953	1774	1482	1412	1042	1188	1139	929	965
3. Superávit Primário	-604	-454	-448	-3429	-1053	-518	-289	-237	-465	-989	-882	302
4. Pagamento da Dívida	305	240	214	219	154	108	110	100	70	51	51	71
5. Superávit	-909	-694	-662	-3648	-1207	-626	-399	-337	-535	-1040	-933	231
6. Financiamento	909	694	662	3648	1207	626	399	337	535	1040	933	-231

Fonte: Cortés Conde (2005, p.191).

Arrecadação Impositiva

	1932		1943		1945		1952		1954		1957	
	% PBI	% total	% PBI	% total	% PBI	% total	% PBI	% total	% PBI	% total	% PBI	% total
Arrecadação total	10,18	100,00	8,27	100,00	10,38	100,00	17,09	100,00	17,33	100,00	13,67	100,00
Aos ingressos, benefícios e ganâncias de capital	0,64	6,29	1,82	22,01	2,55	24,57	4,67	27,33	3,66	21,12	3,32	24,29
Aos patrimônios	0,51	5,01	0,25	3,02	0,19	1,83	0,62	3,63	0,73	4,21	0,24	1,76
Internos sobre bens e serviços e transações	3,33	32,71	3,85	46,55	3,98	38,34	5,69	33,29	6,02	34,74	4,85	35,48
Sobre o comercio exterior e transações internacionais	4,05	39,78	0,90	10,88	0,78	7,51	0,52	3,04	0,38	2,19	0,41	3,00
Sobre os salários e contribuições para a Seguridade Social	1,65	16,21	1,44	17,41	2,86	27,55	5,57	32,59	6,51	37,56	4,60	33,65
Outros Impostos	0,00	0,00	0,01	0,12	0,02	0,19	0,02	0,12	0,03	0,17	0,25	1,83

Fonte: Neffa (1998, p.170-71).

A Tabela 29 confirma o forte aumento dos gastos correntes entre 1945 e 1948, que praticamente se duplicam. Apesar disso, os gastos de capital também o fazem nos anos 1945/47 –com um salto de uma única vez em 1948, como resultado das nacionalizações implementadas. Ao iniciar-se a crise de 1949, o governo opta por ajustar mais os gastos correntes que os de capital, até que se vê obrigado a um forte corte em ambas as contas. Apesar da estratégia anunciada no SPQ, nos anos finais de sua gestão Perón pareceu optar por limitar o gasto em capital e favorecer aos que incidiam diretamente em benefício de sua base sociopolítica. Para o financiamento destes gastos, dado que o nível das receitas correntes deixou de acompanhar o incremento nas despesas, o governo fez uso do sistema de previdência social para poder contar com recursos adicionais. Ao se implementar o superávit do esquema de seguridade social devia ser elevado, pelo que o setor público conseguiu incorporar estes novos ingressos em seu favor. Mas este saldo necessariamente devia se reduzir na medida em que o ritmo de novos beneficiários crescia em relação aos novos contribuintes. Consequentemente, o governo não conseguiu ter esta via de recursos na mesma magnitude para finais de seu período como na primeira etapa. As receitas do setor público resultaram afetadas pelo tipo de estratégia de política econômica implementada. O governo procurou estabelecer uma estrutura impositiva de acordo ao que denominava ‘justiça social’²¹⁰.

Pela Tabela 30 pode-se apreciar o aumento dos impostos aos benefícios de capital e aos patrimônios que se registra no período na estrutura impositiva a princípios da década dos 50. Desta maneira, a tributação sobre as rendas, benefícios, e benefícios de capital, que a princípios da década dos 30 representava 6,29% do total, e que em 1943 já tinha crescido até 22%, uma década depois superou 27%. Se bem depois diminuiu, continuou elevada. Por outro lado, a importância dos impostos indiretos continuou sendo fundamental. Destacam-se novamente as receitas derivadas do sistema de seguridade social que duplicam seu aporte no monto de arrecadação total entre 1943 e 1954. Os sistemas de aposentadorias e pensões datavam de princípios de século, mas até a chegada de Perón se restringiam a um pequeno conjunto de atividades. Sua generalização supunha a extensão imediata do número de contribuintes, enquanto os beneficiários se incorporariam lenta e progressivamente. Gerchunoff e Llach (2007, p.184) sinalam que a arrecadação neta proveniente do sistema previdencial se aproximou, durante os primeiros anos, aos 4% do produto interno bruto. Cortés Conde (2005, p.190) destaca que a generalização do regime jubilatorio significou um aumento

²¹⁰ “Se buscó lograr un sistema tributario más progresivo, reformando el impuesto a los ingresos creado en los años 30 y sancionando diversos tributos a los beneficios empresarios, a las ganancias del capital, al ‘exceso de beneficios’ y a la riqueza personal” (RAPOPORT, 2006, p.343).

notável dos ingressos até 1958²¹¹. A sua vez se produz uma forte queda nos ingressos por comércio externo, embora as exportações foram uma fonte de recursos a través do IAPI, que chegaram a representar para o período 1946-48 um 3,7% e para o período 1949-55 do 0,5% do PBI (CORTÉS CONDE, 2005, p.155).

Tabela 33. Gastos públicos fora do orçamento ordinário do Tesouro
(em centos de milhares de pesos correntes)

	IAPI	BHN	FFÇ	Total
1946	9,5	14,6		24,1
1947	22,4	3,1		25,5
1948	28,8	9,9		38,7
1949	17,6	12,8	7,4	37,8
1950	0,1	13,3	7,3	20,7
1951	2,1	12,7	12,8	27,6
1952	9,5	18,7	11,1	39,3
1953	31,6	22,1	12,5	66,2
1954	46,7	35,2	18,5	100,4
1955	38,9	44,3		83,2

Fonte: Cortés Conde (2005, p.188)²¹².

A partir da crise de 1949 o governo peronista passa a adotar uma política mais restritiva, em momentos que surge o problema inflacionário que a nova equipe econômica procura controlar mediante uma política fiscal mais ortodoxa. A situação inflacionaria se agravou e se converteu num problema para o Poder executivo, mais que se duplicando em relação ao triênio anterior. Mas além das considerações inflacionarias, o problema de perda de fortaleza fiscal teve um impacto negativo no desenvolvimento industrial dado que parte do esquema elaborado consistia no financiamento dos setores econômicos por médio de taxas de juros reais negativas. Como se pode observar por médio da Tabela 33 nos anos iniciais as taxas reais de juros negativas foram parte da estratégia para facilitar o desenvolvimento do setor industrial, mas que logo, para finais da década do 40, se voltam fortemente negativas, e o governo deve reverter essa política ao implementar o SPQ. O avance do processo inflacionário se agrava em momentos em que as demais fontes de financiamento que inicialmente se tinham estabelecido entram em crise, o que conduz, a sua vez, a aniquilar o

²¹¹ “En 1945 los ingresos del sistema de previsión representaban un 19,9% de los gastos y en 1955 un 29% pero más relevante que ello es que el superávit neto del sistema previsional en 1945 representó un 7,6% y en 1955 un 10% de los ingresos” (CORTÉS CONDE, 2005, p.190).

²¹² Cortés Conde (2005,188) sustenta que os gastos que se fizeram fora do orçamento ordinário do Tesouro tiveram como objetivo cobrir saldos negativos de outras entidades. Em estes teve não só importância a atuação do IAPI, se não também o Banco Hipotecário Nacional e os recém nacionalizados ferrovias. A combinação do gasto público expansivo com uma política de crédito ao setor privado permissivo contribuiu claramente em fomentar o forte crescimento durante os anos 1946 e 1949. Esse gasto foi acrescido pelas políticas de nacionalizações e do resgate da dívida externa.

mecanismo financeiro ideado para promover o desenvolvimento industrial. A taxa de inflação de varejo, que era praticamente nula em termos anuais em momentos que o governo conservador é derrocado, sobe no imediato pós-guerra. Mas em 1949 dá um pulo; logo de uma queda pronunciada ao ano seguinte se duplica em 1951 e se mantém nesse novo nível em 1952, quando se implementam as medidas ortodoxas do SPQ.

Tabela 34. Evolução dos preços (%)

	I. Varejo	I. Atacado	Depreciação cambial
1943	1,1	9,4	-3,6
1944	0,3	8,9	-1,5
1945	19,9	8,5	0,3
1946	17,6	15,9	1,5
1947	13,6	3,6	10,7
1948	13,1	15,3	54,1
1949	31,0	23,1	67,8
1950	15,6	20,4	36,5
1951	36,7	49,0	48,5
1952	38,8	31,2	-3,4
1953	4,0	11,6	-1,7
1954	3,8	3,1	12,1
1955	12,3	8,9	20,5
1956	13,4	26,0	16,6

Fonte: Rapoport (2006, p.390)

As preocupações por controlar o processo inflacionário tinham um significado mais complexo que a mera procura de estabilidade de preços, dado que significava alterar não só formas de financiamento estipuladas para a atividade interna, se não também redefinir as implicações sociais do regime peronista. Uma política de estabilização constituía estimular as exportações e reduzir a demanda interna dos produtos agropecuários, por médio de uma política cambial que se desvaloriza a moeda nacional. Como se pode ver na Tabela 22, isto deveu fazer-se a partir de 1947 em forma moderada. Contudo, à medida que ao ano seguinte começa a sentir-se a crise externa, durante os anos seguintes até 1952 foi preciso repetir a desvalorização da moeda. Isto implicava reduzir o salário real²¹³. Portanto, pode-se concluir que as possibilidades de todo o modelo socioeconómico peronista se sustentavam, em definitiva, no setor externo.

²¹³ “A medida que la actividad manufacturera crecía subían las importaciones y, como las exportaciones – en su mayoría agropecuarias – no lo hacían al mismo ritmo, se produjeron repetidas crisis de balance de pagos. Para equilibrarlo había que promover las exportaciones mejorando los precios del sector agropecuario y para ello se devaluaba, con lo cual aumentaban los precios de los alimentos, caía el salario real y se producía la caída de la producción industrial y del empleo. Los sindicatos reclamaban mejoras que los empresarios aceptaban, siempre que se hiciera lo mismo con sus precios o se les concedieran créditos a tasas subsidiadas. Así seguía la espiral inflacionaria” (CORTÉS CONDE, 2005, p.146-47).

Tabela 35. Taxas de juros reais

	Sobre depósitos	Títulos do governo	Cobradas sobre empréstimos comerciais
1943	1,4	2,9	4,8
1944	2,8	4,3	6,3
1945	-14,4	-13,1	-11,4
1946	-12,3	-11,6	-9,9
1947	-9,7	-8,4	-6,6
1948	-9,4	-8,3	-5,8
1949	-21,8	-20	-18,4
1950	-18	-16,8	-14,4
1951	-25	-23,9	-21,7
1952	-25,7	-25	-22,9
1953	-1,0	0,0	-2,9
1954	-0,8	0,2	4,0
1955	-8,3	-6,5	-3,8
1956	-9,2	-7,4	-3,9

Fonte: Rapoport (2006, p.346).

Evolução do Setor Externo.

Os recursos que o governo alcançou dispor a través do comércio exterior foram as bases para suas políticas econômicas e distributivas. No desenho inicial estes recursos provinham de duas origens distintas. Por um lado, se encontrava um expediente de estoque dado o monto de reservas internacionais que se tinham acumulado durante a Guerra a través do comercio externo. Por outro lado, o governo podia pressupor que o mercado internacional podia constituir se num fluxo de divisas se o balance de pagos continuava com saldo positivo. Sem embargo, ambas circunstancias só mostraram confirmar se nesse período inicial e ambas se dissiparam. A situação externa se caracterizava pela transição do comércio internacional desde as circunstancias bélicas para certa normalização, pelo que não houve um marco externo estável. A situação do comercio exterior será afetada também pela aposta que fez o peronismo sobre como se estruturariam as relações econômicas. Para Cortes Conde (2005, p.144) “podría decirse que las decisiones iniciales del gobierno partieron de una evaluación equivocada sobre las tendencias mundiales futuras”²¹⁴.

²¹⁴ “Como dijimos, existió una visión pesimista sobre la evolución del comercio internacional basada en la experiencia de la dos últimas décadas. Pero fueron irrazonables las respuestas adoptadas. Si debido al proteccionismo en el mundo, la comercialización de productos en los que el país tenía ventajas comparativas era difícil, ello no era una razón para castigarlos aún más y desechar producir en los rubros en donde los costos eran menores, para hacerlo en donde eran mayores. (...) También fue errado creer que el país tenía un cierto poder negociador frente a las grandes potencias, que aumentaría en caso de una eventual tercera guerra. No sólo ello no ocurrió sino que el bilateralismo al que el gobierno se orientó tuvo efectos negativos para la economía, especialmente tratándose de un país exportador de commodities e importador de manufacturas” (CORTÉS CONDE, 2005, p.144-45).

Tabela 36. Reservas internacionais e capitais compensatórios
(Milhões de dólares)

	Ouro	Divisas	Outros passivos	Total neto
1946	1090,3	596,3		1686,6
1947	337,9	852,2		1163,1
1948	142,6	531		673,6
1949	210,3	313,6		523,9
1950	210,3	480,2		690,5
1951	266,7	182,2	-91,9	357
1952	286,7	-6	-96,5	184,2
1953	371,5	102,1	-96,5	377,1
1954	371,5	86,2	-86,8	370,9
1955	371,5	-175,3	-77,2	119

Fonte: Rapoport (2006, p.360).

O peronismo encontrou ao assumir uma folgada situação nas contas externas. Por razões já expostas ao início do pós-guerra existia um saldo de reservas internacionais de quase 1.700 milhões de dólares. Além disto, o saldo comercial para o ano 1946 somava quase 500 milhões de dólares. O governo fará uso desses recursos em seus anos iniciais para implementar suas políticas de nacionalizações, compra de dívida externa e aquisição de importações necessárias para a atividade industrial. Em 1949, quando começa a se manifestar a crise do setor externo, apenas restavam pouco mais de 500 milhões de dólares em reservas. Além do novo déficit comercial com os EUA, incidiram, assim mesmo, entre 1946 e 1948, a transferência de utilidades, dividendos e juros de empresas estrangeiras, que chegaram aos 300 milhões de dólares (RAPOPORT, 2006, p.360). O total neto de ouro e divisas caiu assim de 1.686 milhões de dólares para 1.163 milhões entre 1946 e 1947²¹⁵, e em 1949 se registra um déficit comercial de quase 140 milhões de dólares. O intento do governo de melhorar o saldo externo em 1950 se derruba totalmente ante a crise agrícola pela seca, e, logo do forte déficit externo de 1951, o saldo negativo em 1952 da balança comercial é de quase 500 milhões dólares. O saldo de reservas em 1952 era inferior a 185 milhões de dólares, e sua melhora em 1953 não se logro manter.

²¹⁵ Un elemento que influyó en forma negativa fue la inflación desatada en los países industrializados en la inmediata posguerra. Según el economista norteamericano Seymour Harris, la pérdida de poder adquisitivo de las divisas acumuladas en la guerra por los países latinoamericanos ascendió en esos años a 1.200 millones de dólares. (RAPOPORT, 2006, p.361).

Tabela 37. Comércio exterior argentino e termos de troca

	Milhões de dólares			Preços (*)		
	Exportações	Importações	Saldo	Exportação (1)	Importação (2)	(1)/(2)
1946	1175,3	675,4	499,9	220,9	196,8	112,2
1947	1614,3	1584,5	29,8	327,3	244	134,1
1948	1626,8	1590,4	36,4	366,5	277,3	132,2
1949	933,8	1072,6	-138,8	338,3	307,8	109,9
1950	1167,6	1045,4	122,2	268,2	287,4	93,3
1951	1169,4	1480,2	-310,8	354,2	346,6	102,2
1952	687,8	1179,3	-491,5	309,9	378,4	81,9
1953	1125,1	795,1	330	301,3	315,6	92,5
1954	1026,6	979	47,6	255,5	296,3	86,2
1955	928,5	1172,5	-244	236,6	298,5	88,3

Fonte: Rapoport (2006, p.357; 361). (*) 1935-1939=100

A situação externa, por um lado, resultou complicada pela questão das libras bloqueadas com o Reino Unido que não podiam se utilizar com terceiros países, enquanto continuava apresentando-se um comércio externo desequilibrado dado que se obtinha um importante superávit com os ingleses e com Europa continental, mas tinha-se déficit comercial com os Estados Unidos²¹⁶. “En síntesis, el curso de nuestras exportaciones, una vez desaparecidas las condiciones anormales de los años 1939-45 vuelve en el período de posguerra a sus cauces habituales, a saber: el continente europeo y el reino unido; mientras que la gravitación del mercado estadounidense sigue teniendo una magnitud similar a la del período 1935-39” (BCRA, MEMORIA 1948, p.8). O incremento das importações desde os Estados Unidos converteu a esse país no principal provedor da Argentina, passando de 41,2 para cerca de 600 milhões de dólares anuais entre 1945 e 1947-48. De fato, Mallom e Sourrouille (1970, p.66) afirmam que essa é a razão principal do deterioro da posição de divisas da Argentina, e não, como é comum afirmar, o programa de nacionalizações implementado por Perón²¹⁷. Por estes

²¹⁶ En primer lugar, porque el viejo esquema triangular con Gran Bretaña y Europa, por un lado, y los Estados Unidos, por otro, parecía revivirse por la importancia que, como cliente, tenía aún el Reino Unido y por el hecho de que el principal abastecedor de productos industriales en la posguerra eran los vecinos del Norte. En segundo término, por las dificultades que creaba la existencia de distintas áreas monetarias, con tres zonas definidas: las que correspondían a acuerdos bilaterales de compensación, la que tenía que ver con las libras esterlinas (incluidas las bloqueadas) y la de divisas libres (que comprendía, sobre todo, a los EE.UU.). En las zonas de acuerdos compensatorios o en la de la libra esterlina –recordemos la inconvertibilidad de la moneda inglesa – no podían usarse las divisas libremente para comprar en otros países. (RAPOPORT, 2006, p.358).

²¹⁷ “el rápido deterioro de esta posición hacia 1948 se debió, principalmente, al intento de las autoridades argentinas de continuar explotando el poder del país como exportador privilegiado de productos agrícolas después de que las condiciones de abastecimiento mundial se habían normalizado, mientras que la importación continuaba creciendo con rapidez en respuesta a las políticas internas extremadamente expansivas. Un factor adicional que contribuyó a la inminente crisis fue la gran proporción de esas importaciones adquiridas en el área del dólar, comprada con una parte mucho menos de los ingresos por exportaciones percibidas en moneda

saldos negativos as reservas de ouro e divisas caíram em 1947 e 1948, já que deveriam atribuir-se o 90% dessa baixa, de cerca de 1.000 milhões de dólares, ao déficit em conta corrente com a área de divisas livres, enquanto que os saldos netos com os países com inconvertibilidade estavam aumentando (RAPOPORT, 2006, p.359). No pós-guerra, só USA podia prover bens que requeria a indústria, questão urgente porque durante o conflito essa não contou com o abastecimento de bens de capital que a levou a “un muy bajo nivel de capitalización en maquinarias y equipos” (FERRER, 1977, p.23)²¹⁸.

Tabela 38. Saldos comerciais por área de comércio (milhões de dólares)

	1945	1946	1947	1948
Libra	140,7	177,3	368,2	255,9
Estados Unidos	120	5,7	-450,2	-419,5
Europa Ocidental	85,9	293,8	292,4	251

Fonte: Rapoport (2006, p.359)

Impulsionar o desenvolvimento industrial exigia certas importações. O peronismo fez uso de parte das reservas para efetuar um impressionante incremento nas importações, que se quintuplicaram entre 1945 e 1947. Isto se deveu à compra de maquinarias, combustíveis, bens de capital e matérias primas de origem industrial, motivadas pelo intenso processo de industrialização²¹⁹. Perón tinha especulado que rapidamente depois da Segunda Guerra começaria uma Terceira, pelo que aumentou as importações em previsão de um possível desabastecimento. A Guerra de Coreia pareceu confirmar essa especulação; mas coincidiu com a difícil situação externa que tinha começado em 1949.

convertible. Contrariamente a la creencia generalizada, las grandes nacionalizaciones no tuvieron importancia decisiva en el desencadenamiento de la crisis de 1948” (MALLON, SOURROUILLE, 1970, p.66).

²¹⁸ “Este fuerte desnivel en el intercambio con Estados Unidos no hubiera afectado en una forma tan pronunciada muestras existencias de oro y dólares, si se hubiera conservado en el mundo el funcionamiento del comercio triangular y la fluidez de los mercados de cambio, con la libre convertibilidad de unas dividas en otras” (BCRA, MEMORIA 1948, p.10).

²¹⁹ A pesar do forte aumento das importações, sua relação com o PIB caiu de 15% para 10% (1935/39-1945/49).

Tabela 39. Estrutura das importações (em porcentagens)

	Consumo não duráveis	Consumo duráveis	Combustíveis	Produtos Intermédios Metálicos	Outros Produtos Intermédios	Material de Construção	Maquinaria agrícola	Maquinaria industrial	Transporte e comunicação	Outros
1945	23,3	8,6	4,5	7,8	47,5	3,5	0,5	3,4	0,8	0,1
1946	12,7	17,9	7,7	10,5	32,2	4,2	1,3	7,2	6,2	0,1
1947	17,2	9,3	5,1	10,2	23,8	4,5	2,4	11,7	15,8	0
1948	12,1	8,9	7,2	10	24,5	6,5	3,2	17,1	10,5	0
1949	10,7	5,3	8,7	11,7	33,5	7,9	1,7	15,8	4,7	0
1950	9	4,2	12,3	13,6	32,3	8,1	3,5	13,5	3,5	0
1951	7,1	9,9	10,8	15,1	34,6	5,5	3	10,2	3,8	0
1952	6,2	5,4	16,5	12,2	29,8	5,5	4,9	11,7	7,8	0
1953	7,4	3	18,2	8,4	31,8	3,1	5,2	11,2	11,7	0
1954	6,4	2,7	15,1	17,4	34,7	5,3	2	10,7	5,7	0
1955	6,3	4,1	13,9	19,8	34,2	4,7	3,4	9	4,6	0

Fonte: Rapoport (2006, p.358)

Adicionalmente, o faz também com a conclusão do processo de substituição de importações ‘fácil’ e a necessidade de avançar para a implantação de setores de base. Isto significava que uma maior industrialização requeria reservas internacionais. Se o governo reduz as compras de bens de consumo o máximo possível, a necessidade de adquirir combustíveis, produtos intermédios e maquinaria continuaram elevados. A participação das importações de bens de consumo não duráveis no total era em 1955 a quarta parte que em dez anos antes, e a de bens de consumo duráveis entre 1946 e 1954 cai de 17,9 ao 2,7%. Os produtos de transportes e comunicações têm um incremento em 1947/48 em virtude da implementação das nacionalizações, e em 1953; nos restantes anos desta etapa se mantém entre 4-6% do total. As compras de maquinarias gradualmente vão crescendo a partir da assunção de Perón em 1946, passando do 7,2% em esse ano para 17,1% em 1948. Depois caem até 10/11% do total. Maior dependência externa se verifica em produtos intermédios e combustíveis. Os combustíveis em 1945-54 quadruplicam sua participação nas importações, enquanto que os intermédios metálicos se duplicam. O setor primário também passou a demandar maquinaria agrícola, que chega a 5% do total. Para a orientação das importações “se establecieron tipos múltiples, oficial, preferencial y libre para compradores y vendedores. El resultado de las actividades de cada uno dependía más de la circular por la que liquidaba el cambio que de la actividad misma de que se tratara. Para importar se requería un permiso previo que se otorgaba atendiendo a las prioridades fijadas por el gobierno” (CORTÉS CONDE, 2005, p.145). O esgotamento de reservas internacionais e a necessidade de melhorar o saldo da balança comercial obrigaram ao governo a modificar a cotização da moeda nacional procedendo a uma desvalorização em 1949, que agravou o processo inflacionário.

Tabela 40. Preços ao consumidor e cotação do dólar

	IPC 1940 = 100	Cotização do dólar em m\$n			
		Livre	Oficial Básico	Livre/oficial	Paralelo
1940	100,0	4,37	4,23	1,03	N/d
1941	102,6	4,24	4,23	1,00	N/d
1942	108,5	4,23	4,23	1,00	N/d
1943	109,6	4,06	4,23	0,96	N/d
1944	109,6	4,02	4,23	0,95	N/d
1945	134,3	4,04	4,23	0,96	N/d
1946	159,5	4,09	4,23	0,97	4,15
1947	183,3	4,08	4,23	0,96	4,35
1948	217,9	4,45	4,23	1,05	6,35
1949	291,2	5,87	4,69	1,25	10,96
1950	355,6	10,72	6,58	1,63	16,09
1951	534,1	14,20	7,50	1,89	23,00
1952	636,0	14,30	7,50	1,91	22,99
1953	631,5	13,97	7,50	1,86	22,77
1954	732,6	13,97	7,50	1,86	25,26
1955	787,3	17,36	9,25	1,88	29,72

Fonte: Cortés Conde (2005, p.164).

A dificuldade para preservar o saldo comercial, em definitiva, se explicava tanto pela evolução das exportações como das importações. Os ingressos pelas vendas ao exterior caem fortemente a partir de 1949 e se estancam num valor ao redor de US\$ 900-1.100 milhões anuais até o final do período peronista, salvo a forte queda gerada pela crise do setor primário em 1952. As importações registram um forte crescimento entre 1946 e 1949, mais que se duplicando. A crise de 1949 leva a uma abrupta queda e a partir de esse ano se estabilizam num nível algo superior ao das exportações, salvo em 1953 quando se reduzem fortemente. Os preços de exportação no imediato pós-guerra registram um importante aumento que logo foi, com vaivens, se reduzindo. Assim em 1954 eram mais de 30% inferiores ao pico que tinham alcançado em 1948²²⁰. Por sua parte, as importações tiveram seus preços encarecidos a partir do pós-guerra. No auge da crise em 1952 estiveram perto de duplicar os de 1946. Ainda diminuindo a partir de esse pico, o peronismo finalizou seu governo com niveles de preços de importação perto de 50% superiores com

²²⁰ “Los favorables términos del intercambio, que alcanzaron su pico en 1948, fueron una consecuencia de los altos precios internacionales que tuvieron los productos agrarios en la inmediata posguerra y permitieron mantener un nivel apreciable en el valor total de las exportaciones, aunque el volumen físico de éstas haya descendido entre 1946 y 1948, mientras que, en cambio, el de las importaciones se duplicaba. Esto nos da un índice de la alta capacidad de importar que tenía el país en esos años” (RAPOPORT, 2006, p.358).

relação a aqueles com que tinha iniciado sua gestão. Os termos de troca, que se tinham incrementado em mais de 60% entre 1945/48²²¹, logo tem uma forte queda, começando em 1949, quando diminuem em mais de 22% e em 1952 novamente se reduzem em magnitude similar. Entre 1947 e 1954, respectivamente, primeiro e último ano completo de governo peronista, a queda nos termos de troca é mais de 50%²²².

Tabela 41. Termos de Troca externos e internos
(1935-39=100)

	Externos	Internos *		Externos	Internos *
1925-29	102	132	1947-49	129	80
1930-34	78	87	1950-52	114	68
1935-39	100	100	1953-55	100	68
1940-44	100	62	1956-58	86	78
1945-46	107	74			

Fonte: Cortés Conde (2005, p.165) * maioristas

Desde uma tendência histórica, os favoráveis termos de troca vigentes durante os anos de maior crescimento, é dizer 1947-49, constituíam uma circunstancia excepcional, já que se encontravam estancados – o tendiam a diminuir. Desta maneira, a viabilidade da estratégia peronista de sustentar o crescimento industrial por médio da transferência dos recursos que obtinham a produção primaria fazia os setores urbanos e industriais chocava contra essa realidade. Esta estratégia derivava em que os termos de troca internos resultaram prejudiciais para a atividade rural, mas isto não foi possível a partir de 1949. Desta maneira, o setor externo mostra uma evolução que combinava uma elevada proporção a importar enquanto que a relação entre as exportações e o produto interno vai diminuindo. As importações impulsionavam ao setor manufatureiro, dado que a proporção a importar chega a um pico em 1947/48 de 15%, coincidindo com o maior crescimento industrial sob o governo peronista. Recém em 1952 a relação entre importações e produto interno se reduz substantivamente, mas não por razões de avance do processo de industrialização, se não ante a necessidade de reduzir as compras desde o exterior para equilibrar o balance de pagamentos. As exportações em relação ao produto

²²¹ “La mejora de los términos de intercambio exterior de la Argentina, que en 1947 y 1948 equivalió a cerca de 1.500 millones de dólares, fue absorbida por las actividades rurales” (FERRER, 1977, p.25).

²²² “Por otra parte, después del impacto alcista en las cotizaciones, como consecuencia del conflicto de Corea, comenzaron a deteriorarse los precios internacionales de los productos primarios. en 1952 los términos de intercambio de la Argentina fueron 30% más bajos que en 1951 y, en todo el quinquenio 1950-1954, más del 20% inferiores a los vigentes en el quinquenio 1945-1949” (FERRER, 1977, p.28).

caíram fortemente em 1949, é dizer antes da crise provocada pelas secas, tanto pelos efeitos da política econômica peronista sobre o desempenho do setor primário, como pela diminuição nos preços de exportação. Trás a crise de 1952 se observa um intento de incrementar dita relação cujos resultados não foram muito exitosos.

Tabela 42. Proporções de importação e exportação

	M/PBI	X/PBI		M/PBI	X/PBI		M/PBI	X/PBI
1943	15,3	6,6	1948	15	13,4	1953	4,8	6,1
1944	14,1	6,2	1949	9,4	7,5	1954	5,4	5,1
1945	6,3	13,7	1950	7,7	8,6	1955	5,7	4,7
1946	9,5	16,2	1951	11,8	7,6	1956	9	8,9
1947	15,7	16,2	1952	8,1	4,3	1957	11,9	8,4

Fonte: Neffa.

A evolução das exportações durante a gestão peronista continuou consistindo em produtos primários. Consequentemente, o desempenho deste setor será chave para o próprio processo de industrialização. O que se observa é que as exportações primárias se reduziram fortemente. Dos principais produtos agrícolas, nenhum incrementou a quantidade exportada. O trigo mostraria o melhor comportamento obtendo um volume de toneladas exportadas igual o superior ao nível de início do governo peronista durante varias temporadas. Mas a tonelagem exportada de maís, que se manteve num considerável nível nos anos iniciais, caiu abruptamente a partir de 1949 e só se recuperou o último ano de Perón.

Tabela 43. Exportações agrárias (em milhares de toneladas)

	Maís	Trigo	Lino		Maís	Trigo	Lino
1945-1946	572	2358	135	1951-1952	298	2455	181
1946-1947	2200	1387	37	1952-1953	652	63	26
1947-1948	2366	2284	-	1953-1954	1083	2527	10
1948-1949	2534	2174	-	1954-1955	2185	2943	11
1949-1950	1063	1847	-	1955-1956	362	3617	-
1950-1951	794	2767	139				

Fonte: Rapoport (2006, p.352).

O setor pecuarista, embora menos, também foi afetado. A política de impulsionar a atividade interna ao máximo derivou no conflito entre o consumo doméstico e as vendas externas pela carne. À medida que subia a quantidade de cabeças fainadas para o consumo interno, se reduzia, em conseqüência, o disponível para exportar. Assim, um desequilíbrio externo exigiu redefinir a estratégia econômica. O setor primário começou a receber maiores benefícios, enquanto que o

consumo interno foi ajustado, chegando a impor uma veda de vendas. O governo efetuou o ajuste tradicional de melhorar a relação de preços para o campo, estimular as exportações primárias e equilibrar as contas públicas.

Tabela 44. Evolução da pecuária e do consumo de carnes

	Quantidade de cabeças fainadas p/consumo interno	Porcentagem cabeças fainadas para exportação	Percentagens de cabeças fainadas	Consumo per capita (Kg. por habitante)
1935-39	7643131	70,3	29,7	77,9
1940-44	7595750	68,7	31,3	70,9
1945-49	8518128	79,1	20,9	84,5
1950-54	8738160	86,5	13,5	90,8

Fonte: Rapoport (2006, p.393)

Dado que a questão do setor primário será analisada logo em forma mais detalhada, como resultado preliminar dois pontos principais se destacam. Primeiro, o pobre desempenho das atividades rurais foi uma trava para o desenvolvimento industrial. Segundo, se nos primeiros momentos da gestão peronista o campo foi objeto de políticas que o prejudicaram, dado que recursos que gerava foram transferidos para manter o gasto industrial e urbano, depois da crise externa de 1949, se modificam estes desenhos e passa a ser o centro de atenção e a receber uma grande quantidade de estímulos e apoios oficiais. Não obstante, os resultados em termos produtivos não serão suficientes para satisfazer as necessidades de importação que requeria a indústria.

3.3. Política industrial e o setor primário

A Argentina já tinha obtido um considerável desenvolvimento industrial antes da assunção de Perón. Desde os 30 a manufatura adquire um forte ímpeto que se intensifica ao longo da guerra. Incluso, se incrementam, em forma surpreendente, as exportações industriais, que passaram de representar de 5 para 19% das exportações totais entre 1940-1945 (SCHVARZER, 1996, p.190)²²³. Mas ao assumir Perón essa tendência de desenvolvimento é substituída por uma que reservava como destino o mercado nacional, abandonando-se totalmente a possibilidade que o fora o externo²²⁴. Assim, “en parte porque el propio gobierno argentino tendió a prohibir diversas

²²³ “Esas operaciones eran apreciables para el comercio exterior así como para las propias empresas; la rama textil (que tomó un tercio de esas ventas) exportaba el 22% de su producción total, mientras que la química vendía en el extranjero el 11% de su oferta, y las empresas de alimentos colocaban grandes cantidades de lácteos, aceites y otros productos” (SCHVARZER, 1996, p.190).

²²⁴ “Esta historia, que dejó pocos rastros en la literatura, es una de las señales más curiosas de la industria local, que tenía tan poca confianza en sí misma como los más acendrados opositores a la evolución fabril” (SCHVARZER, 1996, p.191)

exportaciones por temor a que se desatendiera el mercado interno. En parte porque los propios industriales se encontraban más cómodos colocando su producción en el protegido mercado local. Lo cierto es que la industria se replegó sin reclamos, como si no hubiera tenido confianza en su potencial competitivo ni en el posible apoyo oficial” (SCHVARZER, 1996, p.190-91)²²⁵. O PPQ refletia essa concepção já que procurava primordialmente desenvolver as indústrias produtoras de bens de consumo não duráveis, em especial aquelas vinculadas à utilização de insumos agropecuários, dado que essas permitiam um maior volume de emprego (RAPOPORT, 2006, p.364)²²⁶.

Tabela 45. Produção industrial

	Produção (1950=100)	% PBI		Produção (1950=100)	% PBI		Produção (1950=100)	% PBI
1945	76,5	22,8	1949	97,1	23	1953	93	21,4
1946	86,3	23,6	1950	100	23,4	1954	101	22,3
1947	99,5	24,5	1951	102,2	23,2	1955	110,6	23,4
1948	100,7	23,5	1952	95	23,1			

Fonte: Rapoport (2006, p.369).

A evolução do produto industrial mostra um crescimento forte nos dois primeiros anos – quase 25% acumulados – mas logo se estanca ao redor de esse novo nível. Embora as cifras defiram levemente das apresentadas na secção anterior, se observa que durante o peronismo o setor não incrementa significativamente sua participação no PBI. Igualmente em 1945 por primeira vez foi maior que a do agropecuário, superando-lo em 2,8%. Este porcentagem se incrementou logo no biênio seguinte, até chegar ao 24,2%. Mas a partir de 1948 se estanca e logo decrece para retomar ao nível de 1950 ao cair o peronismo, embora a participação da indústria no PBI continuasse superando ao setor agropecuário.

²²⁵ “Ese repliegue sobre el mercado interno generaba dos trabas: forjaba posiciones monopólicas que reducían incentivos para el desarrollo técnico, y limitaba la demanda a dimensiones que no permitían aprovechar las economías de escala latentes en la industria moderna. Un informe presentado por una misión técnica de los Estados Unidos en 1944 afirmaba que el atraso técnico de la industria no se podría resolver sin un cambio en la dimensión del mercado; este objetivo, decía, se podría lograr bajando precios, aumentando salarios o exportando” (SCHVARZER, 1996, p.191).

²²⁶ “Las ramas industriales que en esa época producían para satisfacer esa demanda interna, generaban sus excedentes operando con tecnologías intensivas en el uso de la fuerza de trabajo, aprovechando que los salarios nominales directos eran relativamente bajos (debido a la calidad y bajos costos de la producción de alimentos y a la transferencia de la renta agraria hacia las actividades urbanas)” (NEFFA, 1998, p.154).

Tabela 46. Investimento industrial (Em milhões de pesos de 1950).

	Investimento bruto fixo total	Maquinaria	Outros equipos e bens duráveis	Fabricas
1944	1190	402	389	399
1945	1248	439	410	399
1946	1977	770	736	471
1947	4372	1713	2144	515
1948	4554	2481	1503	570
1949	3078	1741	786	551
1950	2919	1516	758	645
1951	3219	1420	1141	658
1952	2667	1342	750	575
1953	2405	1387	494	524
1954	2589	1508	523	558
1955	2818	1615	594	609

Fonte: Rapoport (2006, p.369).

A evolução da inversão industrial se corresponde com a do produto. A de maquinarias e equipos foi muito importante em 1946-48, como resultado das importações, sobre tudo norte-americanas, para cair abruptamente em 1949 e declinar em forma mais leve até 1953. Entre 1949 e 1952 o desenvolvimento industrial foi mais lento. A taxa de crescimento global foi do 2,9% e os setores mais dinâmicos foram maquinarias e artefatos elétricos, produtos do caucho, derivados do petróleo, veículos, maquinarias e produtos têxteis. As mudanças na política econômica fizeram possível um reponte, embora não tão significativo, em 1954 e 1955. Em quanto sua participação no conjunto do investimento bruto fixo, as maquinarias chegaram a representar 50-55% do total, repartindo-se o resto entre outros equipos e bens duráveis e gastos para instalação e ampliação de fábricas (RAPOPORT, 2006, p.368). Os censos de 1947 e 1954 permitem comparar a evolução da indústria sob o período. Observa-se que houve um importante incremento na quantidade de estabelecimentos industriais que se incrementaram em mais de 6.000 empresas. Para Schvarzer (1996, p.216) a quantidade de estabelecimentos mencionada no censo de 1954 é enganosa porque 73.000 destes não tinham operários e muitos dos restantes eram muito pequenos com pouco pessoal. O autor afirma que a produção industrial está muito concentrada porque “322 planta fabriles disponen de la cuarta parte del total de obreros y otras 1.433 de un cuarto adicional (...) La concentración sería aun mayor si se toman empresas en lugar de establecimientos: 3.200 unidades fabriles, que eran

propiedad de unas 1.000 sociedades anónimas, ocupaban el 35% del total de obreros y aportaban el 43% de la producción total” (SCHVARZER, 1996, p.216-17)²²⁷.

Tabela 47. Comparação dos censos industriais 1947-1954

	1947	1954
Numero de estabelecimentos	84440	148325
Pessoal ocupado	1.023.032	1.167.961
Valor da produção	3.415.370	4.652.200
Salários pagados	572.697	821.158
Pessoal ocupado por estabelecimento	12,12	7,87
Produtividade	3,338	3980,000
Salário por pessoal ocupado	560	703

Fonte: Rapoport (2006, p.372).

Com respeito ao valor agregado do setor industrial, Schvarzer (1996, p.216) afirma que o correspondente a 1954 é praticamente o mesmo desde que a atividade fabril se estancou em 1948, embora a potência instalada se tivesse incrementado em 50% respeito a 1946. Sem embargo, a quantidade de pessoal contratado pelo setor só se incrementou em pouco mais de 10%, se bem deve se considerar que para 1947 já se tinha produzido certa expansão no nível de emprego industrial. De todos os modos, o processo industrial exigiu uma mudança de rumo durante estes censos que levou a uma menor incidência das indústrias mais intensivas em mão-de-obra. Uma comparação com a década previa constata que setores tradicionais (alimentos, têxteis) que vinham se desenvolvendo com força anteriormente, perdem participação o se estancam. O rubro de produtos químicos também tem sua participação reduzida. Em mudança, se expandem os setores de veículos e maquinarias, aparatos elétricos, metalurgia, caucho²²⁸. “La industria de alimentos mantuvo su preponderancia en el período peronista, aunque en forma decreciente. La industria textil fue la que la secundó, aumentando su participación un 3,8% entre los quinquenios 1935-1939 y

²²⁷ Schvarzer (1996, p.217) também ressalta a aprofundização regional. “La concentración geográfica continúa, puesto que la ciudad de Buenos Aires aporta el 64% de la producción fabril del país, una cifra inferior a la de 1946 (66%) pero superior a la de 1935 (58%). En el otro extremo se observa que varias provincias siguen sin tener establecimientos de importancia: Catamarca, La Rioja, Chubut y Río Negro no registran ninguno que opere por más de 10 millones de pesos de la época”.

²²⁸ “La cuota de productos alimenticios y bebidas disminuyó desde el 36,7% durante 1925-29, al 30,3% en el período 1945-49; la misma tendencia declinante fue seguida por el tabaco, los productores químicos, los derivados del petróleo, las cerámicas y el papel. Las industrias que se desarrollaron – creciendo tanto en su valor total como en su participación porcentual – fueron: la textil, la maderera, la de maquinarias y transportes. la de maquinarias eléctricas y la metalúrgica” (DI TELLA, ZYMELMAN, 1973, p.99-101).

1945-1949, para iniciar luego un descenso que no se detendría en años posteriores” (RAPOPORT, 2006, p.371)²²⁹.

Tabela 48. Estrutura da atividade manufatureira
Segundo o valor agregado – (ramos selecionados) (%)

	1935-1939	1940-1944	1945-1949	1950-1954
Alimentos	28,8	27,6	24,1	23,5
Têxteis	13,2	15,7	17	15,2
Coros	3,6	4,9	4,3	3,3
Papel e cartão	1,5	1,8	1,7	2
Produtos químicos	7,3	8,7	5,5	5,1
Caucho	1,4	0,6	1	1,6
Metais	8,4	6,4	7,4	10
Veículos e maquinarias	6,5	6,2	9,1	8,9
Aparatos elétricos	1,3	1,1	1,4	2,3

Fonte: Rapoport (2006, p.371).

Entre as indústrias mais dinâmicas se encontravam as de metais e as de veículos e maquinarias, que adquiriram grande impulso ao final do peronismo e se afiançaram em anos posteriores. A participação da indústria de metais, que era de um 6,4% em 1940-1944, se elevou a um 10,0% no período 1950-1954. O setor de veículos e maquinarias passou de uma participação do 6,2% em 1940-1944 a perto de 9% nos quinquênios seguintes. Não tão marcadamente aumentou sua participação, para o último quinquênio, o setor de aparatos elétricos. (RAPOPORT, 2006, p.371). Alguns setores cresceram até alcançar um pico no final da década dos anos 1940, para logo acomodarse, relativamente, nesse nível o, incluso, um inferior. Assim, a indústria têxtil chega a 243,2 em 1950 mas logo se aparece no valor próximo a 200,0. O mesmo sucede com outros rubros como confecções, couro, madeira, pedras, vidros e cerâmica, tabaco e gráfica que logo de chegar um máximo em 1949 passam a cair, embora o último de estes se expanda a para finais dos anos cinquenta. A rama de metais (excluindo maquinarias) cresce até um nível de 161,9 em 1950 logo decai fortemente ao começo do primeiro lustro da década de cinquenta, para repontar e quase retornar a dito pico antes da saída de Perón. Um recorrido similar se observa na atividade de maquinarias e veículos (excluindo maquina elétrica), salvo que chega a

²²⁹ Entre las empresas que tuvieron una considerable expansión en el período se encontraban Alpargatas, de la industria textil, y Siam Di Tella, productora de bienes de consumo durables, pero muchas de ellas, aunque rentables, se encontraban obstaculizadas en su desarrollo, según los casos, sobre todo a partir de 1949, por la saturación del mercado local, la dificultad en renovar equipos o la imposibilidad de importar. El punto clave era que se carecía de industrias básicas que permitieran el autoabastecimiento de insumos y de equipos de producción y se volvía a depender del sector externo a fin de conseguir las divisas necesarias...para el desarrollo industrial. (RAPOPORT, 2006, p.371).

seu ponto máximo antes, em 1948, e pesa a um reponte posterior não pode recobrar dito nível em 1954. Igualmente, o rubro de produtos químicos se expande até 1950, cai com a crise posterior, e se recupera para a última parte do governo peronista. Também as ramas de papel e cartão e produtos químicos, a pesar de sofrer uma queda ao começar Perón seu segundo mandato, logo voltam a crescer. Só derivados de petróleo mostra evolução crescente constante.

Tabela 49. Índices do volume físico da produção industrial
(Base: 1937 = 100)

	1946	1948	1950	1953	1954	1958
Tabaco e suas manufaturas	141,8	160,8	167,7	182,9	174,8	185,9
Alimentos e bebidas	131,6	135,5	140,1	145,5	147,0	183,7
Têxteis	213,5	240,6	243,2	196,3	208,3	199,8
Confecções	129,6	179,0	137,9	114,9	120,5	103,2
Madeira	177,6	183,7	169,2	152,4	155,9	148,0
Papel e cartão	181,5	205,1	231,1	193,2	250,3	379,3
Gráfica e publicações	117,3	129,9	137,1	89,3	101,2	145,7
Produtos químicos	202,4	226,5	248,0	234,9	267,2	326,8
Derivados do petróleo	133,0	162,3	202,2	228,4	241,0	369,8
Caucho	84,8	146,6	121,2	146,9	182,1	220,2
Coro	244,5	219,2	202,5	163,1	158,8	150,8
Pedras, vidro cerâmica	162,0	185,2	205,8	177,3	190,9	246,3
Metais, excluindo maquinarias	122,6	149,1	161,9	129,2	159,9	237,1
Maquinarias e veículos (exc. Maq. Elétrica)	167,7	227,9	156,9	187,1	192,3	197,1
Maquinaria e aparatos elétricos	153,4	318,0	369,5	447,9	475,2	597,4
Vários	216,6	233,6	284,7	277,1	317,4	242,3
TOTAL	153,7	179,4	177,1	164,7	178,9	207,6

Fonte: FIAT (1959, p.72)

Visto em conjunto, também se observa uma expansão manufatureira que chega a seu máximo entre 1948-50, logo cai para recuperar esse mesmo nível. Sem embargo, os dados comparativos entre 1954 e 1958, já sim o governo peronista, mostram que o salto quantitativo para o conjunto da atividade industrial é similar ao registrado entre 1946 e 1954. Inclusive, na atividade alimentícia, que mostra uma evolução continua e que recém obtém seu máximo em 1954, seu salto de produção entre esse ano e 1958 duplica o crescimento observado entre 1946 e 1954. Salvo pelas ramas têxtil, confecções, madeira e couro, todas as demais atividades manufatureiras se expandiram entre 1954 e 1958. Isto inclui as ramas básicas, embora o crescimento de maquinarias e veículos (excluindo maquina elétrica) é mínimo. No exaustivo análise elaborado em 1959 pela Delegação para América Latina da Oficina de estudos para a colaboração econômica internacional da empresa FIAT, se afirma

que desde o fim do conflito bélico o setor alimentício industrial não teve um bom desempenho já que “la mayor parte de las industrias de este grupo existía antes de la guerra y posteriormente evolucionó paralelamente al consumo” (FIAT, 1959, p.79)²³⁰, só destacando-se a expansão da atividade pesqueira., a de produção de bebidas e a do tabaco, que sinalam como um setor que reduz fortemente importações, ao igual que com a produção de arroz, malta, cerveja e vinhos. Nesse sentido, também ressaltam que a expansão da indústria têxtil tem avançado fortemente na redução de importação, tanto no que faz a bens finais como matérias primas²³¹. Assim como a produção de bebidas, que empregava 10 mil operários, os autores também destacam que a indústria de papel, carvão e seus artefatos são importantes na demanda de mão-de-obra, ocupando mais do dobro dessa quantidade, e a de gráfica 30.000 operários. Por outro lado, afirmam que entre essas, a rama de papel não chega a satisfazer a demanda interna devido a que ainda dependia em grande parte das importações de matérias primas (FIAT, 1959, p.95). A indústria química é sinalada como ter experimentado um progresso apreciável, ocupando 40 mil operários, embora ainda dependente da importação de matérias primas²³².

Tabela 50. Taxas de variação da produção industrial por categoria (%)

	Total	Intermédios	Bens de consumo Não duráveis	Bens de consumo duráveis	Bens de Capital
1937-43	3,8	10,0	-1,4	5,4	-3,0
1943-46	15,2	16,3	-0,3	29,8	36,3
1946-50	3,1	6,1	3,7	10,3	5,9
1950-55	1,7	4,5	-4,2	3,1	4,3

Fonte Dorfman (1983, p.120)

²³⁰ “La industria de la carne se encuentra e esta situación, como también la del azúcar, la leche, la harina y derivadas” (FIAT, 1959, p.79).

²³¹ Sobre a atividade florestal, o informe sinala que “es muy difícil medir la evolución en este sector industrial, ya que las estadísticas no reflejan sino indirectamente la calidad de los productos. Un observador imparcial debe reconocer, con todo, que en este aspecto hubo un progreso muy sugestivo durante los últimos veinte años. Mejor gusto, variedad y creaciones modernas marcaron el rumbo de la evolución. La industria de la madera continuó, no obstante, dependiendo de las importaciones, ya que, como hemos dicho, muchas especies de madera no se producen todavía o no pueden producirse en nuestro país” (FIAT, 1959, p.92).

²³² “Las exigencias de la industrialización han aumentado las necesidades de soda cáustica y de ácido sulfúrico, cuyo consumo es un índice del grado de industrialización de un país. En los últimos veinte años, las necesidades de ácido sulfúrico se han triplicado, siendo satisfechas en su totalidad por la producción de 8 fábricas, que elaboran alrededor de 100.000 toneladas. La Dirección de Fabricaciones Militares posee dos plantas que producen para su propio consumo. La producción de soda cáustica no satisface la demanda, que se cuadruplicó durante las dos últimas décadas. Actualmente 5 fábricas abastecen un 40% del consumo, que es de aproximadamente 80.000 toneladas. Tres plantas productoras de carburo de calcio proveen en su totalidad las casi 20.000 toneladas requeridas por la demanda. También el ácido nítrico y el ácido clorhídrico son producidas en cantidad suficiente para el consumo” (FIAT, 1959, p.101).

Em definitiva, a expansão de alguns setores chocou com a falta de setores de base e possibilidades de aquisição externa de alguns produtos. “Hubo ramas que adquirieron gran dinamismo gracias a la variación favorable de precios relativos, aunque al mismo tiempo se encontraban limitados debido a la imposibilidad de abastecerse de equipamiento para atender la demanda y las restricciones energéticas. El acceso a las divisas fue un factor muy importante para el desarrollo de los distintos sectores, ya que de no conseguirlos no se podían obtener equipos y se debía optar por la utilización de aparatos ya envejecidos” (RAPOPORT, 2006, p.371). Dada as limitações na disponibilidade de divisas, as autoridades tiveram que implementar mecanismos para direcionar as importações. A participação das importações no total de produtos competitivos aos setores da indústria ‘leve’ (alimentos, tabaco, bebidas, têxteis, papel) caíram – e em alguns casos fortemente – ao longo da gestão de Perón. Assim, as importações de alimentos caíram à metade, embora durante a crise da seca agrícola deviesse incrementar-se; as de tabaco e bebidas praticamente desapareceram e as de artigos têxteis caíram do 22,4% entre 1940-44 para 9% entre 1950-54. Em mudança as de produtos que se precisavam para os processos industriais internos (produtos químicos, madeira, ferro, maquinarias, metais e combustíveis) preservaram o incrementaram sua participação no total de importações. Por exemplo, com respeito à indústria química “al cotejar los datos de producción con los mayores rubros de la importación, se observa que, a pesar del progreso evidente de la industrialización, el volumen de las importaciones no disminuyó, sino que, por el contrario, aumentó” (FIAT, 1959, p.106).

Dessa forma, se pode concluir que a expansão industrial do período inicial do governo peronista esteve diretamente relacionada às possibilidades de importar. Por um lado, o esteve no sentido de que as ramas manufatureiras às quais o governo procurava estimular eram aquelas, precisamente pertencentes à chamada indústria leve, que não possuíam altos níveis de exigência tecnológica pelo que também não demandavam tantos produtos externos. Se pelo conflito que surgiu durante o período bélico entre o governo militar e os Estados Unidos, que logo continuou com Perón, se considera que houve uma impossibilidade de adquirir do principal provedor mundial de certos produtos indispensáveis para o desenvolvimento industrial, a questão da menor relevância tecnológica dessas indústrias resulta mais relevante. O boicote

norte-americano, que durou de fevereiro de 1942 até 1949, significou que a Argentina se viu privada do subministro de diversos produtos como equipes para a extração de petróleo, artigos de aço, armamentos, locomotoras e, durante alguns longos períodos, combustíveis.

Tabela 51. Estrutura porcentual das importações

	1930-34	1935-39	1940-44	1945-49	1950-54
Total	100	100	100	100	100
Alimentos	10,6	7,3	7	4,3	6,8
Tabaco	1,7	1	1,5	0,8	0,2
Bebidas	0,7	0,5	0,6	0,3	0,1
Têxteis	24,1	21,9	22,4	14,9	9
Produtos Químicos	6,3	6,7	9,2	5,9	7
Papel	4,6	5	7,3	4,6	3,5
Madeira	4,2	4,3	8,2	6,2	8
Ferro	8,9	11,1	9	13,4	13,5
Maquinarias	9,1	1,3	6,5	23	15,5
Metais	4	4,8	5,9	4,8	5,5
Pedra	3,7	3	3,4	2,7	2,4
Combustível	14,6	15,2	11,8	10	17,8
Caucho	2,4	2,4	1,2	1	1,2
Vários	5,1	15,5	6	8,1	9,5

Fonte: Neffa (1998)

“El costo que los Estados Unidos hicieron pagar a la Argentina por ese conflicto resulta difícil de precisar a pesar de su magnitud. El país se vio obligado a producir en las peores condiciones de contexto, falto de energía, de insumos básicos y de quipos modernos que el proveedor casi único en ese momento se negaba a entregar. (...) Muchas carencias locales se resolvieron con el esfuerzo y la inventiva de ingenieros y técnicos, pero dieron paso a una trama fabril de emergencia cuya capacidad de desarrollo dependía, luego de la guerra, de la reposición de equipos que no llegaron en la cantidad suficiente debido a ese continuo enfrentamiento (aparte de la desidia local en ese frente)” (SCHVARZER, 1996, p.193-94)²³³.

Se a política industrial durante a pós-guerra se compreende como continuando o rumo de desenvolvimento que já vinha recorrendo, se percebe que a substituição de importações que poderia gerar o continuo avance dos setores leves rapidamente se esgotou: “hacia finales de la década de 1940 [se] había sustituido una porción sustancial de las importaciones de las ramas livianas por lo que era necesario pasar a

²³³ “Durante los años 1942-49, la Junta Económica de Guerra de aquel país boicoteó la venta de combustibles, insumos industriales, maquinarias y equipos a Argentina e influyó por vía diplomática para que otros países latinoamericanos no le exportaran materias primas, tales como caucho, estaño y cobre. La consecuencia directa fue, en ciertos momentos, la paralización casi virtual del transporte interno de granos utilizando camiones, por falta de piezas de repuestos, lubricantes, combustibles y neumáticos. Esta situación cambiará recién a partir de 1950, cuando Argentina contó con el apoyo de los Estados Unidos para obtener el primer crédito de 125 millones de dólares para la compra de maquinaria agrícola fabricada en aquel país” (NEFFA, 1998, p.140)

una etapa distinta, privilegiando a industrias de base y de materias primas y combustibles industriales. Era notoria la insuficiencia de la producción petrolera, química y petroquímica, así como la de metales básicos” (RAPOPORT, 2006, p.390))²³⁴. A ausência de contar com estes produtos se conjugava com um marco geral complicado para o avance industrial, já que coincidiu com a drenagem das reservas que se tinham acumulado durante a guerra, piores termos de trocas e a evolução prejudicial para a Argentina nas características do comercio internacional. A situação resultou grave em provisão de energia. “La falta de ese elemento en la cantidad necesaria y su no prevista ampliación de acuerdo con un programa suficiente estudiado, hacía imposible la instalación de las industrias básicas. Por otra parte, la forma y precios del abastecimiento, proporcionado en forma corriente por usinas individuales instaladas por las mismas industrias, terminaron por aumentar los costos de producción” (PORTNOY, 1961, p.121)²³⁵. Para Eidlicz (1961, p.214-15) a atividade petrolífera resultou paralisada entre 1943 e 1950 por falta de divisas²³⁶ e por ter sido dizimado o pessoal especializado em todas suas hierarquias; em grande medida por causas políticas. “Agréguese a todo ello una circunstancia tan fundamental como la política totalmente vacilante y contradictoria del gobierno, que por momentos aparentaba apoyar la acción de YPF, para volcarse inmediatamente a planes de entrega de la explotación de petróleo a otras empresas”. Conclui que se o Artigo 40 da Constituição de 1949 nacionalizou a fonte de petróleo, manteve uma estruturação administrativa inadequada de YPF. “No obstante esas dificultades, los yacimientos descubiertos daban la seguridad de que el país tenía una gran riqueza petrolera, que sólo requería ser extraída y transportada” (Eidlicz, 1961, p.215).

²³⁴ “El país disponía de ahorro. Más aún, las empresas fabriles ganaban dinero. Lo que no resultaba posible era convertir esas ganancias en divisas y, por lo tanto, en nuevo capital productivo. Fue así como el ahorro se orientó hacia actividades rentables en sectores no productivos. El impetuoso crecimiento de la ciudad de Mar del Plata fue uno de los mayores ejemplos de esa evolución; su auge urbano, durante la década del cincuenta, se basó en la construcción masiva de hoteles y casas de veraneo para una sociedad que aplicaba sus ahorros al turismo y no a la producción. El cierre de esta última alternativa era uno de los elementos que contribuía a fortalecer las antiguas prácticas especulativas, tan rentables como alejadas de la técnica” (SCHVARZER, 1996, p.214).

²³⁵ “...debemos mencionar la urgente necesidad de solucionar el problema energético en todos sus órdenes, pues de nada serviría tener capacidad técnica y mecánica para producir tantos bienes de consumo como de capital, si carecemos de la energía indispensable para convertir esa capacidad teórica en realizaciones concretas” (FIAT, 1959, p.107).

²³⁶ “A YPF se le concedieron divisas para adquirir barcos petroleros que le facilitaron la importación de combustible (12.700 tn. de peso muerto en 1946; 346.000 tn. en 1955), y para destilerías y plantas refinadoras (8.000 m3/día de capacidad en 1946; 25.000 m3/día en 1955), pero en cambio no le fue posible conseguir las para los equipos de exploración y explotación que hacían falta” Eidlicz (1961, p.214-15).

Tabela 52. Volume físico da produção de petróleo

Índice 1950 = 100

1939	79,3	1945	97,5	1951	104,3
1940	87,8	1946	88,7	1952	105,8
1941	93,8	1947	93,1	1953	121,5
1942	101,0	1948	99,0	1954	126,0
1943	105,9	1949	96,3	1955	130,0
1944	103,3	1950	100,0		

Fonte: Portnoy (1961, p.124)

Portnoy, ao analisar a evolução da produção petrolífera, observa que essa se estanca durante a Guerra, sinalando que seu ritmo de crescimento foi tão lento, que perdeu toda relação com o desenvolvimento da economia em seu conjunto. “El valor de la producción, a precios constantes, era casi el mismo en 1941 que en 1949, y entre 1943 y 1952 no hubo modificación alguna en el valor de dicha producción. Recién después de este último año y considerando las dificultades que se comenzaban a observar ya en forma imperiosa, se inició un ritmo relativamente más acelerado de producción” (PORTNOY, 1961, p.122)²³⁷. Essa insuficiência é observada pelo informe FIAT (1959, p.102): “La industria de los derivados del petróleo produce grandes cantidades de solventes, naftas y aceites lubricantes, pero su producción ha de aumentar considerablemente para satisfacer el consumo. La petroquímica sólo produce actualmente en grandes cantidades el isopropanol, que se emplea casi íntegramente para desnaturalizar el alcohol etílico”²³⁸. Portnoy (1961, p., p.128) también señala que similar falta se observou no consumo de ferro e aço e que entre

²³⁷ Para este autor o crescimento da produção de petróleo a partir do SPQ reflita uma mudança na postura de Perón sobre a forma de explorar este recurso. Em 1947 declarava “No entro a averiguar las causas que han motivado esta extraordinaria lentitud en explotar la riqueza de nuestro subsuelo, pero afirmo que estoy decidido a modificar radicalmente la posición del Estado en punto al disfrute de las riquezas naturales... La política petrolera argentina ha de basarse en los mismo principios en que descansa toda la política económica: conservación absoluta de la soberanía argentina sobre la riqueza de nuestro subsuelo y explotación racional y científica por parte del Estado, advirtiéndole que cuando el Estado rescate la dirección inmediata y directa de los bienes que la Nación posee, no debe ya despojarse del privilegio de seguir administrándose, sin compartir sus funciones con otros intereses que no sean los que corresponden a todos los argentinos” (PERÓN *apud* PORTNOY, 1961, p. 124-25). logo em 1955 afirmava: “Nosotros no podemos extraer nuestro petróleo porque careceos del enorme monto de dinero que se precisa para invertirlo en una empresa que se ocupe de sacarlo. El petróleo lo tenemos, es cierto, pero ¿de qué nos sirve que se encuentre a dos, tres o cuatro mil metros de profundidad en la tierra? Para sacarlo necesitamos muchos e inmensos capitales que, desgraciadamente, no disponemos”. (PERÓN *apud* PORTNOY, 1961, p.125).

²³⁸ “Así, si en 1937 se producían 2,6 millones de m³ de petróleo, en 1957 se produjeron 5,4 millones. En lo que hace al carbón mineral, en 1939 se produjeron 500 toneladas y en 1957, 208.216 toneladas. Sin embargo, este incremento resulta insignificante si pensamos en lo que nuestros recursos naturales permiten alcanzar. Se ha producido también un importante adelanto en cuanto a las condiciones existentes para la elaboración de combustibles, lo que ha influido en la estructura de la importaciones” (FIAT, 1959, p.107).

1939 e 1955 seu consumo se manteve totalmente estancado, mostrando uma queda visível com relação a etapas anteriores da economia argentina. Em sua visão, essa falta de dinâmica expressa a falta de interesse no desenvolvimento de uma indústria siderúrgica. Portnoy sinala que os progressos que se registraram corresponderam ao impulso de setores militares que plantaram o problema em função de questões de defesa. Assim, se levou a cabo a construção de uma planta siderúrgica em San Nicolas, “obra que se ha arrastrado largos años, por falta de apoyo efectivo para su realización”.²³⁹

“confrontando la industria siderúrgica con las otras antes mencionadas, se observa que este sector todavía está lejos de haber evolucionado en la forma que corresponde a la situación industrial de nuestro país. (...) . El consumo argentino de acero es enormemente bajo. (...) . Como dato ilustrativo es interesante destacar que el consumo argentino de acero ‘per cápita’ es de 60/80 Kg., inferior al consumo promedio mundial por habitante, que se puede estimar en 110/120 kgs. (FIAT, 1959, p.123)²⁴⁰ .

Tabela 53. Consumo de ferro e aço (médias anuais)

	Global (Toneladas)	Por habitante (Quilogramas)		Global (Toneladas)	Por habitante (Quilogramas)
1900/04	322.000	67	1935/39	934.000	69
1905/09	894.800	157	1940/44	290.000	20
1910/14	1.036.200	143	1945/49	999.000	62
1915/19	251.000	30	1950/54	966.000	54
1920/24	709.600	75	1955	1.650.000	86
1925/29	1.282.200	117	1956	1.255.000	64
1930/34	732.000	59			

Fonte: Portnoy (1961, p.128).

²³⁹ “Cuando se concretó la iniciación de las obras de la plante siderúrgica, la vinculación con las organizaciones mundiales se estableció a través de un contrato de asesoramiento técnico, que puso prácticamente en manos de una empresa de origen estadounidense la decisión sobre la forma que había de tener la futura planta. La lentitud con la que se construyó, anuló prácticamente su eventual influencia en la solución del problema del abastecimiento de productos siderúrgicos, por el crecimiento de las necesidades, las que al finalizar el período adquirieron tal volumen, que obligan a un replanteo total del proyecto original” (PORTNOY, 1961, p.129-30).

²⁴⁰ El consumo por habitante de metales no ferrosos en la Argentina se calcula en 3 Kg., cifra muy reducida en comparación con los 20 kg que se consumen término medio en los países industrializados. La situación no es similar respecto de todos los metales, pues se considera satisfactoria en el caso del zinc y del plomo, mas no en el del aluminio, cobre y estaño (FIAT, 1959, p.129).

**Tabela 54. Composição das importações de matérias primas e bens intermédios
(Médias anuais; milhões de pesos de 1950) Distribuição porcentual**

	Total importações Matérias primas e Produtos intermédios	Combustíveis e lubrificantes	Produtos Intermédios Metálicos	Materiais de construção e obras públicas	Minerais não metálicos, papel e celulosa, Produtos químicos, produtos de petróleo, de vidro, cimento e cerâmica	Produtos agrícolas, têxteis, madeira e cortiça, caucho, e produtos lácteos		Vários
1905/09	2.008	178	304	417	149	851	109	
1910/14	2.556	285	395	616	218	1.008	34	
1915/19	1.273	136	132	152	187	631	35	
1920/24	2.259	262	304	458	274	946	15	
1925/29	3.388	389	480	834	394	1.262	29	
1930/34	2.334	320	323	362	331	991	7	
1935/39	2.783	350	458	367	419	1.186	3	
1940/44	1.762	158	247	123	379	853	2	
1945/49	2.903	379	578	315	502	1.127	2	
1950/54	3.059	652	630	260	460	1.056	1	
1955	3.833	723	1.029	242	680	1.091	68	
1905/09	100	8,9	15,1	20,8	7,4	42,4	5,4	
1910/14	100	11,2	15,5	24,1	8,5	39,4	1,3	
1915/19	100	10,7	10,4	11,9	14,7	49,6	2,7	
1920/24	100	11,6	13,5	20,3	12,1	41,9	0,7	
1925/29	100	11,5	14,2	24,6	11,6	37,2	0,9	
1930/34	100	13,7	13,8	15,5	14,2	42,5	0,3	
1935/39	100	12,6	16,5	13,2	15,1	42,6	0,1	
1940/44	100	9,0	14,0	7,0	21,5	48,4	0,1	
1945/49	100	13,1	19,9	10,9	17,3	38,8	0,1	
1950/54	100	21,3	20,6	8,5	15,0	34,5	0,0	
1955	100	18,9	26,8	6,3	17,7	28,5	1,8	

Fonte: Portnoy (1961, p.118).

Também Dorfman (1981, p.166) aponta à demora na implantação de uma indústria siderúrgica: “...apenas franqueada la mitad de los años cuarenta, comienza a funcionar la pequeña siderurgia de Zapla en Jujuy y debe esperarse casi otros veinte años para que entre en funcionamiento parcial la de SOMISA en San Nicolás y algo menos para que se instalen operaciones integradas de capital privado, aunque modestas al principio. El consumo de hierro y acero era lato, sin embargo, pese a sufrir retrocesos en ciertos periodos. En la década de 1905-14 fue de un millón de toneladas en promedio anual, correspondiendo a 150 kg/habitante. Esa activa capitalización alcanza otro pico en 1925-29, con 1.300.000 toneladas/año, pero con menores coeficientes de consumo por habitante (menos de 120 Kg.). En la década que va de 1945 a 1954 es de escasamente un millón de toneladas anuales, descendiendo de nuevo el consumo por habitantes, pero superando los escasos 50 Kg. de 1937-39”. Desta maneira, pode observar se que a análise de alguns setores chaves para aprofundar o processo de industrialização na Argentina mostra que estes não tiveram um desempenho acorde ao que requeria um projeto desta índole. A produção de requisitos para a atividade manufatureira não cresceu como tivesse correspondido caso se tivesse em mente obter um nível de desenvolvimento setorial profundo. Isto derivou numa dependência externa para o abastecimento de bens de capital e intermediários. Com a crise externa, a menor disponibilidade de divisas levou a que o uso delas se concentrasse na obtenção de insumos necessários para manter o nível de atividade, mas demorando a expansão da capacidade instalada ou sua modernização²⁴¹.

O Banco de Crédito Industrial Argentino (BCIA).

A criação de o BCIA supor que a industrialização contaria com um instrumento que a escoraria por meio do aporte de financiamento a prazo, recurso ausente para o setor até então²⁴². Embora já no Plano Pinedo de 1940 se pensou numa entidade com essas

²⁴¹ “Por otra parte, los análisis de casos realizados en materia de industrias dinámicas, agroindustrias y tradicionales y de los sectores rurales dan cuenta de esa situación dicotomía, entre un discurso que se apoya en la confrontación (pueblos vs. oligarquía, agro vs. industria, peronistas vs. antiperonistas) y los beneficios de un crédito oficial amplio, constante en el tiempo y muy conveniente en las condiciones de reintegro del dinero prestado (tasas de interés de entre el 4 y el 5,5% anual, frente a una tasa ordinaria del 7 o el 7,5%). Más allá de esta política de redistribución del ingreso, que admite modificaciones a lo largo de toda la gestión, lo cierto es que el Estado nacional no arbitra los mecanismos necesarios para asegurar una política industrial de mediano o largo plazo, como lo demuestran los casos específicos estudiados” (GIRBAL-BLACHA, 2003, p.260-61).

²⁴² “La industria argentina, en sus años de mayor expansión, no dispuso de un mecanismo específico de financiación a largo plazo ni de una banca industrial especializada. El vacío fue cubierto principalmente por una banca privada que, nacida como de depósito, se dedicó a promocionar empresas industriales mediante la aportación directa de capitales iniciales y a conceder préstamos a corto plazo que eran sucesivamente renovados. Las restricciones señaladas, a las que deben agregarse las derivadas de la situación bélica a fines de la década del treinta, profundizaron la necesidad de organizar un sistema de crédito a mediano y largo plazo con el fin de satisfacer la demanda creciente de un gran número de empresas” (ROUGIER, 1999).

características, foram os militares, em sua preocupação pela defesa e pelo desenvolvimento de setores específicos (siderúrgico, metalúrgico, químico) que a criaram em 1944 para disponibilizar capital a prazos longos e financiamento para investimentos em certos setores (construções novas, ampliação de edifícios existentes, aquisição e introdução de melhoras nas maquinarias, etc.). Segundo um funcionário do governo peronista, e depois importante político desse partido, Antonio Cafiero (1974, p.165), as funções da entidade foram “cumplidas con características totalmente nuevas en el campo del crédito, aun en relación con la práctica y legislaciones de otros países y con especial adaptación a los propósitos de fomento industrial”²⁴³. Contudo, aqueles que têm analisado a atuação do BCIA não compartilham essa asseveração. A visão que essa entidade cumpriu objetivos como os afirmados por Cafiero se explica para Rougier (2001, p.5) em que “en su accionar se ha querido ver intenciones, cuando no por momentos el despliegue, de una clara ‘política industrial’ (...) Las ‘interpretaciones’ se elaboran sobre la base de fuentes primarias particulares; tal el caso de las *Memorias*...se forjaron ciertas imágenes”. Incluso destaca que já em momentos de sua criação os objetivos do Banco não estavam bem delimitados:

“Un aspecto a destacar es que el Ministro de Hacienda consideraba que podían obtener créditos del B.C.I.A. ‘toda clase de industrias y empresas comerciales’. La inclusión de estas últimas entre las beneficiarias induce a pensar que aún las cosas no estaban tan definidas ni claras. Esta particular propuesta generó posteriormente un debate entre los directores del Banco, que finalmente excluyó a las empresas dedicadas a actividades comerciales como beneficiarias de crédito” (ROUGIER, 1999).

Rapoport (2006, p.365-66), destaca a relevância que teve o BCIA na expansão da manufatura durante o peronismo dado que passou de representar o 20% do financiamento bancário para o setor industrial em 1946 a quase o 80% três anos depois. Todavia, observa que depois a sua participação caiu para 50% nos últimos anos do governo justicialista. Adicionalmente, afirma que “de acuerdo con los propósitos iniciales de la institución, las pequeñas y medianas empresas fueron favorecidas con créditos baratos para distintos fines, menores en proporción, pero importantes en relación con sus posibilidades”, mas que “sociedades anónimas, sinónimo de empresas de mayor tamaño para la época, y diversas compañías estatales absorbieron durante todo el período una alta proporción de los préstamos del Banco”. Contudo, para ROUGIER (2001, p.182) este “incremento relativo de la participación del Banco Industrial sobre el total de préstamos a la industria debe entonces

²⁴³ “tan sólo durante los años, el Banco contribuyó a la financiación de la instalación y ampliación de más de 20.000 industrias y no hubo actividad industrial del país que no recibiera directa o indirectamente su apoyo” (CAFIERO, 1974, 165, n.2).

entenderse también como consecuencia del fracaso de la Reforma Financiera en el sentido de lograr movilizar los recursos de la banca privada con fines de promoción industrial”.²⁴⁴

Tabela 55. Participação do BCIA no financiamento da indústria
(em milhões m\$)

	Do sistema bancário	Saldos de prestamos BCIA	Porcentaje m BCIA sobre o total		Do sistema bancário	Saldos de prestamos BCIA	Porcentaje m BCIA sobre o total
1946	790	175	22,1	1951	4449	2854	64,1
1947	1462	583	39,8	1952	7918	4293	54,2
1948	2086	1231	59,0	1953	8913	4460	50,0
1949	2561	2005	78,3	1954	9706	4768	49,1
1950	2862	—	—	1955	11214	5476	48,8

Fonte: Rapoport (2006, p.366)

Os setores industriais que receberam maior apoio foram ‘Alimentos, bebidas e tabaco’ e ‘Têxteis e confecções’. Ocasionalmente se alterou a supremacia dos dois grupos mencionados. Assim em 1946, o segundo lugar foi ocupado pelo grupo de indústrias químicas (devido a um importante préstamo concedido à firma Atanor S.A.). Nos últimos anos do governo peronista se voltaram mais recursos ao grupo ‘Maquinarias’ que chegou a ocupar o primeiro lugar, dada a importância dos prestamos ao IAME (Indústrias Aeronáuticas e Mecânicas do Estado), organismo associado a empresas de capital estrangeiro que se radicaram no país. O crédito do Banco às atividades industriais se canalizou principalmente a esses setores, embora não existiu um especialmente favorecido. Isto é, não houve uma especialização do crédito claro orientada para certas atividades do sistema produtivo. O Banco Industrial financiou, mais que a setores, a determinadas empresas – independentemente de sua atividade econômica (RAPOPORT, 2006, p.368).

Tabela 56: Distribuição dos empréstimos do BCIA por ramo industrial (%)

Ano	Alimentos, bebidas, tabacos	Têxteis	Produtos químicos e farmacêuticos	Metalúrgicas	Produtos florestais	Caucho e suas manufaturas	Couro e suas manufaturas	Construção
1943	17,3	13,3	11,6	30,6	3,1	0,3	2,3	?
1946	24,8	8,6	19,1	19,9	4,9	0,1	2,0	9,1
1948	15,5	10,8	7,6	15,1	3,5	0,2	1,2	10,6
1950	11,4	22,1	5,6	15,8	4,1	0,2	1,5	11,7
1952	14,8	30,0	6,7	22,0	4,8	0,7	1,7	6,1
1955	17,9	28,2	6,2	21,3	5,0	0,7	2,6	5,0

Fonte: GIRBAL-BLACHA (2003, p.51). **Nota:** Em 1948 o ramo do transporte absorve o 22,6 %.

²⁴⁴ “La participación del BCIA en el financiamiento que recibió la industria crece del 22,1% al 78,3% en forma continua entre 1946 y 1949, desplazando a los bancos comerciales y además siendo responsable en 1948 y 1949 por la totalidad del incremento de crédito a la industria” (ALTIMIR ET AL, 1966-67, p.722-723). Mas logo cai, e entre 1952 e 1956 essa participação se estabiliza entre 55 e 45%, coincidindo com uma diminuição no montante de seus empréstimos a longo prazo para investimento.

Para Altimir et al (p.897-901) “el grupo ‘Textiles y confecciones’ recibió un apoyo crediticio desproporcionado, aun después de haber logrado este sector su pleno desarrollo. El grupo de ‘Maquinarias y vehículos’ recibió hasta 1956 un apoyo diferencial plenamente justificado por su estado de desarrollo (...) Las actividades que recibieron crédito en forma menos que proporcional a su participación en el producto fueron ‘Químicas’ en todo el período y ‘Papel e Imprenta’ a partir de 1951. Las demás actividades industriales recibieron del Banco un apoyo crediticio proporcionado con su nivel de actividad”²⁴⁵ . .

Tabela 57: Destino dos empréstimos (BICA), 1946-1955 (%)

Rubro	1946	1948	1950	1952	1955
Inversões fixas	34,1	21,1	18,3	13,8	15,1
Gastos de exploração	47,1	67,8	67,6	73,2	73,2
Substituc.de acreed./Unific.dívidas c/Bco.	16,6	11,1	14,1	11,9	10,5
Outros destinos	2,2		0,05	0,05	0,05

Fonte: GIRBAL-BLACHA (2003, p.49)

Dessa maneira observam que a “acción del Banco Industrial revela, en cuanto al financiamiento a los distintos grupos pautas algo diferentes a la del conjunto del sistema bancario, pero no decididamente orientadas, como cabía esperar, hacia la promoción de actividades básicas para el desarrollo” (ALTIMIR ET AL, p.901). Essa asseveração também se sustenta na análise do objeto do financiamiento outorgado pela entidade. Assim esses autores sinalam que a pesar de sua Carta Orgânica afirmar que debía ‘promover y apoyar el desarrollo industrial principalmente mediante créditos de mediano y largo plazo para inversiones’, “desde el comienzo de su operación, sobresalieron, en la composición de sus créditos, los destinados a financiar gastos de explotación” (ALTIMIR ET AL, p.901)²⁴⁶. Rougier amplia essa visão afirmando que desde a criação do BCIA em 1944 até a assunção de Perón “la característica fue, por un lado, favorecer y solucionar aspectos financieros – refinanciar deudas – de un conjunto de empresas tradicionales y –aunque en menor medida – aquellas de ‘interés nacional’ y, por otro, constituirse en un instrumento ligado a las necesidades de financiación de las obras del Estado”, e logo se continuou essa linha com uma massa de fondos muito superior. “Sólo en el segundo semestre de 1946 se verificó una

²⁴⁵ Em 1944/49 maior créditos “Alimentos, bebidas y tabaco’ y ‘textiles y confecciones’, desde 1949, textil y... “Cuando se operó este cambio el Banco lo justificó diciendo que era necesario desarrollar esta actividad para abastecer íntegramente la demanda interna, sustituyendo importaciones. Cumplido este proceso de sustitución el Banco continuó fuertemente vinculado a este grupo industrial, ya que su cartera estaba en buena parte comprometida en la actividad textil” (ALTIMIR ET AL, p.897).

²⁴⁶ “En algunos casos los créditos se destinan a modernizar y expandir las plantas industriales, pero en un alto porcentaje, y a partir de 1948, los fondos se aplican esencialmente a la compra de materias primas, pago de sueldos, jornales, aguinaldos, vacaciones, deudas impositivas y deudas de previsión social, que hacen aumentar el rubro gastos de explotación de las empresas” (GIRBAL-BLACHA, 2003, p.48)..

importante cantidad de créditos destinados a financiar proyectos de inversión industrial de largo plazo, situación que desapareció gradualmente hacia 1949. En esta segunda etapa sólo un tercio de los créditos se destinaron al sector industrial; el resto se desvió a sostener financieramente a la Corporación de Transportes y a un organismo no industrial (el IAPI, el cual recibió la mitad de los créditos del Banco). A partir de 1950, luego de la caída experimentada en el año anterior, el importante acordado mensualmente en pesos constante prácticamente se estancó... la tendencia fue la de proveer créditos a las firmas ya instaladas para la evolución normal de sus negocios... Considerando el total de los préstamos otorgados por la Institución, puede afirmarse que el sector industrial destinó un porcentaje cercano al 10% para inversión” (ROUGIER, 2001, p.182-83)²⁴⁷. Outro autor confirma essa conclusão, com dados um pouco superiores, mas a mesma tendência.

Tabela 58. Percentagens de créditos destinados a investimentos

Ano	%	Ano	%	Ano	%
1945	32,5	1949	17,2	1953	12,5
1946	34,1	1950	18,3	1954	16,5
1947	28,7	1951	14,9	1955	15,1
1948	21,1	1952	13,8		

Fonte: Schvarzer (1981, p.23a).

De igual maneira, isto se pode analisar a partir da duração dos empréstimos outorgados pelo BCIA. “En 1948 el 46,8% del monto destinado a crédito por el Banco Industrial debe reintegrarse en un plazo de 180 días, un 11,9% entre 2 y 3 años y sólo un 12,9% en un lapso quinquenal. Estos porcentuales se elevan en 1952 a un 62,8% para el primer caso y descende a un 7,6% para el segundo; en tanto, los préstamos a 5 años sólo comprende a un 6,9% de los importes otorgados” (GIRBAL-BLACHA, 2003, p.42).

Tabela 59. BCIA Empréstimos por prazos

(Em % sobre o total acordado - Em meses)

	Até 6	De 6 a 30	Mais de 30		Até 6	De 6 a 30	Mais de 30
1946	47,7	14,6	37,7	1950	65,4	13,2	21,4
1947	55,1	16,6	28,3	1951	70,8	19,0	10,2
1948	63,2	16,7	20,1	1952	73,2	19,3	7,5
1949	76,3	12,0	11,7	1953	72,9	19,4	7,7

Fonte: Schvarzer (1981, p.23a).

²⁴⁷ Si el Banco adquirió alguna orientación clara durante su primera época, además de favorecer y solucionar problemas financieros de un conjunto de empresas tradicionales (frigoríficos, bodegas e ingenios) y, aunque en menor medida, de otras de "interés nacional", fue la de constituirse en un instrumento ligado a las necesidades de financiación de las obras del Estado. La importancia adquirida dentro de sus operaciones habituales por el descuento de certificaciones de obras públicas colocó al Banco en el peligroso sendero que llevaba a la desnaturalización de sus funciones (medido en términos de sus propios objetivos) (ROUGIER, 1999).

Para alguns autores isto se deveu a que “el Banco había evolucionado hacia una actitud más comerciales, preocupado por atender y conservar una clientela fija. Así, en 1951 se implanta una política restrictiva en cuanto al apoyo de industrias nuevas que no sean de ‘evidente interés nacional’. En 1953, al entrar en vigencia el Segundo Plan Quinquenal, interpretando que la etapa de expansión industrial había terminado y que correspondía iniciar un período de consolidación de la industria, recurriendo a la racionalización de procesos y de la organización para alcanzar metas establecidas en el plan de gobierno. Se consideró así que los préstamos de inversión sólo se justificaban en la medida en que se destinaran a reposición y modernización del equipo de las empresas ya instaladas” (ALTIMIR, ET AL, p.902).

Seguindo a análise de Rougier, Rapoport (2006, p.366) confirma o caráter não industrial de muitos dos destinos importantes dos créditos que foram outorgados pelo Banco Industrial sob o peronismo. Menciona como empresas beneficiadas pelo IAPI, a Corporação de Transportes da Cidade de Buenos Aires, a Companhia Argentina de Eletricidade (CADE), a Florestal Argentina, Acindar, Siam Di Tella Ltda. e os engenhos açucareiros, além das grandes empresas de construção integradas ao grupo estatal DINIE (GEOPE, Gruem e Bilfinger, Ways e Freytag). Assim mesmo, reconfirma “que la orientación que tomó la política crediticia del Banco –salvo en los primeros meses del gobierno peronista, donde hubo una importante proporción de préstamos para instalación de nuevas industrias – fue esencialmente proveer créditos a las firmas ya instaladas para la evolución normal de sus negocios (gastos de explotación), en particular la compra de materias primas y el pago de los acrecentados salarios²⁴⁸. Esta tendencia a financiar gastos de explotación hizo que los plazos se fueran acortando y que las garantías usuales para préstamos de corto plazo predominaran sobre las demás formas de resguardo, lo que destaca el perfil ‘comercial’ que gradualmente adquirió el Banco” (RAPOPORT, 2006, p.366-367)²⁴⁹. Para 1952-1953²⁵⁰, o Banco se

²⁴⁸ “El IAPI ya no impulsa al sector fabril; un subsidio de 679 millones de pesos destinado a pagar los aumentos salariales de los trabajadores ferroviarios estatales contrasta con los 279 millones destinados a la compra de equipos para Somisa, la primera planta siderúrgica argentina” GIRBAL-BLACHA (2003, p.49).

²⁴⁹ Entre 1946 y 1949, el Banco Industrial se transformó en el canal de recursos del Banco Central destinados a operaciones que constituían objetivos específicos de la política económica peronista, sin relación directa con el sector industrial. El IAPI actuó como intermediario financiero en esas operaciones mediante la compra de los sistemas de transportes y comunicaciones controlados por empresas extranjeras y la adquisición de materiales y combustibles para las empresas públicas. También recibió recursos del BCIA para sus operaciones destinadas a financiar los convenios comerciales con el exterior. (RAPOPORT, 2006, p.367-368).

²⁵⁰ Em outubro de 1952 pela Lei Nº. 14.181 a entidade teve seu nome modificado para Banco Industrial da República Argentina, com novas atribuições: “amplía su competencia en al preparación y ejecución de los planes de promoción industrial y/o minera; facilita su participación en sociedades mineras y pone a cargo de la Nación el quebranto que origen las operaciones de exploración, y lo faculta a financiar las entidades destinadas a facilitar la distribución, el conocimiento de las calidades y la formación de los precios de los productos que

esforçou em assegurar a consolidação das indústrias financiadas enquanto incrementou sua ajuda a alguns grandes projetos de investimento com o fim de substituir importações nas ramas mais dinâmicas (por exemplo, apoiou a instalação de Dálmine – uma planta de fabricação de canos sem costura –, e na rama ‘Maquinarias’ concedeu créditos com o mesmo objetivo). (RAPOPORT, 2006, p.367)²⁵¹.

Assim, para Rougier a grande quantidade de empréstimos de curto prazo e seu incremento relativo no total de empréstimos destaca o perfil ‘comercial’ que adquiriu gradualmente ao se preocupar por atender gastos de evolução de um conjunto de empresas já instaladas. Isto o leva a concluir que o BCIA teve um papel limitado no financiamento da política de fomento industrial apregoada desde o governo²⁵². Assim mesmo, afirma que a política de créditos do BCIA não esteve dirigida às empresas que supostamente eram as principais afetadas pela escassez de financiamento, as pequenas e medianas indústrias, se não que foram as sociedades anônimas que absorveram a maior parte dos fundos emprestados. Além disto, destaca que muitas empresas que tinham atividades não especificamente manufatureiras receberam créditos importantes (foram estes para inversão o não), como empresas de construção, aqueles receberam mais de 12 % do total dos prestamos, transportes (a partir de 1946), usinas elétricas, gráficas e outras incluídas no rubro ‘vários’, que pouco estavam relacionadas com a indústria (por exemplo, as empresas cinematográficas). Portanto, o BCIA foi perdendo o caráter especificamente industrial.

Desde 1946 el Banco de Crédito Industrial -como el de la Nación Argentina- debe financiar al IAPI, con montos que representan entre un cuarto y un tercio del crédito total y que -por ende- acota el crédito directo a la industria. De todos modos, la institución financiera concede préstamos importantes a empresas tradicionales (frigoríficos, ingenios azucareros, bodegas, establecimientos tabacaleros, fábricas de

utilice o produzca la industria nacional. Asimismo, lo autoriza para crear agencias propias en el país” (BCRA, Memoria 1952, p.63).

²⁵¹ Desde 1946 el Banco de Crédito Industrial dispuso una serie de regímenes de préstamos especiales muy diversos: para la producción de aceite, la instalación de frigoríficos, los aumentos retroactivos de salarios en diferentes actividades, el financiamiento de la industria cinematográfica, la creación de plantas celulósicas, la producción de maquinaria agrícola (luego de 1949), etc. Sin embargo, salvo algunas líneas de préstamos específicas (pago de salarios a la Corporación de Transportes, producción de oleaginosas y empresas de construcción) no adquirieron significación. Los préstamos de fomento destinados tanto al sector industrial como al minero, y cuyo criterio esencial consistía en financiar iniciativas que no se podían concretar por falta de capitales, también ocuparon porcentajes menores en el total de créditos otorgados por la institución. (RAPOPORT, 2006, p.368).

²⁵² “Es evidente la importancia decisiva que tuvo esta institución en el estímulo brindado en la inmediata posguerra a las actividades vegetativas, que en ese momento pasaban por una etapa de sustitución de importaciones de proceso relativamente simple. Al operarse, en la década de los años 50, la necesidad de un cambio en los objetivos del desarrollo industrial, el Banco no fue capaz, por los diversos motivos ya señalados, de transformar consecuentemente su política crediticia”. Sin embargo, tanto en esa década como en el período anterior, cumplió una función de importancia al dar apoyo crediticio a las actividades sucesivamente incluidas en el régimen de promoción a ‘industria de interés nacional’...no se refleja en el análisis cuantitativo...poca significación” (ALTIMIR ET AL, 1966-67, p.905).

quebracho) y no sólo a los nuevos rubros más dinámicos (textiles, químicas, metalúrgicas) que se alientan y destacan desde el discurso oficial (...) A partir de 1949 el Banco de Crédito Industrial acentúa el peso de las tasas de interés negativas en términos reales, que influyen en la eficiencia de su accionar, en medio de un proceso inflacionario creciente que acompaña el "*cambio de rumbo*". Se subsidia por este medio a los tomadores de crédito y el capital efectivo de la institución se resiente al buscar el auxilio del Banco Central. El Banco Industrial pierde independencia y poder para impulsar el desarrollo fabril; en momentos en que el IAPI pasa por una difícil situación financiera, revierte sus funciones originarias y pasa a subsidiar a frigoríficos extranjeros, molinos harineros, refinerías de aceite, producción de maquinaria agrícola, hacendados y consignatarios. GIRBAL-BLACHA (2003, p.49)²⁵³

A evolução do Banco de Crédito Industrial não parece mostrar que tinha tido uma estratégia clara de desenvolvimento industrial nem que tinha limitado sua acionar à expansão da manufatura. Seu comportamento foi mais bem errático, chegando incluso a ser contraditório. Logo do período inicial do peronismo de forte crescimento interno, a gestão do Banco Industrial também se viu afetada pela escassez de recursos. Contudo, ainda assim, não pareceu possuir uma estratégia que encarnar-se uma profunda visão do desenvolvimento industrial, e seu comportamento durante o segundo governo peronista refletia a prioridade do setor primário na política econômica.

A evolução agropecuária.

É comum se acreditar que durante o período peronista o setor agropecuário foi relegado em favor da atividade manufatureira. Na expansão econômica até 1949, como afirma Girbal-Blacha (2004, p.79), o setor rural joga um papel estratégico dado que o desenvolvimento industrial e o crescimento do mercado interno têm por base as divisas acumuladas por ele. Ao se apresentar a crise externa a política oficial coloca no centro das atenções ao setor rural, tendência que se faz explícita com o SPQ com a 'volta ao campo'. Entretanto, a pesar destes fatos, persistirá a noção de que a atividade primária resultou sistematicamente postergada em favor da indústria sob o peronismo. Em parte, se deveu a que a produção primária – além da circunstancia provocada pelas secas de 1949-52 – não mostrou um grande desempenho. Mas este não se verificou exclusivamente sob o peronismo. Como observam Barsky e Gelman (2001, p.293), é habitual que os analistas da evolução do setor entre 1930 e 1960 a qualifiquem como de 'estancamento', período que triplica ao correspondente ao período peronista. Ainda assim, os autores sinalam que, na realidade, dita apreciação não se refere à

²⁵³ Los préstamos bancarios a la industria ascienden de 34 % en 1944 a 42 % en 1947, sobre el importe total destinado al crédito, y los 2500 préstamos acordados por esta institución financiera en 1945, superan los 57.000 en 1954, donde priman, especialmente luego de 1950, operaciones de poco monto (menos de \$ 20.000) y a plazos reducidos (90 a 180 días). En 1954, 480 créditos otorgados a grandes fábricas concentran el 44 % de los fondos totales prestados. (GIRBAL-BLACHA, 2003, p.48).

pecuária, mas ao agro, e, dentro dele, aquele da região pampiana, dado que fora dele se expandem outros produtos industriais e de consumo interno. Portanto, concluem que:

“[L]a insistencia en la noción de estancamiento, producto de un uso agregado de fenómenos diferentes, no solamente fue una expresión simplificada de los académicos, sino que resumía una cuestión que se definía como central en el desarrollo de la economía argentina: la necesidad de contar con un sector agropecuario capaz no solo de abastecer el consumo interno de materias primas y alimentos, sino también de ser una palanca esencial en el proceso de acumulación a través de la provisión industrial desarrollada en el período que se analiza” (BARKSKY, GELMAN, 2001, p.293-94).

Consequentemente é preciso distinguir os elementos específicos da política peronista que afetaram a atividade primaria daqueles que, ainda manifestando-se em ditos anos, provinham de um comportamento da tendência do setor. Assim mesmo, deve se analisar como reagiu a produção agropecuária aos estímulos recebidos por parte da política oficial durante a segunda etapa de Perón em momentos da ‘volta ao campo’. A atividade agrícola mostrava um estancamento a partir da segunda metade da década de 20. As disposições a favor do setor tomadas pelos governos conservadores logo da crise do ’30 somente puderam obter um pequeno incremento. Outro tanto se produz pelo estímulo proveniente pela demanda gerada durante os anos bélicos. Mas a partir da chegada do peronismo, se produz uma queda acentuada que se agravou no primeiro lustro dos anos 50 como produto das adversas condições climáticas.

Tabela 60. Produção agrária na região pampiana

	A. Excluído o trigo			B. Incluído o trigo		
	Superfície da Colheita (Milhares de Há.)	Produção (milhões de pesos de 1950)	Produção por hectare (pesos de 1950)	Superfície da Colheita (Milhares de Há.)	Produção (milhões de pesos de 1950)	Produção por hectare (pesos de 1950)
1920/24	5.755	19953	358	11.694	32.636	279
1925/29	6.863	26015	379	14.538	41.579	286
1930/34	7.928	26471	334	14.853	42.891	289
1935/39	8.617	29250	339	15.262	44.646	293
1940/44	9.336	30841	370	13.964	45.475	326
1945/49	7.163	20450	285	11.667	32.207	276
1950/54	5.772	16604	288	10.376	29.184	281

Fonte: Portnoy (1961, p.101).

A Tabela 63 apresenta essa evolução de longo prazo do setor agrícola. Para o conjunto das safras se percebe que os hectares disponíveis chegaram a seu ponto máximo ao começo da década dos trinta. A maior produção que se conseguiu obter nessas terras foi durante os anos da Segunda Guerra que foi levemente superior aos valores que se obtiveram uma vez se chegou à ocupação total do terreno pampiano nos anos 20. Assim mesmo, a produtividade por

hectare mostrou a mesma evolução. Similar observação resulta no caso que se exclua a produção trigueira. Com o peronismo as cifras mostram uma forte queda, tanto na superfície de colheita como no valor da produção. O único avance qualitativo que se percebe dos dados durante a gestão de Perón é o incremento na produção por hectare durante seu segundo mandato com relação ao obtido ao longo do primeiro. Ainda assim, os valores se encontram muito longes dos que obtivera o setor nas duas décadas anteriores, especialmente se exclui se a contribuição do trigo.

Pela Tabela 64 se pode analisar a evolução da superfície de colheita do milho, do trigo e do linho durante o peronismo com relação aos dois lustros anteriores. No caso do milho, os hectares durante 1946/1947 eram um pouco mais da metade que em 1935/1939. Logo continuam caindo para chegar a um mínimo em 1949/1950 que representava um terço daquela superfície no segundo lustro dos anos trinta. No caso do trigo, a quantidade de hectares e colheita durante o peronismo oscila embora não chega à quantidade do período 1935-1944. Se a queda não é tão forte, resulta muito afetada pela crise durante a campanha de 1951/1952. Finalmente, com linho vai caindo constantemente e termina os anos 40 com uma quantidade que é a terceira parte do que era uma década antes. Um lustro depois, cai 35%.

Tabela 61. Evolução da superfície semeada na região pampiana
(Em milhares de hectares)

	Maís	Trigo	Lino	Girassol		Maís	Trigo	Lino	Girassol
1935-39	6423,2	7632,2	3001,8		1950-51	2439,0	6554,2	1087,4	1627
1940-44	5369,7	7057,1	2687,6	1012	1951-52	2531,8	4791,0	641,3	1603
1945-46	3950,8	5762,1	1864,8	1639	1952-53	3354,3	6065,5	1020,0	820
1946-47	3612,2	6673,5	1905,1	1609	1953-54	3268,0	6353,9	732,3	570
1947-48	3319,2	5449,7	1573,0	1532	1954-55	3001,5	5936,8	739,3	560
1948-49	2690,8	5805,8	1304,7	1806	1955-56	2887,9	5210,0	674,6	
1949-50	2156,2	5692,0	1077,6	1490					

Rapoport (2006, p.352); Mascali (1986, p.19).

A tonelagem produzida de milho, por exemplo, se reduz na campanha 1948/1949 a menos da metade do que era obtido durante a década 1935/1944. Com a seca do ano seguinte, a produção se reduz dramaticamente a quase a quarta parte. Ao começar a década dos 50, começa a se recuperar embora o máximo gerado, na campanha 1952/1953, é pouco mais da metade do saldo dos anos bélicos. No caso do trigo se a produção se reduz em 1945/1946 se mantém estável num nível médio um pouco inferior ao obtido entre 1935 e 1944 até que a seca de 1951/1952 leva a uma abrupta queda. Contudo, ao ano a produção deste cereal se recupera rapidamente e passa a superar os montantes obtidos na década anterior à chegada de

Perón. A produção de linho, por sua parte, mostra uma evolução declinante em forma constante desde o começo da era Perón que chega a um ponto mínimo também durante as crises das secas, mas que não se recupera em forma importante logo dela. Os montantes obtidos nos dois últimos anos completos de governo peronista representam uma quantidade de toneladas inferior à quarta parte do que se conseguiu durante o segundo lustro dos anos 30²⁵⁴.

Tabela 62. Produção de cereais (em milhares de toneladas)

	Maís	Trigo	Linho		Maís	Trigo	Linho
1935-39	7891,9	6634	1702,1	1950-51	2670	5796	559,2
1940-44	8064,0	6279	1464,3	1951-52	2040	2100,0	313,4
1945-46	3574,2	3907	964,1	1952-53	3550	7633,7	584,3
1946-47	5814,7	5615	1034,3	1953-54	4450	6200,7	410,0
1947-48	5200,0	6500	901,0	1954-55	2546	7690,0	405,0
1948-49	3450,0	5200	432,8	1955-56	3870	5250,0	238,0
1949-50	836,4	5144	675,8				

Fonte: Rapoport (2006, p.352).

Se as produções de cereais e de linho pampianos continuaram estancadas durante o segundo pós-guerra, a atividade agrícola viu crescer a produção de outras regiões e de outros cultivos do país (RAPOPORT, 2006, p.352). Di Tella e Zylmelmam (1973, p.95-96) destacam este avance dos cultivos industriais que se expandem enquanto cai a área de colheita com cereais. “Los cultivos industriales presentaban un esquema de desarrollo diferente, ajustadamente paralelo al ritmo de la industrialización. El crecimiento, que comenzó a mediados de la década de 1920, recibió un fuerte impulso durante la industrialización de la década de 1930. Las cosechas más desarrolladas fueron el girasol, usado para la elaboración del aceite comestible, y el algodón, íntimamente relacionado con el desarrollo de la industria textil, que mostró un persistente crecimiento, afectado sólo por los movimientos cíclicos”. As áreas destinadas a cultivos industriais aumentaram, a sua vez, quase um 25%, passando de 929.600 hectares no quinquênio 1940-1944 para 1.229.900 no quinquênio 1950-1954. O incremento se produz especialmente nas terras destinadas ao cultivo da canha de açúcar, o algodão, a vide, o arroz e o tabaco. A produção agropecuária extra-pampiana em seu conjunto aumentou cerca de 40% entre 1945 e 1955, fato que, ao menos em parte, se devia à intenção do governo peronista de lograr um maior equilíbrio econômico regional. (RAPOPORT, 2006, p.353). A produção agrícola tradicional também decaiu porque os terratenentes optaram por

²⁵⁴ “Durante todo este período hubo relativo estancamiento del sector agrícola. Con excepción del trigo, los demás cereales mostraron un leve aumento de producción, pero se notó un evidente deterioro en las producciones de maíz, girasol y avena. Si se cotejan estos resultados con los más altos rendimientos obtenidos por los más importantes países productores de cereales, es posible comprobar hasta qué punto la Argentina quedó rezagada en el terreno agrícola” (DI TELLA, ZYMELMAN, 1973, p.96).

abandonar-la em favor da pecuária. Essa era uma tendência que tinha começado nos anos trinta que se intensificaria ao longo da Segunda Guerra e depois sob o peronismo, embora por distintas razões²⁵⁵.

Tabela 63. Composição da produção rural e uso da terra -Região Pampiana

	Composição porcentual da produção agropecuária		Uso da terra	
	Agricultura	Pecuária	Agricultura	Pecuária
1935-1939	62	38	37	63
1940-1944	58	42	36	64
1945-1949	50	50	33	67
1950-1954	46	54	25	75

Fonte: Mascali (1986, p.19)

Como se pode observar na Tabela 16, a distribuição na utilização da terra na região pampiana entre as duas atividades primárias se modificou intensamente durante as duas décadas que concluíram em 1955. Enquanto no último lustro da década dos 30, a produção agrícola era amplamente superior à pecuária, abarcando o 62% do total, ao concluir o regime peronista a maior parte da mesma era pecuária com o 54%. Em quanto à utilização da terra, a atividade pecuária incrementou sua preponderância passando de 63 para 75%. Finalmente, outro fator que precisa se mencionar ao tratar a marcha da atividade primária durante o peronismo é que essa se viu negativamente afetada pela diminuição no rendimento por hectare na região pampiana. A produtividade no último lustro dos quarenta cai fortemente com relação aos anos de guerra, e volta a cair depois no lapso inicial da década seguinte. Ao principio, o faz a produtividade agrícola que na primeira metade dos anos 50 só se recupera levemente. Em cambio, a pecuária mostra um leve aumento no pós-guerra, mas logo se reduz abruptamente²⁵⁶.

²⁵⁵ Una pequeña parte de la tierra que había estado dedicada al cultivo de cereales se destinó a la cría de hacienda. En los primeros años de la década de 1930, aumentó la producción de ganado vacuno, porcino y ovino. En la segunda mitad de la década, mientras que la producción bovina y ovina continuaba en aumento, la de porcinos disminuyó como consecuencia de los más altos precios del maíz, debido a la relación inversa entre ambos. Durante la guerra, la producción de ganado bovino se mantuvo a un nivel bajo, mientras que la de ovinos y porcinos aumentó debido a los bajos precios del maíz. En el período de posguerra se alcanza la más alta producción de hacienda en la historia argentina. La de ganado bovino aumentó enormemente, pero la producción porcina y la ovina disminuyeron; la primera, por la escasez de alimento, y la segunda por los bajos precios de la lana, con excepción del período 1950-1951, compensado por el estallido de la Guerra de Corea” (DI TELLA, ZYMELMAN, 1973, p.97).

²⁵⁶ “En el decenio 1945-54 el promedio anual de la producción total de carne en el país fue aproximadamente igual al del quinquenio 1940-44 (2,2 millones de toneladas). En 1947 se alcanzó el máximo registrado hasta entonces de 2,4 millones de toneladas, pero luego comenzó a declinar. La producción de carne vacuna por unidad de existencia se redujo de un promedio de 58 Kg. en el quinquenio 1940-44 a 49 Kg. en 1950-59. Para los mismos períodos, el rendimiento del ganado ovino por unidad de existencia descendió de 6,3 Kg. a 4 Kg. de carne y de 4,7 a 4,3 Kg. de lana respectivamente” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.57).

Tabela 64. Produtividade por hectare - Região pampiana
(milhões de pesos de 1950)

	Agricultura	Pecuária	Total
1935-1939	100	100	100
1940-1944	115	121	114
1945-1949	103	124	103
1950-1954	106	107	93
1955-1957	116	126	108

Fonte: Giberti (1962, p.55)

Dessa maneira, se percebe que a produção na região pampiana em valores monetários ao longo das duas décadas 1935-55 não superou o obtido durante os anos bélicos. A produção agrícola declina, caindo fortemente durante o primeiro quinquênio de pós-guerra, e mais ainda no segundo governo de Perón – nesta ocasião afetada fortemente pelas secas que se registraram neste período. Em cambio, a produção pecuária apresenta uma expansão que começa em médio da guerra e continua na primeira etapa peronista, caindo logo durante a crise de princípios dos anos cinquenta. A produção primaria proveniente do resto do país, em contrapartida, mostra efetivamente uma tendência de crescimento continuo desde mediados da década dos trinta, sendo que se expande em quase 40% entre esse período e a metade dos anos cinquenta.

Tabela 65. Produção agropecuária

	Região Pampiana			Resto do país		Total do país	
	Agricultura (milhões de pesos de 1950)	Pecuária	Total (N.I.)	(milhões de pesos de 1950)	(N.I.)	(milhões de pesos de 1950)	(N.I.)
1935-39	4.967	3.608	8.575	100	2.956	100	11.531
1940-44	5.396	4.563	9.959	116	3.442	116	13.401
1945-49	4.179	4.893	9.072	106	3.684	125	12.756
1950-54	3.850	4.533	8.383	98	4.099	139	12.482
1955-57	4.462	5.391	9.853	115	4.662	138	14.515

Fonte: Giberti (1962, p.54). Algodão, vide, canha de açúcar, erva mate, tabaco

O impacto dessas modificações no setor primário se manifestou no setor externo já que significou uma menor incidência do aporte da região pampiana. Na segunda metade da década dos vinte, essa zona gerava o 78% da produção total da atividade primária. Logo se inicia uma constante diminuição neste aporte que leva a que o mesmo seja de 71% ao finalizar o conflito bélico, e de 67% ao concluir o período peronista. Como as vendas ao exterior provem basicamente do setor rural pampiano, essa modificação significou uma diminuição na produção exportável. Operou no mesmo sentido o traspasso para o predomínio pecuário em

detrimento da agrícola e as políticas de estímulo à economia. A combinação de ambos os acontecimentos levou a que cresceria em forma intensa o consumo interno de carne²⁵⁷. Assim, as mudanças no setor primário conduziram a uma perda de valor das exportações.

Tabela 66. Produção e exportação agropecuária

	Produção		Consumo interno (% da produção)		Exportação (*) (milhões)
	Total do país	Região pampiana	Região pampiana	Total do país	
	(milhões)	(%)			
1925-29	9.945	78	33	49	5.179
1940-44	13.401	74	65	78	3.441
1945-49	12.756	71	60	70	3.562
1950-54	12.482	67	68	78	2.658
1955-57	14.515	68	70	78	2.959

Fonte: Giberti (1964, p.63). (*) Em termos de produtos agropecuários e a preços de mercado interno

A diminuição na disponibilidade para exportar da produção primária resultou compensada pela melhora nos termos de troca que chegaram a equiparar se aos melhores registros obtidos durante o auge do modelo agroexportador. Contudo, se superiores aos de começos do século vinte, foram inferiores aos de 1925-39. Com a queda dos termos de troca, o valor das exportações cai fortemente. Os termos de trocas durante 1940-44 e 1950-54 se equiparam, mas o poder de compra das exportações se reduz à metade nessa etapa.

Tabela 67. Exportações argentinas e termos de troca

	Exportações (milhões de pesos de 1950)	Termos de troca (1925-29 = 100)	Poder de compra das exportações	
			(milhões de pesos de 1950)	Índice (1925-29 = 100)
1900-04	2.915	88	2.330	30
1910-14	4.480	104	4.660	59
1915-19	4.601	98	4.410	56
1925-29	7.913	100	7.913	100
1935-39	7.397	86	6.560	83
1940-44	5.963	66	3.940	50
1945-49	5.900	98	5.780	73
1950-54	4.685	66	3.090	24
1955	4.697	70	3.360	42
1957	5.110	58	2.960	37

Fonte: Giberti (1962, p.49)

²⁵⁷ “El consumo interno de carne continuó elevándose hasta llegar a su máximo en 1950 con 108,7 Kg. por habitante, descendiendo luego para repuntar en 1954 con 98,5 Kg. (para carne vacuna 93,9 Kg. y 84,4 Kg. para dichos años respectivamente). El promedio para el decenio 1945-54 fue de más de 101 Kg. por habitante para todas las carnes y 85,6 Kg. para la vacuna (comparado con 81,9 Kg. y 75,1 respectivamente en 1930-39). Este aumento, unido a la declinación de la producción ya mencionada, provocó una disminución de los saldos exportables, que llegaron a reducirse en tal forma hasta representar, en el rubro principal de vacuno, el 12,8% de la faena en 1954 (comparado con 38,7% en 1939 y 37% en 1944), mientras el consumo interno absorbió el 87,2%” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.58).

Uma consequência importante do comportamento do setor agropecuário neste período é que a Argentina foi perdendo incidência com suas exportações no mercado internacional de dito produtos. A participação do país nos produtos tradicionais de exportação cai fortemente ao longo das duas décadas correspondentes ao período 1934-54. Por exemplo, a parcela argentina no comércio mundial de milho se reduz à terceira parte, enquanto que a do trigo e farinha diminuem à metade. Com respeito ao linho se registra uma redução de mais de 50% na primeira dessas décadas, embora logo se registre certa recuperação. “La Argentina pasó así de proveer el 25% de la exportación mundial de trigo en el período 1930-39 al 10% en 1945-54. En el caso del maíz la disminución fue del 65% al 27% y para el lino del 82% al 11%. Para el conjunto de los granos exportados, mientras en la preguerra la Argentina abastecía el 31,8% del mercado mundial, en 1955 sus exportaciones sólo alcanzaban el 15,1%” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.56). Sua participação na comercialização de carnes internacional também se reduz à metade.

Tabela 68. Participação argentina nas exportações mundiais
(porcentagens - produtos selecionados)

	1934-38	1945-49	1950-54
Mais	64	43	21
Trigo e farinha	19	9	9
Lino e aceite de linho	68	31	44
Lã	12	14	10
Carne de todo tipo	40	35	19

A evolução produtiva do setor primário durante a etapa peronista não teve um desempenho que permitisse resolver as necessidades por divisas que o desenvolvimento industrial exigia. Isto resultou assim tanto por ter se estipulado que a produção manufatureira argentino não competiria externamente, como pelo objetivo de elevar o nível de consumo dos setores populares. Adicionalmente, se somou o fato de ter se procurado levar ao máximo o ritmo de desenvolvimento industrial desde o início, com as conseqüentes complicações sociais que implicou posteriormente quando não resultou possível e as exigências já se tinham criado. Desde uma perspectiva limitada ao setor rural, a atividade pecuária predominou por sobre a agrícola. Isto derivou em complicações adicionais por duas razões. Por um lado, porque pelas características culturais do consumidor argentino, a carne é muito demandada, fator potenciado a sua vez também pela elevação geral das rendas impulsionada pelo peronismo. Em consequência, a produção total que podia ser exportada se via reduzida. Por outro lado, a pecuária demanda menor quantidade de mão-de-obra que a agricultura, pelo que

se reduzia a população rural e aumentava sua migração para as cidades, o que geraria complicações adicionais.

Políticas sobre o setor primário e a criação do IAPI.

Fundamental para o deterioro das relações do governo com o setor rural foi a criação do IAPI que controlava o comércio da produção primária. Nos anos iniciais o IAPI teve uma extensa atuação. Novick (1986, p.121-22), em seu estudo da entidade, ressalta que em 1949 o 99% do total exportado pelo país o efetuou o Instituto. Todavia, com as crises de produção do setor rural, esta porcentagem em 1950-194 passou a ser de 70%, salvo em 1952 quando caiu para 60%. Por outro lado, em 1949 o 69% dos volumes que adquiriu foram exportados. Ao ano, essa cifra se incrementou para 85% na tentativa de melhorar as contas externas. Mas, ante a crise na produção, essa relação logo caiu para 61% (1951) e para 43% (1952). Ao ano, não obstante, se incrementou de novo para 67% e depois para 89% em 1954. Observa-se, portanto, que o IAPI foi essencial para a expansão inicial do peronismo. Essa etapa, entretanto, concluirá com a crise externa e, a 30 de setembro de 1949, a lei 13.668 traspasa o Instituto ao Ministério de Economia, reduzindo-se fortemente seu raio de ação. Em geral se considera que o IAPI constituiu um mecanismo de apropriação da renda gerada no setor primário que o governo distribuiu para a atividade urbano-manufatureira, sendo que resultou afetada principalmente a agricultura. Para Martínez de Hoz a comercialização das carnes também sofreu as ‘conseqüências do sistema de monopólio estatal imposto’, dado que o IAPI se transformou no único comercializador delas e de seus subprodutos elaborados pelos frigoríficos²⁵⁸. Firme crítico, afirma:

²⁵⁸ “Paulatinamente, la situación de la industria frigorífica fue tornándose deficitaria debido a una serie de factores, entre los cuales se cuentan el continuo incremento de los costos de industrialización(en particular por aumento de salarios, régimen laboral de horas garantizadas, mayor incidencia de los costos fijos a causa de la disminución de las exportaciones y conflictos laborales, etc.), reducción de la faena por las dificultades comerciales con Gran Bretaña, menor volumen de embarques y pérdida de negocios por el IAPI por las condiciones y márgenes de beneficios fijados a sus ventas, etc.” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.61).

Tabela 69. Produção e aquisições do IAPI

	1946/47			1947/48			1948/49			1949/50		
	Safra	IAPI	%	Safra	IAPI	%	Safra	IAPI	%	Safra	IAPI	%
Trigo	5.615	4.947	88,1	6.500	5.957	91,6	5.200	4.764	91,6	4.986	4.413	88,5
Maís	5.814	2.912	50,1	5.200	2.709	52,1	3.450	1.184	34,3	836		0,0
Aveia	684	146	21,3	824	391	47,5	733	431	58,8	582	122	21,0
Cevada	1.171	756	64,6	803	453	56,4	612	241	39,4	421	28	6,7
Centeio	552	375	67,9	470	352	74,9	305	193	63,3	304	42	13,8
Lino	1.034	866	83,8	901	766	85,0	432	374	86,6	685	216	31,5
Girassol	688	603	87,6	930	776	83,4	1.088	1.040	95,6	604		0,0
Amendoim	112	44	39,3	104	78	75,0	85	51	60,0			
Nabo		17										
Arroz												
Milho												
Total	15.670	10.666	68,1	15.732	11.482	73,0	11.905	8.278	69,5	8.418	4.821	57,3

	1950/51			1951/52			1952/53			1953/54		
	Safra	IAPI	%	Safra	IAPI	%	Safra	IAPI	%	Safra	IAPI	%
Trigo	5.796	4.836	83,4	2.100	1.751	83,4	3.550	1.121	31,6	6.200	5.340	86,1
Maís	2.620	698	26,6	2.000	511	25,6	7.633	6.481	84,9	4.440	2.009	45,2
Aveia	733	169	23,1	438	7	1,6	1.269	603	47,5	991	352	35,5
Cevada	763	264	34,6	336	8	2,4	1.175	720	61,3	894	496	55,5
Centeio	631	373	59,1	81		0,0	1.337	1.039	77,7	607	242	39,9
Lino	560	50	8,9	313		0,0	584	558	95,5	410	333	81,2
Girassol	920		0,0	696	615	88,4	428	315	73,6	341	231	67,7
Amendoim	93	10	10,8	155	105	67,7	204	130	63,7	170	119	70,0
Nabo												
Arroz				122	11	9,0	136	14	10,3	212		0,0
Milho												
Total	12.116	6.400	52,8	6.241	3.008	48,2	16.316	10.981	67,3	14.265	9.122	63,9

Fonte: Novick, (1986, p.116-17)

Todo ello originó un estado de desequilibrio económico-financiero, agregándose también el establecimiento de precios máximos de venta al público para el consumo. Para evitar la paralización de actividades que causaría esta situación provocada por su propia intervención, el Estado implantó un régimen destinado, con diversas variantes a través de los años y en forma desordenada e inorgánica, a compensar a la industria frigorífica sus quebrantos (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.61)²⁵⁹

Todavía, ao menos em seus aspectos mais extremos, essa visão do IAPI corresponderia para o período inicial do peronismo. Novick destaca que o IAPI teve distintas etapas sendo que uma foi uma fase de transição na vida do organismo desde seu momento capitalizador-transformador para outro subvencionador²⁶⁰. Estes momentos correspondem os intentos do governo peronista de melhorar a produção agrícola depois dos problemas do setor externo, que procura fazer-lo convocando a ‘representantes do capital e do trabalho’. Desta maneira, o IAPI reverte sua línea de ação e começa a pagar ao produtor interno um preço independente do internacional, gerando-se grande déficit. O governo procura resolver a situação impulsionando a produção agropecuária, e o Segundo Plano Quinquenal oferece ajuda ao setor: “se amplían los créditos agrícolas, se apoya la mecanización, se impulsa la investigación de nuevas semillas, se alienta la creación de cooperativas de producción y comercialización” (NOVICK, 2005). Neste novo contexto, o Instituto começa a desempenhar um rol de assistência à atividade privada.

O faz em forma direta, mediante subsídios, e indiretamente ao tomar a seu cargo os quebrantos produzidos na comercialização dos produtos agropecuários. Para Novick, a crises externa de 1948/49 colocou ao IAPI ante uma encruzilhada: o se ampliavam suas áreas de controle, se expandiam suas atividades comerciais, se desalojava à atividade privada do comercio exterior e se diminuían seus beneficios, ou se compensavam quebrantos, se subsidiavam empresas, se restringiam suas funções, se reduzia sua autonomia. Optou-se por este último caminho. O IAPI se tinha transformado de ente capitalizador nacional, em organismo subsidiador da atividade

²⁵⁹ “En todo este período la Corporación Argentina de Productores de Carne (CAP), que tan eficaz desempeño había tenido anteriormente en el mercado internacional y nacional de las carnes en defensa de la producción, permaneció intervenida por el Estado y sustraída en su manejo a sus legítimos dueños, los productores, con notorio perjuicio en múltiples aspectos de su acción” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.62).

²⁶⁰ Novick adiciona uma última etapa de liquidação: “El decreto que ordena la liquidación del Instituto fue firmado por el gobierno de facto surgido del golpe de Estado de 1955. Un año antes, el Congreso Nacional había sancionado dos leyes por las cuales se creaban el Instituto Nacional de Granos y Elevadores y el de Carnes, que implicaba despojar al IAPI de las funciones de organismo comercializador de la producción agropecuaria”.

privada²⁶¹. A mudança de orientação da gestão do IAPI constituiu um elemento importante na nova linha econômica do segundo mandato de Perón. O campo se converteu prioridade na atenção governamental a partir de 1952. “Se adoptó, entonces, un conjunto de medidas que apuntaron a incrementar la productividad agrícola para obtener mayores rendimientos por hectárea cultivada, con la intención de reducir los costos, que a su vez permitirían la obtención de mayores márgenes de utilidad y generarían más estímulos al productor. Desde entonces, la política agraria se basó en la fijación de precios básicos atendiendo al costo de producción, teniendo en cuenta también las condiciones del mercado mundial y la estabilidad de precios en el mercado interno. Por eso, los precios mínimos no se modificaron para las cosechas 1953-1953 y 1954-1955, excepto en el caso de las oleaginosas” (RAPOPORT, 2006, p.392).

O SPQ consolida essa nova política agrária, com o fomento de uma maior e melhor produção em relação com o mercado interno e os saldos exportáveis, colonização e reordena o uso da terra, o crédito, a mecanização das unidades de produção, a tipificação dos grãos, o fomento do cooperativismo e um sistema impositivo capaz de promover uma exploração racional da terra. O setor primário deixou no final da década dos 40 de transferir renda para o complexo urbano-manufatureiro e se converteu em receptor de recursos oficiais. O IAPI (Memória 1952, p.13) descreve a política econômica oficial como sendo “de franco apoyo a las actividades del agro, como reconocimiento de la importancia que reviste para la explotación agropecuaria – base tradicional de la estructura económica argentina”. Segundo Schvarzer (1996, p.199-200) suas contas mostram claramente que não tinham entre suas prioridades o impulso industrial. Desta maneira, “la política agraria desplegada desde el Estado peronista, tanto antes como después de 1950, se nutre de controversias y acuerdos que, en cualquier caso, terminan por reforzar el papel primordial tradicionalmente jugado por este sector productivo en la economía de la República Argentina” (GIRBAL-BLACHA, 6).

²⁶¹ “hacia 1948 se alcanza el punto más alto de los fondos destinados a gastos de capital del sector público, para descender un año después, manteniéndose en niveles muy bajos hasta su liquidación. Inversamente, los subsidios al sector privado comienzan con valores de escasa importancia, para crecer abruptamente a partir de 1951, en forma sostenida hasta 1955.” (NOVICK)..

3.4. A economia durante o peronismo.

A economia argentina durante o peronismo apresenta mudanças relativas em relação às demais etapas. Isto é, se os resultados econômicos concretos são observados, e nem tanto as manifestações políticas u oficiais. Pode se afirmar que, basicamente, a economia argentina continuou os lineamentos de mais longo prazo que vinha mostrando anteriormente ao arribo do peronismo. Estes são: setor primário de exportação com tendência ao estancamento, desenvolvimento industrial das ramas tradicionais e certo progresso em setores mais avançados²⁶². Inclusive, essas tendências continuarão durante as duas décadas posteriores à queda do governo peronista. Sobre o desenvolvimento industrial durante o peronismo, Di Tella e Zylmenmam (1973, p.92-93), seguindo o esquema de analítico de Rostow, sustêm que essa etapa peronista corresponderia ao momento em que se obtém o máximo de desenvolvimento do que denominam a etapa de ‘crescimento autogenerado’, que compreenderia três sub-períodos: o ciclo 1932-1938, o período da Segunda Guerra Mundial e o ciclo 1946-1952. Igualmente, Neffa, (2002, p.154-55) em base à Escola da Regulação entende que nesses anos se produz o avance de um processo de industrialização substitutiva de importações do tipo ‘fácil’. Visões similares sustentam, como se viu, Ferrer e Schvarzer e também Dorfman (1981, p.58) que em sua divisão de períodos sinala três: antes de 1939; de 1939 a 1950; de 1950 a meados dos sessenta²⁶³. Quer dizer, o processo industrial que se produz, em quanto forma e conteúdo, correspondia a uma dinâmica que já estava em marcha. O forte crescimento industrial foi de muito curta duração²⁶⁴.

Por outro lado, muitos analistas incorporam como parte do período peronista os anos do regime militar de 1943-46. No entanto, para uma correta interpretação do

²⁶² Por exemplo, a Memória do BCRA de 1942 (p.2), é dizer sob Governo da Concordância, sustenta: “Está ocurriendo una transformación de gran significado. Si el esfuerzo industrial satisface gran parte nuestras necesidades, se debe al crecimiento orgánico de los medios productivos, que ha venido acentuándose a partir de la depresión mundial. Los establecimientos con que así podía contar el país al comenzar la guerra funcionan ahora, en general, con plena capacidad, en turnos sucesivos de trabajo, y han ensanchado sus plantas en la medida que las circunstancias permitían”.

²⁶³ A situação era que “A partir de 1945 terminó prácticamente la posibilidad de responder a la caída de importar mediante la contracción continuada del coeficiente de importaciones. A su vez, la industrialización, una vez agotada la sustitución de importaciones en las industrias productoras de bienes de consumo final, intermedios y de capital provenientes de las industrias livianas, pasaba a abarcar la producción de base. La siderurgia, la petroquímica, los metales no ferrosos y la fabricación en máquinas y equipos planteaban el proceso de formación de capital y el cambio tecnológico en un contexto más complejo que el predominante hasta 1945” (Ferrer, 1989, p.21-22).

²⁶⁴ “Esta breve coyuntura quedará agotada muy pronto y los problemas del sector externo (caída de los precios internacionales agropecuarios y transferencias de capital hacia el exterior) demostrarán ya en 1948 que se ha culminado la fase expansiva y se ha alcanzado un nuevo ‘límite’ histórico de los salarios reales” (VILLARRUEL, 1988, p.412).

fenômeno peronista, isto gera confusões. A industrialização foi um objetivo que lhe interessava a grande parte dos militares. “El desarrollo industrial de postguerra fue apoyado por el Estado, que utilizó fundamentalmente mecanismos indirectos a pesar de la política intervencionista seguida muchas veces en otros órdenes. La promoción directa se limitó a la acción de empresas estatales en algunas actividades estratégicas. En buena medida esta acción, orientada por los sectores militares, fue independiente de la política económica seguida por los gobiernos y se dirigió, en un comienzo, a asegurar el autoabastecimiento indispensable para la defensa” (ALTIMIR ET AL, 1966-67, p.114). Como afirma Cortes Conde, (2005, p.143) “Nada influyó tanto en las ideas de Perón como su formación militar”, pelo que ele também compartia essas preocupações. Porém, precisamente por isto mesmo, não é em se o interesse pela industrialização que define ao fenômeno peronista. Por um lado porque ditos conceitos e práticas surgiram muito antes que o peronismo tinha começado a aparecer. Em segundo término, porque tanto em 1944-45 quanto durante os anos do governo, partes importantes da entidade militar, foram distanciando-se de Perón na medida em que este se impõe na eleição popular.

A estratégia industrial peronista se baseou em rendas acumuladas que tinha obtido o setor primário. A economia que surgiu em momentos que culminava o conflito mundial era “una economía descapitalizada, como resultado de la fuerte restricción del equipamiento durante la década de 1930 y la guerra mundial” (FERRER, 1990, p.234). Não obstante, a soma de reservas internacionais criou a impressão de que a acumulação de divisas se devia a um grande aumento de riqueza, e não que se tratava de descapitalização, enquanto que a enorme demanda de alimentos, traduzida em melhora de preços nos dois anos posteriores à guerra, também deu a impressão de um aumento de riqueza (CORTES CONDE, 2005, p.144). Para Díaz Alejandro (1983, p.117), “Si bien las autoridades quizá no previeron la brusca caída de las exportaciones, parte de su estrategia general consistía en no preocuparse mucho por ellas. Su principal preocupación se centraba en algunos aspectos de la industrialización con miras a la sustitución de importaciones, y en el suministro de sanidad, educación, recreación y otros servicios masivos. Además de complacer los sentimientos nacionalistas y reformistas, aquella política tuvo la ventaja de procurar ocupación y seguridad para la clase trabajadora urbana, pilar político del régimen. La industria liviana, la

construcción, la administración pública y los ferrocarriles se trataron más como fuente de trabajo que como actividades productoras de bienes y servicios”.

Outros autores, em distinta óptica, também questionam a profundidade da visão de industrialização do peronismo. Por exemplo, para Schvarzer (1996, p.191) já o Conselho Nacional de Pós-guerra tinha afirmado que certas fábricas ‘artificiais’ surgidas durante a guerra deviam desaparecer logo do regresso à ‘normalidade’, e conclui que este organismo apresentava uma visão menos industrialista que a do Plano Pinedo que se preocupava por essas²⁶⁵. De fato, a Memória do BCRA de 1946 (p.9) declara que “No se trata, como se comprende, de propugnar la industrialización indiscriminada, conforme a ideas de cerrado nacionalismo económico que podrían conducir a disminuir el intercambio internacional y a encarecer los artículos manufacturados”²⁶⁶. Por isso, Schvarzer (1996, p.213) “concluye que si el problema de carencia de divisas que cortó el avance industrial de posguerra se hubiese resuelto “hubieran surgido otros no menos característicos de todo desarrollo industrial, como la escasez de personal calificado para ciertas tareas, la necesidad de más crédito, de una mejor y más adecuada infraestructura, etcétera; lo cierto es que aquella traba era tan grande que condicionaba todas las posibilidades del momento”. Mas ao surgir problemas no balance de pagamento, a continuidade da industrialização requereu modificar a estratégia que se vinha implementando para superar o que se considerava uma ‘crises de desenvolvimento’ (RAPOPORT, 2006, p.395)²⁶⁷. Seus pontos centrais foram:

²⁶⁵ “El propio general Savio, en los comienzos de la crisis, atajaba potenciales críticas afirmando: “No queremos...la creación ficticia y onerosa de una industria propia”, tampoco “pensamos en fabricar cañones” ni pretendemos ‘fabricar materiales más complejos’. No, insiste, se trata de ‘hacer botones, botines, caramañolas, cucharas’ y de acumular de stocks de otros materiales para caos de necesidad. Cinco años más tarde ese mismo general trazaba los primeros planes para erigir la siderurgia. Las exigencias de la coyuntura podían quebrar ciertas trabas aunque no fueran suficientes para resolver los desafíos planteados” (SCHVARZER, 1996, p.187-88).

²⁶⁶ Mais adiante continua que as regulacões introduzidas para fomentar a atividade interna “no son de ningún modo extraordinarias, si se las compara con las que han puesto en juego muchísimas otras naciones cuyos criterios y ordenamientos han servido comúnmente de base de inspiración para establecer los nuestros. Además, muchas de ellas tienen un valor meramente temporal y resultan indispensables en medio de la crisis de escasez en la cual el mundo se debate” (BCRA, MEMORIA 1946, p.11).

²⁶⁷ “Hacia 1950, la industria argentina entra en su mayoría de edad. Quedan atrás, prácticamente concluidas, las sustituciones fáciles o de poca complejidad tecnológicas de las importaciones en el ramo alimenticio y del vestuario, así como de algunos productos finales sencillos de las ramas dinámicas. Pero ello acontece sin profundos cambios en la estructura ni significativa modernización (...) La guerra y la posguerra inmediata ve nacer o consolidarse operaciones en el ramo metal-mecánico y químico (...) El terreno está preparado para un salto adelante, aunque – en lo fundamental – sigue predominando la industria liviana, aun en las metal-mecánicas y químicos, mientras los grandes vacíos en la base industrial conspiran contra un desarrollo más integrado” (DORFMAN, 1981, p.59).

“Primero, modificación de la política de distribución de ingresos. Se impusieron límites a los aumentos de salarios y se prolongó la vigencia de los nuevos convenios de trabajo a dos años. Se creó una Comisión Nacional de Precios y Salarios tendiente a vincular los aumentos de remuneraciones con los incrementos de productividad y a evitar, también, aumentos de precios no justificados por incrementos reales de costos. La política de precios agropecuarios fue radicalmente transformada y se promovió la reversión del proceso de transferencia de ingresos. En el trienio 1953-55 los precios agropecuarios mejoraron su relación frente a los precios industriales en el 40%, pese a que los términos de intercambio internacionales se deterioraron en 25% entre los mismos años (...) Segundo, solución del estrangulamiento externo vía apoyo a la producción y exportaciones agropecuarias y una modificación drástica del tratamiento al capital extranjero (...) Tercero, la contención del gasto público y de la expansión del área de acción del Estado sobre el sistema económico”. (FERRER, 1977, p.31-32).

A política econômica peronista teve uma etapa que privilegiou o desenvolvimento industrial, logo depois teve outra na qual resultou predominante o interesse pelo desempenho da atividade primária. “En 1948 se limitó el crédito para instalar nuevas industrias con el argumento de la escasez de mano de obra; en 1950 se fomentó al sector agrario con tasas de interés diferenciales y plazos más largos. Lentamente, el sistema de promoción fabril quedó supeditado a la necesidad de generar divisas en el sector externo que, a su vez, dependía de la lógica de fomentar la oferta de bienes agrarios exportables dada la negativa a utilizar la industria con ese objetivo” (SCHVARZER, 1996, p.218). De fato, se produz uma “instrumentación de medidas ortodoxas similares en algunos aspectos a las que serán propuestas luego de 1955” (VILLARRUEL, 1988, p.407), produzida a queda de Perón e o retorno dos setores conservadores tradicionais ao governo. Finalmente, se o setor primário por médio do IAPI perdeu recursos que foram transferidos ao setor industrial, não solo o IAPI desde inicio dos anos 50 subvencionou a atividade rural, se não que o fez o próprio Banco Industrial²⁶⁸. Portnoy (1961, p.115) resume essa experiência como que “la industrialización sin un programa global apareció, al final, como un coloso de pies de barro, que así como había resuelto en principio los problemas de abastecimiento del país durante todo el período en estudio, también fue generando otros, que hicieron eclosión después de 1952”. O problema pareceu encontrar-se, nem tanto em como evolucionou o setor industrial, se não o

²⁶⁸ “Interferencias políticas obligaron al Banco a conceder créditos a empresas tradicionales, por razones de coyuntura, y con esas o nula relación con productos de inversión. El Banco otorgó créditos a frigoríficos así como a ingenios azucareros y a empresas procesadoras de quebracho por montos significativos que no se reflejaron en la modernización de esas empresas; muchas de esas operaciones terminaron generando quebrantos a la entidad. Las demandas desde otros ámbitos del gobierno tendieron a desnaturalizar la función del Banco y su persistencia formó parte de un hábito que reducía su potencial como instrumento de desarrollo” (SCHVARZER, 1996, p.198).

primário. A experiência peronista consiste muito mais num uso social diferente da renda agropecuária que de um compromisso pela industrialização.

“Las masas urbanas se sintieron complacidas al ver que se favorecía el consumo nacional a expensas de las exportaciones, a la vez que los empresarios urbanos expresaban su complacencia por la intensificación de las restricciones a la importación. Parecía que los únicos perjudicados habrían de ser los extranjeros, que se las iban a tener que arreglar sin el trigo y la carne vacuna de los argentinos y que no podrían vender manufacturas a la Argentina, y en parte también los oligarcas que hasta entonces habían obtenido tan grandes beneficios del comercio de exportación e importación y de su asociación con los inversores extranjeros. Los precios extranjeros y las favorables condiciones de la demanda, que se prologaron hasta 1949, sumados a las divisas acumuladas durante la guerra, ocultaron por un tiempo los efectos de aquella política sobre la balanza de pagos”. (DÍAZ ALEJANDRO, 1983, p.113).

A confiança nas possibilidades extraordinárias da Pampa Úmida não se limitou, como parece sugerir Díaz Alejandro, às capas populares e ao peronismo. O derrube do excedente correspondia a uma tendência que vinha desde o fim da ocupação das terras. Se “los peronistas no aceptan que tanto el deterioro de los términos de intercambio como la sequía que se sufrió durante sus gobiernos no fueron circunstancias aisladas de una tendencia de un retroceso secular de la superficie de los campos cultivados, estrechamiento de los excedentes exportables, huida de la población rural hacia la ciudad y un parque mecanizado insuficiente y que junto con la ausencia de herbicidas y fertilizantes es incapaz de lograr aumentar los rendimientos del agro” (VILLARRUEL, 1988, p.420), a elite terratenentes também não aceitará que ditas modificações são alheias a este período, tal como tinham sido dos governos radicais. Essas questões conduzem ao análise do marco social do surgimento do peronista e sua relação com o desempenho econômico e o desenvolvimento industrial argentino.

4. Peronismo e industrialização.

O surgimento de Perón está intimamente relacionado com os fatos que a Argentina viveu logo que o golpe militar liderado por Uriburu o 6 de setembro de 1930 deslocara do governo aos radicais. Se o projeto de Justo, a partir dos 20 de fevereiro de 1932, se afastava da proposta mais extrema de domínio do setor da elite que tinha tentado seu antecessor, as aparências formais de uma ordem constitucional ‘normalizado’ rapidamente ficariam manchadas pela implementação do ‘fraude patriótico’ para lograr vencer aos radicais eleitoralmente: “los partidarios de Justo buscaban sólo una «legalidad sin Yrigoyen»” (GERCHUNOFF, LLACH, 2007, p.108)²⁶⁹. Se inicialmente os radicais responderam à exclusão da que foram objeto se negando a participar em eleições viciadas e inclusive apelando a intonadas de insurreição, a meados dos anos 30 começaram a se integrar a esse sistema político dominado pela Concordância que se manteria no poder até que fora derrocado pelo golpe militar a 4 de junho de 1943. Mas nesse lapso muitas cosas tinham mudado. Em primeiro término, os grupos econômicos dominantes devieram compreender que a crises dos 30 não seria de curta duração nem responsabilidade da administração radical, se não que se devia a razões mais profundas de uma mudança na ordem mundial. Se o governo de Justo respondeu aos interesses dos grandes pecuaristas, mediante o polêmico Tratado Roca-Runcinmam com Grã Bretanha, com o tempo iria ficando em evidência que aquele país já não podia seguir cumprindo o papel no comércio mundial que tinha desempenhado na idade de oro da Argentina. Adicionalmente, propulsado conscientemente ou não, segundo as diversas interpretações, o setor industrial começará a adquirir dinâmica, e logrará se equiparar, por primeira vez, à atividade primária em importância para explicar o produto interno.

Se a crises dos 30 tinha instalado um contexto internacional muito menos benéfico para o país, a eclosão da Segunda Guerra Mundial o agravou. O avance alemão sobre Europa continental derivou na imposição de um bloqueio naval de Grã Bretanha sobre o

²⁶⁹ Como admitiria uma figura principal da elite nos 30, Federico Pinedo: “Más bien que elecciones fraudulentas corresponde decir que en esas ocasiones no hubo elecciones, porque nadie pretendió hacer creer que había habido actos eleccionarios normales en que el pueblo había expresado su opinión” (GERCHUNOFF, LLACH, 2007, p.109).

continente que afetou tão tremendamente à economia argentina que Rock afirma que seu impacto foi ainda mais grave que o da crise de 1929-1930. Este marco perduraria durante a maior parte que durou a disputa. Adicionalmente, surgiria um impacto demográfico já que o golpe sobre a agricultura intensificará um processo de migração para as cidades, sem que os intentos governamentais para atenuar-lo, tais como o controle dos arrendamentos que se introduz em 1942, tiveram resultado. Nesse marco, o então Ministro de fazenda Federico Pinedo propõe um plano econômico, inspirado no New Deal, onde o gasto público se converteria num mecanismo anticíclico²⁷⁰. O Plano Pinedo procurava redefinir o padrão de relacionamento externo do país, tentando aproximar se aos Estados Unidos. Pinedo projetava que esse país lhe proveria à Argentina mercadorias que necessitava a indústria local e se transformaria em um novo mercado para as exportações. Entretanto, as relações entre a Argentina e os Estados Unidos iriam em direção contrária a essa expectativa. Como no passado, uma vez mais se manifestariam os impedimentos que dificultavam a aproximação entre ambos os países. Um tratado comercial firmado em 1941 seria a prova disto já que a Argentina só obteve ‘concessões simbólicas’.

Além desta questão, o Plano Pinedo não prosperaria por causa de conflitos políticos que se vinham acumulando a partir da renúncia obrigada por enfermidade do Presidente Ortiz quem, pese a ter triunfado mediante uma forte fraude eleitoral, tinha iniciado uma política de liberalização política²⁷¹. Ao aceder ao poder o vice-presidente Ramón Castillo, o setor ultraconservador da Concordância reverteu marcha deste processo, inclusive convocando a eleições nas províncias que Ortiz tinha intervindo que, mediante muita fraude, os conservadores ganharam na maioria delas²⁷². Como resposta, o Plano Pinedo, que tinha sido aprovado no senado, foi rechaçado na Câmara de Deputados pelos radicais. O próprio Pinedo teve que renunciar, além disso, diante acusações instigadas pelos nacionalistas sobre sua participação em tratos corruptos com as companhias ferroviárias britânicas, e se retiraria o ministro de Relações Exteriores,

²⁷⁰ “Sobre todo, la medida estaba relacionada con las ‘consecuencias sociales de alcance imprevisible’, palabras que era fácil interpretar como referencia a la agitación laboral de la primera guerra mundial, que había culminado con la ‘huelga revolucionaria’ de enero de 1919” (ROCK, 2002, p.198).

²⁷¹ “En principio, la victoria electoral fue el resultado de un fraude reconocido incluso por los vencedores; se trataba de impedir por todos los medios el triunfo de la Unión Cívica Radical, que había levantado su abstencionismo en 1935. Ortiz, que provenía de las filas del radicalismo antipersonalista, tomó conciencia del nivel de la crisis de legitimidad del régimen y se propuso modificar desde el poder las prácticas políticas (...) Con la desaparición de Ortiz, la posibilidad de un retorno a las costumbres democráticas se hizo más remota” (GERCHUNOFF, 1998, p.155).

²⁷² “Hacia muy poco que los radicales habían estado convencidos de que por fin iban camino de recuperar el poder y ahora se encontraron en peligro de ser estafados por Castillo” (ROCK, 2002, p.199).

José Luís Cantilo, ficando o governo nacional em mãos da facção ultraconservadora liderada por Castillo. Para se fortalecer Castillo se acercou aos setores nacionalistas nomeando ao simpatizando franquista, Enrique Ruiz Guiñazú novo ministro de Relações Exteriores²⁷³. Estes grupos nacionalistas denunciavam que a relação tanto com os britânicos quanto com os norte-americanos resultava prejudicial para o país. Um rasgo deste nacionalismo era o rechaço do regime democrático liberal²⁷⁴. Por essas razões, em verdade, a identificação dos nacionalistas com o governo Castillo era baixa, já que o rechaçavam por ‘liberal’, ‘oligárquico’ ou ‘eleitoreiro’. Castillo se aferrava cada vez mais ao poder e ante um Congresso dominado pelos radicais, passa a governar quase exclusivamente por decreto. Para contrabalancear, se vê obrigado a cultivar ao exército. Mas o Exército se encontrava dividido por causa da guerra entre aqueles que apoiavam aos aliados ou ao eixo. A neutralidade que adotou o governo, e que o ministro de Relações Exteriores, Ruiz Guiñazú procurou fomentar em América Latina, intensificava a tensão com os Estados Unidos²⁷⁵. Não obstante, Castillo obtém apoio inesperado de Grã Bretanha já que a neutralidade permite a exportação de carne para suas tropas, à vez que evita que os norte-americanos ocupem seu lugar frente à Argentina. Mas estes grupos nacionalistas e militares possuíam suas próprias idéias, que Rock (2002, p.202) identifica em três eixos: a obtenção de ‘soberania econômica’, o qual significava industrialização e nacionalizar as companhias estrangeiras dos serviços públicos; a ‘neutralidade ativa’, que queria dizer, como a definiu sucintamente um propagandista em janeiro de 1941, ‘não somos neutrais, estamos em contra de todos’; dar nova ênfase à ‘justiça social’.

²⁷³ “A comienzos de los años cuarenta los nacionalistas seguían siendo una minoría, pero ya no eran el exiguo núcleo que había hecho sus primeras armas políticas en 1930, con el general Uriburu. Los años no habían pasado en vano: los grupos identificados con el nacionalismo habían proliferado, al igual que sus publicaciones y revistas, y si bien fracasaron una y otra vez en el proyecto de unirse en una sola fuerza política, constituían un activo foco del campo ideológico argentino. Una nueva generación de intelectuales y militantes, formados en los Cursos de Cultura Católica, le había dado supremacía al ala católica del conglomerado, que desde mediados de la década anterior tenía aliados y directores espirituales en el clero, y contaba con simpatizantes en el Ejército” (ALTAMINARO, 2001, p.22).

²⁷⁴ “Todos reclamaban el fin del Estado liberal, la instauración de un nuevo orden, defendían la neutralidad argentina frente a la guerra mundial en curso y simpatizaban con los regímenes fascistas cuando no eran, simplemente, fascistas. Para todos era necesario un movimiento que salvara a la Nación y ese acto salvador sólo podía provenir del Ejército” (ALTAMIRANO, 2001, p.22).

²⁷⁵ En enero 1942 conferencia panamericana de Rio de Janeiro propósito romper relaciones diplomáticas con el Eje y Japón, consiguió impedir que se accediera a romper las relaciones, ya que su resolución sólo ‘recomendaba’. EE.UU. impone represalia embargo total de armas, detuvo la concesión de créditos del Export-Import Bank y canceló el suministro de petroleros y maquinaria, y pasa a calificar al gobierno argentino de ‘fascista’ y ‘pro Eje’. (ROCK, 2002, p.204-05).

Enquanto os projetos liberais sofreriam o impacto de perder a suas três principais figuras – em pouco tempo ao principio dos quarenta quando faleceram, além de Ortiz, Alvear e Justo –, a Concordância era vista como sumamente corrupta, e vários casos tiveram forte impacto público, as Forças Armadas temiam um avance militar de Brasil que inspirava criar uma indústria armamentista²⁷⁶. Este difícil equilibrio a começos de 1943 se agrava ante a chegada dos comícios presidenciais. Em fevereiro Castillo proclamou como seu sucessor a Robustiano Patrón Costas, um magnata açucareiro da província de Tucumã, que fazia prever a manutenção das práticas fraudulentas eleitorais²⁷⁷. Rapidamente o descontento se estendeu sobre a sociedade; nas Forças Armadas, se temia ademais que ele terminasse com a neutralidade já que se o via como simpatizante dos aliados. “La decisión de Castillo tuvo por efecto aglutinar en un rechazo unánime al único sector del país que estaba en condiciones de obstaculizar sus planes” (TORRE, 2002, p.16). Assim, os militares, que já tinham feito contactos com grupos opositores com a previsão de um golpe para setembro, aceleram a toma do poder quando Castillo solicita a renuncia de seu Ministro de Guerra general Ramírez, ao saber que ele tinha tido relações com o Partido Radical. A 4 de junho de 1943 os militares tomam o poder; entre eles, Perón.

4.1 Peronismo.

Rouquié (1998, p.337) assevera que “pocas veces los móviles de la actividad militar han sido tan heterogéneos, contradictorios e imperativos” para descrever um golpe de Estado que, por um lado, se efetuou em forma precipitada e pouco elaborada, basicamente sem participação de civis que foram tomados por surpresa²⁷⁸, e que, por outro lado, deixou às Forças Armadas na paradoxal situação de ver se “en posesión del poder supremo, sin poder decir exactamente por qué se habían apoderado de él” (WALDMANN, 1981, p.131-132). Pese a isto, os militares rapidamente deixaram de catalogar ao novo governo de ‘provisional’, mostrando seus propósitos mais profundos

²⁷⁶ “La guerra europea, que divide profundamente a los argentinos, sirve también para poner en primer plano los problemas de seguridad nacional (...) El 13 de diciembre de 1939, el acorazado alemán *Graf Spee* y tres cruceros británicos combaten frente a las costas de Montevideo. (ROUQUIÉ, 1998, p. 293).

²⁷⁷ “Gran hacendado del norte, asociado según la opinión pública con las prácticas feudales dominantes en los ingenios azucareros y conocido partidario del fraude, el candidato de Castillo resumía los rasgos más irritativos de la restauración conservadora” (TORRE, 2002, 16).

²⁷⁸ “A pesar de la incertidumbre del momento que se vivía, múltiples manifestaciones de simpatía daban muestra del alivio experimentado por la gente humilde ante la caída de un régimen insensible. El incendio de Plaza de Mayo de doce colectivos pertenecientes a la universalmente odiada Corporación de Transportes parece simbolizar el final de una época, la que había inaugurado el golpe de estado de Uriburu en septiembre de 1930” (ROUQUIÉ, 1982, p.10).

que uma simples substituição de autoridades cívicas, para a pronta perda da ilusão inicial dos partidos políticos. Um dos poucos pontos em comum entre eles era o forte desprezo contra os cívicos e contra as instituições democráticas. Mas isto não resultava suficiente para definir um projeto de consenso; e a primeira demonstração foi o deslocamento de quem se tinha estipulado para assumir a presidência o general Arturo Rawson, substituído pelo general Pedro Ramírez. Ainda assim, não deixava de ser chamativo que o único civil do novo gabinete fosse o ministro de fazenda, de origem e de trajetória conservadora²⁷⁹, o que constitui um índice mais da confusa ideologia que preconizavam os revolucionários (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.25). Contudo, entre ambos existia uma diferença essencial, que se revelará fundamental: Ramírez a diferença de Rawson era próximo ao GOU, uma logia militar secreta – cujos membros eram de categoria menor, sendo um deles Perón²⁸⁰. Dentro das forças, seria o GOU, a pesar de possuir pontos em conflitos, os que mais podiam oferecer ao governo militar uma «agenda pública», que Campione (2003, p.27-29) resume assim:

1) la conciencia acerca de la necesidad de un reordenamiento económico-social; la búsqueda de una nueva integración del país en el mercado internacional; 3) la asunción de un rumbo estratégico frente a la situación mundial que produciría la inminente posguerra; 4) el ‘problema’ obrero; 5) la resolución del problema de la legitimidad planteado por la carencia de bases populares sólidas de la ‘restauración conservadora’; 6) la reformulación de los conceptos de política de defensa; 7) la crítica al carácter del intervencionismo estatal desarrollado hasta ese momento.

Mas existiam distintas visões de como seria a resolução desses pontos. Ademais, os militares se dividiam segundo os bandos envolvidos na Guerra. Por último, como observa Buchrucker (1987, p.280) a pesar das contínuas menções de ‘unidade’ das Forças Armadas, o choque das ambições pessoais e as tendências políticas foi permanente. Este autor detecta três grupos ou ‘partidos militares’ em disputa; o nacionalismo restaurador, que teve máxima influência sob a gestão do general Ramírez, o nacionalista populista, cuja cabeça veio a ser o coronel Perón, e o grupo em favor dos aliados, geralmente simpatizantes do conservadorismo e do radicalismo

²⁷⁹ O doutor Santamarina. “Este próspero estanciero, que había sido presidente del Banco de la Nación y dirigente de la Sociedad Rural y que estaba relacionado con las más prestigiosas familias de la oligarquía, era a la vez un factor de confianza para los medios económicos y un abanderado de los aliados” (ROUQUIÉ, 1982, p.12).

²⁸⁰ “Partidarios de un neutralismo intransigente, estos jóvenes oficiales concebían el 4 de junio como la oportunidad histórica para reorganizar las bases institucionales del país a fin de ponerlo al abrigo de la corrupción de los políticos y de la amenaza comunista. Esta reorganización vendría con el establecimiento del imperio de la cruz y de la espada en el lugar hasta entonces ocupado por la Argentina liberal y laica” (TORRE, 2002, p.17).

antipersonalista. A questão sobre se manteria se a posição neutral frente à guerra era a que mais urgia ser resolvida.

“En sintonía con la tradición del país, el presidente Castillo había optado por la política de neutralidad, pero decidió persistir en ella aun después que los Estados Unidos la abandonaran, al entrar en el conflicto bélico a fines de 1941. En estas condiciones, la neutralidad cambió de significado para ser la expresión de toda una definición ideológica, la resistencia a incorporarse a la cruzada mundial de las democracias contra el fascismo. La posición oficial se convirtió así en objeto de ásperas controversias y fuertes presiones (...) Por su parte, Washington respondió al recalcitrante neutralismo de Castillo suspendiendo la venta de armamentos. Estas divergencias se trasladaron dentro de la corporación militar: la política de ruptura con las potencias del Eje era compartida por los altos oficiales del Ejército; no obstante, la opinión mayoritaria de los cuadros intermedios se inclinaba por el mantenimiento de la neutralidad” (TORRE, 2002, p.15).

Deste conflito interno nas Forças rapidamente, em outubro de 1943, resultariam deslocados os simpatizantes dos aliados, ficando em controle o setor nacionalista restaurador do Presidente Ramírez que implementaria uma cruzada moralizadora. Setores de esquerda, sindicatos, partidos políticos, e universitários seriam perseguidos e seria implantado o ensino religioso obrigatório em escolas públicas. A campanha será de tal magnitude que “no sorprende que en la opinión democrática del país y del exterior el régimen militar fuese visto como un experimento fascista” (TORRE, 2002, p.18). Estados Unidos que se encontrou, trás seu ingresso na guerra, com a negação argentina em fazer o mesmo como tinha feito o resto do continente, reforçaria sua pressão mediante sanções econômicas contra um país que o secretario de Estado afirmara que era “o quartel geral do nazismo no continente” (ROUQUIÉ, 1982, p.47). Por outra parte, os militares agravariam seus conflitos com USA já que esse país tinha provido armas ao Brasil, mas se negava fazer-lo com a Argentina, pelo que fizeram uma gestão para obterlas de Alemanha. Mas o intentou foi interceptado pelos aliados que pressionaram ao governo a romper relações diplomáticas com o eixo. Essa resolução, adotada a 26 de janeiro de 1944, produz uma forte comoção entre os militares, o que forçou a renúncia de Ramírez. Em seu lugar assumiu o então ministro de Guerra, general Edelmiro Farrell, também membro do GOU²⁸¹.

Detrás Farrell, começaria a emergir a figura de Perón. Mas no imediato, o fortalecimento do ala neutralista no regime militar provocaria – além de uma

²⁸¹ “Los miembros del GOU, la mayoría de ellos sin mando de tropa, habían cedido la iniciativa en el derrocamiento de castillo a la jerarquía del Ejército y a los jefes de unidades; para sí se reservaron posiciones claves en el Ministerio de Guerra y en la presidencia. Desde allí maniobraron con éxito, usando sus influencias y al cabo de cuatro meses se apoderaron de la conducción política de la Revolución de Junio” (TORRE, 2002, p.17).

intensificação do embate estadunidense –, um crescente enfrentamento com os setores cívicos internos. Estes em sua grande maioria apoiavam aos aliados, e iriam adquirindo coragem com as vitórias que estes iam obtendo até o ponto de chegar a um desafio total contra o governo militar e a exigência de normalização institucional. O estado caótico e a falta de um rumo claro no governo militar que isto foi gerando “parecia indicar que se encaminhava a una frustración semejante a la del fallido intento de Uriburu en 1931. Si el destino no se cumplió entonces ello se debió al aporte oportuno de Perón. Fue él quien supo ofrecer en eso momentos difíciles dos cosas de las que carecía la Revolución de Junio: un programa social y económico y una apertura hacia grupos estratégicos de la sociedad” (TORRE, 2002, p.24). Perón começou a se destacar como membro do GOU e sairia vencedor das intensas lutas internas produto das diferenças ideológicas e ambições pessoais de seus membros²⁸². Sua primeira função no governo militar foi como secretário do ministro de Guerra do Farrell. Mas em novembro de 1943 solicitou a direção do Departamento Nacional do Trabalho (DNT) que ao mês foi elevado de categoria como Secretaria de Trabalho e Previsão (STP)²⁸³. A essa função lhe somou as de ministro de Guerra, quando Farrell assumiu a presidência, e a de vice-presidente da Nação a 7 de julho de 1944. Essa acumulação de cargos o converteu na figura principal do governo, fato reforçado porque presidirá também o Conselho Nacional de Pós-guerra (CNP).

Como a maioria de seus camaradas, Perón rejeitava tanto a democracia liberal quanto o comunismo. Nisto último, também como os demais militares, lhe inquietava o possível avanço dessa doutrina entre os trabalhadores. De fato, no único ponto em que as facções concordavam era na repressão ao comunismo e às organizações operárias (TORRE, 2002, p.16-17). Mas desde a STP, aplicaria uma estratégia para afastar esse temor que não se baseou na repressão sindical, como se tinha efetuado desde o golpe, mas implementando uma política de concessões²⁸⁴. Ao princípio, com pouco poder

²⁸² “En el primer instante esta puja se manifestó por la aparición de cuatro hombres fuerte dentro del GOU, ubicados en puestos claves: el coronel Emilio Ramírez, jefe de Policía; el coronel Enrique P. González, secretario de la presidencia; el coronel Eduardo J. Avalos, titular del acantonamiento de Campo de Mayo, y el coronel Juan D. Perón, en la secretaria de Guerra” (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.28).

²⁸³ Segundo Gambini (1999, p.18-19) o coronel Carlos Gianni, que tinha assumido a presidência do DNT inicialmente, tinha começado uma política social similar à que faria Perón com os sindicatos, quem, ao advertir que se tratava de uma concorrência demasiado perigosa, o obrigou a renunciar, por meio da pressão do GOU.

²⁸⁴ “...ya era evidente que la política de control y dominación que el gobierno estaba ejerciendo sobre los sindicatos no servía ni siquiera a sus propios fines. Las posibilidades de éxito de una eventual penetración comunista crecían si se acentuaba el antagonismo entre el gobierno y los gremios. Además, la situación de franco enfrentamiento era particularmente peligrosa para un gobierno que carecía de una sólida base de

dentro do regime militar, o avance nesse sentido foi lento. Mas a partir de meados de 1944, resolvida a disputa interna, as transformações nas relações laborais começaram a suceder se em ritmo vertiginoso²⁸⁵. O projeto de Perón consistia em se converter em mediador entre trabalhadores e empresários. Mas se os primeiros foram aceitando a sua representação, não sucedeu o mesmo com estes últimos. Em agosto de 1944 Perón se dirigiu às entidades patronais na sede da Bolsa de Comércio procurando seu apoio. Nesta exposição, que seria célebre, declarou que o melhor para eles era que o Estado tutelara as relações entre o capital e o trabalho porque “un cataclismo social en la República Argentina haría inútil cualquier posesión de bien”. Para preservar a ordem social lhes comino que era “necesario saber dar un 30 por ciento a tiempo que perder todo a posteriori” (PERÓN, 1973a, p.163; p.165). Os setores patronais, que inicialmente tinham apoiado ao governo militar, longe estiveram de aceitar a proposta, e passaram a se opor às políticas sociais de Perón. Somaram-se à resistência de grupos cívicos e partidos políticos que pressionavam em forma crescente pela normalização institucional, e que se sentiam fortalecidos pelos triunfos aliados e o crescente desprestígio do governo por suas lutas internas. Tendo eles se somado às continuas acusações de ‘fascista’ e ‘totalitário’ por parte de USA, Perón, a essa altura a figura quase única do governo, percebia que, inevitavelmente, o governo em breve teria que chamar a eleições. Procurava se converter no candidato de algum partido, embora o negasse²⁸⁶; pelo que se aproximou a membros do radical e do conservador. Mas em ambos os casos sua proposta foi rechaçada – sendo o revés mais clamoroso a negativa de Amadeo Sabattini, o líder do ala progressista do radicalismo ao que Perón chegou a lhe oferecer a vice-presidência – pois achavam que “tenía los días contados, a juzgar por la evolución de la situación internacional” (TORRE, 2002, p.28).

legitimidad. Estos argumentos, sumados a una indudable pretensión personal de poder, convencieron a Perón de que era hora de pasar de una política de control a una de concesiones” (GERCHUNOFF, LLACH, 1998, p.166).

²⁸⁵ “Sus primeros beneficiarios fueron los gremios más organizados de la época, cuyos dirigentes, en su mayoría sindicalistas y socialistas, aprovecharon las ofertas de Perón evitando, empero, comprometerse abiertamente con un régimen clerical-autoritario era poco compatible con sus simpatías políticas. En la coyuntura, Perón no tuvo más remedio que convivir con esa conducta oportunista. La compañía de los dirigentes sindicales todavía le era indispensable para poder llegar con su mensaje de reparación social al conjunto de los trabajadores, acrecidos en número por las migraciones internas impulsadas por el crecimiento de la industria” (TORRE, 2002, p.25; p.27).

²⁸⁶ “No aceptaré candidatura de ninguna clase, ni mucho menos la de Presidente, así vengan y me lo pidan de rodillas”. (PERÓN *apud* TORRE, 1976, p.73, n.6).

Ao contrario, estes partidos também se somaram a um grande frente de resistência democrática²⁸⁷. A oposição civil era intensa e participavam tanto figuras destacadas do poder tradicional, como Colombo e Anchorena, respectivamente titulares da UIA e da SRA, como do campo de esquerda (Ghioldi, Palácios). A partir de junho de 1945 o ataque contra o governo se intensificou por meio de um manifesto público que foi apoiado pelas associações patronais. A liberação de Paris e a queda de Berlim foram ruidosamente festejadas com grandes manifestações nas ruas que contaram com a participação de grupos econômicos dominantes. Depois, a 19 de setembro de 1945, estes grupos realizaram uma ‘Marcha da Constituição e da Liberdade’, ‘la mayor concentración vista en las calles de Buenos Aires hasta entonces’ (PAGE, 1984, TI, p.132)²⁸⁸. “La manifestación precipitó los hechos como un torrente incontenible. Farrell y Perón aparecían como huérfano de todo apoyo que no fuera militar, y la oposición se lanzó a consumir el empujón final para acabar con ellos” (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.48). O governo procurou contra-restar a ofensiva implantando novamente o estado de sitio, enquanto os estudantes que ocupavam as universidades foram desalojados violentamente pela polícia. Perón - que já tinha perdido o apoio de setores nacionalistas quando a 28 de março de 1945 a Argentina, finalmente, lhe declarou a guerra ao eixo²⁸⁹ - foi perdendo consenso entre seus camaradas. Além do incomodo que lês gerava o mau-star das forças sociais, rechaçavam como tinha concentração cargos, usado ao governo para promover a sua candidatura e pela crescente presença de sua nova companheira Eva Duarte²⁹⁰. Sua preocupação era encontrar uma saída honorável do governo ante a humilhante proposta da oposição de que o poder passe à Corte

²⁸⁷ “Desde su perspectiva, el viraje de Perón era demasiado tardío para ser tomado en serio; su gestión estaba demasiado entreverada con la trayectoria neutralista y antiliberal del régimen del que era el verdadero jefe” (TORRE, 2002, p.29).

²⁸⁸ Os organizadores estimaram a presença de meio milhão de pessoas e os peronistas de só 65.000.

²⁸⁹ A chegada de Stettinius em novembro de 1944 em lugar de Hull pus fim à política do ‘big stick’. Ofereceu-se ao país se aderiria ao que se acordara na futura Conferencia Interamericana sobre Problemas da Guerra e a Paz, a se reunir no México em 1945, e que a Argentina não tinha sido invitada, a recomposição das relações diplomáticas e reequipar as Forças Armadas. O país teria que declarar a guerra ao eixo. O 28 de março de 1945 teve estado público o decreto de declaração de guerra. Mas isto geou uma reação interna negativa. “Los aliadófilos y liberales asintieron de buen grado por la decisión gubernamental, pero vieron en ella a la presión externa como la razón de su implementación. Los nacionalistas, por su parte, se sintieron traicionados y los pocos que aún apoyaban al movimiento juniano decidieron sumarse a la oposición” (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.41). A 9 de abril se iniciam de novas as relações com países que não tinham reconhecido ao governo argentino.

²⁹⁰ “Un *flirt* hubiera podido ignorarse, y los veinticinco años de diferencia entre ellos podrían haber despertado sutiles comentarios; sin embargo, la presentación en sociedad fue una trasgresión que alimentó el encono de sus enemigos castrenses” (SIDICARO, 1996, p.27-30).

Suprema²⁹¹. Luna (1971, p.212) afirma que “[n]unca vivió la Argentina un clima tan pareció al de la guerra civil” para descrever o estado de tensão reinante em momentos em que a 9 de outubro de 1945, finalmente, um setor dos militares obriga a que Perón renuncie a todos seus cargos. Mas Perón conseguiu poder efetuar um discurso de despedida aos trabalhadores, desde a sede da STP que foi transmitido por radio em cadeia nacional²⁹², onde deu a entender que seu deslocamento colocaria em perigo os benefícios que a classe operária tinha obtido durante sua gestão. Entretanto uma marcha da oposição em Plaza San Martín o 12 de outubro tinha polarizado os antagonismos, culminando com refrega, feridos e um morto.

Estes fatos foram alarmando aos setores operários, ao igual que a noticia na 14 de outubro que Perón tinha sido detido e trasladado à ilha Martín Garcia. O receio operário crescia diante da indefinição sobre qual seria o rumo futuro em matéria trabalhista e social. O deslocamento de Perón tinha produzido um vazio político, já que não estava satisfeita a oposição civil e os militares que o afastaram não possuíam projeto algum²⁹³. Sem rumo claro, se lhe encomendou ao Procurador da Corte, Juan Álvarez, a formação de um gabinete de ‘notáveis’, que foi encarada com a parcimônia de uma rotineira mudança de gabinete (TORRE, 1995a, p.52). Sabendo que Perón estava na Capital internado no Hospital Militar, trabalhadores se mobilizaram a 17 de outubro em seu apoio desde o cordão industrial da Grã Buenos Aires para o Plaza de Maio. Exclamavam “sem galera e sem bastão, somos operários de Perón” e se negavam a se retirar «até que chegue Perón». Se negando o novo ministro de Guerra, o geral Avalos, a expulsa-los pela força, Perón foi liberado trás longas negociações e retomou o poder formando um novo gabinete. À noite, finalmente, Perón se dirigiu aos trabalhadores: “La presencia del coronel hablando a sus partidarios se transformó en la imagen de una nueva realidad que emergía de manera inesperada para muchos: ‘desde ese 17 de

²⁹¹ “Esta exigencia, que se traduciría en bandera de lucha de la oposición ‘liberal’ y ‘democrática’, será rechazada en bloque por las Fuerzas Armadas, a pesar de las divergencias manifiestas entre muchos de éstas. En realidad, los hombres de armas no estaban dispuestos a aceptar la propuesta de los políticos, muchos porque no podían consentir que los esfuerzos de la revolución desembocaran en tan tremendo fracaso, otros simplemente porque ello significaba una humillación histórica a la institución armada” (RORÍGUEZ LAMAS, 1983, p.48).

²⁹² A radio será um instrumento fundamental na chegada de Perón às capas populares. “A partir de mediados del año 1944, con el pretexto de difundir el ideario de la revolución, las emisiones de la red nacional de radiodifusión hacían apología de Perón y exaltaban su figura” (ROUQUIÉ, 1982, p.50).

²⁹³ “La crisis ministerial y la indecisión de los jefes militares, sumadas a las irrisorias pretensiones de las agrupaciones opositoras, semejava a un estado anárquico donde las respuestas a los graves interrogantes y la solución a los problemas urgentes chocaban en una maraña de intereses y alternativas contrapuestas” (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.54).

octubre la sociedad se dividió en dos' (SIDICARO, 1996, p.35). Em meio deste quadro pitoresco de desconcerto e desorientação, se gerava uma virada radical na política argentina com a incorporação das massas operárias ao cenário político (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.49).

Perón passou a se preparar para participar nas eleições presidenciais que foram convocadas para fevereiro de 1946. Sem base própria, Perón armou seu apoio com o Partido Laborista, recém formado por sindicalistas, e um pequeno setor da União Cívica Radical que decidiu seguir-lo, chamado Junta Renovadora, que incluía a seu companheiro de chapa, Hortensio Quijano²⁹⁴. Em frente, liderados pela fórmula Tamborín-Mosca da UCR, estavam os demais partidos (Socialista, Democrata Progressista e Comunista) unidos na União Democrática e convencidos que Perón não podia ganhar uma eleição livre. Se bem apresentavam um programa socialmente avançado, o ponto chave de sua campanha era a defesa da democracia sob o lema “Pela liberdade, contra o nazismo”²⁹⁵. Adicionalmente, contarão com a colaboração do Departamento de Estado onde se encontrava Spruille Braden quem quando esteve como embaixador norte-americano no país liderou uma intensa campanha contra o governo ‘nazista argentino’ que foi muito bem-vinda pela oposição²⁹⁶. A 12 de fevereiro

²⁹⁴ “Una amalgamada combinación de conservadores y nacionalistas completaba la coalición peronista. FORJA, la organización de jóvenes intelectuales radicales, voluntariamente se disolvió y sus miembros se unieron a las filas del peronismo. Aquellos ultraderechistas que se habían distanciado de Perón cuando la Argentina rompió relaciones diplomáticas con el Eje volvieron al redil. La ALN, cuyos jóvenes militantes habían servido de fuerza civil de choque del gobierno desde el mes de agosto, se enrolaron en la cruzada con gran celo a pesar de su desdén por el proceso electoral” (PAGE, 1984, T.I, p.167).

²⁹⁵ No ato de fechamento da sua candidatura, Perón responderia (1973b, p.189): En nuestra patria no se debate un problema entre «libertad» o «tiranía», entre Rosas y Urquiza, entre «democracia» o «totalitarismo». Lo que en el fondo del drama argentino se debate es, simplemente, un partido de campeonato entre justicia social e injusticia social”. La Prensa, tradicional jornal, diría a diciembre 28 de 1945: “No podemos, colocados en este trance, permanecer indiferentes. No se juega en este caso la preeminencia en el gobierno o la conquista del mismo, por uno u otro de nuestros partidos tradicionales. Se juega algo más que una cuestión partidaria: se repite aquí la lucha que ha tenido para bien de la humanidad, su definición victoriosa en Europa, y que está librando en el país una batalla decisiva; es la democracia contra el totalitarismo, el respeto a la dignidad de la persona humana y sus derechos esenciales, contra la absorción del individuo y de sus bienes por el Estado”; a cita é de Peña (1986a, p.88-89), que comenta: “La dignidad humana exigía que los obreros no tuviesen vacaciones pagas. Darles un sueldo anual complementario era ya la barbarie totalitaria. Tal era la filosofía de la burguesía argentina. Los legistas, que no faltaban en la Unión Democrática, demostraron abundantemente que el decreto sobre aguinaldo y vacaciones era anticonstitucional. Los obreros no dejaron de advertir que la Unión Democrática –sin excluir al partido Comunista– se oponían a las mejoras que Perón les concedía”.

²⁹⁶ Braden arribou em maio de 1945 à Argentina como embaixador norte-americano. “A poco de tomar posesión de su cargo se puso en contacto con las figuras más representativas de la oposición al régimen militar. Su arrollante personalidad lo convirtió en poco tiempo en el representante más acabado de la oposición, asumiendo como propia la misión de restaurar el sistema constitucional argentino. Para ello, no desaprovechó oportunidad en criticar y censurar la política del gobierno juniano al que consideraba una deformación latinoamericana del nazi-fascismo” (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.45-46). “El 30 de junio de 1945 un grupo de políticos exiliados, integrantes de los partidos que luego formaron la Unión

de 1946, pouco antes das eleições, o Departamento divulga sua publicação “Consultas entre as Repúblicas Americanas respeito à situação Argentina”, conhecida como o *Livro Azul*, que desvelaria as conexões nazistas dos militares argentinos e que se difundiria em todo o continente. “A prensa antiperonista, que incluía à maioria dos diários da capital e as províncias, dedicou mais espaço ao Livro Azul que a qualquer outro acontecimento desde o fim da guerra” (POTASH, 1985, T.II, p.70). Perón acusou a Braden de ser o ‘inspirador, criador, organizador e chefe verdadeiro da União Democrática’ e transformou a eleição em ‘Braden ou Perón’, publicando o último dia da campanha uma resposta para mostrar a ingerência de Braden em assuntos argentinos e seu nexos com a UD, titulado ‘*Livro Azul e Branco*’. A disputa eleitoral também virou áspera a raiz da sanção em dezembro de 1946 do decreto que estabelecia um aumento salarial, a extensão das férias pagas à maioria dos trabalhadores, o aumento das indenizações por despedida e a criação do salário anual complementar (aguinaldo), que Perón tinha anunciado em seu discurso de despedida. Argumentando inconstitucionalidade, os empresários se negaram a pagar-lo; os operários a 8 de janeiro de 1946 ocuparam tendas e fábricas. Os patrões fecharam seus estabelecimentos três dias em janeiro embora acabassem se repregando²⁹⁷.

Finalmente, a 24 de fevereiro de 1946, logo de uma intensa disputa, Perón ganha as eleições com o 54% dos votos, ante a incredulidade do frente opositor, assumindo a presidência a 4 de junho de 1946. Embora tivesse um apoio fundamental de setores do exército e da Igreja, o novo o constituiu a participação dos setores populares: “El mapa electoral que emergió de los comicios tendió a reflejar, quizá como nunca antes, las principales fracturas de la sociedad. En las grandes concentraciones urbanas el electorado obrero se volcó en masa en favor de Perón mientras que la oposición recogió sus votos en las clases medias y altas” (TORRE, 2002, p.38). Como afirma Del Campo (2005, p.223), os inimigos de Perón atribuíram a vitória eleitoral à “gigantesca campaña

Democrática, emitieron una declaración que elogiaba la ‘intervención’ de Braden en la Argentina y establecía la doctrina de la presunta existencia de un ‘derecho de intervención’, al que desde la Conferencia de San Francisco debía aceptarse como una nueva norma internacional.” (BUHRUCKER, 1987, p.320). “Para la oposición, Braden era el aliado que desembarcaba – ¡al fin! – en playas argentinas para dirigir la operación definitiva contra el nazismo vernáculo. Para los sectores que en seguida rodearon a Braden, el totalitarismo, arrasado ya en Europa, subsistía aún en dos países del mundo, por lo menos: Japón y la Argentina. De Japón se encargaba Mac Arthur; de la Argentina, Braden” (LUNA, 1971, p.78).

²⁹⁷ “Accediendo a las necesidades electorales del frente opositor, cuyo triunfo prometía acabar legalmente con el controvertido decreto, optaron por pagar el aguinaldo. La comprensible irritación de los partidos de la Unión Democrática ante el golpe electoralista del gobierno hizo que también ellos cuestionaran las medidas mismas. Esa reacción contribuyó a definir su lugar en la confrontación, diluyendo el perfil socialmente progresista de su plataforma electoral” (TORRE, 2002, p.37).

de dos años para la que dispuso de todos los recursos oficiales y, sobre todo, del uso irrestricto de la radio. Olvidaban, sin embargo, que del otro bando estaban casi todas las instituciones (partidos políticos, organizaciones patronales y de profesionales, universidad, gran prensa), con el apoyo manifiesto de la primera potencia mundial”. Por isso, quando cada 17 de Outubro grandes concentrações acudirão novamente ao Plaza de Maio para lembrar o que entendiam como uma grã gesta popular, responderão afirmativamente à pergunta de Perón se o povo estava satisfeito com seu governo.

O projeto Perón

“En la década de 1940 el país se partió en dos. La mayoría de los integrantes de uno y otro bloque fundaba sus opciones en hechos; unos – los más a la hora de votar – adhirieron a la igualdad social; los otros, apenas menos numerosos, se decidieron por la defensa de la libertad. (...) Un hombre se convirtió en símbolo de la división. En sus acciones, sus partidarios reconocieron al hacedor de una mayor igualdad social, que seguramente hubiesen conseguido sin él; sus adversarios, en cambio, lo vieron como el principal responsable de la pérdida de libertades, muchas de ellas inexistentes antes, y extraviadas con frecuencia después de él” (SIDICARO, 1996, p.9-10).

Nascido em Lobos, Província de Buenos Aires o 8 de outubro de 1895, Juan Domingo Perón, fez a sua aparição pública timidamente com o golpe militar de junho de 1943. Até esse momento, era uma figura desconhecida - salvo entre seus pares que lhe reconheciam, particularmente, sua capacidade docente. Tinha tido uma pequena participação no golpe de Estado que derrocou a Yrigoyen em 1930. Depois, recebeu cargos de maior importância, como ajudante de campo de dois ministros de Guerra entre 1932 e 1936, ano que foi nomeado agregado militar em Chile. Entre fevereiro de 1939 e janeiro de 1941, designado numa missão de estudos militares, Perón esteve em Europa e resultou impressionado pela Itália de Mussolini e pela devastação da guerra civil espanhola. De volta ao país, é enviado a Mendoza, antes de retornar a Buenos Aires e começar a se destacar no GOU. Com a toma de poder pelos militares é designado secretario do Ministro de Guerra Edelmiro Farrell²⁹⁸. Mantendo esse cargo assumirá a presidência do Departamento Nacional do Trabalho, que a 27 de novembro de 1943 virá Secretaria de Trabalho e Previsão, sendo nomeado titular a 1º de dezembro. A visão de Perón ao chegar ao governo em 1943 não diferia no fundamental de outros militares e/ou nacionalistas. Também estava influenciado por alguns autores alemães que

²⁹⁸ “Si su propósito era ganar poder en el seno de las fuerzas armadas, su cargo le brindaba excelentes posibilidades; desde allí podía influir en los ascensos y en la ubicación en puestos clave de los oficiales del GOU o, al menos, de los más próximos al él por amistad o por afinidad política” (SIDICARO, 1996, p.23).

promulgavam que a preparação para a guerra era integral já que era uma tarefa da sociedade inteira. Em seu livro de 1932 *Apuntes de historia militar*, Perón cita o conceito de ‘Nação em armas’ do marechal prussiano Colmar vom der Goltz e a idéia de guerra total de Count Schlieffen, que afirmava que um país tem a opção de se armar para sua defesa ou sofrer ser conquistada por outro²⁹⁹. Isto implicava que a preparação para a guerra era uma tarefa que a sociedade inteira devia fazer permanentemente porque uma guerra pode começar em qualquer momento. As idéias Perón iam nessas linhas, como o expressara em sua famosa conferencia ‘Significado da Defesa Nacional desde o ponto de vista militar’, ao 10 de junho de 1944 na Universidade de La Plata.

“Las dos palabras ‘Defensa Nacional’, pueden hacer pensar a algunos espíritus que se trata de un problema cuyo planteo y solución interesan o incumben únicamente a las fuerzas armadas de una nación. La realidad es bien distinta. En su solución entran en juego todos sus habitantes; todas las energías, todas las riquezas, todas las industrias y producciones más diversas; todos los medios de transporte y vías de comunicación, etc., siendo las Fuerzas Armadas únicamente (...) el instrumento de lucha de ese gran conjunto que constituye ‘la Nación en armas’ (PERÓN, 1973a, p.71).

Mas os militares foram incorporando preocupações que excediam o estritamente castrense. Uma questão central era a evolução da indústria doméstica por razões de defesa. No período anterior essa preocupação castrense se tinha manifestado por meio do general Enrique Mosconi propulsor de YPF, e continuou nos anos 30³⁰⁰. A Segunda Guerra intensificou as preocupações militares nesse sentido dadas as elevadas dependências em importar para se prover de artigos manufaturados. Se bem as Forças Armadas. estavam preocupadas pela indústria armamentista, a raiz de dita interpretação do conflito bélico, sustinham uma estratégia industrializadora integral. “La conciencia industrialista de este grupo sabía que no hay industria posible sin el correspondiente mercado y en un cuadro de radios geopolíticos de influencia ellos entendieron que la Argentina industrializada debería venderle a Paraguay, Uruguay, Bolivia y Chile” (GARCÍA LUPO *apud* CIRIA, 1971, p. 41). Tinha importância também a situação dos

²⁹⁹ “El concepto de la «Nación en armas o guerra total» emitido por el mariscal von der Goltz en 1883 es, en cierto modo, la teoría más moderna de la defensa nacional, por la cual las naciones buscan encauzar en la paz y utilizar en la guerra, hasta la última fuerza viva del Estado, para conseguir su objetivo político” (PERÓN, 1973a, p.73).

³⁰⁰ “Así, en la *Revista Militar* aparecieron varios artículos del capitán R. Marambio (1936-1937) y del coronel Manuel Savio (1942) en los que se destacaba la importancia de las industrias metalúrgicas y siderúrgica para la soberanía nacional. Entre otras cosas Marambio pedía el perfeccionamiento técnico de los obreros argentinos, una lucha más decidida contra el analfabetismo, la alteración de las leyes impositivas y la ‘argentinización’ de los grandes capitales extranjeros afincados en el país” (BUCHRUCKER, 1987, p.303). Nessas linhas, Perón diria na mencionada conferência “Las armas, municiones y otros medios de lucha, no se pueden adquirir ni fabricar en el momento en que el peligro nos apremia, ya que no se encuentra disponibilidad en los mercados productores, sino que es necesario encarar fabricaciones que exigen largo tiempo” (PERÓN, 1973a, p.78).

setores populares já que em condições de vida pobres não poderiam exercer as funções que o Exército considerava que lhes correspondia. Consideravam que estes se encontravam submergidos numa pronunciada apatia provocada por um sistema político viciado pela fraude da restauração conservadora, e a excessiva dependência econômica com Grã Bretanha (CIRIA, 1971, p.35). Assim, desde o alarme pela defesa nacional os militares estavam inquietos pela ‘questão social’. Perón também se preocupará pela situação dos setores populares³⁰¹. Altamirano (2001, p.25) afirma que Perón utiliza o término ‘massas’ (tanto em plural quanto em singular) recorrentemente para expressar “antes que nada, los trabajadores, la ‘masa trabajadora’, un dato inherente a la sociedad moderna que el Estado debe integrar” já que essas ““sin organización, son un hecho amenazador”. Na mencionada exposição aos setores patronais, Perón (1973a, p.158) afirmaria: “Las masas obreras que no han sido organizadas presentan un panorama peligroso, porque la masa más peligrosa, sin duda, es la inorgánica”.

Aparecem dessa forma questões essenciais do projeto peronista. Por um lado a necessidade de impulsionar formas de organização. “Librada a sí misma, a su espontaneidad, la sociedad es desordenada y ese desorden es amenazador: amenaza la integridad del ‘cuerpo social’ y la unidad nacional. Sin organización, la sociedad se precipita en la disolución y la anarquía” (ALTAMIRANO, 2001, p.23)³⁰². Disto desprendem-se suas críticas à democracia liberal: “De modo que la insistencia de Perón en la creación de organizaciones representativas de los diferentes grupos era una respuesta a la creciente brecha entre los cuadros dirigentes y las bases de las agrupaciones sociales” (WALDMANN, 1981, p.54). Assim, por um lado, como muitos outros militares, a superioridade outorgada à instituição castrense se devia a que se encontrava organizada. Perón (1973a, p.49) manifestaria aos trabalhadores a 1º de maio de 1944 que “la organización interna del ejército está concebida con un auténtico

³⁰¹ “Como muchos de sus compañeros de armas, Perón debió percibir la realidad social del país en los lugares del interior en que prestó servicios. La década de 1910 fue especialmente conflictiva y Perón, teniente desde 1915, participó de varias comisiones militares enviadas a regiones con huelgas y enfrentamientos sociales a fin de restablecer o asegurar el orden. Algunos autores destacaron una temprana vocación para conciliar conflictos laborales y escuchar los reclamos de los sectores más desvalidos a partir de alguna de esas experiencias. En cambio, otros resaltaron su participación en la represión militar de las protestas obreras” (SIDICARO, 1996, p.12).

³⁰² “En esta concepción de lo social, que a veces Perón figuraba con el símil tradicional del cuerpo y otras con el de la máquina y sus engranajes, las asociaciones profesionales asumían el papel de representar las partes, las funciones del organismo colectivo, y el Estado, que había abandonado la abstención, encarnaba el punto de vista de la totalidad. No había, en cambio, lugar legítimo para los partidos y los políticos, que aparecían exteriores al organismo social, asociados a la división artificial y a la pugna mezquina, la ‘politiquería’” (ALTAMIRANO, 2001, p.23-24).

sentido orgánico-social y es una cátedra ejemplar de disciplina, de camaradería, de patriotismo, de jerarquía y de respeto”³⁰³. Assim, instará a todos os setores sociais – começando pelos grêmios e associações patronais – a que melhorem a sua própria organização. Este projeto que logo denominará ‘comunidade organizada’ era uma instancia que permitiría superar a luta de classes que destrói a nação³⁰⁴: a 2 de dezembro de 1943 ao anunciar o início da ‘era da política social’ o expressava assim:

“La vida civilizada, en general y la economía, en particular, del mismo modo que la propia vida humana, se extinguen cuando falla la organización de las células que la componen. Por ello, siempre he creído que se debe impulsar el espíritu de asociación profesional y estimular la formación de cuantas entidades profesionales conscientes de sus deberes y anhelantes de sus justas reivindicaciones se organicen, de tal manera que se erijan en colaboradores de toda acción encaminada a extender la justicia y prestigiar los símbolos de la nacionalidad, levantándolos por encima de las pugnas ideológicas o políticas” (PERÓN, 1973a, p.31)³⁰⁵.

Mas Perón destacará particularmente a organização operária por ser a base de seu projeto, “pues no podemos ir a preguntar a cada uno de los obreros cuáles son sus necesidades y cuál la obra que nosotros debemos realizar. Para ello necesitamos la organización obrera”, admitindo que os operários necessitavam demonstrações concretas. “Creo que las reivindicaciones, como las revoluciones, no se proclaman y se cumplen, sencillamente. Y ese cumplimiento, que nos llevó siempre a preferir los realizadores a los teorizantes, fue la consigna rígida a la que ajustamos nuestra acción estatal. He sido fiel a ella, porque entiendo que mejor que decir es hacer y mejor que prometer es realizar” (PERÓN, 1971, p.16; p.18). Só assim, lhe manifestava ao jornal *La Nación* em 1944, entendia possível que “todos los hombres de trabajo, patronos, empleados y obreros, establezcan una tregua en las disensiones que pudieran tener y acepten los principios de justicia social que la STP establece en aquellos casos en que hay que remediar urgentemente las más groseras injusticias” (PERÓN *apud* DEL CAMPO, 2005, p.233). Uma vez que os setores sociais se encontrem organizados

³⁰³ Já ante uma assembléia de trabalhadores ferroviários a 9 de dezembro de 1943 Perón (*apud* BUCHRUCKER, 1987, p.304) tinha declarado que: “El mejor sindicato, el gremio más poderoso y mejor organizado somos nosotros los militares (...) Por eso al aconsejarles, lo hago con el conocimiento profundo de la Historia y con la decisión de que ustedes puedan imitarnos para conseguir la cohesión y la fuerza que hemos conseguido nosotros”.

³⁰⁴ “La lucha de clases no puede ser considerada hoy en ese aspecto que ensombrece toda esperanza de fraternidad humana. En el mundo, sin llegar a soluciones de violencia, gana terreno la persuasión de que la colaboración social y la dignificación de la humanidad constituyen hechos, no tanto deseables cuanto inexorables. La llamada lucha de clases, como tal, se encuentra en trance de superación” (PERÓN, 2004, p.43).

³⁰⁵ “Nosotros, en esta organización, no necesitamos ni la disciplina militar ni la eclesiástica. Necesitamos la disciplina política, que es distinta a todas las disciplinas (...) ¿Qué es la disciplina política? Cada hombre, aun dentro de la masa, obra individualmente, porque es una disciplina confiada a su conciencia y no a la voluntad de uno que manda y que dirige todos los actos” (PERÓN, 1971, p. XV).

surgirá a importante função de coordená-los, necessidade que se desprende da concepção de ‘Defesa Nacional’ mencionada dado que “las características de la guerra moderna imponían la necesidad de una preparación coordinada de todas las actividades del país y la movilización de la opinión popular, unificada tras los objetivos de la lucha” (ALTAMIRANO, 2001, p.24). Isto conduz à importância do Estado como ente coordenador que, ao coroar a estrutura organizativa social, é quem saberia melhor que ninguém equilibrar e/ou arbitrar conflitos e disputas. Perón (*apud* CAMPIONE, 1996, p.25; p.102) declara que por “la creciente complejidad de la economía industrial, la estéril dispersión política e ideológica, el juego de ambiciones desmesuradas (...) son todos factores que no pueden quedar librados a su propia gravitación”, pelo que declara que “el Estado se reserva a su vez el derecho de jugar una función conciliadora”. Assim, o Estado devia se ocupar de uma serie de funções que lhe asseguravam uma superioridade sobre as agrupações sociais. Devia funcionar como árbitro entre elas, devia coordenar as suas ações, encaminhá-las para objetivos nacionais comuns e devia estar em condições de mobilizar também, por sua conta, os meios necessários para alcançar esses objetivos (WALDMANN, 1981, p.54).

Para que o Estado pudesse exercitar a tarefa de coordenação social era indispensável um condutor geral que não tinha poder absoluto se não certo predomínio para a faculdade de dirigir (WALDMANN, 1981, p.52-53). Essa função a devia cumprir o líder, cujas características para Perón se distinguem das do caudilho³⁰⁶; ao afirma que o condutor “es de carácter militar, pero es aplicable a la política” (PERÓN, 2006, p.129)³⁰⁷. Na realidade, essa concepção social de Perón se poderia considerar como uma transposição de conceitos da esfera militar para a sociedade inteira. Assim, afirma que a política “é uma disciplina do coração baseada na compreensão e na persuasão, não nas ordenes nem nas obrigações; a separação entre o ‘governo’ e o ‘mundo ou a direção’”. Por isso é que “la persuasión y el convencimiento de la gente son más importante que el mando; la disciplina política es muy distinta a la militar y no tan rígida” (PERÓN, 2006, p.110)³⁰⁸. Essa tarefa, evidentemente, ele reservava para se mesmo³⁰⁹. O projeto de

³⁰⁶ “El Caudillo improvisa, mientras que el conductor planea y ejecuta; el caudillo anda por entre las cosas creadas por otros, el conductor crea nuevas cosas; el caudillo produce hechos circunstanciales, mientras que el conductor sobrevive en lo que organiza y pone en marcha, por eso el caudillo actúa inorgánicamente y el conductor organiza, venciendo al tiempo y perdurando en sus propias creaciones. El caudillismo es un oficio y la conducción es un arte” (PERÓN, 1971, p.130-31).

³⁰⁷ “Conducir es un arte y el artista nace, no se hace” (PERÓN, 1971, p.XVI).

³⁰⁸ “Perón adoptó esas ideas e inmediatamente después de su acceso al poder comenzó a reformar el sistema político de acuerdo con el modelo militar...sistema jerárquico centralista. El presidente, que

Perón se canalizava nos modelos que o exército, nacionalistas e a Igreja apresentavam como opção entre alternativas extremas que ofereciam a democracia liberal e o comunismo. Em se, o marxismo era visto como uma resposta compreensível ao desafio colocado pela ‘exploração exagerada do antigo regime capitalista’ (BUCHRUCKER, 1987, p.330)³¹⁰.

Perón partía de dos comprobaciones: la primera era que las masas obreras se encontraban, o bien desorganizadas, o bien controladas por sindicatos generalmente dirigidos por la extrema izquierda; la segunda, que la legislación social era prácticamente inexistente y que las legítimas reivindicaciones de los trabajadores quedaban sin respuesta. La insensibilidad y la ceguera de las clases dirigentes junto a ‘la agitación comunista’ podían llevar al país al borde de una guerra civil como la española. (...) El plan de acción de Perón incluía tres objetivos: realizar una política social generosa, ‘organizar a las masas’ en los sindicatos, de los que serían excluidos los ‘extremistas’, e instaurar un Estado fuerte capaz de terminar con la lucha de clases y de hacer respetar sus decisiones por las partes en pugna” (ROUQUIÉ, 1982, p.50).

Sendo constante seu rechaço ao comunismo, Perón utilizaria o término «capitalismo», para sociedades onde o Estado não impõe limite aos mais fortes contra os mais fracos pelo que há ausência de uma rede de resguardos sociais³¹¹. Como afirma BUCHRUCKER (1987, p.328) na doutrina peronista não se negava a essencial funcionalidade de empresários e dirigentes econômicos, mas se reservava ao movimento e ao Estado o direito de definir seu lugar na sociedade: um lugar que aparecia como modesto em comparação com outras épocas. Ao falar de ‘Justiça social’ Perón denunciava o simples fetichismo do crescimento econômico, sinalando que não podia se falar de ‘riqueza nacional’ se pretendia se obterla a custa do ‘bem-estar econômico individual dos trabalhadores’ “Buscamos suprimir la lucha de clases, suplantándola por un acuerdo justo entre obreros y patronos, al amparo de la justicia que emane del

estaba al frente de tal sistema era, en el fondo, un supremo comandante político. Sus ministros y asesores políticos cumplían las funciones del estado mayor y la administración estatal equivalía a los cuadros de oficiales responsables de transmitir las órdenes centrales. El papel de la tropa, que debía obedecer y ejecutar las órdenes, era desempeñado por el pueblo” (WALDMANN, 1981, p.143).

³⁰⁹ “Las cualidades carismáticas de Perón, en tanto líder, se ponen de manifiesto en el heterogéneo origen de sus seguidores, que provenían de grupos tan disímiles como la clase obrera, el clero, las fuerzas armadas, parte de la clase media y sectores de la burocracia estatal. Hasta los opositores políticos de Perón atestiguan que su encanto personal era extraordinario, al igual que su habilidad, su elocuencia y su cortesía” (WALDMANN, 1981, p.59).

³¹⁰ “En 1945 sucumbió el fascismo y el nacionalsocialismo y con ello quedaron triunfantes el capitalismo imperialista y el comunismo, no menos imperialista. La justicia y la libertad poco cambiaron con ello y el mundo siguió casi como antes, con sólo un cambio de grupos beligerantes y el sometimiento y la esclavitud de la mitad del mundo detrás de la Cortina de Hierro y de la otra mitad detrás de la Cortina del Dólar” (PERÓN *apud* BUCHRUCKER, 1987, p.330).

³¹¹ “El capitalismo fue el vehículo de un siglo pasado, injusto pero que permitió ‘ir tirando’ con el sacrificio de los más y el beneficio de los menos, hasta desembocar en el alzamiento progresivo de las mayorías populares sumergidas” (PERÓN *apud* BUCHRUCKER, 1987, p.328).

Estado” (PERÓN, 1971, p.237). Outro aspecto de sua formação castrense que também afetará sua ação política é o traslado de certos conceitos. “La lucha política es lo mismo que la lucha militar, económica, etc. Varían los medios y las formas; pero la lucha es siempre la misma. Son dos voluntades contrapuestas, a las que corresponden dos acciones contrapuestas”. (PERÓN, 2006, p.29-30). Essa influência se manifestava, por exemplo, na terminologia por ele empregada, como ‘inimigo’, ‘traidor’, ‘estratégia’, ‘táctica’, ‘luta’, ‘batalha’, ‘triufo’, ‘Victoria’, ‘retirada’, ‘vítima’, ‘bandeira’, etc. (WALDMANN, 1981, p.143-144). Essa influência seria significativa no método com o qual Perón efetuava ‘a luta política’. Em primeiro lugar, precisaria constantemente de definir um inimigo. Se quando se fez cargo da STP o constituía o comunismo, quando passou essa etapa para se abocar à obtenção da liderança nacional, esse rol correspondeu ao «capitalismo» e à «oligarquia». Assim, como explica Wasserman (2001, p.361), Perón tinha uma imagem dual do «inimigo». Diria Perón (1973a, p.209):

“Se ha pretendido hacer creer al pueblo que la oligarquía (...) estaba formada por sabios, por ricos y por buenos. Hay que observar que los sabios rara vez han sido ricos, y los ricos rara vez han sido buenos. Sin olvidar que ni sabios ni buenos han encontrado un lugar entre los políticos criollos”.

Perón sustinha que o domínio da ‘oligarquia’ tinha sido possível pela desorganização, isto é, a debilidade dos outros setores. Se a maioria lograva articular seus interesses em grandes organizações sobre a base da ‘solidariedade’, estavam dadas as condições para o funcionamento de uma democracia autêntica e evitar o perigo do comunismo. “Yo personalmente soy sindicalista por antonomasia y como tal anticomunista, pero creo que debe organizarse el trabajo en forma sindical, de modo que los trabajadores y no los dirigentes y agitadores sean los que aprovechen los mayores beneficios del esfuerzo que hacen” (PERÓN *apud* ROUQUIÉ, 1982, p.39). Contra os «poderosos economicamente»³¹², diria Perón (*apud* BUCHRUCKER, 1987, p.328) o 7 de agosto de 1945:

“Es natural que contra estas reformas se hayan levantado ‘las fuerzas vivas’ que otros llaman ‘los vivos de las fuerzas’. (...) ¿En qué consisten esas fuerzas? En la Bolsa de Comercio, quinientos que viven traficando con lo que otros producen; en la Unión Industrial, doce señores que no han sido jamás industriales; y en los ganaderos, señores que, como bien sabemos, desde la primera reunión de los ganaderos, vienen imponiendo al país una dictadura”.

³¹² “Pero tampoco escapaban a la crítica de Perón los nacionalistas ultraconservadores, con sus concepciones de una sociedad jerárquica. Sobre ellos decía que eran ‘intelectuales legitimadores de toda las injusticias’ que hacían una mezcla de platón, cristo y el capitalismo y predicaban ‘humildad’ al pobre pidiendo luego ‘limosnas’ al rico. Esta sería ‘la filosofía de la miseria de los hipócritas’” (BUCHRUCKER, 1987, p.328-329).

Um participante principal para a injustiça social na Argentina era o ‘capitalismo externo’. “En nuestro país los gobiernos se conformaron siempre con realizar el gobierno político y nunca realizaron el gobierno económico (...) Eso lo hacía algunas organizaciones bursátiles y las cámaras de comercio extranjeras que tenían una influencia preponderante sobre la economía argentina” (PERÓN *apud* BUCHRUCKER, 1987, p.329)³¹³. Os interesses externos se tinham aliado na Argentina com «a oligarquia» para obter dela suas riquezas. Assim, liberar ao país das amarras estrangeiras e internas que possibilitavam essa subtração do país compunha a liberalização nacional e repartir esses recursos entre todos os grupos sociais constituía seu programa de justiça social. Tratar-se-ia da instauração da ‘democracia social’, que substituiria a ‘democracia liberal’ das ‘minorias’. “Para Perón lo económico no debía autonomizarse de lo social y ambos de la autoridad del Estado, órgano de la voluntad política y depositario de la unidad” (ALTAMIRANO, 2001, p.25). Sob essa concepção as associações dos capitalistas podem servir ou estar em contra do ‘interesse nacional e popular’, segundo qual seja sua postura. “A través de la armonía de clases, las asociaciones de industriales y empresarios cumplen un papel importante en el país, siempre que no contraríen la tutela superior y la orientación del Estado” (PERÓN *apud* CIRIA, 1971, p.56). Por isto que para Perón resultava fundamental a organização já que permitiria que o Estado pudesse tutelar os interesses e garantir a unidade e a eficácia na ação coletiva³¹⁴. O primeiro passo seria obter o apoio dos trabalhadores, redefinindo o mundo sindical apartando a influência comunista e dos ‘agitadores’ para que logo pudesse concertar acordos com os capitalistas também organizados sob o guarda-chuva tutelar do Estado. Esse caminho começaria quando se fez cargo do DNT e em inumeráveis discursos Perón exortaria às classes mais baixas a se organizar³¹⁵. Se bem

³¹³ “Como expresión extrema del capitalismo individualista era interpretada la política exterior de los Estados Unidos (...) se caracterizaba por ‘manejar los gobiernos dóciles mediante la presión económica y la amenaza política’. El apoyo interno...dado por ‘las oligarquías nacionales’ (...) Hasta 1943 la Argentina habría vivido en esa situación, gobernada por ‘agentes’ de intereses extranjeros (...) la estructura original del Banco Central: ‘un organismo al servicio absoluto de los intereses de la banca particular e internacional’” (BUCHRUCKER, 1987, p.329).

³¹⁴ “Los patrones no debían recelar de la acción reparadora que él había emprendido y que sólo buscaba el establecimiento de un trato justo entre capitalistas y asalariados bajo el control del Estado. Únicamente la avidez y el egoísmo de quienes quisieran seguir prosperando con la injusticia podían oponerse a la obra de la Secretaría de Trabajo y Previsión. Tampoco debían temer a la sindicalización obrera: la estructura sindical encauzaba impulsos y reclamos que de otro modo serían inorgánicos y anárquicos, es decir, amenazadores para la unidad nacional” (ALTAMIRANO, 2001, p.23).

³¹⁵ Contra a opinião de aqueles que enfatizam o projeto corporativista em Perón, Torre (2002, p.27-28) sostiene: “No estaba, sin embargo, en el cálculo político de Perón dirigir sus propuestas hacia la creación de un sistema corporativista. De hecho, él habría de estar entre los primeros dentro de la elite revolucionaria en darse cuenta de que con el triunfo de los ejércitos aliados llegaba el fin para las

como observa Waldmann (1981, p.55-57) “la complejidad institucional del Estado liberal de derecho, quedaba reducido a un único eje de relación, el diálogo entre el Ejecutivo, por una parte, y los grupos sociales claves, por otra (...) simplificación de las estructuras del sistema político [que] fue así acompañada por una tendencia al control autoritario”, por outro, como también destaca o mesmo autor, Perón conseguiu concretizar por vias legais a maioria de seus planos e só em raras oportunidades Perón violou os limites da legalidade. O 17 de outubro de 1950, ao apresentar “As 20 Verdades do Justicialismo”, Perón afirmou que este era “una nueva filosofía de la vida, simple, práctica, popular, profundamente cristiana y profundamente humana” (SI, 1996, p.75). Para ele, era uma estrutura aberta, capaz de desenvolver se no tempo: “las doctrinas no son eternas sino en sus grandes principios, pero es necesario ir adaptándolas a los tiempos, al progreso y a las necesidades” (Perón, 2006, p.61). Nesta labor se pedia a colaboração ‘de cada um dos justicialistas argentinos’. Com o adjetivo ‘popular’, Perón expressava tanto a origem da doutrina – à que interpretava como síntese das convicções da maioria – como seus objetivos, centrados em ‘o povo’ e em especial em ‘os trabalhadores’. (BUCHRUCKER, 1987, p.325).

Perón e a Secretaria.

Mais consciente que qualquer outro militar do caráter explosivo da situação social (ROUQUIÉ, 1982, p.39), Perón (*apud* BUCHRUCKER, 1987, p.302).comentaria do impacto que lhe produz o contacto com os setores populares quando prestou serviço na cidade de Paraná: “Allí vi por primera vez, las miserias fisiológicas y sociales. En un país con 50 millones de vacas, más del 30% de los conscriptos eran rechazados por debilidad constitucional (...) Este impacto sobre mi sensibilidad de entonces estaba destinado a perdurar toda mi vida”³¹⁶. Seu trato da ‘questão social’ é a principal

alternativas no democráticas al comunismo. Con esa convicción, a comienzos de 1945, encabezó el ajuste del régimen militar a los nuevos tiempos. En el mes de marzo la Argentina aceptó el reclamo de los Estados Unidos y declaró la guerra a Alemania e Italia, con vistas a romper el aislamiento diplomático y lograr la admisión en las Naciones Unidas. En el plano interno, los admiradores locales del nacionalsocialismo perdieron sus cátedras en la enseñanza oficial, las libertades públicas fueron restablecidas, los partidos volvieron a la legalidad y se convocó elecciones presidenciales para 1946”. Por sua parte, Waldmann (1981, p.53-54) afirma que “Quizá Perón previera a largo plazo un orden político muy semejante al modelo del Estado corporativo; pero su objetivo inmediato era otro. En primer lugar le interesaba captar a esa masa amorfa de población que se había establecido en la periferia de los centros urbanos (...) Con su insistencia en que el pueblo se organizara en asociaciones, Perón no sólo procuraba lograr un mayor control político sobre esos estratos marginales, sino que intentaba crear las condiciones para que los organismos estatales pudieran apoyarlos de manera sistemática”.

³¹⁶ “En 1917 y 1919 el teniente Perón prestó servicio con su tropa en dos localidades santafesinas afectadas por huelgas. Allí mostró una actitud conciliadora hacia los obreros, hecho que, por otra parte, no desentonaba con la línea general de la política yrigoyenista entonces imperante más allá de los

diferença entre a sua trajetória e a dos demais militares que acederam ao governo em junho de 1943. Começou a sua estratégia a 27 de outubro de 1943, quando se fez cargo do DNT, dependência criada em 1907 que só se dedicava à reunião e classificação de material estatístico, e que nos 30 tinha estado envolvida na repressão a sindicatos³¹⁷. Se a ‘questão social’ já era uma preocupação tanto dos militares como da Igreja e dos nacionalistas populistas, a partir de sua ação começa outra história (CASAL, 1971, p.114). Quando a 1º de dezembro de 1943 essa instituição teve seu status elevado para se transformar na STP³¹⁸, Perón estabeleceu novos parâmetros que regeriam ‘a questão social’:

"Con la creación de la Secretaría de Trabajo y Previsión se inicia la era de la política social argentina. Atrás quedará para siempre la época de la inestabilidad y del desorden en que estaban sumidas las relaciones entre patrones y trabajadores. De ahora en adelante, las empresas podrán trazar sus previsiones para el futuro desarrollo de sus actividades, tendrán la garantía de que, si las retribuciones y el trato que otorgan a su personal concuerdan con las sanas reglas de convivencia humana, no habrán de encontrar por parte del Estado sino el reconocimiento de su esfuerzo en pro del mejoramiento y de la economía general y por consiguiente del engrandecimiento del país. Los obreros, por su parte, tendrán la garantía de que las normas de trabajo que se establezcan, enumerando los derechos y deberes de cada cual, habrán de ser exigidas por las autoridades del trabajo con el mayor celo, y sancionando con inflexibilidad su incumplimiento. Unos y otros deberán persuadirse de que ni bajo la astucia ni la violencia podrán ejercitarse en la vida del trabajo, porque una voluntad inquebrantable exigirá por igual el disfrute de los derechos y el cumplimiento de las obligaciones" (PERÓN, 1973a, p.31).

Pouco depois afirmaria que na STP se estava dando ‘forma ao novo direito dos argentinos’, e começava a demonstrá-lo mediante a derrogação do Estatuto das Organizações Sindicais que o próprio governo militar tinha sancionado pouco depois do

choques sangrientos de la Semana Trágica. Aquellos años fueron los del primer contacto de Perón con los conflictos sociales, y la impresión que dejaron en él parece haber sido realmente bastante fuerte. (...) no resulta aventurado afirmar que el contacto con el interior del país y con los estratos inferiores de la población, sirvió para aguzar la mirada de Perón y de otros oficiales como él en todo lo relativo a la realidad social” (BUCHRUCKER, 1987, p.302-03).

³¹⁷ “No tardó mucho en modificar lo que fuera una vieja repartición burocrática en un verdadero ministerio con amplios poderes, convirtiéndola en un canal fluido de comunicación entre el gobierno militar y la clase trabajadora” (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.43). “No obstante, este Departamento señalaba en abril de 1943 que “...en general, la situación del obrero en la Argentina ha empeorado, pese al progreso de la industria. Mientras diariamente se realizan grandes ganancias, la mayoría de la población está forzada a reducir su estándar de vida” y que “la distancia entre los salarios y el costo de vida aumenta continuamente. La mayor parte de los empleadores se niegan a otorgar aumentos de salarios” citado por Casal, (1971, p.11-12).

³¹⁸ A criação da STP incluía a sob a sua órbita muitos organismos e serviços (Direção Nacional de Saúde Pública e Assistência Social, Caixa Nacional de Aposentadorias e Pensões, Câmara de Alugueis, Comissão Nacional de Casas Baratas, Comissão Assessora da Vivenda Popular, Junta Nacional para Combater a Desocupação, Direção de Imigração, Comissão Honorária de Redução de Índios, Tribunal Bancário com delegações regionais em todo o país). “Perón ya tenía en sus manos la herramienta fundamental para el desarrollo de su planes” (DEL CAMPO, 2005, p.194).

golpe, e que mais tarde qualificaria de totalitário³¹⁹; Perón alentaria que os trabalhadores lhe façam chegar a suas demandas. Os dois anos na frente da STP são fundamentais para explicar o curso posterior da Argentina já que, como o próprio Perón sinalaria em suas Memórias, foram a etapa decisiva para a formação do movimento peronista, tanto em sua faz pratica quanto no aspecto teórico (BUCHRUCKER, 1987, p.316)³²⁰. Tratando aos líderes operários em forma amigável como não o tinham sido desde as esferas públicas, declarando que a STP era a casa dos trabalhadores, Perón se dirigiu a eles a través de um estilo bonachão e uma linguagem simples; sua imaginação, dinamismo e loquacidade contrastavam com a circunspeção triste e retórica vazia de seus camaradas de armas (ROUQUIÉ, 1982, p.40). O sindicalista Cipriano Reyes, diría que antes “nos atendían con la policía adelante, intimidándonos” e que a chegada de Perón “barrió con la brutalidad patronal” (SENÉN GONAZÁLEZ, BOSOER, 1995, p.12; p.13). Além disso, Perón fez diversas demonstrações de ser colocar do lado dos trabalhadores: “El ‘nosotros’ asumió en forma paulatina una mayor identificación con los sindicatos” (SIDICARO, 1996, p.30). Se ao intervier na ‘questão social’ a situação sindical com o governo militar era tão tensa que, como assevera Luna (1971, p.48-49), estava a ponto de explodir numa violenta greve geral³²¹, a identificação os grêmios foi tão rápida que antes de começar 1944 já tinha sido batizado ‘o primeiro trabalhador argentino’ por Doménech, sindicalista ferroviário.

“Comencé a conversar con los hombres, a ver cómo pensaban, cómo sentían, qué querían (...) cuáles era sus aspiraciones y cuáles eran las quejas del pasado. Fui recibiendo paulatinamente (...) toda esa inquietud popular. Después que percibí eso, hice yo una apreciación de situación propia, (...) Llegué a una conclusión y comencé una prédica, para llevar la persuasión a cada uno de los que me escuchaban sobre qué era lo que había que hacer. Lo que había que hacer era parte de lo que ellos querían y parte de lo que quería hacer yo” (PERÓN, 2006, p.237)³²².

³¹⁹ Perón suspendeu a aplicação do decreto sobre associações profissionais do dia 20 de julho que estabelecia a proibição da atividade política aos sindicatos e fortes controles sobre seu funcionamento.

³²⁰ Perón declarou anos depois que ele não tinha criado a ‘doutrina justicialista’, se não que a tinha ‘extraído do povo’, e que não era mais que seu ‘interprete’. “Dejando de la lado el toque romántico que esas frases encierran, no puede negarse que hasta cierto punto la historia de la Secretaría de Trabajo corresponde a esa interpelación” (BUCHRUCKER, 1987, p.317).

³²¹ “Ya han terminado para siempre los oscuros y tristes días en que para no hacer justicia social se enfrentaba a los trabajadores con el Ejército. Hoy el Ejército y el trabajo son ramas de un solo árbol: una, los trabajadores que elaboran la riqueza; y la otra, nosotros, los soldados, que la custodiamos (...) no estamos contra el capital, sino que queremos que desaparezca de nuestro país la explotación del hombre por el hombre, y que cuando ese problema desaparezca, igualemos un poco las clases sociales para que no haya, con he dicho ya, en este país, hombres demasiado pobres ni hombres demasiado ricos” (PERÓN, 1973a, p.116).

³²² Posteriormente, Perón (1989, p.107) explicaría. “La Secretaría de Trabajo y Previsión, era ya una verdadera “asamblea permanente” de trabajadores y dirigentes. A todos se los escuchaba y a todos se les daba una solución. O por lo menos, se dejaba bien en claro que intentábamos dársela. Así nació, una

Os grêmios comprovavam que o trato cordial de Perón ia acompanhado de benefícios concretos. Com aqueles que se negaram a aceitar a sua proposta, em geral os sindicatos dominados por socialistas o comunistas, exerceu métodos duros para submetê-los procurava fortalecer lideranças internas menores dentro dos sindicatos por meio de suas conexões³²³. Em quanto isso, Perón (1973a, p.88) foi instando aos sindicatos a que se organizarem, conforme faziam os militares, já que a STP não podia «funcionar sin que ustedes estén perfectamente organizados...les pido...que se organicen»³²⁴. Assim, a popularidade de Perón se expandia rapidamente³²⁵. Trás assumir a STP, Perón rapidamente modificou a línea de política trabalhista do governo militar revertendo a intervenção sobre um grêmio ferroviário como solicitava o sindicato³²⁶ e resolvendo uma greve dos frigoríficos em Berisso aumentando salários, utilizando o mecanismo de convenção coletiva de trabalho e liberando ao dirigente comunista José Peter. Esse foi o inicio de uma intensa atividade que se traduz em melhoras para os setores populares. O nível salarial cresceu e se beneficiou por controles sobre preços e alugueis, se determinaram disposições de proteção e seguro trabalhista (referidas a despido, horário de trabalho, anos de trabalho e férias anuais) incluindo normas reguladas em contrato respeito a enfermidade e acidentes de trabalho; e a organização de serviços médicos, culturais e desportivos; também se estabeleceria um sistema de retiro de aposentadoria que permitia que os operários se aposentassem

corriente de confianza entre nosotros, que el tiempo se encargó de demostrar hasta qué punto era verdadera”.

³²³ “Los favores de Perón tenían, desde luego, una intencionalidad política: no era tan generoso cuando consideraba que las concesiones no eran capaces de conquistar el favor de algún gremio, y mantenía excluido a los sectores socialistas” (GERCHUNOFF, LLACH, 2007, p.167).

³²⁴ “El mejor sindicato, el gremio más poderoso y mejor organizado somos nosotros, los militares. Somos los únicos que han podido conseguir el sindicalismo perfecto a través de los siglos. Por eso al aconsejarles lo hago con el conocimiento profundo de la historia y con la decisión de que ustedes puedan imitarnos para conseguir la cohesión y la fuerza que hemos conseguido nosotros” (PERÓN *apud* DEL CAMPO, 2005, p.204).

³²⁵ Em palavras de um metalúrgico “En nuestro trabajo sindical advertimos a partir de 1944 cosas increíbles: que se hacían cumplir las leyes laborales incumplidas en otra época; que no había necesidad de recurrir a la justicia para el otorgamiento de vacaciones (...) los patrones estaba tan desconcertados como asombrados y alegres los trabajadores (...) No funcionaba [la STP] como una regulación estatal por encima de las clases; en el orden sindical, actuaba como un aliado estatal de la clase trabajadora” (*apud* DEL CAMPO, 2005, p.210). Monsalvo, dirigente obrero, el 1º mayo 1944 afirmava “estamos en presencia de conquistas obreras que indican a la nación un avance de cincuenta años en su legislación, alcanzado tan sólo en unos cuantos meses debido a la obra emprendida por este gobiernos, sin precedentes en nuestra historia” (DEL CAMPO, 2005, p.253).

³²⁶ “Perón entró en contacto con los sindicatos por primera vez en julio de 1943, cuando se encontró con Juan A. Bramuglia, abogado de la Unión Ferroviaria, el poderoso sindicato del riel, gracias al teniente coronel Mercante, que era hijo de un ferroviario. Cuando se declaró la caducidad de las autoridades del sindicato y se designó a un militar para administrarlo, sus dirigentes apelaron ante el gobierno a través del conciliador coronel Perón. El resultado no se hizo esperar: el teniente coronel Mercante reemplazó al capitán de fragata que era interventor y devolvió sus cargos a los sindicalistas destituidos tomando la defensa del sindicato contra su predecesor” (ROUQUIÉ, 1982, p.40).

cobrando um valor quase equivalente ao último salário. (WALDMANN, 1981, p.155). Perón foi estendendo o rol do Estado como regulador das relações entre patrões e trabalhadores; também desmantelaria a CGT N°. 2, controlada por comunistas, e resistente a sua proposta, enquanto estreitava os laços com a mais numerosa CGT N°. 1 em mãos de sindicalistas não radicalizados.

A aproximação de Perón com os operários era só uma parte de seu projeto. A outra consistia em se acercar aos empresários. Em setembro de 1944 afirmaria “No olvidamos tampoco a las fuerzas patronales, porque ellas representan la grandeza de la Patria y no queremos tampoco que los patrones puedan sentirse amenazados por peligros inexistentes” (PERÓN, 1971, p.16). A aproximação começa já ao assumir o DNT, em novembro de 1943, quando se encontra com a UIA e expressa a seu titular Luís Colombo que será o braço direito de sua gestão: “Una repartición como el DNT no podría ir a ninguna parte sin que su obra contare con la colaboración y con la buena voluntad de ustedes (PERÓN *apud* DEL CAMPO, 2005, p.201). Colombo responde afirmando que “los industriales argentinos jamás se han negado a favorecer la sanción de leyes obreras, que fueran razonables y oportunas. Sus protestas fueron provocadas por el proselitismo electoralista generado por esa legislación y por el hecho insólito de que nunca fueron escuchados” (TORRE, 1995a, p.29-30). Desta maneira, a relação inicial dos dirigentes industriais com Perón foi positiva³²⁷. Perón (*apud* DO CAMPO, 2005, p.225) sostuvo que “Los hechos están disuadiendo a quienes erróneamente pensaban que la acción social del gobierno de la revolución se reducía a contemplar y satisfacer las necesidades de un grupo de la colectividad y no a armonizar el conjunto. La acción de la STP comenzó clase obrera, siguió con la clase media y empieza a cobrar realidad en estos momentos la tercera etapa que completa el ciclo: el de la formación de los sindicatos patronales o de las denominadas «fuerzas vivas»”. Mas, na realidade, a política da STP irá gerado um distanciamento. Em setembro de 1944 em ocasião do Dia da Indústria, se bem a UIA continua expressando seu apoio à STP, incomodada pelo projeto de criar um sistema nacional de aposentadoria, afirma sua esperança de que as soluções aos problemas sociais se encontrem “dentro del concepto de orden y

³²⁷ “*Argentina Fabril*, el órgano oficial de la Unión Industrial Argentina, destacó en 1943 las ‘ideas claras y razonadas que expresaba [Perón], demostrando estar al corriente de las causas que provocan los conflictos entre el capital y el trabajo’. Un mes antes, el diario *La Nación* había elogiado las propuestas sobre la intervención del Estado en los problemas sociales expresadas por el todavía poco conocido coronel” (SIDICARO, 1996, p.25).

posibilidades económicas, porque sería poco alentador que, por la precipitación de quienes han de beneficiarse, se edificara sobre la arena” (TORRE, 1995a, p.30).

Para esse momento dois acontecimentos tinham debilitado as pretensões de Perón de se aproximar aos setores patronais. Por um lado, a sanção do Estatuto do Peão. Perón (1972, p.26) afirmaria para justificar a norma que a situação dos peões “había llegado, en ciertas oportunidades, a ser una forma disimulada de esclavitud” declarando que quem não podia pagar como corresponde ao peão devia vender seu campo. Mas assim entrou num terreno que os grandes fazendeiros consideravam de sua exclusividade. Por exemplo a Confederação de Sociedades Rurais afirmaria que “el Estatuto del Peón elimina la jerarquía del patrón para dejar a merced de los peones o de cualquier agitador profesional” (LUNA, 1971, p.144). Por sua parte, a SRA asseveraria: “No se puede silenciar su protesta ante algunas expresiones, publicadas en estos días, en que se ha comentado el Estatuto del Peón y en las que aparecen los estancieros como seres egoístas y brutales que satisfacen sus inhumanos sensualismos a costa de la miseria y del abandono en que tienen a quienes colaboran en sus trabajos” e que “El trato que reciben los peones es humano y considerado; los alimentos que comen son sanos y abundantes y el sueldo o jornal constituye una justa retribución” (CÚNEO, 1984, p.128)³²⁸. No famoso discurso de Perón a 25 de Agosto de 1944 na Bolsa de Comércio de Buenos Aires. Perón se apresentou como defensor do capitalismo³²⁹ e argumentou que ao reorganizar os sindicatos sob seu controle reduziu seu perigo contra os setores empresariais, deixando-os fora do alcance dos comunistas como tinha sucedido com a Concordância³³⁰. Concluiu afirmando que “Un obrero necesita su sueldo para comer, habitar y vestirse. Lo demás debe dárselo el Estado. Y si el patrón es tan bueno que se

³²⁸ “El trabajo de campo, trabajo en extensión, por lo general y a la intemperie, por su propio índole, fue y es de acción personal del patrón. Este actúa, con frecuencia, con los peones en la labor común, la que acerca a las personas y establece una camaradería de rato que algunos pueden confundir con el que del amo al esclavo, cuando en realidad, se parece más bien al de un padre con sus hijos” (SRA, 1944, *apud* CUNEO, p.128).

³²⁹ “Se ha dicho, señores, que soy un enemigo de los capitales, y si ustedes observan lo que les acabo de decir no encontrarán ningún defensor, diríamos, más decidido que yo” (PERÓN, 1973a, p.165).

³³⁰ “El Estado está realizando una obra social que será cada día más intensa, eso le ha ganado la voluntad de la clase trabajadora con una intensidad que muchos de los señores quizá desconozcan, pero yo, que viajo permanentemente y que hablo continuamente con los obreros, estoy en condiciones de afirmar que es de una absoluta solidaridad con todo cuanto realizamos. Pero lo que sigue primando en las clases trabajadoras es un odio bastante marcado hacia sus patrones... Si el Estado es el que realiza la obra social, él es quien gana la voluntad de los trabajadores, pero si los propios patrones realizan su propia obra social, serán ellos quienes se ganen el cariño, el respeto y la consideración de sus propios trabajadores... si yo fuera dueño de una fábrica, no me costaría ganarme el afecto de mis obreros con una obra social realizada con inteligencia... El hombre es más sensible al comando cuando el comando va hacia el corazón que cuando va hacia la cabeza. También los obreros pueden ser dirigidos así” (PERÓN, 1973a, p.166-67).

lo da, entonces comenzará a ganarse el cariño de su propio obrero, pero si él no le da sino su salario, el obrero no le va a dar tampoco nada más que las ocho horas de trabajo” (PERÓN, 1973a, p.167). Nos empresários os argumentos de Perón não produziram efeito. Suas críticas não tratam meramente de questões econômicas, como custos laborais que as medidas de Perón lês estariam gerando. Apontam mais bem a assuntos de ordem e hierarquia social. Numa apresentação a 29 de dezembro de 1944 ao governo, a UIA (*apud* CÚNEO, 1984, p.147) se refere à "indisciplina que necesariamente engendra en los establecimientos, el uso más generalizado de cierta terminología que hace presentar a los patrones en una posición de prepotencia y a cada arreglo, no como un acto de justicia sino como una conquista, que de ser necesario los trabajadores sabrían defender con la fuerza. Trátase de palabras y conceptos mal asimilados, semejantes a los que usaban los viejos organizadores socialistas durante la primera faz del gremialismo obrero". Os empresários passaram a boicotar toda solicitude de cooperação de Perón, como a exortação do dia 15 janeiro de 1945³³¹. Perón se queixaria deste comportamento, mas estava em curso uma confrontação³³².

Paradoxalmente, como destacam vários autores, um processo que começou proclamando a unidade nacional concluiu na mais profunda divisão e no mais radical enfrentamento que tinha conhecido o país durante o século XX. Se bem estava sendo rechaçado pelos empresários, Perón procurou continuar seu projeto se acercando a grupos da UCR e conservadores com intenção de liderar uma fórmula eleitoral: “reuniendo las piezas de la gran coalición con la que se proponía presidir, sostenido por el apoyo del ejército y la bendición de la Iglesia, la Argentina de posguerra. Concebido de ese modo, su proyecto político terminó en un fracaso” (TORRE, 2002, p.28). Os partidos políticos se juntaram com associações patronais, meios da imprensa, grupos universitários e setores militares num frente contra o próprio Perón. Ante esse acontecimento, deveu optar por uma das forças e proceder a uma progressiva redefinição de seus inimigos. Isto o levou de passar, em seus discursos, de vilipendiar às ‘ideologias estranhas’, ‘políticos ruins’ e ‘agitadores assalariados’ e pôe em seu lugar

³³¹ A 18 de janeiro de 1945 ante uma Assembléia de industriais no Congresso da Nação, Perón (1973b, p.42) manifestou: “Cierta vez realicé una visita a la Unión Industrial Argentina; en la misma dije lo que franca y realmente pensaba de esa meritoria organización que hace tanto años rige la asociación de la industria argentina. Luego de esa visita he solicitado siempre, insistentemente, una colaboración franca, leal y sincera que todavía espero”.

³³² “El intento de formar una organización patronal oficialista se había iniciado demasiado tarde: el régimen militar, jaqueado por el aislamiento internacional y la creciente oposición interna, ya no inspiraba miedo ni parecía destinado a durar mucho tiempo. De hecho, había comenzado a ceder” (DEL CAMPO, 2005, p.236)

aos ‘egoísmos injustificados’, ‘interesses mesquinhos’ e ‘a oligarquia’. Apresenta aos trabalhadores as conquistas logradas como sendo só o começo de outras muito mais vastas e importantes mas sob o perigo de desaparecer com o triunfo do inimigo (DEL CAMPO, 2005, p.221). Isto é, ante o rechaço que recebeu de todos os demais setores, Perón reformulou seu projeto para baseá-lo nos trabalhadores, o único que o apoiava.

“Entre el proyecto original y este que emergía en medio del hostigamiento de las clases medias y altas había una diferencia capital, el sobredimensionamiento del lugar político de los trabajadores que, de ser una pieza importante pero complementaria en una colación de orden y paz social, se transformaron en el principal soporte de la fórmula política de Perón” (TORRE, 2002, p.30).

Nessa nova versão de sua estratégia Perón endureceu sua postura, ao menos discursivamente, contra o setor patronal. Assim, bem em seu estilo enfatizou: “Dividimos al país en dos categorías: una, la de los hombres que trabajan, y la otra, la que vive de los hombres que trabajan. Ante esta situación, nos hemos colocado abiertamente del lado de los hombres que trabajan” (PERÓN, 1971, p.9). Declarou que existiam Estados que eram ditaduras do proletário e outros do capital, sendo que a Argentina vinha, historicamente, pertencendo ao segundo grupo. Por isso, pretendia a instalação de uma forma nova que corresponderia à verdadeira democracia e fora de ditas ditaduras, já que o Estado poderia governar sem pressões ou interferências³³³. Além, alumbrou um futuro próximo com mudanças na hierarquia ao declarar que “[l]a Secretaría de Trabajo y Previsión pasara a la historia como el puente magnífico de la evolución de la burguesía al dominio de las masas” (PERÓN, 1973b, p.119), mal que lhe pese aos que “no pueden concebir que ésta sea una revolución que alcance también a los pobres, como si la justicia fuera un privilegio de la fortuna” (PERÓN, 1973a, p.210). Trás declarar «a revolução dos pobres», ameaçou: “o el capital se humaniza o es declarado indeseable por el estado y que fuera del amparo de las leyes” (PERÓN, 1973b, p.13), e prometendo que “la tarea a realizar es vastísima, pero, con todo, sólo constituye un aspecto de la magna obra” (PERÓN, 1973b, p.15), anuncia:

“El bienestar general no puede lograrse si no existe una autoridad capaz de imponerse a los que coaccionan o explotan a otros (...) También es necesario humanizar el capital. El capital ha sido injusto porque ha provocado la esclavitud económica y ha obligado a los obreros a defenderse hasta la muerte para que sus hijos no se muriesen de hambre. No permitiremos que

³³³ “La táctica del Estado abstencionista era encontrarse frente a ciudadanos aislados, desamparados y económicamente débiles, con el fin de pulverizar las fuerzas productoras y conseguir, por contraste, un poder arrollador. La contrapartida al Estado indiferente fue el sindicalismo anárquico, simple sociedad de resistencia, sin otra finalidad que la de oponer a la intransigencia patronal y a la indiferencia del Estado, una concentración de odios y resentimientos” (PERÓN, 1973a, p.30).

este capitalismo despótico triunfe (...) La revolución nacional no admitirá jamás la explotación del hombre por el hombre (PERÓN, 1973b, p.12-13).

Em seu discurso também atacou aos terratenentes procurando atrair à população rural proclamando que “los trabajadores del campo y las ciudades, han de unirse para vencer a la oligarquía. La tierra debe ser del que la trabaja y no del que la explota. Ello lo hará la reforma agraria iniciada. El obrero industrial y comercial, como el obrero campesino, deben obtener todas las mejoras posibles... O cae la oligarquía o caemos nosotros. Ese es el dilema.” Ante as críticas que recebia, declarou: "Se dice que mi prédica va siempre dirigida hacia los salarios y las condiciones de trabajo, en vez de orientarse hacia los valores morales de la población. Me explico por qué esas fuerzas prefieren los valores morales: es que a los otros hay que pagarlos" (PERÓN, 1973b, p.114). Desta maneira, apresentou uma disputa entre dois grandes bandos: “los que luchan aferrándose a su dinero y los que luchan para dar a sus hijos el pan para su cuerpo y para su espíritu; lo que significaba «el pueblo que trabaja» contra «los que defienden sus riquezas, muchas veces mal habidas» (PERÓN, 1973b, p.138). Frente ao avance de Perón, as entidades empresariais também intensificam a sua reação. A 27 abril de 1945 em protesta de um projeto que contemplava a implantação do salário mínimo, aumento geral de salários e participação nos lucros, se associa a UIA, a Câmara de Comércio de Buenos Aires e outras 60 entidades patronais para apresentar um memorial à presidência rechaçando o projeto em todos seus aspectos porque “...afecta directamente principios consagrados en la constitución sobre el derecho de propiedad y el normal ejercicio de las facultades de los poderes públicos. Trastorna fundamentalmente la estructura económica del país y el sistema en vigor de la remuneraciones al personal, introduce el germen de la indisciplina, destruye el espíritu de empresa, la aptitud creadora y subvierte todo espíritu de la jerarquía” (DEL CAMPO, 2005, p.240). Ante um conflito de trabalhadores da carne, a empresa se manteve intransigente e só cedeu por um decreto que obrigou a reincorporar-los, com o pagamento dos dias de greve. A 16 de junho houve um importante embate quando cerca de 300 associações patronais publicam o ‘Manifiesto das Forças Vivas’ que afirma (*apud* DEL CAMPO, 2005, p.246):

“Una larga serie de medidas, actitudes, resoluciones o discursos han venido convirtiendo a la agitación social en la cuestión más grave que este gobierno debe afrontar (...) Desde que se ha creado la STP -organismo cuya existencia no objetamos- se mezcla en la solución de los problemas sociales ese espíritu que denunciamos y cuya unilateralidad quiérese justificar en la necesidad de combatir y extirpar al comunismo, granjeando al gobierno los presuntos

méritos de una política social muy avanzada. No creemos feliz ese procedimiento aunque fueron aceptables todas sus soluciones, y mucho menos cuando no es fruto de un régimen y solo depende de una voluntad personal, transitoria y circunstancial"

Sentindo o impacto, Perón (*apud* LUNA, 1971, p.146) declararia que “estas fuerzas que firman el Manifiesto han representado dentro del país la eterna oligarquía económica, que ha manejado a la oligarquía política que gobernó tantos años (...) Esto hace suponer que quieren otra semana trágica. Entendida así la tranquilidad social, no hay nada que conversar. Si se trata de matar a cinco o seis mil obreros para luego obligar a trabajar como se quiera y por lo que se quiera con el objeto de asegurar veinticinco años de tranquilidad social, yo no me voy a prestar para eso”. Mas para seu estupor logo a SRA e a UIA se declarariam no mesmo sentido, e a 18 de junho a entidade rural publicaria uma solicitada em favor da liberdade econômica. Tanto a UIA como a SRA, unidas nesta luta contra as políticas da STP, em julho de 1945 se retirariam do CNP e o enfrentamento se volveria azedo quando Perón mandou a arrestar, por uns dias, aos titulares de ambas as entidades³³⁴. Logo ambas também participaram resolutivamente na massiva ‘Marcha pela Constituição e a Liberdade’ do dia 19 de setembro com o resto da oposição ao governo militar. A solicitada patronal de 16 de junho de 1945 também avivou o conflito social já que deu inicio a uma ‘guerra’ com uma serie de respostas contrarias por parte dos sindicatos³³⁵. Quatro dias depois, os sindicais efetuaram uma concentração a 12 de julho com a participação das principais organizações operárias, sob o lema ‘a defesa das melhoras obtidas pelos trabalhadores por intermédio da Secretaria de Trabalho e Previsão’. Quer dizer, “la ofensiva patronal impulsa una respuesta sindical activa que hace que los gremios dejen de lado las reservas y tensiones que tenían su relación con Perón (TORRE, 1995b, p.26). Isto constitui uma mudança fundamental no comportamento sindical já que pouco antes, em novembro de 1944, quando se tinha convocado aos trabalhadores a comemorar o primeiro aniversario da criação da Secretaria de Trabalho e Previsão, por meio de um massivo golpe de propaganda, o resultado quantitativo do esforço tinha sido

³³⁴ Na tradicional fêria rural anual Bustillo criticou duramente a Perón, pelo que foi arrestado por uns dias. Depois, em setembro, Colombo e o vice-presidente da UIA, Raúl Lamarúglia, foram arrestados uns dias acusados de participar no intento falido de golpe de Estado do ex-presidente Rawson.

³³⁵ “Prácticamente todos los sindicatos hicieron oír su voz de protesta contra el manifiesto patronal (...) la batalla comenzó entonces a ganar las calles, puesto los manifiestos fueron reproducidos en carteles murales (...) Los millares de obreros que se reunieron frente a la secretaría en la tarde del 12 de junio... parecían dispuestos a levantar su candidatura... y se sentían ya protagonistas de una gesta heroica” (GAMBINI, 1999, p.24).

decepcionante (LUNA, 1971, p.42). Contudo, o presidente do grêmio União Ferroviária Telmo Luna declararia a 1 agosto de 1945:

“que defenderemos a cualquier precio las conquistas sociales que hemos logrado, y denunciar a la opinión pública de la nación la insolencia de los sectores capitalistas que, en épocas de enormes ganancias, como se ha documentado públicamente, juegan con los intereses de todo el pueblo argentino especulando y encareciendo los productos indispensables para la vida” (DEL CAMPO, 2005, p.288)³³⁶.

Na manifestação sindical, os trabalhadores por primeira vez proclamaram “nem nazis, nem fascista: ¡Peronistas!”³³⁷. Contudo, Torre (1976, p.72) afirma que os líderes sindicalistas procuraram “evitar cuidadosamente pessoalizar sua adesão na figura de Perón”, sublinhando “«a absoluta independência» com “que o movimento operário se incorporava ao combate social”³³⁸. A atitude dubitativa dos operários, destaca o autor, não se devia unicamente a reservas com respeito à relação com Perón. Também como observa Baily, estavam preocupados por ser parte dos vitoriosos nas eleições que inevitavelmente se aproximavam para assegurar a continuidade da política social em curso³³⁹. Em consequência, em caso de que Perón não fosse uma opção “no quedaba a los líderes sindicales otro camino que el de los partidos políticos, y fue así que comenzaron las conversaciones con los radicales y los socialistas, las dos fuerzas que, por lealtades tradicionales o por los vínculos existentes en el pasado, eran más afines al movimiento obrero. En ambos casos el resultado fue negativo. Los políticos sólo se mostraron interesados en los votos, mientras que los sindicalistas, que actuaban como grupo de presión políticamente autónomo, pretendían concertar una alianza, con

³³⁶ Borlenghi sinalou o sentido político das objeções da Suprema Corte aos decretos-leis: “Ahora se han dado en decir que los gobiernos de facto no tienen facultades legislativas. Y yo respondo: cuando en el año 30 se estableció un gobierno de facto que estaba entregado amorosamente en brazos de la oligarquía, ¿han venido acaso los constitucionalistas a decir que el gobierno no tenía facultades legislativas? (...) En esta materia la clase trabajadora afirma que no tiene por qué tener escrúpulos de carácter constitucional, muy dudosos, respecto de las facultades del gobierno de facto para dar leyes en beneficio de los trabajadores). También Manuel Pichel tesorero de la CGT “No queremos los trabajadores la vuelta a la democracia falseada...estos tiempos en que la Argentina era una Jauja para la generalidad de los capitalistas no deben volver...un enfrentamiento de la clase capitalista con la clase obrera”. Ambas citas em Del Campo (2005, pp.288-89).

³³⁷“Perón necesitaba de esa evidencia de apoyo popular” (LUNA, 1971, p.148).

³³⁸ “el conjunto más amplio de los hombres de las principales organizaciones gremiales estaba sometido a presiones cruzadas. Por un lado, apoyaban a la política social, de la que, por otra parte, se sentían corresponsables, pero a medida que arreciaba la campaña opositora acusaban el impacto de esta propaganda y se volvían más sensibles a sus críticas” (TORRE, 1976, p.72).

³³⁹ “también ellos se sumaron a la demanda en favor de la libertad de los presos políticos, el fin del estado de sitio y la inmediata normalización constitucional. Esta asunción de las banderas levantadas por la oposición fue la expresión de una conciencia democrática finalmente reconciliada consigo misma, después de haber guardado un embarazoso silencio frente a las actitudes autoritarias de la administración militar pero reflejó también el cambiante signo que iba tomando la coyuntura política” (TORRE, 1976, p.72).

discusión de programas y participación en la elección de candidatos” (TORRE, 1976, p.74). A situação se complicou para os líderes operários quando Perón foi afastado em outubro de 1945 do governo já que, como explica o sindicalista Gay, “No había en el pensamiento de nadie, ni en el nuestro ni el de Perón la posibilidad de que el movimiento obrero se constituyera en una fuerza política suficientemente fuerte como para cambiar el curso de los acontecimientos: esa es la pura verdad. Quien sostenga lo contrario es porque no estaba actuando en esa época o porque no se maneja con informaciones veraces” (TORRE, 1976, p.76). Quer dizer, se considerava a Perón ‘politicamente liquidado’.

Todavía, como se viu, o curso de acontecimento se reverteria radicalmente numa semana que culminaria no dia 17 de Outubro. Isto foi possível porque os opositores não encaminharam uma saída rápida à crise, mas também porque havia no governo alegados a Perón que foram animados pela entusiasta resposta que recebeu a convocatória para o discurso de despedida de 10 de outubro³⁴⁰. Neste discurso pronunciado nas instalações da STP, que foi ‘um dos mais efetivos de toda sua carreira política’ (PAGE, 1984, T.I, p.143), Perón deixou aos trabalhadores prontos para defender-lo caso fosse necessário: “Pido orden para que sigamos adelante en nuestra marcha triunfal: pero si es necesario ¡Algún día pediré guerra!”³⁴¹. Não obstante, a pesar de tudo, Torre sinala que ainda assim muitos sindicalistas duvidavam em se jogar por Perón³⁴². O que os levou a rever a sua postura foi o novo embate contra o governo a 12 de outubro de aqueles que pretendiam que o poder público passe à Suprema Corte: “Por los personajes que estuvieron, por su tono general, la concentración de Plaza San Martín parecía un esfuerzo para la restaurar el antiguo régimen, más que buscar la normalización

³⁴⁰ “Cinco horas después de finalizada la entrevista de la calle Posadas en la que se resolvió hacer la concentración, unas setenta mil personas se habían reunido frente a las oficinas de la Secretaría de Trabajo, poniendo de manifiesto la existencia de una inquietud generalizada y, a la vez, de un eficaz aparato sindical” (TORRE, 1976, p.76).

³⁴¹ “Esta obra social que sólo los trabajadores la aprecian en su verdadero valor, debe ser también defendida por ellos en todos los terrenos. (...) También dejo firmado un decreto de una importancia extraordinaria para los trabajadores. Es el que se refiere al aumento de sueldos y salarios, implantación del salario móvil, vital y básico, y la participación en las ganancias. (...)Y si un día fuese necesario he de formar en sus filas para obtener lo que sea justo. Mientras tanto que sea la calma y la tranquilidad la que guíe los actos de los obreros para que no se perjudique esta magnífica jornada de justicia social. Pido orden para que sigamos adelante en nuestra marcha triunfal pero, si es necesario, algún día pediré guerra” (PERÓN, 1973b, p.182-84).

³⁴² “Para la perspectiva conservadora de quienes se sabían desde siempre débiles y dependientes de la tolerancia oficial, era por cierto aventurado arriesgar...en la defensa de un hombre al que se consideraba – a la luz de los hechos – políticamente liquidado” (TORRE, 1976, p.76).

constitucional” (LUNA, 1971, p.244)³⁴³. Isto levou aos líderes sindicais a se reunir com o novo Ministro de Guerra, o general Avalos, que lês comunicou que Perón não estava detido mas sob custódia por sua seguridade e com Juan Fentanes, novo secretario da STP, quem lês informou que as conquistas sociais não corriam perigo, mas que uma greve seria contraproducente³⁴⁴. Logo se reuniram com o Presidente Farrell a quem lhe manifestaram que estavam preocupados “por la forma en que se anunciaba que sería integrado el gabinete nacional con figuras todas representativas de la oligarquía tradicionalmente enemiga de los trabajadores...Le informamos que los trabajadores estamos contra la entrega del gobierno a la Corte Suprema de Justicia, y que en último término preferíamos que se nombrase un ministerio exclusivamente militar cuya misión sería preparar el terreno para la normalización constitucional, mediante la realización de elecciones libres, con todas las garantías” (SENÉN GONAZÁLEZ, BOSOER, 1995, p.20). O temor dos sindicalistas se baseava em que Fentanes tinha declarado que “[e]l Estado no tiene por función azuzar odios ni pasiones ni sustituir al trabajador en la definición de sus reivindicaciones” (TORRE, 1976, p.79)³⁴⁵, y que los empresarios le habían dicho a los obreros “Ahora vayan a pedirle a Perón que les pague el aumento prometido” (GAMBINI, 1999, p.43). Muitos industriais se negaram a cumprir o decreto do governo nacional que estipulava o pago de salários dobro no dia 12 de outubro que foi declarado feriado nacional, mas por sobre todas as cosas, afirmaria o sindicalista Silverio Pontieri, “los patrones hacían una ostentación abusiva de su poder, proclamando a todos los vientos que la obra de justicia social iniciada desde la Secretaría de Trabajo y Previsión sería arrastrada por la nueva situación” (SENÉN GONAZÁLEZ, BOSOER, 1995, p.18).

³⁴³ “la equivocada confianza de la oposición en sus propias fuerzas, su obstinada renuncia a un acuerdo con el ejército frustraron en poco días dos años de luchas, justo en el instante en que el poder estaba finalmente a su alcance. Tampoco en el gobierno surgió una conducción política capaz de imponerse a las múltiples presiones y de hallar rápidamente una fórmula de compromiso que resolviera la crisis de sucesión que siguió a la caída de Perón” (TORRE, 1976, p.77-78).

³⁴⁴ “Para los obreros, la salida de Perón restaba a ese organismo toda jerarquía; Fentanes era el hombre puesto allí por el antiperonismo. Para los empresarios lo que no servía era la secretaría misma, creada por Perón para ayudar a los obreros” (GAMBINI, 1999, p.32).

³⁴⁵ “Esa noche el nuevo secretario de Trabajo y Previsión se dirigió al país por radio para asegurar a los trabajadores que sus mejoras serían respetadas. Dejó bien claro, sin embargo, que el gobierno no iba a seguir actuando en el futuro como el abogado del sector laboral, sino que adoptaría una actitud neutral en los conflictos entre empleados y empleadores. Al recibir sus cheques semanales, muchos obreros descubrieron que no les habían pagado por el feriado del 12 de octubre, a pesar de la existencia de un decreto – que había sido emitido poco antes por la secretaría – en el sentido de que los días no laborales debían ser compensados” (PAGE, 1984, T.I, p.149).

Ante este quadro, o Comitê Central Confederal da CGT, que nessa época “não era ainda a entidade unitária, centralizada e representativa que seria mais tarde” (SENÉM GONAZÁLEZ, BOSOER, 1995, p.17), se reuniu o 16 de outubro e declarou uma greve geral para o dia 18 como “medida defensiva das conquistas sociais ameaçadas pela reação da oligarquia e o capitalismo”. Os sindicalistas estavam divididos entre os que estavam a favor de seguir negociando com o novo governo e os que queriam convocar uma greve geral, sendo que também estes últimos se dividiam sobre como se posicionar em relação à figura de Perón. Ao declarar a greve, na qual apóiam tanto sindicatos velhos como novos, se faz menção à liberação de presos ‘civis e militares por sua identificação com a causa operária’, mas não diretamente a Perón. O ambiente social culminou, como se sabe, finalmente na concentração do dia 17, alterando radicalmente a história argentina.

“la empresa política lanzada por Perón...difícilmente habría subsistido al revés del 9 de octubre, si el triunfo provisorio alcanzando entonces por la ofensiva hubiese sido luego definitivo: no tenía figuras importantes de relevo y la pérdida de control sobre el aparato estatal la privaba de un recurso que había sido central en su breve y accidentada existencia. El riesgo de la disgregación era verdadero. De allí la significación histórica del 17 de Octubre. Al rescatar a Perón del ostracismo político, la movilización de los trabajadores depositó en sus manos una nueva oportunidad para que hiciera un renovado intento (...) Sin embargo, el punto de llegada de la coyuntura reflejó sólo parcialmente sus intenciones originales.” (TORRE, 1995a, p.18-19).

Mas o período entre o dia 17 de Outubro e a eleição de Perón como Presidente no dia 24 de fevereiro de 1946 teve novas demonstrações para os operários que só possuíam uma opção. Os empresários rechaçaram o décimo - terceiro salário, pouco antes dos comícios, chegando a implantar um *lock-out* de três dias e inclusive o partido comunista chegara a se manifestar em forma contrária por ser “um fim demagógico e eleitoreiro, contrario aos interesses do povo” (GAMBINI, 1999, p.67). Ademias, a Suprema Corte invalida por inconstitucional um decreto que criava delegados regionais da Secretaria de Trabalho outorgando-lhes autoridade para multar aos empresários que violavam a lei. “Este fallo, unido a una decisión anterior aboliendo los tribunales de trabajo, hizo constatar a los trabajadores lo frágiles que serían sus conquistas en manos de un régimen poco amistoso” (PAGE, 1984, T.I, p.172). Assim, os trabalhadores não duvidaram em votar por Perón.

Em soma, neste caminho de Perón ao poder foi fundamental a mobilização dos trabalhadores e do setor sindical³⁴⁶. Na explicação deste apoio certos intérpretes desde ambos os extremos do horizonte ideológico apontam para certa incapacidade crítica por parte dos grupos populares para compreender o uso do qual estavam sendo objeto por parte de Perón. No que se refere ao comportamento dos trabalhadores existe uma visão, em grande medida propulsada por Gino Germani, que explica a cooptação em base à inexperiência política dos migrantes desde o interior que chegavam à Grã Buenos Aires. Horowitz (1988, p.102) a denomina de ‘tese ortodoxa’ e a confronta com a explicação apresentada desde alguns setores do próprio peronismo que de alguma maneira compartem estes lineamentos.

“En esencia, esta tesis sostiene que la antigua estructura sindical fue arrollada por las decenas de miles de migrantes internos de origen rural que afluyeron a las ciudades y no pudieron integrarse en los sindicatos. Según una de las variantes de esta hipótesis, el apoyo que los migrantes internos brindaron a Perón fue resultado de falta de sofisticación política, circunstancia que hizo de ellos los receptores ideales de su estilo paternalista. Los políticos e intelectuales peronistas no rechazaron los lineamientos centrales de esta hipótesis pero, en lugar de sostener que los nuevos obreros eran ingenuos, afirmaron que los migrantes internos eran más argentinos que los inmigrantes que supuestamente dominaron el movimiento obrero anterior a 1943. La idea de una ruptura total con el antiguo movimiento también resultaba atractiva porque los peronistas estuvieron siempre listos a atribuirse el mérito de haber creado el movimiento obrero en Argentina”.

Entretanto, o caráter ‘tradicional’ desses imigrantes não foi tão forte já que “el 60% de los que vivían en el Gran Buenos Aires en 1947 provenían de las provincias de Buenos Aires, Entre Ríos, Santa Fe, Córdoba y La Pampa, es decir, de las provincias más «modernas»” (DEL CAMPO, 2005, p.61). Ademais o processo que estabeleceu a relação Perón - sindicatos foi trabalhoso, embora acabasse sendo muito rápido. O movimento sindical, que já possuía um histórico combativo, se encontrava dividido em momentos da chegada de Perón à STP em três correntes, ‘sindicalista’, socialista e comunista. Essa divisão também se refletia na central operária que, tendo se constituída em 1930, estava fraturada em CGT N°. 1, de orientação ‘neo-sindicalista’ e assim mais distante de todo compromisso partidário ou ideológico, e CGT N°. 2, comandada por grupos socialistas e comunistas. Depois o setor trabalhista sofreu a transformação do intenso influxo de trabalhadores provenientes de zonas rurais para os centros urbanos.

³⁴⁶ “Casi todos los sindicatos antiperonistas parecen haber apostado su supervivencia al triunfo de la Unión Democrática (UD), porque todos ellos (...) se disolvieron formalmente o desaparecieron después del 24 de febrero de 1946 (...) Sólo sobrevivieron a la derrota electoral de la UD, entonces, aquellos sindicatos antiperonistas que reflejaban realmente la posición de la mayoría del gremio (...) Salvo estas excepciones, el grueso del movimiento sindical existente en 1943 terminó por volcar su apoyo a favor de Perón. (DEL CAMPO, 1983, p.272-273).

Em especial se expandiu a Grã Buenos Aires que chegaria a nuclear 29% da população em 1947, com “un ritmo de 66.000 nuevos habitantes por año entre 1914 y 1936, 85.000 entre ese año y 1943, y 142.000 entre 1943 y 1947, ritmo que estuvo sostenido después de 1930 fundamentalmente por la llegada de migrantes del interior (...) Dado que estos migrantes pertenecían en su gran mayoría a los sectores populares, su incidencia en la composición de éstos era aún mayor” (DEL CAMPO, 2005, p.60)³⁴⁷. Mas “[s]in tradición sindical, la mayoría quedará al margen de las organizaciones obreras, que en general se mostraron incapaces de atraerla. Sólo después de 1946 comenzarán a ingresar masivamente en los sindicatos, transformando a los viejos y dando un carácter diferente a los recientemente creados” (DEL CAMPO, 2005, p.61).

Essa migração, que se relacionava com a perda de dinamismo da economia rural e a expansão industrial desde meados dos anos 30 e que não tinha beneficiado aos trabalhadores³⁴⁸, coincidiu com momentos em que se produzia uma mudança de atitude nas orientações sindicais. “En el momento en que los sectores más radicalizados del movimiento obrero iban quedando marginados –como los anarquistas – o comenzaban a variar su actitud –como los *sindicalistas* –, y los dirigentes se veían cada vez más impulsados a entrar en el diálogo e intercambiar apoyos con el gobierno, sólo encontraron por parte de éste –salvo en la época de Ortiz – una fría y total indiferencia” (DEL CAMPO, 2005, p.91)³⁴⁹. Por outro lado, estes novos contingentes de trabalhadores, para finais da Guerra, também não tinham produzido “líderes nuevos, voceros de los trabajadores que se han incorporado recientemente a la industria” (TORRE, 1976, p.73). Pelo que os dirigentes sindicais continuaram a tradição de que “los sindicatos debían circunscribir su actividad a una plataforma estrictamente

³⁴⁷ ...no es extraño, entonces, que el porcentaje de nativos del interior del país sobre el total de la población subiera en la Capital de 9 en 1914 a 15 en 1936 y 32 en 1947, mientras que el de extranjeros bajara de 49 a 36 y 27 en los mismos años” (DEL CAMPO, 2005, p.60).

³⁴⁸ “En 1942, la distribución del Ingreso Neto Interno presenta la relación más desfavorable para los trabajadores desde 1935. La remuneración del trabajo ha caído al 43,1% contra el 56,9% para la retribución del capital. La relación de fuerzas políticas, claro, nunca fue tan adversa a los intereses de los sectores asalariados. La mayoría de las reivindicaciones obreras permanecen insatisfechas. La cantidad y el alcance de las huelgas no dejan de aumentar, pero siempre fracasan. El número de paros de duplica en 1942 con relación a 1930 y las jornadas perdidas por huelga se triplican” (ROUQUIÉ, 1998, p.333).

³⁴⁹ “Quizá la imagen de una clase obrera formada principalmente por extranjeros y en la que predominaban las ideologías antipolíticas – imagen que ya no se ajustaba a la realidad – influyó en parte para ocultar a la percepción de los políticos el potencial electoral que su creciente número representaba. Quizá la práctica habitual del fraude y la manipulación electoral los absorbía demasiado como para prever que en unas elecciones verdaderamente limpias su peso podría ser decisivo. Lo cierto es que ninguna de las dos fuerzas políticas mayores puso demasiado empeño en conseguir su apoyo”. (DEL CAMPO, 2005, p.89).

reivindicativa”³⁵⁰. Assim, ao menos que aceitaram uma orientação de grupos socialistas ou comunistas, um grande contingente dos setores populares “no encontraba canales adecuados para su participación política de ahí que acogiera con tanto entusiasmo la perspectiva abierta por Perón” (DEL CAMPO, 2005, p.93).

O conteúdo da proposta de Perón ia ao encontro com idéias fundamentais do anarco sindicalismo hispano - francês, que já tinha uma tradição não depreciável no sindicalismo argentino que Buchrucker (1987, p.318) resume em duas exigências: a) o direto de protagonismo político do sindicato (não por mediação do partido) sobre tudo através da greve geral como instrumento de ação; e b) o objetivo distante de uma administração dos meios de produção pelos próprios sindicatos. Adicionalmente, Do Campo (2005, p. 156) afirma que na divisão da CGT em N°. 1 e 2 não havia uma questão de ideológica, como vinha sucedendo no passado, se não que a principal diferença radicava em que a central N°.2 pretendia manter algum vínculo com os partidos políticos, enquanto que a N°. 1 defendia uma atitude «*neo-sindicalista*», tão só de reivindicações sindicais e boa relação com o qualquer governo. Essa nova postura sindical, vai acompanhada com novas características nos dirigentes sindicais que anteriormente tinham ficado num segundo plano ou encoberto, como ser ambições de grupos ou pessoais: “La CGT, lo mismo que los sindicatos más importantes, se habían convertido en verdaderos factores de poder” (DEL CAMPO, 2005, p.157)³⁵¹. Os grêmios tinham passado a ser dominados por uma capa burocrática, que fez que sindicatos que cambiasse a suas cúpulas por vias estatutárias fosse um acontecimento praticamente impossível ao chegar os anos quarenta (DEL CAMPO, 2005, p.160). Em base a essa fisionomia do movimento operário em momentos de que recebera a aproximação de Perón desde a STP Del Campo (2005, p.168-69) conclui que “muchos de los rasgos que caracterizarían al sindicalismo peronistas – oficialismo, vocación de participación política basada en la propia organización sindical – aparecían ya en el sindicalismo anterior” y que “lo que cambiaría desde fines de 1943 no era la actitud del movimiento obrero – y mucho menos de sus dirigentes – con respecto al poder político,

³⁵⁰ “Esta consigna en cuyo nombre los líderes sindicales resistían la tutela de los partidos obreros y se aprestaban a negociar con los diversos gobiernos, era la contrapartida – doctrinaria – de las endebles bases sobre las que había crecido el movimiento obrero” (TORRE, 1976, p.72).

³⁵¹ “Ahora los cargos directivos eran codiciosamente disputados, y no sólo en función del triunfo de una línea ideológica o de los intereses de determinada organización, sino también por el poder personal que daban a quien los ejercía” (DEL CAMPO, 2005, p.157).

sino la actitud de éste frente a aquéllos”³⁵². Os sindicatos tinham acolhido aos militares com expectativas que se evaporaram pelas medidas repressivas de Ramírez.

Incluso, embora gratamente surpreendidos pelo giro que imprimiu Perón, os dirigentes operários só em forma gradual foram aceitando a proposta dele, enquanto os de orientação comunista mantiveram seu rechaço. De acordo a Torre (1976, p.105), recém se decidiram aprofundar seu compromisso com Perón em julho de 1945, quando o movimento operário aderiu publicamente a sua gestão. As relações até então ‘tinham tido um tramite dificultoso, cheio de reservas e tensões, que só o agravamento da ofensiva das forças opositoras tinha permitido superar’. Enquanto Perón pressionava por um maior compromisso de partes dos sindicalistas, de acordo a sua necessidade de contar com um apoio popular a seu projeto de poder, este só chegou a partir de que o “reconocimiento de sus demandas, la participación en la gestión de las reformas sociales, hace empero más difícil evitar las solicitudes de Perón” (TORRE, 1995a, p.28-29)³⁵³. Segundo Del Campo (2005, p.264) “[e]l peligro de que Perón estuviera tratando de utilizar a los trabajadores para alcanzar sus propios fines no pasaba inadvertido para los militantes, pero ¿cómo oponerse a quien estaba concretando sus viejas aspiraciones?”. Quer dizer, o apoio a Perón resultou de uma análise consciente por parte de sindicalistas e trabalhadores, e não devido a sua ingenuidade ou desorganização³⁵⁴. Quando Perón foi substituído nos dias prévios a 17 de outubro, os sindicalistas procuraram estabelecer um vínculo similar ao que sentiam que tinham estabelecido com Perón com outras agrupações políticas em vista as eleições, mas vieram seus esperanças frustradas. “En las conversaciones con los socialistas y los radicales, los dirigentes obreros repropusieron, a cambio de su apoyo, participar: 1) en la redacción de los

³⁵² “si las recomendaciones de mantener el apoliticismo no eran nuevas, la idea de que el gobierno se encargaría de «formar y unir» al movimiento sindical y de que éste fuera considerado como una de las bases del estado sí lo era” (DEL CAMPO, 2005, p.191).

³⁵³ “En efecto, aunque la pasividad sindical debía necesariamente debilitar al acosado régimen militar, fue sugestivo que Perón haya tenido que tolerarla. Antes que obligar a los sindicalistas a tomar partido recurriendo a la amenaza, prefirió prudentemente fortalecer los para entonces frágiles lazos que lo unían a sus aliados sindicales redoblando las concesiones de la Secretaría de Trabajo; la más importante de ellas fue la promulgación de un nuevo estatuto sindical, que incorporaba numerosas exigencias de los dirigentes obreros” (TORRE, 1995a, p.41).

³⁵⁴ “la organización sindical más importante del país – por su número, organización y disciplina, así como por su influencia sobre las demás – fuera la primera en depositar su confianza en el coronel Perón. (...) Esto contradice, entonces, la versión habitual que presenta al peronismo asentándose sobre los sectores menos organizados y más explotados de la clase obrera, formados por trabajadores de reciente origen migratorio. Demuestra, por el contrario, cómo el reformismo pragmático practicado por Perón respondía a las necesidades y expectativas de todos los sectores de esa clase, aun los mejor ubicados, y desmiente la afirmación de que fue la falta de experiencia sindical y política la que llevó a las masas trabajadoras a apoyar a Perón, ya que no había ningún gremio en que esa experiencia fuera más sólida que entre los ferroviarios” (DEL CAMPO, 2005, p.255-56).

programas electorales para incorporar sus reivindicaciones; y 2) en la formación de las listas electorales, para garantizar la presencia sindical en el Parlamento. En ambos casos, los resultados fueron negativos³⁵⁵ (...) lo que condenó, desde un principio, las negociaciones fue que tanto los socialistas como los radicales estaban convencidos de su popularidad, del éxito inminente del movimiento de resistencia” (TORRE, 1995a, p.39-40). Este erro de apreciação se deveu, precisamente, ao fato de que na inesperada ressurreição de Perón tiveram uma grande participação os dirigentes operários. Embora Perón “dimite, desoyendo los consejos de sus más cercanos colaboradores que lo incitan a resistir” (TORRE, 1995a, p.44), a idéia do discurso de despedida, que logo demonstrou ser chave para o regresso triunfal de Perón partiu dos líderes sindicais³⁵⁶. A versão posterior de 17 de Outubro valoriza essa jornada como uma reação espontânea dos trabalhadores, inclusive com uma grande participação a Eva Perón; sem embargo estudos posteriores reverteram essa interpretação e negam a importância da futura esposa de Perón. Uma imputação que se faz em favor desta idéia é que a CGT recém se tinha decidido efetuar uma greve para o dia 18 de outubro. Contudo, Torre sinala que isto não invalida que ela teve um papel essencial para provocar a mobilização.

“Sin duda, que los trabajadores hayan tomado las calles un día antes prueba que la central obrera no estuvo entre los principales instigadores de la movilización. Pero concluir de aquí que los aparatos sindicales no jugaron un papel, nada de la reconstrucción que hemos hecho lo confirma. La CGT no era entonces, es preciso recordar, la entidad representativa que sería más tarde; por lo que su falencia no deber ser vista como si entrañara la del conjunto de las organizaciones obreras. Hemos indicado ya que la preparación y la canalización de la movilización obrera estuvo a cargo de varios sindicatos, federados y autónomos...la declaración de la huelga general...sirvió para comunicar a los sindicatos que estaban en estado de alerta desde el 15, y a los trabajadores en general que formaban parte de un vasto movimiento colectivo, dándoles así el impulso para pasar a la acción” (TORRE, 1995a, 74-75).

Outras investigações destacam que o corte que produz o ingresso de Perón no mundo sindical foi menos profundo do que se estabeleceu em primeira instancia. “Los dirigentes sindicales de la era neoconservadora (1930-43) le proporcionaron a Perón gran parte del decisivo apoyo de los primeros momentos. Por lo tanto, no debería sorprender el hecho de que algunas concepciones fundamentales perpetuaran dos rasgos que habitualmente se consideran peronistas: la disposición a cooperar con el gobierno y

³⁵⁵ Segundo o dirigente gremial Luis Gay «ellos sólo querían que nosotros les diéramos nuestros votos” (TORRE, 1995a, p.39, n.10).

³⁵⁶ “Perón, todavía bajo el impacto del súbito revés que parecía condenar definitivamente su aventura política, aceptó la propuesta y comenzaron los preparativos para concretarla, sin sospechar ni uno ni otros que con ello ponían en movimiento el motor de una reacción popular que en pocos días habría de revertir la dirección del proceso político” (TORRE, 1995a, p.48).

la preocupación por ocuparse por el bienestar social de los afiliados sindicales” (HOROWITZ, 1998, p.101). Gaudio e Pilone (1988a, p.30) sinalam que um estudo do âmbito trabalhista resgata um conjunto de fenômenos que permitem estabelecer *indiscutíveis vinculações entre o período anterior com o peronista*, em relação a uma nova etapa vinculada à industrialização que surge desde meados da década do trinta que derivou num significativo crescimento da agitação social cuja manifestação foi a atividade grevista. Concluem que os resultados que se obtiveram da mobilização estão longes de refletir um movimento operário sumido numa experiência de luta francamente negativa, e que “la forma en que tuvo lugar la resolución de los conflictos, se advierte un fenómeno relativamente novedoso – el predominio de la ‘transacción’– lo cual revela el *desarrollo de una clara tendencia a la negociación*”. Assim afirmam que na etapa anterior a 1943 já se tinha produzido um desenvolvimento considerável da negociação coletiva, a qual tinha lugar num marco de relações trabalhistas preferentemente autônomo, acompanhado por ações por parte do Estado, as quais permitem inferir o desenvolvimento de formas específicas de intervenção social³⁵⁷.

“La clase obrera no fue ajena ni reacia a los proceso indicados en los puntos anteriores. Por un lado, su accionar estuvo en el origen (y, por lo tanto, entre las causas principales) del propio desarrollo de tales acontecimientos. Por el otro, fue protagonista e intentó beneficiarse – en parte, lográndolo – a través de los nuevos elementos del contexto. (...) La imagen de una clase trabajadora sistemáticamente frustrada en sus reivindicaciones puede, hasta cierto punto, ser aceptada si se compara el período 1935-1943 con los años que le antecedieron” (GAUDIO E PILONE, 1988a, p.23).

Torre (1995c, p.293) declara que a premissa de abstenção política para restringir a ação sindical ao terreno das lutas econômicas e se manter independente dos partidos tinha começado a impor se progressivamente nos anos 20 em nome da própria subsistência de um movimento sindical frequentemente desagregado pelas disputas ideológicas, ante a influência da corrente sindicalista e as frustrações ante suas táticas³⁵⁸. “Esa disposición a la negociación no implica, en verdad, la aceptación del

³⁵⁷ “La apreciación del período previo que queda así configurada es la de un Estado no intervencionista en materia laboral o bien caracterizado por su presencia inoperante, incapaz de modificar las relaciones vigentes en el mercado de trabajo. La clase obrera es percibida, genéricamente, en una situación de manifiesto deterioro económico, cuando no de franca pauperización o «explotación desnuda». Las organizaciones gremiales son caracterizadas por su autonomía, su cuestionada inserción en las bases obreras, su limitado éxito y/o poder tanto con respecto al gobierno como en relación a los sectores empresarios” (GAUDIO E PILONE, 1988a, p.23).

³⁵⁸ “Atrás ha quedado la gran efervescencia social de las dos primeras décadas del siglo, alimentada por la protesta de una masa inmigrante que se volvía contra la experiencia proletaria que le aguardaba al final del viaje emprendido para escapar la pobreza de la Europa meridional. Durante esos años iniciales, luchas sociales y choque cultural se confunden explosivamente y encuentran su expresión en el llamado a la huelga general por parte del anarquismo. Hacia fines de la década de 1920 la corriente inmigratoria se ha

sistema político existente, al que rechaza igualmente. Ella está dirigida más bien a buscar un trato directo con funcionarios claves del aparato estatal, para plantear ante ellos los intereses corporativos del trabajo” (TORRE, 1995c, p.296-97). Mas essa fórmula sindicalista que tinha encontrado com os governos radicais, finalmente, uma resposta vê como trás a restauração conservadora de 1930 perde as vantagens do acesso indireto ao Estado que tinha começado a desfrutar³⁵⁹.

Mas seria um erro limitar a explicação dos sindicatos e trabalhadores no fenômeno peronista como se baseando única ou principalmente por fatores econômicos, embora estes foram essenciais. Em 1944, afirma Rouquié (1982, p.50), “Perón ya significaba mucho más que Perón. Encarnaba...una política social lúcida, cínica tal vez, pero original, que trascendía a su propia persona”. Por sua parte, para Baily (1984, p.89) “[a] fines de 1944, la CGT y muchos de los principales gremios apoyaban a Perón y al Estado porque ambos habían otorgado al movimiento obrero un nuevo status en la sociedad”. Perón gerou este apoio não só pela igualdade econômica mas também por suas afirmações que elevavam o valor social dos trabalhadores³⁶⁰. Incluso, Gaudio e Pilone (1988a, p.47) explicam que as baixas taxas de greves experimentadas em 1944 e 1945, mais que refletir sobre o nível de mobilização e/ou participação dos trabalhadores nesses anos, revela os efeitos que teve a instauração do novo ordenamento ‘legal’ sobre o nível dos conflitos abertos, já que obrigava às partes a recorrer à instancia oficial antes de realizar qualquer medida de força. Os grêmios encontraram na proposta de Perón um mecanismo de integração social que tinham perdido. Assim, “la revolución de Perón se dedicó a algo más que las meras conquistas económicas, y el presidente continuó satisfaciendo por muchos medios la demanda expresada por los trabajadores de obtener dignidad e igualdad de status dentro de la sociedad” (BAILY, 1984, p.109). Nisto é que Baily (1984, p.99) destaca a importância do dia 17 de Outubro para os trabalhadores.

“Con su presencia en la Plaza de Mayo, habían obligado a la oposición que consideraban conservadora y antisindical a reponer en el poder a Perón,

frenado y son numerosos los trabajadores que han retornado a sus países de origen. Muchos de los que quedan van insertándose en la sociedad local para intentar otra revolución, menos épica que la exaltada en las estrofas de «La Internacional» pero, en todo caso, más afín con la empresa que los ha atraído como inmigrantes al Nuevo Mundo: el ascenso individual. Otros, en cambio, procuran encontrar un lugar hacia donde reconducir sus frágiles organizaciones con el objetivo de transformar su protesta en reivindicación” (TORRE, 1995c, p.292).

³⁵⁹ “En un marco semejante, las oportunidades de presión institucional son reducidas, la intervención social del Estado mínima y la dinámica del mercado laboral está definida por las relaciones de fuerza entre capital y trabajo” (TORRE, 1995, p.295-96).

³⁶⁰ “La parte más importante de un pueblo es la que trabaja y produce, y la menos importante es la que consume sin producir” (PERÓN *apud* BUCHRUCKER, 1987, p.325).

símbolo de la nación igualitaria que ambicionaban. Luego de años de intentos frustrados por establecer su influencia dentro de la sociedad argentina, había llegado por fin la hora de la victoria, y estaban dispuestos a disfrutar y proteger su nuevo status.”.

Perón (*apud* Buchrucker, 1987, p.327) afirmaría que “la Revolución Francesa terminó con el gobierno de la aristocracia y dio nacimiento al gobierno de la burguesía. La Revolución Rusa terminó con el gobierno de la burguesía y abrió el campo a las masas proletarias. Es de las masas populares el futuro del mundo” na mesma línea, también alegaría que “el 17 de Octubre es nuestra toma de la Bastilla, con la que iniciamos una revolución, con una nueva cultura, una nueva libertad y una nueva democracia, sin fraudes, sin mentiras y sin oligarquías, donde el gobierno y la legislación del Estado no estén cerradas a los trabajadores” (TORRE, 1995a, p.20). Essa data adicionalmente consagraria o título de ‘descamisados’ às massas que apoiaram a Perón com que os trabalhadores gostosamente se identificavam com os *sans-culottes* da Revolução Francesa³⁶¹. “No nos ofenden porque nos dicen “descamisados”: no olvidemos que los descamisados de la vieja Francia fueron los que señalaron un nuevo rumbo a la humanidad” (PERÓN, 1971, p.91). Se pode se disser que há certo exagero nisto, também existem elementos que lhe outorgam importantes fundamentos, razão pela qual os trabalhadores coincidiam com Perón quando afirmava, ao comemorar se um ano, que "el 17 de octubre será para todos los tiempos la epopeya de los humildes" (SI, 1995, p.29). Por exemplo, Luna, um autor considerado alheio ao peronismo, sinala o profundo corte que existia entre o projeto Perón e o opositor ao descrever o comportamento das forças que o tinham apartado na crítica semana que conduzo ao dia 17 de Outubro. Não só descreve como se tinham distanciado da realidade que vivia o país, se não o conteúdo de profundo revanchismo social de suas ações³⁶².

³⁶¹ “El 17 de octubre fue importante porque consagró el título de ‘descamisados’ a las masas que apoyaron a Perón. El término había sido empleado por las clases altas para indicar su repugnancia por las masas, pero después del 17 de octubre éstas aceptaron de buen grado la denominación para indicar su orgullo de trabajadores pobres pero esforzados, representantes de la nueva nación. Los descamisados incluso pretendieron ser herederos de los *sans-culottes* de la Revolución Francesa. Un editorial de la CGT proclamó, con orgullo, que eran los nuevos ‘*sans-culottes* criollos’, y que el 17 de octubre habían salvado la Revolución de Perón” (BAILY, 1984, p.100).

³⁶² “Esos hombres, formados en su mayoría en la dúctil escuela negociadora del conservadorismo se tornaron rígidos justamente cuando debían ser flexibles, se llenaron de retórica cuando debían ser prácticos, desbordaron de odio y desconfianza cuando debían acortar distancias con el ejército. Actuaron instintivamente, no racionalmente, llevados por prejuicios y fobias en el preciso instante en que debían obrar con frialdad y decisión (...) ¿Para qué perder tiempo debatiendo si debía o no quedar Farrell? ¿Para qué crear la posibilidad de un peligroso vacío de poder? Farrell haría lo que se le mandara, una vez que estuviera rodeado por un gabinete homogéneo y decidido...facilitarle a Ávalos la formación de un gabinete con militares democráticos y pedir, a lo más, el Ministerio del Interior (...) Y sobre todo, no tocar a Perón. Neutralizarlo, silenciarlo, desmontar el aparato que había montado pero nunca convertirlo en mártir; negociar con los sindicatos sin hostilizarlos, presionar a los patronos – que ya querían ver

Adicionalmente, os sindicalistas tinham procurado ser aceitos da forma que sentiam que o eram por Perón por algum partido político. Não deve se perder de vista que inclusive os partidos de esquerda se juntaram ao bloco opositor a Perón sob a UD nas eleições de 1946. “Efectivamente, por una de esas monstruosas paradojas en que no es avara nuestra historia, comunistas y socialistas se habían alienado, junto con todos los sectores capitalistas, en el bando opuesto al que respaldaba la mayoría de la clase capitalista” (DEL CAMPO, 2005, p.335).

Na visão que entende que os setores operários foram manejados e/ou manipulados por Perón se ressalta que o movimento sindical foi abortado de sua independência e foi transformado numa controlada burocracia monolítica sob sua forte personalidade. O Partido Laborista que os sindicalistas tinham formado para apoiar a Perón nas eleições de 1946 foi em seguida suprimido por ele, logo de suas disputas internas pela distribuição de cargos em legislaturas e governos provinciais com a Junta Renovadora, quando criou o Partido Único da Revolução, logo Partido Peronista³⁶³. Incluso, nas eleições de novembro de 1946 na CGT um de seus membros, Luís Gay, foi eleito como secretario geral relegando ao candidato de Perón ao terceiro lugar, para logo ser apartado por Perón em janeiro de 1947 aproveitando um episódio com a visita de uma delegação de sindicalistas norte-americanos a Buenos Aires. Também se argumenta que a nova regulamentação sobre associações profissionais que Perón promoveu em outubro de 1945 era um instrumento dele para controlar ao sindicalismo porque estipulava que um grêmio devia ser reconhecido para poder entrar em negociações de convênios coletivos e só permitia um sindicato por indústria.

A evolução histórica do sindicalismo durante o período peronista, cujos afiliados passaram de 877.300 a 1.532.900 entre 1946 e 1948, pode dividir se em duas etapas. De 1946 a 1951 foi de expansão e consolidação do sindicalismo dominado pelo Estado. A imposição de uma hierarquia estatal de controle e subordinação se baseou nesse momento tanto na supressão de qualquer oposição aberta ou encoberta ao regime como na expansão de todos os setores sindicais para novas áreas da indústria onde os peronistas tinham via livre. Entre 1951 e 1955 o regime impôs um controle monolítico

derogadas todas las iniciativas sociales promovidas por Perón – para que comprendieran que la nueva legislación era irreversible y abrir rápidamente la carrera electoral para que el país empezara a distraerse” (LUNA, 1971, p.240).

³⁶³ “El partido Laborista se formó sin contar con un electorado independiente propio y ponía más énfasis en los principios que en la lealtad a una figura política. El choque con el coronel retirado iba a ser inevitable pero, para las inminentes elecciones, el partido necesitaba de Perón tanto como él necesitaba del partido” (PAGE, 1984, T.I, p.167).

sobre os sindicatos operários e sua incorporação crescente ao movimento peronista, se convertendo em agentes de propaganda governamental e executores de sua política, assim como também organizaram o apoio político e desenvolveram o movimento peronista dentro do emergente Estado justicialista. Depois dessas transformações a CGT teve dirigentes de segundo ordem e se converteu numa agência das diretivas oficiais (TORRE, 1995c, p.225). A quantidade de afiliados cresceu em parte porque era obrigatória. Estreitamente vigiada por Perón e sua esposa, a CGT respondia incondicionalmente e transmitia suas ordens aos sindicatos e aos delegados de fábrica que, a sua vez, as faziam chegar à base. Essa crítica sobre o manejo sindical de Perón se completa com a adoção do contacto próximo com as massas apontando como uma apelação a mecanismos emocionais. Além, se sinala o significado crescente de Eva Perón, quem implementará uma intensa ação social a través de uma Fundação que levava seu nome, mediante recursos públicos ou arrecadados em forma compulsória.

Se muitas dessas observações possuem forte fundamento, as razões do apoio popular resultam ser também mais sólida do que ditas críticas aceitam. Doyon (2002, p.368) afirma que se “la CGT dejó de aspirar a ser un representante del movimiento obrero ante el gobierno para comportarse más bien como un representante del gobierno ante el movimiento obrero”, isto não significou que Perón “pudo limitar su función como agentes de la lucha económica. Según se desprende de la reconstrucción histórica, los sindicatos consiguieron retener la capacidad de promover los intereses sectoriales de los trabajadores. La importancia alcanzada por el fenómeno de la organización hizo que la experiencia obrera en estos años no fuera equivalente a la de una masa amorfa e inorgánica activada por la convocatoria de un líder carismático”. Isto se comprovou na atividade sindical deste período cuja manifestação mais direta consistiu em empuxar a política de salários altos que implementou o peronismo, assim como o estabelecimento de outras disposições como leis de aposentadorias, indenizações por despido, férias pagas, décimo terceiro salário e outras vantagens diretas para os assalariados.

“En los tres primeros años de la presidencia de Perón se asistió a una fuerte alza de los paros y huelgas, un fenómeno reflejar la decisión de los trabajadores de replicar la victoria alcanzada en las urnas también en el terreno económico (...) En su origen un papel central le cupo sin duda a las iniciativas del gobierno. Entre ellas, el salario anual complementario, la generalización de las vacaciones pagas, la extensión de las jubilaciones y pensiones a todos los asalariados, el pago de indemnizaciones por despido y por accidentes de trabajo, la percepción de los haberes en caso de enfermedad. Pero la vigencia efectiva de estos mayores niveles de protección laboral fue asimismo el resultado de las luchas emprendidas por los trabajadores organizados, las cuales en muchos casos se proyectaron más allá

de las iniciativas del gobierno, llegando incluso a entrar en colisión con él” (DOYON, 2002, p.372).

Este conflito se revelaria a partir da crise que inicia se nos 50 que abriu a etapa mais recessiva peronista. No biênio inicial dos anos cinqüenta, se sofre pela escassez de energia elétrica, o deterioro no sistema de transporte e de telefones, a paralisação da construção privada e a construção privada quase paralisada, parque automotor envelhecia, poucas importações bens consumo. Em fevereiro de 1952 Perón anuncia um Plano de Austeridade que estipula o controle de preços enquanto procura acrescentar a produção geral, e a agropecuária em particular com preços mais elevados para a futura safra. Também reduz as importações, estimula as exportações, e procura controlar o nível de consumo interno³⁶⁴, incluindo uma diminuição do consumo interno de carne, o controle do crédito bancário, a racionalização gasto público. Diante a inflação, se procurou uma trégua social entre empresas e sindicatos congelando preços e salários por dois anos entre 1952 e 1954; acordo social que seria controlado por una Comisión de que só outorgaria incrementos salariais em função da produtividade do trabalho³⁶⁵.

Não obstante, como observa Maceyra (1984, p.52), o novo rumo não lhe restaria ao peronismo o apoio da classe trabalhadora³⁶⁶, inclusive considerando que Perón passou a reprimir as protestas sindicais; mas “aun en aquellos conflictos dirigidos por elementos ideológicamente opuestos al régimen, la masa continuó apoyando al régimen. En general, los trabajadores no dirigieron sus protestas contra Perón sino contra los funcionarios del gobierno y contra la patronal” (DOYON, 1988 p.223)³⁶⁷. É que também na primeira etapa, houve protestas dos trabalhadores. “Durante la primer presidencia de Perón hubo dos clases de oposición sindical al gobierno: la oposición con fines políticos de ciertos dirigentes que luchaban por un gremialismo independiente y la oposición puramente pragmática de los trabajadores que luchaban por las conquistas

³⁶⁴ “evitar gastos superfluos, aun cuando fueran a plazos; desechar prejuicios y concurrir a ferias y proveedurías en vez de hacerse traer las mercaderías a domicilio a mayor precio; no ser rastacueros y pagar lo que le pidan, sino vigilar que no le roben denunciando en cada caso al comerciante inescrupuloso; limitar la concurrencia al hipódromo, los cabaretes y salas de juego a lo que permitan los medios” (PERÓN *apud* LUNA, 1985, p.224).

³⁶⁵ “Si bien es cierto que el gobierno hizo esfuerzos por evitar que la recesión hiciera sentir sus efectos sobre la situación económica de las capas bajas, tales esfuerzos fueron mucho menores de lo que Perón pretendió hacer creer merced a una costosa campaña propagandística. En realidad, los esfuerzos propagandísticos no consiguieron disimular el hecho de que el gobierno estaba a punto de modificar su actitud respecto a la clase trabajadora” (WALDMANN, 1981, p.171).

³⁶⁶ “La gente había comido pan negro y poca carne durante el invierno de 1952 y sin embargo no había protestado demasiado; sólo las asordinadas agorerías opositoras y los rezongos que son habituales a los argentinos en cualquier época” (LUNA, 1985, p.342).

³⁶⁷ “Una cosa era la lucha sindical y otro el apoyo político a Perón, aunque este fuera difícil de entender para muchos intelectuales de izquierda” (MACEYRA, 1984, p.29).

económicas. La oposición se desarrolló cuando ciertos dirigentes y trabajadores empezaron a comprender que no siempre eran idénticos los intereses del movimiento obrero, de la acción y de Perón, como éste les había asegurado en repetidas ocasiones” (BAILY, 1984, p.130). Quando se produz a crise, os operários protestaram muitas vezes até contra seus dirigentes que, ao serem eleitos por Perón, respondiam a sua determinação de que não tivessem greves³⁶⁸. Na realidade, para Perón as greves como mecanismo de expressão dos interesses do setor operário tinham perdido funcionalidade, e na nova Constituição em 1949, que incluiu uma serie de direitos do trabalhador, o de greve foi excluído³⁶⁹. Mas isto não evitou que os trabalhadores as fizessem, sendo algumas muito fortes como as de gráficos e açucareiros –declaradas ilegais – e a dos ferroviários que nem sequer Eva Perón, no auge de sua popularidade, conseguiu desativá-la³⁷⁰.

“Durante 1946-1948 hubo muchas más huelgas que en los períodos de tres años inmediatamente anteriores y posteriores... (...) Las razones del número elevado de huelgas durante el período 1946-1948 fueron que el movimiento obrero – en rápida expansión – todavía disfrutaba de un grado considerable de autonomía, y Perón, de acuerdo con su plan para sindicalizar a los obreros antiliberales, estimuló y aprobó muchas de esas huelgas (...) Aunque la cantidad de huelgas disminuyó en 1949-1951, todavía era sumamente elevada si se tiene en cuenta que, para esa fecha, Perón había consolidado su control del movimiento obrero y se oponía con vigor a ese tipo de acción independiente. En general, en este período el gobierno era contrario a todas las huelgas, y si llegaba a declararse una sin previa autorización oficial, la CGT o las propias autoridades intervenían el sindicato y ponían fin al

³⁶⁸ “los trabajadores ignoraron a dichos dirigentes y recurrieron a la huelga –la única herramienta con que todavía contaban– para defender lo que entendían eran sus legítimos intereses económicos” (BAILY, 1984, p.136).

³⁶⁹ “La tolerancia inicial del gobierno a las movilizaciones de 1946-1948 había descansado en la percepción del valor instrumental que tenía la protesta obrera para ayudar a dismantelar el antiguo orden excluyente. Pero una vez que los sindicatos hubieron sido reconocidos como interlocutores legítimos y que emergió una legalidad laboral que garantizaba derechos básicos a los trabajadores, el activismo sindical se volvió un anacronismo injustificable desde el punto de vista oficial. La confrontación debía dejar paso ahora a la búsqueda armónica de la prosperidad colectiva bajo la guía del Estado. Así, no fue un accidente que el derecho de huelga no llegara a alcanzar jerarquía legal y que fuese omitido tanto del marco que regulaba la acción sindical como de la Declaración de los Derechos del Trabajador que sería incorporada a la nueva Constitución de 1949. La libertad de los sindicatos para recurrir a la huelga ya no contó, pues, en adelante, con el beneplácito” (DOYON, 2002, p.377).

³⁷⁰ “La intranquilidad obrera se reflejó en la huelga de obreros portuarios que se prolongó durante tres meses a pesar de una orden del gobierno que la declaraba ilegal; en huelgas en los sectores frigoríficos y bancario, y en la temporariamente exitosa protesta contra la medida auspiciada por la CGT de descontar los salarios pertenecientes al día 12 de octubre y donarlos a la Fundación Eva Perón. La huelga ferroviaria que se declaró en diciembre, aparentemente levantada y declarada otra vez en enero, fue tanto una protesta contra la conducción reconocida oficialmente de la Unión Ferroviaria como lo fue por el aumento de salarios. Tanto Eva Perón como el ministro de Transportes, Castro, trataron infructuosamente de resolver las diferencias. Finalmente, Perón relevó de su cargo al ministro de Transportes, dispuso que los trabajadores quedaran bajo control militar y ordenó el arresto de numerosos dirigentes del partido Socialista, a quienes hizo responsable de la medida de fuerza” (Potash, 1985, T.II, 171, n.70).

conflicto. Los dirigentes recalcitrantes eran reemplazados, iban a la cárcel o al exilio” (BAILY, 1984, p.137-38)³⁷¹.

Embora Perón chegasse a apresentar seu governo, em novembro de 1951, como se dirigindo para ‘o Estado Sindicalista’³⁷², o certo é que procurava superar a crise se aproximando aos setores tradicionais de poder. “[C]ada vez se prestaba más oídos a los reclamos del empresariado acerca de la moral y la disciplina laborales. Ya en 1949 se había declarado al incremento de productividad en todas las ramas del trabajo como prioridad nacional. A partir de entonces no cesaron las recomendaciones dirigidas a los estratos bajos acerca del celo, la rapidez y la eficiencia con que se debía trabajar. Es sintomático también que, más o menos por la misma época, en las discusiones sobre derecho laboral de nuevo se le consagrara mayor importancia al tema de las obligaciones del trabajador. El número de días de feriados no volvió a ser aumentado (más adelante, incluso, se lo redujo) y los tribunales del trabajo pasaron de una actitud marcadamente favorable al trabajador, a una postura neutral, cuando no más favorable al empresario” (WALDMANN, 1981, p.171-72). Se a estrutura sindical acatou as diretivas de Perón, a massa operária não deixou de defender seus interesses³⁷³. Waldmann afirma que a relação sindical com Perón possibilitou benefícios mútuos já que obtiveram uma sólida via de participação política que perduraria depois de Perón.

Além do aspecto econômico, na época peronista os trabalhadores se sentiram reconhecidos em sua importância social (tribunais do trabalho, universidade operária, declarações dos Direitos do Trabalhador, do Idoso, das crianças e das mulheres). Inclusive, observa Waldmann (1981, p.151-52) um dos princípios reitores na obra assistencial da Fundação Eva Perón era que aos pobres só se lhes devia oferecer bens e

³⁷¹ “Cada huelga presentó detalles diferentes, pero es importante señalar que todas tuvieron muchas características comunes. En cada ejemplo, la causa fundamental fue la declinación de los salarios reales. En muchos casos, los dirigentes del gremio firmaban un contrato o llegaban a un acuerdo con el gobierno o la patronal, los trabajadores repudiaban dicho convenio acusando a sus dirigentes de no defender los intereses del conjunto, y a continuación los obreros iban a huelga para protestar por sus bajos salarios, y por el servilismo manifestado por sus dirigentes ante el Estado. En todos los casos, el régimen declaraba ilegales las huelgas porque los trabajadores no habían obtenido la correspondiente autorización oficial. A renglón seguido, el mismo Estado o la CGT intervenía el gremio en cuestión, y la huelga era levantada. Con todo, como resultado final, los trabajadores obtenían buena parte de las demandas por las cuales habían ido a la huelga. En ninguno de estos ejemplos la huelga constituyó un acto revolucionario destinado a derrocar el gobierno” (BAILY, 1984, p.138).

³⁷² “En agosto de 1950 Perón declaró que ‘estamos en marcha hacia el Estado sindicalista, no tengan la menor duda’, puesto que el sindicato era realmente ‘representativo’, cosa que no ocurriría con el partido” (BUCHRUCKER, 1987, p.371).

³⁷³ “Si bien es cierto que, después de 1949, las huelgas fueron mucho menos frecuentes que durante los años anteriores, los conflictos se hicieron más prolongados y asumieron formas mucho más duras y militantes. Con frecuencia, la causa de estos conflictos era el descontento de los trabajadores con los resultados de las negociaciones tarifarias celebradas por sus representantes” (WALDMANN, 1981, p.173).

serviços da melhor qualidade e que a ajuda brindada pela Fundação não era esmola, não era dádiva facultativa, se não uma forma de satisfazer justificadas demandas. O consumo não só maior mas de melhor qualidade, já que os operários acederam a lenços de seda, perfumes, discos fonográficos, vestimenta, assistência médica, empréstimos hipotecários a baixos juros, criação de escolas fábricas para alfabetização de trabalhadores (MACEYRA, 1984, p.27). Perón era consciente da importância desta mudança para a dignidade do operário: “Yo siento íntima satisfacción cuando veo que un obrero va bien vestido o asiste con su familia al teatro. Estoy entonces tan satisfecho como me sentiría yo en la misma situación del obrero. Eso es peronismo” (PERÓN, 1971, p.29)³⁷⁴. “Aunque los privilegiados de siempre rezongaran por compartir lo que antes les era exclusivo – el turismo, los espectáculos, la indumentaria, por caso – la realidad creada por el nuevo bienestar de los sectores menos beneficiados les imponía una actitud más igualitaria, lo quisieran o no. El empleado, el obrero, el peón, el servidor, no pertenecían ahora a una capa social cuya suerte podía serles indiferentes: eran personas a las que había que tratar con deferencia, hasta con cortesía” (LUNA, 1985, p.43).

Parte desta melhora consistiu em que os próprios sindicalistas e membros dos setores populares puderam aceder a cargos públicos. Como observa Maceyra (1984, p.27) em 1946 três homens provenientes do movimento operário – Borlenghi, Bramuglia e Freyre– tinham integrado o gabinete, e em 1952 tinha cinco senadores nacionais, quarenta e dois provinciais, cinquenta e quatro deputados nacionais, e cento sessenta provinciais de origem sindical³⁷⁵. É mais, Ferrari Etcheberry (1993, p.75) observa que o novo nesse terreno não foi que sindicalistas tinham acedido a cargos legislativos, se não sua dimensão quantitativa, já que já tinha havido casos anteriores.

³⁷⁴ “De esta manera, se gestó un sentido de dignidad y una demostración que se los aceptaba como miembros de la comunidad, con todos los derechos que esa situación implicaba” (WALDMANN, 1981, p.152).

³⁷⁵ “Entre 1946 y 1955 unos 3000 sindicalistas ocuparon diversos puestos del gobierno, en calidad de ministros, secretarios de Estado, diputados, agregados obreros en el servicio exterior, concejales, etc. El porcentaje de diputados nacionales pertenecientes a los estratos más altos de la sociedad disminuyó, entre 1942 y 1952 del 30 al 5%, y casi la mitad de los parlamentarios peronistas constituyeron el bloque de origen gremial. Los sindicatos, que tuvieron cierta participación consultiva en el Segundo Plan Quinquenal, crecieron, de 500.000 miembros en 1945, a 3.000.000 en 1951 y cerca de 6.000.000 en 1955. Fue también durante el decenio en cuestión cuando se introdujeron el sufragio femenino y la elección directa del presidente y de los senadores en el sistema institucional argentino. En los niveles superiores de la estructura partidaria peronista predominaba el centralismo, a través de los ‘interventores’, pero en los niveles inferiores (las ‘unidades básicas’) siguieron dándose elecciones de dirigentes y discusiones internas. (...) la experiencia argentina previa a 1946 no podía ofrecer nada que fuese más atractivo o motivante en materia de participación a las clases menos favorecidas del país. El efecto psicológico fue por eso duradero y de ninguna manera inexplicable” (BUCHRUCKER, 1987, p.373-374).

Por isso, destaca que sob o peronismo a concepção dualista que separava em âmbitos distintos sindicalismo e política, com o decreto 23852 de 1945 que autoriza em sua artículo 33 inciso 6 expressamente aos sindicatos com personeria sindical a atuar em política, surge a “irrupción del sindicalismo en la política” (FERRARI ETCHEBERRY, 1993, p.76). Perón (SE, 1995, p.51) não era alheio a essas modificações “Como gobierno obrero hemos dado al trabajador no sólo el acceso a la función pública y a los cargos de responsabilidad, sino asegurado la libertad de asociación sindical y la autoridad al sindicato para intervenir en el equilibrio de la vida nacional”.

De essa maneira, se observa que a identificação com o governo peronista por parte dos trabalhadores não só não foi tão verticalista ou ingênua como alguns afirmam, se não que os conflitos que surgiram não derivaram numa diminuição deste vínculo. Tão fortemente os setores populares sentiram a gestão de Perón como própria que dentro da central operária, quando o governo passou a ser ameaçado de derrocamento alguns dirigentes sindicais pressionaram pela conformação de milícias populares, embora Perón negou-se e optou por se retirar do poder temendo uma luta violenta. Alguns afirmam, contudo, que este apoio do setor trabalhador a Perón foi muito mais frio do que se tivesse esperado; mais adiante se analisará com mais detalhe essa questão. Por agora, o importante é ressaltar que como “fueron principalmente políticos los medios por los cuales el obrero desarraigado, en la Argentina, pretendió restablecer su identidad comunitaria y proteger sus intereses” (BAILY, 1984, p.192), o peronismo constituiu o veículo com o qual se identificou e participou para lograr seus objetivos,

4.2 Industrialização

Avaliar a industrialização que experimentou a Argentina durante a era peronista requer situar-la no contexto sociopolítico descrito. Gerchunoff e Llach (2007, p.162) afirmam “[a] pesar de las caracterizaciones posteriores, la política económica hasta los años 30 no había sido en modo alguno antiindustrialista”³⁷⁶. A isto, Luçhini (1990, p.11) agrega que “[e]s habitual considerar al gobierno peronista como responsable del cambio en el desarrollo económico de la Argentina, que pasa de una política agroexportadora a otra en la cual se enfatiza la producción de manufacturas para la sustitución de importaciones. Sin embargo, cada vez más se considera que el cambio fundamental de

³⁷⁶ “De acuerdo con cálculos de la Sociedad de Naciones, la Argentina de 1913 no era más ni menos proteccionista que Australia, Estados Unidos y Canadá, y en 1925 el nivel de protección era similar al de Canadá, superior al de Estados Unidos e inferior al de Australia” (Gerchunoff, Llach, 2007, p.162).

las relaciones entre los diferentes sectores productivos comienza en nuestro país con la Gran Depresión, si no antes”. Quer dizer, durante o período agroexportador, a Argentina vinha tendo um importante desenvolvimento industrial. Quando é que se produz a mudança de relação entre a indústria e a atividade primária? A indústria cresceu forte nos 30 e toma impulso durante a Guerra. Nesses momentos surge o que alguns autores chamam ‘O Grande Medo’ a que a normalização dos mercados logo da guerra gere uma crise na indústria ao ficar sem a projeção que o conflito lhes outorgava. “Nadie desconocía que frente a la desaparición o estancamiento de la industria, la ocupación descendería a niveles similares a 1935. De ser ello así, aproximadamente 350.000 hombres se encontrarían sin trabajo” (LUCCHINI, 1990, p.47)³⁷⁷. Essa questão aproximava, por distintas razões, à UIA com os militares: “[e]xistía una intrincada trama de relaciones entre los intereses militares y los industriales” (Lucchini, 1990, p.48)³⁷⁸, aonde Alejandro Bunge, que já vinha sinalando os limites do modelo agroexportador desde os anos 20, congregava opiniões em favor da indústria na *Revista de Economía Argentina*. Assim, ao começar os anos 40: “[e]l tono general de los discursos y manifestaciones deja traslucir una gran confianza en que desde el ángulo del Estado, por fin, se van a tomar medidas en beneficio de esta industria joven y que – todos reconocen – necesita un cuidado especial para no desbaratarse (...) Se da por sentado que ése era su camino ineludible y que el país debía comprenderlo” (LUCCHINI, 1990, p.42-43).

De fato, as Forças Armadas já vinham puxando o desenvolvimento industrial desde o Governo Castillo³⁷⁹. Outras disposições refletiam a preocupação dos militares pela instalação da indústria pesada no país. Um exemplo é o geral Savio que empuxa a criação da Direção Geral de Fabricações Militares a 26 de Setembro de 1941³⁸⁰. Essa instituição “traduce concretamente la voluntad industrializadora de la clase militar y la intervención deliberada del Estado en la construcción de una industria nacional (...) Porque, si bien la nueva Dirección General permite en un primer momento mejorar la

³⁷⁷ El mantenimiento del orden preocupa a los militares, porque temen una eventual repetición de la situación de 1918. (...) en 1940, el presidente de la Unión Industrial escribe; “Corremos el riesgo de ser víctimas de la posguerra”. (ROUQUIÉ, 1998, p.331).

³⁷⁸ A meados de 1942, o Instituto de Estudos e Conferencias Industriais da UIA começa a organizar uma série de debates e conferencias em onde se avaliam as políticas do Estado que animam ou prejudicam o desenvolvimento manufatureiro com a participação de destacados militares que aportaram idéias e projetos sobre indústria pesada e sua conexão com a defesa nacional. Ver Lucchini (1990).

³⁷⁹ Os gastos militares chegam ao 22,8% do orçamento nacional de 1942 (contra 16,9 % em 1940) e no orçamento de 1943, votado em 1942, alcançam o 27%. (ROUQUIÉ, 1998, p.305).

³⁸⁰ “La industria siderúrgica es fundamental, es primordial. La necesitamos como hemos necesitado nuestra libertad política, como necesitamos en su oportunidad nuestra independencia” (Savio 1945 apud Scarone, 1977, p.82).

coordinación de las fábricas existentes...sirve sobre todo de marco jurídico para el incremento de la industria militar y, a más largo plazo, para la implantación de una industria pesada (siderurgia, petroquímica)” (ROUQUIÉ, 1998, p.307)³⁸¹. A inquietude militar por essas indústrias se devia a que eram as mais relacionadas com a criação de armamentos e navios³⁸². Adicionalmente, lês preocupava a questão dos combustíveis, mais ainda devido a que a Argentina já importava petróleo em tempos de paz³⁸³, e o abastecimento de matérias primas necessárias para a indústria bélica, que derivava na visão de que sua extração devia ser de caráter nacional para não depender de fontes externas (LUÇHINI, 1990, p.50). O exército não se contenta com receber apoio financeiro. A concepção estratégica da ‘nação em armas’ e a grande preocupação que desperta o tema das ‘dependências críticas’ levam ao alto mando a se interessar muito de perto nas decisões de política interna e até a pressionar diretamente ao governo em suas opções (ROUQUIÉ, 1998, 294)³⁸⁴.

Contudo, a confluência destes fatores não coincidia com o desenvolvimento que se tinha verificado baseado na indústria produtora de bens de consumo não durável. Em momentos da Guerra, ao grupo de industriais que aglutinava às velhas firmas da Capital, e de tamanho consideravelmente grande, em muitos casos conectadas com o capital estrangeiro, que produzem principalmente para o mercado externo, se lhe soma outro “que reúne a las firmas nuevas, de menor tamaño, situadas tanto en Buenos Aires como en el interior del país, y que producen principalmente para el mercado interno. Este último sector emerge en el marco de un crecimiento acelerado, carente de toda

³⁸¹ Com efeito, a lei 12.709 que estabelece essa Direção General atribui a Fabricações Militares tarefas que superam amplamente a simples produção de armamentos e munições. Se colocando numa etapa muito anterior à fabricação de material de guerra, o artículo 3 prevê entre suas missões: “Realizar estudios, investigaciones y estadísticas conducentes al conocimiento de las posibilidades industriales del país relacionadas con la preparación de la movilización industrial correspondiente. La ley otorga a la DGFM la facultad de explotar y explotar el cobre, el hierro, el manganeso, el aluminio y el berilo así como todas las materias primas y minerales necesarios para la fabricación del armamento de guerra” (ROUQUIÉ, 1998, p.305-06). Adicionalmente, deve se mencionar a sanção da lei 12.736 de 4 de outubro de 1941 que cria a Frota Mercante do Estado, constituída mediante a aquisição de barcos estrangeiros imobilizados pela guerra em portos argentinos.

³⁸² “[P]ero estos sectores valoraban muy especialmente, tanto a la industria pesada, como el papel de la ciencia y la técnica necesarias para mantener y superar los equipos bélicos (...) En ese marco fue bienvenida la creación del Instituto Tecnológico de la Secretaría de Industria y Comercio” (LUCCHINI, 1990, p.48).

³⁸³ “Algunos miembros de las FF.AA. presentaban a sus colegas estadísticas en donde señalaban que el consumo de guerra se estimaba en el doble que el consumo en tiempos de paz, lo cual alcanzaría – para la Argentina – aproximadamente a 9.000.000 de metros cúbicos. O sea que existiría un déficit de por lo menos 5.000.000 de metros cúbicos” (LUCCHINI, 1990, p.50).

³⁸⁴ “A veces estos militares van todavía más lejos. Pretenden para la Argentina un futuro de gran potencia y preconizan una autarquía industrial condicionante de toda la política económica y hasta de las relaciones internacionales del país” (ROUQUIÉ, 1998, 277).

planificación y apoyo del Estado” (LUCCHINI, 1990, p.28). Não só isso; ademais de que não tinham representado “sus intereses por ninguno de los partidos en pugna: el fracaso del Plan Pinedo no dejaba dudas en cuanto a qué podía esperar de un régimen totalmente dominado por los intereses agropecuarios” (DEL CAMPO, 2005, p.89). A UIA era representante fundamentalmente do primeiro grupo. Schvarzer observa que a entidade possuía limitações constitutivas para poder liderar um processo de industrialização dado que a concentração dos capitais representados na direção da UIA seguia, em forma paralela, à concentração existente na propriedade da indústria³⁸⁵, o que refletiva “ligazones entre dirigentes de la UIA a través de directorios de empresas que no eran específicamente industriales (La Rosario Seguros, Banco de Italia, Banco de Galicia, etc.) y tienden a confirmar que la diversificación de sus intereses económicos era muy amplia a comienzos de la década del cuarenta”³⁸⁶. Para Schvarzer entre as grandes centrais empresarias não existiam interesses opostos ou diferencias não salváveis, embora algumas tivessem caráter setorial. A UIA, pela composição de seus dirigentes, pertencia aos interesses tradicionais³⁸⁷ e suas relações “com o equipo de governo do general Justo foram estreitas e cordiais”. Em 1938 participa na designação como presidente de Ortíz e em 1942 na ação opositora a Castillo; Luís Colombo, que presidiria a UIA entre 1926 e 1946, ‘protótipo de dirigente dos empresários industriais’, constitui um membro da classe dominante argentina (SCHVARZER, 1991, p.59-61)³⁸⁸.

³⁸⁵ “Estas relaciones permiten caracterizar mejor a los dirigentes de la UIA en las décadas del treinta y del cuarenta. Se trata de un grupo reducido de individuos, con largos años de permanencia en la conducción de la entidad, cuyos lazos íntimos se veían reforzados por su pertenencia común (al menos como directores) a empresas de diverso tipo. La mayoría de ellos representaba formalmente a empresas grandes y tradicionales, la mayoría de las cuales había sido fundada en el siglo XIX o a comienzos del siglo XX” (SCHVARZER, 1991, p.73).

³⁸⁶ “En definitiva, las empresas industriales eran una porción menor del capital total representado por los dirigentes de la entidad y bastante inferior al de las grandes compañías de servicios eléctricos que estaban representadas en ella. Puede afirmarse, en consecuencia, que los dirigentes de la UIA no estaban exclusiva ni primordialmente ubicados en el sector industrial, de acuerdo con los datos disponibles de esa época. Tenían industria, pero no eran sólo industriales; sin embargo, la UIA agrupaba a una porción mayoritaria del capital industrial organizado como s.a. y que aparecía representado en la dirigencia gremial empresaria en general” (SCHVARZER, 1991, p.76).

³⁸⁷ Las “relaciones entre la UIA y la SRA fueron siempre cordiales, debido tanto al origen social común de sus dirigentes como a la relativa similitud de puntos de vistas sobre la economía argentina que sostenían, pese a las divergencias en algunos temas específicos” (SCHVARZER, 1991, p.79) Ademais, suas relações entre capital concentrado local, capital financeiro e capital estrangeiro “sugieren que la UIA representaba al gran capital y no sólo al capital industrial, aunque también este participaba en su conformación” (SCHVARZER, 1991, p.81).

³⁸⁸ “Colombo se opuso a la política de H. Yrigoyen en su segunda presidencia y, junto a la Sociedad Rural, a la Bolsa de Cereales y otros grupos afines, apoyó el golpe militar de septiembre de 1930(...) El 11 de setiembre, apenas cinco días después del golpe militar, el ministro Pérez le prometía la revisión de las tarifas aduaneras que la UIA venía criticando. En enero de 1931, el gobierno provisional creó por decreto la Comisión Nacional de Fomento Industrial y designó a Colombo como su presidente.... en

Numa única ocasião a UIA efetuou um ato que poderia se considerar de confrontação com os interesses tradicionais. A 12 de junho de 1933, em protesta pelo Tratado Roca-Runciman, a UIA realizou um ato levando a seus próprios trabalhadores³⁸⁹. Mas o objetivo só era manter a proteção existente e evitar mais concessões, pelo que a UIA aclarava que o ato não era contra os interesses rurais (SCHVARZER, 1991, p.63)³⁹⁰.

O governo de Castillo não era um governo «próprio» para os empresários. Sidicaro (1995, p.304) afirma que se nos anos 30 surge um estado intervencionista ‘manejado por políticos que podiam auto designar se em virtude dos mecanismos fraudulentos que empregavam para perpetuar se no poder’ que ‘articularam harmoniosamente os interesses dos principais agentes econômicos e os dos políticos conservadores, as divergências chegaram logo, quando cada um desses conjuntos de atores entendeu de um modo distinto e conflituoso como deviam desenvolver sua ação os importantes aparatos estatais que tinham coincidido em criar³⁹¹. Sidicaro (1995, p.339) conclui, desta maneira, que “los políticos conservadores, al retener el control de las posiciones de gobierno mediante el fraude, tenían más posibilidades de actuar con independencia respecto de los puntos de vista e intereses de los sectores socioeconómicos predominantes”. Por isso, o golpe de Junho é bem recebido por eles. O presidente Ramírez ao conformar o gabinete nomeou ministro de fazenda a Jorge Santamarina, um estancieiro que pertencia à Sociedade Rural e que por isso pertencia à elite do país. Adicionalmente, ao pouco tempo, o governo militar constituiu uma Comissão Honorária das forças ativas para assessorar ao ministro de fazenda (Câmara de Comércio, SRA, UIA, entre outras). Assim, o governo de Ramírez recebeu a

1931...ya trabajaba en apoyo de la candidatura del general Justo...se afirma, incluso, que intervino en la designación de Pinedo como Ministro de Hacienda” (SCHVARZER, 1991, p.61).

³⁸⁹ “Colombo dijo a los 70.000 trabajadores reunidos que aquella demostración era una prueba de que las importantes diferencias entre el capital y los trabajadores podían dejarse de lado para salir a defender el patrimonio industrial de la nación. Los aranceles argentinos estaban entre los más bajos del mundo, dijo, y bajarlos aún más equivaldría a hacer desaparecer del país toda actividad industrial” (FREELS, 1970, p.15-16).

³⁹⁰ “Colombo pedía mantener la protección existente, en la medida en que ella era utilizada por la industria local, y sólo agregaba buenas intenciones para la industria a crearse en el futuro”. (SCHVARZER, 1991, p.63). “sólo pide que en las negociaciones con Gran Bretaña ‘no se contraigan compromisos adicionales que puedan afectarla’, y que no se modifiquen los derechos de aduana” (SCHVARZER, 1991, p.66).

³⁹¹ “[l]a consolidación del Estado intervencionista y el modo no democrático de regulación del sistema político produjo el surgimiento de conflictos entre los políticos conservadores y los sectores socioeconómicos predominantes; se quebró así la coincidencia de intereses establecida al comienzo del período, con el consiguiente deterioro de la escasa legitimidad del régimen político vigente. (SIDICARO, 1995, p.303).

acolhida de setores econômicos e dirigenciais³⁹². Essa satisfação empresarial incluiu também ao setor industrial. Quando Ramírez concorreu à UIA para celebrar o Dia da Indústria o 2 de setembro de 1943 Colombo expressa que “escuchamos a los excelentísimos Sres. Ministros de hacienda y Agricultura, expresar conceptos de gobierno tendientes a asegurar la economía y propulsar las industrias, traducidos en decretos de inmediata aplicación, sentimos que empiezan a cumplirse aquella aspiraciones nuestras” (CAMPIONE, 2003, p.163, n.12; p.164)³⁹³. Efetivamente, os militares deram início algumas das principais reivindicações que os industriais vinham solicitando. Começando com a criação do Banco de Crédito Industrial³⁹⁴ e a Secretaria de Indústria em agosto de 1944³⁹⁵. Este entendimento não se viu afetado pela ‘questão social’, já que os empresários reconheciam a sua necessidade³⁹⁶.

Empresários e Perón.

A intimidade entre a UIA e o governo continuou depois que Perón começará sua gestão na STP. Em novembro de 1943, uma delegação da UIA visita a STP para cumprimentar a Perón, que é retribuída ao mês quando este se dirige à sede da entidade³⁹⁷. Mas em poucos meses, o crescente repúdio às políticas sociais abaterá as

³⁹² “La puesta en vereda de las organizaciones de los trabajadores fue vivamente aprobada (...) La oligarquía no vaciló en manifestar públicamente su satisfacción y su simpatía por las nuevas autoridades, tal como lo había hecho trece años antes con Uriburu” (ROUQUIÉ, 1982, p.29).

³⁹³ O presidente da UIA, Colombo, manifestaria que “el malogrado Gral. Manuel A. Rodríguez y luego los Grales. José María Sarobe y Manuel N. Savio, entre otros muchos destacados miembros del ejército, han coincidido y coinciden con nuestra práctica industrialista” y se alegra que en esta oportunidad se quiera evitar repetir el error de dejar a la industria “desamparada como sucedió después de la guerra de 14” (CAMPIONE, 2003, p.163, n.12).

³⁹⁴ “...debemos aplaudir (...) el reciente decreto creando el crédito industrial (...) resolución que fuera reclamada sin éxito durante largos años por la UIA, y así también nuestro franco aplauso al reciente decreto de PE disponiendo una nueva estructura del Ministerio, creando la Dirección General de Industrias, para centralizar cuanto se relaciona con la producción manufacturera del país” (COLOMBO, *apud* CAMPIONE, 2003, p.164).

³⁹⁵ “También se impulsó “el Instituto de Tecnología, el Decreto de Fomento y Defensa de las Industrias en la Posguerra, la creación del Instituto Nacional de Tecnología, de la Dirección Especial de Enseñanza Técnica, la fundación Sociedad mixta para producción caucho sintético entre Atano SA y DGFm” (CAMPIONE, 2003, p.173).

³⁹⁶ Colombo, em setembro de 1943 manifestava “La Unión Industrial Argentina, desde hace veinte años, viene auspiciando la sanción de un Código de Trabajo; de una ley de seguro social que consulte y contemple todas las contingencias a que están expuestos el trabajador y su hogar; ha dado su leal anuencia a la ley de maternidad en lo que se refiere a sus beneficios y aun en su aplicación, oponiendo tan sólo reservas a lo inocuo y a lo burocrático; ha propiciado el salario familiar, la higiene, amplitud y seguridad en los establecimientos fabriles, y es así como muchos industriales, sin existencia de la ley, han establecido el salario familiar, la pensión para sus viejos servidores, servicios médico, comedores económicos, la copa de leche gratis, la escuela y el curso de aprendizaje práctico para los hijos de sus obreros, etc., todo lo cual, conviene poner de relieve, porque hay quienes pretenden que permanezca oculto el discernimiento justiciero de la opinión pública” (CÚNEO, 1984, p.141-42).

³⁹⁷ “los presidentes de secciones gremiales de la U.I.A. que acompañaban al señor Colombo, expusieron al coronel Perón algunos de los principales problemas que afectan esos sectores de la industria con

adesões às medidas industrialistas. Embora em janeiro de 1944 Colombo afirma que os industriais estavam dispostos a apoiar a política social do governo, determina ‘dentro, claro está, de nossas possibilidades’. De todas as formas, a entidade procura manter boas relações com o governo, o que se expressa em suas doações para as vítimas do terremoto de San Juan e para os necessitados do interior, coletas organizadas por Perón em janeiro de 1944. Em ocasião do Dia da Indústria a 2 de setembro de 1944, Colombo declarou que o governo militar “que viene a llenar esos vacíos dándonos las leyes que, sabiamente aplicadas, cumplirán la obra de industrialización que hemos ansiado” e aclarando que seus reclamos frente à “algunas disposiciones que tuvieron atencencia con la mutación del bienestar obreros, jamás obedecieron a razón alguna de mezquindad, sino a motivos de jerarquía, de disciplina o de fallas económicas, factores que, o perturban la marcha de las fábricas y gravitan sobre los costos y el ‘standard’ de vida o destruyen la base para que sea positivo el beneficio que se pretende acordar, creando esperanzas que no podrán cumplirse” (CAMPIONE, 2003, p.175). Mas o 21 de dezembro a UIA envia uma nota de protesta a STP na que expressa sua alarma ante a crescente agitação social que entendia era alentada pela política oficial expressando seu desagrado pela ‘terminologia’ empregada por Perón.

A partir desse momento, em forma crescente, os industriais se somaram à campanha contra Perón e participaram no manifesto público em junho de 1945. “Entre los firmantes del manifesto se hallan los mismos sectores que poco antes han felicitado al gobierno por sus medidas de fomento a la industrialización, pero a quienes la resistencia a las reformas laborales ha aproximado a los núcleos más tradicionales del mundo de los negocios en un compacto frente al que días más tarde se sumarán también las corporaciones de la burguesía terrateniente” (TORRE, 1995a, p.33). Mas como sinala Schvarzer (1991, p.87) existia outra causa mais que originou a ruptura de relações entre a UIA e Perón, o fato de que este pretendia converter à UIA na contrapartida da CGT. A UIA continuou sua oposição aberta a Perón ainda depois de 17 de Outubro, se juntou à campanha da UD, incluso colaborando economicamente, e se opôs terminantemente ao decreto de finais desse ano que criava o décimo terceiro salário, ao

respecto a la aplicación de las leyes sociales; y le reiteraron el propósito de aplicar el salario familiar, las pensiones y jubilaciones a la vejez e invalidez y las vacaciones pagas, de acuerdo con las distintas presentaciones oficiales hechas por la U.I.A. sobre estos asuntos”; “El periódico de la entidad afirmó que sus dirigentes, luego de conversar con él sintieron ‘la impresión de su dominio perfecto de los asuntos relativos a esa importante repartición, dadas las ideas claras y sazoadas que expresaba, demostrando estar al corriente de las causas que provocan los conflictos entre el capital y el trabajo” (*Argentina Fabril*, noviembre de 1943, apud CÚNEO, 1984, p.142).

que respondeu fechando por três dias seus estabelecimentos em janeiro de 1946. “Más que como prácticas de defensa de intereses económicos, las protestas y *lock outs* patronales contra el aguinaldo fueron una medición de fuerzas políticas” (SIDICARO, 2002, p.62).

Após a vitória de Perón, Colombo, desacreditado, deveu renunciar enquanto a UIA se fraturou em ‘colaboracionistas’ e ‘anti-colaboracionistas’, segundo qual deveria ser a postura frente ao governo. Nas eleições internas de abril de 1946, o primeiro grupo é derrotado³⁹⁸, fato que leva a que Perón decretará a intervenção da entidade a 17 de maio de 1946, que em julho perde personeria jurídica “por aportar dinero a las luchas políticas y no realizar la unión gremial” (CÚNEO, 1984, p.149-50)³⁹⁹. Nessas eleições, a lista derrotada estava liderada por dois empresários de indústrias medianas e leves próximos a Perón, Raúl Lamuraglia e Miguel Miranda, este último recém nomeado presidente do BCRA, do Conselho Econômico e Social e até em 1949 ‘czar’ da economia argentina, o que não foi suficiente para virar a história. Recém quando o governo militar interveio a instituição, a antiga dirigência sindical iniciou uma oportunista aproximação ao governo, embora sem aderir intimamente à política peronista (RAPOPORT, 2005, p.323)⁴⁰⁰. A intervenção se justificou por sua colaboração econômica à UD⁴⁰¹, e por não ter incorporado aos empresários do interior do país como membros da entidade, assunto fundamental para Perón para diluir a

³⁹⁸ “La UIA, con objeto de cambiar su imagen y elegir nuevos dirigentes, realizó el 29 de abril de 1946, antes de que Perón asumiera el poder, una elección que estuvo marcada por el sello de la confusión. Pascual Gambino de la ‘Lista Azul’, el triunfador, ‘dos días’ antes de la elección había dado un comunicado diciendo que ‘él no había autorizado la inclusión de su nombre en la lista de candidatos para la renovación de las autoridades de la UIA’. Como los otros candidatos borraron sus nombres (tal vez presintiendo que la clausura de la organización era ya inevitable), Gambino permitió que se usara el suyo ‘por una cuestión de honor’. La ‘Lista Blanca’, opuesta a Gambino, exigía que la UIA volviera a su posición política tradicional – es decir, a la no intervención en los problemas entre los partidos – como crítica indirecta a la oposición de Colombo a Perón. La derrota de la ‘Lista Blanca’ convenció al gobierno militar y a Perón de que no habría reconciliación posible con la UIA” (FREELS, 1970, p.25).

³⁹⁹ “La UIA prosiguió funcionando, dirigida por el interventor, cobrando las cuotas sociales y gremiales y realizando las tareas administrativas indispensables; se trataba, es claro, de una presencia larvada: ella no podía peticionar a su nombre ni podía incorporar nuevos socios, pero el solo hecho de mantener su infraestructura le daba fuerza y aliento con respecto a su futuro. La UIA mantuvo una existencia latente, bajo una intervención que conversaba con socios y dirigentes, y la existencia paralela de una Junta Ejecutiva Provisoria que continuaba actuando aunque no fuera reconocida formalmente” (SCHVARZER, p.104).

⁴⁰⁰ A su vez, la antigua dirigencia de la UIA y los socios de la entidad, bajo las distintas intervenciones, siguieron operando en busca de reconocimiento por parte del gobierno, para lo cual no desdeñaron prodigar elogios a la administración peronista. No obstante, en agosto de 1953, el Poder Ejecutivo decretó la liquidación de la UIA y transfirió su patrimonio a la Escuela Industrial de la Nación. (RAPOPORT, 2005, p.323).

⁴⁰¹ “La UIA cometió un error político fundamental cuando en la campaña electoral de 1946 regaló al ‘frente unido’ que se oponía a Perón, un generoso cheque, contribución económica que fue ampliamente comentada” (FREELS, 1970, p.24).

oposição incorporando lhos empresários médios e pequenos e do interior (CAMPIONE, 2003, p.178)⁴⁰². Para se reivindicar, muitos de seus membros estiveram prontos para repudiar aos dirigentes cuja desacertada intervenção política levou ao desmoronamento da UIA (FREELS, 1970, p.26).⁴⁰³.

Com relação à Sociedade Rural, era a primeira vez, desde sua criação, que seus dirigentes não tinham participação direta no governo (RAPOPORT, 2005, p.323). As relações entre a entidade e o governo peronista também foram difíceis. “La decisión del gobierno peronista de intervenir, tan pronto como se instaló, a la Unión Industrial Argentina, debió quedar como una amenaza permanente para el resto de las entidades empresariales” (SIDICARO, 2002, p.63)⁴⁰⁴. Ante sua importante vitória eleitoral, as entidades patronais se devieram adequar à presença de Perón, e José Alfredo Martínez de Hoz, pertencente a uma tradicional família, que se converteu em titular da SRA, chegou a admitir, embora sem precisões, a necessidade de alguma reforma agrária. Os terratenentes evitaram confrontar deixando que a SRA estivesse em mãos de colaboracionistas de Perón. Mas a SRA não colaborou com o IAPI e já em 1946, se queixava pelos salários dos trabalhadores. No ano seguinte a entidade se animou a criticar as leis de expropriação ditadas em diversas províncias porque constituíam “un ataque profundo e injusto a la propiedad de la tierra que no se ajustan a los principios básicos de nuestro ordenamiento constitucional y jurídico” (RAPOPORT, 2005, p.324). Em 1949, se dirigindo a Miranda, nos Anais da SRA se protestava pela “incertidumbre existente respecto de los precios que en definitiva regirán a la producción, así como el aumento desmesurado de los impuestos a la tierra, tanto en el orden nacional como provincial, agregado a los numerosos casos de expropiación, total o parcial, de

⁴⁰² La UIA había vacilado en admitir nuevos miembros sin que pagaran cuotas, lo que presumiblemente indicaba que la organización no quería abrir sus puertas a los grupos de industriales medios y pequeños del interior asfixiados económicamente. (FREELS, 1970, p.26)

⁴⁰³ “En una declaración firmada por alrededor de 1.500 representantes de la UIA se expresaba que: “La institución debe permanecer extraña a toda preocupación de orden político, y si alguna vez cualquiera de sus socios o dirigentes ocuparon posiciones públicas, hay que entender que lo hicieron personal y particularmente... Si a pesar de eso, se los ha identificado con la entidad, ello no condice con la realidad que aquí deseamos” (FREELS, 1970, p.26).

⁴⁰⁴ “si bien la entidad ruralista no resultó intervenida, en 1947 el predio donde se desarrollaban sus tradicionales exposiciones fue confiscado con fines militares. Este hecho añadió un nuevo motivo de irritación a la dirigencia de la SRA, cuyas quejas se multiplicaban frente a la fijación de precios no remunerativos a sus productos por parte del IAPI, la expropiación de tierras y el congelamiento de los arrendamientos, medida esta última que volvió a prorrogarse. La SRA formuló un balance poco alentador de los primeros años de gobierno: la reducción del área sembrada, la contracción de la producción, el abandono de las explotaciones y la liquidación de los establecimientos eran –para esta institución – manifestaciones de la descapitalización progresiva de la empresa agropecuaria. (RAPOPORT, 2005, p.323-324).

establecimientos ganaderos dispuestos, han creado un ambiente nada propicio por cierto a la expansión o intensificación del negocio de producción de carnes” (CÚNEO, 1984, p.132.)⁴⁰⁵.

Na relação do peronismo com as entidades rurais, ademais dos efeitos das políticas adotadas, se conjugavam questões objetivas que vinham afetando ao setor primário. Seguindo a análise de Lattuada (1986), o modelo de produção da Pampa Úmida – que se tinha baseado na estância pecuária, a chácara agrícola em arrendamento e a mão-de-obra temporária para o agro – se encontrava desestruturado. Se este esquema originalmente tinha permitido uma expansão espetacular, possuía limitações: permitia o cuidado do solo e uma alta produtividade natural pela rotação de agricultura e pecuária, mas impedia a incorporação de melhoras fixas (construções permanentes de vivendas, galpões, silos, floresta). O proprietário não as efetuava pelas constantes translações de tipo de produção enquanto que os arrendatários também não as faziam, forçados a uma agricultura itinerante⁴⁰⁶. Lattuada (1986, p.20-21) destaca que se bem coexistia uma complementaridade agro-pecuária, se registrava um predomínio da pecuária como fator dominante e decisivo, assim como o era o terratenente em quanto às relações de produção⁴⁰⁷. Sob essa organização, Lattuada recalca que o sistema de posse da terra era o grande eixo estruturador dado que o monopólio da propriedade territorial permitia aos terratenentes a captação de cerca de 30% do valor bruto da produção em conceito de renda. Mas este entrou em conflito quando com a Segunda Guerra caíram as

⁴⁰⁵ A SRA dirige a Miranda em diciembre de 1948 para expressar que “Las empresas se encuentran limitadas en el ejercicio de facultades privativas tales como la de adoptar disposiciones respecto al movimiento del personal y su mejor y su más racional utilización, así como a su adecuado reemplazo o despido. Ello ha determinado que los frigoríficos en conjunto deban pagar jornales y sueldos por un personal numeroso que no necesitan, el que puede estimarse en 6.000 y que sustrae así a otras actividades en donde se requiere y que podría emplearse con provecho, ya que concurriría a aumentar la producción nacional” (SRA Anales 1/1949 *apud* CÚNEO, 1984, p.132).

⁴⁰⁶ “Las leyes de arrendamientos que intentaban garantizar esas posibilidades de inversiones imponiendo a los propietarios un monto determinado de indemnización que debían pagar a los arrendatarios al finalizar el contrato por las mejoras incorporadas a la explotación rara vez eran tenidas en cuenta” (LATTUADA, 1986, p.21).

⁴⁰⁷ “Su funcionamiento consistía en el parcelamiento de un sector de la estancia en parcelas de alrededor de 200 hectáreas que el terrateniente entregaba en arrendamiento de corto plazo, generalmente no más de tres años, a agricultores. Estos productores que contaban con sus propios medios de producción, excepto la tierra, una fuerza de trabajo permanente compuesta por sus propios brazos y los de su familia, y en ciertos casos con la contratación de trabajadores asalariados transitorios, para aquellas labores en que la unidad de producción familiar no se bastaba a sí misma, como las de cosecha, debían cultivar casi exclusivamente cereales o lino y abandonar el predio una vez finalizado el contrato dejándolo sembrado con alfalfa. Allí serían trasladados los animales que se encontraban en otro sector de la estancia, mientras que el arrendatario y su familia podían reiniciar el ciclo productivo en otro lugar de la explotación que se le asignara, siempre y cuando el terrateniente decidiera renovar el contrato y este aceptara las condiciones impuestas” (LATTUADA, 1986, p.21).

exportações agrícolas e subiram as pecuárias⁴⁰⁸. A isto somava-se o que Lattuada (1986, p.36-39) explica como uma crescente ‘pressão nacional sobre a terra’ devido a uma exigência maior de produção que permita solver o desenvolvimento de todo o sistema, que pelas características populares do peronismo fez ‘definitivamente incompatível sua coexistência com as antigas formas de produção de gado’.

Enquanto os arrendatários exigem uma baixa do cânon de aluguel, os terratenentes decidem expulsá-los e optam pela pecuária ao ser mais rentável, o que aumentou a migração de arrendatários à cidade, e também de peões ante a menor demanda de mão-de-obra por parte da atividade pecuária. Ante a pressão dos arrendatários, o governo conservador impôs a continuidade forçada dos contratos de arrendamento vencidos ou que vencessem durante a guerra e a Junta de Grãos interveio os mercados de cereais e linho, adquirindo a preços superiores o que se lhe oferecera⁴⁰⁹. Em seguida, o governo militar melhorou e antecipou os preços de compra das safras e reduziu em 20% os arrendamentos, suspendendo os juízos de desalojo. Lattuada (1986, p.30-31) afirma que os setores arrendatários receberam com júbilo essas medidas, se esperando com a possibilidade que conduzisse a outras cujo final fosse uma reforma agrária que resolvera a questão da posse da terra fazendo efetiva a Lei de Colonização N.º. 12.636 de 1940 que entendiam parcelariam os latifúndios⁴¹⁰. Assim se quebrou “el modelo productivo pampeano más generalizado, fijando al arrendatario a la parcela que trabajaba, pero no solucionó el problema de las inversiones, dado que el carácter de emergencia de las prórrogas dictadas, y ante la posibilidad de que cualquier cambio político llevara las cosas a su antiguo orden, ni los propietarios ni los arrendatarios decidieron invertir. Al evitarse la rotación entre agricultura y ganadería, y con ellas el ganado y el arrendatario, se lograba un sistema socialmente más progresistas, pero económicamente significó la pérdida de fertilidad de la tierra y una disminución de sus

⁴⁰⁸ Também muitos grãos agrícolas se encontraram com o fechamento de seus mercados pelo conflito (particularmente, o milho). Adicionalmente, o comércio agrícola se encontrou prejudicado pela falta de bodegas para o transporte de ultramar. Estes fatores derivaram num aumento na produção a ser vendida e numa queda nos preços das exportações, enquanto subiram os dois insumos importados.

⁴⁰⁹ “Los precios diferenciales que establecía la Junta por adelantado intentaban dirigir la producción para los futuros cultivos; sin embargo las cosechas se mantuvieron relativamente constantes, y la acumulación de saldos invendibles los obligó a la destrucción lisa y llana de las viejas cosechas” (LATTUADA, 1986, p.26).

⁴¹⁰ A FAA (*apud* LATTUADA, 1986, p. 30) afirma: “Con este decreto, que los agricultores agradecen al Gobierno de la Revolución, se solventan situaciones apremiantes y circunstanciales pero no las básicas y definitivas. Conociendo el espíritu que anima al actual Gobierno, los agricultores consideran a este decreto como una etapa precursora de más grandes acontecimientos que únicamente pueden derivar de una verdadera reforma agraria”.

rendimientos” (LATTUADA, 1986, p.32). Essas medidas permitiriam suportar o contexto crítico do momento, mas estiveram longe de resolver os problemas estruturais, aprofundando as tendências e conflitos existentes. Os proprietários desejavam que tivesse livre convênio, para recuperar suas terras para a atividade pecuária. Também aceleravam a partição de “sus grandes extensiones en explotaciones medianas y pequeñas a nombre de diferentes sociedades anónimas que constituían con sus familias a tal efecto, manteniendo la propiedad en las mismas manos en acciones innominadas” (LATTUADA, 1986, p.32)⁴¹¹.

Mas no imediato a FAA com o Conselho Agrário Nacional dão impulso a uma reforma agrária e em 1945 entregam títulos de propriedade, efetuam algumas expropriações com uso de uma grande campanha de propaganda. Perón (1971, p.195) sustenta essas esperanças parafraseando o slogan agrarista ao afirmar que “*la tierra no debe ser un bien de renta, sino un bien de trabajo*”⁴¹². “La estrategia desde allí implementada si bien hace pensar en las preliminares de una ‘*reforma*’, en realidad impulsa – sin desearlo – un proceso de desinversión en el agro, toda vez que las prórrogas sucesivas de los contratos de arrendamiento sólo inducen a la no rotación productiva con la consiguiente pérdida de fertilidad del suelo y menores rindes (que no siempre se reflejan en los volúmenes producidos), así como un escaso compromiso de parte de arrendatarios y propietarios para reinvertir parte de su renta en el campo, del cual no pueden disponer libremente”. (GIRBAL-BLACHA, 2003, p.110-111). A FAA denuncia a prática do fracionamento de terras entre familiares dos proprietários para fugir a uma possível reforma agrária. Perón alimenta a tensão declarando no discurso que pronuncia em San Andrés de Giles, 30 de novembro de 1944, ao proclamar que “o problema argentino está na terra” e que se permanece improdutiva sobrevirá a expropriação em favor de aqueles a exploram ativamente. A obra de Perón na STP alimenta expectativas de melhoras nos trabalhadores rurais. Lattuada (1986, p.40) afirma que Perón os teve muito em conta ao elaborar sua estratégia e propostas para o

⁴¹¹ “Con el sistema de las sociedad anónimas trataban de ponerse a cubierto de posibles medidas legales futuras, que profundizaran las actividades desarrolladas por el Consejo Agrario Nacional (CAN), a partir de 1944, y que tuvieran como base de la expropiación la extensión de las explotaciones. Además, otra de sus ventajas era que a la muerte del propietario, sus descendientes no necesitaban vender o dividir parte de esas grandes extensiones para el pago de las fuertes imposiciones establecidas por los impuestos sucesorios, ya que las acciones al ser innominadas y transferibles podían pasar de mano en mano y de generación en generación, sin traba alguna” (LATTUADA, 1986, p. 32).

⁴¹² “[E]l que tenga la tierra ha de laborarla; y el que no pueda pagar peones, debe trabajarla personalmente. Por otra parte, si no es capaz de trabajarla, que la venda”, Manual del peronista (*apud* GIRBAL-BLACHA, 2003a).

setor durante sua campanha presidencial dada a importância eleitoral da população rural. Calcula que representando 37% da população total, seus votantes seriam 170.000 proprietários e 880.000 a massa não proprietária; o que corresponderia 31% dos votantes na eleição de 1946 que venceu e 59% dos que obteve. O Partido Laborista, formado por sindicalistas para apoiar a Perón, aprofundava os conflitos do mundo rural negando afiliação a latifundiários, fazendeiros, rentistas e comerciantes, e a ‘qualquer dos núcleos da oligarquia’.

“La división de la tierra y la eliminación del latifundio, la aplicación de un impuesto progresivo a la herencia y a la tierra, la intención de llevar a cabo una política que favoreciera a los pequeños agricultores para que puedan transformarse en clase media rural, la extensión de la justicia social a los trabajadores del campo, reglamentación de las condiciones de trabajo de los asalariados rurales, participación en las ganancias de las empresas, salario mínimo obligatorio para todo el país, extensión de la educación técnica al interior, y establecimiento de colonias sanitarias en al campaña, además de asegurar la continuidad de la reivindicaciones socioeconómicas obtenidas durante el período 1943-1946, sancionando como leyes los decretos-ley del gobierno militar, y que para el sector rural significaba el Estatuto del Peón, el Estatuto del Tambero-Mediero, la prórroga de los contratos de arrendamientos, la suspensión de los desalojos, y el mantenimiento de la rebaja en los precios de los arrendamientos” (LATTUADA, 1986, p.45-46).

O comportamento de Perón fez críveis essas aspirações: impulsionou reivindicações para os assalariados rurais; apresentou propostas para arrendatários, meeiros, pequenos proprietários e minifundiários, ocupantes de terras fiscais, e todos aqueles que revestiram o caráter de outras formas de pose não proprietárias (LATTUADA, 1986, p.47). O Estatuto do Peão redefiniu o regime de trabalho para trabalhadores em relação de dependência e impunha um salário mínimo que quase duplicava o vigente⁴¹³. “Este estatuto tiende a solucionar uno de los problemas más fundamentales de la política social argentina. La situación del peón en el país es de extraordinario desmedro para los hombres que trabajan en el campo. La Constitución del 53 abolió la esclavitud, pero lo hizo teóricamente, porque no es menor la esclavitud de un hombre que en el año 44 trabaja para ganar 12, 15 ó 30 pesos por mes” (PERÓN *apud* LATTUADA, 1986, p.49). Contrariada, a SRA (*apud* CÚNEO, 1984, p.127) afirmaria que “[e]n la fijación de los salarios es primordial determinar el estándar de vida del peón común. Son a veces tan limitadas sus necesidades materiales que un

⁴¹³ También “establecía remuneraciones por zonas, garantizándoles estabilidad, vacaciones pagas e indemnizaciones por despido sin causa justificada. También se establecían normas de higiene, alojamiento, descanso diario y mensual, alimentación y asistencia médica y farmacéutica a cargo del empleador” (LATTUADA, 1986, p.). Por Decreto-Lei N° 3.750 do 5/2/46 se sancionou o Estatuto do Tambero-Mediero. “Este estatuto, sin embargo, no tuvo reacciones negativas de los sectores productivos, por el contrario, se lo reconocía como uno de los reglamentos de trabajo realizados con mayor criterio” (LATTUADA, 1986, p.53).

remanente trae destinos socialmente poco interesantes”⁴¹⁴. Também CARBAP e FAA se opuseram à medida⁴¹⁵, assim como à que as obrigava a contratar trabalhadores que estiveram afiliados a sindicatos regionais e a reformas na propriedade da terra. “Después de tantas y tan cruentas experiencias que la historia nos presenta, es necesario una vez por todas encarar con seriedad el régimen de la tierra, defendiendo sin restricciones la propiedad privada en contra de las teorizaciones fracasadas, producto de mentalidades enfermizas” (SRA *apud* CÚNEO, 1984, p.130). Simultaneamente, Perón continuava com a política do CAN que proclama que a ‘reforma agrária estava em marcha’ ao anunciar o programa de ação colonizadora 1945/46. Pouco depois, se entregam terras fiscais nas Colônias do Estado nos territórios de Chaco, Misiones e Formosa (LATTUADA, 1986, p.58)⁴¹⁶. O CAN se converte em parte das políticas implementadas desde o recentemente nacionalizado Banco Central e em abril de 1946 o Decreto-Lei N°. 10.837 o faculta a entregar em arrendamento vitalício com opção de compra, as terras adquiridas e as fiscais.

Uma vez eleito Perón se fortaleceu aos trabalhadores rurais com a lei 13.020 de 1947 e se fomentou sua agremiação para a defesa de seus interesses e outorgou aos arrendatários compensações através da ação do Banco da Nação, e principalmente uma política de prorrogação dos contratos de arrendamentos rurais, congelamento de preços e suspensão de desalojos⁴¹⁷. Essa política se reverte em 1948 com os primeiros sintomas da crise⁴¹⁸. Deteve-se a declarada reforma agrária, a atividade colonizadora de entrega de terras a não proprietários caiu a seu mais baixo nível⁴¹⁹, embora se mantivesse a

⁴¹⁴ “El trabajo de campo, trabajo en extensión, por lo general y a la intemperie, por su propio índole, fue y es de acción personal del patrón. Este actúa, con frecuencia, con los peones en la labor común, la que acerca a las personas y establece una camaradería de trato que algunos pueden confundir con el del amo al esclavo, cuando en realidad, se parece más bien al de un padre con sus hijos”; “El trato que reciben los peones es humano y considerado; los alimentos que comen son sanos y abundantes y el sueldo o jornal constituye una justa retribución” (SRA *apud* CÚNEO, 1984, p.128).

⁴¹⁵ “Reclamos a los que se sumaron pequeños y medianos propietarios a través de la FAA, puesto que el encarecimiento de los costos laborales obligaba a prescindir de los trabajadores permanentes y a intensificar el empleo de la mano de obra familiar” (RAPOPORT, 2006, p.354).

⁴¹⁶ O jornal *Democracia* ligado a Perón anuncia o 7 de dezembro de 1945, vésperas das eleições presidenciais, que a “Revolución va a expropiar feudos de Patrón Costas” (GAMBINI, 1999, p.58).

⁴¹⁷ Que se sentiam prejudicados pelos baixos preços pagados para seus produtos por um único comprador, o Estado, pelos altos preços dos insumos agropecuários, e o aumento do custo da mão-de-obra pelos salários estabelecidos para os trabalhadores rurais

⁴¹⁸ Com o Segundo Plano Quinquenal “los asalariados rurales, si bien obtuvieron algunas ventajas como la sanción de la ley nro. 14.399 en 1954 que les concedía los beneficios de la jubilación, también vieron estancados sus ingresos del mismo modo que sus pares urbanos. (LATTUADA, 1986, p.78-79).

⁴¹⁹ Isto se agravou por um ‘fugoso discurso’ de Molinari sobre a reforma agrária. Aí Perón por Decreto-Lei N°. 14.959/46 estabeleceu que o CAN e a aplicação da Lei de Colonização N°. 12.636 passem para o Banco Nação. Molinaria afetado, renunciou (ver GAMBINI). “En esta nueva etapa se considerará que prácticamente la mayoría de las reivindicaciones socio-económicas de los sectores asalariados han sido

prorroga dos contratos, enquanto o governo tinha duas opções para aumentar a produção exportável e aliviar o balance de pagos:

“profundizar los cambios en la estructura agraria, expropiando a los terratenientes arrendadores, y haciendo producir esas tierras ya por los antiguos arrendatarios, aparceros y ocupantes, y por el Estado mismo, acompañando esos cambios con una activa participación estatal en el momento de la producción agropecuaria; o recurrir a los incentivos económicos ortodoxos y remover los obstáculos y conflictos que existieran en el sector, para crear las condiciones ‘deseadas’ por los propietarios del capital y la tierra para aumentar la producción de sus explotaciones. En la medida en que las exigencias de una mayor producción agropecuaria se fueron expresando, el Peronismo optó por la segunda de las vías mencionadas” (LATTUADA, 1986, p.72).

Adicionalmente, para incentivar a produção primaria se outorgou maiores garantias aos direitos de propriedade, tanto pelo discurso Perón, como pela Constituição Nacional de 1949, e na lei 14392 de Colonização do ano 1955⁴²⁰. Contudo, essas maiores garantias não puderam compensar as perdas que teve o setor terratenente arrendador durante todo o período em quanto à significativa redução de seus benefícios em conceito de renda e às limitações para a livre disponibilidade de suas propriedades (LATTUADA, 1986, p.79-80). Para os terratenentes o período peronista será a ‘época de regressão’ cujos defeitos seriam para Martínez de Hoz (1967, p.45), titular da SRA durante um tempo no período: “1) el establecimiento de una aguda estatización y centralización de la economía, que se pretendió dirigir burocráticamente a través de planes y organismos oficiales que fracasaron lamentablemente en su acción; 2) el desaliento de la producción agropecuaria a través de la disminución de sus ingresos en beneficio del sector estatal, del industrial y del consumidor; 3) la pérdida de mercados de exportación para productos agropecuarios, debida a la conjunción de estos factores con una errónea política de comercialización; 4) la descapitalización del agro, que se tradujo en un bajo nivel de mecanización y tecnificación, así como una desastrosa declinación de los medios de transporte y de la energía disponibles; 5) las divisas acumuladas en el exterior fueron malgastadas en importante proporción en operaciones que no se tradujeron en la importación de bienes productivos”. Assim, a SRA só procurou manter uma postura conciliadora com Perón que este aceitou numa espécie de

satisfechas, evitando – según lo expresa Perón en 1947 – el estallido social y el descontrol de la situación en manos de los sectores que accedieron al poder” (LATTUADA, 1986, p.73).

⁴²⁰ “Estas mayores garantías materializaron en una paralización del proceso colonizador a cargo del Estado, en mayores limitaciones a los alcances del instrumento expropiatorio para la adquisición de tierras, en la incorporación del valor venal de las tierras para las estimaciones del pago de las tierras adquiridas o expropiadas por el Estado, y en al defensa explícita de la gran explotación en reducción” (LATTUADA, 1986, p.79-80)

pacto entre ambos que se prolonga até o momento seu derrocamento (CÚNEO, 1984, p.131)⁴²¹.

Mas este estado de relação com as principais entidades patronais não satisfazia as expectativas de Perón de contar com uma organização empresarial única que juntara a firmas de todas as atividades, pelo que procurou continuamente reconstruir uma instituição que se conforma se a seus desígnios de ‘Comunidade Organizada’. Inicialmente, essa tarefa a foi empreendida por Miranda e Lagomarsino criando a Associação Argentina para a Indústria e o Comercio (AAPIC), uma comissão assessora que teria o objetivo de representa também aos comerciantes e agricultores, para substituir à UIA, a Câmara de Comercio e a SRA. O projeto fracassou totalmente, já que as figuras da Associação não eram proeminentes ou respeitadas no mundo econômico. Depois, em agosto 1947 Perón auspicia o Congresso da Economia Argentina, mas também nesta ocasião não viu seus desejos cumpridos dado que as conclusões às que o mesmo arribou lhe foram adversas. Um ano depois, intenta de novo mediante a Confederação Econômica Argentina (CEA) que procurava acoplar à SRA, à Câmara Argentina de Comercio, à Bolsa de Comercio de Buenos Aires, a CAPIC, a C.G.E. e Câmaras da UIA. Nesta ocasião Perón conseguiu contar com empresários mais importantes. Este mudança de atitude no comportamento patronal se vincula a que muitos duvidavam continuar se opondo ao governo. Em especial depois a reforma constitucional de 1949 que expunha o poder de um regime que podia, inclusive, chegar a violar o direito de propriedade, já que os proprietários tinham agora obrigações sociais que atender, sob risco expropriação⁴²². Entretanto, embora Perón considerasse isto uma melhora, a CEA não era a grande organização empresarial que aspirava ter (LUNA, 1985, p.38). Por isso em seu discurso em 10 de julho de 1950, demandou que os empresários ainda não estavam cumprindo sua função na comunidade organizada como o faziam os sindicatos e o governo; reclamo que repetiria em setembro desse ano ante uma delegação pecuarista. Mas para 1951 a maior parte dos grandes empresários se tinha retirado da CEA.

Percebendo que não podia obter o apoio dos grandes empresários Perón decidiu recorrer aos pequenos, em especial do interior. No noroeste do país, se reuniram um

⁴²¹ Todavía, não significava mais que uma aproximação estratégica por necessidade. “Personalmente o como clase, no como Sociedad Rural, persistirá en él toda índole de recelos de fondo social” (CÚNEO, 1984, p.132).

⁴²² Perón não tomou muitas propriedades privadas. Ademais de Robustiano Patrón Costas, e alguns jornais, Bemberg, Massone e Mu-Mu sofreram.

grupo de donos de pequenas fábricas do interior, comerciantes de alguma relevância, empresários agropecuários e da mineração, liderados por José B. Gelbard, que criaram a Confederação Argentina da Produção, a Indústria e o Comércio (CAPIC) em 1950. Depois de longas negociações, ambas as entidades se uniram em dezembro de 1950 para constituir uma entidade perto daquela procurada por Perón, a Confederação geral Econômica (CGE) para agosto de 1953 – é dizer, recém para o final de seu regime⁴²³. Entretanto, é evidente que estes empresários não constituíam nem o grupo de grandes industriais, que se vinham agrupando na UIA, nem representavam aos setores manufatureiros que podiam aprofundar a indústria no país. Se a UIA representava as indústrias tradicionais, a evolução dessas sob o peronismo não foi significativa como para que modificassem sua oposição ao regime⁴²⁴. As indústrias dinâmicas, por sua parte, tiveram um desempenho mais importante, incrementando sua participação no produto bruto industrial de 35,9% para 42,2% entre 1945/49 e 1950/54, segundo mostra Sidicaro (2002, p.77). “No obstante su incremento, dicha actividad continuó aportando una fracción poco significativa en el total de la producción industrial. En efecto, de contribuir con el 1,3% en 1946 pasó a aportar el 4,1% en 1955” (SIDICARO, 2002, p.77). Essa evolução industrial também se caracterizou pelo incremento da participação dos estabelecimentos de menor e de maior envergadura, se estancando a dos de tamanho intermédio⁴²⁵. Sidicaro mostra que este incremento foi importante na explicação do produto manufatureiro durante o regime peronista. “Algunos establecimientos anteriores a 1946 aumentaron sus producción, pero...el incremento de la producción industrial resultó en una elevada proporción de los establecimientos creados en el período”

⁴²³ “Para corregir aquel desequilibrio entre Buenos Aires y las provincias, los industriales del interior, particularmente los de la zona norte, fueron los iniciadores de la Confederación Argentina de Comercio, Industria y Producción, que se reunió por primera vez en 1919. Esta organización es el primer antecedente de la Confederación General Económica y de la C.I., formadas años después, durante el gobierno de Perón, y constituye un punto importante de defensa de la CGE, que no es una creación de aquel régimen, sino que tiene sus raíces en asociaciones que ya existían en el interior” (FREELS, 1970, p.18).

⁴²⁴ “En el período 1946-1955, los intereses de los propietarios de las industrias tradicionales retrocedieron en comparación con los de otros sectores manufactureros. Ese deterioro fue el resultado de medidas y orientaciones de distinto tipo, cuyo objetivo no era perjudicar a las industrias tradicionales si bien provocaban esa consecuencia” (SIDICARO, 2002, p.74).

⁴²⁵ “De los 65.388 establecimientos que representan el incremento entre ambos censos, había 48.604 que no ocupaban asalariados y 15.590 que tenía menos de 10 asalariados (con un promedio de 3,2 por establecimiento). Los “11-25” y “26-50” aumentaron su número en 1.107 establecimientos, mientras los estratos “51-100” y “101-300” mostraron una total estabilidad; en el caso de los establecimientos que ocupaban más de 300 asalariados, el aumento fue de 99 establecimientos (...) Aumentó la ocupación en los establecimientos de los estratos de menos 50 asalariados y en los correspondientes a “más de 300”. Por el contrario, el estrato de “51-100” presentó una disminución de personal (3%), y el “101-300” mostró un aumento de menos del 1%” (SIDICARO, 2002, p.78-9).

(SIDICARO, 2002, p.79)⁴²⁶. Este autor, segue as conclusões de Ruth Sautú e de Díaz Alejandro em destacar a importância das pequenas empresas no processo de crescimento industrial no período peronista, embora ressalte que essas não geraram associações que as representassem⁴²⁷. Sidicaro (2002, p.82) sustem que na segunda gestão peronista se procurou dar ‘uma maior racionalidade aos processos econômicos’, mediante medidas que controlaram as pequenas empresas e implantando um regime de licenças para a instalação de novas com o Plano Econômico de 1952⁴²⁸. O fato que a multiplicação dos pequenos estabelecimentos era um efeito objetivo de sua política econômica, não impedia que se reconhecessem os aspectos negativos e deficientes dessa forma de desenvolvimento industrial. Mas este autor destaca que o governo adotou este caminho pelos efeitos sociais que geravam.

“Si bien las protecciones arancelarias o las traslaciones de ingresos pudieron impedir que parte de esas empresas desaparecieran, las razones de la adopción de las medidas oficiales no eran sólo la consecuencia de la preocupación estatal por ellas. El pleno empleo, el nivel de ingresos de los sectores asalariados, la balanza comercial o la independencia económica, constituían para el gobierno peronista los principales argumentos de la política encarada” (SIDICARO, 2002, p.82-3).

Assim mesmo, Sidicaro coloca que, inclusive as empresas dinâmicas devieram sofrer pelos conflitos com seus assalariados e com as organizações sindicais fomentadas pelo Estado. Por outro lado, essa perspectiva de priorizar a atividade interna “en la medida que la política económica peronista privilegió la importación de insumos sobre la de bienes de capital, la modernización de las plantas existentes se convirtió en un problema. Aun cuando las importaciones de maquinarias favorecieron a las empresas dedicadas a la sustitución de importaciones, sus propietarios reclamaron que se atendieran sus necesidades urgentes de modernización” (SIDICARO, 2002, p.83). O autor conclui que, como em outros países, a solução deste problema procurou resolver

⁴²⁶ “En el año 1954 existían 91.113 establecimientos creados después de 1946 que ocupaban 275.138 asalariados. Sobre 151.828 establecimientos y 1.055.496, el 60% eran posteriores a 1946 y ocupaban 26% de los asalariados. El valor de la producción de los 75.308 establecimientos fundados entre 1946 y 1953, aportaba un 22% del total” (SIDICARO, 2002, p.79).

⁴²⁷ “Tampoco surgieron organizaciones de tipo político que puedan atribuirse a la acción de esos sectores, ni órganos de acción ideológica inspirados por ellos. El análisis de las orientaciones de esos sectores hacia la política peronista no debe desvincularse de las relaciones que los mismos mantenían con los asalariados y a la amenaza que encontraban en los controles estatales. Las reglamentaciones sobre condiciones laborales eran difíciles de eludir en las grandes empresas, pero en las de poco personal podían violarse o ignorarse los convenios” (SIDICARO, 2002, p.81-82).

⁴²⁸ A UIA procurou se acercar ao governo, mediante uma grande convocatória de empresários que expressaram seu apoio a Perón, quem a sua vez aproveita a circunstância para formar uma única central empresarial. “El gobierno tenía urgencia en que el tema se resolviera lo más rápidamente posible; su apuro se originaba en la decisión de aplicar un cambio de orientación en la política económica que requería del apoyo de las organizaciones empresarias y de trabajadores” (SCHVARZER, p.109).

se por meio de investimentos estrangeiros, mas que não houve interesse deles por ingressar ao mercado argentino⁴²⁹. Adicionalmente afirma que a presença do Estado, “distribuindo os limitados recursos disponíveis, apareceu para muitos empresários como um agente de favoritismos e de corrupção”, pelo que conclui que os proprietários das indústrias de substituição de importações não encontraram motivos para se converter em apoios ativos do governo de Perón (SIDICARO, 2002, p.87)⁴³⁰.

O impulso que recebeu a indústria e a maior preponderância que foi adquirindo para a atividade interna, deixando de lado a análise sobre o grau de industrialização que possuía, é um fenômeno que se inicia alguns anos antes da aparição de Perón. “Las cosas empezarian a cambiar a partir de 1940, es decir, antes del peronismo. Más allá de su fracaso político, la mera existencia del Plan Pinedo fue un primer síntoma de la nueva mentalidad con que se encaraba la cuestión de la industria” (GERCHUNOFF, LLACH, 1998, p.162)⁴³¹. Se pode se falar que na gestão peronista existiu um intento de aprofundar a industrialização, de todas as formas este resultou subordinado ao conflito social que o peronismo que gerou, a despeito das intenções de Perón. Para os empresários industriais, em primeiro lugar, o estilo político de Perón implicava um risco às possibilidades de uma gestão lucrativa de seus negócios. “La UIA se quejaba de que los obreros, soliviantados por los discursos de Perón, ya no se darían por satisfechos con las concesiones soportables para la economía, sino que exigirían cada vez más,

⁴²⁹ “No obstante, de los resultados obtenidos por la aplicación de la ley 14.222 surge que el capital extranjero no se interesó por el nuevo régimen propuesto y entre los años 1953 y 1955 sólo llegaron al amparo de la nueva reglamentación 12,3 millones de dólares...Probablemente, la trayectoria del peronismo neutralizaba sus propios intentos de modificar sus relaciones con el capital extranjero” (SIDICARO, 2002, p.86-7).

⁴³⁰ “A partir del conjunto de situaciones contradictorias en que se encontraban los propietarios de las industrias de sustitución de importaciones se puede explicar el tipo de relaciones que establecieron con el gobierno peronista. Esos empresarios se enfrentaban con una política que si bien podía otorgarles algunos beneficios, sin embargo, por sus contenidos estatistas y favorables a los asalariados, creaba numerosas situaciones de conflictos. Aun cuando el gobierno hizo intentos de ganar el apoyo de esos sectores, el análisis del período muestra que los logros fueron mínimos, o solamente formales. Sin la capacidad necesaria para establecer sus propios proyectos políticos, en un momento histórico en que aumentaba la gravitación política de sus obreros, y en tanto consideraban que el Estado no defendía suficientemente sus intereses, los propietarios de las industrias de sustitución de importaciones no encontraron motivos para convertirse en apoyos activos del gobierno de Perón” (SIDICARO, 2002, p.88).

⁴³¹ Entre 1940 y 1943, la política de redescuentos del Banco Central favoreció a la industria más que a la agricultura y al comercio, se organizó un Comité de Exportación y Estímulo Industrial y Comercial, se dictaron alrededor de quince leyes de promoción industrial a nivel municipal y provincial, se creó la Flota Mercante del estado y se sancionó la ley de Fabricaciones Militares. (...) A medida que el industrialismo sumaba adherentes y medidas a su favor, el sector rural iba perdiendo el sitio de privilegio que había ocupado por largas décadas. Para moderar la expansión de los primeros años de la guerra, en 1943 el campo fue gravado con un impuesto al «excedente de beneficios», que se cobraba en proporción a la diferencia entre el precio vigente para los productos de exportación y un precio promedio del pasado. Ese tipo de medidas prefiguraba borrosamente la política económica del peronismo” (GERCHUNOFF, LLACH, 1998, p.162-63)

procuraba descargar sobre el Estado la responsabilidad por la satisfacción de tales demandas, señalando que el centro de gravedad de las reformas no debía estar en el ámbito del derecho laboral, sino en el derecho social” (WALDMANN, 1981, p.183)⁴³². Mas, por outro lado, existia uma razão mais importante: para os industriais a forma de proceder de Perón lês parecia que tumultuava a ordem social. Seus efeitos mais molestos era a intromissão atropelada sobre a gestão de suas próprias empresas, chegando ao ponto de manifestar a limitação sobre o direito de uso da propriedade privada⁴³³. Essa questão de hierarquia social se deve entender como se colocando por cima de qualquer outra questão de possibilidades lucrativas no período peronista. Para o setor empresarial, a sensação da perda do controle sobre seu patrimônio e a impressão de estar sofrendo o abuso estatal já existia nos últimos anos da Concordância.

“la tendencia a la creciente autonomía del Estado con respecto a los intereses de los principales sectores propietarios no sólo se mantuvo sino que se agudizó entre 1943 y 1946. Los conflictos de los años precedentes quedaron, probablemente, eclipsados en muchos estudios históricos posteriores en virtud de la manera en que se crisparon luego las relaciones entre los grandes empresarios y el Estado. Sin embargo, resultaría imposible entender el activismo patronal contra el gobierno militar y oponiéndose al emergente peronismo, si se ignora el enfrentamiento político antiestatal desplegado en el ocaso del régimen conservador”. (...) Para los actores socioeconómicos predominantes, las críticas y movilizaciones se convirtieron en parte de una política que supera las cuestiones económicas” (SIDICARO, 2002, p.56).

Certamente, durante o peronismo sua relação com o poder político só pode ter se agravado ao sentir que ademais sofriam o poder sindical. Não é suficiente, afirmar que Perón, em verdade, não procurava realmente afetar a estrutura social – como seguramente também não o pretendiam os sindicalistas –; a simples menção desta questão não poderia ser de seu agrado. Mas Perón ia além de uma isolada ou sutil ameaça contra ‘a oligarquia’ ou ‘a propriedade privada’; fazia da incendiaria confrontação uma pratica cotidiana⁴³⁴. Sob tais condições, nem o setor industrial, nem o

⁴³² “Las quejas más enérgicas partían de la asociación de los industriales. ... Estas se referían, más que nada, a los continuos aumentos de salarios decretados y a otros beneficios concedidos a los trabajadores. También se criticaba la fijación estatal de precios máximos para las mercaderías de primera necesidad, en defensa del consumidor. Los planes estatales de conceder a los trabajadores un sueldo complementario a fin de año chocaron contra la misma decidida resistencia que su propuesta de participación de los obreros en las ganancias de la empresa. Todas estas medidas – así se argumentaba – significaban equiparar el nivel de vida del obrero argentino a la situación de los trabajadores de los países altamente industrializados, con una capacidad financiera muy superior a la de la industria nacional, aún en proceso de desarrollo” (WALDMANN, 1981, p.185).

⁴³³ “Las críticas estaban dirigidas, en primer lugar, contra el estilo de gobierno dirigista, cada vez más evidente, que limitaba de manera sensible la libertad de acción del empresariado. En segundo lugar se referían a la política social progresista del gobierno, en la cual las clases acomodadas veían una seria y cada vez más clara amenaza a su patrimonio” (WALDMANN, 1981, p.185).

⁴³⁴ “Sin una propuesta de modificación de la estructura agraria, el gobierno peronista osciló entre ofrecer compensaciones para incrementar la producción y formular amenazas de expropiación. Como ejemplo de

resto dos grupos patronais podiam estar cómodos com seu regime. Por isso, a UIA resultou ser um “baluarte opositor a sua política social” (CIRIA, 1971, p.56)

Forças Armadas.

Ademais dos próprios industriais, a industrialização esteve impulsionada pelos militares. Na realidade, poderia se sustentar que os projetos mais profundos provinham das Forças Armadas. Os industriais, por exemplo, não previam manter os novos mercados externos obtidos durante a guerra⁴³⁵, nem se aventurar muito além da criação de novas ramas industriais⁴³⁶. Foram os militares, por conseguinte, que adicionariam na agenda industrializadora às chamadas indústrias ‘artificiais’⁴³⁷. Perón sempre teve muito em consideração a importância das FFAA para se manter no governo. Waldmann (1981, p.140) destaca que “la mayoría de los autores definen a las fuerzas armadas como *el* principal apoyo del régimen, como *la* garantía de estabilidad del sistema peronista de poder”⁴³⁸. Inclusive afirma que a razão mais importante da conformidade política das Forças Armadas se deveu ao rasgo fundamentalmente militarista de seu sistema de governo⁴³⁹. Mas Perón não possuía controle sobre o corpo militar, pelo que sua política foi isolar-las e neutralizar-las politicamente, na medida do possível, combinando acentuar a essência apolítica das Forças Armadas, com providencias que lhe

ese tipo de actitud cabe mencionar que en 1953, ante el desabastecimiento provocado por la resistencia de los ganaderos frente a la política de precios máximos, pero amenazó públicamente con la incautación del ganado. Así, para la gran burguesía agraria las limitaciones del proyecto peronista fueron una fuente permanente de inseguridad” (SIDICARO, 2002, p.72).

⁴³⁵ “¿Cuáles son en nuestro caso las posibilidades de mantener el mercado exterior? He aquí el panorama de la preguerra. No creemos que el de la posguerra lo aventaje ni lo alcance en proyecciones. No siendo así, el eclipse parcial de ese horizonte internacional empuja a nuestra economía particular a buscar nuestro propio destino” (COLOMBO, noviembre de 1994 *apud* CÚNEO, 1984, p.144-45).

⁴³⁶ “Los limitados criterios industrialistas de la Unión Industrial no anticipan ningún programa previsor y atrevido para la posguerra, quedando pendiente para nuestras industrias el carácter de complementarias de las que, desde el exterior, proveen manufactura y combustible” (CUNEO, 1984, p.144).

⁴³⁷ “Al lanzar el gobierno revolucionario un programa de crédito industrial en septiembre de 1943, por ejemplo, se planteaba la necesidad sustituir importaciones en general, sin discriminar entre industrias naturales y artificiales. Se optaba además por una industrialización cerrada, al darse prioridad crediticia a los productos destinados al mercado interno. La moderación del Plan Pinedo, que había propuesto un apoyo limitado y selectivo, era así reemplazada por una defensa más enérgica y global de los logros alcanzados durante la guerra” (GERCHUNOFF, LLACH, 2007, p.164).

⁴³⁸ La crisis de octubre, más que la revolución de los descamisados imaginada por los ideólogos peronistas, reveló la existencia de un poder militar autónomo, forzado a asumir sus responsabilidades y deseosos de delegarlas de la manera más ventajosa para sus intereses corporativos. El sistema peronista surgió de esa realidad objetiva” (ROUQUIÉ, 1982, p.72).

⁴³⁹ Las categorías de pensamiento y las escalas de valores de tinte militar marcaron su impronta en la concepción básica del sistema peronista de gobierno, confirieron el impulso inicial a muchas de las más importantes reformas y, finalmente, contribuyeron de manera decisiva a esa correspondencia ideológica y política entre el gobierno y las fuerzas armadas, que aseguró a Perón el apoyo de este importantísimo factor de poder (WALDMANN, 1981, p.144).

asseguravam a sua aprovação e seu apoio (WALDMANN, 1981, p.140). Assim, durante o governo de Farrell – logo de vencer na disputa pela vice-presidência vacante ao então Ministro do Interior, o general Luís Perlinger, popular em círculos nacionalistas civis e militares –, Perón instituiu em outubro de 1944 um novo regulamento orgânico para o Exército oferecendo “benefícios concretos que tanto los oficiales jóvenes como los veteranos pudieron apreciar” (POTASH, 1985, T.I, p.357)⁴⁴⁰, e logo criou a Força Aérea. Mas este tipo de benefícios não era suficiente para lhe assegurar o apoio da instituição.

Sua aproximação aos operários gerava opiniões encontradas entre os militares. Muitos deles aprovavam as ações de Perón, em geral os oficiais de graduação média e inferior⁴⁴¹. Mas nos níveis superiores a atitude foi menos favorável. Muitos deles, afirma Rouquié, temiam que os benefícios sociais outorgados pelo Estado e a ajuda recebida pelos sindicatos afetaram a hierarquia social⁴⁴². Como se viu finalmente, em outubro de 1945, setores importantes do exército se incomodaram com o comportamento de Perón, o que produziu sua queda do poder, só para retornar logo da mobilização operária do dia 17. Em quanto aos militares, o que favoreceu o retorno de Perón foi a atitude que adotaram os setores civis e os partidos políticos nesse lapso que os deixou só com duas opções que Rouquié sintetiza como ‘ou Perón ou a revanche dos políticos sobre o exército’⁴⁴³. De acordo a Torre, (2002, 33-34).

⁴⁴⁰ Perón “en su carácter de ministro de Guerra realizó reformas militares que influyeron tanto sobre la estructura organizativa del ejército como sobre las necesidades y expectativas individuales de sus integrantes. Una de éstas medidas, y la que mereció la aprobación unánime de los militares, fue el decreto-ley 29.375 del 26 de octubre de 1944 que sancionó un nuevo reglamento orgánico derogando el anterior que databa de 1915” (RODRÍGUEZ LAMAS, 1983, p.44).

⁴⁴¹ “Es indudable que una de las razones de la actitud favorable de algunos oficiales fue su conocimiento de las condiciones de las clases pobres (resultado de las funciones militares que habían desempeñado en guarniciones provinciales) y la experiencia realizada año tras año con los conscriptos provenientes de las clases más pobres. Pero es probable que un factor más decisivo en la determinación de esta actitud fuera la creencia de que los métodos de Perón estaba disminuyendo la atracción del comunismo sobre el trabajador argentino” (POTASH, 1985, T.I, p.326). “Por su origen social y por su nivel de vida, los suboficiales formaban parte de las clases populares y, como ellas, eran sensibles a la política social del régimen. Así, pues, su peronización era anterior a toda tentativa deliberada de obtener su apoyo” (ROUQUIÉ, 1982, p.86).

⁴⁴² “Los primeros discursos que el coronel Perón dirigió a los trabajadores estaban en realidad dedicados al ejército; el 90% de su contenido desarrollaba dos temas predilectos de sus camaradas de armas: el fortalecimiento de la unidad nacional mediante la organización de la armonía o de la solidaridad social y el mantenimiento del orden económico. El tema de la justicia social quedaba relegado a un segundo plano (...) Pero la relación entre los tres temas se invierte en el gran discurso del 1º de mayo de 1944, en el que la justicia social para ocupar el 70% del texto” (ROUQUIÉ, 1982, p.51).

⁴⁴³ “[L]a elección estaba muy clara: o bien contribuir a que los políticos y la burguesía antimilitarista derrotara al ejército o bien aceptar a Perón a disgusto y recibir el apoyo del pueblo y de los sindicatos sin desvirtuar el espíritu de la revolución de junio. Por un lado, traicionar a la institución militar y quedar en

“Ante la perspectiva del retorno de los políticos tradicionales, su lugar detrás de la candidatura de Perón no ofreció mayores dudas. Cualesquiera que fueran sus reticencias o prevenciones, para los cuadros de oficiales el ex vicepresidente representaba la continuidad del proyecto revolucionario y su victoria en las urnas la oportunidad para poner a salvo el prestigio militar. Por otro lado, la imprudente seguridad con la que la resistencia democrática prometía duros castigos a los responsables del experimento fascista cohesionó en un reflejo defensivo a los miembros de la corporación castrense”

Mas nas FFAA coexistiam partidários com fortes opositores; Perón, para se ganhar seu apoio se mostrava como homem da instituição. Mas só teve êxito até 1950 por meio do outorgamento de grandes concessões e de sua extrema habilidade para aplicar seus recursos de controle manipulativo e ideológicos (WALDMANN, 1981, p.136). Depois, os conflitos com grupos militares foram crescendo até a sua queda em 1955. Além disto, alguns elementos do programa peronista agradavam a muitos militares, entre eles os econômicos, e industriais em particular. Seu discurso sobre ‘Defesa Nacional’ tinha gerado uma reação favorável (POTASH 1985, T.I, p.353). Quer dizer, a idéia que a capacidade defensiva de um país depende de sua potencia industrial⁴⁴⁴. A indústria no segundo pós-guerra devia ser protegida pelo Estado, em contraste com o ocorrido depois da guerra de 1914-18, resolução que Perón (1973a, p.82) crítica como uma falta de visão em quanto à produção local de materiais de guerra, pois se teve que comprar no estrangeiro a preços elevados sem “montar las fábricas para hacerlos en el país, las que tendríamos al presente, lo mismo que una considerable experiencia industrial”⁴⁴⁵. Para GERCHUNOFF e LLACH (2007, p.164-65) se na CNP Perón se tinha manifestado por ‘uma industrialização razoável’ e a eliminação de ‘aquelas atividades que, terminada a guerra, careçam de razão de existir’, ante o problema da escassez de matérias primas e sua capacidade para gerar emprego, se interessou em intensificar a industrialização. Para Rouquié (1982, p.78) nos primeiros anos peronistas a estratégia econômica estava inspirada em considerações militares⁴⁴⁶.

ridículo justamente ante quienes motivaron la intervención del ejército el de junio; por el otro, la cohesión de la institución, la fidelidad a sus objetivos y una inesperada adhesión popular” (ROUQUIÉ, 1982, p.72).

⁴⁴⁴ Las reformas sociales emprendidas por el gobierno contaron con el beneplácito de las fuerzas armadas pues éstas consideraban que las tensiones sociales iban en desmedro de la voluntad defensiva y de la disposición para la lucha de la población (WALDMANN, 1981, p.142).

⁴⁴⁵ “Lo que digo del material de guerra, se puede hacer extensivo a las maquinarias agrícolas, al material de transporte, terrestre, fluvial y marítimo y a cualquier otro orden de actividad” (PERÓN, 1973a, p.82).

⁴⁴⁶ Já sendo ministro de Guerra Perón se mostrou sensível da antiga preocupação dos planejadores militares em relação com o desenvolvimento industrial. “Aunque sin ser el único responsable, la estructura del Banco Industrial reconoció explícitamente los intereses especiales de los militares, pues concedió a los ministerios de Guerra y Marina asientos permanentes en su directorio. El interés particular del Ejército obtuvo un reconocimiento incluso más cabal cuando se designó primer secretario de Industria

“...se confiaba a las Fuerzas Armadas y a su complejo industrial gran parte de las responsabilidades en lo que hace a infraestructura industrial (química pesada, siderurgia) y actividades de tecnología avanzada (construcciones mecánicas). Las fábricas erigidas entre 1946 y 1955 en el marco de la Dirección General de Fabricaciones Militares satisfacen en gran medida necesidades civiles. La expansión de esas empresas es elocuente al respecto: en 1946 se instaló en Campana una fábrica militar de tolueno sintético con una producción diaria de 10 toneladas; en 1952 se estableció una fábrica de ácido sulfúrico en Berisso y otra de azufre en Salta con una capacidad de producción de 25.000 toneladas anuales; en 1955 había 14 fábricas militares que empleaban a 20.000 obreros” (ROUQUIÉ, 1982, p.79)⁴⁴⁷.

Assim é como também as Forças Armadas criaram as indústrias aeronáutica⁴⁴⁸ e automotriz⁴⁴⁹. A forte presença estatal em áreas consideradas chaves, a recuperação de certas atividades sob o manto público por meio da estratégia de nacionalizações, a preponderância do critério governamental para dirigir algumas questões avaliadas como de interesse nacional constituíram elementos de forte identificação do exército com o governo de Perón. Em nome da defesa nacional, o corpo militar propiciava medidas economicamente discutíveis (nacionalizações, dirigismo, monopólio estatal). Inclusive, foi do agrado castrense também o artigo 40 da nova Constituição Nacional que sancionaria o regime peronista em 1949 que definia setores de competência estatal e reservava para o estado os recursos naturais ao estabelecer eles como sua propriedade inalienável e imprescritível. Perón conseguiu manter relações não conflituosas com as forças armadas durante os primeiros anos ao contar com recursos para expandir o orçamento militar⁴⁵⁰. Mas com a recessão econômica que começa em 1949, Perón deveu

y Comercio a un diplomado de su Escuela Superior Técnica, el general Julio Checchi” (POTASH, 1985, T.I, p.359-60).

⁴⁴⁷ Rouquié (1982, p.81) afirma que “Perón, que soñaba con hacer de la Argentina una potencia mundial, tenía una debilidad por las iniciativas espectaculares, con algo de megalomanía, a expensas de las realizaciones duraderas pero pocas llamativas”. Lembra como exemplo o caricaturesco episódio do projeto, anunciado em forma rimbombante ao mundo em 1951, do científico alemão Ronald Richter que prometia instalar na Argentina uma indústria atômica em prazo record e que acabou sendo um embuste.

⁴⁴⁸ “...en el marco de la política de sustitución de importaciones de equipos militares comenzada durante la guerra, dio un impulso decisivo a la vieja Fábrica Militar de Aviones del general Justo, la que pasó a integrar el Instituto Aeronáutico Argentino del que dependían una serie de industrias conexas nacionalizadas y de contratistas privados. Las competencias de ese complejo aeronáutico fueron aumentando hasta que, en 1951, durante el ministerio del brigadier Juan San Martín, se convirtió en Industrias Aeronáuticas y Mecánicas del Estado (IAME). En 1953, esa empresa pública ocupaba 9.000 operarios y había producido a la fecha 200 aviones biplaza de entrenamiento IA 22 D, 100 aparatos Calquín monomotores e incluso el colofón del audacia y de la técnica: un caza a retropropulsión, el Pulqui, cuyos dos modelos no pasaron nunca de la etapa de prototipos” (ROUQUIÉ, 1982, p.82).

⁴⁴⁹ “Por último, en 1951, la construcción de automóviles y de maquinaria agrícola fue declarada de interés nacional y confiada a IAME, que ya fabricaba piezas sueltas para tractores y había realizado algunos vehículos en” (ROUQUIÉ, 1982, p.82).

⁴⁵⁰ “Estos fueron los años de la expansión y la modernización en las Fuerzas Armadas. Como resultado del auge de las inversiones militares que siguió al golpe de 1943, los gastos militares ya representaban el 38,4 por 100 del presupuesto nacional en 1945. En los años sucesivos, el porcentaje descendió hasta el 20,6 por 100 en 1951, pero aún así esta cifra estaba muy por encima del nivel de antes de la guerra, que era del 18,2 por 100, y Argentina continuó destinando más fondos de su presupuesto a la defensa que

modificar a política com eles. “El presupuesto militar, que no dejaba de reducirse desde 1945, tendía a volver al nivel de los años 1938-1940” (ROUQUIÉ, 1982, p.95). Desta forma, o contexto de crise do segundo mandato acabou também afetando as possibilidades de manter essa relação com os militares⁴⁵¹. Sueldo (1961, p. 165) alega que a partir de aí, enquanto o sindicalismo não tinha vitalidade para compensar a perda do bem-estar econômico como fator positivo para renovar o ar do governo, as Forças Armadas transformaram sua alta função econômica suplementaria pelo plano de auto-abastecimento, não da república se não de se mesmas⁴⁵². Perón intentou neutralizar em parte o mal-estar castrense por médio do outorgamento de benefícios econômicos pessoais, como a concessão de licenças para importar carros para os de alta hierarquia. Mas, diante da falta de recursos procurou impor maior poder de controle sobre o exército e se apoiar em subgrupos internos que considerava mais seguros. Isto deu lugar ao que se conheceu como a ‘peronização das Forças Armadas’⁴⁵³.

Outra forma consistiu em utilizar as rivalidades existentes entre as distintas esferas das Forças Armadas. Rouquié sustenta que se em geral as Forças Armadas estavam incomodadas por serem equiparadas aos sindicatos como pilares do regime, Perón conseguiu obter, em certos momentos, uma neutralidade condescendente de parte dos oficiais do exército e da força aérea, mas que a marina seguia sendo liberal e impermeável ao caráter massivo da doutrina justicialista (ROUQUIÉ, 1982, p.83)⁴⁵⁴. Perón não teve em consideração que a ‘politização’ das forças armadas não só

cualquier otro país latinoamericano. La ampliación del cuerpo de oficiales a un ritmo más rápido que el incremento del número de soldados rasos (el número de generales se dobló entre 1946 y 1951) y la compra de material moderno permitieron ganar la tolerancia de las fuerzas armadas a las políticas del régimen durante los primeros años” (TORRE. 225).

⁴⁵¹ “El secreto del estilo estribaba en impedir que ello se tradujese en un mero desborde de privilegios y de prepotencia, como también en compensar ese crecimiento con un proceso equivalente en los sectores restantes del país. Éste era aparentemente el esquema de Perón. En la medida que logró imponerlo y mantenerlo, realizó un auténtico militarismo. Es decir: una gran expansión militar, condicionada a un desarrollo similar en los otros planos, pero condicionante a su vez de él. Pero cuando a partir de 1952, quebrado ya el impulso económico y moral de la ‘nueva era’, el aparato se atascaba sin solución dentro de su propia estructura, rompióse en consecuencia el equilibrio o, mejor dicho, empezó a funcionar en sentido inverso (SUELDO, 1961, p.165).

⁴⁵² “Caso típico: el ejército transformado en explotador agropecuario, y no de zonas fronterizas, inhóspitas o marginales, sino fértiles y acogedoras de tierras, sustraídas al esfuerzo privado en el corazón de provincias necesitadas de una mayor radicación familiar rural” (SUELDO, 1961, p.165)

⁴⁵³ “A la postre, asistimos al sarcasmo de aquel equilibrio al revés. Perón intentó, por un lado, *sindicalizar* a los militares, con adoctrinamientos compulsivos y actualización de mejoras y, por otro, ‘militarizar’ a los obreros, con la movilización de gremios en huelga, con arengas incendiarias, distribución de armas y organización de comandos civiles” (SUELDO, 1961, p.165)

⁴⁵⁴ “El espíritu de la Marina, alimentada de las tradiciones navales británicas y sensible a las formas aristocráticas, no podía ser afín a este coronel populachero que se dirigía las masas en un lenguaje chabacano y no demostraba la menor adhesión al ‘fair play’ político” (LUNA, 1971, p.47).

aumentaria o número de oficiais adictos ao regime, mas também desencadearia movimentos de oposição entre aqueles que ainda não tinham tomado abertamente partido em contra do governo (Waldmann, 1981, p.148). Portanto, a partir da impossibilidade econômica de continuar satisfazendo as aspirações profissionais dos militares, os elementos do regime que estes, ou alguns grupos castrenses, rechaçavam foram ganhando destaque. Além das questões estritamente profissionais, outras passaram a incomodar, como seus métodos cada vez mais repressivos e a divisão da população em dois frentes opostos (WALDMANN, 1981, p.145)⁴⁵⁵. Além disso, os vínculos pessoais de alguns militares com o resto da sociedade os ia afastando de ter uma identidade com o peronismo⁴⁵⁶, enquanto que “el prelude de un Estado sindicalista en el que el ejército dejaría de estar en el centro de la sociedad y sería reemplazado por las «hordas obreras»” (ROUQUIÉ, 1982, p.89), fazia que vissem cada vez mais ameaçada a sua própria ‘existência’ (WALDMANN, 1981, p.148).

As relações entre Perón e as Forças Armadas se complicaram depois de 28 de setembro de 1951 quando o general Benjamín Menéndez intentaria derrocar ao governo. Embora sufocada, transformou as relações mutuas. Perón declarou o estado de guerra interno; a partir de então “la lealtad al líder iba a reemplazar la subordinación constitucional al jefe del Estado...se les pediría un compromiso político en lugar del apoliticismo tradicional” (ROUQUIÉ, 1982, p.93). A metodologia para este objetivo consistiu na implementação de classes de doutrinação justicialista, que já vinham sendo impostas na administração pública, embora recém adquirissem a obrigatoriedade no exército em 1953 dado que eram muito resistidas. Um segundo intento de sublevação gerou por parte de Perón uma reação “demasiado dura como para lograr el objetivo perseguido: la docilidad política y la lealtad de las Fuerzas Armadas” (WALDMANN,

⁴⁵⁵ “El deterioro de la situación y el estilo rudo del gobierno echaban por tierra la credibilidad de un sistema que pretendía instaurar la armonía social. La agitación comenzó de nuevo y se multiplicaron huelgas muy duras. Además, en las frecuentes concentraciones masivas que movilizaban a cientos de miles de argentinos bajo la supervisión de la CGT, Perón apelaba a la violencia contra sus opositores y no dudaba en amenazar con la exterminación de sus adversarios (...) resultaba incomprensible que un gobierno de orden, salido del seno del ejército, pudiera hacer hincapié en las luchas hociuales contra los oligarcas, la patronal y hasta el capitalismo” (ROUQUIÉ, 1982, p.88).

⁴⁵⁶ Assim, os oficiais “solidarios de las capas medias por su nivel de vida, vínculos familiares y sus relaciones, consideraban con creciente inquietud la evolución de la sociedad argentina... Aunque por su origen no tuvieron que ver con los grupos dominantes de la pampa húmeda y con los intereses agroexportadores perjudicados por el monopolio estatal del comercio exterior, admiraban demasiado al patriciado como para aprobar el ensañamiento del régimen con las grandes familias. Y la arrogancia de los nuevos ricos, de los advenedizos de la industria liviana, antiguos obreros o artesanos favorecidos por sus contactos, aguzaba su conservadorismo. La clase media asalariada, a la que pertenecen los oficiales, se sentía cada vez más insegura ante una política que socavaba su status social” (ROUQUIÉ, 1982, p.88-89).

1981, p.146). Ademais, Perón fez sancionar outra lei que lhe outorgava faculdades extraordinárias para uma reestruturação das forças armadas. Por último, aparecia cada vez mais fastidiosa a crescente presença social de Eva Perón, cujas relações próximas com a cúpula da central operária incluíam rumores de formação de milícias operárias pela CGT logo do intento de golpe de 28 de setembro. Para pior, a possibilidade de que fora candidata à vice-presidência em 1952 encontrou a total negação militar já que consideravam isto ‘algo inconcebível’ (POTASH, 1985, T.II, p.170-171). Essas idéias são aceitas por Ceballos (1985, p.27-30), autor simpatizante com o Perón, que destaca que ao momento de sua aparição ele não era ‘a mosca branca’ das Forças Armadas argentinas se não que representava a “um grande setor da oficialidade que tem madurado ideológica e politicamente nos anos do pós-guerra e da guerra e que é francamente industrialista e nacionalista” objetando a “algunos peronistas que reniegan hoy del verdadero origen histórico del justicialismo y quieren presentarlo como un movimiento puramente «civil»”. Lamenta-se que “el peronismo no pudo retener al sector militar dentro del frente nacional” por uma causa ‘fundamentalmente política’, que a desvincula da queda nos gastos militares, e a situa na conjunção de industrialização demorada com o avance sindical e da figura de Eva Perón;

“Había muchos oficiales que estaban orgullosos del impulso que se estaba dando a la industrialización, de la transformación de la antigua Fábrica Militar de Aviones de Córdoba en un poderoso complejo industrial que estaba comenzando a transformar la fisonomía económico-social del centro del país. Sin duda, el retraso del plan siderúrgico planteaba resentimientos, pero el motivo principal de fricción era que el movimiento obrero aún en su expresión burocrática creaba recelos dentro de la oficialidad. La participación de la mujer en la vida política, inaugurada concretamente a partir de la acción de Eva Perón era otro elemento de recelo, así como el avance de la suboficialidad dentro de las FF.AA. Frente a este complejo de contradicciones entre los elementos integrantes del frente nacional, Perón carecía de una ideología que le permitiera dar una explicación histórico-político de la situación, y aunque él personalmente comprendiera muchas cosas, las comprendía pragmáticamente y no tenía una visión verdaderamente universal de la política (...) Ausente esa teoría general de la revolución, la ideología oligárquico-imperialista comenzó a ganar adeptos en los sectores más débiles del frente nacional, el sector militar comenzó a quedar desvinculado del proceso general y terminó en la contrarrevolución” (Ceballos, 1985, p.30-31).

Waldmann (1981, p.145) declara que essa relação até 1951 pode se definir de um grande acordo onde ambas as partes faziam concessões de poder e interesses, mas que depois se perdeu interesse em sua manutenção. Para os militares, a política peronista a partir de 1950 não só tinha sido infiel ao programa de governo original de erradicar os vícios políticos, defender a independência econômica e conservar a paz social: “Había traicionado a la revolución de junio y al hacerlo había perdido todo derecho a mantener

sus pretensiones de liderazgo político ante los ojos de las Fuerzas Armadas” (WALDMANN, 1981, p.149). Ademais, a evolução da ‘comunidade organizada’ ia atropelando até a sua independência, como vinha fazendo com os demais setores sociais, na medida em que Perón foi fortalecendo uma estrutura que o deixava como único árbitro dos conflitos entre forças sociais. Assim, por uma questão de sobrevivência de sua autonomia institucional, militares foram se acercando a uma oposição que sentia impossível vencer eleitoralmente a Perón, optando conjurar. Mas ainda no campo especificamente industrial, os militares não se encontravam satisfeitos com a política de Perón. O avance das ramas pesadas, a pesar das declarações contidas no PPQ, não conformou a suas expectativas já que Perón não priorizou esse rumo. “Parece que la caída en desgracia de Miranda...se debió a la hostilidad de los militares. Estos le habrían reprochado favorecer excesivamente la proliferación de la industria liviana” (ROUQUIÉ, 1982, p.81, n.50). Um exemplo claro nesse sentido foi a evolução da indústria siderúrgica. Trás a sanção em 1947 da lei que aprovava o plano siderúrgico argentino e SOMISA, os militares vieram que sua concreção se demorava por dificuldades de financiamento e por prioridades da conjuntura (ROUQUIÉ, 1982, p.81). Seu funcionamento começaria depois da queda de Perón.

Indústria e riqueza econômica na visão de Perón.

É preciso repassar o projeto de Perón depois de analisar a evolução da indústria sob seus governos entre 1946 e 1955. Procurar-se-á mostrar que a essência do projeto de Perón não se relacionava com dar impulso à indústria, embora tivesse efetuado várias ações nesse sentido. Pode-se captar qual era a visão da economia para Perón, embora resulte preciso se adequar a certo uso próprio de alguma terminologia. A idéia central da questão econômica para ele o constitui a expropriação da riqueza do país por parte grupos nacionais e estrangeiros que deixavam à massa da população em situação de pobreza, e tentada a recorrer às propostas da esquerda comunista. O sistema liberal democrático contribuía a esse perigo porque não canalizava a acumulação de demandas insatisfeitas dos trabalhadores, incentivando as disputas internas que dividiam ao país em bandos em conflito. A resolução passaria pelos três princípios com que Perón definiu ao peronismo: independência econômica, justiça social e soberania política. Estes postulados estão presentes desde o início de sua carreira dentro do GOU. Perón (1973a, p.142) diria que ele traçou os dois postulados fundamentais da Revolução de 4

de junho: a unidade nacional e a justiça social. “Esta unidad ha de traducirse en primer término, en unidad social y en unidad gremial, que son verdaderos fundamentos de la unidad de las masas”⁴⁵⁷. Como afirma Potash (1984, p.188), na visão desta logia se encontra uma manifesta preocupação pela injustiça social e um chamado para que o Estado adote funções como ‘regulador da riqueza, diretor da política e harmonizador social’, que lhe faz surgir a pergunta: Era esse um programa para um regime dominado pelos militares ou temos aqui uma precoce formulação do que chegaria a ser a plataforma de Perón depois de 1945?⁴⁵⁸ Seja como for, o documento do GOU que Potash apresenta claramente contém lineamentos que Perón reiterará insistentemente em seus discursos pouco depois.

“En tanto los capitalistas hacen su agosto, los intermediarios explotan al productor y al consumidor, los grandes terratenientes se enriquecen a costa del sudor del campesino, los grandes empleados y acomodados de la burocracia disfrutan sus buenos sueldos sin pensar sino en que esta situación dure y el gobernante se cruza de brazos ante el aparente panorama de bienestar; los pobres no comen, ni se calzan ni visten conforme a sus necesidades”. (...) La solución está precisamente en la supresión del intermediario político, social y económico. Para lo cual es necesario que el Estado se convierta en órgano regulador de la riqueza, director de la política y armonizador social. Ello implica la desaparición del político profesional, la anulación del negociante acaparador y la extirpación del agitador social” (POTASH, 1984, p.202)⁴⁵⁹.

Para Perón (1971, p.85-86) o sistema ‘demo liberal burguês’ consistia numa “democracia sentada en los actuales privilegios de clase” que gerava uma ‘injusta distribución de los bienes materiales’ que conduzia “a la explotación despiadada del trabajo ajeno, siendo el individuo aislado impotente para impedirlo”. Por isso, para

⁴⁵⁷ “El programa del G.O.U. se convirtió en el programa de la revolución. Sus miembros exageraron por todos los medios la participación de la logia en una revolución cuya paternidad reivindicaron sin escrúpulos. (...) En realidad, el G.O.U., tal como lo vemos hoy en día y tal como lo recuerda la historia argentina, recién surgió después de la revolución de junio, como una especie de prolongación del Ministerio de Guerra del que Perón era secretario” ROUQUIÉ, 1982, p.24).

⁴⁵⁸ “Describiendo al pequeño grupo más o menos informal de los ‘oficiales unidos’ como una organización estructurada, dotada de comisión directiva, prensa y reglamentos coercitivos, se ha dado rienda suelta a las interpretaciones delirantes o fantásticas del golpe de estado del 43. el famoso G.O.U. nunca fue – a pesar de lo que hayan pensado realmente o por las necesidades de la lucha política los partidarios de los Estados Unidos y los antiperonistas – una poderosa red nazi que obraba dentro del ejército para que Hitler conquistara el continente (...) El G.O.U. fue, en primer lugar, un grupo de enlace bastante informal entre jóvenes oficiales superiores partidarios de restablecer la moral y la disciplina dentro del ejército y de recuperar al país de una corrupción que, según sus miembros, lo llevaba derecho al comunismo” (ROUQUIÉ, 1982, p.22).

⁴⁵⁹ “Se impone llevar la acción contra los malos jueces, los funcionarios deshonestos, los personajes de fortunas fabulosas y mal habidas que sirvieron en forma siniestra a los intereses de la antipatria y que como los primeros, son conocidos por toda la población; es una necesidad imperiosa e impostergable la destrucción del ‘trust’ de los cerebros como un medio de aniquilar a los compradores de conciencia. Por último, que se inicien los estudios correspondientes para nacionalizar los servicios públicos, recuperando así, el patrimonio nacional, tal como lo hemos expresando en la proclama, saliendo en defensa de los sagrados intereses de la Patria” (POTASH, 1984, p.143).

Perón (1971, p.35) a ‘liberdade individual’ do liberalismo é uma falsa concepção porque justifica a desigualdade, onde “[u]no tiene libertad para explotar al otro y al otro le queda una sola libertad: ¡la de morir de hambre!”⁴⁶⁰. Essa cumplicidade do regime liberal se baseava em permitir ou condescender com o roubo da riqueza do país por parte de grupos de interesses internos e externos: “la Argentina es un país riquísimo que hasta ahora había sido saqueado por propios y extraños” (PERÓN, 1948a, p.45). Por isso, para resolver o problema do país, o primeiro passo consiste em quebrar esse vínculo. “En el orden económico, lo más elemental es recuperar la dirección de nuestra economía, entregada por los partidos políticos a monopolios extranjeros” (PERÓN, 1963, p.101)⁴⁶¹.

“Podríamos decir, haciendo una comparación, que había una manguera que chorreaba permanentemente hacia afuera y nos quitaba la mitad del riego. No teníamos dinero, pero teníamos grandes ideas y grandes planes. Dimos vuelta la manguera e hicimos que chorreara toda el agua hacia adentro” (PERÓN, 2006, p.45).

Dessa maneira, se percebe como a recuperação da riqueza espoliada implicava um ato de soberania, já que a direção da ordem econômica por parte do Estado só estaria substituindo ao dos ‘capitalistas’⁴⁶². Assim, o expressou Perón (1971, p.15) ao declarar a ‘independência econômica’ do país a 9 de julho de 1947. “La independencia económica representa que ya no estaremos limitados en el disfrute de nuestra riqueza sino que ésta será repartida entre todos los habitantes de acuerdo con su esfuerzo y que cada uno de ellos tendrá su destino económico en sus propias manos y será, de una manera directa o indirecta, el forjador de la grandeza económica de la Nación”⁴⁶³. Perón

⁴⁶⁰ “La ley ha pasado a ser el instrumento que los políticos ponen en acción para servir a sus propios intereses personales en perjuicio del Estado, y el pueblo conoce perfectamente este hecho y sabe, a conciencia, que él no elige a sus gobernantes (...) Algunos desean que el Ejército se haga cargo de la situación, otros encaran el asunto por el lado nacionalista, otros por el comunismo y los demás se desentienden del tema mientras puedan vivir” (GOU *apud* (POTASH, 1984, p.143)).

⁴⁶¹ “Para forzar un cambio en la economía que le permitiera iniciar un proceso de desarrollo autónomo era necesario, ante todo, quebrantar los tradicionales vínculos entre la clase alta nacional y el capital extranjero, y reemplazarlos por un nuevo centro de orientación económica por una nueva fuerza económica conductora. Puesto que ninguno de los restantes grupos y estratos estaba en condiciones de desplazar a la clase alta de su posición dominante, el impulso decisivo debía partir del sistema político, es decir del gobierno” (WALDMANN, 1981, p.179).

⁴⁶² “Algunos dirán que somos nazis, que somos fascistas; yo les pregunto en qué país del mundo la economía es libre. Cuando no la orienta el gobierno, la orientan los grandes consorcios financieros, con esta diferencia: el gobierno la orienta en beneficio de todos los habitantes del país y los consorcios capitalistas hacia sus cajas registradoras” (PERÓN, 1971, p.147).

⁴⁶³ “...la primera necesidad de interés nacional era cerrar todas las compuertas y taponar todos los agujeros por donde escapaba el caudaloso río de oro de nuestros campos y estancias. La primera necesidad era, pues, retener la riqueza. Lo que en segundo lugar debía hacerse era que esta riqueza, una vez dentro del país, no fuese acaparada por nuevos grupitos tentaculares sino distribuida equitativamente en proporción a los méritos de cada uno y de acuerdo al esfuerzo que se ponga en conseguir el resurgimiento nacional” (PERÓN, 1948a, p.47).

sempre manifestou que seu governo era uma prolongação da revolução de 1943 e que essa era em primeiro término uma reforma social, e a reforma econômica era parte dela. Assim, nesse projeto de transformação, os aspectos econômicos que deviam alterar se residiam, essencialmente, em dois pontos: a manutenção e a justa distribuição da riqueza do país⁴⁶⁴. O aspecto *social na* reforma economia consistia em humaniza ao capital, para que “los capitales, en lugar de ser elementos de tortura que conspiran contra la felicidad de los pueblos, sean factores que coadyuven al bienestar de lo que, necesítandolo todo, nada tienen. Queremos que el capital y el trabajo en estrecho abrazo labren la grandeza de la patria, mientras el estado vela por el bien de unos y otros, asegurando la justicia para el rico y para el pobre, para el poderoso y para el débil; para el que manda y para el que obedece” (PERÓN, 1971. p.148). Isto não significava, de forma alguma, terminar com o ‘capital’, se não fazer-lo útil e benéfico para a sociedade; um cooperador efetivo do progresso econômico do país e colaborador sincero da obra de produção, o que ocorre “cuando comparte su poderío con el esfuerzo físico e intelectual de los trabajadores para acrecentar la riqueza del país” e não quando pretende se erigir como ‘dominador econômico’ (PERÓN, 1971, p.149). Isto implicava uma redefinição da liberdade econômica; do direito do dono do capital a estabelecer o marco das relações econômicas com o resto da sociedade. Perón afirma a necessidade que essa tenha seus limites sujeitos a uma previa definição social, porque “Una libertad económica ilimitada conduce a la explotación del hombre por el hombre”⁴⁶⁵.

No somos, de manera alguna, enemigos del capital, y se verá en el futuro que hemos sido sus verdaderos defensores. Es menester discriminar claramente entre lo que es el capitalismo internacional de los grandes consorcios de explotación foránea y lo que es el capital patrimonial de la industria y el comercio. Nosotros hemos defendido a este último, y atacado sin cuartel y sin tregua al primero (...) El capitalismo internacional es instrumento de explotación y el capital patrimonial lo es de bienestar (...) No somos enemigos del capital, aun foráneo, que se dedica a su negocio, pero sí lo somos del capitalismo, aun argentino, que se erige en oligarquía para

⁴⁶⁴ “La reforma económica trataba simplemente dos puntos fundamentales: mantener dentro del país la riqueza del mismo; repartir esa riqueza equitativamente, sin que hubiera hombres que de esa riqueza sacaran tanto provecho que fueran extraordinariamente ricos, ni hombres que de esa misma riqueza sacaran tan poco beneficio que fueran extraordinariamente pobres” (PERÓN, 1971, p.VII).

⁴⁶⁵ “El mundo capitalista sostiene, y sigue sosteniéndolo como un axioma a pesar de sus derrotas y de los peligros que amenazan su concepción y la vida misma construida sobre sus principios, que la libertad es un bien absolutamente individual, lo mismo que la propiedad, el capital, la economía, etcétera. Por este camino, y en nombre de la libertad, los dueños del capital y de la propiedad han creado en el mundo occidental la explotación del hombre por el hombre” (p.13). [“Los hombres de ideales”, Primer Congreso Nacional de Periodistas]. Hechos e Ideas, Año XII, Nº 90. Septiembre 1951).

disputarle a la Nación el derecho de gobernarse por sí (PERÓN, 1971, p.149-50)⁴⁶⁶.

Perón não entendia que colocar limite ao acionar do capital significava que se estivera anulando a liberdade econômica; para ele, o Estado somente estava limitando seus possíveis abusos. “No es mi propósito que la acción oficial restrinja la libre iniciativa individual ni la libre actuación del capital privado, si éste respeta la libertad de los demás y no trata de erigirse en instrumento de dominación económica” (PERÓN *apud* FREELS, 1970, p.26). Daí que Perón tinha podido se declarar defensor da liberdade econômica⁴⁶⁷ já que não entendia que isto em forma alguma representava estar alterando a ordem social⁴⁶⁸. O que estava implementando, simplesmente, era uma adequação para adotar uma postura que defenda os interesses do trabalhador para preservar ao sistema capitalista, ou o que este possuía de bom em seu entender⁴⁶⁹. Na proclamação de sua candidatura presidencial a 12 de fevereiro de 1946, afirmaria:

“Lo que pasa es que ellos están defendiendo un sistema capitalista con perjuicio o con desprecio de los intereses de los trabajadores, aún cuando les hagan las pequeñas concesiones a que luego habré de referirme; mientras que nosotros defendemos la posición del trabajador y creemos que sólo aumentando enormemente su bienestar e incrementando su participación en el Estado y la intervención de éste en las relaciones del trabajo, será posible que subsista lo que el sistema capitalista de libre iniciativa tiene de bueno y de aprovechable frente a los sistemas colectivistas. Por el bien de mi Patria, quisiera que mis enemigos se convenciesen de que mi actitud no sólo es

⁴⁶⁶ “En el orden económico se deberá cambiar el patrón de la moneda con el concepto de que la moneda no es riqueza, sino herramienta de trabajo y que por tanto, no debe estar encarecida por el interés y el plazo y que en tal virtud, el interés del dinero es de orden público y el estado debe ejercer su control de soberano, al fijar el interés máximo para concluir con la usura; como igualmente debe ejercitar ese poder para fijar la renta y arrendamiento de las cosas. Todo ello significa: que el patrón de la moneda deberá ser el trabajo creado por la producción, la riqueza y los valores en comercio, que la moneda, o sea el dinero debe movilizar” (POTASH, 1984, p.211).

⁴⁶⁷ “La libertad hay que asegurarla a fuerza de trabajo, dando primero al hombre la libertad económica, que es fundamental. Nosotros no somos partidarios de la libertad unilateral que se tiene desde hace tiempo, dentro de la cual el rico tiene libertad para hacer todo lo que quiera y el pobre una sola libertad: la de morir de hambre” (PERÓN, 1971, p.14-15).

⁴⁶⁸ “Y cuando los justicialistas podamos ofrecer al mundo nuestra nueva teoría y los capitalistas sepan que por esta nueva teoría ganan más, la aceptarán, porque ellos lo que quieren es ganar más. Esto es lo que hay que ir realizando. Nosotros no convenceremos al mundo capitalista para que abandone las formas que el capitalismo ha establecido sobre la miseria, diciéndole que es necesario cambiarlo por otro sistema de abundancia; con palabras no los convenceremos nunca. Cuando los capitalistas comprueben que ganan más con nuestro sistema, no tengan la menor duda de que lo adoptarán y serán sus defensores. Y habremos resuelto sus problemas y habremos resuelto el problema que más nos interesa, que es el que afecta a los pueblos” (PERÓN, 2006, p.65).

⁴⁶⁹ ...su principal intención era la de inmunizar a los obreros contra las corrientes comunistas y las tendencias revolucionarias, mediante una mejora de su situación. No pensaba en despojar a las clases acomodadas de sus bienes y de su poder para instaurar el dominio de la clase trabajadora. Todo lo contrario; su intención era contribuir a la estabilidad del orden social vigente, corrigiendo su punto más débil: la excesiva falta de privilegios de los trabajadores. Esos planes fueron arruinados por la creciente violencia de los ataques de la oposición, que lo obligaron a buscar el apoyo de las masas obreras y de los sindicatos en una medida superior a la prevista. (WALDMANN, 1981, p.158).

humana, sino que es conservadora, en la noble aceptación del vocablo” (Perón, 1973b, p.192-193)⁴⁷⁰.

Não obstante, sua postura o levava a colocar ao direito de propriedade como sendo uma condição factível de questionamento. Dado que Perón declarava que correspondia ‘defender o interesse coletivo por cima do interesse privado’, em consequência, a liberdade ao uso do direito de propriedade passava a depender da avaliação que se fizesse respeito ao cumprimento de ‘sua função social’. Durante o período de ascensão de sua figura política, Perón particularmente expressava isto em relação à posse da terra. Na campanha para as eleições de 1946 numa visita ao noroeste do país, por exemplo, manifestou que “[l]a tierra será entregada a quienes les corresponde, los que trabajan”, e chegou a expropriar terras pertencentes ao fazendeiro latifundiário Patrón Costas (GAMBINI, 1999, p.143). Pouco antes desses comícios, adicionalmente, anunciou por meio do Conselho Agrário uma expropriação de terra em outro latifúndio. Uma vez eleito Perón não continuou essa línea de ação, se não que a abortou; porém, suas diatribes contra a propriedade da terra que não respeite a sua função social continuaram. Assim, por exemplo, num discurso no Teatro Colón em 1953, expressou ante a presença de importantes terratenentes.

“El artículo de la Constitución Nacional, al fijar la orientación económica de la propiedad de los bienes, establece con toda claridad, que la economía y la sociedad privada son bienes en función social y establece asimismo que la tierra debe ser dirigida, estudiada y distribuida por el Estado entre los hombres que la trabajan y propende, además, a que el trabajador de la tierra tenga acceso a la propiedad de la misma (...) Pero no hay duda que el concepto de la entrega de la tierra a quien la trabaja debe seguir un ritmo lento y debe también realizarse con toda racionalidad para no crear problemas más graves para el futuro que los que actualmente hay en el propio campo argentino” (PERÓN *apud* SIDICARO, 2002, p.72-73).

Em soma, a visão da economia de Perón consistia basicamente em que o Estado tem direito de intrometer-se na propriedade privada quando, no âmbito interno, considerava que o capitalista individual não fazia uso de sua riqueza em benefício da comunidade, e, no âmbito externo, para evitar que agentes estrangeiros açambarcaram a riqueza do país e evitem a sua distribuição equitativa. Perón (1971, p.266) também definiu essa visão como ‘economia social’ na qual a economia não se encontrava “al servicio del capital sino el capital al servicio de la economía y la economía al servicio

⁴⁷⁰ “...finalidad económica de un país no ha de ser el lucro, sino la satisfacción de todas las necesidades de todos los habitantes (31/7/148-49). “El capitalismo es una fuerza de **aglomeración fría**, internacional, sin patria ni corazón. Es, en otras palabras, la aglutinación de lo espurio del dinero” (PERÓN, 1971, p.149).

del pueblo”. Desde essa perspectiva se entende a importância da ‘independência econômica’ já que sua implementação era a base de uma distribuição mais justa.

“Declaramos la independencia económica, porque era la etapa final del primer ciclo: mantener dentro del país la riqueza de los argentinos, tapando todos los agujeros e intersticios de donde se escapaba hacia ya tantos y tantos años. Queremos establecer que paulatinamente vaya completando la reforma social, de manera que los beneficios sean equitativamente distribuidos, es decir, en razón directa al esfuerzo y al sacrificio que cada uno de los argentinos realiza” (PERÓN, 1971, p.VII-VIII).

Considerando-se essas definições se percebe que, além das declarações rimbombantes, a visão econômica de Perón não apresentava grande profundidade ou novidade. Como declaram Gerchunoff e Llach (2007, p.171), “[f]uera de cierto compromiso general con la equidad, sin embargo, no había en el enfoque económico de Perón un contenido sustantivo y coherente que permita hablar de una «economía peronista»⁴⁷¹. Mientras fuera posible, Perón intentaba identificar su administración de la economía con los fines buscados antes que con los medios empleados. La ausencia de compromisos doctrinarios en materia económico-social era explícita”. Afirmaria que o peronismo constituía um movimento não sectário; “Si en el comunismo hay una cosa que podemos tomarla, la tomamos, no nos asustan los nombres. Si el fascismo, el anarquismo o el comunismo tienen algo bueno, lo tomamos” (PERÓN *apud* BUCHRUCKER, 1987, p.325). No campo econômico Perón expressaria isto diretamente como uma virtude:

“Nosotros no somos ni intervencionistas ni anti-intervencionistas; somos realistas. El que dice ‘intervencionista’ no sabe lo que dice; hay que ubicarse de acuerdo a lo que exigen las circunstancias. Las circunstancias imponen la solución. No hay sistemas ni métodos, ni reglas de economía en los tiempos actuales. Hay soluciones concretas frente a un problema también concreto. Resuelto ese problema se va a presentar otro quizás también diametralmente opuesto al anterior. A éste le daremos una solución contraria al anterior, pero no por sistema, sino por inteligente apreciación y reflexión del caso concreto” (PERÓN *apud* Gerchunoff, Llach, 2007, p.171).

A diferença do lado econômico, o aspecto político-social é tão forte que algumas frases de Perón negam o acionar do Estado em seu governo como uma violação do terreno da liberdade econômica. Por exemplo, em seu discurso do 1º de maio de 1945 afirma que “hemos encauzado la economía, no la hemos dirigido” sendo que antes já tinha declarado que “[n]os han acusado de que utilizamos la economía dirigida. Eso presupone en los acusadores maldad o ignorancia. Nosotros estamos respetando la ley de la oferta y la demanda; actuamos con precios económicos y no son precios políticos”

⁴⁷¹ Embora a Escola Superior Peronista afirmasse como Princípios básicos de ‘Doutrina Peronista’, não só uma ‘economia peronista’, se não também uma ‘filosofia’, uma ‘sociologia’ e uma ‘política’.

(PERÓN, 1971, p.150). Também em ocasião da proclamação de sua candidatura para as eleições presidenciais de 1946, Perón expressou sua adesão às modificações no controle econômico que tinha introduzido Roosevelt mediante o *New Deal* como modelo de sua própria gestão⁴⁷². Na realidade, como expressa Buchrucker, para Perón tantos os regimes ‘socialistas’ de Alemanha e Itália, como o *New Deal* e, inclusive, o sistema soviético expressavam uma tendência histórica global para formas socializadas, aonde iam desaparecendo muitas instituições típicas do capitalismo liberal⁴⁷³. Ainda assim, não entendeu essa forma de intervenção como uma violação ou oposição à economia de livre mercado. Não só declarou que sua gestão consistiu em ‘organizar’ e não em ‘dirigir’ a economia, mas que proclamou a necessidade que no comércio internacional impere a livre competência.

“A nosotros, en una época, se nos acusó de mantener en el país una economía dirigida. Nunca hemos tenido en el país una economía dirigida. Hemos organizado la economía, que no es lo mismo. Economía dirigida, para nosotros es aquella en la que un precio político reemplaza al precio económico; en ese sentido, nosotros jamás hemos procedido de esa manera dentro de la economía interna (...) Pero nos encontramos ahora con que se ha creado una Conferencia Intencional de Materiales, compuesta por varios países del mundo, encargada de fijar precios de compra y venta. Eso mata la natural ley de la oferta y la demanda internacional...la mejor ayuda que puede prestar Estados Unidos, para nosotros, en ese orden, es dejar que la economía en el orden mundial sea libre” (Perón, 1951, p.304).

Baixos esses conceitos se compreende como Perón entendia ou colocava em seu projeto à atividade industrial. Em grande medida, os efeitos que o desenvolvimento manufatureiro gerava sobre a ordem social constituíam para ele uma das razões que conduziavam a sua tão reiteradamente manifestada necessidade de ‘organizar’ a economia. “La creciente complejidad de la economía industrial, la estéril dispersión política e ideológica, el juego de ambiciones desmesuradas...son todos factores que no pueden quedar librados a su propia gravitación. El supremo interés de la Patria...exige al Estado

⁴⁷² “Personalmente, prefiero la idea defendida por Roosevelt (y el testimonio no creo que pueda ser recusado) de que la economía ha dejado de ser un fin en sí mismo para convertirse en un medio de solucionar los problemas sociales. Es decir, que si la economía no sirve para llevar el bienestar a toda la población y no a una parte de ella, resulta cosa bien despreciable. Lástima que los conceptos de Roosevelt a este respecto fueran desbaratados por la Cámara... y por la "Antecámara"... es decir, por los organismos norteamericanos equivalentes a nuestra Unión Industrial, Bolsa de Comercio y Sociedad Rural. Y conste, asimismo, que Roosevelt distaba mucho de ser, ni en lo social ni en lo político, un hombre avanzado” (PERÓN, 1973b, p.193).

⁴⁷³ “La evolución en este sentido, alcanzada por algunos países de Europa que he tenido oportunidad de visitar (...) me ha mostrado la evolución de casi todas las actividades humanas hacia una concentración estatal. Si eso lo hubiera dicho yo antes que el Dr. Monteverde, posiblemente hubiesen pensado ustedes, como muchos, que yo soy un nazi. Pero, Señores, la verdad no tiene sistemas ni ideologías particulares. (...) los países más adelantados nos están dando la pauta en ese sentido” (PERÓN, *apud* BUCHRUCKER, 1987, p.315).

moderno una función rectora y reguladora”⁴⁷⁴. Para que o Estado pudesse realizar essa função, era preciso contar com a contribuição do setor patronal – colaboração que Perón reclamava aos empresários industriais, em reiteradas oportunidades, não estar recebendo, ao menos no grau que considerava adequado. A necessidade de sujeitar a liberdade econômica ao interesse social foi confirmada, a 6 de setembro de 1944, em ocasião da apresentação do CNP, quando afirmou que sobre ela se encontrava a exigência de que se implemente a justiça social. “El Estado no debe alterar los principios de libertad económica, tanto para los productores como para los consumidores; [pero debe estimular] la producción. y utilizar toda la mano de obra disponible, con el fin de alcanzar un justo equilibrio de las fuerzas productivas y elevar la renta nacional”. Porém, como a continuação afirma que, ao mesmo tempo, deve “mejorar de modo efectivo las condiciones de trabajo y de vida de los trabajadores”, conclui que “El principio de libertad económica que he proclamado no puede, pues, evitar que el Estado realice esta acción tutelar para coordinar las actividades privadas hacia una finalidad colectiva nacional” (PERÓN, 1973a, p.176; p.178). A 26 de junho de 1946, Perón apresenta os estudos do CNP e afirma que estes mostram que a industrialização representa a) Independência econômica; b) Independência política; c) Equilíbrio econômico; d) Intensificação do trabalho; e) Melhor formação profissional e f) Melhores retribuições. Por outro lado, manifestou que o desenvolvimento industrial a ser levado a cabo deveria ser seletivo em forma similar ao critério de Pinedo, quer dizer que só deveriam subsistir após da guerra aquelas que ‘tiveram razão de ser’, salvo algumas exceções.

“En todo momento el Estado puede fomentar o proteger determinadas industrias. Puede pensarse en determinado orden jerarquías dando preferencias a unas sobre otras. Pero, debe evitarse en lo posible la creación o sostenimiento de industrias artificiales, cuya vida económica depende de alguna forma de protección, que directa o indirectamente, siempre representa un gasto. Un mínimo de industria pesada siempre es necesario y conveniente para cubrir las mínimas necesidades de la defensa nacional (...) No debemos imitar a los grandes países industriales siguiendo el camino que les condujo al poderío de preguerra, porque las circunstancias son otras muy distintas a las que existían en los comienzos de su industrialización. Debemos andar al compás de los tiempos modernos, y crear industrias fundadas en materias primas del país” (Perón, 1973a, p.179).

⁴⁷⁴ “Tradicional y dogmáticamente, nuestra política económica descansó en la convicción de que el Estado debía regir toda participación en el ejercicio de actividades industriales. La experiencia ha demostrado, sin embargo, la imposibilidad de que economías jóvenes y vigorosas como la nuestra aguarden pacientemente a que la iniciativa privada alcance la debida madurez o que, sin adoptar adecuados resguardos, se le confíen actividades o riquezas vinculadas a soberanos intereses” (PERÓN *apud* BUCHRUCKER, 1987, p.322).

Percebe-se que a visão da industrialização que se devia encarar era ambivalente na análise de Perón. Isto se refere não só com respeito ao tipo ou profundidade de desenvolvimento manufatureiro que o país deveria aspirar, mas também às razões pelas quais deveria empreender a Argentina um caminho de industrialização. Isto se percebe, inclusive, em seu famoso discurso sobre ‘Defesa Nacional’, que seguramente constitui o documento mais claro com o qual pode se argumentar em favor da existência de uma visão de industrialização profunda em Perón. Mas neste discurso se afirma que a indústria ‘constitui o ponto crítico de nossa defesa nacional’, as razões que apresenta se baseiam em questões militares, no seu sentido mais amplo já mencionado; mas ao mesmo tempo, se pode encontrar uma segunda razão em favor da indústria devido a apreciações sociais. Isto se vincula com ‘O Grande Medo’ do pós-guerra, o perigo de que no pós-guerra a economia caísse em depressão e elevado desemprego⁴⁷⁵. Se Perón não lhe dá um elevado destaque a essa segunda justificação industrial nesse discurso, pouco depois se expressará em forma clara impulsionando um projeto industrial justificado, não em si mesmo, mas como preservação da ordem social.

“La República Argentina produce en estos momentos el doble de lo que consume, es decir, la mitad de lo que produce sale al exterior. Yo me pregunto si cuando termine la guerra será posible seguir colocando nuestros productos en Sudáfrica, Canadá, Centro o Sudamérica, en competición con los EE.UU., Inglaterra, Francia, Rusia, etc. Cuando ya no sea posible exportar, si consumimos sólo el 50%, ¿cuál será la situación de nuestra industria, de nuestra producción? Habrá una paralización del 50% y veremos a un millón de argentinos desocupados que no tendrán en qué trabajar ni con qué vivir. No habrá otro remedio que aumentar el consumo. Y el consumo, en una circunstancia tan extraordinaria como la que se nos va a presentar, solamente podrá aumentarse elevando los sueldos y salarios para que cada uno pueda consumir mucho más de lo que consume actualmente y permitiendo que cada industrial, cada fabricante cada comerciante, pueda a su vez producir lo mismo que hoy sin verse obligado a parar las máquinas y despedir a los obreros. Los organismos del estado se hallan abocados al estudio de estas posibilidades” (PERÓN, 1971, p.143-144).

Assim, como se conjugam distintas motivações que lhe interessa satisfazer, não resulta claro definir a visão industrialista de Perón. Não se quer afirmar com isto que se esteja ante uma baixa valorização de sua parte, mas sim que estes diferentes argumentos não representam, no fundamental, estar diante um processo no qual o desenvolvimento industrial constituía a sua pedra fundamental. Não só pelas idas e voltas sobre que tipo

⁴⁷⁵ “Finalmente, terminada la guerra, es necesario, como en los demás aspectos, transformar esa economía de guerra tan especializada en economía de paz. La transformación que necesariamente debe producirse en las industrias, en la vida agropecuaria y en todos los órdenes de la producción, es de tal naturaleza, que si no se han adoptado con tiempo medidas previsoras, muy graves perturbaciones pondrán en peligro la existencia misma de los Estados. La desocupación y el derrumbe industrial y comercial han asolado a las naciones beligerantes después de la guerra 1914-18, cundiendo una desmoralización general, peligrosa y contagiosa” (PERÓN, 1973a, p.84-85).

de indústria deverá dar se impulso no país, mas pelos argumentos confusos e até contraditórios neste sentido⁴⁷⁶. Adicionalmente, deve se ressaltar que embora Perón mencione a necessidade de encarar uma industrialização, não todos os caminhos que essa podia seguir confluíam a um mesmo final. Os efeitos sociais de priorizar, por exemplo, a indústria de base era muito diferente dos que gerava impulsionar a produtora de bens não duráveis. Essa diferença resultará mais evidente quando Perón inicie sua gestão. Perón declarava a 30 de junho de 1947 que

“Desde hoy en adelante hemos de industrializar al país para que nuestro trabajo lo realicemos con obreros argentinos y ganen lo que antes ganaban los trabajadores de países extranjeros. Esto representa para nosotros la industrialización. Para cumplir este ciclo completaremos e intensificaremos el ciclo económico de la producción y el consumo. Producir mas, valorizar esa producción por la industrialización propia, comercializar, evitando la explotación, aumentar el consumo. Cerrado el ciclo, poder abastecer a nuestro país con el 80 o 90 por ciento de nuestra producción y exportar solamente el 10 o 20 por ciento” (PERÓN, 1971, p.178).

O curioso é que a industrialização já deveria ter estado em marcha, o que da a pauta de que as questões sociais resultaram mais urgentes que as industriais. Inclusive, o próprio Perón admite isto ao argumentar que tinha tido uma queda da atividade industrial explicando que a classe operária passou a viver melhor desde que assumiu a presidência dado que *a produtividade do trabalho caiu*. “Si hiciese falta otra prueba de la mejor situación actual de la clase obrera podría encontrarse incluso en un dato negativo, cual es, que la producción media por obrero ha descendido del nivel de 100 en 1943 al nivel de 89,2 que se registra en la actualidad. El factor principal (puesto que existen otros de tipo político) en esa merma del rendimiento de trabajo, está representado por los crecidos salarios que permiten al trabajador disminuir el ritmo de su producción sin que se resientan sus posibilidades de vida. Cuando señalamos esa realidad como prueba del bienestar económico del proletariado, no dejamos de advertir la necesidad de poner un correctivo a la situación como medio de proteger el interés colectivo de la nación” (PERÓN, 1948a, p.34-35). Só sob essas considerações pode, também, se entender que Perón no Congresso Industrial de 1953 defenderia ao Segundo

⁴⁷⁶ “para ostentar con orgullo el estado de mayoría de edad que representa la industrialización de un país debemos proteger y fomentar la industria sana y útil, base de trabajo y de producción y escuela de prácticos y técnicos, facilitar el desarrollo de las actividades productivas industriales y comerciales, implantar una clasificación adecuada procurando la centralización del control con el establecimiento de institutos nacionales de investigación para cada rama específica sistematizando el estudio de los problemas que se presentan para resolverlos de manera rápida y practica, fomentar el establecimiento de industrias, protegiendo especialmente las que elaboren materias primas nacionales fomentar industrias locales en zonas áridas y semidesiertas; coordinar la producción industrial entre sí y con un vasto plan de obras públicas: sistematizar los cálculos de los costos; aligerar las cargas fiscales en las empresas que se inician, recargando los impuestos cuando se hayan consolidado” (PERÓN, 1971 p.177-78).

Plano Quinquenal afirmando que se nele se renuncia à criação de “una industria pesada para el país, habríamos renunciado a la industria, no a la industria pesada” (WALDMANN, 1981, p.199). Ao se distanciar um pouco da análise de Perón sobre a indústria, na verdade, pode se afirmar que julgava que a Argentina poderia encarar simultaneamente a expansão de toda indústria que se quisesse; a de base, para satisfação militar; a liviana, para apaziguar aos setores populares. O sustento para essa convicção pareceria provir em que, na realidade, “[t]odo este problema es en si simple cuando se lo quiere realizar de buena fe y se complica cuando no se lo puede no se lo quiere resolver. Tenemos nuestra orientación claramente definida y un plan de acción que nos lleva directamente a la consecución de los objetivos que buscamos”. A idéia de Perón é que a Argentina *não apresentava um problema de riqueza* mas de administração.

Para compreender isto, é preciso analisar qual era a visão de Perón sobre a origem da riqueza. Durante a campanha eleitoral de 1945, Perón explica que o projeto do governo constava primeiro da reforma rural, que radicará em dar a terra a quem trabalha, e que essa modificação seria a base “que debía completarse con la acción industrial, transformando esa producción y multiplicado su valor por la industrialización. Con ello, el país, más rico por su mayor producción y multiplicada su riqueza por la industrialización, arrojaría beneficios suficientes para satisfacer la justicia social que propiciamos. Ése era el orden: primero la reforma rural, después la industrial y, finalmente, la social. Pero hubo necesidad de alterar el orden de la realización”. Assim, Perón explica que primeiro deveu efetuar a reforma social que “no podía postergarse ni oponerse a la rural e industrial porque si no nuestros obreros, cuando recibieran los beneficios, ya habrían fallecido de inanición. Por otra parte, yo necesitaba el apoyo de las masas obreras para lanzar estas reformas” (PERÓN, 1971, p.120). Se o fim da guerra significava também o fim das atividades expandidas graças a ela, levaria a uma queda do emprego industrial que o CNP calculava em 140.000 pessoas. “Para Perón, ese no era solamente un problema económico sino también político: su propio éxito dependía, en gran medida, del apoyo de los trabajadores” (GERCHUNOFF, LLACH, 2007, p.165)⁴⁷⁷. Essas apreciações de Perón parecem dar sustento à análise de

⁴⁷⁷ “[...] Está por terminar la guerra en Europa, y los que no somos ya muy jóvenes conocemos cuáles son las consecuencias de las terminaciones de las guerras en Europa. Los gobernantes de hoy deben mirar fijamente a ese período de posguerra que viene como para nosotros, cargado de oscuros nubarrones que las mentes más privilegiadas no pueden prever en sus consecuencias cuando comienzan a descargar su acción. La posguerra traerá profundos problemas, [...] en primer término una paralización y una desocupación. Traerá, asimismo, una agitación natural en las masas, pero traerá también una agitación

Gerchunoff de que “[l]a economía peronista no fue fruto de una estrategia económica deliberada. Las bases sociales del régimen condicionaron en sus opciones económicas. Entre el proyecto de la industrialización para la defensa nacional, a partir de la industria pesada, auspiciada por oficiales del ejército durante la guerra, y la continuación de la industrialización liviana, Perón escogió la segunda opción, que era más congruente con una distribución progresiva de la renta”. Entretanto, se podría ir ainda mais longe dado que também é factível argumentar que o projeto de industrialização mais profundo não constituía para Perón uma necessidade econômica, se não uma opção política. A 24 de agosto de 1946 afirmaria:

Es indudable que una coordinación acertada de las operaciones de comercialización e industrialización es también factor fundamental en la valorización de los productos. Los chacareros saben lo que cuesta conquistar de la tierra un quintal de maíz. Y es penoso que cuando ese quintal de maíz se ha producido la suma de diez pesos vaya, a través de los ferrocarriles, a la hornalla de una fábrica o al pesebre de unos cerdos, muriendo también en la misma suma. En cambio, una industrialización conveniente evita que ese quintal nacido a diez pesos muera a diez pesos, pues obteniendo de él todos los subproductos que contiene su valorización por la industria puede llegar hasta cuatro veces su precio primitivo, esto es, cuarenta pesos por quintal. Con esos cuarenta pesos producidos por la elaboración y diversificación de los subproductos puede mejorar al productor, puede obtener mayor ganancia el industrializador y puede aún quedar un remanente considerable para pagar mejor la mano de obra de los obreros de la industria. Eso es, precisamente, el trabajo que la industria ha de realizar para valorizar la materia prima. Y digo el maíz como podría decir de los demás frutos de la tierra. Es menester realizar lo que la economía moderna exige: no exportar nuestro trabajo agrario, sino exportar los productos ya industrializados para que la riqueza de la producción y del trabajo queden en nuestro país. (PERÓN, 1971, p.179).

A afirmação de que Perón tivesse em primeiro lugar, ou numa colocação proeminente, o desenvolvimento industrial se baseia, em grande parte, nos conceitos que verteu durante sua famosa conferência sobre ‘Defesa Nacional’ na Universidade de La Plata. Resulta chamativo, em primeiro lugar, que se o desenvolvimento manufatureiro tivesse sido um fator tão destacado em seu projeto econômico, não tivessem muitas mais referências explícitas ao respeito; ou, de outro modo, que a quantidade que podem se encontrar fosse tão poucas em relação aos outros aspectos econômicos mencionados em suas manifestações. Ademais, para Potash essa célebre exposição teve como objetivo principal impressionar aos grupos nacionalistas locais. Para Perón, a industrialização já tinha um longo recorrido no país, e sua preocupação se vinculava sobre todo com as conseqüências sociais que tinha gerado.

que no será natural sino artificial de esas misas masas” (PERÓN, *apud* GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p. 129).

“En 1914 comienza en la Argentina el proceso de industrialización. Entre 1923 y 1930 se acentúa su ritmo; recupera su valor ascensional poco después y, por último, marcha decididamente hacia adelante merced a las necesidades impuestas por la guerra que estalla en 1939. A medida que surgían problemas industriales, y concretamente, conflictos de trabajo o discordias entre patronos y obreros, se siguieron, por comodidad y rutina, las huellas marcadas por otros países que nos habían precedido en las etapas de gestación y desarrollo del maquinismo y consiguiente evolución de los magnos conceptos que informan la estructura, los engranajes y los procedimientos funcionales del complicado mecanismo económico de los Estados Modernos” (PERÓN, 1948a, p.28-29).

Essa descrição de Perón é coerente com seu entendimento que o problema econômico da Argentina se devia a uma questão social, o desafortado açambarcamento da riqueza por parte das classes acomodadas em associação com agentes estrangeiros a custa do povo argentino. Como manifesta Luna (1984, p.208), Perón “[t]enía la convicción de que la economía era un mecanismo muy simple aunque, aparentemente complicado, en el que pícaros y oportunistas sacaban los mejores frutos; una vez sabido el secreto; manejarla era muy fácil”. Afirmaría que “[l]a riqueza se arregla con negocios, tanto entre los hombres como entre las naciones. El que hace malos negocios se hunde, y el que los hace buenos se enriquece. Si con los hombres pasa así, ¿por qué no ha de pasar lo mismo con las naciones? La economía y las finanzas de una nación son las de un hombre amplificadas; nada más que eso” (PERÓN, 2006, p.45). Isto o levou a ungir como ‘czar da economia’ a Miguel Miranda, um empresário médio “inquieto por las cuestiones económicas pero de una formación poco sistemática y de lecturas ocasionales” (GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p.140). Como o próprio Perón (1958, p.28) conta, decidiu nomeá-lo Presidente do Conselho Econômico Nacional logo de considerar-lo um ‘gênio comerciante’ após lhe responder à pergunta de como podia implementar as nacionalizações sem ter dinheiro: ‘¡Con plata compran los tontos! – Este es mi hombre, pensé para mí...’.

Portanto, o problema não era a *existência* de riqueza, se não sua *distribuição*⁴⁷⁸ que se encontrava condicionada pelo comportamento desses ‘pícaros e oportunistas’ graças a seu lugar social. Assim, o ‘problema econômico’ não consistia,

⁴⁷⁸ A 30 julho de 1944 Perón (1971, p.11) afirmava: “Buscamos una justicia retributiva y opondremos una energía inexorable a la explotación del hombre por el hombre. Dentro de la concepción del Estado moderno ya nadie cree que la raza y la potencia de un país estén representadas por su stock de oro o sus depósitos. La riqueza de un país depende: de su potencial humano con su grado de organización, su espíritu de iniciativa y su trabajo: de la extensión y fertilidad de su suelo: de sus plantas industriales; de su tecnicismo y del desarrollo de su investigación técnico-científica: de su red vial y elementos de transporte que faciliten la distribución fácil y el comercio sano y honesto; de una buena organización de crédito y finanzas que dé agilidad al sistema: y, finalmente, de la armonía y solidaridad social. Dentro del grupo de ideas expuestas y teniendo presente el grado de importancia de cada punto mencionado, la economía nacional debe basarse en que el Estado controle sus fundamentos”.

primordialmente, na necessidade de *gerar* riqueza, dado que ela já existia. Para Perón, a Argentina era um país opulento, cuja origem, em última instância, se encontrava na produção primária. Se a negociação externa das mercadorias rurais se fizesse com critério nacional – isto é, sem que ‘capitalistas externos’ continuem se levando uma grande fatia –, o reparto equitativo da riqueza do país resolveria ‘a questão social’. A 26 de abril de 1945 dizia: “[e]stamos frente a Europa destruida. Tenemos campos y tierras fértiles. Somos trabajadores y no somos tontos. La República Argentina es casi el único país del mundo que puede criar y engordar a la intemperie, sin techo, inmensos rebaños de animales, que debemos vender por lo que valen a quienes los necesiten. Tenemos la única tierra del mundo que dará cuarenta años trigo sin abonarla. ¿Porqué tanto miedo?” (Perón, 1971, p.94)⁴⁷⁹. Dado que a atividade econômica fundamental do país era a agropecuária, o setor industrial possuía maior significado por seus efeitos positivos sobre o marco social – ou de defesa nacional – que por sua importância econômica. Assim, o explica ao definir o alcance industrial de seu projeto e a relação entre as duas atividades. Incrementar o consumo, distribuindo riqueza graças à ‘independência econômica’, poderá estender a quantidade de indústrias que sobrevirão no pós-guerra, já que às ‘naturais’ se somarão algumas das que se desenvolveram ou se expandiram durante o conflito bélico; outras indústrias serão protegidas pelo Estado por motivos políticos, as justificadas por razões de ‘defesa nacional’; as outras, que denomina de ‘ocasionais ou fictícias’ desaparecerão.

“La industria puede resistir bien cualquier peligro cuando se trata de industrias naturalmente desarrolladas y cimentadas. Las protegidas por razones justas, resistirán también con el apoyo del Estado. Las ocasionales o ficticias podrán morir o desaparecer sin grave riesgo de perturbar la economía (...) El aumento de consumo, permitirá en gran parte defenderse a muchas industrias (...) El externo está gravemente amenazado en lo que se refiere a productos industriales; no así en lo que se refiere a los agropecuarios (...) La ganadería, de gran prosperidad actual, tiene asegurada la colocación de sus saldos exportables. Con ello su situación no cambiará en forma decisiva en el quinquenio de posguerra. La agricultura, en cambio ha sufrido y seguirá sufriendo especialmente si la industria plástica no comienza a insumir gran parte de la producción agrícola (...) Ello entraña un problema de fondo, sin cuya solución no podrá seguirse sosteniendo el orgullo de ser el «granero del mundo»” (PERÓN, 1973b, p.24)⁴⁸⁰.

⁴⁷⁹ A 1º de maio de 1945 declarava: “Tenemos un territorio donde pueden criarse millones de cabeza de ganado sin necesidad de techo. Hemos cosechado trigo durante cuarenta años sin necesidad de abonar la tierra. ¡No hay que tener miedo al futuro!”(PERÓN *apud*, LUNA, 1971, p.144).

⁴⁸⁰ “Todos los años un elevado porcentaje de ciudadanos, al presentarse para cumplir con su obligación de aprender a defender a la Patria, debe ser rechazados por no reunir las condiciones físicas indispensables, la mayoría de los casos originados en una niñez falta de abrigo y alimentación suficiente. Y en los textos de geografía del mundo entero se lee que somos el país de la carne y el trigo, de la lana y el cuero. Es indudable que una gran obra social debe ser realizada en el país, tenemos una excelente materia prima,

Essa vinculação de Perón entre riqueza e produção primária, pode se observar adicionalmente a partir de outros ângulos. Por exemplo, desde o ponto de vista sociopolítico. Em sua necessidade de definir um ‘inimigo’ do povo, a opção de Perón foi a ‘oligarquia’⁴⁸¹. Como expressa Sidicaro (2002, p.65), “El término oligarquía, ya usado anteriormente en el lenguaje político vernáculo, más allá de su carácter difuso y multívoco, era empleado por los peronistas para referirse, en general, a sus más disímiles adversarios, pero la propiedad de la tierra era el atributo material que más inmediata y fuertemente se asociaba a esa palabra”⁴⁸². Tanto a teoria quanto a pratica peronista tendiam a considerar como pouco ou nada produtivos, e não solidários, a certos setores sociais, tais como os grandes terratenentes e os círculos de intermediários ligados à comercialização de produtos de consumo massivo (BUCHRUCKER, 1987, p.325). Num discurso eleitoral a 21 de agosto de 1945 Perón deixou bem em claro o que entendia por ‘a oligarquia’ e o prejuízo que ocasionava ao resto do país.

Si se observa el panorama de la República se ven perfectamente divididos los dos bandos, que, naturalmente, surgen de nuestra lucha por la consecución de un futuro mejor para los trabajadores. De un lado está claramente determinada la oligarquía que se había entronizado en el país durante tantos años, esa oligarquía que había conseguido explotar en el país todo lo explotable, y había llegado en sus extremos de explotación hasta explotar la miseria, la ignorancia y la desgracia de nuestra clase trabajadora. Esos hombres que jamás tuvieron escrúpulos ni frente a la desgracia, ni frente al dolor, ni frente al sacrificio de nuestras masas, se sienten hoy humanizados por un sentido de democracia que nunca sintieron sino para provecho. Así como antes la oligarquía explotó esa democracia en su provecho con la secuela de fraudes, coimas y negociados de que está llena nuestra historia política; así como explotó a la democracia en su provecho y en perjuicio de la clase trabajadora, hoy pretende levantar la bandera de la democracia que no siente, para servir a sus futuros intereses políticos, que han de transformarse, como siempre, en pesos y más pesos succionados a los pobres trabajadores, que son los que menos tienen, pero son los más capacitados para trabajar, para sufrir y para producir. (PERÓN, 1971, p.82-83).

Se a ‘oligarquia’ era a que tinha saqueado ao povo da riqueza do país, o tinha podido fazer porque possuía a terra, fonte da riqueza. "El problema de la tierra debe ser encarado en serio, pues la ley 12.636 es una irrisión y un escarnio más del pobre chacarero. El problema argentino está en la tierra: 'dad al chacarero una roca en

pero para bien moldearla es indispensable el esfuerzo común de todos los argentinos, desde los que ocupan las más altas magistraturas del país, hasta el más modesto ciudadano. La defensa nacional es así un argumento mas, que debe incitarnos para asegurar la felicidad de nuestro pueblo” (PERÓN *apud* SIDICARO, 2002, p.).

⁴⁸¹ “En todas las épocas de la historia ha existido oposición entre los intereses de las oligarquías, por un lado, y los intereses del pueblo, por el otro” (PERÓN *apud* BUCHRUCKER, 1987, p.326).

⁴⁸² A oligarquia é “un joven que recibió 2 o 3 estancias, un palacio en la calle Florida y el manejo de la cosa pública. Vendió la primera estancia, se fue a Paris; en Montmartre liquidó la otra estancia, y cuando ya no tenía haberes volvió al país, hipotecó primero su palacio y luego lo vendió. Cuando ya no tenía nada que vender, comenzó a vender el patrimonio de todos los argentinos” (PERÓN, 1971, p.83-84).

propiedad y él os devolverá un jardín; dad al chacarero un jardín en arrendamiento y él os devolverá una roca'. La tierra no debe ser un bien de renta, sino un instrumento de producción y de trabajo. La tierra debe ser del que la trabaja, y no del que vive consumiendo sin producir a expensas del que la labora." (4/12/44, PERÓN, s/f, p.16)⁴⁸³. Essa questão rural, ademais, constituía a base para poder implementar qualquer rumo de desenvolvimento manufatureiro. "No puede hablarse de emprender la industrialización del país sin consignar bien claramente que el trabajador ha de estar protegido antes que la máquina o la tarifa aduanera. Y tampoco tengo que repetir que el progreso del trabajador del campo debe ir al compás del hombre de la ciudad. Deben convencerse de que la ciudad, sin el esfuerzo del hombre de campo, está condenada a desaparecer. ¡De cada 35 habitantes rurales sólo uno es propietario! Ved si andamos muy lejos cuando decimos que debe facilitarse el acceso a la propiedad rural.⁴⁸⁴". Nesse sentido, se entende que a explicação pela implementação do IAPI consistisse em cortar os laços entre essa oligarquia espoliadora com seus sócios capitalistas externos para se erigir como um único agente negociador da produção primária no exterior, e, conseqüentemente, poder preservar a riqueza do país internamente.

Igualmente, também a 'Terceira Posição' peronista nas relações externas permite apreender essa visão da riqueza de Perón⁴⁸⁵. Essa política externa, deixando de lado os

⁴⁸³ "Eso es economía social. (...) para que la propiedad sea accesible a todos los argentinos y para que, de una vez por todas, en esta tierra nuestra heredad, nuestra tierra argentina, sea para el que la trabaje, sea un bien de trabajo y no un bien de renta" 25 octubre 1948 (PERÓN, 1971, p.266).

⁴⁸⁴ "Asegurada la suerte del factor humano, estaremos en condiciones de proseguir el plan de industrialización en sus más minúsculos detalles. Inventario y clasificación de materias primas, energía que produce y puede producir el país; ayudar el establecimiento de industrias, propulsando las iniciativas, estimulando las inversiones de capital y fomentando la creación y ampliación de laboratorios de investigaciones científicas y económico-sociales con amplia colaboración de técnicos y obreros; sistematización de costos en beneficio de productores y consumidores; moderación de las cargas fiscales que graven toda actividad socialmente útil; estimular la producción para abastecer abundantemente las necesidades del país, sin limitar las posibilidades de producción y transformación, sin extirpar viñedos ni restringir el sembradío para evitar que se destruyan los sobrantes que podían reducir el precio, pero que producían ganancias fabulosas a los capitalistas aunque condenaban a cientos de miles de trabajadores a no beber vino y a no comer pan; permitir precios remuneradores al capital que sean firmes y estables, que sirvan de garantía a los altos salarios y aseguren beneficios correctos; incitar el desarrollo del comercio libre y transporte económico, terrestre, marítimo, fluvial y aéreo" (PERÓN, 1973b, p.198).

⁴⁸⁵ A 6 de julho alocução radial ao mundo reclamou a adoção da Terceira Posição como forma de terminar a guerra fria e envia nota aos governos latino-americanos. "Mientras los extranjeros luchaban por encontrar el significado de su discurso, las organizaciones peronistas de la Argentina inmediatamente lanzaban una campaña para promover la candidatura del presidente para el Premio Nobel de la Paz". Después de su caída, Perón y sus seguidores afirmarían que la Tercera Posición era la madre intelectual de la política de no-aliados. Votaciones argentinas en Naciones Unidas durante la Tercera Posición eran absolutamente contrarias a la retórica antiimperialista, por ejemplo, no apoyando la lucha por la independencia de las antiguas colonias. "En realidad la Tercera Posición no pasó de ser un eslogan" (PAGE, 1984, T.I, p.219). Nas conferências interamericanas de Rio de Janeiro (agosto 1947) e Bogotá (princípios de 1948) as delegações argentinas cooperaram com os norte-americanos. "Por todas estas

impactos e assuntos que poda suscitar em outras esferas, no campo especificamente econômico acabou tendo um papel chave em explicar a sorte da economia argentina nesta etapa. Para Perón, a Argentina devia adotar este caminho intermédio entre as duas propostas de organização social vigente no mundo de pós-guerra também por questões de atualização histórica dos princípios econômicos. Assim se expressou o 27 de novembro de 1946, diante representantes do comércio e da indústria no Teatro Colón.

“Los sistemas económicos responden a cada uno de los momentos históricos. El libre cambio y el liberalismo, en sus diversas escalas, cumplieron magníficamente su finalidad en su tiempo. (...) El capitalismo, glorioso si se quiere en el siglo XVIII, en su etapa constructiva está llegando a su etapa final, y nuevas formas – como ha sido la usanza de la humanidad en todos los tiempos- luchan y pugnan en el mundo por reemplazar al capitalismo que cumple su etapa final. Frente a este sistema se encuentra a uno nuevo, estatal, absoluto que se está construyendo diariamente en todas las latitudes del mundo, sobre las columnas que soportan las viejas normas. (...) El sistema estatal absoluto marcha con la bandera del comunismo en todas las latitudes de la tierra. Parecería que una tercera concepción pudiera conformar una solución aceptable, por la cual no se llegaría al absolutismo estatal, ni se podría volver al individualismo absoluto del régimen anterior. Sería una combinación armónica y equilibrada de las fuerzas que representan al estado moderno para evitar la lucha y el aniquilamiento de una de esas fuerzas, tratando de conciliarlas, de unir las y de ponerlas en marcha paralela, para poder conformar un estado en el cual, armónicamente, el estado, las fuerzas del capital y las fuerzas del trabajo, combinadas inteligentemente y armoniosamente, se pusieran a construir el destino común, con beneficio para las tres fuerzas y sin perjuicio para ninguna de ellas. Es indudable que vamos hacia una concepción atemperada en la evolución actual. Pero para ello es necesario, más que necesario es indispensable, aceptar la intervención estatal en la organización y regulación de la economía del país. Es menester advertir las dos direcciones de la evolución que se vienen insinuando: una encaminada hacia la abolición de la propiedad privada individual, mediante la colectivización de los medios de producción y consumo, es una proyección de la evolución que conduce a la concepción estatal.-comunista. La otra es hacia un intervencionismo del estado en la regulación y organización de todo lo que representa la economía de la nación” (PERÓN *apud* GALCERAN, 2006).

Além da questão da aproximação de uma nova ordem mundial, o impacto que a política externa peronista terá na economia argentina se deverá à especulação de Perón com respeito à iminência de uma terceira guerra mundial⁴⁸⁶. O impacto deste tema se

razones, la disidencia argentina dentro del sistema panamericano – reavivada indudablemente en la conferencia de Bogotá, en 1948, el año en cierto modo más brillante de la diplomacia peronista – quedó dentro de límites relativamente modestos y, en la práctica, no muy lejos los carriles habituales desde la época de Yrigoyen o aún antes, a pesar de una retórica a veces muchos más nacionalista” (SUKUP, 1992, p.46).

⁴⁸⁶ “La lectura que hacía Perón de la posguerra partía de considerar que de aquella no habían surgido ganadores claros, y de ello se iría convenciendo aún más al transcurrir los tres primeros años posteriores al armisticio, cuando los estrepitosos fracasos de los gobiernos de coalición de la Europa occidental dieran lugar al inicio formal de la denominada ‘guerra fría entre los Estados Unidos y la Unión Soviética. Tampoco creyó Perón en las promesas de crear un nuevo orden económico internacional, basado en la libre convertibilidad de las monedas y en el restablecimiento del comercio multilateral. Esas promesas habían surgido de la Conferencia de Bretton Woods, pero el escepticismo de Perón no era un capricho.

deverá a que, como Rouquié expressa (1982, p.74), Perón era o presidente das Forças Armadas dada a elevada influência das considerações militares nas decisões políticas⁴⁸⁷. Não só pela mentalidade militar se adquiriram compras massivas de material civil e militar, afirma este autor, se não que se dispus, por meio de Miguel Miranda, armazenar produtos argentinos à espera de uma provável alça das cotações mundiais⁴⁸⁸. Miranda armazenou duas safras íntegras de maïs e linho, retrasando sua venda em busca de melhores preços, mas como estes caíram, agravou-se a crise de escassez de divisas, e, desprestigiado, deveu renunciar. Seu sucessor, Gómez Morais (*apud* GAMBINI, 1999, p.152) destaca a importância da especulação sobre uma possível nova guerra no desenho econômico durante a época de Miranda.

“Para juzgar una política hay que tener en cuenta la época en que se aplica. Antes de que Perón llegara a la presidencia, la guerra había impuesto restricciones en el uso de artículos importados. Escaseaban neumáticos y combustibles; recuerdo que se incautaban prismáticos en los hipódromos para prestárselos al Ejército, que no tenía. Por eso cuando Miranda trazó su política económica tuvo muy en cuenta los informes que le suministraban los servicios de inteligencia de las Fuerzas Armadas, donde se aseguraba un inminente enfrentamiento entre Estados Unidos y la Unión Soviética. Por su parte, el embajador viajero Diego Luis Molinari, cada vez que regresaba al país, de Europa o Estados Unidos, reforzaba esos indicios con largas conferencias a Perón sobre la tirantez internacional. La crisis de Berlín pareció confirmar esas presunciones y como Perón estaba convencido de que ‘la guerra era inevitable’, en esa especulación Miranda decidió abastecer al país utilizando los saldos de divisas, porque un nuevo conflicto bélico volvería a bloquearlos irremediabilmente, desvalorizándolos. En caso de no haber guerra, esa reserva de divisas se iba a reponer sola en un período determinado. Miranda compró maquinarias, equipos industriales y trajo rezagos de guerra, porque era lo único que se podía comprar en una época donde todo era calificado como material crítico”⁴⁸⁹.

A 12 de maio de 1950 Perón (*apud* LUNA, 1984, p.72) afirmaria que “aunque estamos recién en la nueva preguerra, yo ya estoy pensando en la postguerra”, pelo que

Con la mente puesta en experiencias como Locarno, Génova y Londres, Perón creía poco en el éxito de las conferencias internacionales” (GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p.130)

⁴⁸⁷ “A menudo es difícil distinguir entre lo que sólo es un estilo militar de gobierno y lo que puede tomarse como una subordinación conciente o no de la actividad del país a los imperativos de la defensa nacional” (ROUQUIÉ, 1982, p.74).

⁴⁸⁸ Por essa especulação sobre uma Terceira Guerra Mundial se lhe objeta a Perón ter comprado grande quantidade de camiões que sobraram da Segunda e que ficaram nos portos de Rosario e Buenos Aires se enferrujando.

⁴⁸⁹ “Recién terminada la Segunda Guerra, no era fácil imaginar que sobrevendría una nueva era de expansión sostenida del comercio mundial. Con el antecedente de una década y media de estancamiento del intercambio comercial, el espíritu internacionalista de la conferencia de Bretton Woods (1944) no sonaba demasiado convincente. La esperanza de retornar a un sistema de comercio y de pagos multilaterales se basaba en el supuesto de que el intercambio comercial sería relativamente equilibrado. Pero en los años de la inmediata posguerra la realidad fue exactamente la opuesta: Estados Unidos era el gran proveedor mundial, y mantenía voluminosos excedentes con Europa y Japón. El aumento del dólar en el mundo, provocado por esa intensa demanda de bienes norteamericanos, atentaba contra el sistema de tipos de cambio fijos propuesto en Bretton Woods” (GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p.172).

acompanhava a Miranda nesta visão da iminência de uma terceira guerra mundial. Para Rouquié (1982, p.78-9) “la perspectiva de un conflicto mundial siguió siendo, hasta inmediatamente después de la guerra de Corea, el horizonte político y estratégico del régimen. En la determinación de la política exterior peronista, en efecto, la eventualidad de una ‘tercera guerra mundial’ desempeñó un papel mucho más decisivo que la ‘tercera posición’”. Sua importância consistia em que derivaria, ou assim esperava a gestão peronista, numa renovada demanda por produtos alimentícios argentinos no exterior⁴⁹⁰. Este autor continua afirmando que diante da guerra asiática, Perón se colocou ‘claramente de parte do mundo ocidental’, mais que ‘por uma profunda solidariedade política’, porque ‘o governo peronista não esquecia onde estavam os mercados importantes para o país’⁴⁹¹. Em soma, antes que concluísse seu primeiro mandato, Perón depositava as possibilidades de encaminhar sua ‘reforma econômica’ num episódio bélico que estimule às exportações primárias da Argentina. Não parece ter-se aqui, desta maneira, a base de um projeto econômico que se baseia na necessidade de superar a etapa primária - exportadora do país⁴⁹². Não pareceria aventurado concluir que Perón imaginava que o resto do mundo continuaria adquirindo as exportações argentinas basicamente por decantação, como um componente imodificável da realidade. Inclusive isto se observou nas esperanças com respeito a que logo da guerra a Grã Bretanha retornaria a ser o grande sócio comercial tradicional. Mas a Argentina nem sequer conseguiu fortalecer seu poder de negociação diante dos britânicos.

“La prueba de ello apareció cuando caducó el convenio con Gran Bretaña, en junio de 1950, los negociadores argentinos, quisieron aumentar sustancialmente los precios de los productos, especialmente carne, que se venderían a nuestros tradicionales clientes; a los ingleses les parecieron caros y permanecieron diez meses sin embarcar un kilo de bife... Y cuando finalmente el convenio se renovó, en abril de 1951, sólo fue por un año y colocando 230.000 toneladas de carne, una cifra que no podía compararse con las ventas históricas al Reino Unido. (LUNA, 1985, p.91-92)⁴⁹³.

⁴⁹⁰ “Un conflicto mundial causante de una gran demanda de productos alimenticios permitió, por dos veces, que la Argentina gozara de una pasajera pero innegable prosperidad, y, por dos veces, fueron gobiernos populares los encargados de administrar esas épocas de vacas gordas. Se entienden, pues, las expectativas «belicistas» de Perón” (ROUQUIÉ, 1982, p.78-9).

⁴⁹¹ “Uno puede preguntarse entonces si la psicosis que se adueñó del mundo entero a partir de 1947 no jugó en la Argentina un papel político muy superior a las exigencias dictadas por la situación geopolítica del país, en razón de la configuración del sistema de poder implantado por el general Perón” (ROUQUIÉ, 1982, p.79).

⁴⁹² “Una tercera guerra mundial sería la necesaria oportunidad para sostenerse y salvarse; esperará con esa esperanza la primavera europea del 48, la primavera europea del 49; se regocijará con la crisis de Corea; se regocijará con todas las alarmas del mundo. Es todo su plan” (CUNEO, 1965, p.86-87)

⁴⁹³ “En el decenio 1945-1954, el promedio anual de las exportaciones argentinas de carne refrigerada a Gran Bretaña (que absorbió el 79,4% de la exportación total), fue de 173 mil toneladas, lo que representó una disminución del 56,3% con respecto al quinquenio 1940-44 (...) La participación de carne vacuna

Em ocasião da implementação do Plano Marshall, Perón se manifestará claramente nesse sentido. Quando se instituiu esse Plano, o governo argentino possuía esperanças de participar a través da venda de produtos alimentícios. Finalmente isto não ocorreu, já que a Argentina foi excluída do mesmo⁴⁹⁴. Argumentou-se que isto se deveu, segundo alguns autores, a que a Argentina procurou abusar da devastação que sofria o continente europeu incrementado seus preços de venda⁴⁹⁵, enquanto que outros, por outro lado, afirmam que se deveu a um castigo dos Estados Unidos pelo comportamento rebelde de Perón e do país durante a guerra⁴⁹⁶. Não é o propósito ingressar nessa questão desde essa perspectiva, se não analisar o tema do Plano Marshall para compreender qual era a visão econômica de Perón. Como Miranda, Perón parecia convencido que o Plano precisaria indispensavelmente da participação argentina dado que Estados Unidos não possuía capacidade de implementá-lo sozinho. Assim, em junho de 1950 afirmaria:

“los norteamericanos no pueden dejar de comprarnos, primero porque no están en condiciones de realizar por sí solos el Plan Marshall; y segundo porque si no nos compran ellos, venderemos a Rusia, cosa que a ellos no les conviene. Y como no podemos dejar podrir nuestras cosechas en el campo, las venderemos a quienes nos quieran comprar o de cualquier otra manera” (PERÓN *apud* GAMBINI, 1999, p.152).

O lugar da economia no projeto de Perón se percebe na análise que efetuou de sua gestão a través de uma série de seis artigos que publicou, entre 13 e 18 de junho de 1948, em diversos jornais nacionais e estrangeiros. Perón repassa nessa ocasião a labor de seu governo nos aspectos social, econômico, cultural e político. Depois de analisar a reforma social com muito detalhe, explicando o avance no bem-estar dos trabalhadores, ingresso na ‘reforma econômica’, que inicia enfatizando que “A ARGENTINA É UM

argentina en el abasto del mercado inglés de carnes vacunas frescas y refrigeradas se redujo así al 8,9% e 1954, cuando en 1938 fue del 29,7%. Su porcentaje en las importaciones británicas de carne vacuna bajó del 60,2% en 1938 al 33,5% en 1954” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.59).

⁴⁹⁴ “La apertura al mundo socialista no había arrojado ninguna utilidad hasta el momento: la U.R.S.S. tenía a Perón por un títere de Estados Unidos y resentía el mal trato que daba el régimen argentino al partido stalinista local” (LUNA, 1985, p.92).

⁴⁹⁵ “En el plano político-económico, otro golpe que contribuyó a desequilibrar el proyecto peronista fue la no inclusión de la Argentina en las ventas de productos agropecuarios en el Plan Marshall lanzando en 1947. Parece haber habido en este terreno algo de irrealismo argentino, ya que se pretendían obtener precios demasiado altos para estos productos en circunstancias de progresiva normalización de los mercados internacionales, factor probablemente más importante que la continuada reticencia norteamericana frente a Argentina, que se había atenuado considerablemente” (SUKUP, 1992, p.45-6).

⁴⁹⁶ Pero la guerra no se produjo y, a cambio de eso, en 1948 el Plan Marshall comenzó a derrumbar nuestros precios en el mercado internacional, porque Estados Unidos regalaba lo mismo que nosotros teníamos que vender. Perón había confiado en un embajador norteamericano que le aseguró, un año antes, la participación de Argentina en un *pool* de alimentos que marshall planeó adquirir a los países productores, para distribuirlos en Europa. Después, el Senado norteamericano modificó esta idea al aprobar el plan y decidió que Argentina se arreglara como pudiera” (GAMBINI, 1999, p.152).

PAÍS RIQUÍSSIMO QUE ATÉ AGORA TINHA SIDO SAQUEADO POR PRÓPRIOS E ESTRANHOS”, no qual ‘sin beneficios para la gran masa de la población, realizábanse negocios fabulosos cuyos resultados iban a parar a los bolsillos de un grupito de argentinos coaligado con las grandes organizaciones financieras internacionales’⁴⁹⁷. Depois novamente explica que a obra que devia se implementar consistia primeiro ‘reter a riqueza’ e logo distribuir-la equitativamente. Ato seguido, lembra os postulados de orientação econômico-social do CNP, e reitera que ‘preconiza a liberdade de comerciar e desenvolver toda indústria lícita’ e fala das vantagens que gerou para o país ter se canalizado á ‘economía até lograr dela a máxima eficiência’. Trás justificar a nacionalização e transformação do sistema bancário e a criação do IAPI, Perón conclui que se conseguiu declarar a Independência Economia porque

“Los resultados obtenidos no pueden haber sido más halagüeños. En poco tiempo hemos logrado elevar el nivel de vida, reactivar la economía, impulsar la industrialización y crear el clima industrial, repatriar la deuda, formar la flota mercante y la flota aérea, comprar los teléfonos, los ferrocarriles, los puertos, servicios de aguas corrientes, usinas eléctricas; formar la plaza de seguros y reaseguros y estamos creando la plaza financiera de Buenos Aires” (PERÓN, 1948a, p.53).

A continuação, Perón fala do futuro e se queixa de que a Argentina “ha contribuido con todos sus recursos posibles a la reconstrucción de los países azotados por la guerra” mas que ‘más no podemos si no se nos dan los medios para producir más’⁴⁹⁸. Assim, expõe ‘desde o ponto de vista argentino os principais aspectos do grave problema mundial de alimentos’, sob o qual Perón expõe cifras que refletiriam que a Argentina, por causa do ‘injusto bloqueio econômico’ que sofreu, exportou menos que no quinquênio prévio à guerra, a diferencia de outras economias, como USA que consumiram suas reversas de cereais. Desta forma, afirma que o país pode volver a exportar tanto ou mais que nesses anos se recebe ‘os elementos necessários e se lhe cobrem preços que estejam em consonância com o que se nos pague’ por nossa produção, exigindo justiça também no preço da carne. Conclui, se queixando das “injustificadas e injustas diatribas de quienes afirman que industrializamos el país a costa del campo. Afirmo rotundamente que jamás gobierno alguno se ha ocupado como el actual en defender la producción del campo” (PERÓN, 1948a, p.59). Em soma,

⁴⁹⁷ “A raudales salían los cargamentos de carne, de cereales o de cueros pero su equivalente en oro o divisas era desviado hacia cuentas abiertas en el exterior con toda la sabiduría de la técnica financiera... Así, mientras las cuentas corrientes engordaban al compás de buenas cosechas y mejores remates de hacienda, la riqueza del país disminuía” (PERÓN, 1948a, p.46).

⁴⁹⁸ “De nos servirá producir más carne o cereales si por falta de medios de transporte o por carecer de nafta, carbón o elementos mecánicos deben quedar las cosechas en los campos o en los depósitos de campaña” (PERÓN, 1948a, p.55).

afirma que o problema da alimentação no mundo não é de alocação de quotas, se não de produção, porque de nada serve possuir uma autorização de comprar cereais se eles ‘não existem’. Por último, especula que o Plano Marshall necessitará importar produtos primários argentinos, ao que responde “quedamos a la espera de que se nos comprenda y se acepte nuestro ofrecimiento en colaborar con el Plan Marshall en las únicas condiciones, repito, que podemos hacerlo: «Igualdad de tratamiento»” (PERÓN, 1948a, p.63). Considerando que estes artigos pertencem a meados de 1948 quando já levava dois anos de governo não deixa de chamar a atenção, se fosse certo o objetivo industrializador do peronismo, a quase nula presença de exclamações a favor da necessidade de desenvolver o setor manufatureiro. Também há uma ausência de frases grandiloqüentes - que se encontram presentes em grande quantidade quando Perón trata, por exemplo, das questões sociais - que ressaltem os logros no crescimento fabril, além da citada anteriormente. Praticamente todo o artigo sobre ‘a reforma econômica’ consiste nessa análise/exigência sobre as possibilidades de incrementar as exportações primárias. Não deixa de ser necessário chamar a atenção ao fato de que estes artigos coincidem com os primeiros signos da aproximação da crise de divisas, embora Perón só comece a modificar o rumo econômico inicial de seu governo posteriormente.

Fica a impressão que a crise econômica de finais dos quarenta pegou surpreendeu a Perón. Embora só se decidisse modificar o esquema econômico quando foi impostergável, ele apresentou as mudanças como uma etapa da Revolução que solucionaria outra anterior de desequilíbrio ‘que a previamos’. Explicou a diferença entre ambas as etapas da seguinte maneira: “Cuando hubo que mejorar a la clase trabajadora pensé inmediatamente que para lograrlo había dos medios: uno, aumentando la riqueza; pero para ello se requería mayor trabajo y no estábamos en condiciones de hacerlo. Tuvimos que recurrir al otro medio, que consiste en quitarle al que tiene para darle al que no tiene” (PERÓN, 1971, p.122). Porém, essa explicação deixa em claro, novamente, que ao iniciar seu governo a questão do *aumento* de riqueza não era primordial. Recém ao se produzir a crise é que Perón apresenta a necessidade de modificar a trajetória para uma que priorizara a maior produção e não o consumo⁴⁹⁹. A

⁴⁹⁹ “Entendíamos que quienes tenían que sacrificarse en esa etapa eran los capitalistas para conformar a la clase trabajadora. Así podríamos iniciar la tercera etapa consistente en el aumento de la riqueza para lograr un mayor «standard» de vida de la Nación, lo que traería aparejado un mayor consumo, y, con ello, un mayor desenvolvimiento de las actividades productoras industriales y comerciales (...) ni los productores ni los industriales, ni los comerciantes perdieran; al contrario, ganaron más, y hoy se presenta el caso de que la clase trabajadora está contenta y los industriales y comerciantes están aumentando sus

partir desse instante, cada vez mais, manifestaria que “produzir é o dever da hora” já que as possibilidades de *distribuição* se tinham esgotado⁵⁰⁰. Waldmann (1981, p.165) afirma que houve “indicios de que en el año 1946, luego de disolver el partido laborista, Perón tuvo intenciones de moderar su actitud favorable a las clases más bajas y de retornar a su proyecto inicial, el de imponer exigencias parejas a todos los estratos de la sociedad”, em base à declaração de Perón ante os deputados da nação em outubro de 1946, que o primeiro ciclo da revolução – o das reformas sociais – ficava assim concluído e seria seguido pelo do aumento da produção e o acrescentamento da riqueza, só que “este intento de Perón por desligarse de los estratos más bajos fracasó” devido a que “Perón dependía aún demasiado de la clase trabajadora en esos momentos, como para darse el lujo de romper la alianza por decisión unilateral suya”. Na verdade, a 23 de julho de 1947 Perón insistiria nesse rumo ao declarar que a “primera etapa de la reforma económica está cumplida y consolidada...nos queda por delante la segunda etapa, en la que cada uno debe trabajar para producir más” (PERÓN, 1971, p.153)⁵⁰¹.

Deixando de lado a razão pela qual Perón priorizou a questão distributiva sobre a produtiva no começo de sua gestão, se pode afirmar que, na verdade, para ele o ponto central de sua gestão se encontrava no plano social e não no econômico. O próprio Perón demonstra ser muito consciente da transformação profunda que sua gestão teve na ordem social. Por exemplo, afirma que a revolução de junho de 1943 “fue útil también para despertar la conciencia de las masas merced a la labor de la Secretaría de Trabajo y Previsión, obra de la que me enorgullezco, porque ella sirvió, en el aspecto social, para llevar a los trabajadores la confianza en su provenir y la fe en la justicia; y en el aspecto político para hacer ver a esos mismos trabajadores que la reivindicación de sus derechos podía obtenerse sin necesidad de acudir a ideologías extremistas que la inmensa

ganancias. Por eso ahora podemos exigir mayor sacrificio y más trabajo a todo el mundo. Y en eso estamos” (PERÓN, 1971, p.122-23).

⁵⁰⁰ “En esos momentos, y por lo que se les había negado durante tantos años era necesario hacer una política de agitación para dar a cada uno lo que le correspondía. Hemos llegado a nuestros días dando todo lo que ha sido posible dar. Ahora hay que comenzar a dar con prudencia, porque para dar es menester construir primero” (PERÓN, 1971, p.124).

⁵⁰¹ “En nuestro caso la austeridad en el consumo no implica sacrificar lo necesario, significa en cambio: eliminar el derroche, reducir gastos innecesarios, renunciar a lo superfluo y postergar lo que no sea imprescindible. Con ese reajuste a nuestro consumo lograremos: aumentar las exportaciones y reducir las importaciones. Si a la política de austeridad agregamos un aumento sólo del 20% en la producción solucionaremos: el problema de las divisas, parte del problema de la inflación, y consolidaremos la capitalización del país” (...). “El justicialismo sólo puede asegurar una justicia distributiva en relación con el esfuerzo y la producción...las comunidades más ricas y felices no son las que ostentan el más elevado consumo. Son las que producen más y ahorran sobre la diferencia” (PERÓN *apud* MACEYRA, 1984, p.53-54).

mayoría del pueblo argentino repudia abiertamente”, e que isso foi o que lhe gerou uma confrontação com a elite do país já que a “los entonces partidarios y luego opositores se encontraron con algo que no les podía gustar, porque en materia social radicales y conservadores venían a ser lo mismo. De ahí que si yo no hubiese creado la Secretaría de Trabajo y Previsión y no hubiese iniciado la política de apoyo a las reivindicaciones de los trabajadores, el 90% de la oligarquía opositora habría seguido apoyando a la Revolución y colaboraría con el actual gobierno constitucional”. Ter-lhes reconhecido aos operários o direito de uma vida digna e a verdadeira igualdade nas relações do trabalho, é o que afirma “que la oligarquía desplazada no me ha perdonado nunca” (PERÓN, 1948a, p.18-23)⁵⁰².

Outro elemento fundamental da ‘reforma econômica’ peronista o constituiu ‘a independência econômica’. Se Perón, como já se observou, manifestava a necessidade militar da implementação das indústrias de base, em seus discursos às Forças Armadas declarações nesse sentido são escassas⁵⁰³, enquanto são recorrentes as manifestações que efetua para enaltecer a gestão de seu governo por ter obtido a ‘independência econômica’⁵⁰⁴. Incluso no mencionado discurso sobre Defesa Nacional Perón se queixava do capital estrangeiro por ter-se dedicado ‘especialmente às atividades comerciais, onde todo lucro, por rápido e descomedido que fosse, era sempre permitido e lícito’ e ‘nos serviços públicos ou indústrias madres, muitas vezes com um lucro mínimo respaldado pelo Estado’. A economia do país repousava quase exclusivamente nos produtos da terra, mas no estado mais ignóbil de elaboração, que logo transformava no estrangeiro com evidentes benefícios para suas economias, adquiríamos de novo já transformados⁵⁰⁵. Como sinala Altamirano (2001, p.26) nenhum destes temas do

⁵⁰² “Este es sólo un ejemplo. La suma de ejemplos como ése da la clave del odio de la oligarquía contra Perón, en quien veía al promotor de un proceso que podía ser incontrolable. A esto se sumaba otra motivación no menos decisiva: el descubrimiento de lo insólito de un personaje que llegaba como intruso al ruedo político, a romper las reglas de juego y plantear un nuevo envite con bases totalmente nuevas, sobre las cuales la oligarquía no se sentía firme porque desbordaba lo que había sido su especialidad política, es decir, la maniobra entre minorías” (LUNA, 1971, p.44).

⁵⁰³ Um exemplo em que Perón (1984, p.28) sim se expressaria nesse sentido é ao trata a ‘Seguridade da República e modernização das Forças Armadas’ ao afirmar que se deve lhes proporcionar “los recursos necesarios para su modernización y adoptar todas las medidas tendientes a la implantación de las industrias madres”.

⁵⁰⁴ “Nada hay más caro a nuestros espíritus que la vida del pueblo. Tenemos la conciencia de que la grandeza argentina ha de lograrse por el camino del mejoramiento espiritual y físico de sus hijos, con una alimentación sana, una vivienda higiénica, una cultura adecuada y una participación justa y equitativa en el goce de los bienes que el destino nos ha deparado (PERÓN, 1984, p.36-37).

⁵⁰⁵ “El capital extranjero demostró poco interés en establecerse en el país para elaborar sus riquezas naturales, lo que significaría beneficiar nuestra economía y desarrollo en perjuicio de los suyos y entrar en competencia con los productos que seguirían allí elaborando. Esta acción recuperadora debió ser

discurso de Perón alheio ao universo ideológico nacionalista. Mas os setores nacionalistas que em sua grande maioria apoiaram a Perón em seu triunfo eleitoral de 1946, pronto perceberão que o conteúdo do projeto peronista não seria o imaginado nem o propulsado por eles. Ao dizer de uma reconhecida figura nacionalista, Rodolfo Irazusta, “no lugar da revolução que queríamos nacional sobreveio a revolução social”⁵⁰⁶.

Dessa maneira, a visão econômica de Perón se entende mais que como um impulso à industrialização, como uma defesa do mercado interno; ‘mercado-internismo’ na terminologia de Llach (1984)⁵⁰⁷, para se referir às idéias que foram surgindo durante a segunda guerra, no qual a indústria, ao possuir já um elevado grau de desenvolvimento, não se a discute. Entendido desde essa perspectiva mais ampla, se compreende que as disputas que estavam presentes na Argentina em momentos da ascensão da figura de Perón não eram econômicas, se não políticas. Isto se percebe, por exemplo, em ocasião da proposta industrial elaborada por Pinedo em 1940, que Llach analisa em detalhe. Destaca, por um lado, que se bem no Senado os legisladores pertencentes ao grupo oficial da Concordância o aprovaram, o fizeram previa eliminação de seus aspectos mais industrialistas. Por sua parte, o socialismo adotou a sua tradicional atitude de acerba crítica ao “emissionismo” e ao ‘proteccionismo espúrio’ enquanto os radicais se negaram a considerar qualquer projeto do governo na Câmara de Deputados por causa da fraude eleitoral que o Governo tinha realizado nas recentes eleições em algumas províncias⁵⁰⁸, o que lhe deu um golpe letal ao Plano⁵⁰⁹. Llach mostra como o radicalismo considerava a questão da indústria

empreendida evidentemente por los capitales argentinos, o por lo menos que el Estado los incitase precediéndolos y mostrándoles el camino a seguir” (PERÓN, 1973a, p.81).

⁵⁰⁶ “Perón exortava os trabalhadores a garantir suas conquistas e introduzia comparações inusitadas entre a situação argentina e as revoluções russa e francesa, tidas até então como antíteses do processo de *justiça social*, como entendiam os companheiros do GOU. Os grupos nacionalistas de direita do GOU, da FORJA, do Instituto Juan Manuel de Rosas e da Aliança da Juventude Nacionalista passaram – através de periódicos como *Cabildo, Tribuna e Presença* – a demonstrar desconfiança em relação ao peronismo e arrependimento por terem participado ativamente em sua ascensão ao poder”. (Wasserman, 2001, p.359).

⁵⁰⁷ “Asimismo, ya con anterioridad a la revolución de junio de 1943, las ideas “mercadointernistas” empiezan a alcanzar el predominio, a pesar del espectacular auge de las exportaciones industriales durante la guerra y sin que se argumentara todavía en contra de ellas ni se pregonara su incierto futuro en la posguerra. El estudio del pensamiento de los empresarios industriales y de los militares, de algunas medidas de política económica tomadas entre 1941 y 1946 y de las circunstancias que les dieron origen nos revela algunas de las razones de la marcha triunfal del “mercadointernismo” (LLACH, 1984, p.4).

⁵⁰⁸ “La Cámara de Senadores lo consideró los días 17 y 18 de diciembre de 1940. El día 16 se habían realizado elecciones fraudulentas en la provincia de Santa Fe, siendo asesinado el general (R) Conrado Risso Patrón, militante radical; pocos días después, el 5 de enero de 1941, el fraude se trasladó a Mendoza y el asesinato a la persona del diputado provincial radical Ernesto Matons. Los legisladores radicales

¿Se trataba, como se ha sostenido, de la defensa algo cerril de los intereses de la pequeña y mediana burguesía agraria y de las masas urbanas que deberían soportar un alza del costo de vida originada en la protección industrial? (...) Sin embargo, lo cierto es que al impulso de la necesidad de hacer oposición y de criticar duramente a la “oligarquía financiera”, el discurso radical adoptó predominantemente un matiz antiintervencionista y antiindustrial” (LLACH, 1984, p.20-21)⁵¹⁰.

Contudo, poucos meses depois, em maio de 1941, alguns deputados radicais, que se tinham negado a considerar o plano de Pinedo, apresentam um projeto de crédito industrial muito similar. Detrás da posição do Partido Radical se encontra a idéia que a presença da pampa úmida eliminava toda urgência econômica no país; “podrán caerse todas las chimeneas, pero mientras el campo produzca y exporte, el país seguirá comprando lo que necesite, seguramente a un precio inferior que el determinado por la Aduana para favorecer intereses creados” (LLACH, 1984, p.21). Também Perón possui uma cultura econômica similar, como mostra Llach (1984, p.40) citando sua afirmação de que parte do crescimento industrial durante a guerra era devido a que gozou de ‘uma proteção artificiosa e passageira’ e declarando que “[u]n mínimo de industria pesada siempre es necesario y conveniente para cubrir las mínimas necesidades de la defensa nacional”. Disto concluiu que “la posición de Perón sobre el desarrollo industrial se ubicaba en una suerte de término medio entre las de sus camaradas de armas más autarquizantes y las del pinedismo”, mas que em definitiva para Perón “[e]n las pampas inagotables de nuestra patria se encuentra escondida la verdadera riqueza del porvenir”⁵¹¹. Llach afirma que ‘em algum momento entre 1945 e 1946’, Perón modifica essa visão do desenvolvimento manufatureiro deixando de propulsar uma “industrialização razoável”, e começarão a aparecer idéias estratégicas contrapostas. Perón ressalta a importância de superar a vulnerabilidade do país em seu abastecimento

decidieron oponerse a considerar ley alguna mientras no fuesen intervenidas ambas provincias” (LLACH, 1984, p2).

⁵⁰⁹ “Pinedo advirtió, lógicamente, los motivos de índole política que dificultaban su gestión y decidió entrevistarse con Alvear para alcanzar un acuerdo político con el radicalismo (...) en una decisión que no puede calificarse de visionaria, tanto los sectores predominantes de la coalición gobernante -y más precisamente del Partido Demócrata como algunos grupos intransigentes del radicalismo se opusieron tenazmente al acuerdo” (LLACH, 1984, p.22).

⁵¹⁰ “Este conjunto de actitudes corporativas y de los partidos políticos comienza a revelarnos el sinnúmero de dificultades internas que se encontraron en los años de la Guerra para proponer con éxito no ya la estrategia “pinedista” sino cualquier proyecto razonado de industrialización” (LLACH, 1984, p.22).

⁵¹¹ “Es claro entonces que, en el plano intelectual, Perón se incorporó al “gran debate” aceptando parcialmente el planteo de Pinedo en cuanto a la necesidad de limitar la amplitud de la sustitución de importaciones, corrigiéndolo en cuanto a la necesidad de la industria pesada con fines de defensa y ampliando el concepto de “materias primas nacionales” para incluir entre ellas también a los metales. La coincidencia era también menor en cuanto al papel otorgado a las exportaciones industriales: aunque Perón menciona su éxito durante la Guerra, no parece concederle demasiada importancia” (LLACH, 1984, p.41).

de insumos industriais, enquanto que deixa de mencionar a necessidade de eliminar as indústrias artificiais. Mas Llach (1984, p.42) manifesta que “este cambio de las ideas de Perón no se inspiraba en razones intrínsecas a la política industrial sino en su convicción de que era necesario dar prioridad a la política social y de ingresos y dar también respuestas nacionalistas a la peculiar situación internacional que se afrontaba”, e cita a Perón afirmando que “cuando el ciclo producción, industrialización, comercialización, consumo se haya cerrado, no tendremos necesidad de mendigar mercados extranjeros, porque tendremos el mercado dentro del país y habremos solucionado con ello una de las cuestiones más importantes, la estabilidad social” (PERÓN *apud* LLACH, 1984, p.44). A indústria constituía um componente do projeto ‘mercadointernista’ pelo “pesimismo de fondo sobre las posibilidades de alcanzar los objetivos de progreso social en una economía abierta. Como veremos enseguida, este pesimismo se fundaba en algunas dificultades encontradas en la posguerra (como consecuencia de una incipiente apertura de la economía argentina al intercambio mundial), pero también en la desconfianza hacia el comercio generada por la Gran Crisis y en el entusiasmo con el que se miraba el desarrollo industrial durante la Guerra. Por estas razones, el mercadointernismo fue visto entonces como el único camino apto para mantener el alto nivel de ocupación urbana ya logrado y para aumentar los salarios reales. El nivel de empleo se convirtió en una verdadera obsesión ante la inminencia de la terminación de la guerra” (LLACH, 1984, p.44)⁵¹².

Nesse marco pro ‘mercadointernista’, Perón se diferenciaria não por suas visões econômicas ou industriais, mas por seu manejo da ‘questão social’, embora este desenvolvimento tenha impactos visíveis no esquema econômico adotado. Quando estes derivaram num marco incompatível com as aspirações sociais de Perón, este recorreu à esperança de saber realizar ‘bons negócios’ no comércio exterior. A um grupo de legisladores norte-americanos de visita à Argentina ao início dos anos cinquenta lês diria que “[l]a amistad permanente entre los pueblos se hace a base de ese intercambio; no a base de favores sino a base de buenos negocios” porque “[l]os países, como los individuos, se enriquecen cuando hacen buenos negocios y se funden cuando hacen

⁵¹² “La idea mercadointernista va alcanzando durante la guerra: entre los militares, entre los empresarios industriales, entre los obreros y entre los intelectuales. Cada vez más gente depende del mercado interno, más que del comercio exterior, en sus posibilidades de vida. Aceptada la neutralidad como un dato -y aunque esto implicara, paradójicamente, el mantenimiento de la “conexión ganadera” con el Reino Unido-, sólo quedaba el mercado interno para dar el salto adelante en la industrialización. Las ostensibles presiones norteamericanas contribuían también a consolidar el nacionalismo y las tendencias económicas aislacionistas” (LLACH, 1984, p.51).

malos negocios (...) Yo me dispuse en ese momento a hacer también buenos negocios, no para mí, sino para mi país” (PERÓN, 1951, p.304; p.314)⁵¹³. Mas deve se entender que a crença nas possibilidades das exportações impulsiona uma audácia, ou ingenuidade se quiser, às ações em outros campos, como no social; mas não lhe é exclusivo. Analisando a gestão econômica de o governo militar de 1971-1983 na Argentina, que procurou retornar a qualquer preço ao modelo de vantagens comparativas’, Canitrot (1980, p.5) afirma que: “[l]a intención de producir transformaciones radicales no es un planteo original del actual gobierno. En la Argentina es una pretensión recurrente de gobiernos, partidos e ideologías. Debe aceptarse como el reflejo de un estado extendido de insatisfacción con respecto a la historia nacional de las últimas décadas. El mito dominante es que el país es intrínsecamente muy rico -como lo demostraron los años que transcurrieron entre 1880 y 1930- y destinado a ocupar una posición descollante en el mundo y de claro liderazgo en América Latina. Ese destino aparentemente se frustró: la Argentina se estancó en su crecimiento y fue perdiendo posiciones en relación a otros países y en particular al Brasil. Sobre las causas de esa frustración no hay acuerdo; cada postura ideológica señala diferentes culpables: el imperialismo, Perón, la vieja oligarquía, los sindicatos, los políticos, los industriales ineficientes, los judíos, los militares, el carácter nacional, etcétera. Pero el mito en sí, del destino frustrado y de la necesidad de que la Argentina reencuentre su camino hacia su innata grandeza, reúne un consenso mayoritario”. Esse ‘mito’ ao que se refere Canitrot é que a Argentina não enfrenta um problema econômico, se não político-social que afeta o desempenho da econômica. Perón, como argentino, também mostrou compartilhar essa visão.

Industrialização e peronismo.

Algumas interpretações do peronismo afirmam que “reflejaba, sobre todo, tendencias socioeconómicas, nacionalistas, industrialistas y de reforma social, presentes en América Latina y en el conjunto de los países periféricos, que en las décadas siguientes iban a configurar el llamado «Tercer Mundo»” (RAPOPORT, 2006. p.315). Certas perspectivas enfatizam o lado industrializador nesse processo. Assim, Maceyra (1984, p.15) afirma, por exemplo, que o peronismo “vendría a cumplir el papel histórico no asumido por las burguesías nacionales, débiles y casi inexistentes en la semi colonia:

⁵¹³ “Se trataba, entonces, de utilizar todas las monedas que teníamos en ese momento en hacer compras, para que cuando viniera la baja de la moneda no nos encontrara a nosotros con un solo peso en el bolsillo, sino con toda la maquinaria y todas las cosas compradas (PERÓN, 1951, p.315).

producir la modernización de la estructura productiva decadente, impulsando un rápido desarrollo industrial y recuperando para el país los resortes fundamentales de su economía. La miopía de esas burguesías las llevaría a serle hostiles, y sólo un sector de las mismas – que crecería al amparo de ese proceso – le otorgaría sustento más adelante”. Mas a intenção de definir ao peronismo por seu lado industrializador gera o dilema de explicar a oposição que teve da própria ‘burguesia industrial’. Por isso, se Maceyra (1984, p.32) conclui que só parte dela aceitaria a proposta peronista, termina criticando-a por adolecer “la visión propia de una burguesía capitalista y lejos de dar sustento a un régimen que – en lo esencial – encarnaba también sus propios intereses, se alió – con honrosas excepciones – al conjunto de los que se le oponían”. Os autores que tem tentando entender ao peronismo por seu componente industrialista o fazem apresentando-lo como constituindo alguma forma de aliança de diversos setores marginados dos centros de decisão de política econômica interessados em modificar o rumo da sociedade argentina. Nesta associação estariam os setores trabalhadores, os industrialistas nacionais e as Forças Armadas. Estas dariam o pontapé inicial com o golpe de estado de junho de 1943. Um representante reconhecido deste ponto de vista, em geral definido como ‘esquerda nacional’, é Jorge A. Ramos, que, por exemplo, expressa que o peronismo implementou uma “política econômica que rompía com a tradição da Década Infame”, ao ser um representante operário, dado que “el peronismo debía expresar los intereses del empresariado nacional, demasiado débil como para actuar por sí mismo” (RAMOS, 1991, p.39; p.103)⁵¹⁴. Este autor entende que estes empresários, que depois se criariam a CGE, eram os ‘novos capitalistas’ ou a ‘nascente burguesia nacional’, que se opunham radicalmente aos industriais tradicionais da União Industrial: “UIA y CGE, oligarquía y burguesía nacional se enfrentaban en todos los terrenos...Si esto no es una ‘lucha de clases’ habría que inventar un término parecido” (RAMOS, 1991, p.105).

Antonio Cafiero (1974, p.143-45), destacado político peronista e ex funcionário da área econômica, afirma que havia uma “fisonomía monoprodutora, debida a la predominante influencia de las actividades vinculadas a la producción agrícola-ganadera, subestimándose las posibilidades del desarrollo industrial y minero y los

⁵¹⁴ “Si el carácter plebeyo del radicalismo había muerto con Yrigoyen, si ya no constituía la mayoría del país y los partidos ‘obreros’ habían abandonado los intereses del proletariado para aliarse con la oligarquía, las masas tendieron oscuramente a expresarse a través de un hombre para actuar en la vida el país. Había llegado el tiempo de que la clase trabajadora ingresase a la política argentina. No lo hacía sola: integraba un frente nacional antiimperialista” (RAMOS, 1991, p.95).

servicios conexos a la expansión de esas actividades”, e que durante a guerra “el desarrollo fabril argentino era observado con aprensión y como un sucedáneo artificial, destinado a desaparecer en cuanto se normalizasen las apuntadas circunstancias excepcionales”. Assim para ele: “Faltaba asimismo una declarada conciencia industrial en el sector empresario...el empresario industrial era mirado con la aprensión con que se mira a un ‘aprovechado’, a un improvisado destinado a sucumbir a las primeras contingencias adversas que aparecieran en el horizonte”. Depois, mudou com o PPQ que esteve “constituido por la decisión de consolidar y expandir el proceso de industrialización “como opción para “reconvertir su estructura económico-social a las bases tradicionales, fundadas en la primacía de la producción agrícola-ganadera, o consolidar la transformación iniciada en los años de guerra, integrando el ciclo económico nacional mediante el afianzamiento y expansión de las industrias”. (CAFIERO, 1974, p.159). Em sua visão, essa opção “podrá parecer actualmente como obviamente natural y conveniente a los intereses del país. Pero en aquellos momentos significaba romper viejas estructuras y esquemas tradicionales del desarrollo nacional, cuyas expresiones de poder, tanto económicas como culturales, políticas y sociales, eran fortísimas” (CAFIERO, 1974, p.160)⁵¹⁵.

Para Lucchini (p.80-82) os militares que tomam o governo em 1943 apresentam “un proyecto de corte industrialista... luego profundizado por el General Perón” e que “[l]a política económica implicada en el proyecto peronista, según pudimos ver en las medidas que se fueron dictando entre los años 1943 y 1945, fue la única que – en su momento – dio respuesta a las necesidades reclamadas por los empresarios”. Por a sua vez, “[l]a política económica implicada en el proyecto peronista, según pudimos ver en las medidas que se fueron dictando entre los años 1943 y 1945, fue la única que – en su momento – dio respuesta a las necesidades reclamadas por los empresarios”. Também Eduardo Jorge (1971, p.11-13) entende que se constituiu uma nova aliança formada por ‘todas aquellas classes e frações de classes marginadas política e economicamente durante o período anterior’ ao peronismo – “o sea el proletariado urbano y rural, enormemente acrecentado el primero, el nuevo empresariado mediano y pequeño en la industria y el comercio, vinculado al mercado interno, y la burguesía media rural nucleada generalmente en el movimiento cooperativo” – interessadas no “desarrollo interno, o sea en la nación”, embora faz menção que nesta coalizão, “a otro nivel, la

⁵¹⁵ “Hacia falta toda una concepción de gobierno al servicio del cambio de estructura económica que hiciese posible el desarrollo fabril” (CAFIERO, 1974, p.163).

contraposición inevitable entre los sectores capitalistas y asalariados que participaban de la alianza por el reparto del ingreso nacional, siempre estuvo presente” e coloca que no período prévio a Perón “el énfasis valorativo en la industrialización como proyecto para toda la sociedad y en el cambio tecnológico incesante aportado por los capitales extranjeros contrasta radicalmente con la visión oficial de una Argentina agropecuaria y exportadora, libre de industrias ‘artificiales’, de las décadas del 20 y del 30”. Não obstante, entende que o programa econômico peronista representava uma transformação profunda no âmbito próprio do desenvolvimento manufatureiro do país.

“Las consignas de soberanía política, justicia social e independencia económica, que expresaban las aspiraciones globales de la nación, se traducían en el plano de lo específicamente industrial en la reivindicación de medidas largamente reclamadas por la burguesía industrial. Básicamente ellas giraban alrededor del afianzamiento y desarrollo del mercado interno para la producción nacional mediante la protección aduanera, la destrucción de las vallas al crecimiento de las industrias metalúrgicas y siderúrgicas, y la instauración del crédito industrial, cuya carencia constituía uno de los frenos más efectivos para el crecimiento industrial” (JORGE, 1971, p.41)⁵¹⁶.

Mónica Peralta Ramos, interpretando as etapas da acumulação da Argentina por meio de um instrumental analítico marxista, apresentará conclusões na mesma direção. A autora ressalta que desde o período prévio ao peronista até finais dos anos quarenta a industrialização argentina experimentou uma etapa na qual as ramas tradicionais (alimentos e bebidas e têxteis) explicam a expansão do setor, enquanto que a partir daí se estancam enquanto surge o setor metalúrgico como determinante do produto manufatureiro⁵¹⁷. Essa primeira etapa se caracteriza porque a acumulação de capital no setor era acompanhada por um incremento similar na mão-de-obra empregada, enquanto que logo começa outra onde essa última variável cresce em menor proporção, particularmente “en el subperíodo comprendido entre 1956 y 1956 sucede lo contrario...un aumento de la productividad del trabajo...una industrialización basada en el reemplazo de mano de obra por capital” (PERALTA RAMOS, 1972, p.28). Entende desta maneira, que a queda de Perón obedeceu às necessidades de prosseguir com a

⁵¹⁶ “La orientación económica que se puso en marcha en 1943, y particularmente a partir de 1946, recogería estas reivindicaciones de la burguesía industrial, juntamente a las de los demás integrantes del movimiento nacional, logrando plasmar una política que las contuviera a todas inicialmente, integrando las contradicciones de intereses entre sus distintas clases y fracciones de clases” (JORGE, 1971, p.41).

⁵¹⁷ “...tener en cuenta la evolución de la estructura interna de la industria y su relación con la expansión de la acumulación de capital. En efecto, durante el período comprendido entre 1925-1929 y 1948-1950 dos ramas industriales: alimentos y bebidas y textiles, representaron el 45% de la expansión de la producción industrial neta, mientras que todo el sector metalúrgico (es decir la suma de las ramas: metales, vehículos y maquinarias, y artefactos eléctricos) proporcionó solamente el 22% de dicha expansión. Además, en el período 1948-50/1959-61, el sector metalúrgico constituye el 57% de la expansión del sector industrial, mientras el alimenticio y el textil da lugar solamente al 9% de dicha expansión” (PERALTA RAMOS, 1972, p.26).

acumulação de capital na indústria, meta impedida pela conformação social vigente do peronismo que reduzia o lucro empresarial nessa etapa da acumulação⁵¹⁸, a diferença do que entende que sucedia ao início do período peronista.

“La política de redistribución de ingresos del gobierno peronista trajo aparejada una importante disminución de la tasa de ganancia, de la masa de ganancia y de la tasa de ganancia. Para elevar esta última e incrementar la tasa de plusvalía fue necesario remplazar mano de obra por capital. Esta contradicción entre la política distributiva y sus consecuencias negativas sobre la tasa de ganancia, marcan el límite de una determinada alianza de clases en el poder y el pasaje a una nueva fase en la acumulación de capital. (PERALTA RAMOS, 1972, p.42).

O componente ‘industrial’ presente nessa ‘determinada aliança de classes’, Peralta Ramos entende que esteve conformado por uma grande quantidade de pequenos e medianos empresários do setor que constituem o grupo mais fraco na atividade fabril e se diferenciam do reduzido número de grandes industriais que “son las empresas extranjeras, o vinculadas al capital extranjero, las que están más altamente concentrada y que por lo tanto controlan la mayor parte de la producción industrial” (PERALTA RAMOS, 1972, p.85)⁵¹⁹. Como estão nesse número as empresas pertencentes à UIA, a autora declara que isto explicaria o porquê da limitação de seus orientações industrializantes⁵²⁰ e o conteúdo de seu projeto de industrialização baseado no ingresso de ‘capital formado excedente e substituir importações rentável para o capital

⁵¹⁸ “En síntesis: creemos que los datos presentados permiten sustentar la hipótesis de que el cambio cualitativo en la evolución del desarrollo de las fuerzas productivas, o sea el pasaje de un tipo de industrialización basado en el uso extensivo de la mano de obra y caracterizado por el liderazgo de las industrias productoras de bienes de consumo y por una organización del trabajo relativamente poco compleja, a otro tipo de industrialización basado en el uso intensivo del capital y caracterizado por el liderazgo de las industrias productoras de bienes intermedios y de capital, y por una organización social del trabajo relativamente más compleja es consecuencia de la necesidad de elevar la tasa de ganancia del capital industrial para restituirla a un nivel adecuado a las exigencias de la acumulación de capital” (PERALTA RAMOS, 1972, p.42).

⁵¹⁹ “Vemos, entonces, que existe, ya antes de la segunda guerra mundial, una diferenciación interna dentro de la industria muy grande; un reducido número de establecimientos produce más de la mitad de la producción industrial y emplea a más de la mitad de la mano de obra. Como contrapartida tenemos que más del 9-% de los establecimientos produce el 42,4% del producto bruto industrial y emplea casi el 40% de la mano de obra fabril. Estas cifras indican no sólo que existe un sector reducido de la burguesía industrial con un fuerte control sobre el proceso productivo, sino también la existencia de una amplia capa de esta misma burguesía que tiene un débil control sobre el mismo. Es decir que la mayor parte de la burguesía industrial está constituida por empresarios con una pequeña o mediana propiedad, que controlan una parte no despreciable del producto bruto industrial. Y paralelamente, existe una concentración industrial que permite que un número bien reducido de empresarios produzcan la mayor proporción del producto bruto industrial” (PERALTA RAMOS, 1972. p.84-85).

⁵²⁰ “En la medida que, basados en los datos de que disponemos, podemos deducir que la concentración industrial coincide con el origen extranjero del capital, de ello se derivaría que la fracción más poderosa de la burguesía industrial está de algún modo, ligada al capital extranjero. De allí, que su interés en la industrialización no vaya más allá del modelo de industrialización que es el del capital extranjero en esa época” (PERALTA RAMOS, 1972, p.86).

estrangeiro'⁵²¹. A este modelo Peralta Ramos (1972, p.87) afirma que se lhe opõe outro que surge a partir da aparição de um “novo ator social: a pequena e média indústria nacional” que como padece de uma ‘debilidade estrutural’ se encontra sem ‘canais institucionais de participação nas decisões econômicas e políticas’ pelo que é ‘incapaz de expressar coerentemente e por se própria, um modelo de desenvolvimento industrial diferente’. Este impedimento não significa para Peralta Ramos (1972, p.88) que este setor não possua um ‘interesse próprio’; incluso, esse ‘interesse próprio’ pode ser definido, desde o ponto de vista do observador, como um interesse antagônico ao do bloco dominante. Mas para poder satisfazer esse interesse, essa facção da indústria precisou se aliar com outros setores sociais que diante ‘uma conjuntura internacional muito particular’, tem a sua expressão “hecha por un sector de la sociedad no directamente ligado a la producción, pero ampliamente reclutado dentro de esta clase social.es un sector del ejército el que, por su extracción de clase y también por cierto tipo de intereses profesionales, se constituirá en el portavoz del modelo de desarrollo industrial autónomo, propio a esta pequeña y mediana industria nacional” (PERALTA RAMOS, 1972, p.90). Para a autora, este acontecimento impulsiona uma industrialização com dependência que

“no hace desaparecer el antagonismo de intereses de clase entre la burguesía industrial y la oligarquía terrateniente propio al modelo clásico, sino que más bien produce un desplazamiento del mismo. Y como hemos visto un poco más arriba, el tipo de acumulación de capital que entra en contradicción con los intereses de la alianza de clases dominante, es el tipo de acumulación que beneficia directamente a la fracción menos poderosa de la burguesía industrial, es decir a la burguesía industrial nacional” (PERALTA RAMOS, 1972, p.90-91).

Esse rumo industrializador se relaciona com o fato de que para os empresários do setor diante do perigo da normalização do comércio internacional uma vez concluída a guerra mundial “la ampliación del mercado interno, pasa a ser el problema central para impedir la recesión y para asegurar un ritmo creciente de producción industrial. Es en este momento, que se hace necesaria una política redistributiva de ingresos destinada a

⁵²¹ “En la sustitución de importaciones de bienes de consumo no durables coinciden los intereses de la fracción más poderosa de la oligarquía terrateniente, de los industriales vinculados a la UIA y ligados al capital extranjero, y del capital extranjero en general y americano en particular. Esta coincidencia de intereses se expresa en un modelo de industrialización que pone el énfasis en la creación de industrias livianas, que no signifiquen una transformación radical del proceso productivo y que a la vez aseguren una inversión lucrativa (en la nueva coyuntura internacional) al capital extranjero radicado en el país, permitiendo una salida a los excedentes de capital formados en los países más desarrollados” (PERALTA RAMOS, 1972, p.87).

aumentar la demanda interna” (PERALTA RAMOS, 1972, p.96)⁵²². Essa necessidade do setor manufatureiro constitui a condição estrutural fundamental para a constituição de uma nova aliança de classes, que surgiria sob a designação de ‘peronismo’⁵²³. Presentes nesta aliança estarão fundamentalmente a pequena e média indústria nacional e o proletariado industrial que dado que se forjou num contexto de crise das instituições democráticas que impede que uma classe governe em nome do ‘interesse geral’, se gera o fenômeno que Gramsci denomina cesarismo que permite a aparição do exército para alterar o rumo econômico⁵²⁴.

“Es decir para que el estado, y más específicamente un sector del mismo, se erija en salvaguardia del interés general por encima de los particulares intereses de clase en pugna. Esta función de ‘arbitraje’ será ejercida por el general Perón, quien apoyándose en diferentes sectores del estado, según cuál sea la etapa de consolidación de la nueva alianza de clases (en el período de ‘acceso’ al poder, en el ejército; en el período de consolidación del mismo, en la burocracia administrativa) propugnará una política que...fue eminentemente una política de conciliación entre intereses contrapuestos” (PERALTA RAMOS, 1972, p.99-100).

Esta análise leva a Peralta Ramos (1972, p.104) a concluir que “[e]n general puede decirse que el objetivo prioritario del gobierno peronista, fue la industrialización acelerada del país”, impulsada por duas medidas chaves, a translação de ingressos do setor agrícola ao setor industrial e aos setores populares. Com respeito à primeira, afirma que o peronismo procurou debilitar à elite tradicional mas ‘não destruir-la’; “[u]n indicador de ello, es la reforma agraria” (PERALTA RAMOS, 1972, p.106). “Por ello, si bien el gobierno peronista se caracterizó por una política económica que implicaba el enfrentamiento entre la oligarquía terrateniente y la burguesía industrial, este enfrentamiento no llegó a ser antagónico” (PERALTA RAMOS, 1972, p.107). Também entende que o ‘violento anti-imperialismo’, expressado pelas nacionalizações, gerou um enfrentamento entre a facção mais poderosa da burguesia industrial e o governo peronista, dada a vinculação entre essa facção de classe e o capital financeiro e estrangeiro em geral, pelo que a política peronista de resolver os obstáculos internos à

⁵²² “...no será entre el capital y el trabajo, sino que será el enfrentamiento entre dos bloques de clases y se expresará en términos de dos modelos de acumulación: desarrollo dependiente o desarrollo independiente. En otros términos, desarrollo que beneficie al capital nacional o desarrollo que beneficie al capital extranjero” (PERALTA RAMOS, 1972, p.120).

⁵²³ “nuestra hipótesis es que la condición estructural para la aparición de una alianza de clases que se designará en nuestro país como ‘peronismo’, es el nivel alcanzado en la acumulación interna de capital en un contexto dependiente” (PERALTA RAMOS, 1972, p.98).

⁵²⁴ “Es decir, una oficialidad que proviene en su mayor parte de sectores sociales que no participan en el sistema de dominación y que por ello es probable que adopten un modelo de acumulación, que pueda alterar las bases de dicho sistema de dominación. De hecho desde el comienzo, los actos del gobierno que surge con el golpe militar del 43, tienen como principales destinatarios a la burguesía industrial y a la clase obrera” (PERALTA RAMOS, 1972, p.102).

acumulação de capital na indústria “no logró la adhesión de toda la burguesía industrial pues implicaba un modelo de acumulación basado esencialmente en el capital nacional, modelo que entraba en contradicción con el tipo de acumulación realizado en la década anterior” (PERALTA RAMOS, 1972, p.110). Assim mesmo, a autora manifesta que existe consenso de que ‘o principal apoio ao governo, dentro da burguesia industrial, proveio da pequena e média indústria nacional localizada geralmente no interior do país’, e que ‘não se pode dizer que dito apoio tinha adquirido em algum momento da etapa peronista o caráter de uma mobilização ativa’, fato que se explica por ser o “subproducto del proceso de diferenciación interna dentro de la burguesía industrial, derivada de un proceso de industrialización ‘sin revolución industrial’, es decir de una acumulación en un contexto dependiente” (PERALTA RAMOS, 1972, p.110)⁵²⁵. Todavia, declara que a participação operária constituiu o meio pelo qual a burguesia industrial implementa. Para o logro de seus próprios objetivos de acumulação de capital e de conciliação de interesses entre o capital e o trabalho, a conciliação indispensável para o desenvolvimento harmônico da acumulação em sua nova fase, dando lugar a uma ‘participação delegada’, dada sua subordinação, aos ‘interesses da classe que tem a hegemonia política e econômica no processo’, a classe operária⁵²⁶.

“En síntesis, el gobierno peronista se caracterizará por la inexistencia de un enfrentamiento entre los intereses de la clase obrera, y los intereses de la clase que tiene la hegemonía dentro de la nueva alianza de clases. Lo que si tendrá lugar, será la subordinación de los intereses de una clase a los de otra, por ello decimos que las orientaciones obreras en esta etapa de acumulación, estarán caracterizadas por su heteronomía” (PERALTA RAMOS, 1972, p.118).

Em soma, a autora conclui nos mesmos termos com respeito a que dito setor do empresariado manufatureiro não conseguiu apoiar a um governo que se interessava em impulsionar o rumo que lhe era proveitoso. “Esta diferenciación interna, explicaría la incapacidad de la burguesía industrial nacional, para movilizarse activamente y como clase, en apoyo de un gobierno que representa sus intereses, es decir de un gobierno dispuesto a realizar el modelo de acumulación que más la beneficia” (PERALTA RAMOS, 1972, p.122). Isto permitiria a queda do regime e a implementação de um

⁵²⁵ “Esta asincronía entre interés y expresión orgánica del mismo...explicaría el carácter eminentemente pasivo del apoyo al gobierno por parte de la fracción de la burguesía industrial beneficiada directamente con la política económica” (PERALTA RAMOS, 1972, p.111)

⁵²⁶ El papel que juega los sindicatos al tener un control casi total sobre el mercado de trabajo, y por ser el organismo destinado a expresar políticamente a la clase obrera, explicaría por qué ésta no pudo proponer un proyecto de desarrollo que fuese más allá del propuesto por la burguesía industrial. Un proyecto de desarrollo que expresase el antagonismo objetivo, existente entre los intereses del capital y del trabajo” (PERALTA RAMOS, 1972, p.117-18).

novo rumo para o processo de industrialização. Igualmente, Jorge (1971, p.12-13) entende que o governo peronista caiu logo de que a defecção dos setores burgueses médios da aliança fortaleceu à coalizão da alta burguesia com os interesses imperialistas, ‘que tinham perdido o poder político mas não o controle de uma parte fundamental da estrutura econômica’, dando início a um período, que se fortaleceria a partir de 1958, no qual se abririam ‘as comportas ao capital estrangeiro e a irrupção massiva das grandes corporações internacionais que no período anterior tinham estado limitadas por uma deliberada política de contenção’. Também Rapoport entende que no golpe que derrocou a Perón em 1955 estava presente, em seu aspecto econômico, o desejo de setores produtivos de superar as limitações da ordem social peronista para aprofundar o processo de industrialização⁵²⁷.

Essa forma de interpretação apresenta vários inconvenientes. Em primeiro lugar, já se tem manifestado que o desenvolvimento industrial do período não resultou ser nada surpreendente e concentrado num reduzido período histórico sob circunstâncias excepcionais. Assim mesmo, ainda durante essa etapa as decisões de política econômica de Perón não demonstraram estar motivadas por um afã industrializante. O próprio Ramos, um evidente defensor deste movimento político, aceita isto, embora o explique pela falta de compreensão dos dois líderes das decisões de política econômica, Perón e Miranda, por causa de suas respectivas ‘formações’⁵²⁸. Porém, a análise das decisões de investimento e despesa pública, por exemplo, reflete uma clara lógica de acordo à escala de prioridades políticas que se entende aqui que lhe dão mais sentido à economia peronista. Desta maneira, destacam se as opções de priorizar gastos nas nacionalizações,

⁵²⁷ “Desde una perspectiva histórico-estructural, el golpe reflejaba la necesidad de los círculos económicos dominantes de acentuar la reorientación del rumbo económico adoptada por el gobierno de 1952. Debía favorecerse la entrada irrestricta de las inversiones extranjeras, realizarse una apertura del comercio exterior, incorporar al país a los organismos económicos multilaterales e intensificar el acercamiento hacia los EE.UU., iniciado, no sin reticencias, por el mismo gobierno peronista. Debían eliminarse las regulaciones estatales y subordinar la base social del peronismo a los objetivos de nuevas formas de acumulación. En definitiva, los sectores más poderosos de las burguesías industrial agropecuaria argentinas dudaban de la disposición del peronismo para conducir una nueva fase de desarrollo capitalista acorde con las tendencias impulsadas por los EE.UU. tras el fin de la Segunda Guerra Mundial. Desde un punto de vista político no se cuestionaban sólo sus tendencias autoritarias o la ausencia de formas verdaderamente democráticas, sino también la presencia en los círculos de poder de sectores sociales ‘indeseables’” (RAPOPORT, 2006, p.404-05).

⁵²⁸ “La debilidad de Perón consistió en otorgarle a Miranda tanto poder indiscriminado, pues el trienio 1946-1949 fue justamente la gran oportunidad para echar las bases de la industria pesada argentina, por la crisis desesperante que sacudía a Europa; fábricas enteras, plantas completas de siderurgia, automóviles y toda clase de maquinarias estaban dispuestas a emigrar del Viejo Mundo. (...) Ese fue el momento, pero Miranda, y Perón con él, lo dejaron pasar. No se vea en este grave error un pecado individual. En último análisis el país salía del estado pastoril y la revolución llevaba en su primera oleada a un jefe militar como conductor político y a un hombre de la industria liviana a dirigir la economía” (RAMOS, 1991, p.108-09).

na elevação do orçamento militar e em procurar um nível de pleno emprego, ainda a custa de uma racionalidade industrial.

“El aumento del gasto en inversión fue determinante para el incremento global de las erogaciones estatales. Buena parte está explicada por las nacionalizaciones. Pero además hubo inversiones en comunicaciones. Energía y material ferroviario, y se dio impulso a la construcción de caminos. En algunos de esos sectores, sin embargo, no alcanzó a compensarse la fuerte depreciación del capital ya instalado, ni a satisfacerse la creciente demanda por infraestructura. El caso más palpable en este sentido fue el de la electricidad. En contradicción con el acentuado discurso pro industrial, la capacidad instalada no creció al ritmo previsto por el gobierno, y la escasez se tradujo en frecuentes caídas de tensión. En algunas áreas, el aumento del gasto venía a satisfacer las demandas de los sectores que sostenían al peronismo en el poder: los militares y la clase trabajadora. En los años 1946 y 1947 el principal motor de la inversión pública fue la defensa exterior, que llegó a representar el 60% de los gastos públicos de capital. Creció también la importancia del gasto en salud, educación y vivienda. El aumento del empleo público en general, aun sin considerar las empresas estatizadas, puede verse como otra manera de asegurar esas lealtades, y extenderlas también a la clase media” (GERCHUNOFF, LLACH, , p.171-72).

Não resulta então surpreendente, que outros autores concluíam no contrário; quer dizer que ‘o *élan* industrialista de Perón não chegou até suas últimas conseqüências’⁵²⁹. Além da discussão de dados econômicos, não parece que o peronismo tinha tido esse ‘papel histórico’ industrial; e, se teve um componente industrial, certamente não constitui seu aspecto essencial. O desenvolvimento industrial do peronismo em sua primeira etapa não se diferenciou no substancial do processo que vinha em marcha desde uma década⁵³⁰. O desenvolvimento industrial que se tentou implementar na segunda etapa não se diferenciou de lineamentos que se seguiram depois da queda de Perón⁵³¹. “La industrialización argentina entre 1946 y 1955, continuó desarrollándose dentro de la normalidad que podía esperarse de la primera etapa de la sustitución de importaciones,

⁵²⁹ “Aparte de la industrialización específicamente militar – Fabricaciones, el plan siderúrgico de Savio –, el *élan* industrialista de Perón no llegó hasta sus últimas consecuencias por diversos factores: grandes inversiones en medidas distributivas, el costo de ciertas nacionalizaciones (pero no los frigoríficos ni los monopolios eléctricos), la ampliación de la burocracia en el gobierno central y los entes autárquicos, las crisis de la producción agropecuaria a causa de las sequías y las caídas de precios en el mercado mundial” (CIRIA, 1971, p.58).

⁵³⁰ De cualquier punto de vista, es evidente que el activo apoyo de Perón al sector industrial distó mucho de ser exitoso. Ya se culpe a los industriales argentinos o a los intereses foráneos en constante amenaza, la conclusión es la misma: a la caída de Perón la infraestructura industrial y economía no había mejorado mucho en comparación con la época anterior a su gobierno. Algunos sostienen que los intereses industriales de la nación tuvieron su gran oportunidad durante el régimen peronista, pero que no supieron aprovecharla. (FREELS, 1970, p.23-24).

⁵³¹ Si la estrategia consistía en “consolidar las bases de un capitalismo nacional con un fuerte aparato estatal y empresas privadas igualmente con claras raíces nacionales, para evitar el drenaje de recursos y un dominio exterior perjudicial a un proyecto nacional de desarrollo con justicia social. Sin embargo, las tendencias mismas de la economía mundial ya vislumbraban por entonces que se abría la era del capital multinacional que se oponía a estos planteamientos, con lo cual se iba derrumbado poco a poco uno de los pilares esenciales del nacionalismo peronista” (SUKUP, 1992, p.52).

dejando de lado el camino exportador abierto por la Segunda Guerra” (LLACH, 1984, p.37). Aqueles que ressaltam a importância do peronismo como processo industrializador se baseiam fortemente nos números favoráveis que apresentou a pequena e média indústria, particularmente desde a segunda guerra até finais dos anos quarenta⁵³². Deste fato, estes intérpretes supõem, implicitamente, que é viável dar impulso à indústria na base desse setor da atividade manufatureira, ainda diante da oposição das grandes empresas⁵³³. Inclusive, “los propietarios de industrias dinámicas, que podían considerarse beneficiados con las orientaciones favorables al desarrollo manufacturero, no se convirtieron en un actor colectivo con efectiva participación y visibilidad en la arena política” (SIDICARO, 2002, p.62). Tanto Peralta Ramos, que resalta o grau de avance industrial durante o peronismo, como Schvarzer, que o critica, entendem que a UIA, representante das grandes unidades, não possuía um interesse num avançado desenvolvimento industrial. Aceitando-se que o teria o setor de médio e pequeno⁵³⁴, sem ingressar no lado mais teórico ou conceitual da possibilidade de um desenvolvimento sob essas condições, se deve concluir também possível que seus interesses tinham sido interpretados por outros atores sociais, já que eles careciam de canais ou capacidade própria.

“El tipo de acumulación que se había venido realizando en la Argentina desde la década del 30 había dado lugar al desarrollo de una pequeña y mediana industria nacional, considerada poseedora de un gran potencial económico y político, aunque momentáneamente no tuviera el poder para ejercerlo. Este sector tiene intereses propios y opuestos a los de la élite dominante, pues su propia supervivencia depende del nivel de concentración de los capitales. Por lo tanto, no le conviene un modelo de acumulación basado en el capital extranjero, pues esta tendencia conlleva – usualmente – la desaparición de la pequeña industria o su absorción por las grandes empresas. Por el contrario, lo que necesita es un proyecto que permita el desarrollo del capital nacional, favoreciendo a los pequeños y medianos industriales locales” (LUCCHINI, 1990, p.25).

⁵³² la industria – especialmente la pequeña y mediana industria de capital nacional, en los rubros de consumo e intermedios – creció a un ritmo sin precedentes: el número de establecimientos pasó de 65.803 en 1943 a 104.000 en 1948; el de obreros ocupados, de 846.111 a 1.169.000. La tasa anual de acumulación de capital industrial, que había sido de -0,22 para el período 1940/45, subió a 8,24 en 1945/50. La participación de la manufactura en el producto bruto interno, que era de 18,4% en 1930/34, alcanzó el 23,5% en 1945/49” (MACEYRA, 1984, p.16).

⁵³³ “para las industrias tradicionales las propuestas ‘industrialistas’ del gobierno militar y de los promotores del peronismo no suscitaban mayor interés. Sus actividades no se encontraban ante el riesgo de la eventual competencia de productos importados, pues operaban con costos comparativos más bajos que los internacionales (SIDICARO, 2002, p.60-61).

⁵³⁴ Dada la tradicional adhesión de los industriales a la clase alta, es difícil concebir que, de buenas a primeras, éstos se hayan liberado de esa influencia dominante y que se hayan animado a establecer un pacto con el gobierno, que si bien favorecía sus intereses, estaba en abierta oposición con la actitud de las restantes fuerzas económicas” (WALDMANN, 1981, p.191-92).

Esses setores industriais recém teriam conseguido uma via de expressão com a criação da CGE a meados de 1953. Conformada majoritariamente por empresários mais novos com escassa presença de grandes empresas e predominada por unidades do interior do país⁵³⁵, essa entidade esteve em próximo contacto com Perón e, inclusive, participava nas reuniões de gabinete. Llach (1984, p.31) afirma que a divisão empresarial não se deveu a que existiriam grupos com ‘modelos de industrialização’ alternativos, se não que se gerou por distintas estratégias de como se adaptar ao regime peronista⁵³⁶. Para Waldmann os membros da CGE não possuíam uma visão econômica muito diferente da ortodoxa perspectiva da UIA⁵³⁷, e critica a Esteban por pressupor que tiveram um grande apoio com o governo peronista. “Ni siquiera el argumento de Esteban, según el cual la burguesía nacional apoyó a Perón ‘objetivamente’, como clase, puede disipar esas dudas. Lo único real y concreto es el apoyo prestado por el gobierno a la pequeña empresas; no se especifica, en cambio, cuáles son los ‘organismos y cámaras industriales’ que, según Esteban, demostraron su reconocimiento al gobierno por la protección brindada, a través de un ‘apoyo en los hechos’” (WALDMANN, 1981,

⁵³⁵ “En el directorio de la C.G.E., que representante de la ‘burguesía nacional’ que habría apoyado a Perón, “figuran ‘grupos’ económicos importantes, pero no firmas de capital social equivalente. Las únicas empresas grandes de capital extranjero representadas en alguna central empresas, son en ambos casos en la U.I (Ducilo y fiat). (ÍMAZ, 1964, p.132).

⁵³⁶ “Es decir que la división de los industriales se expresará a partir de la diferencia en los puntos de vista de dos fracciones respecto de la conveniencia o inconveniencia de *adecuarse* a la política propuesta desde el Estado, más que a partir de un programa o una estrategia alternativa claramente expuesta. Debe resistirse, por lo tanto, la tentación de afirmar que por aquellos años se constituyen dos bloques de empresarios industriales con sendos programas alternativos; uno, representado por la UIA, que se vuelca hacia posiciones exportacionistas y que empieza a desdeñar el mercado interno, integrado principalmente por las empresas del *establishment* (grandes, extranjeras, nacionales tradicionales o pertenecientes a grupos económicos); el otro, sin representación gremial clara, proclive al desarrollo del mercado interno y conformado por pequeños, medianos y algunos lúcidos grandes industriales nacionales” (LLACH, 1984, p.31).

⁵³⁷ “Pero si creemos que la C.G.E. representaba una concepción económica fundamentalmente distinta de aquella sustentada por los tradicionales círculos económicos, nos veremos defraudados. Sus resoluciones no se diferencian mucho de las aspiraciones y pretensiones expuestas al gobierno por la Bolsa de Comercio. Como ésta, la C.G.E. reclamaba la urgente derogación de los precios máximos, exigía un aumento de las importaciones de materias primas, petróleo, maquinarias y bienes de inversión, solicitaba el otorgamiento más liberal de créditos y una reducción de los impuestos, y se quejaba de las excesivas cargas sociales, sobre todo del sistema de las cajas jubilatorias. incluso en lo referente a la intervención del Estado en el proceso económico, que aparecería haber sido vital para la burguesía nacional, la C.G.E. coincidía en lo esencial con la Bolsa de Comercio al declarar que las intervenciones estatales debían ser sensiblemente reducidas. Tampoco se declaraba, por principio, en contra de la instalación de industrias extranjeras en el país, ni de la importación de industrias extranjeras en el país, ni de la importación de capitales; simplemente solicitaba que éstos no entraran en competencia con las ramas de la industria local. El único punto en el cual sus ideas se apartan claramente de los puntos de vista de los círculos económicos tradicionales, es el referente a la descentralización de la estructura económica, punto sobre el cual la C.G.E. insistía en cada paso” (WALDMANN, 1981, p.203).

p.192)⁵³⁸. Por essas razões, parece mais correto concluir com Ciria no inadequado de interpretar ao peronismo como tendo recebido apoio da ‘burguesia industrial nacional’.

“Téngase presente que los industriales sólo adquirieron peso político en el gobierno de Perón por la labor de representantes de la industria liviana como Miguel Miranda, Rolando Lagomarsino, o el experto bancario Orlando Maroglio. Quienes se separaron de la UIA para volcarse a Perón con sentido táctico de la oportunidad, más los ‘nuevos’ industriales aparecidos durante la administración de 194-52, nunca funcionaron con la homogeneidad propia de una clase socio-económica bien diferenciada. Todavía está por probarse empíricamente que la ‘burguesía nacional’ es algo más que un disfraz verbal que abarca muchas situaciones no demasiado compatibles entre sí, aunque comprendamos por qué pretenden deificarla algunos escritores que consideran al peronismo una auténtica revolución nacionalista burguesa, apoyada por la clase obrera”. (CIRIA, 1971, p.57).

Mas aqui se pretende ir ainda mais longe que essa análise. É comum em muitos autores incorporar dentro do ‘período peronista’ aos anos do governo militar 1943-1946. Assim, por exemplo, Waldmann (1981, p.11) afirma que “en los doce años que siguieron a 1943, en cambio, dominó un solo estadista, apoyado por una coalición de fuerzas sociales y políticas que, en esencia, permaneció invariable a través de todo ese tiempo (WALDMANN, 1981, p.11). Como observa Ceballos (1985, p.29) “también oligarquía y el departamento de estado habla de los doce años de oprobio, 1943-55”. Se bem é evidente que Perón teve uma influencia importante nessa gestão, particularmente desde meados de 1944, não resulta válido entender esse período como ‘peronismo’. As decisões industriais que se adaptaram não tiveram o conteúdo deste, e por isso, também não resultaram conflituosas. O choque que gerou a presença de Perón na sociedade argentina não foi produto do que efetuo nesses anos no campo industrial, se não no social. Portanto, não é válido afirma que “parecería pues que existió un contexto estructural que facilitaba la convergencia entre los industriales, los militares y la élite política que junto con Perón formó el movimiento peronista” (LUCCHINI, 1990, p.9). Deve se lembrar que ainda os grandes empresários industriais da UIA apoiaram a gestão militar e se mostraram satisfeitos pelas medidas que se adaptaram para o setor— inclusive não se negavam a o desenvolvimento das ‘indústrias artificiais’⁵³⁹. Ditas

⁵³⁸ “...sería más lógico concluir que la protección brindada por el Estado a la pequeña y mediana empresas del interior no se debió tanto a la político de este sector, como a la iniciativa del gobierno, que buscó el asesoramiento de algunos empresarios” (WALDMANN, 1981, p.192-93).

⁵³⁹ O Presidente da UIA Colombo (*apud* (LLACH, 1984, p.27) diría em 1940 “Dejemos que los censores de las “industrias artificiales” olviden que Italia, sin hierro y sin combustibles, sin lana y sin algodón, haya creado poderosas fábricas que serán todo lo artificiales que quieran, pero que dan vida y sostén a millones de seres y salvan la economía de su pueblo; que Norteamérica con la “industria artificial” del caucho, producto que no tiene, consume el 70% de la producción mundial de esa materia prima... pese a que algunos argentinos sigan llamando aquí “industrias artificiales” a casi todas las que, con noble y patriótico esfuerzo, han creado los verdaderos *pioneers* del trabajo nacional”.

disposições, ainda entendendo que não eram contrárias à visão do próprio Perón, não foram produto de sua gestão. Já se viu que ações nesse sentido se vinham adotando incluso durante o Governo de Castillo. Llach (1984, p.29) afirma que a UIA tinha apoiado o rumo exportador das manufaturas locais que começará a surgir durante a guerra dando “manifestaciones de apoyo a las medidas estatales de promoción de las exportaciones industriales” y expresando que “la industria argentina debe ser exportadora lo hemos dicho siempre para mejorar sus costos con una producción intensiva a ilimitada”, por lo que ante “los primeros síntomas de restricciones comerciales y cambiarias a las exportaciones, la UIA se ha de mostrar seriamente preocupada”. E quando o governo passa a ser converter em peronista, e os efeitos da política social a afetar negativamente a competitividade das exportações argentinas, essa atitude se converterá em desesperação⁵⁴⁰. Quer dizer, não se nega que a indústria poderia ter sido favorecida durante o período peronista; o que se afirma que não é por meio dela que se o compreende. O distintivo do peronismo surge a partir das ações de Perón da ‘questão social’ que transtornaram totalmente os parâmetros vigentes⁵⁴¹.

Na realidade, esse caráter social que significou o peronismo afetou a seu modelo de industrialização. Por exemplo, quando o governo temeu que poderia surgir uma desproporção no mercado interno derivando em uma maior inflação “dictó una serie de prohibiciones de exportación, lo cual demostró que concedía más importancia al mantenimiento del equilibrio económico interno, que al fomento de empresas particularmente productivas” (WALDMANN, 1981, p.180). Inversamente, quando o modelo industrial inicial mostrou suas limitações a inicio dos anos cinquenta, as decisões do governo para fortalecer aos setores patronais não significou a obtenção do “favor de los grupos opositores, afectados por la firmeza del control político que el gobierno ejercía sobre el país y por el espectáculo, exterior pero no por ello menos

⁵⁴⁰ “Em 1945 a UIA (*apud* LLACH, 1984, p.29).afirmava que “de todas partes del mundo se reclama a nuestro país el envío de sus productos manufacturados, los que por su variedad y calidad superior, han conquistado los mercados más difíciles. La hora de la industria argentina parece haber llegado. ¡Quiera la suerte que ningún error, que ninguna torpeza, cierre nuestro inmenso porvenir, que es también el de toda la Nación!”, ao que Llach agrega que ante o fato consumado a UIA expressou-se como o fracasso de todo um programa, em termos de “pérdida de oportunidades para el desarrollo de la industria argentina como quizás nunca se vuelvan a presentar a la Nación”.

⁵⁴¹ “A este respecto, la UIA tenía ideas muy claras, afirmando tempranamente, en 1940: ‘El momento del reparto recién llega cuando se han acumulado bienes; sólo entonces los más necesitados y los más menesteroso podrán beneficiarse en grado máximo del esfuerzo de los más afortunados o de los más eficientes. La República Argentina está en la edad del crecimiento; es una planta que todavía no ha florecido; podarla ahora no es vivificar sino corte dañino’. Esta actitud no había cambiado, sino todo lo contrario, hacia 1943-45” (LLACH, 1984, p.30).

alarmante, de la intervención de las masas en la vida pública” (DURRUTY, 1969, p.14). Pelo contrário, este cambio de rumbo fortaleceu a sua oposição ao regime⁵⁴². Como explica Waldmann (1981, p.200), isto foi assim ainda depois que o regime peronista tinha modificado seus lineamentos econômicos e tinha-se aproximado às forças tradicionais econômicas, ao ponto “que varias de las más importantes medidas de liberalización adoptadas por el gobierno en esos años, hayan tenido su punto de partida en sugerencias de estos grupos. No obstante eso, pocas veces mostraron abierta satisfacción ante el resultado de esas medidas y más bien exhortaban al Estado a apresurar su retiro del proceso económico: por debajo de él se mantenía la misma actitud hostil al régimen; es más: esa hostilidad hasta se había agudizado”⁵⁴³.

As forças empresariais não aceitaram ao peronismo em nenhum momento, por cima de toda análise de possibilidades lucrativas⁵⁴⁴. Além das críticas que se lhe pode efetuar à ‘burguesia nacional’ de não se interessar em cumprir ‘missões históricas’, o rechaço patronal resulta, *desde a sua perspectiva*, totalmente compreensível sob uma ordem capitalista. Deixando de lado a discussão das verdadeiras motivações de Perón, o concreto é que reiteradas vezes avançou sobre a propriedade privada do capital, a terra, o dinheiro e demais formas de riqueza individual, cuja inviolabilidade constitui pedra fundamental deste regime social. Não só pela questão extrema da expropriação, que no Perón resultou ser mais verbal que concreta, se não também pela ingerência em questões

⁵⁴² “El congreso de la productividad, la ley de radicación de capitales, la nueva política agraria y petrolera, la contención salarial no hicieron más que postergar su caída, tanto más lógica ahora que la oposición advertía que Perón desandaba el camino recorrido para transitar por otros por ella demasiado conocidos” (DURRUTY, 1969, p. 14).

⁵⁴³ “Su comportamiento con posterioridad a 1951, permite reconocer cuán poco se había modificado su actitud básica liberal durante la fase dirigista del gobierno. Sólo había variado el tono con el cual exponían sus argumentos. Las exhortaciones al Estado, para que éste se abstuviera de mezclarse en el acontecer económico, que antes de 1946 habían sido acres y agresivas y luego del triunfo electoral de Perón, cautamente admonitorias, durante los últimos años de gobierno peronista van acompañadas por homenajes y declaraciones de lealtad políticas al dictador. El creciente conformismo político de las organizaciones empresariales no puede engañar al observador atento: por debajo de él se mantenía la misma actitud hostil al régimen; es más: esa hostilidad hasta se había agudizado” (WALDMANN, 1981, p.200).

⁵⁴⁴ “...conclusión – expuesta por Esteban – de que con posterioridad a 1952 se produjo un enfrentamiento entre las fuerzas de la burguesía nacional y las de la burguesía internacional, que concluyó con la victoria de estas últimas. Es imposible librarse de la impresión de que Esteban – a quien se cita como representante de una serie de autores argentinos – sobreestima mucho la potencia de la burguesía nacional durante esta última fase, y, en general, durante el gobierno de Perón. Su influencia sobre las instancias, lo mismo que su prestigio y su capacidad de imponer sus aspiraciones en contra de la influencia de otros sectores de la economía no tuvo en ningún momento la importancia que Esteban le atribuye. Lo que determina el curso de las relaciones entre el gobierno y los grupos de intereses económicos es, más bien, la conducta de las fuerzas tradicionales, las cuales luego de una actitud inicial indecisa, declaran al régimen en 1945, celebran un armisticio con éste luego de la victoria electoral de Perón y, a partir de 1952, no ven la hora de que el cambio en la política económica sea seguido por un cambio en el poder, es decir por la caída de Perón” (WALDMANN, 1981, p.204).

próprias da gestão empresarial no campo e na fábrica, entendida por seus donos como um âmbito de seu domínio sagrado. Questões de preconceito social e status econômico também podem ter influenciado em seu rechaço ao peronismo, mas isto já não possui a justificativa mais entendível do ponto anterior. “La oposición de la UIA a Perón – que eventualmente la llevó a su destrucción – es totalmente incomprensible si se considera que aquel gobierno militar sostenía una marcada orientación en favor de la industria” (FREELS, 1970, p.21). Um dos elementos que contribuíram a manter insegurança e tensões na procura do consenso desejado esteve numa particular visão do futuro que tinha o peronismo. Se bem podia parecer de lineamentos borrentos, adquiria também em ocasiões o caráter de um ‘programa máximo’ a longo prazo. Nele se falava de uma nova forma da democracia, na qual os sindicatos e outras ‘organizações do povo’ teriam de exercer o papel dos partidos e além de administrar os médios de produção (BUCHRUCKER, 1987, p.370).

El poco atractivo de las propuestas del peronismo para la gran industria tradicional se combinó, sin duda, con las dificultades que les ocasionaba la politización de los conflictos sociales. Perón y su eventual gobierno adquirieron un significado que se colocaba en un plano más complejo que el de los intereses económicos” (...)“Tomadas en su conjunto, las resistencias de los industriales frente a las iniciativas de carácter social de la administración militar deben ser interpretadas como expresión de la lucha política más que por los efectos negativos sobre sus intereses económicos” (SIDICARO, 2002, p.60-61).

Deixando de lado o papel do empresariado privado e considerando as contribuições pro industrial das Forças Armadas as conclusões não se modificam substancialmente. Como se lembra, Perón continuava o pensamento militar de que a industrialização era a chave da força militar e que os militares deviam representar um papel direto na promoção e na administração das empresas industriais. Mas nisto Perón só continuava um caminho que já vinha sendo trilhado. “En 1941 la creación de la Dirección General de Fabricaciones Militares, sobre la base de un proyecto presentado inicialmente al Congreso por el presidente Ortiz, mucho antes de que Perón apareciese en la escena, afirmó el principio de las empresas industriales dirigidas por los militares” (POTASH, 1985, T.I, p.407). É mais, se “El movimiento de oficiales, que eventualmente llevó a Perón a la presidencia, representaba una alianza ‘natural’ entre un gobierno militar nuevo y con mentalidad más técnica y los intereses industriales cada vez más afianzados” (FREELS, 1970, p.5), essa aliança logo se quebrou trás a gestão de Perón na STP. E será essa gestão que condicionaria o tipo de avance industrial.

“Todo este modelo de industrialización tenía por lo tanto puntos débiles y fuertes: era relativamente ‘democrático’ en cuanto al destino de la producción, pero con los problemas de ‘cuello de botella’ propios de todos los modelos sustitutivos; su componente militar lo empujaba hacia las ramas pesadas y mecánicas, parcialmente dinámicas como ‘industrializantes’, pero en parte también poco propicias a la propagación del progreso técnico en la industria civil; el carácter nacional de esta industrialización tenía como ventajas, entre otras cosas, las de la acumulación de capital y de conocimientos técnicos sin filtraciones hacia el exterior, pero también implicaba el riesgo de quedar rezagado en relación con los países más avanzados en esta fase de incipiente capitalismo transnacional...” (SUKUP, 1992, p.55).

Esse rumo de industrialização resultou ser, principalmente, uma *opção política da* Argentina. O triunfo eleitoral de Perón em 1946 não se deveu a que propunha uma industrialização diante opositores políticos que se negavam a ela. Como explica Torre (2002, p. 35), a diferença de Perón com a UD não era por seu programa de governo, “no fue menos novedoso ni más conservador que el sostenido por la coalición peronista. Uno y otro se dirigían a un país en el que la industrialización era un proceso ya irreversible y respondían al clima ideológico de la posguerra, con su énfasis en la intervención del Estado en la economía y la distribución más igualitaria de la riqueza. Incluso en lo concerniente a la política laboral, la Unión Democrática abogó por el perfeccionamiento de cuanto había sido hecho y no por una marcha atrás”⁵⁴⁵. Também Rouquié (1982, p.73, n.28) resalta que “la Unión Democrática tenía un programa muy avanzado, impuesto a los conservadores y radicales por los partidos obreros. De lo que se trataba, según los estrategias de los partidos, era de colocarse más a la izquierda que el peronismo para sacarle votos populares. Entre las promesas que incluía el programa de los adversarios de Perón se encuentran las siguientes: reforma agraria, nacionalización de los servicios públicos, de las fuentes de energía y de las materias primas esenciales. Ampliación de la legislación laboral y de los derechos democráticos”. Portanto, a diferença de Perón com a UD se encontrava, como ressaltaram diversos autores já vistos, no lugar de participação que possuíam os setores populares. “Pero el problema

⁵⁴⁵ “Las políticas laborales de Perón no alteraron esa visión crítica de la resistencia democrática. Dichas políticas exhibían mucho en común con empresas corporativistas europeas como para facilitar la valoración de cuánto tenían de innovadoras en el contexto local. Además, que éstas encontraran una recepción favorable en los medios obreros no las hacía por ello más aceptables ya que tanto Hitler como Mussolini habían ejercido el poder con un fuerte respaldo de masas. Para quienes contemplaban la coyuntura argentina a partir de las claves provistas por el escenario internacional, del enfrentamiento de la causa de la democracia con sus enemigos de entonces, la transición desde el antifascismo al antiperonismo habría de ser un proceso casi natural e inevitable... Sólo quienes no adjudicaban la misma importancia al restablecimiento de las instituciones democráticas permanecieron al margen de él, como ocurrió con sectores del catolicismo y el nacionalismo. En cambio, la mayoría de los universitarios e intelectuales vio en la acción de Perón desde la Secretaría de Trabajo nada más que la faz demagógica del régimen autoritario en retirada” (TORRE, 2002, p.29).

fundamental, aquel que llevó en última instancia al peronismo a optar por el mercado interno, fue la dificultad para aumentar los salarios reales hasta 1946. Casi increíblemente, y pese a la vasta legislación social aprobada entre 1943 y 1946, los salarios reales en el último año mencionado eran sólo un 6,2% mayores que en 1939” (LLACH, 1984, p.45).

A industrialização: entre o peronismo e antiperonismo.

A preponderância do aspecto social durante o período peronista também se manifestou em momentos de sua conclusão. “La crisis que habría de provocar la caída del régimen peronista tuvo sus orígenes menos en la situación económica que en los conflictos políticos que el propio Perón desató” (TORRE?, 236). Em sua segunda gestão, Perón avançou em seu intento de controlar as distintas organizações sociais. No Congresso Nacional obteve um domínio quase total por meio de legisladores de seu partido que aceitam suas resoluções, enquanto que a oposição se reduz a uma mínima expressão⁵⁴⁶; incluindo a Assembléia Constitucional que em 1949 reformou a Constituição habilitando sua reeleição. Na realidade, para os opositores esse foi o sentido da reforma, e os logros sinalados pelos peronistas, como as declarações de direitos dos trabalhadores e sociais ou do domínio estatal dos recursos naturais, só cumpriam em ocultar este propósito⁵⁴⁷. As relações com a oposição geraram violentos incidentes sem que os intentos de Perón em acalmá-los fossem frutíferos. O segundo governo peronista foi mais repressivo e totalitário. Os opositores sofreriam persecução policial e proibições para se manifestar e os meios de comunicação foram controlados⁵⁴⁸; o mundo civil foi objeto do plano militar Conintes para assegurar a ordem. O ensino escolar também sofreu o doutrinação peronista, incluindo a leitura obrigatória do livro autobiográfico de Eva Perón *A razão da minha vida*. Precisamente, «Evita» se torna crescentemente mais conflituosa e irritante para seus opositores. Os

⁵⁴⁶ “El Partido Demócrata y la facción antipersonalista Unión Cívica Radical (UCR), que había gobernado entre 1932 y 1943, quedaron reducidos a tres diputados y dos senadores. El Partido Socialista, cuya presencia en el Congreso había sido continua desde 1904, no tenía ni un solo representante; lo mismo ocurría con el partido Comunista. Sólo los radicales habían logrado sobrevivir al colapso, aunque quedaron reducidos a cuarenta y cuatro diputados” (TORRE. 226-27).

⁵⁴⁷ Dado que a Corte Suprema se tinha resistido às reformas sociais desde o principio em setembro de 1946 seus membros foram acusados no Congresso, entre outras coisas, de ter reconhecido como legítimos os governos que surgiram dos golpes de 1930 e 1943, e foram substituídos oito meses depois como parte de uma purga general do poder judiciário.

⁵⁴⁸ “En 1951 la expropiación de uno de los periódicos más tradicionales, *La Prensa*, y su traspaso a la CGT crearon un virtual monopolio estatal de los medios de comunicación. Los pocos que sobrevivieron con cierto grado de independencia se cuidaron bien de no desafiar francamente el tono uniforme y proselitistas utilizado por los medios oficiales para celebrar la política del régimen” (TORRE. 226).

rumores sobre a possibilidade de que seja, na eleição de 1952, vice-presidente de Perón revolta à oposição, e acabou sendo vetada pelas Forças Armadas. A Fundação que levava seu nome efetuava uma vasta obra de caridade, com muitos recursos obtidos em forma de contribuições compulsórias sobre empresas privadas, o que estendia sua popularidade para estupor dos antiperonistas. Ademais, sua retórica incendiaria os inquietava por seus vínculos próximos com a central operária e seus efeitos sobre as massas, como nesta extensa cita de seu último discurso, o 1º de maio de 1952.⁵⁴⁹

“Yo le pido a Dios que no permita a esos insensatos levantar la mano contra Perón, ¡porque guay de ese día! Ese día yo saldré con el pueblo trabajador, yo saldré con las mujeres del pueblo, yo saldré con los descamisados de la patria, ¡para no dejar en pie ningún ladrillo que no sea peronista! Porque nosotros no nos vamos a dejar aplastar jamás por la bota oligárquica y traidora de los vendepatrias que han explotado a la clase trabajadora, porque nosotros no nos vamos a dejar explotar jamás por los que vendidos por cuatro monedas, sirven a sus amos de las metrópolis extranjeras y entregan al pueblo de su patria con la misma tranquilidad con que han vendido el país y sus conciencias, porque nosotros vamos a cuidar de Perón más que si fuera nuestra vida, porque nosotros cuidamos una causa que es la causa de la patria, que es la causa del pueblo, que es la causa de los ideales que hemos tenido en nuestros corazones durante tantos años. Hoy, gracias a Perón, estamos de pie virilmente. Los hombres se sienten más hombres, las mujeres nos sentimos más dignas, porque dentro de la debilidad de algunos y de la fortaleza de otros está el espíritu y el corazón de los argentinos para servir de escudo en defensa de la vida de Perón. Yo, después de un largo tiempo que no tomo contacto con el pueblo como hoy, quiero decir estas cosas a mis descamisados, a los humildes que llevo tan dentro de mi corazón, que en las horas felices, en las horas de dolor y en las horas inciertas siempre levanté la vista a ellos porque ellos son puros y por ser puros ven con los ojos del alma y saben apreciar las cosas extraordinarias como el General Perón. Yo quiero hablar hoy, a pesar de que el General me pide que sea breve, porque quiero que mi pueblo sepa que estamos dispuestos a morir por Perón y que sepan los traidores que ya no vendremos a decirle “Presente” a Perón, como el 28 de septiembre, ¡sino que iremos a hacernos justicia por nuestras propias manos!”.

Sua morte, 26 de julho de 1952, não atenuou as diferenças entre o peronismo e a oposição. Frases de Perón como “levantaremos forcas em todo o país para pendurar aos opositores”, “a luta de classes só terminará quando desapareça uma classe” ou “ao inimigo, nem justiça”, evidentemente incrementavam a intranqüilidade dos grupos

⁵⁴⁹ “Las damas oligárquicas la boicotearon, negándose a concurrir a las veladas de gala donde Eva Duarte se presentaba. Eva Duarte envió las invitaciones a los burócratas sindicales. La intelectualidad se mofaba de ella. Eva Duarte —que no sabía construir correctamente una frase en castellano— escribió un libro que sirvió de texto obligatorio para la enseñanza del lenguaje. Y los profesores tuvieron que aplicarse a la imposible tarea de dar conferencias sobre el contenido de un libro carente de todo contenido. Con sus familiares y favoritos, Evita construyó una burguesía burocrática y nepotista, surgida de la nada y enriquecida fabulosamente en un tiempo fabulosamente corto con toda clase de negociados y especulaciones. La burguesía argentina y su pequeña burguesía agotaron lo más exquisito de su ingenio en chismes y chistes pornográficos acerca de Eva Duarte. Tenían razón para odiarla, puesto que Evita era la encarnación monstruosa de la debilidad de las clases dominantes frente a una pandilla de aventureros respaldados e idolatrados por las masas trabajadoras, y diestros para explotar en su beneficio los mecanismos de poder de la sociedad capitalista” (PEÑA. 1986a, p.110).

antiperonistas. Os conflitos foram se fazendo mais violentos. A 15 de abril de 1953, em Plaza de Maio durante um ato de CGT em favor de Perón, explodem duas bombas que causam seis mortos e perto de cem feridos. Ante a multidão que demanda ao presidente ‘lenha’, Perón responde: “Isso da lenha que vocês me aconselham, porque não empecem vocês a dá-la?”, o que provoca que sejam assaltadas a Casa do povo, a Casa Radical, a sede do Partido Democrata e o Jockey Clube. A 1 de maio voltam a explodir bombas; o governo intervém varias instituições relacionadas com a oposição e a oligarquia (Jockey Clube, Círculo de Armas, Centro Universitário de Aviação, Aéreo Clube Buenos Aires) e detém figuras importantes da oposição (Alfredo Palácios, Nicolas Repetto). Diversos casos de corrupção começam a se denunciar, inclusive um em que esteve envolvido Juan Duarte, irmão de Evita, quem termina morto em confusas circunstâncias. Assim mesmo, a criação da União Estudantes Secundários gerou rumores sobre a relação de Perón com as alunas causando grave desagrado. Em 1954, o conflito interno se complica quando surge um enfrentamento entre Perón e a Igreja. A Igreja tinha sido um dos pontais iniciais do peronismo nas eleições de 1946, junto ao movimento sindical e as Forças Armadas. Perón retribuiu esse apoio com uma lei de 1947 que mantinha o ensino religioso no sistema educativo. Mas as relações foram se modificando e a Igreja não apoiou a reeleição de Perón. Em principio, varias razões se invocam para explicar este enfrentamento que resultou chave para explicar a queda de Perón. Señala-se que a atividade em assistência social do governo e da Fundação Eva Perón competia num terreno que a cúria considerava próprio. O mesmo teria sucedido com o crescente doutrinação ‘peronista’ da sociedade frente ao ensino religioso⁵⁵⁰. Outros também afirmam que Perón, como ‘ditador’, não podia tolerar a continua independência da única instituição que não se encontrava sob seu domínio.

“Frente a la injerencia del régimen y sus ambiciones hegemónicas, la jerarquía eclesiástica reaccionó con cautelosa prudencia pero ésa no fue la actitud del mundo católico en general. Sus asociaciones de laicos devinieron cada vez más en refugios de una militante resistencia, canalizado las disidencias que los partidos mostraban no capaces de articular. La acusación

⁵⁵⁰ “La afronta mayor fue el intento de convertir al justicialismo ya no sólo en la doctrina oficial del Estado sino a la vez en la expresión del verdadero cristianismo. Desde las esferas oficiales comenzó a delinearse el mensaje de un ‘cristianismo peronista’, independizado de la tradición católica y con frecuencia incluso en contra de ella. El nuevo evangelio se le asignó la misión de rescatar el mensaje social de Cristo del olvido al que lo confinara un clero dominado por preocupaciones mundanas y atento al cumplimiento formal de los preceptos religiosos. Esta prédica fue acompañada de consecuencias prácticas: los líderes peronistas se dedicaron a repartir por su cuenta las credenciales de buen o mal cristiano, los cultos no católicos disfrutaron de una sospechosa tolerancia, la devoción popular que rodeó a la figura de Evita después de su muerte fue transformada en una liturgia religiosa paralela” (TORRE, 2002, p.70).

de Perón en noviembre de 1954 fue el fruto de su irritación frente al espacio creciente que los adversarios del peronismo iban ganando en esos ámbitos sin que las autoridades de la Iglesia hicieran nada por evitarlo. El malestar se hizo más vivo al conocerse el proyecto de fundar un Partido Demócrata Cristiano” (TORRE, 2002, p.70).

O governo faz uma convocatória para uma convenção constituinte para estabelecer a separação da Igreja do Estado e a derrogação da lei de ensino religioso e moral na escola pública. A resposta foi uma congregação de uma multidão a 11 de junho com motivo da Procissão por Corpus Christi que terminou se dirigindo ao Congresso vitoriando consignas contra governo⁵⁵¹. Em junho de 1955, se ditou prisão preventiva a oito sacerdotes, pelo que Perón foi excomungado. A 16 de Junho de 1955 um intento de derrocar a Perón foi sufocado. A Casa de Governo é bombardeada por aviões navais, gerando ao menos mil vítimas, entre mortos e feridos, em sua maioria civis, o que gera uma reação que leva à queima e saqueio da cúria metropolitana e várias igrejas.

“Las cosas habían llegado al límite. El golpe no había tenido nada de los clásicos pronunciamientos, de los paseos militares pacíficos y declamatorios, sino que había presentado las características sangrientas y odiosas de la guerra civil: los rebeldes deben haber estado cegados por el odio para haber ametrallado a civiles indefensos en la Plaza de Mayo y haberse ensañado con grupos de curiosos tomados por partidarios del tirano. Oficialmente se habló de 300 muertos y de un centenar de heridos. Algunos testimonios hablan de 1.000 y hasta 2.000 muertos enterrados a hurtadillas en la Chacarita. La CGT, que había enviado a centenares de trabajadores con las manos vacías a una matanza, no tenía ningún interés en magnificar las pérdidas (...) La popularidad del régimen decayó a raíz de estos hechos” (ROUQUIÉ, 1982, p.109).

Logo de uma sugestão do Exército, Perón procura se conciliar com a oposição e num ato anuncia ‘o fim da revolução’ e sua passe a ‘presidente de todos os argentinos’. Mas sua proposta é rechaçada e o clima de violência continua. Surgem uns ‘comandos civis’ formado por jovens pertencentes a setores acomodados que efetuam atentados terroristas. Enquanto se produzem varias renuncias no gabinete, Perón efetua um novo intento para recobrar o mando da situação a 31 de agosto anunciando ‘sua renuncia’, que trás ser, evidentemente, rechaçada pela CGT, se convoca uma mobilização e se anuncia uma greve geral até que Perón reveja a sua decisão. “Como diez años atrás, Perón tenía el apoyo de los trabajadores y la oposición de los partidos tradicionales, los estudiantes y las clases medias. Pero en el cuadro ya no estaban de su lado, como entonces, ni los dirigentes ni los militantes del mundo católico, y el sostén en las Fuerzas Armadas se había erosionado” (ALTAMIRANO, 2001, p.50. Esse ato é

⁵⁵¹ Em dezembro de 1954, se proibiu o uso de símbolos religiosos em público durante natal, se legalizou o aborto e a prostituição e se outorgou reconhecimento dos direitos aos filhos ilegítimos.

entendido por alguns autores como um intento de Perón por reviver os dias dramáticos de outubro de 1945, com uma cuidadosa posta em cena onde os trabalhadores se mobilizariam para recatá-lo novamente; contudo, contaria com uma concorrência menor e menos entusiasta. Perón pronunciou seu discurso mais incendiário de sua vida, manifestando que como tinha oferecido a paz e a trégua e seus adversários responderam com violência: “a la violencia la hemos de contestar con una violencia mayor (...) cuando uno de los nuestros caiga, caerán cinco de ellos... hoy comienza para todos nosotros una nueva vigilia en armas” (BAILY, 1984, p.168). Pouco depois, a 16 de setembro de 1955, Perón é derrocado e se exila; assume a presidência o general Lonardi.

Muitos autores destacam que não resulta do tudo claro o porquê dos ataques de Perón à Igreja, mas consideram que resultou de uma necessidade para “desviar la atención de la grave situación económica, el ingreso del capital extranjero y su menguante popularidad” (BAILY, 1984, 153-54). Waldmann (1981, p.61) sinala que durante a primeira fase de 1944 a 1949 “el control social y las realizaciones del sistema político se mantuvieron en continuo aumento”, mas que depois de 1950 surge uma segunda na qual “la coerción evidencia un rápido y continuado aumento” que refletia uma estratégia de controle e subordinação⁵⁵². Esta mudança se vincula à impossibilidade de manter o ritmo de concessões à classe trabalhadora. Inclusive, Perón tinha iniciado um processo de repressão por razões econômicas ante o crescimento da inflação; se chegou a encarcerar a 850 comerciantes por violar normas contra ágio e especulação. Entretanto, na conjuntura de 1954-55, a situação econômica não era crítica; como sustentam Gerchunoff e Antúnez (2002, p.197): “una cosa está clara: aquella tormenta política que culminó con el derrocamiento de Perón y que dejaría heridas profundas no tuvo mucho que ver con la economía. Se podrá escribir la historia de muchas maneras distintas, y sin embargo esa afirmación será difícil de discutir”. Além disso, sinalam que esse mesmo ano o governo tinha dado promoção ao primeiro Congresso Nacional de Produtividade (CNP), que qualificam como o Rei Midas que resolveria os problemas. Essas reuniões “fueron presentadas por el gobierno como una muestra elocuente de que la conciliación de clases sobre la que tanto había insistido era una realidad palpable. Empresarios y trabajadores se sentaban a discutir acerca de sus problemas comunes”

⁵⁵² “Pero justamente esta misma evolución reforzó a partir de 1949-1950 los otros conflictos que dividían a los argentinos. Tanto el autoritarismo y el culto a la personalidad, como el creciente poder de la CGT fueron interpretados por importantes sectores de las fuerzas armadas, del empresariado, de las clases medias en general y por último también de la Iglesia, como argumentos que le restaban fuerza a la legitimidad de origen que exhibía el gobierno peronista” (BUCHRUCKER, 1987, p.374).

(GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p.191). Mas observam que a realidade estava bastante longe dessa imagem de concórdia, e houve muito mais conflito que acordo. Ainda assim, o problema não foi tanto seu resultado final, se não que foi superado pelo contexto social.

“El CNP, cuyo documento final fue el Acuerdo Nacional de la Productividad, terminó sin vencedores ni vencidos, lo que a esa altura no era un mal resultado para nadie. El gobierno contuvo la estampida salarial, y con ello la amenaza de un rebrote inflacionario. La CGT no cedió prácticamente nada en materia de relaciones laborales. Los empresarios encontraron un espacio institucional, hasta entonces inexistente, para dialogar con la cúpula gremial de los trabajadores y para canalizar reclamos ante las autoridades económicas. En verdad, todo esto ya no importaba...Ya entrado 1955, los problemas económicos no eran la preocupación de casi nadie.” (GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p.192).

A queda de Perón não abriu caminho a uma proposta econômica de consenso. “El gobierno provisional era, en materia económica, un mosaico multicolor e incoherente que sólo se unificaba en la descalificación al ‘tirano’. El encono hacia la gestión económica anterior era apenas un esfuerzo por ponerse a tono con el caldeado clima político, y muy ocasionalmente tenía un fundamento racional” (GERCHUNOFF, ANTÚNEZ, 2002, p.194-95). A pesar disto, questões econômicas mais de fundo estavam presentes, se bem não parecem explicar a queda de Perón. No que faz ao desenvolvimento fabril, Lonardi (1955, p.11-15) reprocha a Perón sua incapacidade: “Preconiza la industrialización y no sabe hacerla. Dilata inconcebiblemente el establecimiento de la industria siderúrgica, olvida otras industrias básicas y deja a las fábricas sin energía para mover sus máquinas”, e denuncia as necessidades urgentes de bens de capital, especialmente na produção de eletricidade e nos transportes. Critica que “no hay exportaciones para pagar ni una máquina, ni un equipo industrial ni de transportes”, e afirma que a política petrolífera deve ficar excetuada do sistema de livre empresa ainda quando se a aceite. Aponta que “el gravísimo error del Gobierno depuesto fue pretender la industrialización exprimiendo a los productores rurales. Sucedió lo previsible: el desaliento de los hombres de campo y la caída impresionante de la producción, con la consiguiente crisis de las exportaciones”, e conclui afirmando: “aquí está al descubierto la base completamente ficticia en que se apoyaban las mejoras sociales de que se vanagloriaba la administración depuesta”, o que deixa em claro que entendeu sua economia como distribucionista e não expansiva do produto.

“Si durante este período casi no ha aumentado el producto por habitante, quiere decir que las mejoras de unos se han hecho a costa del empeoramiento de otros; así han sufrido los ingresos de los hombres del campo, con las graves consecuencias que se han visto, y así también hay tantos rezagados,

tantos obreros y empleados que hoy se encuentran peor que antes o sufren las consecuencias del gran déficit de viviendas que aqueja al país” (LONARDI, 1955, p.14).

Mas esta análise econômica do novo mandatário, não compartilhado por todos os que participaram na queda de Perón, ia acompanhado por uma postura frente ao conflito social que era mais rechaçado ainda por estes. Lonardi sustenta que ‘não nega que nesta ilusão de prosperidade tenha havido conquistas positivas’, mas entende que o apoio do ‘homem humilde’ a Perón se deveu a sua simplicidade e ingenuidade⁵⁵³: “El gobierno revolucionario desea que todos los argentinos que tengan culpas las admitan en el grado en que las tengan y aprendan la lección. Los unos por haber engañado, los otros por dejarse engañar y, los más, por haber permitido el engaño” (LONARDI, 1955, p.17). Como para Lonardi não tinha “un solo caso en la historia de la humanidad donde se haya construido sobre el odio una obra efectiva y duradera”, declarou que a ‘vitória não dava direitos’ e que ‘não tinha nem vencedores nem vencidos’. Em soma, a proposta de Lonardi considerou um Peronismo sem Perón⁵⁵⁴. Contudo, para um setor mais extremista da coalizão, a situação era a oposta. Para eles, o peronismo era uma aberração que devia ser extirpada da sociedade argentina. Assim, o setor nacionalista-católico foi afastado, a 13 de novembro de 1955, pelo liberal e extremamente antiperonista, representada pela assunção aos altos cargos do general Aramburu e do Almirante Rojas⁵⁵⁵. Estes acentuam a línea de ataque ao regime peronista que incluía a criação de uma Comissão Investigadora de irregularidades do governo peronista, um Tribunal de Honra do Exército para julgar a Perón, a exibição pública de roupas e jóias de Evita, a determinação que a 17 de outubro volvia a ser um dia de trabalho, a intervenção da CGT por intentar decretar uma greve, a dissolução do partido peronista e a prisão para seus dirigentes peronistas; também a proibição de toda referencia ao regime, como ser fotografias, retratos, esculturas, escudos, bandeiras, assim como o uso

⁵⁵³ “El pobre siguió siendo pobre en riquezas y más pobre aún en amor a sus compatriotas y a sus semejantes. Pero el hombre, como elemento de masa, pensó, deseó y creyó todo lo que sus aprovechados conductores quisieron” (LONARDI, 1955, p.17).

⁵⁵⁴ “Para él y sus asesores, se imponía una simple rectificación histórica: había que volver al período 1943-1946, restablecer la política de Ramírez y Farrell, pero esta vez con el apoyo de los trabajadores organizados a quienes se propondría la enmienda, y no la destrucción del régimen peronista” (ROUQUIÉ, 1982, p.123).

⁵⁵⁵ “Para la fracción liberal...los nacionalistas que el general Lonardi había incorporado al gabinete, entusiastas del movimiento del 4 de junio de 1943 y antiguos admiradores de los experimentos fascistas, estaban a la búsqueda de alguna forma de peronismo sin Perón. A esa inspiración se atribuía la política de negociación con la CGT que se llevaba adelante desde el Ministerio de Trabajo y Previsión y la parsimonia para desmontar la máquina del ‘totalitarismo’ peronista. La adopción del lema apaciguador que había hecho suyo el presidente Lonardi, ‘ni vencedores ni vencidos’, se achacaba a la misma fuente de sugestión ideológica y era vista como signo de evangelismo sentimental, cuando no sólo una estratagema con fines electorales” (ALTAMIRANO, 2001, p.50-51).

dos termos ‘Perón’, ‘peronismo’, ‘peronista’, ‘justicialismo’, ‘justicialista’, ‘terceira posição’, ‘P.P’, o fazer referencia às fechas que este exaltava, à ‘Marcha de los muchachos peronistas’ e ‘Evita capitana’, à obra ‘A razão da minha vida’, entre outras proscricções. Adicionalmente, ficava anulada a Constituição de 1949. Este avance gerou um levantamento de civis e militares peronistas que é derrotado; mas o governo decreta a lei marcial e se fuzila a 38 pessoas “entre ellos al general Valle, único golpista argentino a quien se aplicó la pena máxima por rebelión armada” (RAPOPORT, 2006, p.422). “La sola posesión de un retrato de Perón se convirtió en delito. El proyecto de desperonizar la sociedad argentina por todos los medios había tomado puesto de mando” (ALTAMIRANO, 2001, p.51).

Para Rouquié (1982, p.130) “[I]os dueños del país volvían a tomar en sus manos las riendas del estado”. Essa ‘revanche’, como passou a ser conhecida, não reconhecía ao peronismo mérito algum, como fazia Lonardi. Em seu Informe “O livro negro da segunda tirania” nem sequer se lhe se reconhecía a legislação social: “Entre 1903 y 1943 emanó de los diversos sectores políticos de nuestro Parlamento la legislación de trabajo y previsión social anterior a la revuelta del 4 de junio. Hecha sin ruido ni alharaca por quienes tenían conciencia de su deber, no sirvió para la propaganda de ningún hombre, sino para los trabajadores, que son, todavía, sus beneficiarios inmediatos” (CARL, 1958, p.135)⁵⁵⁶. Por outro lado, ‘o golpe de timão para a esquerda’ que em seu momento efetuou Perón, “[I]o hubiera dado cualquier gobierno de origen auténticamente democrático y sentido progresista. Lo que sin duda no hubiera hecho es crear antagonismos sociales, sembrar el odio y dar estructura totalitaria a las fuerzas sometidas del capital y del trabajo” (CARL, 1958, p.137). Este discurso sobre questões sociais se relacionava com um econômico. “Los portavoces de la vieja elite, vinculado al campo y a la economía de exportación, aprovecharon los debates que siguieron a la caída de Perón para transmitir un mensaje brutal y sencillo: el origen de los problemas del país estaba en el equivocado intento del peronismo por subvertir la economía «natural» de Argentina. En consecuencia, propusieron hacer tabla rasa con la estrategia que había llevado a la creación infraestructura industrial excesivamente protegida, que

⁵⁵⁶ “¿Pudo ser más abundante aquella legislación? Acaso. No debe, sin embargo, juzgarse con criterio actual el ritmo legislativo del pasado. Las circunstancias económicas, sociales y jurídicas de nuestro país en las cuatro primeras décadas de este siglo difieren de las presentadas, como éstas, sin duda, no serán iguales a las del año 2000. No faltarán entonces, sin embargo, quienes nieguen la existencia o el valor de la legislación social anterior, porque estará en su juego político el decir que el mundo empieza con ellos. Y tampoco faltarán los simples que lo crean” (CARL, 1958, p.137)

imponía una pesada carga a los productores rurales y fomentaba una incorporación prematura y excesiva de los trabajadores en el mercado de consumo. En su lugar, abogaron por un retorno a la estrategia económica basada en el librecambio y sus ventajas relativas, bajo cuyas líneas maestras Argentina había experimentado un formidable crecimiento hasta 1929” (TORRE, RIZ, 2002, p.239). Efectivamente, no mismo Livro Negro se acusa ao peronismo de ter “descuidado el campo que siempre ha constituido y constituye *el pilar de la economía argentina*, al punto de que todavía hoy procede de él el 95% de las divisas” (CARL, 1958, p.145, sublinhado agregado) e que “el desarrollo industrial indiscriminado no produjo aquella independencia económica y por el contrario determinó mayores necesidades de divisas para su mantenimiento, al paso que disminuían progresivamente los saldos exportables” (CARL, 1958, p.146). Particularmente se intentou recrear um âmbito de liberdade econômica no mercado de trabalho. A perseguição sobre os sindicatos permitiu um avance sobre as condições de trabalho por parte dos empresários. Mas este diagnóstico se equivocava em dois pontos. Por um lado, que entre a crise de 30 e o surgimento do peronismo tinha existido desenvolvimento industrial. Por outro, que sob Perón mudou mais a estrutura social que a econômica.

“Es verdad que la experiencia peronista no había logrado alterar las bases sobre las cuales la clase política conservadora de los años treinta levantó la arquitectura económica del país: una industrialización liviana y complementaria para un país agroexportador. Sin embargo, al convertir lo que fuera una política de emergencia ante la crisis de 1929 en un programa más permanente, reorientando los recursos nacionales a la sustitución excesiva de las manufacturas importadas, el peronismo había contribuido a profundizar la diferenciación interna de la estructura económica y social existente” (TORRE, RIZ, 2002, p.239).

Essa diferenciação que os autores sinalam começou a reagir diante ao embate antiperonista, no que passou a denominar-se ‘a resistência’. “La desperonización no iba a ser fácil. No se trataba de ‘democratizar’ a pequeños burgueses venidos a menos ni a capitanes de industria oportunistas, sino de integrar a la clase mejor organizada y más olvidada antes del advenimiento de Perón dentro del sistema de *laissez-faire* (social y económico)” (ROUQUIÉ, 1982, p.140). O que açulou a acometida foi que ambas “facciones militares tenían una creencia en común, el convencimiento de que el peronismo no sobreviviría como fuerza política después de la caída del régimen que lo había creado” (TORRE, RIZ, 2002, p.240). Mas com Lonardi essa postura ia acompanhada de um reconhecimento pelo lugar social dos sindicatos. “El presidente y sus partidarios dentro del gobierno provisional estaban dispuestos a admitir que los

peronistas siguieran controlando los sindicatos. Su única salvedad era que debía tratarse de un peronismo purificado de los vicios que lo habían corrompido y conducido a la derrota” (JAMES, 2003, p.119-120)⁵⁵⁷. Mas a posição dominante coincidia com Aramburu em que o peronismo constituía uma calamidade que era preciso exorcizar de todos os setores da sociedade argentina. James afirma que lês preocupava em especial a autoridade peronista sobre a classe operária⁵⁵⁸. Trás uma convocatória da CGT a uma greve geral, que foi reprimida, a central foi intervinda e detiveram a muitos dirigentes sindicais. Mediante o decreto 7.107 se intentou proscrever a toda uma geração de funcionários sindicalistas peronistas excluindo da atividade a todos aqueles que tinham tido cargos representativos entre 1952 e setembro de 1955, assim como aos indagados pela comissão investigadora. James (2003, p. 123) afirma que o sonho do governo militar era purgar do peronismo aos sindicatos, para que podam se eleger dirigentes ‘verdadeiramente democráticos’. Mas esse sonho se demonstraria irrealizável, fato reconhecido pelo governo em 1957. Adicionalmente observa que a ofensiva governamental respondia ao interesse de retomar o controle ao nível do processo de produção; o decreto 2.739 autorizava à patronal a eliminar os ‘obstáculos à produtividade’.

“Para la patronal y el gobierno la cuestión era fundamental. La industria argentina se caracterizaba por una situación de hecho que daba a las comisiones internas un amplio margen de control del proceso productivo. Éste era el legado de la posición singular del movimiento sindical dentro del peronismo y se había incorporado a los convenios colectivos firmados entre 1946 y 1948. Este poder de base fabril impedía eficazmente la implementación de nuevos ordenamientos laborales racionalizados que podían incrementar la productividad del trabajo. El intento del gobierno y de los empleadores de transformar esta situación chocó con una resistencia generalizada de los trabajadores, arraigada en el desarrollo de una cultura fabril específica durante la era peronista. Esa cultura traducía la nueva posición social y política de los trabajadores dentro de la sociedad argentina en una serie de supuestos y afirmaciones concernientes a lo que la patronal podía y no podía demandar legítimamente a su personal. Para los

⁵⁵⁷ “El ala nacionalista de la oposición a Perón coincidía con mucho de lo que se había logrado. Para ellos, el peronismo representaba un baluarte contra el comunismo. La cuestión tenía que ver, en esencia, con los límites y los excesos. Si los gremios reconocían la necesidad de mantenerse dentro de su propia esfera y la demagogia corrupta de los elementos más estrechamente asociados a Perón podía eliminarse, los sindicatos conducidos por los peronistas tendrían un papel crucial en la argentina posperonista como órganos de control social y canales de expresión de la clase obrera” (JAMES, 2003, p.120).

⁵⁵⁸ “Las bases gremiales peronistas, en un principio aturdidadas por el golpe contra Perón, habían demostrado en los dos meses siguientes una creciente disposición a resistir y preservar ‘algo que por instinto sentían estar perdiendo’. Gran parte de esa resistencia dejó a un lado a la conducción sindical peronista. El 17 de octubre y una vez más a comienzos de noviembre se produjeron huelgas espontáneas en gran escala, como protesta por la situación nacional en general y los ataques antiperonistas contra los sindicatos en particular. A su turno, esto alarmó y fortaleció a los elementos más duros de las Fuerzas Armadas y sus aliados civiles e hizo aún más difícil para Lonardi dar el tipo de concesiones que podrían haber tranquilizado a las bases peronistas” (JAMES, 2003, p.121-22).

trabajadores, las prácticas y disposiciones que los empleadores y el Estado ahora consideraban tan objetables eran una salvaguardia crucial de la calidad de vida en las fábricas. Como tales, eran emblemáticas de un aspecto decisivo del significado de la experiencia peronista para la clase obrera: la letra menuda de la realidad cotidiana que subyacía a las abstracciones más vagas de la retórica justicialista” (JAMES, 2003, p.123-24).

O método aplicado pelos trabalhadores consistiu em práticas de sabotagem, greves selvagens, trabalho a corpo-mole. Com essa atitude, reafirmavam sua identificação com o peronismo⁵⁵⁹. A esperança antiperonista de que os sindicatos abandonariam seu vínculo com Perón pudo ter se devido a que a defesa dos trabalhadores ao regime peronista não resultou tão intensa como quiçá se imaginavam. Baily (1984, p.168) afirma que “acaso el hecho más importante respecto a la caída de Perón es que el movimiento obrero organizado hizo muy poco por defenderlo”. Ressalta que alguns dirigentes sindicais lhe manifestaram que se deveu a que Perón jamais deu ordem de lutar e os sindicatos careciam de armas (José Alonso e Augusto Vandor), enquanto outro (Diego Ribas) o explica porque “no había nadie en posición de suministrar una conducción eficaz a las masas. Los desacreditados lugartenientes de Perón ocupaban las sedes sindicales, pero los trabajadores no los seguían”; assim, destaca uma questão mais profunda: “los trabajadores no combatieron porque Perón había dado fin a la revolución, obligándolos a cuestionar el supuesto de que sus intereses eran los mismos que los de la Nueva Argentina” (BAILY, 1984, p.168)⁵⁶⁰. Se bem o ataque de Perón à Igreja contribuiu à fraca reação em momentos que este sucumbia⁵⁶¹, existiam razões mais profundas que se vinculam com a reação que tiveram os trabalhadores, como analisou James, durante ‘a revanche’.

⁵⁵⁹ “No hubo, entonces, un momento de vacilación en lo que se refiere a la lealtad al peronismo (...) El gobierno de Aramburu y Rojas, con sus ataques a las comisiones internas, su generalizado revanchismo en la base fabril y la ofensiva contra las condiciones laborales, expresaba con mucha claridad para los trabajadores lo que estaba en peligro de perderse y el contraste con la época de Perón. De ese modo, reforzaba la identificación de Perón y el peronismo con las experiencias obreras concretas” (JAMES, 2003, p.124).

⁵⁶⁰ “Parte de la legitimidad del sistema peronista se esfumó, en efecto, con la nueva política exterior. Si bien ello no preocupaba mucho al hombre de la calle, decepcionaba a los delegados sindicales de las grandes empresas y a los oficiales nacionalistas. Los primeros en particular no tenían muchos motivos para estar satisfechos, ya que no podían prevalerse de ningún éxito notable, ni en el campo de las conquistas sociales, ni en el de las reivindicaciones salariales; su papel era más bien controlar el descontento y morigerar la combatividad de los trabajadores, evitando las huelgas y las movilizaciones en pos de objetivos económicos. El secretario general de la CGT fue silbado por los descamisados que se encontraban concentrados en la Plaza de Mayo el 17 de octubre de 1952” (ROUQUIÉ, 1982, p.103).

⁵⁶¹ “Los ataques de Perón a la Iglesia católica en 1954 y 1955, ofendieron en apariencia a muchos integrantes del gran sector antiliberal en el movimiento obrero. Pocos trabajadores eran católicos practicantes que asistían a los oficios religiosos, o participaban en otras actividades de este tipo. No obstante, la Iglesia había ejercido considerable influencia entre los peones rurales, y había sido una de las escasas organizaciones conocidas y amistosas que los migrantes internos encontraron en la ciudad. Además, la Iglesia había colaborado en silencio con el régimen durante los primeros años del peronismo.

“si bien la mayoría de los obreros continuó siendo fiel a Perón desde 1952 a 1955, éstos se hallaban cada vez menos dispuestos a aceptar la redefinición del interés nacional formulada por el presidente. En lo pragmático, exigían más libertad para luchar por lo que entendían eran sus intereses, y reclamaban dirigentes más accesibles, eficaces y honestos, en forma parecida a lo ocurrido durante los últimos años de la primera administración peronista. Pero la caída de los salarios reales, la penetración del capital extranjero, la nueva actitud frente a los Estados Unidos, los ataques a la Iglesia (además del creciente servilismo de los dirigentes obreros para con el régimen), se combinaron para dotar de urgencia a la protesta, que transformó el descontento en frustración, y luego en resentimiento” (BAILY, 1984, p.162).

Essa ‘revanche’ possuía um conteúdo social que era bem compreendido pelos sindicalistas como Francisco Prado que considera que seu sentido mais geral era o fato de que sob o peronismo os trabalhadores ocuparam muitos altos cargos oficiais, exerceram uma tremenda influencia e adquiriram uma nova posição econômica e social na Argentina (BAILY, 1984, p.185). Este autor destaca que se os trabalhadores tinham começado a questionar sua adesão a Perón, “la política de Aramburu hizo olvidar este hecho a la mayoría de los trabajadores, y los impulsó a comenzar a considerar el período de Perón como una edad de oro”⁵⁶². Baily (1984, p.191) explica a reação operária não só pelas perdas econômicas, se não pelo não reconhecimento de um status na sociedade⁵⁶³. Assim, o resultado de tudo este processo foi que “nas classes populares foi tomando forma o mito de uma idade dourada justicialista, acreditada pelos grupos dominantes para aqueles essa era a época maldita em que ‘os operários acreditavam que tudo lhes estava permitido’. Em lugar de ‘desperonizar’ aos trabalhadores, a Revolução Libertadora ‘reperonizou’ a grandes setores populares decepcionados pela segunda presidência de Perón” (ROUQUIÉ, 1982, p.140-41). Neste movimento de ‘Resistência’ surgiu a consigna ‘Perón volta’: “La idea del retorno sirvió como elemento aglutinante para la resistencia popular” (GORDILLO, 2003, p.333).

En consecuencia, muchos trabajadores experimentaban cierta lealtad hacia la Iglesia, y los ataques de Perón a ésta aumentaban su creciente confusión sobre el verdadero carácter del gobierno” (BAILY, 1984, p.150-51).

⁵⁶² O veterano sindicalista Sebastián Marotta “sostuvo que la revancha fue provocada porque Aramburu toleró que los empresarios y estancieros actuaran con entera libertad en relación con el movimiento obrero. Aramburu no comprendió lo que estaba ocurriendo, o sea que los trabajadores habían perdido bastante entusiasmo por el régimen depuesto en 1955, y que – de habérselo él propuesto e intentado – hubiera podido apartarlos de Perón. En su lugar, pretendió suprimir toda actividad peronista en el campo sindical y, en consecuencia, volvió a hacer surgir el atractivo de Perón hacia los trabajadores” (BAILY, 1984, p.186).

⁵⁶³ “El problema consistió en que Aramburu cuestionó la identificación de los obreros con Perón y su sociedad de trabajadores, sin ofrecerles una alternativa verdadera para que volvieran a identificarse. A diferencia de Lonardi, no pretendió otorgarles un status importante en la Argentina posterior a Perón. (...) La era de Perón se convirtió en algo así como un mítico paraíso de los trabajadores. Perón se transformó otra vez en el símbolo de la revolución social y económica y de la nación de los trabajadores” (BAILY, 1984, p.191).

O enfrentamento ‘revanche - resistência’ afetará as formas de interpretar o desenvolvimento econômico do país. Trás a queda de Perón “[p]odría decirse que se reanudó entonces lo que Juan José Llach ha llamado el ‘gran debate’ sobre el desarrollo económico nacional, comenzado en los años treinta y clausurado, al menos como discusión expuesta a la luz pública, desde 1946” (ALTAMIRANO, 2001, p.51). A pesar da identificação da Revolução Libertadora com o modelo agroexportador, se lhe solicitou um Informe sobre a situação da economia argentina a Raúl Prebisch, em momentos de sua maior reputação internacional na CEPAL. Sua avaliação lapidária da economia que deixava Perón – “la Argentina atraviesa por la crisis más aguda de su desarrollo económico” (*apud* ALTAMIRANO, 2001, p.51) – produz o rancor peronista, que não deixava de lembrar seu passado de integrante dos governos da ‘década infame’, e, por tanto, será interpretado como um intento de voltar à Argentina agrária, pré-peronista. Essa será a interpretação, por exemplo, de Arturo Jauretche ao editar *O Plano Prebisch. Retorno ao coloniagem*. Mas, como assevera Altamirano (2001, p.52-3,) “[i]ndependientemente de cómo se juzgara el diagnóstico de Prebisch respecto del estado de la economía argentina en 1955 y aun las medidas que prescribía, no se podía extraer de su texto el sombrío programa antiindustrialista que le atribuía Jauretche”⁵⁶⁴, o que não impedia que o mesmo Prebisch reconheceria que as medidas provocariam o alça de preços dos artigos de consumo popular. De fato, em seu Informe, o próprio Prebisch se queixa de essa imputação:

“se ha atribuido a estas medidas del gobierno el propósito siniestro de perturbar la industria del país. Nada más absurdo. No se concibe el desarrollo industrial argentino sin una fuerte base agropecuaria, que no solamente creará un vasto ámbito demanda en la campaña, sino que proveerá a la industria de las divisas necesarias para sus equipos, en la medida en que estos equipos no puedan producirse económicamente en el país, y para sus combustibles y materias primas” (PREBISCH, *apud*, ALTAMIRANO, p.257-58).

Na realidade, coincidia com as reprimendas dos nacionalistas como Leonardi contra Perón por ter impulsionado uma industrialização incompleta, destacando o caso do descuido da indústria siderurgia⁵⁶⁵, Prebisch (*apud* ALTAMIRANO, 2001, p.258) declarava. “Creo que por ahí debe encararse el problema industrial argentino: crear

⁵⁶⁴ “Aun cuando algunos componentes de las políticas seguidas entre fines de 1955 y principios de 1958 reconocen precedentes en la tradición liberal, no se introdujeron modificaciones de fondo en las reglas del juego del proyecto industrialista” (FERRER, 1989, p.27).

⁵⁶⁵ “Creo que la orientación de la política industrial de este país ha sido equivocada; que hemos desatendido elementos básicos que eran indispensables en esta nueva etapa del desarrollo industrial argentino, en donde ya se habían cubierto casi todas las necesidades del consumo corriente de la población y era necesario entrar en sustituciones de importaciones de un carácter mucho más complejo que las sustituciones que hasta ese momento se habían cumplido en la vida del país” (PREBISCH *apud* ALTAMIRANO, 2001, p.258).

bases para las industrias siderúrgicas, químicas, de la celulosa y otras indispensables, que no se han abordado. Hago esta declaración para dar la seguridad absoluta de que en ningún momento se ha tratado de establecer una artificiosa dualidad o antagonismo entre la agricultura y la industria, pues éstas son dos actividades perfectamente compatibles, y solamente una política extraviada puede pretender dar a una de ellas cierta importancia en desmedro de la otra”. Se bem o governo de Aramburu implementou uma abertura externa que incluía o ingresso da Argentina ao Fundo Monetário Internacional e a aproximação com Estados Unidos, não pode concluir se que tinha sido, pese reafirmar o papel rural na obtenção de divisas, anti-industrial. O que se modificava eram os parâmetros sociais desta industrialização. Paradoxalmente, se a proposta do movimento liberal era a ‘democratização’, a mesma foi aceita pelos trabalhadores. Proscrito o peronismo, as eleições passaram a arrojar um enorme caudal de votos brancos, como nas eleições de convencionais de 1957, que representava seu eleitorado. Na eleição presidencial seguinte o projeto desenvolvimentista de Arturo Frondizi resultou vitorioso só porque previamente efetuou um pacto com Perón. Mas o apoio popular que tinha recebendo se debilitou – fatalmente para sua continuidade no poder – logo de que aplicara uma forte desvalorização e rebaixa salarial em 1959, o que, não deixou de ser uma medida que intentava aprofundar a industrialização⁵⁶⁶.

O chamativo é que para princípios dos anos setenta o avance industrial da Argentina repetia, por segunda vez, a singularidade de exportar manufaturas, precisamente em momentos que se produzia o retorno de Perón à presidência da República⁵⁶⁷. Em verdade, essa não conseguiu se afirmar por causa de estar sujeita a uma intensa pugna pela distribuição da renda a partir da década dos sessenta, que tenderá um episódio significativo em 1969 com a revolta popular contra o governo militar conhecida como ‘o Cordobazo’⁵⁶⁸. A partir do período de ‘resistência’, iniciado

⁵⁶⁶ “Las empresas industriales tradicionales productoras de bienes-salario languidecieron, pero las nuevas empresas establecidas en la producción de automotores a insumos básicos crecieron impetuosamente. En el segundo quinquenio este ímpetu fue alentado por un vigoroso programa de inversión pública” (CANITROT, 1980, p.14)

⁵⁶⁷ “Desde mediados de la década del sesenta comenzó a hacerse notorio un proceso novedoso: la exportación de manufaturas industriales. Hacia 1974 el fenómeno alcanzó un nivel significativo: representaba la mitad de las exportaciones del país. Participaron de la exportación muchas actividades tradicionales de producción para el consumo, forzadas, en principio, a la búsqueda de nuevos mercados por el lento crecimiento de la demanda interna de los asalariados” (CANITROT, 1980, p.15).

⁵⁶⁸ “El período (1959-1970) fue muy expansivo, pero la inestabilidad persistió. Este segundo modo de funcionamiento del modelo cerrado, que da prioridad a la inversión, requiere el ensanche de los márgenes de beneficio en el sector industrial. En una economía sin reservas importantes de mano de obra y con un movimiento sindical muy activo y organizado hay sólo tres procedimientos para imponer una política semejante: el acuerdo político en el cual los asalariados renuncian más o menos voluntariamente a captar

em 1955, o peronismo foi ampliando as suas bases sociais a ponto tal que o conflito distributivo se manifestava dentro dele. Nesse contexto, só o efetivo retorno de Perón pareceu poder por fim a uma situação que se mostrava incontrolável, caracterizada pela crescente violência devido ao surgimento de diversos grupos de guerrilhas e revolucionários, inclusive dentro do peronismo. Mas a percepção de estar se encaminhando para uma situação de descontrolo social deu impulso a um golpe militar em 1976. “Esta percepción de los acontecimientos llevó a las Fuerzas Armadas a converger en programa, y parcialmente en ideología, con los sectores más duros del antiperonismo tradicional, sectores de pensamiento de raíz liberal, pero adversarios, en los hechos, a toda experiencia democrática donde participara el peronismo” (CANITROT, 1980, p.3)⁵⁶⁹. Canitrot conclui que a adoção do projeto de reforma neoliberal de 1976 possui como razão subjacente não argumentos respeito ao desenvolvimento econômico, mas vinculados à crise política. Destaca que a virtude da proposta do liberalismo econômico consistiu em demonstrar às Forças Armadas que o esquema político-institucional que procuravam substituir estava ligado estreitamente ao ordenamento econômico que lhe dava sustento⁵⁷⁰. Assim, a reforma econômica era uma condição necessária da reforma política.

“Ni los encabezamientos doctrinarios del diagnóstico ni los juicios críticos que contiene son suficientes para explicar su adopción. El diagnóstico tampoco era nuevo en 1976. En realidad sus aseveraciones más significativas se ajustan más a la situación de 1960 antes del importante crecimiento de la productividad industrial y de la producción agropecuaria, de la exportación de manufacturas, etcétera, que a las condiciones de la década del setenta. Si el diagnóstico fue revivido y con él toda la prédica del liberalismo económico, ello se debió a la crisis política de la primera mitad de esta década, crisis que las Fuerzas Armadas y los sectores empresarios

una parte adicional de los ingresos; la inflación que distancia precios de salarios; y la regulación autoritaria. En la primera parte de la década se intentaron las dos primeras; en el segundo quinquenio la última. La inestabilidad resultó de la dificultad política de mantener cualquiera de estas soluciones más allá de períodos de tres o cuatro años” (CANITROT, 1980, p.14).

⁵⁶⁹ “En la actitud de las Fuerzas Armadas fue determinante el desarrollo de los acontecimientos que, iniciados en 1970, culminó con el ascenso de Perón al poder. Desde mediados de la década del cincuenta habían adoptado una oposición cerrada al peronismo y a su acceso al gobierno. El fracaso de varios intentos de disolver su fuerza electoral, por mediación de otras combinaciones partidarias, las habían llevado, en 1966, a procurar una solución autoritaria de intenciones corporativistas con exclusión de los partidos políticos. Esta solución fracasó a su vez en los críticos meses de 1969, y como consecuencia, y en un completo cambio de frente, se ensayó buscar un acuerdo con Perón para propiciar una candidatura militar. Este intento llevó a un nuevo fracaso. En lugar de llegar a un acuerdo, las Fuerzas Armadas debieron ir cediendo poco a poco en su posición negociadora hasta dejar totalmente el gobierno al peronismo. Quedaron de ese modo, frente al nuevo régimen, en una situación formalmente neutral y marginadas de toda decisión política.” (CANITROT, 1980, p.2),

⁵⁷⁰ Como aponta Ciria (1071, p.35, n.5) a perduração das idéias militares em favor do desenvolvimento industrial “muchos años después de la caída de Perón, puede notarse en la existencia actual en nuestro país de organismos como el Consejo Nacional de Desarrollo (CONADE), el Consejo Nacional de Seguridad (CONASE) y el Consejo Nacional de Ciencia y Técnica (CONACYT)”.

percibieron como una amenaza de disolución del sistema social vigente. En el seno de las Fuerzas Armadas se afirmó la idea de que esta crisis no había sido sino la conclusión de un proceso caracterizado por la aplicación de un esquema institucional y político vulnerable a la influencia dominante y perturbadora del peronismo y los intereses que éste convocaba. Por analogía, el liberalismo pudo atribuir la crisis económica que se fue gestando en esos años hasta su eclosión en 1975, a la persistencia de un ordenamiento de la economía a cuya elaboración el peronismo había hecho un aporte original significativo” (CANITROT, 1980, p.11).

Entende-se que o objetivo do Plano de 1976 foi terminar com o peronismo e que se entendeu necessário para isto danar a indústria nacional. Seu sentido não era antiindustrialista *per se*, se não em quanto se entendia que constituía um condicionante da existência do peronismo. Se existiam no país grupos raivosamente liberais, de todos modos, estes só conseguiram torcer o rumo industrial por ter recebido o apoio das Forças Armadas que modificaram suas prioridades, colocando o objetivo político-social por encima do econômico⁵⁷¹.

Industrialização como bem peronista.

Ferrer (1989, p.23) afirma que entre 1930 e 1976 se impus o projeto industrialista que foi assumido como um objetivo básico da Nação. Porém, a imagem geral será a que este surgiu por um impulso peronista que se deveu impor sobre uma ‘oligarquia’ retrógrada que teimosamente se aferrava à produção primária. Se Perón manifestou, como se observou, que a indústria já se tinha desenvolvido consideravelmente antes de sua gestão, uma vez deposto afirmaria que as medidas pelo governo que o derrocou “en perjuicio del progreso industrial, careció y sigue careciendo de justificación, como no sea la de retrotraer el país a su vieja estructura agrícola pastoril” (PERÓN, 1973c, p.17). E se declarou o 12 de fevereiro de 1946 na proclamação de sua candidatura a meta de “proseguir el plan de industrialización en sus más minúsculos detalles” (PERÓN, 1973b, p.198), no exílio diria ter impulsado dois planos quinquenais de industrialização que “han ido cumpliendo con matemática exactitud con empresas nacionales estatales y privadas y con el concurso de numerosas y prestigiosas firmas extranjeras radicadas con abundante capital financiero y técnico. Mediante esta acción ha evolucionado la industria en forma portentosa. En 1946, cuando tomé el gobierno, no se fabricaban en el

⁵⁷¹ “Al asumir el poder las Fuerzas Armadas declararon el propósito inmediato de combatir la guerrilla - sin las restricciones constitucionales inherentes al estado de derecho- y eliminar el desorden y la corrupción consecuentes del desborde de la actividad sindical, de la especulación improductiva y de las falencias morales del peronismo. Pero, por otra parte, su objetivo de largo plazo era producir una transformación completa en el funcionamiento de la sociedad argentina tal que fuera imposible la repetición del populismo y de las experiencias subversivas del primer quinquenio de la década del setenta” (CANITROT, 1980, p.5).

país ni los alfileres que consumían nuestras modistas. En 1955 los dejó fabricando locomotoras, camiones, tractores, automóviles, motocicletas, motonetas, máquinas de coser, escribir y calcular, etc., y construyendo vapores” (PERÓN, 1958, p.43)⁵⁷². Mas os dados não confirmam que foi assim, como nesta breve comparação de Peña (1986b, p.10-12) “desde 1935 hasta 1937 la ocupación obrera creció en 108.000 personas. En comparación, desde 1946 hasta 1954 los obreros ocupados aumentaron en 117.000 (...) El aporte de la industria al producto bruto interno, en dólares de valor constante, fue de 77% entre 1937-1947 y de 13% de 1947 a 1957”⁵⁷³, antes de concluir que:

“estas cifras indican que en dos años, durante el gobierno ‘vacuno’ de Justo, la industria absorbió tanta mano de obra como en ocho años durante el gobierno ‘industrialista’ de Perón” (...) Se imponen dos conclusiones opuestas por completo a las ideas predominantes en diversos grupos intelectuales. La primera es que uno de los períodos de más fuerte ascenso de nuestra evolución industrial se produjo durante los gobiernos conservadores, a partir, aproximadamente, del año 1935 (...) La segunda conclusión que se desprende es el estancamiento de la industria en la posguerra” (Peña, 1986b, p.12-13).

Por outro lado, o Ministro de Agricultura da Concordância, Luís Duhau em outubro 1933 (*apud* SCHVARZER, 1977, p.59-61) anunciava com toda claridade o modelo de industrialização substitutiva de importações que devia se seguir: “Ha concluido la etapa histórica de nuestro prodigioso desenvolvimiento bajo el estímulo de la economía europea. Somos demasiados pequeños en el conjunto del mundo para torcer las corrientes de la política económica mundial mientras las grandes potencias se empeñan en poner nuevas trabas al intercambio. La Argentina podía obtener (en el pasado) buena parte de las manufacturas que requería, ya sea produciéndolas directamente o ya obteniéndolas en los países extranjeros mediante el canje con sus productos agrarios. Lo más económico, lo más provechoso para el país, resultaba con frecuencia el último procedimiento, el procedimiento del intercambio... A la industria nacional le tocará, pues (en el futuro) resarcir a la economía argentina de las pérdidas

⁵⁷² Entretanto, pouco antes para justificar o fechamento de mercados o próprio Perón (1958, p.41) afirmou: “En efecto, durante los cinco años de la Segunda Guerra Mundial, que no llegó al país ninguna manufactura, la industria argentina se desarrolló extraordinariamente para reemplazar la carencia, especialmente de maquinaria de procedencia extranjera. Es indudable que los costos de producción eran mayores y difícilmente, en un mercado abierto, pudieran soportar la concurrencia de la manufactura norteamericana y europea”.

⁵⁷³ “El producto por trabajador tendió a decrecer en casi todas las ramas a lo largo del período; basta señalar que cayó 10% para la rama de alimentos y bebidas entre 1939 y 1955. (...) La capacidad instalada en la industria, medida en caballos de fuerza por operario, no creció a lo largo del período; el promedio era de 2,9 HP/obrero en 1939, cayó a 2 unidades en 1946 y se recuperó a 3 en 1950” (Schvarzer, 1981, p.9).

incalculables que provienen de la brusca contracción de su comercio exterior”⁵⁷⁴. Outro indiscutido representante da elite, Martínez de Hoz (1967, p.45; p.61) se lamenta, como fazem muitos críticos do peronismo, porque consideran que existía una ‘brillante oportunidade’ ao assumir Perón que “fue perdida a causa de la errónea política económica impuesta al país”, em grande medida pelo mal uso das reservas existentes em 1946 em grande parte em nacionalizações de serviços públicos e na repatriação da dívida externa⁵⁷⁵. Este autor é emblemático por ser o autor do plano econômico de 1976 que fecharia o período industrializador de Ferrer e que, como novo ‘czar econômico’ (SCHVARZER, 1998, p.33) “le cupo el papel de ser el artífice de esa restauración conservador, sin vacilar ante los costos que la población, y el conjunto de la Argentina, debieron pagar para ello” (SCHVARZER, 1986, p.37), cujo epicentro foi um processo irreversível de des-industrialização⁵⁷⁶. Mas uma década antes Martínez de Hoz (1967, p.45; p.52-53) ainda aceitava “el aumento de la producción industrial y su mayor importancia relativa en la economía argentina era un objetivo deseable”, limitando su crítica al peronismo por haber afectado la producción de saldos exportables, constituida por productos primario, que “resulta suicida para el propio objetivo de crecimiento industrial”.

Se esse modelo de 1976 priorizou, como afirma Canitrot, objetivos políticos sociais sobre os econômicos, para Schvarzer (1977, p.74; p.72) “[l]a Argentina paga todavía la ilusión de la época que creía que una gran estancia puede ser fuente de riqueza en un mundo donde sólo cuenta la tecnología y la mecanización”, que, no período peronista, se manifestou em que “las grandes reservas de divisas que poseía el país en la posguerra, como consecuencia del ahorro forzoso de la etapa bélica, estaban

⁵⁷⁴ También Alejandro Bunge (1987, p.276) em sua clássica obra de 1940, *Uma nova Argentina*, afirmava: “Y ante la evidencia de que la técnica y los capitales ya no nos lloverán del exterior, vamos formando, con nuestros propios medios, los propios instrumentos creadores. Estamos llegando a la conquista total y definitiva de nuestra independencia económica y financiera”.

⁵⁷⁵ “Es decir, se utilizaron en adquirir el capital que ya estaba en el país, en lugar de acrecentarlo con inversiones en bienes nuevos destinados al agro, los transportes y la producción de energía, sectores que carecían de maquinarias y equipos para desenvolverse o requerían indispensablemente su renovación (...) “Con respecto a la repatriación de la deuda externa, ella significó la cancelación de obligaciones de lenta amortización e interés relativamente bajo, que debieron ser reemplazadas la poco tiempo por otras de plazos cortos e intereses más elevados, que en 1955 ascendían a 757 millones de dólares. En 1949 el país incurrió en una cesación de pagos exteriores por primera vez en su historia desde la moratoria de 1890” (MARTÍNEZ DE HOZ, 1967, p.61).

⁵⁷⁶ Martínez de Hoz esteve cinco anos como Ministro de Economía “Cuando se retiró...algunos arguyeron que había fracasado...había fracaso en términos de los objetivos explícitos que él mismo había difundido (y que otros tomaron como ciertos), peor había logrado transformar de tal modo el funcionamiento de la economía argentina que el país encontraría ya difícil volver al antiguo régimen, aun cuando se lo propusiera” (SCHVARZER, 1998, p.33).

creando el espejismo de que el sector externo no volvería a presentar problemas en el corto plazo”, e que, além, confundiu crescimento com desenvolvimento industrial: “Hay una idea muy extendida de que la guerra estimuló la industrialización. En realidad, estimuló la expansión industrial pero le cercenó simultáneamente todas las posibilidades de desarrollo productivo, la industria local creció acudiendo al expediente de utilizar al máximo los equipos disponibles mediante la ocupación del mayor número posible de obreros. El crecimiento industrial revelaba en sus detalles más íntimos las fallas productivas de la economía argentina heredadas del viejo modelo agroexportador con su confianza ilimitada en el mercado mundial” (SCHVARZER, 1977, p.68)⁵⁷⁷. Assim, igual que em 1976 a política econômica sob o peronismo se caracterizou por ter radicalizado conteúdos sociais e nacionalistas do projeto industrialista “Sin embargo, la crisis de 1952 revelaría cuán endeble era una estrategia económica que llevaba inexorablemente al desequilibrio de los pagos externos y una expansión de la demanda nominal excesiva respecto del crecimiento de la oferta de bienes y servicios y de la capacidad de importar” (FERRER, 1989, p.25). De aí que Halperim Donghi (1972, p.79) ressalte do Congresso da Produtividade, convocado por Perón, a paradoxal conclusão à que chegaram a CGT e a CGE num fácil acordo “la razón de la baja productividad...se encontraba en el equipamiento arcaico e insuficiente de la industria, que sólo podría ser corregido mediante nuevas inversiones masivas de capital y adquisiciones igualmente masivos de equipos que era preciso pagar en divisas. Pero la Argentina de 1955 no podía ya encarar esas nuevas tareas sin contar con apoyos financieros externos; los días de la independencia económica (...) estaban contados”. Não obstante, esse entendimento descreve uma característica argentina onde:

“el poder político y la política económica, en lugar de actuar como árbitros de la puja distributiva en un sendero de crecimiento y acumulación de capital, agravaron las tensiones emergentes del propio proceso de transformación económica y social puesto en marcha por la industrialización. De allí los cambios bruscos en los precios relativos y las violentas transferencias de ingresos entre sectores productivos y sociales que terminaron por insertar la inflación como la mal endémico de la economía argentina” (FERRER, 1989, p.41-42)⁵⁷⁸.

⁵⁷⁷ “Es que el crecimiento operado en la guerra había agotado a la industria. Su expansión se había operado en buena medida a costa del consumo acelerado de los equipos productivos que ya estaban obsoletos y demandaban urgentemente su renovación” (SCHVARZER, 1977, p.72).

⁵⁷⁸ “Interesa destacar que la pugna en torno de la distribución de ingresos fue eliminando los parámetros clásicos que en otras economías sirven como base de discusión. El cierre del mercado local impedía la aplicación de las estructuras de precios relativos prevalecientes en los mercados mundiales. La constante variación de precios, e ingresos, anulaba la aplicación de un criterio ‘histórico’ ya que cada participante reclamaba su parte del producto tomando como base el momento de mayor precio relativo de su experiencia anterior” (SÁBATO, SCHVARZER, 1985, p.198).

Dorfman, (1983, p.64) explica que dado o alto grau de instabilidade da economia argentina, em verdade o resultado do produto industrial num período dado pode se modificar extremadamente com só mudar os anos limites. De uma longa lista, alguns exemplos servem para ilustrar o caso do peronismo. Assim, o PBI industrial teve uma taxa de variação anual entre 1935-39 de 5,1%, enquanto foram em 1940-46 de 6% e de 0% entre 1948-54. Mas de 1946 a 1950 resulta de 3,6%, enquanto que de 1946 a 1955 foi de 2,3%. Pode se perceber que se não mudou entre 1948 e 1954, período que abarca sete anos da década peronista, não pode se falar de época ‘industrial’. Distinto é o caso para aqueles consideram 1943-46 como sendo parte do peronismo. De todas formas, a cifra para 1946-55 de 2,3% é a menor de 12 que apresenta entre 1955 e 1980, salvo 1961-63 e 1965-67 que foram negativas. Porém, desde uma visão mais ampla de longo prazo, a indústria argentina não manteve seu lugar no continente: “En la preguerra, nos correspondía una posición indiscutible de liderazgo, con aproximadamente la tercera parte del PBI global y casi la mitad del industrial. En 1950, la participación en el PBI se acerca mucho entre los tres países (entre 20 y 23%) y la Argentina sigue detentando la delantera en industrias, si bien con márgenes mucho menores: 31% contra 23% para Brasil y 19% para México. Pero ya en 1960 no se llega al 20% del PBI latinoamericano, siendo superados por los otros dos países” (DORFMAN, 1983, p.574). Assim mesmo, Peña destaca que entre 1946 e 1954 a produção de aço bruto cresceu no país só 59.000 toneladas, enquanto que em USA 29 milhões, Inglaterra 6 milhões, Brasil 900.000, México e Chile mais de 250.000, para concluir:

“Un solo hecho sintetiza y caracteriza toda la política del gobierno peronista: entre 1946 y 1950 no se destinó ni siquiera un 5% del monto de las exportaciones argentinas a Estados Unidos para la compra de equipos necesarios para instalar la planta siderúrgica prevista por la Ley Savio aprobada en 1946. Sin embargo ese fue el período durante el cual se hicieron importaciones masivas desde Estados Unidos, hasta agotar las divisas y contraer una deuda de 250 millones de dólares” (PEÑA, 1974, p.148).

Resulta evidente que em quanto ao econômico, o peronismo não possuía um rumo definido, nem sequer relacionado à industrialização – se entenda o que se quer com dito término; por demais, já estava, de uma forma u outra, em curso. Por isso, o peronismo se compreende como sendo “más expansión social que económica. Ella tiene por base, en el desatado curso inflacionario, al salario obrero, mediante la generalización de la mecánica de los convenios colectivos de trabajo. Con ésta se moviliza socialmente a la clase obrera, transformándosela en consumidora en niveles que jamás se han dado en ella y que comprende a mayoritarios sectores populares urbanos que despiertan a

definidas sensaciones de satisfacción y desinhibiciones” (CUNEO, 1965, p. 87-88)⁵⁷⁹. Com a aparição do peronismo, afirma Altamirano (2001, p.20), se produz um realinhamento de forças e deu “comienzo una dicotomía antagónica de largas consecuencias en la vida pública nacional”. Mas “la emergencia del ‘hecho peronista’ había disimulado, bajo los signos de la irrupción tumultuosa, muchos elementos de continuidad respecto del pasado inmediato”. Da combinação de ambas as comprovações resultam que se bem é certo que “sem considerar a ação de Perón não poderia se estabelecer o fio” entre o golpe militar que derroca a Castillo a 4 de junho de 1943 e o posterior governo peronista de 1946, isto não significa que todos os dados que podem se computar como condições do ‘fato peronista’ convergiam obrigadamente num mesmo e único sentido; “para que el proceso tuviera el desenlace que finalmente tuvo hay que contar con el sentido que le imprimieron las circunstancias y la acción contingente de los hombres”⁵⁸⁰. Entender o peronismo requer identificar questões que estavam presentes, explícita ou implicitamente, na Argentina antes de sua aparição com outras que começaram a se desenvolver a partir do surgimento de Perón.

Deve ter se presente que, como se viu, o rumo concreto que acabou prevalecendo não foi o que Perón teve ao principio intenção de criar, já que terminou se apoiando fundamentalmente na classes populares; mas também não resultou ser o que aspiravam os sindicatos ao depender da liderança absoluta de Perón (WALDMANN, 1981, p.157)⁵⁸¹. O rumo histórico que prevaleceu se deveu à reação negativa que tiveram os demais grupos sociais tanto à pretensão sindical de participar em sua definição como em aceitar os oferecimentos de aproximação que lês efetuava Perón com insistência⁵⁸². “Las

⁵⁷⁹ “Precisamente, por su índole social esta economía en curso no podía ser sino economía de consumo. El consumo de carne, que en el 40 fue de 93,3 kilos por habitante al año, aumenta a 108,7 en el 50, porcentaje que se acerca al del año 25, que fue de 104,5, pero para fijar la estimación necesitase recordar que desde el 25 la población ha aumentado en un ritmo mayor que el de la producción ganadera: a relativamente pareja producción y mayor población hay ahora, mayor consumo que se resta a la exportación. Si en el 44, el consumo interno ha requerido el 63 por ciento de la carne vacuna faenada, ese requerimiento ascenderá en estos años como para que en el 50 se convierta en el 79 por ciento. El ritmo de construcción de vivienda aumenta dentro de condiciones desfavorables de 90.000 unidades construidas en el curso del 44 a 145.150 que se construirán en el curso del 49. En el 48 se dan los más altos niveles de esa década y la siguiente en relación al volumen físico de las ventas minoristas en vestimenta y comestibles, mayor las de aquélla que la de éstos, por habitante en la Capital Federal y el Gran Buenos Aires” (CUNEO, 1965, p. 87-88).

⁵⁸⁰ “Entre estas contingencias debe anotarse, obviamente, la audacia, la ductilidad y el desprejuicio políticos de Perón” (ALTAMIRANO, 2001, p.20).

⁵⁸¹ La unilateral dependencia de las organizaciones sindicales respecto a Perón fue el resultado de una larga y compleja pugna política. (WALDMANN, 1981, p.157).

⁵⁸² “[o]rtorgar una organización a la gran masa, sólo representaba un aspecto parcial de la estrategia peronista de dominación. Perón se esforzaba en igual medida por despertar afecto hacia él y hacia su esposa en los estratos más amplios de la población. Logró este objetivo, sobre todo, con ayuda del estilo

repetidas declaraciones de Perón acerca de la intención de las reformas sociales – que perseguían una domesticación y no una movilización de las clases bajas – no lograron disipar las dudas de los círculos empresarios respecto a su política. Esos círculos no creían en el peligro de una revolución comunista, tantas veces señaladas por Perón en sus discursos, y contemplaban la legislación social del gobierno como un injustificado cercenamiento de sus bienes” (WALDMANN, 1981, p.158). “Sólo el fracaso de la normalización, la beligerancia activa de la clase media y alta, persuadieron a Perón de la necesidad de hacer del movimiento obrero la base principal de su máquina política; aun entonces, sin embargo, cuidó de limitar su gravitación, atribuyendo gran peso político a los escasos y pocos brillantes radicales que pasaban a apoyarlo” (DONGHI, 1961, p.51).

“...en el 17 de Octubre se conjugaron, por un lado, la obra de procesos que trabajaban silenciosamente desde el interior de la sociedad argentina y, por otro, las vicisitudes políticas de una coyuntura histórica. El desenlace de la jornada de octubre puede ser visto, en efecto, como tributario de las transformaciones sociales que acompañaban la marcha de la industrialización, y que se traducían en el crecimiento de los asalariados urbanos y en el surgimiento de las nuevas cuestiones del mundo del trabajo. Asimismo, en su telón de fondo es posible reconocer los problemas de legitimidad que afectaban al orden político levantado por la restauración conservadora en los años treinta y el difuso sentimiento de exclusión acumulado en amplias franjas de la población” (TORRE, 1995a, p.7-8).

Mas sob essas condições nas quais o rumo a seguir se encontra tão pouco determinado pelo caminho seguido até então, questões subjetivas ou de menor peso estrutural adquirem uma relevância insuspeitada. “La manera convincente con que Perón y su esposa demostraban su comunión con el pueblo puede guardar relación con el origen de ambos, que provenían de la clase baja o de la clase media baja. A esto se sumaban las características físicas de ambos que atraían e impresionaban al hombre sencillo” (WALDMANN, 1981, p.116). Nesse marco, a explosão do fenômeno peronista combina elementos históricos - estruturais da sociedade argentina com as características específicas de seus personagens centrais. O ‘peronismo de Perón’, por dizer de alguma maneira, não se limitou unicamente a sua ‘proposta de reforma social’, se não que se caracterizou pela audácia e intensa eloquência de Perón que empregou para um projeto social que ele mesmo definiu como sendo basicamente ‘conservador’. Por sua parte, Eva Perón teve uma “completa identificación con la causa popular. Su lenguaje estaba más teñido por el fervor de la lucha de clases, su tono era más ‘jugado’,

autoritario-plebiscitario incorporado por él a la política argentina en una forma hasta entonces desconocida” (WALDMANN, 1981, p.114-115).

más militante que el de Perón” (WALDMANN, 1981, p. 116-117)⁵⁸³. Os setores populares aceitaram decididamente a proposta de Perón. Para Durruty (1969, p.12), ““Antes que una alianza de clases, el acceso al gobierno por parte del peronismo en 1946 expresaba el compromiso entre la clase trabajadora y dos instituciones significativas en la estructura del poder nacional como son el Ejército y la Iglesia (...) el policlasismo no será más que una ilusión vanamente perseguida a lo largo de los doce años del régimen”; disto, concluí que “la amplitud del peronismo como movimiento social parece haber sido más aparente que real” e que “su base de maniobras no excederá los límites de la clase obrera”. Para muitos, isto se deveu a alguma forma de capacidade de ‘engano’ do líder sobre as massas. Se coincide com Miguens (1988, p.214) em que “[c]alificar a Perón como líder carismático, automáticamente descalifica a sus seguidores”⁵⁸⁴. Uma explicação evidente do porque da identificação com o governo peronista o constitui a melhora em seus niveles de vida. “En los años 1946, 1947 y 1948 la clase trabajadora argentina experimentó el mayor aumento de bienestar de toda su historia (...) Ni en la esplendorosa década que culminó con el Centenario, ni en los plácidos tiempos de Alvear, la bonanza económica había sido generosa con todos” (GERCHUNOFF, LLACH, 2007, p.183). Mas essa melhora deve se entender “no sólo en el sentido de una mejora de las condiciones de vida sino también de un aumento de su poder social” (DURRUTY, 1969, p.17). Os sindicalistas foram claros em que este último ponto era de seu interesse, como o expressara, a mediados de 1945 durante o avance patronal contra Perón num ato operário, o sindicalista Angel Borlenghi: “*Não estamos conformes com que se fale em nosso nome; vamos a falar por nosotros mesmos. E nosotros hemos resuelto que o movimiento sindical argentino...grave na solução dos problemas políticos, econômicos e institucionais da República, e va a gravitar com absoluta independência*” (WALDMANN, 1981, p.159).

⁵⁸³ “El recelo llegó a ser tan grande que no faltaron hacendados dispuestos a distribuir entre su peonada la prensa comunista; los drásticos proyectos de reforma agraria allí enunciados tenían la ventaja de ser puros proyectos” (DONGHI, 1961, p.51).

⁵⁸⁴ “Usando estos conceptos con otro contenido, se explica entonces el apoyo de los trabajadores argentinos al peronismo como un habilísimo engaño de la burguesía argentina (M. Peralta Ramos), o de la lumpemburguesía, como la llama Gunder Frank, que, según él, se hace representar tanto por Perón, igual que lo fue por Justo y Onganía! En la misma tesitura, otros ubican el período del peronismo como la etapa burguesa-democrático-nacional del desenvolvimiento argentino hacia el socialismo (J.A. Ramos, S. E. Spilimbergo). Otros lo llaman populismo de transclase y reformismo pseudo revolucionario. Murmis y Portantiero son más precisos, hablan de astucias y artificios del capitalismo burgués o de la burguesía nacional o de las clases propietarias. Como se ve, todos coinciden con diferentes palabras en la vieja teoría de la manipulación y el engaño a los trabajadores” (MIGUENS, 1988, p.218).

Essa postura sindical constituía uma resposta à negação que receberam da elite ante seus intentos de participar no destino do país.

Si tenemos en cuenta la actitud de rechazo con la cual la élite tradicional había acogido las tentativas de integración de las clases bajas, entre 1930 y 1943, y la comparamos con la plétora de reformas sociales que mejoraron en forma decisiva el status social y la situación económica de los obreros en un lapso de apenas dos años, comprenderemos que la toma de posición de los obreros respecto a Perón estuvo en un todo de acuerdo con sus intereses y puede calificarse de racional y realista. Vista desde este punto de vista es mucho más inexplicable la actitud de aquellos grupos obreros que se adhieron a la oposición y cuestionaron la legislación social del gobierno militar con su exigencia de que Perón se retirara de la vida pública. (WALDMANN, 1981, p.156-57).

Um dos principais argumentos que se emprega para sustentar a interpretação do ‘engano’ por parte de Perón sobre as massas é que não se produziram transformações qualitativas importantes durante sua gestão. “El hecho es que los grandes terratenientes atravesaron incólumes el periodo peronista, y si la leyes de arrendamientos congelados perjudicaron a muchos, cayó el peronismo sin que más allá de las expresiones verbales se hubiera expropiado hectárea alguna” (IMAZ, 1964)⁵⁸⁵. Se essa comprovação é fundamental para entender o verdadeiro alcance transformador do peronismo, não obstante, não constitui um fundamento para afirmar a tese do ‘engano’. Por um lado, Little (1988, p.272) destaca que se bem a atividade reformista inicial de Perón na STP “no produjo ninguna transformación fundamental de las estructuras económicas y legales, representó un cambio dramático en las actitudes. Pero este fuerte impacto no es tanto un tributo a sus importantes logros sino más bien a la indigencia que había sufrido la clase obrera durante tanto tiempo. En estas circunstancias la reforma más moderada podía presentarse de un modo espectacular”⁵⁸⁶. Por outro lado, essa interpretação *supor*

⁵⁸⁵ “Esto se complementa con el conocido hecho de que tanto la Sociedad Rural como los grandes terratenientes salieron incólumes de la época peronista. Salvo rarísimas excepciones – la estancia Pereyra Iraola, el grupo Bemberg –, no se produjeron expropiaciones masivas a sus intereses. La Sociedad Rural mantuvo durante el período una actitud bastante complaciente con el régimen, y los ministros de agricultura del justicialismo siguieron formando parte de la institución. Grandes compañías como Bunge y Born, Dreyfus, La Plata Cereal, algo menoscabadas en sus beneficios desde la creación del Instituto Argentino de Promoción del Intercambio hasta 1955, reaparecen en escena luego de esta fecha en sus habituales posiciones de preferencia y cuasi-monopolio del comercio de exportación de granos. La política agraria de Perón, como otras, osciló desde *slogans* de inspiración revolucionaria – “La tierra es para el que la trabaja” – hasta módicas reformas al sistema de arrendamientos y aparcerías rurales, sin la transformación radical del régimen de tenencia de la tierra” (CIRIA, 1971, p.59-60)

⁵⁸⁶ Gambini (1999, p.147) tras citar ao Ingeniero Carlos Alberto Emery, ministro de Agricultura de Perón em 1947 afirmando que “nuestras relaciones con la Rural fueron extremadamente cordiales; jamás se expropió un campo ni se afectaron los intereses ganaderos. Al contrario, ganaron tanto o más que antes” sostiene: “...el panorama bucólico que pinta Emery dista del que veían los productores agropecuarios en aquel entonces, pues el gobierno les pagaba 55 centavos por kilo vivo cuando los costos elaborados por la sociedad Rural resultaban el doble: que los ruralistas demostraran eso con cifras sirvió para que el país

que os setores operários possuíam esse objetivo. A disputa fundamental que se manifestava com o peronismo não se relacionava com um programa dessas características, se não com a igualdade social, que incluía a possibilidade de acesso aos postos de gerência social. Essa demanda resultava uma reação ao emprego que a elite tradicional fazia dos mesmos.

“El uso que del aparato estatal que hacían los estratos más altos, que veían en ello casi una prebenda natural, comenzó a chocar contra la creciente resistencia de los estratos más bajos... El modelo peronista de gobierno aportó esa corrección; pero no se detuvo en eso: contenía el plan de liberar al Estado, en general, de su estrecha ligazón con los factores sociales de poder e instalarlo en el punto de intersección de las relaciones entre los grupos sociales. Ya no debía ser propiedad más o menos exclusiva de los grupos que poseyeran más fuerza en el momento, sino que debía ocupar una posición de mediador, y estar, a la vez, por encima de ellos (WALDMANN, 1981, p.51-52).

Por isso, é que uma consequência conflituosa da etapa peronista a constituía que “la experiencia demostraba que el aparato del Estado podía ser utilizado a favor de grupos diferentes a los tradicionales y agravó los frentes de conflicto en el sistema” (SÁBATO, SCHVARZER, 1985, p.198). Como mostra Schvarzer (1986, p.205-206) foi objetivo evidente da feroz repressão militar desde 1976 evitar que voltem a governar «os mais a través de equipes demagógicos o ineficientes» e voltem «os menos, os melhores mediante a exclusão eleitoral dos demais”, como expressara Mariano Grondona reconhecido defensor de dito governo. Porém, esse Estado devia de novo se limitar a subsidiar “los intereses que lo ocupaban. No resulta extraño, por eso, que el Estado creciera en numerosos aspectos, cuantitativos y cualitativos, mientras se afirmaba la doctrina contraria”; por isso, esse autor afirma que se procurou instaurar ‘um Estado para poucos’, ‘muchas veces con claras apariencias de corrupto’, que ao mesmo tempo fosse ‘una estructura neutralizada’ (SCHVARZER, 1986, p.217-219).

Mas este conflito não resultava uma peculiaridade do caso peronista na Argentina. Anteriormente tinha sucedido uma situação similar com o arribo dos radicais ao governo. Os setores sociais que chegaram ao poder deslocando à classe dirigente tradicional a través da União Cívica Radical também tinham aspirado a este acesso e, uma vez que o fizeram, se comportaram no manejo da questão pública de igual forma que o tinham feito seus antecessores, experiência que se repetiu com o peronismo logo da incorporação dos setores populares ao controle do setor público. “Así como durante

mejorara su posición negociadora frente a gran bretaña, pero no para que se los resarciera” (GAMBINI, 1999, p.148).

el gobierno de Yrigoyen los grupos dinámicos de la nueva clase media extrajeron provechos personales de su situación política privilegiada; durante el gobierno de Perón, los elementos en ascenso de estratos sociales inferiores aprovecharon su flamante acceso a los recursos estatales de poder para extraer ventajas (...) En cambio se apartó bastante de las tradiciones por la forma desmesurada en que toleró la corrupción” (WALDMANN, 1981, p.113)⁵⁸⁷.

A experiência do rechaço da elite do país aos setores subalternos do partido radical complica as análises que primordialmente entendem ao peronismo como fenômeno relacionado ao avance de um processo de industrialização. Por um lado, não resultam convincentes as explicações que afirmam o conteúdo do programa do desenvolvimento do ‘capitalismo nacional’ por meio da indústria⁵⁸⁸. Por outro lado, a similitude entre as duas experiências de acesso de partidos populares ao governo com o conseguinte rechaço pelas elites tradicionais complica mais ainda essa interpretação, dado que os radicais tomaram o governo em 1916, pleno auge do modelo agroexportador. Como observa Wasserman (2007, p.29) vincular o movimento anti-oligárquico de Yrigoyen com um impulso industrializador seria anacrônico dado que não possuía vínculo com sectores industriais nem apoiava atividade econômica específica alguma e ao chegar ao poder defendeu ao sector primário-exportador⁵⁸⁹. Seguindo o esquema proposto por Fiori (2004, p.50) sobre modelos capitalistas de sucesso a partir do século XIX, Argentina consistiu num caso de expansão econômica de produção especializada complementar à economia inglesa, sem outro projeto expansivo que esse, capaz de gerar importante enriquecimento sem perder seu caráter de economia periférica⁵⁹⁰.

⁵⁸⁷ “En el peronismo ese enriquecimiento tenía carácter público, era parte integrante de un amplio proceso de redistribución y de integración social, lo cual le añadía una nota casi legal...hacía un uso tan sistemático como espectacular del soborno (...) Requieren una explicación complementaria, que podría surgir de las excesivas ambiciones de poder de Perón: su deseo de disponer de una corte de individuos absolutamente sometidos a su voluntad y lo suficiente mediocres como para conferir a su propia persona el resplandor de lo extraordinario y único” (WALDMANN, 1981, p.114).

⁵⁸⁸ “Los autores de la corriente ‘Izquierda Nacional’ hablan de una política de ‘liberación nacional’, con algunas contradicciones inevitables debido a la heterogeneidad del frentes de clases peronista, pero orientada hacia la consecución de la independencia nacional. Apoyándose en el ‘revisiónismo histórico’ y reivindicando la línea que va de Rosas a Perón, pasando por los caudillos federales y los yrigoyenistas, estiman, probablemente con alguna razón, que la década peronista, significó un capitalismo nacional históricamente progresista, dinámico, a la vez que ampliamente estatista y reformador social aunque no socialista” (SUKUP, 1992, p.47-48).

⁵⁸⁹ Wasserman (2007, p.28-29) estende esta visão para o caso do surgimento de Getúlio Vargas no Brasil em 1930 e de Francisco Madero no México em 1910.

⁵⁹⁰ Entre 1860 e 1870 Fiori (1999, p.64) explica que se conformou o sistema inter-estatal mundial sendo que a Argentina ingressa perfeitamente como economia periférica articulada com o ‘centro cíclico

Sobre este marco de conflito continuava vigente, não obstante, um problema eminentemente econômico: a impossibilidade de que a economia primária tradicional respondesse às expectativas de todos os setores sociais. O limite que tinha surgido se devia a que a expansão para novas terras na Pampa Úmida estava completada com a incorporação de toda a sua extensão à exploração em momentos em que surgiam os governos radicais. Essa questão essencial, que Llach denomina ‘O grande debate’ não tinha sido resolvida, a pesar de todas as transformações sociopolíticas. “Siguiendo a Galasso, podemos ver en la disminución de la renta diferencial agropecuaria, fuente central de este capitalismo nacional y reformador social, la causa esencial del agotamiento del modelo; esta tendencia estaba evidentemente ligada a la evolución desfavorable del mercado mundial, pero también a cierta negligencia, indudablemente, de la política peronista en este campo” (SUKUP, 1992, p.60).

Todavía, para a maior parte dos setores sociais este fato não pareceu existir. Não deve se esquecer que detrás a forte expansão da década dos 20, a Argentina começou a se recuperar rapidamente da depressão mundial em 1933, e para finais de essa década estava já sob um intenso crescimento econômico empurrado pelo desenvolvimento manufatureiro que se acelera durante a Segunda Guerra. O forte superávit comercial que a Argentina acumulou durante este conflito colaborou em manter a visão de que era boa situação econômica do país. Mas, “en realidad, el estado de la economía hacia 1945 no era óptimo. La agricultura se había estancado en los años de la guerra, y la escasez de materias primas y bienes de capital en la industria estaba impidiendo la satisfacción de la demanda por productos industriales. El país creció algo menos que las otras economías importantes de América Latina, y mucho menos que Estados Unidos y Canadá (...) La caracterización más sensata parece ser la de un desenvolvimiento entre mediocre y razonable durante la guerra” (GERCHUNOFF, LLACH, 2007, p.160). Sobre este substrato de limitação econômica, a aparição de grupos novos disputando em iguais condições de fortaleza social só podia derivar numa forte pugna distributiva.

“Cesado el impulso externo a la expansión de la economía argentina y agotadas las posibilidades de ampliar la frontera agropecuaria, la prioridad otorgada por los empresarios argentinos a las actividades comerciales y financieras sobre las productivas tendió a enfatizar las decisiones coyunturales y los beneficios rápidos y, a largo plazo, a frenar el crecimiento

principal’, Inglaterra. “Dentro desse espaço econômico, que cumpriu o papel simultâneo de supridor de matérias-primas e alimentos para o centro, e de ‘variável de ajuste’ dos países centrais, nas crises periódicas do sistema, é possível constatar que houve, durante o período que vai de 1870 até 1914, casos de países que alcançaram altas taxas de crescimento econômico, sem se transformarem em potências nem serem incorporados ao núcleo central do sistema” (FIORI, 1999, p.67).

económico del país... se deteriora la misma base de legitimación del sistema capitalista, base sobre la cual los grupos privilegiados pueden construir su hegemonía política (...) La manifestación más ostensible en tal situación es la puja cada vez más descarnada por la distribución de los ingresos respecto de un total que apenas aumenta; todos y cada uno de los sectores pretenden incrementar su participación neta a costa de los demás” (SÁBATO, SCHVARZER, 1985, p.203).

A forma em que se manifesta essa dinâmica entre as questões concretamente econômicas em relação às sociopolíticas está determinada pela reação negativa da elite tradicional à vitória eleitoral da UCR. O rechaço a este acontecimento foi terminante, e qualquer adversidade no terreno econômico era interpretado como se devendo, não a razões de fundo vinculadas a este, se não à incapacidade no manejo das questões públicas por parte da administração radical. Seu único objetivo passou a ser recuperar o controle da gestão estatal; mas ante a impossibilidade de fazer-lo por vias eleitorais, a única opção era violando o próprio sistema democrático-liberal que tinha promovido. Essa atitude tenderá profundas conseqüências. “Al replegarse en la preservación de sus privilegios e identificar el desarrollo societario con su propia conveniencia de un modo cerrado y excluyente, los sectores sociales que así se desempeñan resquebrajan los patrones de integración social y deterioran las representaciones imaginarias que en épocas anteriores pudieron servir de cemento ideológico unificador compartido con otros actores que ocupaban posiciones menos favorecidas en las distintas esferas de la práctica social. (SIDICARO 1995, p.338)⁵⁹¹. Este processo de integração social se rompeu com o golpe militar de 1930. A partir daí, a elite tradicional se contentou com manter a mera aparência formal da existência dessa sociedade democrática - liberal. Não teve embaraço em utilizar com descaro mecanismos que violavam os princípios deste regime político para lograr o objetivo de manter longe do governo ao partido radical⁵⁹². Com a presidência de Castillo estes comportamentos se agravaram dado que

⁵⁹¹ “Hacemos referencia al régimen político democrático porque uno de los aspectos más interesantes del caso argentino fue que, casi contemporáneamente a la implementación de las regulaciones de ese tipo de régimen – la ley Sáenz Peña –, comenzaron los problemas para el sector social cuyas orientaciones hemos conceptualizado como propias de una clase dirigente. La minoría política activa de esa clase dirigente pareció convencida en la época del Centenario de que su visión de la sociedad, su modelo económico y su capacidad de conducir los cambios sociales podía conjugarse sin problemas con un régimen electoral abierto a la participación política de los sectores populares. La acentuada confianza en sí mismos que tenían los dirigentes políticos que creyeron posible legitimar el orden conservador por «la revolución de los comicios» terminó produciendo la legislación electoral que se convirtió en hito destinado a marcar el corte entre dos épocas. Parte de ese proceso de modernización de las instituciones fue el programa demócrata progresista con sus ideas sobre el intervencionismo estatal” (SIDICARO, 1995, p.335-336).

⁵⁹² “La amenaza de un eventual retorno al gobierno del radicalismo, unificado desde 1931 tras la conducción de Alvear, hizo de la Concordancia una fuerza política probablemente más definida por la negativa que por los contenidos de una visión política elaborada y homogénea” (SIDICARO, 1995, p.314).

buscaria se fortalecer aproximando-se a outros setores como “un pragmático dispuesto a hacer todas las concesiones menos una: nunca dejará que los radicales vuelvan al poder” (ROUQUIÉ, 1988, p.302). Por isso é que Jauretche (1967, p.23) afirma que “1930 y 1955 son fechas equivalentes, y la Década Infame y la Revolución Libertadora se identifican en los fines, en la técnica revolucionaria, en los equipos de gobierno y en el mismo aprovechamiento de las fuerzas militares destinadas al increíble papel de frenar la grandeza nacional y cerrarle al país —cuya expresión armada de potencia son— el camino que les abriría la posibilidad de ser potencia”. Ou, como afirma Ciria (1971, p.63) “[l]a idea de «movimiento» que Perón buscó aplicar a sus fuerzas, no deja de recordar paralelos con la «causa» de Yrigoyen, así como la oposición peronista a la «oligarquía» puede parangonarse con el rechazo radical hacia el «régimen»”.

O revanchismo contra o radicalismo derivou numa resposta revanchista por parte destes. Essa confrontação impactaria nas questões econômicas concretamente nas discussões respeito à indústria. Se, como entendem alguns autores, o Plano Pinedo foi um reconhecimento da elite de que a realidade tinha mudado, aceitando industrializar com ajuda do Estado, resultou sepultado por lutas políticas e não econômicas. Pinedo perde o apoio do próprio governo dado que “sus pretensiones de actuar como si fuera un primer ministro y de formar una alianza con los radicales para reactivar la economía le merecen la desconfianza de los conservadores y de Castillo” (ROUQUIÉ, 1998, p.303). Também os legisladores radicais boicotaram o plano em protesta pela fraude eleitoral do governo. O caráter político desta luta fica evidente também quando numerosos autores reconhecem que muitas de suas medidas foram sendo aplicadas logo por outras administrações. Situação similar sucedeu em momentos da ascensão do peronismo. Nem Perón, nem os sindicatos se imaginaram inicialmente levar a confrontação ao limite que chegou. Se as frustrações acumuladas durante a década dos trinta pesaram no ânimo popular, o que, em definitiva, pesou para adotar uma postura extrema foi o fato de que a reação em contra os deixou sem opção alternativa. Por exemplo, assim descreve Little (1988, p.276) a situação para grande parte dos trabalhadores em outubro de 1945 quando a oposição se manifestou decididamente contra Perón.

“Si bien esta protesta y sus consecuencias casi consiguieron derrocar a Perón, con el tiempo esto demostró ser su salvación. La importancia de esta polarización de opiniones radica en el hecho de que desembocó en una alianza a partir de sentimientos mezclados que Perón estimulaba en el sector gremial. Se ha señalado que algunos sindicatos como La Fraternidad no

tenían mayores escrúpulos en arriesgar los beneficios que había recibido, pero este lujo le estaba vedado a muchos otros. Para los gremios más indecisos (tales como ferroviarios y empleados de comercio) el dilema era real. Recién con la polarización de la situación se hace patente la verdadera índole de los progresos cuya continuidad dependía del mantenimiento de Perón en sus funciones. Perón había logrado comprometer a muchos sindicatos justamente porque limitó la cantidad de beneficios que les otorgó (...) Los dirigentes que apoyaron a Perón lo hicieron a partir del cálculo de que convenía a sus mejores intereses. Lamentablemente la situación se polarizó tanto que les impidió cualquier libertad de elección”⁵⁹³.

Logo que Perón assume o 4 de junho de 1946, seus adversários “transformaron los antagonismos de la campaña en una resistencia intransigente hacia el nuevo gobierno sin tener siquiera la cortesía de respetar un período de luna de miel. Los miembros del bloque de la minoría no daban ningún pretexto para excusar el desdén que expresaban por los deseos de la mayoría de los votantes. Todo parecía aun más deplorable se recordaba que los diputados radicales habían asistido a las ceremonias de asunción de Justo y Ortiz, cuyos mandatos habían provenido del más estridente fraude comicial” (PAGE, 1984, T.I, p.185-86). O partido radical, ou parte de ele, depois de ser objeto da animosidade dos setores líderes⁵⁹⁴, aceitará ser cooptados pelo sistema imposto pela Concordância ao sentir que não possuía meios para derrocar-lo. Se a elite tradicional considerava que o governo de Yrigoyen significava o arribo da ‘chusma radical’, o deputado radical Ernesto Sanmartino em 1946 chamaria de ‘aluvião zoológico’ a presença parlamentar do peronismo (PAGE, 1984, T.I, 195)⁵⁹⁵.

Por isso, é que alguns analistas chegam à conclusão que o início desta trajetória se deve à ausência de uma classe dirigente no país. “No puede hablarse de una ‘elite dirigente’ en la Argentina. ...la existencia de un grupo de individuos que

⁵⁹³ “Este dilema lo expresa claramente Cipriano Reyes, el dirigente del sector peronista de los trabajadores de la carne, quien dice que en lugar de la consigna de la CGT “el movimiento y no los hombres”: “Para nosotros las conquistas no eran nada si sus abanderados eran detenidos y estaban en las manos de la reacción. Y no eran nada porque entendimos que el encarcelamiento del coronel Perón y de sus colaboradores (en octubre de 1945) no eran sólo la detención y derrota de cierto número de gente o un fracaso individual, sino la derrota pura y simple de lo que ellos representaban políticamente”. Los dirigentes que apoyaron a Perón lo hicieron a partir del cálculo de que convenía a sus mejores intereses. Lamentablemente la situación se polarizó tanto que les impidió cualquier libertad” de elección. (LITTLE, 1988, p.276).

⁵⁹⁴ Diría o o jornal *La Fronda* “El triunfo del radicalismo en toda la República, ha tenido, como principal consecuencia, un predominio evidente de la mentalidad negroide” (GARCÍA, RODRÍGUEZ MOLAS, 1988, p.43).

⁵⁹⁵ “[E]llos continuaban percibiéndose a sí mismos en lucha contra el nazismo (...) La estrategia de los radicales desde el comienzo puede ser descripta como oposición, obstrucción y provocación” (PAGE, 1984, T.I, p.193). “El comportamiento de los diputados radicales era la suma de una forma de oposición basada en principios con terquedad, frustración y esnobismo intelectual (...) Quizás los radicales hubieran sufrido aun en el caso de haberse comportado con decoro y moderación. Pero como no hicieron eso, daban amplio pretexto para la represión en forma de castigos por haber quebrantado las leyes internas” (PAGE, 1984, T.I, p.194).

concertadamente conduzca a la comunidad, la dirija en vista a la obtención de determinados fines, al alcance de cierto logros, se rija por marcos normativos más o menos similares” (ÍMAZ, 1964, p.236). Este comportamiento da elite tradicional resulta ainda mais surpreendente dado que os grupos inferiores não tinham o propósito de alterar as bases fundamentais da Argentina. Como afirma Sidicaro (1995, p.336): “El radicalismo triunfante sólo tenía como «programa» el cumplimiento de la Constitución Nacional, es decir, la pieza jurídica en la que se había plasmado el proyecto de la clase dirigente. El modelo agrario exportador también era plenamente compartido por los radicales. Si con Yrigoyen se registró un retroceso de los políticos conservadores (la categoría de actores más vulnerables de la clase dirigente), no ocurrió lo mismo con aquéllos que ocupaban los lugares en la economía y en la producción cultural. La crisis de 1929 cerró definitivamente la posibilidad de disociar el poder económico del poder político. Los actores de la clase dirigente que se desempeñaban en la esfera económica necesitaban los mecanismos estatales para asegurar y ampliar sus intereses, y para lograr ese fin debían perjudicar a otros sectores sociales. El funcionamiento económico agroexportador perdió el sentido integrador que había tenido hasta entonces. Las orientaciones de los sectores socioeconómicos predominantes dejaron de corresponder, al transformarse, a lo que analíticamente cabe conceptualizar como acciones propias de una clase dirigente. (SIDICARO, 1995, p.336). A atitude da elite nos 30 que se desentende da sorte dos estratos menores procurando manter seus privilégios terá uma resposta similar durante o peronismo. Trás sua queda, verá uma pugna entre ambos os grupos que derivará numa continua e crescente instabilidade sociopolítica aonde “[e]l dilema mencionado fue llevando a un nuevo modelo de funcionamiento de la economía argentina. Los sectores privilegiados ensayaron distintos tipos de respuesta frente a las experiencias que vivían en el frente político y en el económico” (SÁBATO, SCHVARZER, 1985, p.198-99)

“Así, entre 1930 y 1976 la Argentina conoció seis intervenciones militares que depusieron gobiernos civiles. Pero los dos primeros golpes de Estado tuvieron como continuidad dos períodos de relativa estabilidad. Luego del de 1930, trece años de gobierno conservador y del de 1943 diez años de gobierno peronista. En cambio, después de 1955 fue una época de permanente crisis e inestabilidad política. El gobierno conservador y el peronista, se diferenciaban en numerosos aspectos, pero tenían un punto en común fundamental. En los dos casos se trató de hacer que el Estado reemplazase con sus iniciativas la ausencia de una clase dirigente capaz de dotar de coherencia y unidad al desarrollo político, social y económico argentino. El conservadorismo fue socialmente excluyente y para proteger los intereses de los sectores propietarios más concentrados puso las bases de la formación del Estado intervencionista. El peronismo tuvo sus principales

apoyos en las clases populares, se propuso superar los conflictos sociales y crear lo que denominaba una ‘comunidad organizada’, para lo cual amplió considerablemente la esfera de intervención del Estado. La coincidencia básica era que en ambos casos se articulaba una respuesta estatal para hacer frente a los problemas que surgían del agotamiento del proyecto de la gran burguesía agraria y de su capacidad para actuar como clase dirigente” (SIDICARO, 1985, p.271-72).

Isto derivou em que a antinomia peronismo - antiperonismo não fosse, simplesmente, uma conseqüência quase inevitável da polarização sobre temas profundos, se não que suas tensões “fueron consciente – ¿o inconscientemente? – magnificados, simplificados y distorsionados por una retórica emocional que en ambos bandos prácticamente imposibilitó un enfoque más sereno de los problemas esenciales (BUCHRUCKER, 1987, p.376-377)⁵⁹⁶. Nessa confrontação, os termos utilizados tiveram pouco que ver com a realidade econômica, e resultam, assim, potenciados por outros assuntos. Abos (1986, p.39; p.41) explica em 1986 quando reflexionava sobre sua “propia crisis personal como peronista, llego a la siguiente conclusión: el antiperonismo jamás me permitió juzgar a Perón con un mínimo de equidistancia (...) atacaba con tanta saña a Perón, lo lapidaba de una manera tan desleal, con argumentos y procedimientos tan deleznable que cualquier atisbo crítico me hubiera parecido una traición. El antiperonismo cerril me forzó a ser peronista”. Entende, assim, que para as gerações que não viveram os anos do governo de Perón se “fazer peronista depois de 1955 era aderir a um mito”. Portanto, as motivações eram muito complexas e empanavam a análise de temas que eram alheios às vontades sociais, para assim dizer. Um desses temas é precisamente a industrialização: “Las críticas acerbas contra la vieja oligarquía han hecho profundo mal a nuestro conocimiento histórico. Se ha insistido tanto en que la oligarquía se opuso a la industrialización, que a partir de esas hipótesis no puede comprenderse de ninguna manera lo ocurrido en el treinta” (Schvarzer, 1977, p.59-60). A crítica à oligarquia fez com que ela fora ‘antiindustrialista’, porque ia contra os interesses do povo, que estaria, assim, em favor da ‘industrialização’. Tanto que em seu lamento do acontecido com o derrocamento de Perón, Jauretche (1967, p.155) critica à burguesia industrial por ter des-naturalizado “su función histórica adoptando las pautas ideológicas de las clases que se oponen a su desarrollo”, o que seria “una

⁵⁹⁶ “Apenas si había alguna medida del gobierno que la oposición no denunciase como señal de ‘fascismo’, ‘totalitarismo’ o ‘tiranía’. Por su parte, Perón declaró en 1954 que en el país sólo existían dos fuerzas políticas: ‘el Pueblo’ y el ‘antipueblo’. Este último sería ‘antiperonista, antijudicialista, contrarrevolucionario y reaccionario’. (...) En esta atmósfera no pudieron arraigar sólidamente las reglas del juego democrático, si bien, al comienzo del decenio, tanto peronistas como antiperonistas, habían hecho declaraciones formales de adhesión a dichas reglas” (BUCHRUCKER, 1987, p.376-377).

aberración, porque su posición antinacional significa una posición antiburguesa, ya que el desarrollo de un capitalismo nacional dependen exclusivamente de la modernización de las estructuras. Así, sólo la dirección de los trabajadores aparece cumpliendo su función histórica y teniendo que cubrir, además de su tarea en la conducción del proletariado, el claro, la vacante de la función abandonada por la burguesía, en la expansión hacia la Argentina potencia”⁵⁹⁷

Mas é justamente nos trinta que as lutas políticas começaram a enturvar assuntos objetivos, dado que, observa Llach, era uma época em que a pugna pelo poder político imediato subordinava toda consideração sobre estratégias ou projetos e busca de hegemonias políticas mais perduráveis, e os argumentos econômicos se usavam como armas. Assim, conclui que o Plano Pinedo foi uma vítima da falta de ductilidade dos setores dirigentes.

“Pese a tratarse de la propuesta más elaborada y más integradora que el excluyente régimen político instaurado en 1930 pudo ofrecer al país, el Plan fue derrotado políticamente. Este fracaso no fue el producto de las virtudes o defectos del Plan, ni de sus evidentes vacilaciones, ni de nada que le fuera intrínseco. Por el contrario, fue el elevado precio que la elite gobernante debió pagar por su incapacidad para forjar en su momento una alianza social y política más amplia y capaz de dar respuestas más tempranas a las dificultades de tipo estructural que afrontaba el desarrollo de la economía argentina y a los “catálogos de peticiones” que se venían acumulando desde la Primera Guerra” (LLACH, 1984, p.3-4).

Llach conclui, assim, que a atitude dos conservadores parece dar argumentos de grande peso a aqueles consideram que “o peronismo não foi um raio num dia de sol”⁵⁹⁸. Contudo, essa foi a atitude que o antiperonismo adotou a partir de 1955. Mas uma vez mais, como tinha sucedido com o radicalismo, em se a ascensão ao poder político pelo peronismo não deve se interpretar como um resultado de desejo de mudança de projeto econômico. Na verdade, nem a visão da economia, nem a de país estava em

⁵⁹⁷ “La generación del 80 que pudo constituir la nueva élite para el nuevo país, se incorporó a la oligarquía porteña y se ahogó en el abrazo del acuerdismo (...) se desarraigó y perdió toda idea de construcción nacional. Dejó de ser élite desde el punto de vista político porque se hizo conservadora y su conciencia de grupo sólo actuó desde entonces y sigue actuando para mantener al país dentro de lo ya logrado. Es el adversario neto de la modernización de las estructuras y además tiene conciencia de su alianza con las fuerzas extranjeras que nos tiene reservado un destino apendicular. Desde entonces el país no tiene élite conductora (...) faltó la élite burguesa correspondiente al momento histórico que la clase obrera por sí sola no podía reemplazar en una sociedad como la nuestra, que necesita la cohesión vertical de las clases de ascenso para vencer al enorme poder de los intereses preexistentes, nacionales y extranjeros, que se oponen a que seamos potencias” (JAURETCHE, 1967, p.155).

⁵⁹⁸ Como afirma o próprio Llach (1984, p.23) os conservadores demonstraram “con esa actitud una evaluación de su propio poder que, como lo probarían los hechos en poco tiempo más, estaba completamente sobreestimada”.

discussão⁵⁹⁹. Os setores populares, assim como não pretendiam implantar um regime sociopolítico distinto, também não propulsavam uma industrialização como base de transformar o funcionamento tradicional da economia. Ou se quiser se pode expressar a mesma idéia em termos utilizados por Llach (1984, p.52) quando afirma que se “el fracaso del plan Pinedo puede ser visto como una victoria pírrica de la política sobre la economía -y fue pírrica porque en poco tiempo la victoria se convirtió en derrota para sus opositores-, la incapacidad del peronismo para dar al país una estrategia exitosa de industrialización puede ser considerada como un triunfo de la economía sobre la política, porque no era posible promover desde el Estado, aun con sólidos apoyos sociales, *cualquier* estrategia de industrialización basada casi exclusivamente en el mercado interno”. Essa prioridade das questões sociopolíticas por cima das econômicas não foi, entanto, um fenômeno exclusivamente peronista. Como o expressou Canitrot, o projeto militar de 1976 se baseou num interesse dessa natureza. Essa opção extrema foi a elegida pelos setores antiperonistas para resolver uma questão que se vinha manifestando desde a queda do regime: “la propuesta del peronismo resultó indeleble en un sentido: desde su origen, ninguna estrategia económica pudo lograr la hegemonía desentendiéndose del apoyo popular. La búsqueda de esta estrategia es, desde entonces, un problema irresuelto de la sociedad argentina” (LLACH, 1984, p.52).

Se a experiência antiindustrializadora aplicada pelo governo militar nos setenta causou danos profundos à estrutura produtiva do país e deixou o saldo de um tremendo endividamento externo, não resolveu o problema ao que Llach se refere. A resolução desta questão sociopolítica só veria, ao menos em aparência, recém ao começar a década dos noventa com a assunção do novo mandatário peronista de Carlos Menem. O faria em sua dobra dimensão, político-social e econômico. Acertadamente, Perón (1963, p.143) diria no exílio que o ‘problema argentino’ “es eminentemente político porque sin el concurso orgánico del Peronismo nadie podrá gobernar en la Argentina y ello ocurre porque el Peronismo es el pueblo mismo y sin el pueblo en ese país ya no es posible

⁵⁹⁹ “El apoyo de la CGT a la protección oficial de la industria resulta un ejemplo interesante del *rapprochement* entre los liberales y Perón. Para proteger y estimular la industria nacional, el gobierno estableció el Banco de Crédito Industrial, la Secretaría de Industria y Comercio y tarifas protectoras para algunos artículos. La CGT, tradicionalmente orientada hacia el librecambismo, estuvo de acuerdo con el programa, incluyendo las tarifas protectoras. Un editorial de CGT explicaba que la Argentina no podría basar su independencia económica únicamente en la agricultura y la ganadería, porque siempre se vería sometida a los caprichos de los fabricantes extranjeros respecto a sus necesidades. El país debía defender su industria nacional contra el empleo ‘indebido’ de la libertad de comercio. Esto no significaba una aprobación total del proteccionismo, pero constituía una importante modificación del concepto librecambista tradicional formulado por el movimiento obrero” (BAILY, 1984, p.88).

ningún tipo de solución”. A raíz disto, James (1988, p.348) chama a atenção à asseveração de John William Cooke de que o peronismo seria o «fato maldito» da vida política argentina porque burlava constantemente as tentativas da elite governante para por em pé estruturas que o excluía. Para James essa qualidade maldita “[e]n parte se encontraba en su encarnación primordial en un fuerte movimiento sindical que, por ‘pragmática’ que fuese su cúpula, representaba un considerable obstáculo en las necesidades del capitalismo argentino. Y en parte se encontraba también en la continua identificación, por ambivalente que fuera su estilo, con el legado del primer llamamiento, el ‘herético, del peronismo a los trabajadores’”. Assim, politicamente – embora sem olvidar o legado que deixou o governo militar de 1976 – seria o próprio peronismo, com a gestão de Menem, que resolveria esse impasse ao resolver a dimensão econômica do conflito.

A questão econômica estava vinculada às possibilidades da Pampa úmida em prover o bem-estar ao que aspiravam os distintos setores da sociedade. Como observara já Jauretche (1967, p.77), a plena ocupação da extensão de essa região, por volta de primeiro conflito bélico, impus que a população e seu nível de vida deveram de ajustar se a esse limite. “El aumento de población y sus consumos, en aquella economía simplista, se vincula a la capacidad de importación y esta no debe superar la capacidad de exportación; una vez que el país pasó de los 10.000.000 de habitantes toda la población que lo supere es excedente. La historia económica de la República desde entonces será una permanente lucha de los progresistas de ayer, retardatarios de hoy, contra la expansión vertical y horizontal ajena a la producción agropecuaria de la pampa húmeda. Ahora son recetarios nuevos mercados de otras formas de la producción, especialmente el interno que además absorbe cada vez mayor cantidad de lo que antes estaba destinado a la exportación”. Desde um ‘modelo econômico’ Canitrot (1975) expressa essa mesma idéia com claridade:

“el máximo de empleo que puede dar la economía está definido por las exportaciones. Esto se debe a que las importaciones condicionan el nivel de actividad del sector industrial. La generación efectiva de empleo depende de la intensidad de la demanda. Esta puede crearse por aumento de los salarios reales o por factores autónomos como la inversión, la exportación de manufacturas y la sustitución de importaciones. El peso relativo de una u otra fuente de creación de demanda incide en la distribución final del ingreso. En el punto de empleo máximo, el valor máximo del salario real es tanto mayor cuanto menor es el peso de la demanda autónoma en la demanda total. A pesar de sus peculiaridades, la economía argentina impone a la redistribución progresiva del ingreso, concebida como política de ocupación y salarios, límites de vigencia generalizada en los países de mayor nivel de desarrollo: la restricción de comercio exterior y la necesidad de acumulación de capital. El

conflicto entre distribución y acumulación o, en otras palabras, el conflicto entre salarios y beneficios, rige en situación de máximo empleo. Cuando hay recursos y trabajadores ociosos, la expansión de la actividad económica puede hacerse favoreciendo tanto salarios como beneficios industriales. (CANITROT, 1975, p.24).

Resulta que a Argentina possuía ‘população excedente’ como medida frente à Pampa úmida, mas rapidamente chega ao pleno emprego quando crescem os setores do mercado interno. Quer dizer, se considera-se meramente a atividade primária pampiana a Argentina carregava um desemprego estrutural; mas este resultava ocultado pelo crescimento da atividade urbana. Como explica Sábato (1980, p.83): “entre la posguerra y los promedios años de la década del 70, la economía y la sociedad argentina en pleno cambio se debatieron dentro de una especie de callejón sin salida, originado en gran medida por el estancamiento del agro pampeano” (...) “hacia 1940 – y durante muchos años después – no era fácil vislumbrar la causa básica que había provocado la caída de la producción agrícola...no era sencillo comprender la estrecha relación entre el modelo de producción pampeano – y directamente su agricultura – y la existencia de un desempleo estructural en la Argentina”⁶⁰⁰. Assim, o fundo dos debates e conflitos não era, como se tinha pensando em seu momento, efeitos causados pelo tipo de políticas aplicadas, aonde se chegou “a pensar que la expansión de la ocupación en la industria y las demás actividades urbanas sería una solución a las penurias de la población rural no pampeana (...) Por eso, durante muchos años hubo quienes siguieron considerando que las dificultades de la agricultura fueron causadas por una política gubernamental distribucionista que había elevado los salarios y promovido la creación de empleos improductivos” (SÁBATO, 1980, p.84). O fundo era “el impedimento mayor con el que tropezaron todos los gobiernos durante veintes años, antes y después del primer gobierno peronista, para resolver el problema de la agricultura. La única solución inmediata posible, dentro del modelo de producción vigente, hubiera sido crear nuevamente una situación de desempleo estructural” (SÁBATO, 1980, p.84).

Isso foi, precisamente, o que sucedeu durante o menemismo: se criou o desemprego estrutural aproximando a produção o mais possível ao que surgira da Pampa úmida. Se o governo militar dos setenta foi o primeiro passo nessa direção, nos noventa, ao ser este rumo aprofundado por um governo peronista democraticamente

⁶⁰⁰ Este conflito, além, não se manifestou antes pela existência de mão-de-obra temporária alheia ao país, sob a forma de imigrantes andorinhas. Mas se “la brusca reducción de la oferta de mano de obra temporaria había puesto un nuevo ‘techo’ a la actividad”, al aumentar costos y reducir rentabilidad, la capacidad productiva de la Pampa Húmeda permitía que “[e]n vez de cambiar la forma producción, se cambiaba la actividad” (SÁBATO, 1980, p.79), se passando à produção pecuária.

eleito quebrou a velha antinomia ‘povo vs. oligarquia’. Uma interpretação clássica antiperonista afirma que “[l]a aparición de la masa popular en la escena política y su reconocimiento por la sociedad argentina pudieron haberse realizado por el camino de la educación democrática y a través de los medios de expresión que ésta puede dar. Desde este punto de vista no hay duda de que el camino emprendido por la clase obrera debe considerarse *irracional*: lo racional hubiera sido el método democrático” (GERMANI, 1979, p.351, sublinhados originais). Contudo, a realidade foi ao invés: o peronismo, assim como o radicalismo, aceitou as eleições democráticas; o problema, certamente, para ‘a oligarquia’ era que venciam. Mas assim foi também que com Menem já não poderia, em se, responsabilizar pelas conseqüências das políticas econômicas à vigência de um estado repressivo ou proscricção política. Nessa ocasião, se gerou um debate sobre se essa administração menemista constituía verdadeiramente um governo ‘peronista’, possibilidade negada por vários analistas e grupos políticos, a raiz de que implementaria um programa econômico de conteúdos supostamente opostos ao entendido que ideou o próprio Perón. Um elemento essencial nesse debate o constituía o caráter antiindustrialista das medidas adotadas. Muitos analistas entenderam que o possibilitaria a combinação de um governo peronista com um programa econômico neoliberal se deveria aos efeitos da ‘traumática experiência’ dos episódios hiperinflacionários no segundo trimestre de 1989 que aceleraram a assunção de Menem.

Essa interpretação se considera, em primeira instância, errônea porque “[e]l movimiento pendular que caracterizó al peronismo se verificó en los hechos económicos, sin diferencias apreciables en sus textos doctrinarios” (Ciria, 1971, p.61), já se tinha manifestado com o próprio peronismo tanto durante os 50 quanto nos 70, pelo que o que diferenciou a Menem, na visão de Di Ipola (1991, p.5), não foi ter ‘iniciado’ se não ‘levado até extremos inéditos’ essa heterodoxia: “En efecto, si en el plano declarativo el peronismo ha tendido a autopresentarse a menudo -no siempre- y a ser percibido como un movimiento antiliberal, nacionalista, prosindicalista, distribucionista y, siquiera sea verbalmente, “antioligárquico”, en el de las políticas efectivas que adoptó durante los aproximadamente doce años –sin contar a Menem- en que gobernó la Argentina, hizo gala de una flexibilidad tal que, ya con mucha anterioridad a la actual gestión, atribuirle alguno de esos epítetos como un rasgo constitutivo de su manera de ser y/o gobernar hubiera sido injusto”. Mas ademais Menem se manteve fiel à doutrina no sentido de que o peronismo não possuía um

conteúdo 'produtivo', por assim dizer; assim que Perón afirmava em 1947, em sua mensagem ao Parlamento: "Dijeron mis detractores de la hora revolucionaria que yo era un enemigo del capital. Con esa mentira pretendieron engañar al pueblo y marchar ante el extranjero la diafanidad de nuestra trayectoria democrática. ¿Cómo pueden ser enemigos del capital un hombre y una causa que buscan el juego armónico de los dos factores que integran la ecuación económica - industrial: el capital y el trabajo? Yo he demostrado en estos once meses de gobierno que no sólo no combatimos al capital, sino que le facilitamos todos los medios necesarios para su adaptación y desenvolvimiento". Aceitando ao menemismo como uma atualização a essa realidade, pouco se modificou nesse sentido.

Por isso é que em outro texto (FERRARI HAINES, CRESPO, 2006) se tem criticado essa interpretação dos efeitos do golpe hiperinflacionário sobre a sociedade argentina, dado que, se pode ter influído na aceitação de uma agenda liberal, recém depois de dois anos o governo menemista adquiria a popularidade que se lhe conheceu durante a década dos noventa. O que possibilitou esta mudança, se argumenta, foi a transformação da agenda liberal 'dura', que caracterizava ao discurso econômico ortodoxo, para uma 'suave', possibilitada pela implementação do regime de conversão monetária. Enquanto a primeira etapa gerou um sem-fim de protestas sociais⁶⁰¹, a que começa trás a conversibilidade obterá grande popularidade⁶⁰². Na realidade, embora Menem não tinha chegado ao governo propondo um programa neoliberal, este teve grande popularidade ao inicio de sua execução, mas a foi perdendo a medida que seus efeitos recessivos se fizeram sentir, para recuperar-la com a explosão de consumo que produz a primeira etapa do regime de conversibilidade. Entende-se aqui que isto confirma o argumento que o peronismo não possui intrinsecamente um conteúdo de programa econômico, mas sim de pretensão de igualdade social. Por isso, pode impulsionar tanto uma industrialização quanto uma antiindustrialização; mas se sustenta numa pretensão de igualdade de direitos dos grupos populares. O período inicial da convertibilidade reviveu os começos da gestão peronista dos 40 que Félix Luna chamou

⁶⁰¹ A ponto tal que o próprio vicepresidente de Menem, Eduardo Duhalde chegou a manifestar que "en la Argentina, las leyes de mercado no funcionan. Es incompatible la ley de oferta y la demanda con monopolios y oligopolios que fijan los precios que se les ocurren" (MASSUM, 1999, p. 61-62)

⁶⁰² De acordo a pesquisa de opinião de Mora e Araujo, Noguera e Asociados, a popularidade do presidente e do plano econômico passam, entre fevereiro e dezembro de 1991, isto é antes e depois da implementação do plano de conversibilidade, respectivamente de 29 para 70%, enquanto que a imagem positiva do plano econômico o faz, no mesmo período, de 17 para 74% (Situação Latino-americana Ano 2, N°7, p.39, fevereiro 1992)

de *Festa*. Mas este autor aclara que “la euforia fue de todos, el derroche fue de todos” (LUNA, 1984, p.209). Isso não faz mais que confirmar um dos postulados do GOU que o próprio Perón traçou para a revolução do 4 de junho de 1943, e que repetiria ante a Assembléia Legislativa a 1º de maio de 1950, do que entendia como preciso para obter as metas de “unidade nacional” e de “justiça social”: “cuando sea necesario sufrir, suframos todos, y cuando sea necesario gozar, gocemos también todos” (PERÓN, 1971, p.386).

5. Comentários finais

A continuação se apresentam rasgos que se consideram essenciais para a análise da Argentina e portanto do peronismo. Dado que se tem citado em extenso ao longo do texto, se adota um estilo de ‘enumeração estilizada’ com o propósito de ser o mais direto e claro possível. É evidente que não se pretende esgotar uma questão complexa como o é o peronismo, que por outro lado, continua em marcha.

1. A estruturação da Argentina sobre as possibilidades da Pampa úmida é um fato que não só esteve presente durante sua etapa primária exportadora, se não que continua vigente até o presente; e não só por sua implicância no âmbito concretamente econômico. Condiciona aspectos mentais, conflitos sociais, projetos políticos e, em geral, determina visões de mundo.

2. Como fator decisivo para a história argentina, a fertilidade da região pampiana produz fenômenos específicos, quiçá singulares. A condição de ‘primário exportador’ não significou que a economia argentina estivesse atada à sorte de uma ou duas mercadorias, se não que pode ir se adaptando a oscilações da demanda modificando o que produzia. Esses bens, por outro lado, constituíam alimentos, de alta qualidade, que também eram procurados internamente, pelo que se gerava, ao menos potencialmente, uma disputa por sua produção entre os mercados interno e externo.

3. O espetacular enriquecimento que permitiu obter a Argentina por meio da produção pampiana num lapso muito breve deu lugar a uma sociedade muito sofisticada e avançada em seus rasgos sociais e políticos. Contudo, o sustento material dessa base material encontrou seus limites ao completar se a ocupação total da região pampiana. Assim, alguns dos conflitos que caracterizam à Argentina provem desse fator.

4. O primeiro é o deslocamento da elite das posições de dirigência social por parte de setores inferiores na pirâmide social com o triunfo da União Cívica Radical e o rechaço a esse evento por essa elite, gerado em base às regras que impus e dizia se identificar, às que passou a ‘respeitar’ por médio da fraude. A crise dos 30, que acabaria com o período primário exportador, se superpõe a esses dois fatos: o limite econômico encontrado em torno à Pampa úmida e o deslocamento político da elite.

5. A segunda questão é que a indústria já se tinha desenvolvido durante a etapa primária exportadora e logo se entendeu, incluindo sua dimensão substitutiva de

importações, durante a década dos trinta. Porém, não parece encontrar se evidencia que tivesse existido um conflito de aqueles propulsavam um desenvolvimento fabril contra interesses rurais empedernido. Nem os industriais eram ‘tão industrialistas’, nem os terratenentes eram ‘tão anti-industrialistas’. Se quer-se entender ao período que começa com o governo militar de 1943 como um momento ‘pro - industrialista’, deve aceitar se que esse período não faz ao ‘peronismo’, e que, em tudo caso, este abortou tal impulso. Nesse sentido, as explicações do ‘peronismo’ em base a ‘aliança de classes’ entre ‘trabalhadores e burguesia nacional (e Forças Armadas)’, não se consideram acertadas.

6. O ‘peronismo’ não começa com a chegada de Perón a postos de governo, se não que se refere à relação que gera com os trabalhadores, em geral, e os setores sindicais em particular, cujo eixo é o mesmo, embora potenciado, que tinha sucedido com a chegada da UCR ao poder em 1916. Como nessa ocasião, o conflito não passava por uma luta de modelos produtivos, se não sobre distribuição econômica e igualdade no reconhecimento social. E é uma disputa que está além das ações e declarações que poda ter de fato o próprio Perón.

7. A segunda atitude de rechaço total por parte da elite – agora acompanhada por setores médios – mais as características pessoais de Perón ao efetuar a disputa política levaram esse conflito a uma extremidade discursiva que não tem correspondência nos conteúdos programáticos. A disputa social pus na calçada de frente aos próprios industriais, sem dúvida os mais grandes, e pelo geral também a médios e pequenos, junto a demais setores patronais. O qual, *desde sua perspectiva*, resulta entendível ante um regime que dizia questionar até a inviolabilidade da propriedade privada. Mas os termos da confrontação designavam ‘facções, mas não projetos. Incluso, com a ‘industrialização’, que acabou se identificando com o ‘nacional’, ‘o popular’, etc., contra a elite, ‘a oligarquia’ que, portanto defendia uma ‘economia pastoril’, dado que essa expressão como observa Sidicaro se associa à posse de terras.

8. Mas não é o período peronista singular em sua promoção à indústria; tampouco se quer dar a entender que é contra ela. Simplesmente, não é seu eixo. A indústria continuou avançando logo de sua destituição, assim como a exigência ‘popular’ pelo que entendiam serem seus direitos. Se esse avance industrial fortalecia essa disputa ante uma economia que rapidamente chegava ao pleno emprego com sindicatos fortes, a resolução passou a impor, pela força, a região pampiana novamente como eixo

estruturador básico da economia, transformando uma população escassa em desemprego estrutural.

9. Deste recorrido se entende o último governo peronista sob Carlos Menem como fortalecendo essa direção devido a que se caracterizou por ser democraticamente eleito – demanda social da Argentina – e dadas as limitações do aspecto econômico da discussão política em se da Argentina que, em definitiva, não considerava que existiam problemas na geração de riqueza.

10. Assim, o peronismo, como o próprio Perón, como os setores líderes e médios – que resumiam os problemas em ‘erros e abusos de administração’ de governos populistas e em atos de corrupção que se sentiam com o único direito de praticar –, no fundo continuaram presos à idéia – revivida artificial e custosamente em forma breve nos setenta e noventa – de que a fonte da riqueza, como diz Di Tella, provem de Deus: a renda pampiana.

Bibliografía

- ABOS, A.. *El Posperonismo*. Legasa. Buenos Aires, 1986.
- ALTAMIR, O., SANTAMARÍA, H. y SOURROUILLE, J. “Los instrumentos de promoción industrial en la Postguerra”, en *Desarrollo Económico*, No. 21-27. Buenos Aires, 1966-67.
- ALTAMIRANO, C. “Encrucijadas políticas y dicotomías ideológicas”. Estudio preliminar. *Bajo el signo de las masas (1943-1973)*. Biblioteca del Pensamiento Argentino Vol. VI. Ariel-Historia. Buenos Aires, 2001.
- ARNAUDO, A. *Cincuenta años de política financiera argentina (1934-1983)*. El Ateneo. Buenos Aires, 1987.
- BAILY, S. *Movimiento obrero, nacionalismo y política en Argentina*. Paidós, Buenos Aires, 1984.
- BANCO CENTRAL DE LA REPÚBLICA ARGENTINA (BCRA). *Memoria Anual*. Años 1942-1956. Buenos Aires.
- BARBERO, M. “Impacto de la inversión extranjera directa en la industria argentina en la década de 1920. Estrategias empresariales y sus efectos sobre el sector productivo local”. UNGS/ UBA, 2003. Disponible en www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_44.pdf.
- BARSKY, O. y GELMAN, J. *Historia del agro argentino. Desde la conquista hasta fines del siglo XX*. Grijalbo Mondadori. Buenos Aires, 2001.
- BELLONI, A. *Del anarquismo al peronismo: Historia del movimiento obrero argentino*. Buenos Aires. A. Peña Lillo, 1960.
- BRENNAN, J. “El empresariado: la política de cohabitación”, en TORRE, J. C. (Dir.) *Los años peronistas (1943-1955)*. Nueva Historia Argentina, Tomo 8, pp.405-439. Sudamericana. Buenos Aires, 2002.
- BUCHRUCKER, C. *Nacionalismo y peronismo. La Argentina en la crisis ideológica mundial (1927-1955)*. Editorial Sudamérica. Buenos Aires, 1987.
- BUNGE, A. *Una nueva Argentina*. Hyspamérica. Buenos Aires, 1987.
- CAFIERO, A. *De la economía social-justicialista al régimen liberal-capitalista*. Eudeba. Buenos Aires, 1974.
- CAMPIONE, D. *Prolegómenos del peronismo. Los cambios en el Estado Nacional 1943-1946*. FISyP/ Manuel Suárez Editor. Buenos Aires, 2003.
- CANITROT A. “La experiencia populista de redistribución de ingresos”, *Desarrollo Económico*, Vol.15, N°.59, Buenos Aires, 1975.
- _____ “La disciplina como objetivo de la política económica. Un ensayo sobre el programa económico del gobierno argentino desde 1976”, *Desarrollo Económico*, Vol.19 N°76. Buenos Aires, 1980.
- _____ *El salario real y la restricción externa de la economía*. Desarrollo Económico, Vol.23, No.91, Octubre-diciembre. IDES, Buenos Aires, 1983.

- CARBALLO, C. Evolución y características del agro argentino en la actualidad. En “Estudios sobre la sociedad y el Estado”, Héctor R. Roudil (comp.). Eudeba. Buenos Aires, 1986.
- CASAL, H. *Los años 30*. Historia Popular, Nº25. CEAL, Buenos Aires, 1971.
- CEBALLOS, E. *Historia política del movimiento obrero argentino (1944-1985)*. Ediciones del Mar Dulce. Buenos Aires, 1985.
- CIRIA, A. *Perón y el justicialismo*. Siglo XXI. Buenos Aires, 1971.
- _____ *Partidos y poder en la Argentina moderna*. Hyspamerica, Buenos Aires, 1985.
- CARL – COMISIÓN DE AFIRMACIÓN DE LA REVOLUCIÓN LIBERTADORA. *El Libro Negro de la Segunda Tiranía*. Buenos Aires, 1958.
- CORDONE, H. G, Reseña histórica sobre la planificación económica en la Argentina. CEIL-PIETTE CONICET. <http://www.ceil-piette.gov.ar/docpub/articulos/planeamiento.html>. Puesto en línea: 16 de abril 2004
- CORNBLIT, O. "Inmigrantes y empresarios en la política Argentina," *Desarrollo Económico*, vol. VI, n 24, 1967. Disponible en: http://www.puentes.gov.ar/educar/servlet/Downloads/S_BD_DESARROLLOEC_ONOMICO/PD000046.PDF.
- CORTÉS CONDE, R. “El crecimiento de la economía argentina, c. 1870-1914”. En Lynch et al *Historia de la Argentina*. Planeta, Buenos Aires, 2002.
- _____ *Economía política de la Argentina*,: Edhasa, Buenos Aires, 2005.
- CÚNEO, D. (1965). Buenos Aires, 1965. Disponible en <http://www.dardocuneoediciones.com/>
- _____ *Comportamiento y crisis de la clase empresaria*. 2 volúmenes. Biblioteca Política Argentina, Nos. 68 y 69. Centro Editor de América Latina. Buenos Aires, 1984.
- DAMONTE TABORDA, R. *Ayer fue San Perón. 12 años de humillación argentina*. Ediciones Gure. Buenos Aires, 1955.
- DE IPOLA, E. “Ruptura y continuidad. Claves parciales para un balance de las interpretaciones del peronismo”, en *Desarrollo Económico* No. 115. Buenos Aires, 1989.
- _____ *Peronismo y populismo. Una nueva propuesta de interpretación*. *Working Paper* n.35. Barcelona, 1991.
- DEL BARCO, R. “Del gobierno militar al régimen peronista (1943-1955)”, en *Historia política argentina 1943-1982*. Editorial Belgrano. Buenos Aires, 1985.
- DEL CAMPO, H. *Sindicalismo y peronismo. Los inicios de un vínculo perdurable*. Siglo XXI. Buenos Aires, 2005.
- DEL RIO, A. (Selec.). *Perón por Perón. El pensamiento político de Perón*. Editorial Kikiyón. Buenos Aires, 1972.

- DI PIETRO, S. *Seis décadas de políticas económicas en la República Argentina, 1943-2003*. Ediciones Pueblos del Sur y Belgrano Complejo Educativo. Rosario, 2004.
- DIRIÉ, C. El Estado intervencionista en la Argentina. Amersur, Buenos Aires, 1981. Disponible en <http://www.amersur.org.ar/SocEdyTrab/EstadoIntervencionista.htm>.
- DI TELLA, G. “La Argentina económica (1943-1982)”, en *Historia política argentina 1943-1982*. Editorial Belgrano. Buenos Aires, 1985.
- _____, ZYMELMAN, M. *Las etapas del desarrollo económico argentino*. EUDEBA. Buenos Aires, 1973.
- DIAZ ALEJANDRO, C. *Ensayos sobre historia económica argentina*. Amorrortu Editores. Buenos Aires, 1983.
- DOMÉNECH, E. “Algunos comentarios sobre la planificación económico-social y sobre la planificación económico-social en Argentina a nivel nacional”, Bs. As, 1968.
- DORFMAN, A. *Historia de la industria argentina*. Hypamérica. Buenos Aires, 1970.
- _____. *Cincuenta años de industrialización en la Argentina 1930-1980. Desarrollo y perspectivas*. Ediciones Solar. Buenos Aires, 1983.
- DOYON, L. “Conflictos obreros durante el régimen peronista (1946-1955)”, en TORRE, J.C. (Comp.) *La formación del sindicalismo peronista*, pp. 221-260. Editorial Legasa. Buenos Aires, 1988.
- _____. “La formación del sindicalismo peronista”, en TORRE, J. C. (Dir.) *Los años peronistas (1943-1955)*. Nueva Historia Argentina, Tomo 8, pp.357-403. Sudamericana. Buenos Aires, 2002.
- DURRUTY, C. *Clase obrera y peronismo*. Pasado y Presente. Córdoba, 1969.
- EIDLICZ, A. “Combustibles – electricidad – minería”. En *Argentina 1930-1960*. Sur. Buenos Aires, 1961.
- “El Plan de Reactivación Económica ante el Honorable Senado”, *Desarrollo Económico* 75, Buenos Aires, IDES, octubre-diciembre de 1979, pp. 403-426.
- ESCUELA SUPERIOR PERONISTA. *Plan 1953-1957. Cuarta Conferencia de Gobernadores adaptado al Plan Político 1955-1956*. Buenos Aires, 1955.
- _____. *Desarrollo de la Doctrina Peronista. 1943-1955. Doctrina Peronista – Doctrina Nacional*. Buenos Aires, 1955a.
- ESTEBAN, J. C. *Reflexiones acerca de la crisis financiera argentina*. Ediciones Liberación Nacional. Buenos Aires, 1959.
- FERNÁNDEZ, A. “La evolución del sindicalismo argentino”. En *Estudios sobre la sociedad y el Estado*, Héctor R. Roudil (comp.). Eudeba. Buenos Aires, 1986.
- FERRARI ETCHEBERRY, A. “Sindicalistas en la bancada conservadora”. *Todo es Historia*, N°314, septiembre, p.74-83. Buenos Aires, 1993.
- FERRARI HAINES, A, CRESPO, E. “Neoliberalismo correcto: las dificultades de aplicar las reformas mercadistas antes de la convertibilidad, Argentina (9/7/89-1/4/91)”, VII Colóquio Latino-Americano de Economistas Políticos, Santiago, 9 a 11 de noviembre de 2006.

- FERRER, A. *Crisis y alternativas de la política económica argentina*. Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, 1977.
- _____ *El devenir de una ilusión. La industria argentina desde 1930 hasta nuestros días*. Sudamericana. Buenos Aires, 1989.
- _____ *La Economía Argentina: las etapas de su desarrollo y problemas actuales*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- FIORI, J. L. (1999). “Estados, moedas e desenvolvimento”, en FIORI, J. L. (Org.) *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*, p.49-85. Vozes. Petrópolis.
- _____ “Formação, expansão e limites do poder global”, en FIORI, J. L. (Org.) *O poder americano*. Vozes. Petrópolis., 2004
- FODOR, J., O’CONNELL, A “La Argentina y la economía atlántica en la primera mitad del siglo XX”, *Desarrollo Económico*, No. 49. Abril/junio. Buenos Aires, 1973.
- FONSECA, P. C. D. “Estado e Estabilização Consciente: 1930-55”. *Questões de economia política*, v. 3, p. 20-32, 1987.
- _____ *Vargas: O Capitalismo em Construção*. Brasiliense. São Paulo, 1989.
- _____ “Sobre a Intencionalidade da Política Industrializante do Brasil na Década de 1930”. *Revista de Economia Política*, v. 23, p. 133-148, São Paulo, 2003.
- FREELS, J. W. *El sector industrial en la política nacional*. Eudeba. Buenos Aires, 1970.
- GALCERÁN, L. “El primer peronismo o Peronismo fundacional”, Instituto "Delia Parodi", 2006. Disponible: http://www.capacitacionpj.com.ar/Textos/Capitulo_2.htm
- GALLETTI, A. “Ambigüedades e incongruencias de la Revolución de los coroneles”. *Todo es Historia*, N° 193, junio, pp.8-39. Buenos Aires, 1983.
- GAMBINI, H. *Historia del Peronismo. Vol. 1: El poder total (1943-1951)*. Planeta. Buenos Aires, 1999.
- GARCÍA, A., RODRÍGUEZ MOLAS, R. *Textos y documentos. El autoritarismo y los argentinos. La hora de la espada/1 (1924-1946)*. Biblioteca Política Argentina, N° 200. CEAL, Buenos Aires, 1988.
- GAUDIO, R., PILONE, J. “El desarrollo de la negociación colectiva durante la etapa de modernización industrial en la Argentina”, en TORRE, J.C. (Comp.) *La formación del sindicalismo peronista*, pp. 19-54. Editorial Legasa. Buenos Aires, 1988a.
- _____ “Estado y relaciones laborales en el período previo al surgimiento del peronismo, 1935-1943”, en TORRE, J.C. (Comp.) *La formación del sindicalismo peronista*, pp. 55-98. Editorial Legasa. Buenos Aires, 1988.
- GERCHUNOFF, P., ANTÚNEZ, D. “De la bonanza peronista a la crisis de desarrollo”, en TORRE, J. C. (Dir.) *Los años peronistas (1943-1955)*. Nueva Historia Argentina, Tomo 8, pp.125-205. Sudamericana. Buenos Aires, 2002.
- _____, LLACH, L. *El ciclo de la ilusión y el desencanto*. Emecé, Buenos Aires, 2007.

- GERMANI, G. , “Algunas repercusiones sociales de los cambios socio-económicos en la Argentina (1940-1950)”, *Cursos y Conferencias*, N° 238-240, enero-marzo, pp. 559-578. Buenos Aires. 1952
- _____ *Política y sociedad en una época de transición. De la sociedad tradicional a la sociedad de masas*. Biblioteca de América Latina, N° 13. Paidós, Buenos Aires. 1979
- GIBERTI, H. “El desarrollo agropecuario”. *Desarrollo Economico*. N° 1, abril-junio. Buenos Aires. 1962
- GIBERTI, H. *El desarrollo agrario argentino*. Eudeba. Buenos Aires. 1964
- _____ *Historia económica de la ganadería argentina*. Hyspamérica. Buenos Aires. 1986
- GIRBAL-BLACHA, N., (Cord.) *Estado, sociedad y economía en la Argentina (1930-1997)*. Editorial de la Universidad Nacional de Quilmes. 2004
- _____ *Mitos, paradojas y realidades en la Argentina peronista (1946-1955)*. Editorial de la Universidad Nacional de Quilmes. 2003
- _____ “Políticas publicas para el agro se ofrecen. Llamar al Estado peronista (1943-1955)”. *Mundo Agrario*. Revista de estudios rurales, n° 5, segundo semestre de 2002 Centro de Estudios Histórico Rurales. Universidad Nacional de La Plata. 2003a. <http://www.fahce.unlp.edu.ar/mundoagrario/nro5/Girbal.htm>.
- GOMES MORALES, A. *Política económica peronista*. Escuela Superior Peronista. Buenos Aires. 1951a
- _____ “Política económica peronista e independencia económica”. *Hechos e Ideas*, N° 90, pp.51-62, septiembre. Buenos Aires. 1951b
- _____ *Estado económico general del país*. Exposición ante la H. C. De Diputados, 25-26 de septiembre. Presidencia de la Nación. Buenos Aires. 1952
- _____ “La política monetaria y crediticia en el sistema de nacionalización de depósitos”. *Banco Central de la República Argentina, 1935-1985: Cincuentenario del Banco Central de la República Argentina*. pp. 201-237. BCRA, Buenos Aires. 1985
- GORDILLO, M. “Protesta, rebelión y movilización: de la resistencia a la lucha armada, 1955-1973”; en JAMES D. (Dir.) *Violencia, proscripción y autoritarismo (1955-1976)*. Nueva Historia Argentina, Tomo 8, pp.329-380. Sudamericana. Buenos Aires2003.
- HALPERIN DONGHI, T. *La democracia de masas*. Paidós Historia Argentina. Buenos Aires. 1972
- _____ *La larga agonía de la Argentina peronista*. Ariel. Buenos Aires. 1994
- _____ *Argentina en el callejón*. Ariel. Buenos Aires. 1995
- _____ *Proyecto y Construcción de una Nación (1846-1880)*. Biblioteca del Pensamiento Argentino N° 2. Ariel. Argentina. 1995
- HORA, R. Los terratenientes de la pampa argentina. Una historia social y política 1860-1945. Siglo XXI.

- HOROWITZ, J. "El impacto de las tradiciones sindicales anteriores a 1943 en el peronismo", en TORRE, J.C. (Comp.) *La formación del sindicalismo peronista*, pp. 99-118. Editorial Legasa. Buenos Aires. 1988
- IRIGOYEN, H. El Estado en la Argentina: elementos para su transformación. En "Estudios sobre la sociedad y el Estado", Héctor R. Roudil (comp.). Eudeba. Buenos Aires. 1986
- ÍMAZ, J. L. *Los que mandan*. Eudeba. Buenos Aires. 1964
- INSTITUTO ARGENTINO DE PROMOCIÓN DEL INTERCAMBIO (IAPI). *Memoria Anual*. Años 1949-1954. Buenos Aires.
- JAMES, D. *Resistencia e integración. El peronismo y la clase trabajadora argentina. 1946-1976*. Editorial Sudamericana. Buenos Aires. 1988
- _____. "Sindicatos, burócratas y movilización", en JAMES D. (Dir.) *Violencia, proscripción y autoritarismo (1955-1976)*. Nueva Historia Argentina, Tomo 8, pp.117-167. Sudamericana. Buenos Aires. 2003
- JAURETCHE, A. *El medio pelo en la Sociedad Argentina (Apuntes para una sociología nacional)*. A. Peña Lillo, Editor. Buenos Aires. 1967
- JORGE, E. *Industria y concentración económica. Desde principios de siglo hasta el peronismo*. Siglo XXI Editores. Buenos Aires. 1970
- KENWORTHY, E. "Interpretaciones ortodoxas y revisionistas del apoyo inicial del peronismo". *Desarrollo Económico*. Volumen 14. Número 56. p. 750-763. 1975
- LATTUADA, M. *La política agraria peronista (1943-1983)*. 2 volúmenes. Biblioteca Política Argentina, Nos. 132 y 134. Centro Editor de América Latina. Buenos Aires. 1986
- LENZ, M. H. "A incorporação de novos territórios na Argentina, no final do século XIX: a Campanha do Deserto e as estradas de ferro". *Ensaio FEE*, v. 25, n. 2, p. 561-588, out. Porto Alegre. 2004
- _____. "Crise e negociações externas na Argentina no final do século XIX: o início da insustentabilidade do modelo aberto". *Economia e Sociedade*, v. 15, n. 2 (27), p. 375-399, agosto, Campinas. 2006a
- _____. "O papel de La Conquista del Desierto na construção do Estado argentino, no século XIX". *Ensaio FEE*, v. v. 27, n. 2, p. 543-560, out. Porto Alegre. (2006b)
- LEWIS, P. H. The crisis of argentine capitalism. The University of North Carolina Press. Chapel Hill. 1992
- LINDENBOIM, J. "El empresariado industrial argentino y sus organizaciones gremiales entre 1930 y 1946". *Desarrollo Económico*, No.62, julio-septiembre. Buenos Aires. 1976
- LITTLE, W. "La organización obrera y el Estado peronista, 1943-1955" en TORRE, J.C. (Comp.) *La formación del sindicalismo peronista*, pp. 221-321. Editorial Legasa. Buenos Aires. 1988
- LLACH, J. J. "El Plan Pinedo de 1940, su significado histórico y los orígenes de la economía política del peronismo", en *Desarrollo Económico*, No. 92. Buenos Aires. 1984. Disponible en <http://www.educ.ar>.

- LOBATO, M. Z. (Dir.). El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916). Nueva Historia Argentina, Tomo V. Editorial Sudamericana. Bs. As., 2000.
- LUCCHINI, C. *Apoyo empresarial en los orígenes del peronismo*. Centro Editor de América Latina. Buenos Aires. 1990.
- LUNA, F. *El 45*. Sudamericana, Buenos Aires. 1971
- _____ *Argentina. De Perón a Lanusse 1943/1973*. Planeta, Buenos Aires. 1983
- _____ *Perón y su tiempo. 1 – La Argentina era una fiesta 1946-1949*. Sudamericana, Buenos Aires. 1984
- _____ *Perón y su tiempo. 2 – La comunidad organizada 1950-1952*. Sudamericana, Buenos Aires. 1985
- _____ *Perón y su tiempo. 3 – El régimen exhausto 1953-1955*. Sudamericana, Buenos Aires, 1986.
- MACEYRA, H. *La segunda presidencia de Perón*. Biblioteca Política Argentina, N 51. CEAL. Buenos Aires. 1984.
- MADDISON, A. *The World Economy. A Millennial Perspective*. OECD. 2001.
- MALGESINI, G., ÁLVAREZ, N. *El Estado y la economía 1930-1955 (II)*. CEAL, Historia Testimonial Argentina, N° 9. Buenos Aires. 1983
- MALLON, R., SOURROUILLE, J. La política económica en una sociedad conflictiva: el caso argentino. Amorrortu Editores. Buenos Aires. 1970
- MARTINEZ DE HOZ, J. A. (h). “Agricultura y ganadería”. En *Argentina 1930-1960*. Sur. Buenos Aires. 1961
- _____ *La agricultura y la ganadería argentina en el período 1930-1960*. Sudamericana. Buenos Aires. 1967
- MASCALI, H. *Desocupación y conflictos laborales en el campo argentino (1940-1965)*. Biblioteca Política Argentina, No. 139. Centro Editor de América Latina. Buenos Aires. 1986
- MASSUM, I. *Menem. Cirugía sin anestesia*. Editorial Métodos. Buenos Aires. 1999
- MATSUSHITA, H. Movimiento obrero argentino 1930-1945. Sus proyecciones en los orígenes del peronismo. Ediciones Siglo Veinte. Buenos Aires. 1983
- MEDEIROS, C, SERRANO, F. “Padrões monetários internacionais e crescimento”, en FIORI, J. L. (Org.) *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*, p.119-151. Vozes. Petrópolis. 1999
- MIGUENS, J.E. “Las interpretaciones intelectuales del voto peronista: Los prejuicios académicos y las realidades”, *La Racionalidad del Peronismo*. Grupo Editorial Planeta. 1988
- MINISTERIO DE HACIENDA DE LA NACIÓN (MH) *Nuevo Régimen Económico y Financiero*, 1946.
- MURMIS, M. y PORTANTIERO, J. C. Estudios sobre los orígenes del peronismo. Editorial Siglo XXI. Buenos Aires, 1971.
- NEFFA, J. C. *Modos de regulación, regímenes de acumulación y sus crisis en la Argentina (1880-1996)*, Eudeba. Buenos Aires, 1998.

- NOVICK, S. *IAPI: auge y decadencia*. Biblioteca Política Argentina, No. 136. Centro Editor de América Latina. Buenos Aires, 1986.
- _____. “La experiencia del primer peronismo sobre comercio exterior”. En: *Sociedad*, Facultad de Ciencias Sociales, UBA, *Manantial*, N° 24, septiembre; p. 181-201. Buenos Aires, 2005. Disponible en www.iigg.fsoc.uba.ar/pobmigra/archivos/iapi.pdf.
- O’CONNELL, A. “La Argentina en la Depresión: los Problemas de una Economía Abierta”. *Desarrollo Económico*. Vol. XXIII N° 92. 1984.
- PANETTIERI, J. *Argentina: Historia de un país periférico. 1860-1914*. Centro Editor de América Latina. Bs. As, 1986.
- _____. *Los argentinos*. Editorial Jorge Álvarez. Buenos Aires 1967.
- PAGE, J. *Perón*. 2 Tomos. Javier Vergara. Buenos Aires 1984.
- PEÑA, M. *El peronismo. Selección de documentos para la historia*. Fichas. Buenos Aires 1973.
- _____. *Industria, burguesía industrial y liberación nacional*. Fichas. Buenos Aires 1974.
- _____. *Masas, caudillos y elites. La dependencia argentina de Yrigoyen a Perón*. Historia del pueblo argentino N° 6. El Lorraine. Buenos Aires 1986a.
- _____. *Industrialización y clases sociales en la Argentina*. Hyspamérica. Buenos Aires 1986b.
- PERALTA RAMOS, M. *Etapas de acumulación y alianzas de clases en la Argentina (1930-1970)*. Siglo XXI. Buenos Aires, 1972.
- PERÓN, J. D. “Los sindicatos y el poder en el período peronista. Aspectos ideológicos del proyecto peronista”, 1947. Disponible en: www.pjbonaerense.org.ar/peronismo/sindicatos/aspectos_ideologicos.htm
- _____. *El General Perón examina la actual política económica*, 1948.
- _____. *Seis artículos de Perón*. Subsecretaría de Informaciones. Presidencia de la Nación, 1948a.
- _____. “La obra de gobierno y nuestras relaciones con EE.UU. de América”, *Hechos e Ideas*, N° 93, p.301-318. Diciembre. Buenos Aires, 1951.
- _____. “Lineamientos del Plan Económico para 1952”, *Hechos e Ideas*, N° 95, pp.483-496. Febrero. Buenos Aires, 1952.
- _____. “Hablando ante los delegados al Congreso de la Confederación General del Trabajo”. *Hechos e Ideas*, año XIV, N°116, Nov-Dic, pp. 69-83. Buenos Aires, 1953.
- _____. *La fuerza es el derecho de las bestias*. Cicerón. Montevideo, 1958.
- _____. *Tres revoluciones militares*. Escorpión. Buenos Aires, 1963.
- _____. *Perón ¡El Coronel del pueblo!... 1945-1950*. Resurgimiento Peronista, (s/d).
- _____. *Doctrina Peronista*. Ediciones del Pueblo. Buenos Aires, 1971.
- _____. *El pensamiento político de Perón. Los más importantes discursos y mensajes 1943-1973*. Editorial Kikiyón. Buenos Aires, 1972.

- _____ *El pueblo quiere saber de qué se trata*. Editorial Freeland. Buenos Aires, 1973a.
- _____ *El pueblo ya sabe de qué se trata*. Editorial Freeland. Buenos Aires, 1973b.
- _____ *Los vende-patrias. Prueba de una traición*. Editorial Freeland. Buenos Aires, 1973c.
- _____ *Diálogo entre Perón y las Fuerzas Armadas*. Centro de Documentación Justicialista. Buenos Aires, 1973d.
- _____ *Discursos del General Perón a los militares argentinos. 1946-1951*. Ediciones Realidad Política, Buenos Aires, 1984.
- _____ *Breve historia de la problemática argentina*. ROM, E. (Comp.). Claridad, Buenos Aires, 1989.
- _____ *La comunidad organizada. El modelo argentino para el proyecto nacional*. Fundación Evita. Buenos Aires, 2004.
- _____ *Conducción Política*. Instituto Nacional “Juan Domingo Perón” de Estudios e Investigaciones Históricas, Sociales y Políticas. Buenos Aires, 2006.
- POTASH, R. *Perón y el G.O.U. Los documentos de una logia secreta*. Sudamericana. Buenos Aires, 1984.
- _____ *El ejército y la política en la Argentina*. 2 Tomos. Hyspamérica. Buenos Aires, 1985.
- _____ “Las Fuerzas Armadas y la era de Perón”, en TORRE, J. C. (Dir.) *Los años peronistas (1943-1955)*. Nueva Historia Argentina, Tomo 8, pp.79-124. Sudamericana. Buenos Aires, 2002.
- PORTNOY, L. *Análisis crítico de la economía argentina*. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 1961.
- PREBISCH, R. “Informe económico ante la Junta Consultiva Nacional”, 1955. Fragmento reproducido en Antología de ALTAMIRANO, C. *Bajo el signo de las masas (1943-1973)*. Biblioteca del Pensamiento Argentino Vol. VI. Ariel-Historia. Buenos Aires, 2001.
- PRESIDENCIA DE LA NACIÓN. *Censo Nacional Agropecuario de 1952*. Ministerio de Asuntos Técnicos. Buenos Aires, 1953.
- RAMOS, J. A. *La era del peronismo*. Ediciones del Mar Dulce. Buenos Aires, 1991.
- RAPOPORT, M. “Patrón Costas y la Revolución del ‘43”. *Todo es Historia*, N° 150, noviembre, pp.8-21. Buenos Aires, 1979.
- _____ *Gran Bretaña, Estados Unidos y las clases dirigentes argentinas: 1940-1945*. Editorial de Belgrano. Buenos Aires, 1982.
- _____ “El triángulo argentino: las relaciones económicas con Estados Unidos y Gran Bretaña, 1914-1943”, en RAPOPORT, M. (Comp.) *Economía e Historia. Contribuciones a la historia económica argentina*, pp. 250-275. Tesis. Buenos Aires, 1988.
- _____ *Historia económica, política y social de la Argentina*. Macchi. Buenos Aires, 2006.

- ROCK, D. "Argentina en 1914: las Pampas, el interior", "Argentina, de la primera guerra mundial a la revolución de 1930"; "Argentina, 1930-1946"; en Lynch et al (2001).
- RODRÍGUEZ LAMA. *Rawson, Ramírez, Farrell*. CEAL, Buenos Aires, 1983.
- ROMERO, *Breve historia de la Argentina contemporánea*, Buenos Aires, FCE, 1994
- ROUGIER, M. "El financiamiento bancario a las empresas industriales en la Argentina. Antecedentes y orígenes del Banco de Crédito Industrial Argentino". Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe. Volumen 10 - N° 2. Julio - Diciembre 1999. Disponible en http://www.tau.ac.il/eial/X_2/rougier.html.
- _____ *La política crediticia del Banco de Crédito Industrial Argentino durante el primer peronismo (1944-1955)*. CEEED, IIE-FCE-UBA. Buenos Aires, 2001.
- ROUQUIÉ, A. *Poder Militar y sociedad política en la Argentina. II. 1943-1973*. Emecé. Buenos Aires, 1982.
- _____ *Poder Militar y sociedad política en la Argentina. I. Hasta 1943*. Emecé. Buenos Aires, 1998.
- SÁBATO, J. *La Pampa pródiga. Claves de una frustración*. Ensayos y Tesis. Cisea. Buenos Aires, 1980.
- _____, SCHVARZER, J. "Funcionamiento de la economía y poder político en la Argentina: trabas para la democracia", en ROUQUIÉ, A., SCHVARZER, J. *¿Cómo renacen las democracias?*, Emecé Editores, Buenos Aires, 1985.
- SARETTA, F. "Estado e desenvolvimiento: Argentina e Brasil (1946 - 1955), 2002. Disponible en: eh.net/XIIICongress/Papers/Saretta.pdf.
- SAUTU, R. "Poder económico y burguesía industrial en la Argentina, 1930-1954", *Revista Latinoamericana de Sociología*, Vol. IV, N°3, Noviembre, pp. 310-340. Buenos Aires, 1968.
- SI-SUBSECRETARÍA DE INFORMACIONES. *17 de Octubre. Día de la Lealtad*. Presidencia de la Nación, 1995.
- SCARONE, H. "Savio y el acero", *Todo es Historia*, N° 124, junio, pp.43-74. Buenos Aires, 1977.
- SCHVARZER, J. "Los avatares de la industria nacional", *Todo es Historia*, N° 124, junio, pp.76-83. Buenos Aires, 1977.
- _____ *El Banco Nacional de Desarrollo y el desarrollo tecnológico en la industria argentina*. CISEA/ Unión Argentina de Ingenieros, Comité de Tecnología. Mimeo. Buenos Aires, 1981.
- _____ *Empresarios del Pasado. La Unión Industrial Argentina*. CISEA/ Imago Mundi. Buenos Aires, 1991.
- _____ *La industria que supimos conseguir. Una historia político-social de la industria argentina*. Planeta. Buenos Aires, 1996.
- _____ *Nuevas perspectivas sobre el origen del desarrollo industrial*. CISEA. Buenos Aires, p. 24., 1998 Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/argentina/cicea/BALANCE.DOC>

- SECRETARÍA DE PRENSA Y DIFUSIÓN. *Doctrina Nacional*. Presidencia de la Nación. Buenos Aires, 1954.
- SENÉN GONAZÁLEZ, S., BOSOER, F. “Los gremialistas y el 17 de Octubre”. *Todo es Historia*, octubre, N° 339. Buenos Aires, 1995.
- SIDICARO, R. “¿Es posible la democracia en la Argentina?”, en ROUQUIÉ, A., SCHVARZER, J. *¿Cómo renacen las democracias?*, Emecé Editores, Buenos Aires, 1985.
- _____. “Los conflictos entre el Estado y los sectores socioeconómicos predominantes en la crisis del régimen conservador (1930-1943)”, en ANSALDI, W., PUCCIARELLI, A., VILLARRUEL, J. (Editores) *Representaciones inconclusas. Las clases, los actores y los discursos de la memoria, 1912-1946*, pp. 303-348. Editorial Biblio. Buenos Aires, 1995.
- _____. *Juan Domingo Perón. La paz y la guerra*. Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, 1996.
- _____. *Los tres peronismos. Estado y poder económico. 1946-55/ 1973-55/ 1989-99*. Siglo XXI Editores. Buenos Aires, 2002.
- SKUPCH, P. *Nacionalización, libras bloqueadas y sustitución de importaciones*, *Desarrollo Económico*, No. 47, octubre-diciembre. Buenos Aires, 1972.
- SMITH, P. *Carne y política en la Argentina*. Hyspamérica. Buenos Aires, 1986.
- SUELDO, H. “Fuerzas Armadas”, en *Argentina 1930-1960*. Sur. Buenos Aires, 1961.
- SUKUP, V. *El peronismo y la economía mundial*. Grupo Editor Latinoamericano. Colección Estudios Internacionales. Buenos Aires, 1992.
- TORRE, J. C. “La CGT y el 17 de Octubre de 1945”. *Todo es Historia*, febrero, N° 105, pp.70-90. Buenos Aires, 1976.
- _____. “La CGT y el 17 de Octubre de 1945”, en TORRE, J.C. (Comp.) *La formación del sindicalismo peronista*, pp. 119-168. Editorial Legasa. Buenos Aires, 1988.
- _____. “El 17 de Octubre en perspectiva”, en TORRE J.C. (Comp.) *El 17 de Octubre de 1945*, pp. 7- 21. Ariel. Buenos Aires, 1995a.
- _____. “La CGT en el 17 de Octubre de 1945”, en TORRE J.C. (Comp.) *El 17 de Octubre de 1945*, pp. 23-81. Ariel. Buenos Aires, 1995b.
- _____. “La trayectoria de la vieja guardia sindical antes del peronismo”, en ANSALDI, W., PUCCIARELLI, A., VILLARRUEL, J. (Editores) *Representaciones inconclusas. Las clases, los actores y los discursos de la memoria, 1912-1946*, pp. 289-301. Editorial Biblio. Buenos Aires, 1995c.
- _____. “Introducción a los años peronistas”, en TORRE, J. C. (Dir.) *Los años peronistas (1943-1955)*. Nueva Historia Argentina, Tomo 8, pp.11-77. Sudamericana. Buenos Aires, 2002.
- _____. RIZ, L. “Argentina desde 1946”. En Lynch et al *Historia de la Argentina*. Planeta, Buenos Aires, 2002.
- VÁZQUEZ-RIAL, H. *La formación del país de los argentinos*. Vergara, Barcelona, 1999.

- VÁZQUEZ-PRESEDO, V. (Dir.) *Estadísticas históricas argentinas*. Instituto de Economía Aplicada. Buenos Aires, 1988.
- VILA, D. “La nacionalidad de la inversión”, *Polémica* N° 66. CEAL. Buenos Aires, 1971.
- VILLANUEVA, J. “El origen de la industrialización argentina”, *Desarrollo Económico* No. 47, Vol. 12, octubre-diciembre. Buenos Aires, 1972.
- VILLARRUEL, J. “El Estado, las clases sociales y la política de ingresos en los gobiernos peronistas, 1945-1955” En Mario Rapoport (Comp.) *Economía e historia. Contribuciones a la historia de la economía argentina*. Editorial Tesis. Buenos Aires, Argentina, 1988.
- WALDMANN, P. *El peronismo 1943-1955*. Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 1981.
- WASSERMAN, C. “A manutenção das oligarquias no poder: as transformações econômico-políticas e a permanência dos privilégios sociais”. *Estudos Ibero-Americanos*. V. 24. N. 2. p. 51. Dezembro. Porto Alegre, 1998.
- _____. “Perón” e “Peronismo” em *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens*. Teixeira F.C. da Silva, Medeiros, S.E., Vianna, A. M. (Orgs.), pp. 359-362. MAUAD/FAPERJ. Rio de Janeiro, 2000.
- _____. “Os programas políticos e trajetória pública dos candidatos à sucessão das oligarquias no México, Brasil e Argentina no começo do século XX”. *Revista de História Comparada* volume 1, número 1, junho. Rio de Janeiro, 2007.
- ZANATTA, L. *Del estado liberal a la nación católica. Iglesia y Ejército en los orígenes del peronismo. 1930-1943*. Universidad Nacional de Quilmes. Buenos Aires., 1996